

"Uma fantasia gloriosa." Neil Gaiman

NÓS SOMOS A CIDADE



N. K. JEMISIN

AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES* E TRÊS VEZES VENCEDORA DO PRÊMIO HUGO



N. K. JEMISIN

**NÓS
SOMOS
A
CIDADE**

TRADUÇÃO
Helen Pandolfi



Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Epígrafe

Prólogo: Olha só, o que aconteceu foi o seguinte

Interrupção

Começando por Manhattan e a batalha da FDR Drive

Confronto na última floresta

Nossa Senhora de (Staten) Aislyn

Interrupção

Boogie-down bronca e a cabine de banheiro da destruição

Busca por Queens

Dra. Alva, a crítica de arte interdimensional

A coisa na piscina da sra. Yu

Interrupção

Ninguém dorme no (ou perto do) Brooklyn

Uma Nova York melhor no horizonte

Torne Staten Island grande novamente (maior que São Paulo)

Bom, então, sabe aquele lance de trabalho em equipe?

Lá não há cidades

Beaux-arts, otários

O corredor polonês da Second Avenue

“E a Fera olhou a face da Bela”

Nova York é *quem*?

Coda

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

*As pessoas se conectam a Nova York instantaneamente,
conectam-se tanto em cinco minutos quanto em cinco anos.*

Thomas Wolfe

NEW JERSEY



PRÓLOGO

OLHA SÓ, O QUE ACONTECEU FOI O SEGUINTE

Eu canto a cidade.

A porra dessa cidade. De pé, no alto de um prédio onde não moro, abro os braços e contraio o diafragma, uivando coisas sem sentido na direção do canteiro de obras que bloqueia a vista. Meu canto, na verdade, é direcionado à paisagem urbana além das obras. A cidade vai entender.

Está amanhecendo. A umidade parece deixar minha calça jeans pegajosa, ou talvez seja porque não a lavo há semanas. Tenho alguns trocados para a lavanderia, o que não tenho é outra calça para usar enquanto esta seca. Talvez eu use o dinheiro para comprar outra calça em algum brechó... mas não agora. Não até que eu tenha acabado de gritar AAAAaaaaAAAAaaaa (inspira) aaaaAAAAaaaaaaa e de ouvir em resposta o eco que ricocheteia nas paredes dos prédios próximos. Em minha imaginação, há uma orquestra tocando “Hino à Alegria”, com uma batida do Busta Rhymes ao fundo. Minha voz só completa o arranjo.

— Cala a boca, porra! — grita alguém, então faço uma reverência e deixo o palco.

No entanto, quando estou prestes a girar a maçaneta da porta do terraço, paro e olho para trás, de testa franzida, ouvindo com atenção. Por um momento, ouço algo distante e ao mesmo tempo muito familiar cantando de volta; um som contido, grave como o de um barítono.

E, ainda mais distante, ouço outra coisa: um barulho crescente e dissonante. Ou seriam sirenes de polícia? Nenhuma das opções me agrada. Vou embora.

— Essas coisas têm um jeito certo de funcionar — diz Paulo.

Está fumando de novo, o filho da mãe. Nunca o vi comer. Ele só usa a boca para fumar, tomar café e falar. O que é uma pena, na verdade. Ele tem uma bela boca.

Estamos sentados em um café. Estou aqui porque Paulo está bancando o meu café da manhã. As pessoas no café não tiram os olhos dele porque, para os padrões delas, ele não é branco, mas também não conseguem definir o que ele é. E não tiram os olhos de mim porque eu, sim, sem dúvida sou preto, e porque os buracos em minhas roupas não são do tipo estiloso. Não estou fedendo, mas essa gente consegue farejar a quilômetros de distância qualquer pessoa sem dinheiro de família.

— Tá — respondo. Então mordo o pão com ovo e quase dou um gemido de satisfação. Ovo de verdade! Queijo suíço! Tão melhor do que aquelas porcarias do McDonald's.

Esse cara adora o som da própria voz. E eu até que gosto do sotaque dele, é meio nasal e sibilante, nada parecido com o pessoal que fala espanhol. Os olhos dele são enormes, e penso: *Eu ia me safar de tanta merda se tivesse esses olhos de cachorro*

abandonado. Mas ele me soa mais velho do que parece — muito, muito mais velho. Ele tem só uma faixa de cabelo branco nas têmporas, bonita e distinta, mas passa a sensação de ter, tipo, uns cem anos.

Ele também não desvia os olhos de mim, mas não da forma com a qual estou acostumado.

— Você tá ouvindo? — pergunta. — É importante.

— Tô — respondo, mordendo o lanche outra vez.

Ele se endireita na cadeira e chega mais perto da mesa.

— Eu também não acreditei, no começo. Hong teve que me arrastar para o esgoto, para aquela escuridão fedorenta lá embaixo, e me mostrar as raízes brotando, os dentes nascendo. A minha vida toda eu ouvi o som de respiração. Achei que todo mundo ouvisse.

— Ele faz uma pausa. — Você já ouviu?

— Ouvi o quê? — pergunto, o que é claramente a resposta errada. Não é que eu não esteja ouvindo, eu só não tô nem aí.

Ele suspira.

— Ouça!

— Eu tô ouvindo!

— Não. Eu quis dizer ouvir, não *me* ouvir. — Paulo se levanta e joga vinte dólares sobre a mesa. O que é completamente desnecessário, pois ele já pagou no caixa e o café não tem serviço de mesa. — Me encontre aqui de novo na quinta.

Pego o dinheiro e guardo no bolso. Teria transado com ele só pelo lanche, ou porque gosto dos olhos dele, mas tanto faz.

— Você tem local?

Ele demora um instante para entender e de repente parece irritado de verdade.

— *Ouçã* — ordena. E então vai embora.

Fico lá o máximo que posso. Acabo de comer meu lanche sem pressa, bebo o que sobrou do café de Paulo, saboreando a fantasia de ser como as outras pessoas. Observo os outros clientes, julgo a aparência deles e faço um poema sobre uma garota branca e rica que vê um cara negro e pobre frequentando seu café e tem uma crise existencial. Imagino Paulo ficando impressionado com minha sofisticação, me admirando, em vez de achar que sou só um moleque de rua idiota que não sabe ouvir. Me imagino voltando para casa, para um apartamento legal com uma cama macia e uma geladeira cheia de comida.

Então um policial entra no café, um cara gordo e corado. Veio comprar um café hipster para ele e para o parceiro, que ficou no carro. O policial varre o lugar com olhos inexpressivos. Eu visualizo espelhos em volta do meu rosto, um cilindro giratório espelhado que desvie seu olhar. Eu sei que não é real. É só uma parada que faço para tentar me sentir menos assustado quando os monstros estão por perto. Mas, pela primeira vez, acaba funcionando: ele observa o lugar, mas não se atém ao único rosto preto ali. Que sorte. Consigo me safar.

Eu pinto a cidade. Quando eu estava na escola, tinha um cara, um artista, que toda sexta-feira dava aulas gratuitas sobre sombreamento, perspectiva e essas merdas que gente branca aprende na escola de belas-artes. Só que esse cara tinha também tinha feito belas-artes e era negro. Eu nunca tinha visto um artista preto antes. Por um momento, pensei que talvez pudesse ser um também.

Eu posso, às vezes. No meio da noite, num terraço em Chinatown, com uma lata de spray em cada mão e uma lata de tinta de parede que alguém jogou fora depois de pintar a sala de lilás, eu rodopio em movimentos ágeis, agachado como um caranguejo. Não dá para usar muito da tinta de parede porque ela vai começar a descascar depois de algumas chuvas. A tinta em spray é bem melhor, mas gosto do contraste das texturas — preto escorrendo sobre o lilás espesso, o vermelho contornando o preto. Estou pintando um buraco. É como uma garganta que não começa em uma boca e nem termina em pulmões; é uma coisa que respira e engole infinitamente, nunca satisfeita. Ninguém vai ver o desenho além dos passageiros nos aviões contornando para pousar no LaGuardia, vindo do sudoeste, alguns turistas em passeios de helicópteros e a guarda aérea da polícia. Mas não ligo para o que eles verão. Isso não é para eles.

Já é bem tarde. Eu não tenho onde dormir esta noite, então vou continuar pintando para me manter acordado. Se não fosse fim do mês, eu iria procurar um lugar no metrô, mas as estações estão cheias de policiais que ainda não bateram sua cota e que vão me foder se tiverem a chance. Preciso tomar cuidado aqui. Tem um monte de caras chineses idiotas a oeste da Chrystie Street que acham que são uma gangue protegendo seu território, então fico na minha. Sou escuro e magrelo; o que ajuda. Eu só quero pintar, cara, tenho essa coisa dentro de mim e preciso botar para fora. Preciso abrir essa garganta. Eu preciso mesmo, preciso. Sim.

Ouçõ um som suave e estranho enquanto passo a última camada de preto. Paro e olho em volta, confuso — e então a garganta atrás de mim suspira. Uma densa e pesada rajada de ar úmido eriça

meus pelos. Não fico com medo. Foi para isso que a pinteí, apesar de não saber disso quando comecei. Não sei explicar como sei agora. Mas, quando olho outra vez, ainda é só uma pintura em um terraço.

Paulo não estava de sacanagem, hein? Quem diria. Ou talvez minha mãe estivesse certa e eu nunca tenha sido muito bom da cabeça mesmo.

Dou um pulo e grito de alegria, e nem sei direito o porquê.

Passo os dois dias seguintes andando pela cidade e pintando respiradouros por todo canto até ficar sem tinta.

Estou tão cansado quando chego para encontrar Paulo de novo que tropeço e quase atravesso o vidro da janela do café. Ele me segura pelo cotovelo e me conduz até um banco reservado aos clientes.

— Você está ouvindo — diz ele, parecendo satisfeito.

— Estou ouvindo um café chegando — respondo sem me preocupar em abafar um bocejo.

Um carro de polícia passa pela rua. Minha exaustão não me impede de me imaginar como um nada, imperceptível, indigno até mesmo de ser surrado por diversão. Funciona mais uma vez. A viatura só segue em frente.

Paulo ignora minha sugestão. Ele se senta ao meu lado e seu olhar fica distante e fora de foco por um momento.

— Sim. A cidade está respirando melhor — observa ele. — Você está fazendo um bom trabalho, mesmo sem treinamento.

— Eu tento.

Ele parece achar graça.

— Não sei dizer se você não acredita ou só não liga.

Dou de ombros.

— Eu acredito em você.

Mas não ligo mesmo, não muito, porque estou faminto. Minha barriga está roncando. Ainda tenho os vinte dólares que Paulo me deu, mas pretendo ir até o restaurante comunitário de uma igreja em Prospect, da qual ouvi falar. Lá consigo comprar uma refeição completa, com arroz, frango, legumes e broa de milho, por menos do que gastaria aqui em um único café de grã-fino de terra especial.

Ele olha em direção à minha barriga quando ela ronca. Finjo me espreguiçar e coçá-la, fazendo questão de erguer um pouco minha camisa. Aquele artista uma vez levou um modelo para reproduzirmos em desenho e nos falou sobre um músculo acima do quadril chamado Cinto de Adônis. O olhar de Paulo vai direto para lá. *Vamos lá, morda a isca, vamos. Preciso de um lugar para dormir.*

Então ele estreita os olhos e foca nos meus de novo.

— Tinha me esquecido — diz ele, em tom leve e reflexivo. — Eu quase... Já faz muito tempo, mas já fui um garoto das favelas.

— Favela é uma comida mexicana? Não tem muito disso em Nova York — respondo.

Ele parece achar graça mais uma vez, mas logo fica sério novamente.

— Essa cidade vai morrer — anuncia. Ele não ergue a voz, nem precisa. Dessa vez estou prestando atenção. Comida, sobrevivência: esse tipo de coisa é importante para mim. — Ela vai morrer se você não aprender o que tenho para te ensinar; se você não ajudar. A hora vai chegar, você vai fracassar, e essa cidade vai se juntar a Pompeia, Atlântida e tantas outras cidades das quais ninguém se lembra, mesmo que milhares de pessoas tenham

morrido com elas. Ou talvez seja um natimorto. Talvez uma casca da cidade sobreviva e possa crescer de novo no futuro, mas com sua força vital apagada por enquanto, como foi com New Orleans. Mas você vai morrer de qualquer jeito. Você é o catalisador, seja de resistência ou de destruição.

Ele tem falado dessas coisas desde que apareceu — lugares que nunca existiram, coisas impossíveis, presságios e agouros. Eu imaginei que fosse tudo uma grande palhaçada, já que ele está dizendo essas coisas para *mim*. Um garoto que foi expulso de casa pela própria mãe, que reza para que ele morra todo dia e provavelmente o odeia. *Deus* me odeia, e, porra, esse ódio é recíproco. Então por que ele me escolheria para qualquer coisa? Mas é exatamente por isso que começo a prestar atenção: por causa de Deus. Você não precisa acreditar em algo para que isso possa foder com a sua vida.

— Me diz o que eu tenho que fazer — digo.

Paulo assente com uma expressão presunçosa. Ele acha que sacou qual é a minha.

— Você não quer morrer.

Eu me levanto, me espreguiço. Sinto as ruas ao meu redor crescendo e se tornando mais maleáveis à medida que o dia vai esquentando. (Isso está realmente acontecendo ou estou imaginando, ou está realmente acontecendo e estou imaginando que, de alguma forma, tem algo a ver comigo?)

— Vai se foder. Não é isso.

— Então nem para isso você liga — Seu tom deixa a frase em tom de pergunta.

— Não tem nada a ver com sobreviver.

Eu vou morrer de fome qualquer dia desses, ou de hipotermia em uma noite de inverno, ou vou pegar alguma doença que vai me corroer de dentro para fora até que algum hospital seja obrigado a me acolher, mesmo sem dinheiro ou endereço. Mas vou cantar, pintar, dançar, foder e chorar a cidade antes do meu fim, porque ela é minha. A porra dessa cidade é *minha*. É por isso.

— Tem a ver com viver — concluo, e me viro para olhar para ele. Não estou nem aí se ele entende ou não. — Fala o que eu tenho que fazer.

Alguma coisa muda na expressão de Paulo. Ele está ouvindo, agora. Está me ouvindo. Então ele se levanta e me leva para minha primeira lição de verdade.

A grande lição é: cidades grandes, como todas as outras coisas vivas, nascem, crescem, definham e morrem quando chega a hora.

Dã, né? Isso é óbvio. Todo mundo que já esteve em uma cidade de verdade consegue perceber isso, de uma forma ou de outra. Todas aquelas pessoas do interior que odeiam a cidade grande têm motivo; cidades realmente são *diferentes*. Elas têm peso no mundo, criam um rasgo no tecido da realidade, como... como buracos negros, talvez. É. (Às vezes eu vou a museus. Por dentro eles são legais, e o Neil deGrasse Tyson é gostoso.) Conforme mais e mais pessoas chegam e acrescentam suas peculiaridades e vão embora e são substituídas por outras, o rasgo aumenta. Com o tempo, ele se torna tão profundo que se transforma em um bolsão, conectado apenas pelo fio mais tênue de... algo... a... alguma outra coisa. A coisa de que as cidades são feitas.

Mas a separação inicia um processo e, nesse bolsão, diversas partes da cidade começam a se multiplicar e a se tornar cada vez mais diferentes entre si. Seus esgotos se expandem até lugares onde não há necessidade de água. Brotam dentes nas favelas; garras em seus centros culturais. Coisas normais dentro da cidade, como o trânsito, construções e coisas assim, começam a ter um ritmo parecido com uma pulsação, se você grava seus sons e ouve ao contrário. A cidade... desperta.

Nem toda cidade vai tão longe. Havia algumas grandes cidades nesse continente, mas isso foi antes de Cristóvão Colombo ferrar com o esquema dos indígenas, então tivemos que começar do zero. New Orleans falhou, como disse Paulo, mas sobreviveu, e isso já é alguma coisa. Ela pode tentar de novo. A Cidade do México está no processo. Mas Nova York é a primeira cidade norte-americana a chegar a esse ponto.

Essa gestação pode levar vinte, duzentos ou dois mil anos, mas a hora sempre chega. O cordão umbilical é cortado e a cidade se torna uma coisa própria, capaz de andar com as próprias pernas vacilantes e fazer... bom, qualquer porra que uma entidade viva e pensante do tamanho de uma cidade enorme quiser fazer.

E, como é comum na natureza, há coisas aguardando por esse momento, prontas para perseguir a adorável recém-nascida e engolir suas tripas enquanto ela se esgoela.

É por isso que Paulo está aqui para me ensinar. Por isso eu consigo ajudar na respiração da cidade, e alongar e massagear seus membros feitos de asfalto. Eu sou a parteira, entende?

Eu corro a cidade. Eu corro a cidade toda porra de dia.

Paulo me leva para casa. É só um apartamento de verão no Lower East Side, que alguém subloca, mas mesmo assim parece um lar. Uso o chuveiro e como algumas coisas da geladeira sem pedir, só para ver o que ele vai fazer. Ele não faz merda nenhuma além de fumar um cigarro, acho que para me irritar. Ouço barulho de sirenes vindo das ruas do bairro — frequentes, próximas. Por algum motivo, me pergunto se estão procurando por mim. Não digo isso em voz alta, mas Paulo percebe que eu me tensiono.

— Os arautos do Inimigo se escondem entre os parasitas da cidade. Cuidado com eles — diz ele.

Ele sempre fala essas porras enigmáticas. Algumas fazem sentido, como, por exemplo, quando ele reflete sobre haver ou não um propósito para tudo isso, uma razão por trás das grandes cidades e o processo que as cria. O que o Inimigo tem feito — atacar em um momento de vulnerabilidade, crimes de oportunidade — pode ser só a palhinha de alguma coisa muito maior. Mas Paulo também fala muita merda, como, por exemplo, que eu deveria pensar em meditar para me sintonizar melhor com as necessidades da cidade. Como se eu fosse cair nessa de ioga de gente branca.

— Ioga de gente branca, sim. — Paulo assente. — Mas também ioga de homem indiano. Raquetebol de corretor de bolsa e handebol de aluno do colégio, balé e merengue, coquetéis nos salões de comércio e galerias do SoHo. Você vai personificar uma cidade de milhões. Não necessariamente precisa ser eles, mas precisa saber que eles são parte de você.

Eu rio.

— Raquetebol? Nem fodendo que isso faz parte de mim, *chico*.

— A cidade escolheu você dentre todas as pessoas disponíveis — diz Paulo. — A vida deles depende de você.

Pode até ser, mas não muda o fato de que estou sempre morrendo de fome e exausto, sempre com medo, nunca em segurança. De que adianta ser importante se ninguém se importa com você?

Ele percebe que não tô mais a fim de conversar, então se levanta e vai para a cama. Me jogo no sofá e morro para o resto do mundo. Morro.

Sonhando, em sonho profundo, com um lugar escuro abaixo de ondas pesadas e geladas onde alguma coisa se mexe com um som escorregadio e serpenteia em direção à boca do Hudson, bem onde ele deságua no mar. Em direção *a mim*. E estou fraco demais, indefeso demais, imobilizado demais pelo medo, para fazer qualquer coisa além de estremecer diante de seu olhar predador.

De alguma maneira, alguma coisa surge do extremo sul. (Nada disso é de verdade. Tudo percorre a linha tênue que conecta a realidade da cidade à realidade do resto do mundo. O *efeito* acontece no mundo, Paulo explicou. A *causa* se foca ao meu redor.) Ela se move entre mim, onde quer que eu esteja, e a coisa que se desenrola, onde quer que ela esteja. Há uma imensidão me protegendo, somente dessa vez, somente neste lugar — embora, a uma enorme distância, eu possa sentir o murmúrio de pessoas se colocando de prontidão. Alertando o Inimigo de que ele deve respeitar as regras que, desde sempre, regeram essa batalha ancestral. Ele não tem permissão para me atacar muito cedo.

Meu protetor nesse lugar imaginário dos sonhos é uma pedra preciosa irregular de facetas cobertas por crostas de sujeira, algo

que exala cheiro de café preto, de gramado pisoteado de futebol e barulho de trânsito e uma fumaça de cigarro muito familiar. A pedra mostra suas estacas em forma de sabre só por um momento, mas é suficiente. A coisa desenrolada recua de volta à sua caverna fria, ressentida. Mas ela vai voltar. Isso também é uma tradição.

Acordo com o calor da luz do sol aquecendo um lado do meu rosto. Foi só um sonho? Caminho em passos trôpegos até o quarto onde Paulo está dormindo.

— São Paulo — sussurro.

Ele não acorda.

Entro debaixo do cobertor dele. Ao acordar, ele não me toca, mas também não me afasta. Dou a ele uma pequena demonstração da minha gratidão e motivos para que me deixe voltar mais tarde. O resto vai ter que esperar até que eu arranje camisinhas/preservativos e até que ele escove aquela boca de cinzeiro. Depois, tomo outro banho, visto as roupas que lavei na pia e vou embora enquanto ele ronca na cama.

Bibliotecas são lugares seguros. São aquecidas no inverno. Ninguém liga se você ficar lá o dia inteiro, contanto que não fique encarando o canto infantil ou tentando acessar pornografia no computador. A biblioteca na Rua 42 — a que tem os leões — não é do tipo que permite a retirada de livros. Ainda assim ela conta com o fator segurança de uma biblioteca, então procuro um canto para sentar e leio tudo que está ao meu alcance: legislação tributária municipal, *Pássaros do Hudson Valley*, *O que esperar quando se está esperando um bebê-cidade: edição de Nova York*. Tá vendo, Paulo? Eu disse que estava ouvindo.

Vou embora no fim da tarde. Ao sair, vejo pessoas sentadas na escadaria, rindo, conversando, usando paus de selfie e fazendo careta para a câmera. Há alguns policiais usando coletes à prova de balas próximo à entrada do metrô, exibindo suas armas para que os turistas possam se sentir protegidos de Nova York. Compro um salsichão e o como aos pés de um dos leões. Bravura, não Paciência. Conheço meus pontos fortes.

Estou com a barriga cheia de carne e relaxado e pensando em coisas desimportantes — como, por exemplo, por quanto tempo Paulo vai me deixar ficar em sua casa e se posso usar o endereço dele como comprovante de residência para me inscrever nas coisas —, então não estou prestando atenção na rua. Até que sinto um arrepio na lateral do corpo. Sei o que é antes mesmo de reagir, mas, de maneira descuidada, *me viro para olhar...* Idiota, idiota, sei que não devo fazer isso; lá em Baltimore, policiais quebraram a coluna de um cara porque ele fez contato visual. Mas, quando vejo esses dois na esquina oposta à escadaria da biblioteca — homem baixo de pele clara, mulher alta de pele escura, os dois usando uniformes azul-escuros quase pretos —, vejo algo que, de tão estranho, afasta meu medo.

É um dia ensolarado e não tem uma nuvem no céu. As pessoas que passam pelos policiais projetam aquelas sombras curtas e vagas do fim de tarde, quase inexistentes. Mas, ao redor dos dois policiais, há sombras que se estendem e distorcem, como se estivessem embaixo de uma nuvem carregada só deles. Enquanto observo, o policial baixinho começa a... se *esticar*, algo do tipo, o formato de seu corpo se deformando ligeiramente até que um olho fique duas vezes maior do que o outro. Seu ombro direito

lentamente incha, como se a junta estivesse deslocada. Sua parceira não parece notar.

Oooooo.k. não. Eu me levanto e começo a abrir caminho pela multidão na escadaria. Estou fazendo aquela coisa, tentando desviar os olhares deles, mas dessa vez é diferente. Tipo meio grudento, como se vários chicletes vagabundos estivessem ferrando com os meus espelhos. Eu *sinto* eles começarem a me seguir, algo imenso e errado vindo em minha direção.

Mesmo assim, não tenho certeza — muitos policiais de verdade escorrem e pulsam sadismo da mesma maneira —, mas não vou arriscar. Minha cidade está indefesa, ainda não nascida, e Paulo não está aqui para me proteger. Vou ter que me virar, como sempre.

Dou uma disfarçada até chegar na esquina e então dou o fora, ou tento dar. Porra de turistas! Eles ficam lerdando na calçada, não dão passagem, e ainda ficam parando toda hora pra olhar mapas e tirar fotos de coisas para as quais todo mundo está pouco se fodendo. Estou tão distraído xingando-os mentalmente que me esqueço de que também podem ser perigosos: alguém grita e segura meu braço quando eu tento abrir caminho acotovelando as pessoas.

— Ele tentou pegar a bolsa dela! — grita um homem enquanto eu me desvencilho.

Não tentei pegar merda nenhuma, seu arrombado, eu penso. Mas é tarde demais. Vejo um outro turista puxar o celular para ligar para a polícia. Agora qualquer homem negro de qualquer idade ali por perto vai estar na mira dos policiais.

Preciso meter o pé daqui.

A estação Grand Central é logo ali, a doce esperança do metrô, mas vejo três policiais dando bobeira na entrada, então desvio para

a direita para pegar a Forty-First Street. As calçadas esvaziam depois da Lex, mas para onde eu poderia ir? Atravesso a Third correndo, apesar dos carros; há intervalos suficientes. Mas estou ficando cansado, porque sou um moleque mirrado que não come o bastante, não um velocista.

Continuo mesmo assim, ignorando a sensação de queimação na lateral do corpo. Consigo sentir *aqueles* policiais, os *arautos do Inimigo*, não muito longe. O chão estremece com seus passos pesados.

Ouçõ uma sirene a mais ou menos um quarteirão, se aproximando. Merda, a sede da ONU fica por aqui. Não preciso do Serviço Secreto ou sei lá quem no meu pé também. Corto para a esquerda por dentro de um beco e tropeço em uma caixa de madeira. Dou sorte de novo — uma viatura passa em frente ao beco bem quando estou caindo e eles não me veem. Fico no chão e tento recuperar o fôlego até que o som do motor do carro desapareça na distância. Então, quando acho que é seguro, me apoio nas mãos e joelhos. Olho para trás porque a cidade se contorce ao meu redor, o concreto estremece e oscila, dos alicerces até os terraços, tudo ali se esforça o máximo para me dizer para dar o fora. Dar o fora. *Dar o fora.*

Se amontoando no beco logo atrás de mim há uma... há uma... que porra é aquela? Não tenho palavras para aquilo. Braços demais, pernas demais, olhos demais, e todos eles estão fixados em mim. Em meio a toda a massa consigo enxergar mechas de cabelo escuro e cabelo loiro-claro, e de repente me dou conta de que esses são — isto é — meus dois policiais. Uma só

monstruosidade. As paredes do beco racham enquanto ele avança no espaço apertado.

— Ah, não. Porra. Não — balbucio.

Levanto meio atrapalhado. Um carro de polícia vira a esquina da Second Avenue e eu não o vejo a tempo de me esconder. O alto-falante do carro berra algo ininteligível, provavelmente *vou te matar*, o que na verdade me deixa surpreso. Eles não estão vendo a coisa atrás de mim? Ou simplesmente não dão a mínima porque dar um sacode nela não gera receita? Que atirem em mim, então. Foda-se. Melhor do que qualquer plano que aquela coisa tenha pra mim.

Entro à esquerda, na Second Avenue. A viatura policial não pode vir atrás de mim na contramão, mas isso não vai impedir um monstro de policiais siameses. Forty-fifth Street. Forty-seventh Street e minhas pernas parecem granito derretido. Fiftieth Street e sinto que vou morrer. Um ataque cardíaco tão novinho, coitadinho, devia ter se alimentado melhor; devia ter pegado leve, não ter estado o tempo todo tão furioso; o mundo não pode feri-lo se você ignorar tudo o que há de errado com ele; bom, não até que ele o mate de qualquer jeito.

Eu atravesso a rua e arrisco olhar pra trás e vejo algo avançar pela calçada sobre pelo menos oito pernas, usando três ou quatro braços para se apoiar em um prédio ligeiramente inclinado... antes de vir direto em minha direção de novo. É o Megapolicial, e ele está na vantagem. Caralho caralho caralho por favor não.

Só tenho uma escolha.

Viro pra direita. Fifty-third Street, na contramão do trânsito. Uma casa de repouso de idosos, um parque, uma alameda... foda-se. Passarela? Foda-se também. Sigo reto em direção às seis pistas de

descaralhamento e buracos que é a FDR Drive, não passe pelo Ponto de Partida, não tente atravessar a pé a menos que queira ser arrastado em pedaços até o Brooklyn. Depois dela? O East River, se eu sobreviver. Estou apavorado o suficiente para tentar nadar naquela porra de esgoto. Mas eu provavelmente vou desabar na terceira faixa e ser atropelado cinquenta vezes antes de algum motorista sequer pensar em pisar no freio.

Atrás de mim, o Megapolicial emite um ronco grave e úmido, como se estivesse limpando a garganta, se preparando para engolir. Eu pulo

por sobre a barreira através da grama para a porra do inferno passo por uma faixa carro prata duas faixas buzinas buzinas buzinas três faixas CAMINHÃO O QUE A PORRA DE UM CAMINHÃO ESTÁ FAZENDO NA FDR É MUITO ALTO SEU CAPIRA NORTISTA BURRO gritando quatro faixas TÁXI VERDE gritando um Smart hahaha que fofo cinco faixas caminhonete em movimento seis faixas e o Lexus azul chega a roçar as minhas roupas enquanto passa em alta velocidade gritando gritando gritando

gritando

metal e pneus guinchando enquanto a realidade se estica, e nada para pro Megapolicial; ele não pertence à cidade e a FDR é uma artéria, vital com o movimento de nutrientes e força e atitude e adrenalina, os carros são células brancas e a coisa é um corpo estranho, uma infecção, um invasor pelo qual a cidade não tem consideração nem tolerância

gritando, enquanto o Megapolicial é feito em pedaços pelo caminhão e pelo táxi e pelo Lexus e até pelo carro Smart bonitinho, que chega a se inclinar um pouco ao passar por cima de um

membro especialmente agitado. Eu desabo sobre a grama, sem fôlego, tremendo, arfando, e só consigo observar, atônito, enquanto uma dúzia de membros são esmagados, duas dúzias de olhos são achatadas contra o asfalto, uma boca constituída principalmente de gengivas sendo dilacerada da mandíbula até o palato. As partes piscam como um monitor com o cabo AV mal conectado, translúcido para sólido, translúcido outra vez — mas a FDR não para por porra nenhuma, exceto por comitivas presidenciais ou por um jogo dos Knicks, e essa coisa não chega nem perto de ser o Carmelo Anthony. Em pouco tempo não resta nada dela além dos fragmentos semirreais sobre o asfalto.

Estou vivo. Meu Deus.

Eu choro por um tempo. O namorado de minha mãe não está aqui para me dar um tapa e dizer que não sou homem de verdade por isso. Meu pai teria dito que é o.k. — lágrimas mostram que você está vivo —, mas meu pai está morto. E eu estou vivo.

Com as pernas fracas e doendo, me obrigo a me levantar, e caio de novo. Tudo dói. Será que isso é um infarto? Começo a ficar enjoado. Tudo treme, tudo está embaçado. Talvez seja um derrame. Você não precisa ser velho pra ter um derrame, precisa? Vou cambaleando até uma lata de lixo e penso em vomitar dentro dela. Tem um cara velho deitado no banco — uma versão minha vinte anos mais velha, se eu chegar até lá. Ele abre um olho enquanto engasgo com o vômito e contrai os lábios em julgamento, como se até dormindo ele segurasse o vômito melhor do que eu.

— Está na hora — diz ele.

Então se vira no banco, ficando de costas para mim.

Hora. De repente eu preciso me mexer. Passando mal ou não, exausto ou não, algo está... me puxando. Na direção oeste, no sentido do centro da cidade. Me afasto da lata de lixo e me abraço enquanto caminho, cambaleando e tremendo, em direção à passarela. Andando sobre as faixas que eu há pouco cruzei correndo, olho para baixo, para os fragmentos tremeluzentes do Megapolicial morto, agora esmagados no asfalto por centenas de rodas de carros. Alguns de seus glóbulos ainda se contorcem, e eu não gosto disso. Infecção, intrusão. Quero me livrar dela.

Nós queremos nos livrar dela. Sim. Está na hora.

Num piscar de olhos estou no Central Park. Como foi que eu vim parar aqui? Desorientado, só quando vejo os sapatos pretos percebo que estou passando por outra dupla de policiais, mas esses dois não me incomodam. Eles deveriam — garoto magricela tremendo como se estivesse com frio em pleno mês de junho; mesmo que tudo o que eles façam seja me arrastar para outro lugar para enfiar um cabo de vassoura no meu rabo, eles deveriam pelo menos *reagir* a mim. Em vez disso, é como se eu nem estivesse lá. Milagres existem, Ralph Ellison estava certo, qualquer policial de Nova York do qual você possa se afastar, aleluia.

O lago. A Bow Bridge: um lugar de transição. Eu paro ali, em pé, e sei... tudo.

Tudo o que Paulo me contou é verdade. Em algum lugar além da cidade, o Inimigo está acordando. Ele enviou seus arautos e eles falharam, mas ele macula a cidade, se espalhando com cada carro que passa sobre cada pedacinho de substância do Megapolicial, e isso cria uma base. O Inimigo a usa como âncora para emergir da escuridão em direção ao mundo, em direção ao calor e à luz, em

direção à resistência que sou *eu*, em direção à perfeição explosiva que é a *minha cidade*. Esse ataque é só parte de um todo, claro. O que vem é apenas a menor das frações do mal ancestral do Inimigo — mas que deve ser mais do que suficiente para aniquilar um mero moleque exaurido que nem mesmo tem uma cidade de verdade para protegê-lo.

Ainda não. Está na hora. Na *hora certa*? Veremos.

Na Second, Sixth e Eight Avenue, minha bolsa estoura. A rede de abastecimento, digo. A rede de abastecimento de água. Uma puta bagunça, vai foder com o trânsito da tarde. Fecho meus olhos e estou vendo o que ninguém vê. Estou sentindo a flexibilidade e o ritmo da realidade, a contração da possibilidade. Alcanço a grade da ponte em minha frente e a seguro, sentindo o pulso firme e forte que corre por ela. *Está indo bem, meu bem. Está indo muito bem.*

Algo começa a mudar. Eu cresço, aumento em tamanho, em abrangência. Consigo me sentir sobre o firmamento, pesado como os alicerces de uma cidade. Há outros comigo, pairando por perto, assistindo — os ossos de meus ancestrais sob a Wall Street, o sangue de meus predecessores grudado nos bancos do Christopher Park. Não, há *novos*, meu novo povo, marcas sólidas no tecido do tempo e do espaço. São Paulo espreita por perto, suas raízes se estendendo até os ossos do cadáver de Macchu Picchu, observando atentamente e se contorcendo levemente com a lembrança de seu próprio nascimento traumático relativamente recente. Paris observa com desinteresse, um pouco ofendida que uma cidade com nosso começo insípido tenha conseguido chegar à transição; Lagos alegra-se em ver uma nova companheira que conhece a pressa, o hype, a luta. E outros, muitos outros, todos

assistindo, esperando para ver se seu número aumentará. Ou não. Se nada mais der certo, eles ao menos testemunharão que eu, nós, fomos grandes por um triunfante momento.

— Vamos conseguir — digo, apertando a grade e sentindo a cidade se contrair.

Em toda a cidade, o ouvido das pessoas dá um estalo, e elas olham em volta, confusas.

— Só mais um pouco. Vamos.

Estou assustado, mas esse processo não pode ser acelerado. *Lo que pasa, pasa* — caramba, agora essa música está na minha cabeça, *em mim* como o resto de Nova York. Está tudo aqui, exatamente como Paulo havia dito. Não há mais nada separando a cidade e eu.

E enquanto o firmamento se crispa, desliza, rasga, o Inimigo se retorce nas profundezas com um urro que transpõe a realidade—

Mas é tarde demais. O cordão foi cortado e nós estamos aqui. Nos tornamos! Nos erguemos, inteiros e saudáveis e independentes, e nossas pernas nem mesmo vacilam. Conseguimos. Não dê mole na cidade que nunca dorme, parceiro, e não traga essas porras escamosas e sobrenaturais para cá.

Levanto os braços e as avenidas saltam. (É real, mas não é. O chão estremece e as pessoas pensam *que coisa, o metrô está sacolejante hoje.*) Firmo meus pés e eles são vigas, âncoras, fundamento. A besta das profundezas guincha e eu rio, eufórico com as endorfinas do pós-parto. *Manda ver.* E quando ela me ataca revido com um golpe de quadril usando a Via Expressa Brooklyn-Queens, acerto-a com as costas da mão com o Inwood Hill Park, caio em cima dela com o South Bronx como uma cotovelada.

(Naquela noite os jornais anunciariam que três canteiros de obra tiveram acidentes com bolas de demolição. As normas de segurança da cidade são realmente muito negligentes; é terrível, terrível.) O Inimigo arrisca alguma merda ondulante — ele é todo de tentáculos — e eu rosno e o ataco com uma mordida, porque novaiorquinos comem tanto sushi quanto em Tóquio, com mercúrio e tudo.

Ah, agora você vai chorar! Agora você quer fugir? Não, parceiro. Você veio pra cidade errada. Sento a cara dela no meio-fio com toda a força do Queens e algo dentro da besta se quebra e começa a sangrar um sangue iridescente por toda a criação. Isso é chocante, porque a coisa não é ferida pra valer há séculos. Ela contra-ataca, furiosa, rápido o suficiente para que eu não consiga bloquear, e de um lugar que a maioria da cidade não consegue enxergar um tentáculo do tamanho de um arranha-céu aparece do nada e se choca contra o New York Harbor. Eu caio com um grito, e consigo *ouvir* minhas costelas se quebrando e — não! — um forte terremoto atinge o Brooklyn pela primeira vez em décadas. A ponte Williamsburg se retorce e quebra ao meio como um graveto; a ponte de Manhattan geme e solta estilhaços, embora felizmente não ceda. Eu sinto cada morte como se fosse a minha própria.

Vou matar você por isso, filha da puta! Não estou raciocinando. A fúria e o pesar provocam em mim um ímpeto cego por vingança. A dor não é nada; já passei por coisas piores. Ignorando as queixas das minhas costelas, me coloco de pé e firmo minhas pernas em uma postura desafiadora. Então lavo o Inimigo com um combo de radiação de Long Island e resíduos tóxicos do Gowanus, que o queima como ácido. Ele grita de novo de dor e repulsa, mas *vai se*

foder, seu lugar não é aqui, essa cidade é minha, se manda daqui!
Para dar o recado, rasgo o filho da puta com o trânsito da Ferrovia Long Island, longas filas sem fim de carros buzinando; e, para acentuar sua dor, jogo sal nas feridas dele com a lembrança de um trajeto de ônibus até o LaGuardia, ida e volta.

E só para torcer a faca? Golpeio o rabo dele com Hoboken, derramando sobre ele a fúria embriagada de milhares de babacas de camisa polo como o martelo de Deus. A Autoridade Portuária serve de Nova York honorária, filho da puta; você acabou de ser Jerseyficado.

O Inimigo é quintessencial à natureza, como qualquer cidade. Não podemos ser impedidos de nascer, e o Inimigo não pode ser aniquilado. Feri apenas uma pequena parte dele — mas sei muito bem que deixei essa parte toda quebrada. Ótimo. Se o momento para um confronto final chegar, ele pensará duas vezes antes de vir para cima de mim de novo.

De mim. De *nós*. Isso.

Quando relaxo minhas mãos e abro meus olhos, vejo Paulo caminhando a passos largos pela ponte em minha direção com outra porra de cigarro entre os lábios, e por um momento o vejo de novo como realmente é: a coisa espichada do meu sonho, cheia de pontas brilhantes e cortiços fedorentos e ritmos roubados transformados a partir de crueldade requintada. Sei que ele também consegue vislumbrar o que eu sou, em toda minha luz radiante e também todo meu tumulto. Talvez ele sempre tenha visto, mas agora há *admiração* no olhar dele, e eu gosto disso. Ele vem ao meu encontro e oferece apoio em seu ombro, e diz:

— Parabéns.

Eu sorrio.

Eu vivo a cidade.

Ela floresce e ela é minha. Eu sou seu avatar por mérito, e juntos?

Nós nunca mais

sentiremos

med—

ah caralho

tem alguma coisa errada.

INTERRUPÇÃO

O avatar cai, desmoronando sobre a madeira sólida da ponte, apesar da tentativa de São Paulo de segurá-lo. E, em meio a seu triunfo, a recém-nascida cidade de Nova York estremece.

Paulo, agachado ao lado do garoto que encarna e fala e luta por Nova York, observa, de testa franzida, o céu que pisca. Antes ele estava azul-enevado, típico céu do meio-dia naquela região, agora está opaco e avermelhado, como se fosse o céu do pôr do sol. Enquanto observa de olhos semicerrados, as árvores do Central Park também piscam — bem como a água e o próprio ar. Claridade, de repente escuridão, em seguida claridade novamente; trêmulo, e em seguida quase imóvel, então trêmulo novamente; úmido com uma leve brisa, imóvel, mas com um leve odor de fumaça ácida, úmido novamente. No momento seguinte, o avatar desaparece dos braços de Paulo. É uma variação de algo que ele já viu acontecer antes, e, por um instante, ele se sente paralisado de medo — mas não, a cidade não morreu, graças a Deus. Paulo consegue sentir a presença e a vivacidade da entidade ao seu redor... mas a presença está muito, muito mais fraca do que deveria estar. Não é um natimorto, mas não é um sinal de saúde ou tranquilidade. Houve complicações pós-parto.

Paulo pega o celular e faz uma ligação internacional.

Depois de um toque, a pessoa para quem está ligando atende, suspirando do outro lado da linha.

— Exatamente o que eu temia.

— Como aconteceu com Londres, então — diz Paulo.

— É difícil dizer. Mas, sim, até agora parece que é como foi com Londres.

— Quantos você acha que são? A grande área metropolitana passa por três estados...

— Não tente adivinhar. Tem mais, isso é tudo o que precisa saber. Encontre um. Ele vai encontrar os outros. — A voz pausa. — A cidade ainda está vulnerável, percebe? Por isso o levou. Para protegê-lo.

— Eu sei.

Paulo se levanta quando um casal fazendo jogging está prestes a passar por ele. Um ciclista vem logo atrás, embora aquela faixa seja, em teoria, exclusiva para pedestres. Três carros passam pela estrada próxima, embora aquela área do Central Park devesse ser exclusiva para pedestres e ciclistas. A cidade continua a se contrariar, a contragosto. Paulo percebe que está procurando sinais de perigo nas pessoas ao seu redor: carne deformada, alguém muito imóvel ou olhando com atenção demais. Até agora nada.

— O Inimigo foi afastado. A batalha foi... eficaz.

— Tome cuidado mesmo assim. — A voz pausa para uma tosse seca de fumante. — A cidade está *viva*, então não está indefesa. Certamente não vai ajudar você, mas conhece os seus. Faça com que trabalhem rápido. Nunca é bom ter uma cidade presa no meio do caminho assim.

— Vou tomar cuidado — responde Paulo, ainda conferindo o entorno. — Pelo menos é bom saber que você se importa.

A resposta é um bufar cínico, que faz Paulo sorrir mesmo assim.

— Alguma sugestão de onde devo começar?

— Manhattan parece ser um bom ponto de partida.

Paulo aperta a ponte do nariz com o indicador e o polegar.

— Manhattan é gigante.

— Então é melhor começar logo, não é?

A chamada é desligada. Com um suspiro irritado, Paulo começa sua nova tarefa.

COMEÇANDO POR MANHATTAN E A BATALHA DA FDR DRIVE

Ele se esquece do próprio nome em algum ponto do túnel para a Penn Station.

Ele não percebe de cara. Ocupado demais com coisas que as pessoas normalmente fazem quando estão chegando a seu destino: jogando fora os pacotes de biscoito e garrafas plásticas do café da manhã, guardando o carregador do notebook em um dos bolsos da bolsa a tiracolo, conferindo se tirou a mala do maleiro e depois tendo um ataque de pânico momentâneo até se lembrar de que tinha só uma mala consigo. A outra já havia sido despachada e estaria esperando por ele em seu apartamento em Inwood, onde seu colega de quarto já está, tendo chegado algumas semanas antes. Os dois vão cursar o mestrado na—

—na, hum—

—hum. Ele esqueceu o nome de sua universidade. De qualquer forma, a integração é só na quinta-feira, o que significa que ele tem cinco dias para ajeitar sua nova vida em Nova York.

E parece que vai precisar mesmo desses dias. Enquanto o trem desacelera até parar, as pessoas conversam em voz baixa e sussurram, olhando atentamente para seus celulares e tablets com expressões preocupadas. Parece que aconteceu alguma coisa em uma ponte, terrorismo, algo parecido com o Onze de Setembro? Ele

vai morar e trabalhar no alto de Manhattan, perto do Central Park, então para ele não deve fazer muita diferença — mas, ainda assim, talvez não seja a melhor hora para se mudar para lá.

Mas quando é que é um bom momento para se construir uma nova vida em Nova York? Ele vai dar conta.

Mais do que dar conta. Quando o trem para, ele é o primeiro a sair. Está ansioso, mas tenta parecer tranquilo. Nessa cidade vai estar completamente sozinho, por sua conta e risco. Alguns de seus colegas e familiares enxergam isso como um exílio, desistência—

—embora agora, no calor do momento, ele não consiga se lembrar do nome ou do rosto de nenhuma dessas pessoas—

—mas isso não importa, porque eles não entendem. Eles o conhecem como ele era, e talvez como é agora. Nova York é seu futuro.

Está calor na plataforma e a escada rolante está abarrotada de gente. Apesar disso, ele se sente bem. Por isso é muito estranho quando chega no topo da escada rolante e de repente — no instante em que seu pé toca o chão encerado da estação — o mundo fica invertido. Tudo à vista parece estar inverso, as feias luzes fluorescentes se tornam ofuscantes e o chão parece... oscilar? É tudo muito rápido. O mundo vira do avesso e ele se sente como se tivesse levado um soco no estômago e seus ouvidos são invadidos por um rugido gigante de muitas vozes. Um som familiar, de certa forma; alguém que já tenha estado num estádio cheio durante um jogo já ouviu algo similar. O Madison Square Garden fica bem em cima da Penn Station, então talvez seja isso? Não, esse som é mais alto. Milhões de pessoas em vez de milhares, vozes se sobrepondo umas às outras e aumentando e se desdobrando em camadas além

do som, se transformando em cores e tremores e emoções, até que ele cobre os ouvidos com as mãos e fecha os olhos mas aquilo só continua descendo sobre ele—

Mas em meio à cacofonia há uma linha nítida, um padrão de som e palavra e ideia que se repete. Uma voz, gritando furiosamente.

Vai se foder, seu lugar não é aqui, essa cidade é minha, se manda daqui!

E o rapaz se pergunta, espantado e confuso: *Eu? É comigo? Meu... meu lugar não é aqui?* Não há resposta, e a dúvida se aloja dentro dele e ganha uma batida com ritmo próprio.

O barulho cessa de repente. Um novo barulho, mais próximo, ecoando e indescritivelmente menor, toma seu lugar. Parte vem de uma gravação que ressoa dos alto-falantes sobre a sua cabeça. “Trem de Nova Jersey sentido sul, parada no Aeroporto Newark, embarque na linha cinco.” O resto do som vem de um espaço enorme lotado de gente cuidando da própria vida. Então ele se lembra, conforme tudo fica claro ao seu redor: Penn Station. Ele não se lembra de como acabou de joelhos sob uma placa informando os horários do trem, com a mão toda trêmula cobrindo o rosto. Ele não estava na escada rolante? Ele também não se lembra de já ter visto as duas pessoas abaixadas em sua frente.

Estreitando os olhos, ele pergunta:

— Vocês me falaram para ir embora da cidade?

— Não. Eu perguntei se você quer que eu chame o resgate — diz a mulher.

Ela lhe oferece água. Parece mais desconfiada do que preocupada, como se achasse que ele fingiu o desmaio ou o

piripaque que aparentemente o levou ao chão no meio da Penn Station.

— Eu... não.

Ele balança a cabeça tentando se concentrar. Nem a água nem o resgate podem ajudar com as vozes inexplicáveis em sua cabeça, ou com alucinações causadas pelo cansaço da viagem, ou o que quer que esteja acontecendo com ele.

— Você meio que foi caindo para o lado — diz o homem curvado sobre ele. É um homem corpulento de meia-idade, de traços latinos e pele clara. Ele tem um sotaque nova-iorquino carregado e uma voz gentil. — Seguramos você e te trouxemos para cá.

— Ah.

As coisas ainda estão estranhas. O mundo não está mais girando, mas aquele rugido estrondoso ainda está em sua cabeça, só abafado e sobreposto pela incessante cacofonia da Penn Station.

— Acho... que estou bem?

— Você não parece muito certo disso — responde o homem.

Ele realmente não está. Balança a cabeça uma, duas vezes, até que a mulher empurra a garrafa de água em sua direção.

— Acabei de beber água no trem.

— Pode ser hipoglicemia — diz ela, recolhendo a garrafa de água com uma expressão pensativa.

Ele demora para perceber que há uma garotinha agachada ao lado dela, e as duas são quase o reflexo uma da outra: ambas de cabelo preto, com sardas, rostos asiáticos com expressões francas.

— Quando foi a última vez que comeu?

— Foi tipo... há vinte minutos?

Ele tampouco se sente tonto ou fraco. Ele se sente...

— Novo — murmura ele, sem pensar. — Eu me sinto... novo.

O homem corpulento e a mulher de rosto franco se entreolham, enquanto a garotinha lança para ele um olhar desconfiado, de sobranceira erguida.

— Você é novo aqui? — questiona o homem.

— Sou?

Ah, não.

— Minhas malas!

Mas estavam ali; os Bons Samaritanos haviam gentilmente retirado elas da escada rolante também, deixando-as fora do caminho das pessoas. Tem algo de surreal no momento em que ele finalmente percebe que está tendo esse apagão ou delírio, sabe-se lá o quê, no meio de milhares de pessoas. Ninguém parece notá-lo a não ser aquelas três pessoas. Ele se sente sozinho na cidade. Ele se sente visto e cuidado na cidade. Vai levar um tempo até que se acostume com o contraste.

— Parece que você usou umas drogas das boas — diz a mulher. Mas ela está sorrindo.

Isso é bom, não é? Ela não vai chamar as autoridades. Ele se lembra de ler em algum lugar que em Nova York há uma lei de internação involuntária que pode manter as pessoas presas por semanas, então provavelmente é uma boa ideia tranquilizar seus pretensos salvadores em relação a sua estabilidade mental.

— Desculpe — diz ele, colocando-se de pé. — Talvez eu não tenha comido o suficiente, ou algo do tipo. Vou... passar no pronto-socorro.

Acontece de novo. A estação treme sob seus pés — e de repente está em ruínas. Não há ninguém por perto. Um expositor de papelão

em frente à loja de conveniência caiu, espalhando livros de capa dura do Stephen King por todo lugar. Ele ouve o ranger das vigas da estrutura, há poeira e pedaços de concreto caindo no chão enquanto algo no teto parece se partir. As luzes fluorescentes piscam e balançam, um dos adornos suspensos do teto parece prestes a despencar. Ele se prepara para dar um grito de alerta.

Num piscar de olhos: tudo está em seu devido lugar de novo. Nenhuma das pessoas ao redor dele emite qualquer tipo de reação. Ele olha para o teto por um momento, depois se volta para o homem e para a mulher. Os dois ainda o observam. Viram ele reagir à visão, mas eles próprios não viram a estação em ruínas. O homem corpulento está com a mão em seu braço, ele deve ter oscilado. Surto psicótico devem ser péssimos para o equilíbrio.

— Sempre carregue uma banana — sugere o grandalhão. — São ricas em potássio. Faz bem para a saúde.

— Ou ao menos coma comida de verdade. — A mulher assente. — Você provavelmente só comeu salgadinhos, não foi? Também não gosto da comida superfaturada que vendem no trem, mas pelo menos mantém você de pé.

— Eu gosto do cachorro-quente — diz a garotinha.

— São uma porcaria, meu bem, mas que bom que você gosta. — Ela toma a mão da garotinha. — Precisamos ir. Você está bem?

— Estou — responde ele. — Mas, sério, obrigado por me ajudar. Todo mundo diz que os nova-iorkinos são grosseiros, mas... obrigado.

— Que nada, a gente só é cuzão com quem é cuzão primeiro — responde ela, sorrindo, depois vai embora com a garotinha.

O grandalhão dá um tapinha em seu ombro.

— Bom, você não está com cara de quem vai vomitar. Quer que eu te arranje algo para comer ou beber, ou algo assim? Ou uma banana?

Ele dá ênfase na última sugestão.

— Não, obrigado. Estou me sentindo melhor. De verdade.

O homem corpulento não parece acreditar muito, e de repente muda de expressão como se algo tivesse lhe ocorrido.

— Não tem problema, se tipo, você estiver sem dinheiro. É por minha conta.

— Ah. Ah, não. Não precisa.

Ele puxa sua bolsa transversal, que lembra ter custado quase mil e seiscentos dólares. O homem grande olha para ele de maneira inexpressiva. Ops.

— Hum, isso aqui provavelmente tem açúcar...

Havia copo com tampa da Starbucks na bolsa, agitando-se ligeiramente. Ele toma um gole para tranquilizar o Homem Corpulento. O café está gelado e rançoso. Ele se lembra de ter enchido o copo em algum momento do dia anterior, antes de embarcar no trem em—

—em—

E então ele percebe que não consegue se lembrar de onde veio.

E ele tenta outra vez, mas continua não se lembrando da universidade onde vai estudar.

E nesse momento ele se dá conta de que *não se lembra do próprio nome*.

Ele fica parado, atordoado por essa epifania tripla de completo vazio, enquanto o homem corpulento olha desgostoso para o copo.

— Experimente beber café de verdade enquanto estiver aqui — aconselha ele. — Em algum café porto-riquenho, tá? Aproveite para comprar comida de verdade também. Enfim, qual é seu nome?

— Ah, hum... — Ele esfrega o pescoço e finge uma súbita vontade de se espreguiçar, enquanto, num pânico mudo, olha ao seu redor e tenta pensar em alguma coisa.

Não consegue acreditar que isso está acontecendo. Quem esquece o próprio nome? Todos os nomes falsos que ele consegue pensar são óbvios e genéricos, tipo Bob ou Jimmy. Está prestes a dizer *Jimmy* arbitrariamente quando, em seu desespero visual, bate os olhos em algo.

— Hum, meu nome é... Manny — responde finalmente. — E o seu?

— Douglas.

O homem corpulento está com as mãos nos quadris, claramente ponderando alguma coisa. Ele enfim puxa sua carteira e estende um cartão de visita. DOUGLAS ACEVEDO, ENCANADOR.

— Ah, desculpe, não tenho cartão, ainda não comecei no novo emprego...

— Tá tranquilo — responde Douglas, ainda parecendo pensativo. — Olhe, muitos de nós já fomos novos aqui um dia. Se precisar de alguma coisa, me avise, certo? É sério, não tem problema. Um lugar pra ficar, comida de verdade, uma boa igreja, qualquer coisa.

É inacreditavelmente gentil. “Manny” nem tenta esconder a surpresa.

— Caramba. Eu... caramba, cara. Você nunca me viu na vida. Eu poderia ser um serial killer ou sei lá.

Douglas solta uma risada.

— Bom, algo me diz que você não faz o tipo violento. Você se parece... — Ele parece titubear, e então sua expressão se suaviza levemente. — Você se parece com meu garoto. Só estou fazendo por você o que gostaria que alguém fizesse por ele. Beleza?

De alguma forma Manny sabe que o filho de Douglas está morto.

— Beleza — responde ele, suavemente. — Obrigado mais uma vez.

— *Está bien, mano, no te preocupes.*

Então ele acena em despedida e parte em direção ao trem A/C/E.

Manny o observa indo embora, guardando o cartão no bolso e pensando em três coisas. A primeira é a compreensão tardia de que o homem pensou que ele fosse porto-riquenho. A segunda é que ele talvez precise aceitar a oferta de Douglas de um lugar para ficar, principalmente se não conseguir se lembrar do endereço de seu apartamento nos minutos seguintes.

A terceira coisa faz com que ele olhe para cima, para o quadro de Partidas/Chegadas, onde ele encontrou o que acabou de se tornar seu novo nome. Ele não disse a Douglas seu nome completo porque hoje em dia só mulheres brancas falam nome e sobrenome sem virar piada. Mas mesmo de maneira modificada essa palavra — essa identidade — parece mais verdadeira do que qualquer outra coisa que ele tenha assumido para si em toda sua vida. É o que sempre foi, mesmo que não se desse conta. É o que ele é. É tudo o que ele sempre precisou ser.

A palavra inteira é *Manhattan*.

No banheiro, sob as luzes amarelas, ele é apresentado a si mesmo pela primeira vez.

Tem um bom rosto. Ele finge um excesso de cuidado ao lavar as mãos — o que não é algo ruim em um banheiro fedido da Penn Station — e vira seu rosto de um lado para outro, observando a si mesmo de todos os ângulos. Fica clara a razão pela qual aquele cara pensou que ele fosse porto-riquenho: sua pele tem um bronze dourado e seus cabelos são crespos, mas enrolados o suficiente para formar cachos, se ele deixasse crescer. Ele poderia se passar por filho de Douglas. (Mas não é porto-riquenho. Pelo menos disso ele se lembra.) Ele está todo arrumadinho: calça cáqui, camisa de botão com as mangas dobradas, e tem um blazer pendurado na mochila, provavelmente para quando o ar-condicionado estiver muito forte, já que é verão e deve fazer uns trinta graus lá fora. Ele aparenta estar naquele limbo desinteressante que vai de “não é mais um adolescente” até os trinta anos, embora provavelmente pareça estar mais próximo dos trinta, a julgar por alguns fios brancos soltos pelo cabelo. Olhos escuros atrás de óculos de armação escura. Os óculos conferem a ele uma aparência inteligente. Maços do rosto altas e definidas, traços fortes e angulares, marcas de expressão aparecendo ao redor da boca. Ele é um cara bonito. Um garoto norte-americano comum (versão não caucasiana), padrão de um jeito agradável.

Muito conveniente, ele pensa. O fato de ter pensado isso faz com que interrompa a lavagem de suas mãos com a testa franzida.

Tudo bem, chega. Ele já precisa lidar com bizarrices o suficiente. Pega sua mala para sair do banheiro. Há um homem mais velho no mictório que o segue com o olhar enquanto ele vai em direção à saída.

No topo da escada rolante que dá para a Sétima Avenida acontece pela terceira vez. Esse episódio é melhor de certas maneiras e pior de outras. Porque Manny sente a onda de... o que quer que seja... atingindo-o ao chegar ao topo da escada rolante, e puxa sua mala a tempo e vai até um painel digital de informação para ficar fora do caminho, apoiando-se nele e tremendo. Dessa vez, não há alucinações — não inicialmente —, mas ele é subitamente tomado por *dor*. É uma sensação terrível, agonizante, um arrepio que começa na lateral esquerda de seu corpo, perto do quadril. É uma sensação familiar. Ele se lembra de a ter sentido da última vez que foi esfaqueado.

(Espera, ele foi *esfaqueado*?)

Exasperado, ele levanta a barra da camisa e verifica o local onde a dor está pior, mas não há sangue. Não há nada. A ferida está em sua cabeça. Ou... em algum outro lugar.

Como se tivesse sido conjurada, de repente a Nova York que todos enxergam aparece na Nova York que apenas ele vê. Na verdade, ambas estão presentes, uma sobreposta à outra, e elas piscam, aparecendo e desaparecendo, antes de finalmente se estabilizarem em uma estranha realidade duplicada. Diante de Manny estão duas Sétimas Avenidas. É fácil distingui-las porque têm tons e atmosferas diferentes. Em uma delas, há centenas de pessoas, vários carros e pelo menos seis lojas de departamento que ele é capaz de reconhecer. É a Nova York normal. A outra está vazia e parece ter sido atingida por um inexplicável desastre. Não há corpos à vista ou nada ameaçador; simplesmente não há ninguém ali. Não dá para dizer se um dia já existiram pessoas naquele lugar. Talvez os prédios ali tenham apenas aparecido,

brotado dos alicerces já completos, em vez de terem sido construídos. O mesmo pode ser dito das ruas, que estão vazias e esburacadas. Em uma estrutura suspensa há um semáforo pendurado pelos cabos, balançando, mas ainda mudando de vermelho para verde em perfeita sincronia com sua outra versão. O céu está mais sombrio, como se o sol estivesse se pondo, em vez de ser pouco depois do meio-dia, e o vento é mais intenso. As nuvens se agitam e se movem no céu como se estivessem atrasadas para a reunião de reencontro das nuvens.

— Legal — resmunga Manny.

Essa situação é provavelmente um surto psicótico, mas ele não pode negar que o que está vendo é incrível e aterrorizante. Nova York *bizarra*. Ele gosta da cidade mesmo assim.

Mas há algo de errado com ela. Ele precisa ir até algum lugar, fazer alguma coisa, ou toda aquela beleza ambígua vai morrer. De repente ele sabe disso, de um jeito mais certo do que puro instinto.

— Tenho que ir — diz para si mesmo, surpreso.

Sua voz soa estranha, fina e arrastada. Talvez seja ele mastigando as palavras ou talvez seja o eco peculiar de sua voz ricocheteando das duas paredes das entradas das duas Penn Stations.

— Ei — interrompe um rapaz de camisa de botão verde-neon que está por perto.

Manny olha para ele, aturdido. A Nova York normal volta de forma abrupta, a Nova York bizarra some momentaneamente. (Mas ela continua por perto.) A camisa verde-neon faz parte de um uniforme.

O rapaz segura uma placa oferecendo aluguel de bicicletas aos turistas. Ele aborda Manny de maneira explicitamente hostil.

— Vá vomitar sua cachaça em outro lugar.

Manny tenta se endireitar, mas sente que ainda está um pouco curvado.

— Não estou bêbado.

Ele só está sobrepondo múltiplas realidades enquanto sente impulsos inexplicáveis e sensações fantasmas.

— Bem, então tira essa sua cara de chapado daqui.

— Certo.

É uma boa ideia. Ele precisa ir... para o leste. Ele vira nessa direção, seguindo instintos que nunca havia tido até segundos atrás.

— O que tem naquela direção? — pergunta.

— Meu pau de chapéu — responde o Cara das Bikes.

— Isso aí é na direção sul! — zomba uma garota que também anuncia bikes de aluguel por ali.

O Cara das Bikes revira os olhos e segura a virilha olhando na direção dela, na clássica linguagem nova-iorkina de “chupa meu pau”.

A infantilidade começa a irritar Manny.

— Se eu alugar uma bicicleta, você me diz o que tem naquela direção? — pergunta ele.

De repente o Cara das Bikes se transforma e é só sorrisos.

— Com certeza...

— Não, senhor — interpela a Garota das Bikes, séria, indo até eles. — Desculpe, senhor, mas não podemos alugar bicicletas para pessoas que parecem estar sob influência de substâncias ou passando mal. Normas da empresa. Quer que eu ligue para o 190?

O pessoal de Nova York gosta mesmo de ligar para o 190.

— Não. Eu posso ir andando. Preciso chegar na... — FDR Drive.

— Na FDR Drive.

A garota olha para ele, desconfiada.

— Você quer ir andando até a FDR Drive? Que merda de turista você é? Senhor.

— Ele não é turista coisa nenhuma — diz o rapaz do pau com chapéu, gesticulando com o queixo em direção a Manny. — Olha só pra ele.

Manny nunca tinha estado em Nova York antes. Pelo menos até onde sabe.

— Só preciso chegar lá. Rápido.

— Então pegue um táxi — sugere a garota. — O ponto de táxi é logo ali. Quer que eu chame um pra você?

Manny sente um arrepio, algo desconhecido surgindo dentro dele. Não é um mal-estar dessa vez — melhor dizendo, não é só um mal-estar, já que a dor pungente da facada ainda não desapareceu. Em vez disso, o que ele começa a sentir é uma mudança de percepção. Sob sua mão que está apoiada no painel ele sente o murmúrio leve do que parece ser uma década de flyers acumulados. (Não há nada no painel. Ele exibe uma placa: NÃO COLE ANÚNCIOS. O que ele ouve é o que estava lá antes.) O trânsito corta a Sétima Avenida, carros correm para pegar o semáforo aberto antes que milhões de pedestres tentem atravessar para chegar à Macy's ou ao K-Town Karaokê e Churrascaria. Todas essas coisas fazem sentido; estão em seus devidos lugares. Mas seus olhos saltam sobre um TGI Fridays e ele se retrai, franzindo o lábio em uma resposta involuntária de aversão. Alguma coisa na fachada do restaurante

parece inadequada, invasiva, destoante. O estabelecimento vizinho, uma pequena e abarrotada sapataria, não causa nele a mesma sensação, nem tampouco a loja de *vapes* ao lado. Só as grandes franquias que Manny vê — uma Foot Locker, uma Sbarro, o tipo de loja encontrada em shoppings populares. Só que essas lojas de shopping estão ali, no coração de Manhattan, e a presença delas é... não exatamente nociva, mas irritante. Como cortes de papel, ou tapinhas no rosto.

A placa do metrô, no entanto, parece adequada e real. Assim como os outdoors, independentemente do que estampem. Os táxis, o fluxo de carros e as pessoas — todas essas coisas amenizam o incômodo. Ele inspira fundo, enchendo seus pulmões com cheiro de lixo que ficou sob o sol e vapor ácido proveniente da tampa de um bueiro próximo. É repugnante, mas *faz sentido*. Faz mais do que sentido. Então, subitamente, ele está bem. O mal-estar diminui ligeiramente e a dor na lateral de seu corpo se ameniza, indo de uma dor intensa para um comichão que só dói quando ele se mexe.

— Obrigado — diz para a Garota das Bikes, endireitando o corpo e trazendo a mala para perto de si. — Minha carona está vindo.

Espere. Como ele sabe disso?

A mulher dá de ombros e os dois viram as costas, voltando a divulgar as bicicletas para locação. Manny vai para o local onde há pessoas esperando por Lyfts ou Ubers. Ele tem os dois aplicativos no celular, mas não usou nenhum deles. Não deve haver nada ali para ele.

No entanto, um momento depois, um táxi estaciona bem a sua frente.

O carro parece ter saído de um filme antigo: brilhante e arredondado e enorme, com uma faixa quadriculada em preto e branco na lateral. O Cara das Bikes olha, surpreso, e solta um assovio de admiração.

— Um Checker! Não via um desses desde que era criança.

— É para mim — responde Manny, desnecessariamente, levando a mão à maçaneta.

Está trancado. *Preciso que a porta esteja destrancada*, Manny pensa. E a porta se abre com um clique. Bom, isso é novidade, mas ele vai processar mais tarde.

— Mas que... — exclama a mulher lá dentro enquanto Manny joga sua bolsa no banco traseiro e entra no carro.

É uma mulher branca muito jovem, tão jovem que nem sequer parece ter idade suficiente para dirigir. Ela se vira para trás para olhá-lo. Parece mais indignada do que com medo, o que parece ser um bom começo para o relacionamento deles.

— *Cara*. Isso aqui não é um táxi de verdade, é uma antiguidade, é um adereço. As pessoas alugam para casamentos.

Manny fecha a porta.

— Para a FDR, por favor — diz ele, exibindo seu sorriso mais encantador.

Não deveria funcionar. Ela deveria estar gritando, assustada, procurando o policial mais próximo para dar um tiro nele. Mas algo mais se passou entre eles, o que faz com que a mulher se mantenha calma. Manny seguiu à risca o ritual para pegar táxi, parecendo estar em genuína negação a ponto de ela acreditar que ele é só uma pessoa confusa, e não uma ameaça. No entanto, o poder do que ele fez é mais do que psicológico. Ele já sentiu isso

antes, não sentiu? Agora mesmo, quando tirou forças do caos da Sétima Avenida para atenuar a dor na lateral de seu corpo. Na verdade, ele consegue até mesmo ouvir esse poder sussurrando para ela: *Talvez ele seja ator. Ele parece Aquele Cara cujo nome você não se lembra, Daquele Musical do qual você gosta. Então talvez não precise surtar ainda?* Nova-iorquinos não perdem a cabeça perto de gente famosa.

E como é que ele sabe de tudo isso? Porque ele sabe e ponto. Está tentando acompanhar.

Então ele acrescenta, depois que um instante se passa e ela continua só olhando:

— Você está indo para aqueles lados, não está?

Ela cerra os olhos. O carro está parado no sinal vermelho, mas o alerta para pedestres está piscando. Talvez ele tenha por volta de uns dez segundos.

— Como é que você sabia disso?

Porque o táxi não teria parado se você não estivesse, ele responde mentalmente, pegando a carteira.

— Aqui está — diz ele, estendendo uma nota de cem para ela.

Ela olha para a nota e torce os lábios.

— Beleza, uma nota falsa.

— Eu tenho notas de vinte, se for melhor para você.

As notas de vinte são mais poderosas, de qualquer forma. Vários lugares na cidade não aceitam notas de cem, por medo de notas falsas. Com notas de vinte, Manny conseguirá convencê-la a levá-lo aonde precisa ir, quer ela queira ou não. Mas ele prefere usar de persuasão. Usar força é... Ele não quer fazer isso.

— Turistas *andam mesmo* com muito dinheiro — resmunga ela de cara fechada, como se tentando convencer sua própria intuição. — E você não *parece* ser um serial killer...

— A maioria dos serial killers se esforça pra parecer pessoas normais — ele observa.

— O *mansplaining* não tá ajudando, amigo.

— Tem razão. Desculpe.

Isso parece fazer com que ela se decida.

— Bom, babacas não pedem desculpas. — Ela parece ponderar por mais um segundo. — Mais cem contos e podemos ir.

Ele oferece as notas de vinte, embora tenha outra nota de cem na carteira. Mas não precisa mais usar o poder do dinheiro, de qualquer forma. Ela completou o ritual aceitando as direções dele e respondeu com o ritual de barganhar por mais dinheiro. Todas as estrelas tinham se alinhado. Ela ia ajudá-lo. Enquanto ela guarda o dinheiro no bolso, o semáforo abre e o carro atrás deles buzina imediatamente. Ela calmamente mostra o dedo do meio para o motorista e então gira o volante atravessando quatro pistas como se tivesse feito isso, ou participado do Daytona 500, a vida toda.

E é isso. Mesmo Manny está surpreso com a facilidade com que esse estranho poder funciona enquanto se segura na maçaneta da porta e no antigo cinto de segurança e tenta não parecer assustado com a forma como ela dirige. Ele tem uma leve suspeita de *por que* funciona. Dinheiro resolve tudo em Nova York. Em muitas cidades, provavelmente — mas ali, o santuário nacional do capitalismo predatório desenfreado, dinheiro tem um poder quase talismânico. O que quer dizer que ele pode usá-lo como um.

Os semáforos milagrosamente conspiram a favor do velho táxi por vários quarteirões, o que é bom, pois a garota dirige numa velocidade prestes a quebrar a barreira do som. De repente ela xinga e freia bruscamente quando o semáforo fica vermelho subitamente. Subitamente até demais; é impressionante que ela não tenha furado o sinal. Ele sente um cheiro de borracha queimada entrando pela janela enquanto se inclina para a frente, tentando enxergar o semáforo.

— Semáforo com defeito?

— Deve ser — responde ela, tamborilando com os dedos na direção.

Manny sabe que esse é um gesto que faz parte do ritual do andalogo-caramba, mas não funciona. Esse ritual nunca funciona.

— Normalmente eles se alinham melhor que isso. Só precisa de um sinal fora de sequência para começar um engarrafamento.

Manny pressiona a mão sobre o local onde uma dor gelada e irradiante começa a pulsar de novo. Alguma coisa na luz vermelha do semáforo aciona seu recém-adquirido sensor de inadequação. E, qualquer que seja o problema, é suficiente para anular todo efeito anestésico que ele havia conseguido conjurar. Ele abre a boca para sugerir que ela ultrapasse o sinal, algo arriscado a se fazer. A sensação de que há algo errado provavelmente enfraqueceu a influência dele sobre ela, também, e agora não há nada que a impeça de ficar desconfiada do cara negro estranho em seu carro. Mas o que quer que esteja acontecendo do lado leste da ilha — na FDR Drive — está se tornando urgente. Ele não pode correr o risco de ser expulso do táxi até chegar lá.

Mas, antes que Manny possa dizer alguma coisa, uma BMW passa pelo cruzamento em frente ao táxi. Há longas gavinhas brancas, parecendo uma penugem, saindo da cavidade onde estão instalados os pneus.

Ele observa o carro em absoluto choque. A motorista também vê e fica boquiaberta. *Penugem* não descreve bem o que estão vendo. São mais como tentáculos de uma anêmona ou de alguns tipos de água-viva. Enquanto o carro passa, planando em baixa velocidade atrás de um motorista lento, eles observam que uma das gavinhas parece... inalar. Ela se desenrola um pouco, exibindo um caule de grande espessura que vai afinando conforme se distancia das rodas até terminar em extremidades levemente escurecidas. Toda ela é translúcida. Ela não está inteiramente *ali* — isto é, neste mundo. Manny então percebe que as gavinhas são como o duplo da cidade: ali, mas ao mesmo tempo em outro lugar em que o céu é assustador e as pessoas não existem.

No entanto, tudo isso é teoria, porque no momento seguinte Manny percebe algo que deixa os pelos de sua nuca eriçados. As gavinhas se retorcem quando a BMW passa por um buraco — mas não é ao buraco que elas reagem. Elas se alongam, sabe? Elas se viram como antenas de rádio ou vermes agitados, se esticam na direção do táxi como se pudessem sentir a presença de Manny dentro dele e o cheiro de medo no ar.

Depois que a BMW segue em frente, com o motorista aparentemente alheio às suas circunstâncias, leva um momento para que os arrepios de Manny passem.

— Você também viu, não é? — pergunta a motorista. O sinal finalmente fica verde e eles voltam a seguir em alta velocidade em

direção à FDR. — Ninguém mais estava olhando além de você... — Ela olha para ele pelo retrovisor.

— Sim. Sim, eu vi. Eu não... é...

Ele se toca, quase tarde demais, que ela talvez precise de mais explicações do que isso caso ele não queira ser expulso do táxi.

— Você não está maluca. Ou, pelo menos, se estiver, não é a única.

— Ah, bom, isso serve de consolo. — Ela passa a língua pelos lábios. — Por que ninguém mais conseguia ver?

— Eu também queria saber. — Mas, quando ela assente, Manny sente que deve completar: — Nós vamos destruir o que está causando isso.

Ele queria tranquilizá-la, mas percebe, assim que a frase sai de sua boca, que está falando a verdade. Não se permite pensar por muito tempo em como sabe que é verdade. Também não se pergunta a quem *nós* se refere. Ele já está muito envolvido. Se começar a duvidar de si, vai enfraquecer seu poder — e, pior ainda, vai começar a questionar sua própria sanidade. Então eles estão de volta ao acordo involuntário.

— Destruir... o quê? — A testa dela está franzida quando ele busca seus olhos no retrovisor.

Ele não quer admitir que não sabe.

— Só me leve até a FDR e eu darei um jeito nisso.

Para seu alívio, ela relaxa e exhibe um breve sorriso torto por sobre o ombro.

— Esquisito, mas tá bom. Meus netos vão amar essa história. Se eu chegar a ter netos, é claro. — Ela continua a dirigir.

Eles finalmente chegam à FDR, indo rápido em direção àquele vago-mas-cada-vez-mais-intenso sentimento de que há algo errado. Manny segura firme na antiga alça de segurança de couro costurada nas costas do banco em sua frente porque ela ainda está dirigindo como um piloto de fuga, costurando a pista para ultrapassar carros lentos e acelerando em subidas de uma forma que o faz se lembrar da sensação de andar

na Cyclone? o que é

em uma montanha-russa. Mas eles estão chegando perto da fonte de todo o problema. Há algumas pequenas aeronaves sobrevoando o lugar e uma aglomeração de barcos no rio East, todos rodeando alguma coisa mais longe, ao sul. Tudo o que Manny consegue ver dali é fumaça. Talvez tenha algo a ver com o acidente na ponte sobre o qual ouviu falar no trem? Pode ser. Eles começam a passar por placas de lentidão, desvios e atividade policial abaixo da rua Houston.

Mas fica claro que eles estão muito mais perto da *inadequação* do que do desastre na ponte. Passam por mais carros no trecho da FDR próximo do centro, que parecem estar infestados com as bizarras gavinhas brancas. A maioria delas cresce nas rodas, como na BMW que viram antes. É como se os carros tivessem passado sobre algo nocivo que resultou na proliferação de uma infecção metafisicamente oportunista. Em alguns carros, as gavinhas brotam das grades dianteiras ou debaixo do carro, e se enroscam em direção às janelas. Um dos carros, um fusca, tem gavinhas grudadas por toda a porta da motorista, avançando sobre a janela. A motorista não parece ter notado. O que vai acontecer se tocá-las quando ela abrir a porta? Nada de bom.

Então o trânsito se torna extremamente lento... e o segundo desastre da cidade, o que passou despercebido, entra no campo de visão deles.

Sua primeira impressão é de que é mais ou menos como uma explosão. Basta imaginar uma fonte rasgando o asfalto e projetando água cerca de dez metros em direção ao céu. Mas a água se *contorce*. Em vez de água, a fonte é feita de gavinhas — dezenas delas, anemônicas e imensas. Algumas se enroscam de uma maneira ao mesmo tempo hipnotizante e vagamente fálica conforme se elevam acima do teto dos carros. Manny consegue perceber que a raiz da... *daquilo*... está em algum lugar à frente, perto do centro da cidade, provavelmente na pista rápida, o que deve ser a razão pela qual tantos carros indo na direção oposta estão sendo afetados, apesar da barreira entre as duas pistas. Ele vê uma SUV nova e brilhante com placa da Pensilvânia tão tomada por gavinhas que parece com um ouriço fantasmagórico. Ainda bem que o motorista não pode vê-las, do contrário sua visão estaria obstruída demais para que conseguisse dirigir. Mas um velho Ford Escort enferrujado sem calotas e todo descascado vem logo atrás, e os tentáculos não o tocaram nem um pouco. Qual é o critério? Ele não sabe nem por onde começar a tentar adivinhar.

Manny entende que a explosão de gavinhas é o que está causando o engarrafamento quando o fluxo de carros segue em velocidade mínima e o Checker chega perto de parar completamente. Embora a maioria das pessoas não consiga ver as gavinhas, de alguma maneira elas reagem à sua presença mesmo assim. Os motoristas na pista rápida tentam entrar na pista do meio para desviar da coisa, os motoristas na pista do meio tentam entrar

na mão à direita para desviar dos outros motoristas, e os motoristas na mão da direita simplesmente não dão passagem. É como se houvesse um acidente invisível à frente que todos tentam evitar. Por sorte não é horário de pico, do contrário o trânsito estaria completamente parado.

Eles param por um momento, então Manny abre a porta e sai do carro. Alguns dos carros atrás deles imediatamente iniciam o coro desenfreado de buzinas protestando diante da mera possibilidade de que ele possa atrasar as coisas ainda mais, mas Manny ignora as buzinas e se inclina na janela para conversar com a motorista quando ela abre o vidro. (Ela precisa se inclinar sobre o assento do passageiro e girar uma manivela para fazer isso. Por um segundo ele assiste, fascinado, mas volta ao foco em seguida.)

— Você tem sinalizadores? — pergunta ele. — Triângulos refletores, coisas assim?

— Estão no porta-malas.

Ela coloca o carro em ponto morto e também sai — o que provoca mais buzinas —, mas está olhando para a torre de gavinhas. As pontas no alto se agitam acima da passarela que corta aquela parte da FDR.

— Então é tudo culpa disso?

— Aham.

Manny pega o kit de emergência quando ela abre o porta-malas. No entanto, ele tenta ficar atento principalmente a uma coisa. Se alguma daquelas gavinhas vier na direção deles... bom, com sorte não virão.

— É melhor se apressar para fazer o que for fazer. A polícia provavelmente já está a caminho para lidar com, hum, a obstrução.

Não sei se eles vão conseguir ver a coisa. Ninguém parece ver, ou teria muito mais gente saindo do carro e andando por aí. Mas eles não vão ajudar muito.

Ele sorri, concordando. Então percebe a maneira como ela observa a fonte de tentáculos. Ele tem uma pequena epifania, começando a entender.

— Você é daqui?

Ela olha para ele, sem entender.

— Sim. Nasci e cresci em Chelsea. Tenho duas mães e tudo. Por quê?

— Só um chute.

Manny vacila, sente-se estranho outra vez. Há coisas acontecendo ao redor dele, com ele — um aumento de tensão, de poder, de propósito, tudo o empurrando em direção a um momento decisivo que ele não tem certeza se quer enfrentar. Sob seus pés há uma vibração, um palpitar, como rodas trepidando sobre o relevo do asfalto e tamborilando em sincronia com sua própria pulsação. Por quê? Porque é o que acontece. Porque, de alguma forma, tudo nessa rodovia e embaixo dela e em volta dela é ele. A dor na lateral de seu corpo é terrível, mas ele consegue ignorá-la, porque de alguma maneira *a cidade* o mantém funcionando, a cidade o alimenta com força. Até mesmo a marcha lenta dos carros presos no trânsito o energiza; energia acumulada esperando uma chance para ser liberada. Ele olha para os motoristas nos carros próximos e vê que a maioria está encarando as gavinhas também. Eles as veem? Não de verdade. Mas sabem que *alguma coisa* está ali, impedindo o fluxo da cidade, e não precisam de muito mais para odiá-la.

É assim que funciona, ele entende após sua reflexão. É disso que ele precisa para derrotar as gavinhas. Essas pessoas, esses estranhos, são seus aliados. A raiva, a urgência delas para voltar à normalidade, emana como ondas de calor. Essa é a arma da qual ele precisa, se conseguir entender como canalizá-la.

— Meu nome é Manny — diz ele à motorista num impulso. — E o seu?

Ela parece surpresa por um momento, mas sorri em seguida.

— Madison — responde ela. — É, eu sei. Mas a minha Mãe Número Um disse que fui concebida por fertilização in vitro numa clínica bem na Madison Avenue, então...

Informação demais. Manny ri mesmo assim, porque está muito tenso e uma risada vem a calhar.

— Certo. O plano é o seguinte... — diz ele. E explica o plano à motorista.

Ela o encara como se ele fosse maluco, mas vai ajudar. Ele vê em seu rosto.

— Certo — responde ela, finalmente, mas com um vestígio de relutância. Talvez os nova-iorquinos não gostem de ser vistos como pessoas prestativas.

Eles posicionam as luzes de emergência e os triângulos de sinalização para encorajar as pessoas a evitarem pista rápida. Como o táxi não está se movendo, motoristas furiosos lançam olhares raivosos e buzina ao passar por eles, deduzindo que ele está de alguma forma piorando o trânsito. Provavelmente está. Um homem começa a gritar com Manny com intensidade suficiente para respingar o vidro de seu carro com saliva, embora, felizmente, ele esteja furioso demais para se lembrar de descer a janela antes. Mas

esse é um indicador de como as pessoas estão percebendo a estranheza no ar, o fato de que nenhuma delas volta para a pista de velocidade rápida mesmo depois de passar pelo táxi.

A massa de gavinhas cresce sob o olhar de Manny. Há um som grave de algo se partindo que o vento vindo daquela direção traz até ele: provavelmente é o som das raízes cavando o asfalto, a camada de proteção abaixo dele e talvez a camada de pedras abaixo dela também. Ele também ouve as gavinhas, agora que estão perto o bastante: elas emitem um som irregular, gemidos entrecortados, balbuciando e por vezes emitindo um clique como um arquivo de música corrompido. Ele pode sentir o cheiro que elas emanam — um intenso odor marinho, lembrando peixe, mais pungente do que o do próprio rio East.

N-óxido de trimetilamina, ele pensa do nada. *O cheiro das profundezas mais densas e geladas do oceano.*

— E agora? — pergunta Madison.

— Preciso bater nessa coisa.

— Hã...

Manny olha em volta antes de pousar os olhos em exatamente o que ele precisa — estava ali, no banco traseiro de um carro conversível de teto abaixado. A mulher indiana na direção olha para ele com nítida curiosidade. Ele caminha rapidamente até ela e pergunta apressadamente:

— Ei, posso usar seu guarda-chuva?

— Posso usar meu spray de pimenta? — ameaça ela.

Ele levanta as mãos, deixando-as à vista em uma tentativa de parecer menos ameaçador, embora seja um rapaz não caucasiano

de um metro e oitenta e algumas pessoas simplesmente sejam incapazes de ficar tranquilas diante dele.

— Se puder me emprestar, consigo liberar o engarrafamento.

Ao ouvir isso, ela parece intrigada.

— Hum. Bom, por essa razão acho que consigo abrir mão de um guarda-chuva. É da minha irmã mesmo. Só gosto de bater nas pessoas com ele.

Ela pega o guarda-chuva e entrega a ele pela extremidade pontuda.

— Obrigado! — Ele pega o guarda-chuva e anda em passos rápidos até o táxi. — Beleza, vai dar certo.

Madison lança a ele um olhar apreensivo e em seguida olha para os tentáculos, abrindo a porta do motorista.

— Não consigo ver o que tem depois daquela coisa — alerta ela.

— Se houver carros e eu não conseguir frear a tempo...

— Sim, eu sei.

Manny sobe no capô do táxi e escala até o teto. Madison o observa enquanto ele se vira e se posiciona como se estivesse montando um cavalo, uma mão segurando o sinal que lê INDISPONÍVEL. Por sorte, táxis Checker são altos, longos e esguios, adaptados às cidades urbanas. Ele consegue ter firmeza suficiente nas pernas para se segurar, mas mesmo assim será arriscado.

— O.k. Estou pronto.

— Olha, eu vou mandar uma mensagem para o cara que me vende erva assim que isso tiver acabado — diz Madison, balançando a cabeça enquanto entra no carro.

O guarda-chuva é a chave. Manny não sabe por quê, mas não se incomoda em aceitar esse fato, por ora. O que o preocupa é que ele

não tem certeza de *como* deve usá-lo. Considerando o fato de que toda sua intuição sugere que aquela floresta de gavinhas é perigosa — fatal se sequer encostar nele, talvez porque as gavinhas se pareçam tanto com anêmonas, que matam suas presas com ferroadas —, ele precisa descobrir logo. Enquanto Madison liga o carro, ele experimenta levantar o guarda-chuva com a ponta de metal apontando para a massa de tentáculos, como um cavaleiro segurando uma lança. Ainda não é isso. É a ideia certa, mas a execução está errada; é fraca demais, por algum motivo. É um daqueles guarda-chuvas que se abrem automaticamente, então ele desprende a fita e aperta o botão. Ele se abre imediatamente e é enorme. Um guarda-chuva de boa qualidade, não chacoalha ou oscila mesmo enquanto Madison acelera e ele é puxado pelo vento. Mas ainda não é isso.

A massa de gavinhas ergue-se ameaçadora a sua frente, etérea e pálida, tornando-se mais assustadora à medida que o táxi ganha velocidade. Há certa beleza nela, ele precisa admitir — como um assombroso organismo bioluminescente das regiões abissais arrastado até a superfície. No entanto, aquela é uma beleza que não pertence àquele lugar e sim a outros ambientes, outros cosmos, e que em Nova York é tóxica. Mesmo o ar em volta dele adquiriu um tom cinza e, agora que estão perto, ele consegue ouvir o ar sibilando como se as gavinhas estivessem de alguma forma ferindo as moléculas de nitrogênio e oxigênio que tocam. Manny está em Nova York há menos de uma hora e ainda assim sabe, ele *sabe*, que cidades são sistemas orgânicos, dinâmicos. São feitas para incorporar novidades. Mas algumas coisas novas se tornam parte

de uma cidade, ajudando-a a crescer e se fortalecer, enquanto outras podem devastá-la.

Eles estão correndo agora, a pelo menos oitenta por hora. As gavinhas escurecem o céu, o ar fica gelado e o cheiro de oceano em completa escuridão se intensifica até ficar nauseante, e se segurar no teto do carro se torna difícil. Ele se segura mesmo assim e cerra os olhos para protegê-los do vento e do cheiro forte de sal que a coisa emana e *o que ele está fazendo?* Expulsando o invasor. Mas ele é um invasor também, não é? E se ele não fizer isso exatamente como precisa ser feito, apenas um dos invasores sairá do confronto intacto, e *o guarda-chuva não é resistente o bastante.*

Então, quando o Checker está a metros de distância, próximo o suficiente para que Manny consiga ver a pele escorregadia e porosa dos tentáculos, enquanto a lateral de seu corpo dói de maneira agonizante, como se alguém o tivesse ferido com uma lança gelada —

—ele se lembra das palavras da mulher que lhe emprestou o guarda-chuva. *Só gosto de bater nas pessoas com ele*, ela disse.

Manny solta o sinal de INDISPONÍVEL. No mesmo instante, ele começa a escorregar do teto; o carro está tão rápido que ele mal consegue se segurar apenas com as pernas. Mas talvez sobreviva a uma queda do teto do táxi; mas *não* vai sobreviver ao contato com o emaranhado de gavinhas se não conseguir *erguer* o guarda-chuva. Para isso ele precisa de ambas as mãos. Ele tem que lutar contra o vento e seu próprio medo, mas, na confusão de segundos que lhe restam, ele consegue levantar o guarda-chuva aberto acima de sua cabeça. Agora existe a possibilidade de que ele morra, mas pelo

menos seu cabelo não vai se molhar em uma possível pancada de chuva.

De repente, há uma energia a sua volta, uma energia *nele*, resplandecendo em vermelho-ferrugem, prata-escuro, bronze-esverdeado e milhares de outras cores. Ela se torna uma redoma em volta do táxi — uma esfera de energia pura, brilhante o suficiente para competir com a luz do sol do meio-dia em junho —, e em sua canção subitamente alta Manny escuta a buzina de milhares de carros presos na FDR. O silvo do ar é ofuscado pelos gritos furiosos de milhares de bocas. Ao abrir a boca para se unir ao coro, seu grito é de deleite e êxtase ao compreender subitamente que ele *não* é um invasor. A cidade precisa de novas pessoas! Ele pertence à cidade tanto quanto uma pessoa nascida e criada em suas ruas, porque qualquer um que queira ser de Nova York pode ser! Ele não é um turista, aproveitando a cidade e se deslumbrando com ela sem dar nada em troca além de dinheiro. Agora ele *vive ali*. Isso faz toda a diferença do mundo.

Então, enquanto Manny ri, eufórico com sua epifania e com o poder que o cobre agora, eles atingem em cheio a massa de gavinhas. A redoma de energia que cerca o carro a atravessa como um míssil em forma de Checker. É claro, o táxi é parte do poder; por isso a cidade o enviou para ele. Manny sente o guarda-chuva atingir um obstáculo e o segura mais forte, empunhando-o com firmeza e teimosamente se recusando a levantá-lo ou movê-lo para o lado porque *estou andando, a preferência é minha aqui*. Como se fossem dois estranhos se esbarrando de frente em um corredor estreito, um se recusando a dar passagem ao outro, ele toma parte daquela estranha dança metafísica com aquele *turista* violento e invasivo.

E então acaba.

Manny escuta Madison gritar de dentro do carro quando eles atravessam a massa e enxergam que há uma fila de carros parados bem em frente. Ela pisa forte nos freios. Manny deixa o guarda-chuva escapar quando tenta segurar o sinal de INDISPONÍVEL em desespero, agarrando-a no momento em que é atirado sobre o para-brisa e o capô. Madison gira o volante e o carro rodopia; então, em vez de ser arremessado para a frente, ele está sendo arremessado pela força centrífuga. Em meio ao pânico, ele solta a placa e não sabe como encontra forças para segurar a beirada do capô logo abaixo dos limpadores, mesmo enquanto suas pernas se soltam e a maior parte do seu corpo fica pendurada, balançando em direção ao trânsito parado. Se o carro capotar, ele já era. Se sua mão se soltar e ele for arremessado contra outro carro, ele já era. Se cair do táxi e for parar embaixo das rodas—

Mas o táxi finalmente para de derrapar, parando por completo a poucos centímetros de distância do carro logo à frente. Os pés de Manny batem no porta-malas do carro da frente, não exatamente por escolha. Tudo bem. É bom ter algo sólido sob seus pés outra vez.

— Tire os pés da porra do meu carro! — grita alguém lá de dentro. Ele ignora.

— Caralho do céu! — Madison espicha a cabeça pela janela com uma expressão de pânico que condiz exatamente com como Manny se sente. — Caralho! Você tá bem?

— Estou?

Manny honestamente não sabe. Mas ele concentra todas as suas forças para sentar-se e olhar para trás, para a pista rápida.

Atrás deles, a floresta de gavinhas se agita, desgovernada. Seus braços se retorcem e se debatem como uma coisa agonizante prestes a morrer. E ela *está* morrendo. No local onde eles rasgaram seu emaranhado de raízes há o recorte de um táxi Checker, como em uma animação infantil — completo com um buraco em formato de guarda-chuva no teto, e a silhueta de um humano agachado logo embaixo. As bordas do recorte brilham intensamente, como se estivessem ardentes, e o fogo rapidamente consome a coisa de fora pra dentro e de baixo para cima, tão rápido quanto um círculo de fogo consumindo um pedaço de papel. Dentro de segundos a combustão consumiu toda a base das gavinhas e começou a subir. Não restam cinzas ou qualquer outro tipo de resíduo desse processo. Manny sabe que a razão é que os tentáculos não estão realmente ali, não são realmente *reais* de uma forma que faça sentido.

A destruição, por outro lado, é real. Quando o último dos tentáculos é consumido pelo calor, um ponto de energia pairando em cores vivas — o que restou da redoma que cercava o carro, agora uma coisa fantástica e efervescente de vida própria — se dissipa em uma miniexplosão que se espalha concentricamente para fora. Manny estremece quando a onda de luz e cor e calor o atinge. Ele sabe que não vai feri-lo, mas se surpreende quando ela aquece o local na lateral do seu corpo que há pouco doía tanto. Agora está bem melhor. De maneira dramática, as gavinhas que estavam grudadas nos carros secam no momento em que entram em contato com a energia. Ele sente o poder seguir em frente fora do alcance de sua visão, indo para além dos prédios próximos e seguindo na direção do rio East.

Acabou.

Ao descer do capô do carro e pisar no chão firme, mais uma vez Manny sente algo percorrê-lo, da sola de seus sapatos até a ponta dos seus cabelos. Ele percebe então que é a mesma energia que agiu sobre o carro quando rasgaram a massa de gavinhas — e também a mesma energia que o tranquilizou na estação Penn e o guiou de lá até ali. A energia é a cidade, ele entende de alguma forma, e é parte dele, preenchendo-o e expulsando tudo o que é desnecessário para liberar espaço para ela. Por isso seu nome já não existe mais.

A energia começa a se dissipar. Ele recuperará a memória quando ela se for? Não há meios de saber. Embora Manny sinta que deveria estar aterrorizado ao perceber isso, ele... não está. Não faz sentido. Amnésia, mesmo que temporária, não pode ser uma coisa positiva. Pode ser que ele tenha uma hemorragia cerebral, algum ferimento interno; talvez devesse ir ao hospital. Mas, em vez de sentir medo, ele se sente reconfortado pela presença da cidade dentro dele. Não deveria sentir conforto. Ele suspeita que tenha acabado de passar por uma experiência de quase morte. Mas sente.

O rio East corre às suas costas. Ele olha para cima, para a imponente grandiosidade de Manhattan: incontáveis prédios altos, prédios antigos transformados em bancos, prédios de habitação social espremidos entre teatros e prédios corporativos sem alma. Quase dois milhões de pessoas. Ele está ali há uma hora, mas tem a sensação de que nunca viveu em outro lugar. E mesmo que não saiba quem foi... ele sabe quem é.

— Eu sou Manhattan — sussurra baixinho.

E a cidade responde, sem palavras, direto em seu coração: *Bem-vindo a Nova York.*

CONFRONTO NA ÚLTIMA FLORESTA

Madison deixa Manny em Inwood.

— É super fora do meu caminho — diz ela, enquanto ele tira a bolsa do carro. — Mas tem um lugar aqui perto que vende umas empanadas perfeitas. Além disso, acho que meu táxi gostou de você.

Ela acaricia o largo painel de couro legítimo como se estivesse afagando um cavalo.

— O motor dessa coisa bebe gasolina pra cacete, mas hoje rodou melhor do que nunca. Acho que atropelar monstros marinhos semivisíveis deve fazer bem para a vela de ignição ou algo assim.

Manny ri do outro lado da janela aberta do passageiro.

— Vou me lembrar de pedir ajuda para você e seu táxi da próxima vez também — diz ele. Porque haverá uma próxima vez, tem certeza disso.

— Argh, não, obrigada. Dispensso — diz ela.

Em seguida ela inclina a cabeça e lança um olhar tão sugestivo a Manny que o faz ficar vermelho. Ela dá um sorriso e uma piscadela.

— Mas se um dia você quiser, hum, considerar outro tipo de rolê, ligue para a Táxi Checker Casamento dos Sonhos e pergunte por mim.

Manny não consegue segurar o riso, embora seja meio estranho. Ele acha que não está muito acostumado com um flerte tão direto.

Ela é bonita e ele está interessado, mas algo o deixa relutante diante da ideia de aceitar a oferta. O quê? Não sabe dizer. Talvez seja apenas o fato de que ele parece estar se transformando na personificação viva de uma grande área metropolitana, e essa, portanto, não ser a melhor hora para começar a sair com alguém. Então ele tenta assumir uma postura de esquiva, porque o problema não é ela, é ele.

— Eu... pode deixar.

Ela sorri, levando a rejeição numa boa, o que faz com que goste ainda mais dela. Então liga o carro e se afasta da calçada e ali está ele, sozinho em frente à sua nova casa.

É um dos prédios mais antigos de Inwood; ocupa mais da metade do quarteirão e tem um jardim de verdade em frente, ele percebe ao passar pelos portões de ferro forjado.

Algum morador plantou papoulas e o que ele acredita ser equináceas. No saguão do prédio, que é imenso, o piso é preto e branco e as paredes têm cornijas elegantes de mármore. O teto é de estanho entalhado coberto por tantas camadas de tinta que está com aparência encaroçada. Não tem porteiro, mas Inwood não é esse tipo de bairro.

Nada no prédio é familiar. Felizmente, o endereço estava anotado no aplicativo de notas em seu celular sob o título *Novo enderê!!!* seguido de informações rabiscadas com o dedo que mal eram legíveis. Mas ele não se lembra de já ter visitado Nova York antes.

(*Que tipo de pessoa abrevia “endereço” para “enderê”?*, ele se pergunta. Que tipo de pessoa fica empolgada o bastante com um novo endereço para usar três pontos de exclamação? É o tipo de

pessoa que alugaria um apartamento e escolheria um colega para dividi-lo sem vê-los antes?)

O elevador, lento e muito velho, é daqueles com um portão de ferro que precisa ser fechado antes de a coisa toda começar a se mover. No último andar, o elevador se abre e revela um corredor na penumbra, iluminado apenas por luzes fluorescentes antigas, estendendo-se a uma distância que não deveria ser possível, levando em conta o comprimento dos quarteirões de Nova York. De dentro do elevador, é sinistro como se saído de um jogo de terror. No entanto, assim que Manny sai do elevador, algo parece cruzar sua percepção. Ele pisca e, ao abrir os olhos, a luz do corredor está mais clara, suas sombras reduzidas, o contraste mais ameno e alguns cheiros indistintos — cheiro de comida no ar do jantar de alguém, poeira, tinta e um leve odor de urina de gato — acentuados. Agora é apenas um corredor... mas parece mais seguro, por alguma razão, do que parecia um momento atrás.

Estranho. Mas o.k.

O número do apartamento anotado em seu celular é 4J. Manny tem uma chave com o mesmo número, mas bate na porta por educação. Ele ouve passos apressados do lado de dentro e então a porta se abre, revelando um garoto asiático magricela com um lado do rosto cheio de marcas de travesseiro. Ao ver Manny, seu rosto se ilumina e ele abre os braços.

— E aí, colega de apartamento! — diz ele com um carregado sotaque britânico. — Você chegou!

— É — responde Manny, sorrindo de maneira desajeitada. Ele não faz ideia de quem é esse homem. — Tive alguns, hum, alguns problemas na FDR.

— Na FDR? Não fica no lado leste da ilha? Por que um táxi saindo da Penn iria para lá? O trânsito estava tão ruim assim depois daquela zorra na Williamsburg?

Mas o rapaz ignora sua própria pergunta no instante seguinte, se adiantando para pegar a mala de Manny.

— Deixe que eu pego isso. Suas caixas e sua outra mala chegaram há uns dias.

Tudo é completamente normal. Por dentro, é um apartamento amplo, com uma cozinha completa e dois quartos com uma boa distância entre eles — um fica logo após a sala e o outro mais adiante no corredor, depois do banheiro e um closet. Seu colega de apartamento já reivindicou o mais próximo, então Manny segue até o fim do apartamento e encontra um quarto espaçoso com mobília completa. Aparentemente o Manny pré-amnésia quis um local mobiliado. Não há lençóis na cama e tem pó acumulado nos cantos do quarto, mas é legal. Ele adora a vista da janela, que dá para um estacionamento comercial.

— E aí? Que tal? — diz o rapaz, observando enquanto Manny dá uma boa olhada no lugar. — É um baita de um apartamento, né? Exatamente como nas fotos que te mandei.

Fotos. Ele é o tipo de cara que assina um contrato com base em fotos.

— Sim, é ótimo.

Mas ele não pode continuar chamando seu colega de apartamento de “você”.

— Desculpa, mas eu... seu nome...

O rapaz parece confuso, depois ri.

— Bel. Bel Nguyen? Doutorando em ciências políticas na Columbia, igual a você? A viagem de trem foi tão ruim assim?

— Não, é que... — É uma desculpa justa. Ele avalia os benefícios em potencial e decide usá-la. — Bom, foi. Eu tive um, não sei, um desmaio? Assim que eu saí do trem. E minha cabeça está meio... — Ele agita a mão, esperando conseguir transmitir a ideia de confusão em vez de delírio.

— Caramba. Que merda. — Bel parece genuinamente preocupado. — Precisa de alguma coisa? Eu posso, hum... Quer um chá? Eu trouxe de casa.

— Não, não, estou bem — responde Manny, apressado, embora de repente ele não esteja tão certo disso.

Ali, em um lugar tão comum, pensar no que aconteceu na FDR Drive faz com que tudo pareça menos e menos plausível. Se ele está sofrendo de amnésia, então talvez haja algo verdadeiramente errado com ele. Talvez tenha levado uma pancada na cabeça. Talvez ele tenha demência precoce.

— Digo, estou me sentindo bem. Mas estou tendo dificuldade para lembrar de algumas coisas.

— Tipo o meu nome?

Manny considera responder *Não, tipo o meu*, mas decide que é melhor não. Descobrir que seu colega de apartamento está passando por uma ruptura com a realidade está no topo da lista de “coisas para ficar sabendo *antes* de assinar o contrato”.

— Entre outras coisas. Então, bom, me desculpe desde já se eu perguntar coisas que você já me disse. Ou se eu disser coisas que você já sabe. Tipo o meu apelido. Pode me chamar de Manny.

Ele se prepara para uma resposta resistente, mas Bel apenas dá de ombros.

— Combinado, Manny. Pode trocar de nome toda semana, se quiser, amigo, contanto que o aluguel esteja em dia. — Ele ri de sua própria piada, balançando a cabeça e devolvendo a mala de Manny ao chão. — Tem certeza de que não quer um chá? Não é trabalho nenhum. Ou, hum... Eu estava pensando em dar uma volta, explorar, por assim dizer. Vamos comigo, que tal? Ar fresco pode fazer bem.

É uma ideia razoável. Manny assente e, depois de um intervalo para abandonar seu blazer e vestir uma calça jeans limpa — depois de notar as marcas que ficaram em sua calça cáqui por ter sentado no teto do táxi —, eles saem.

O prédio fica a poucos quarteirões do Inwood Hill Park. Manny se lembra de ter visto em um mapa que o parque é gigantesco. (Ele não parece ter dificuldade alguma em se lembrar de fatos gerais, analisa. Só coisas específicas de sua própria vida lhe escapam.) O parque é também a última parte preservada de uma floresta muito antiga que um dia ocupou a ilha de Manhattan inteira. Numa primeira impressão, ele basicamente se parece com qualquer outro parque — trilhas pavimentadas, cercas ornamentais de ferro, bancos, quadras de tênis e até mesmo a ocasional figura do jovem passeador de cães, completa com a sinfonia de latidos dos cachorros nas coleiras. Está surpreendentemente vazio, apesar de isso ser esperado, por estarem no meio da tarde de um dia de semana, quando a maioria das pessoas está no trabalho ou na escola. Depois da área bem cuidada de grama aparada e árvores decorativas, Manny vê uma colina arborizada elevando-se acima de

todo o parque, coberta por um denso emaranhado de árvores e arbustos que claramente nunca viu uma retroescavadeira ou uma motoniveladora. Manny encara a colina, maravilhado com o fato de que ela existe a menos de dez quilômetros das luzes e do burburinho da Broadway, enquanto Bel respira fundo, seus olhos fechados em nítido contentamento.

— Ah, por isso eu queria morar por aqui. Bom, por isso e porque não tenho dinheiro suficiente para morar em nenhum outro lugar da ilha. — Ele sorri para Manny e continua a caminhar; Manny o segue, olhando em volta para absorver a paisagem. — O lugar não é tão legal quanto Londres. Mas aí eu li sobre isso, uma floresta no meio da porra da cidade, e soube que era o lugar para mim. Passei umas férias de verão em Hackfall Wood, em North Yorkshire, quando era criança. Perto da casa da minha avó. — Sua expressão se desfaz e seu tom de voz parece desanimar. — Mas é claro que ela me deserdou ao descobrir que eu era um “cara em formação” em vez de uma menina, então não vou lá há anos.

— Sinto muito por isso — responde Manny, e então compreende o que aquelas palavras em tom triste significam.

Ele olha para Bel, surpreso. Sente que não deve dizer nada, mas Bel percebe seu olhar e sua expressão imediatamente se torna neutra.

— Esqueceu disso também, né? Então, é agora que você de repente se lembra de que no fim das contas não quer dividir apartamento com um colega trans?

— Eu... — Então Manny percebe como a história da amnésia deve soar. Não consegue pensar em mais nada para oferecer além

de sua honestidade. — Eu realmente me esqueci. Mas, se quisesse pular fora, teria pensado em uma mentira melhor.

Bom, excelente forma de impressionar o colega de apartamento com suas tendências patológicas. Mas o argumento surpreende Bel e o faz rir, embora o clima ainda esteja estranho. Ao menos ele parece relaxar um pouco.

— Vamos supor que seja verdade. E você realmente parece *diferente*, de alguma forma, do cara que eu conheci por Skype no mês passado.

Manny tenta não ficar tenso. Ele se concentra no asfalto sob seus pés enquanto caminham.

— Ah é?

— É. É difícil explicar como. — Bel dá de ombros. — Para ser sincero, tava meio preocupado. Você parecia legal e tudo o mais, mas tinha, hum, *alguma coisa*. De onde eu venho, muitos caras *cis queer* querem me descer o cacete tanto quanto os héteros, sabe? E você tinha a vibe de um cara que, se descesse o cacete, seria pra valer. Mas você disse que não seria um problema, e eu não tenho mesmo um grande leque de opções, então...

Ah.

— Não vai ter problemas — repete Manny, da maneira mais tranquilizadora que consegue. — Pelo menos, não em relação a isso. Mas se você colocar meias sujas na geladeira a história vai ser outra.

Bel ri outra vez, e, simples assim, a atmosfera volta a ficar leve.

— Vou prestar atenção nas meias, então. Mas não posso prometer nada quanto aos bonés.

Os dois ficam em silêncio ouvindo o som de ambulâncias que passam em alta velocidade pela entrada do parque. Eles já estão bem adiante na trilha de asfalto, mas três ambulâncias com sirenes estridentes não passariam despercebidas, não importa a densidade da camada de árvores ao redor. Ainda estão em Manhattan, afinal. Bel faz uma careta diante do som.

— Ouvi dizer que eles iam chamar a equipe de emergência de toda a... como é que se fala? Região metropolitana? Por causa dessa bagunça. Cara, mal posso esperar pra ver que grupo étnico inteiro eles vão usar de bode expiatório dessa vez.

— Talvez seja um cara branco. De novo.

— Um “lobo solitário” com problemas de saúde mental, lógico! — Bel ri com um suspiro. — Talvez. *Tomara*, assim eles não teriam uma desculpa pra mais crimes de ódio ou novas guerras ou nada disso. Porra, que merda de coisa para se desejar.

Manny assente, e nenhum dos dois consegue pensar em nada de bom para dizer depois disso, então seguem em um silêncio confortável dali em diante. A caminhada é relaxante, Manny nota, embora qualquer coisa fosse ser relaxante depois das últimas horas. Mais importante, o parque *parece certo* — assim como o táxi Checker, como as pessoas que o ajudaram na estação Penn, como seu próprio inexplicável sentimento de pertencimento nessa cidade que parece tão estranha e cheia de vida. Sua perda de memória é misteriosamente seletiva. Ele se lembra de já ter visitado cidades com a mesma vibração bizarra. Paris, Cairo, Tóquio. No entanto, nenhuma delas pareceu ter sido feita para ele. É como se todos os outros lugares que já visitou ou nos quais morou tivessem sido como férias, e apenas agora ele estivesse chegando em casa.

Há um mapa no ponto de junção de duas trilhas. Manny fica admirado com o enorme tamanho do parque quando seus olhos pousam sobre as palavras *Tulipeiro do Inwood Park*. No mesmo momento, Bel se aproxima e coloca um dedo sobre a figura, inclinando-se para ler o texto quase microscópico ao lado.

— “Segundo a lenda — lê ele —, neste ponto da principal vila indígena de Manhattan, Peter Minuit comprou em 1626 a ilha de Manhattan por quinquilharias que naquela época valiam por volta de sessenta florins.” E aparentemente tinha uma grande árvore lá também, mas morreu em 1932. Ah, então foi aqui que seus ancestrais começaram todo o lance de roubar o país. — Ele ri e imita Eddie Izzard. — Vocês têm bandeira? Não? Vamos ficar com a ilha, então, pode ficar com o troco e nós ainda damos de brinde um pouco de varíola e sífilis.

Manny sente uma comichão por toda sua pele. Por quê? Ele não sabe, mas responde automaticamente, sem conseguir tirar os olhos do ícone no mapa.

— Acho que as pragas apocalípticas vieram uns dois séculos antes. Colombo e tal.

— Verdade, verdade, 1492, navegando pelo azul do oceano. — Bel se afasta, alongando-se. — Parece um bom ponto de retorno. Quer ir dar uma olhada nessa pedra superimportante e depois voltar?

— Pode ser — responde Manny. Ele tem a sensação de que o monumento é mais importante do que parece.

A pedra superimportante fica não muito longe da entrada do parque, próxima ao local onde um grande prado faz limite com o riacho Spuyten Duyvil. Em termos de monumentos, é bem modesto,

Manny percebe ao se aproximarem: só uma grande pedra que bate na cintura dele, no meio de um círculo de terra batida e concreto encardido. Fica em um ponto onde diversas trilhas se encontram, com uma bonita vista do rio e de uma ponte alta e estreita que provavelmente dá no Bronx. Ou aquilo é o Queens? Não tem quase ninguém por perto; ele consegue ver um senhor à distância, alimentando os pombos sentado em um banco do parque, e um casal de jovens fazendo um piquenique romântico no gramado alto, bem longe. Fora isso, estão sozinhos.

Ele e Bel param em frente à pedra por um momento, lendo a placa que informa que o nome do local é Shorakkopoch, em homenagem ao vilarejo que foi desalojado. Ou talvez seja o nome da árvore que morreu há muito tempo; a placa não explica muito bem. Bel senta-se na pedra e brinca por um momento, tentando sentar-se de pernas cruzadas e meditar com as “energias”, enquanto Manny ri. A risada é um pouco forçada porque definitivamente há certas energias ali, estranhas e palpáveis como o guarda-chuva na FDR Drive, e ele não faz a mínima ideia do que isso significa.

No entanto, ele lembra, o guarda-chuva não era a origem do misterioso poder que ele usou — ou, pelo menos, não a única origem. O poder se concentrou no guarda-chuva porque estava em todos os lugares, flutuando no ar e correndo pelo asfalto da cidade, e Manny só usou a combinação certa de coisas... ideias?... para atraí-lo. Um carro naquele lugar escapamentos engasgando e curvas e buracos havia sido imprescindível. Movimento também foi parte do que atraiu o poder. Na cidade que nunca dorme, a FDR é a rodovia que nunca para, exceto em caso de acidentes e

engarrafamentos. O poder depende de um contexto, então? Manny cruza os braços, olhando para a pedra e imaginando que tipo de segredo ela guarda.

— Ai — reclama Bel ao descer da rocha. — A história dói. De quem foi a porcaria da ideia de colocar uma *pedra* nesse lugar? Como isso celebra alguma coisa? Os americanos gostam de estátuas. Qual o problema com uma estátua? Alguém quis economizar.

Economizar. Manny tem um clique. Há algo nessa palavra, um início de uma ideia. Ele assente distraído quando Bel diz algo sobre o jantar, tentando desenvolver o pensamento. Então percebe uma mudança brusca no tom de voz de Bel.

— O que é que está rolando agora?

Isso arranca Manny da introspecção e, ao se virar, ele vê uma mulher andando em direção a eles. Ela é corpulenta, baixinha, de pele branca de tom rosado, e veste roupas de escritório. Uma mulher comum. Não há razão para que ela atraia a atenção de Manny ou Bel, exceto o fato de que ela está segurando um celular em uma das mãos, erguido na direção deles. O flash da câmera está ligado.

A mulher para, ainda filmando os dois.

— Nojento — acusa ela. — Não dá para acreditar. Em público, ainda por cima. Vou chamar a polícia.

Bel olha para Manny, que balança a cabeça, confuso; ele também não tem ideia do que ela está falando.

— Ei — diz Bel.

Seu sotaque mudou, está um pouco menos locutor da BBC e um pouco mais sul de Londres — de alguma forma Manny sabe disso

— e sua expressão endureceu.

— Está nos filmando, meu anjo? Sem autorização? Meio rude, não acha?

— “Rude” é ser pervertido em público — responde a mulher, fazendo algo em seu celular que se parece com o movimento de zoom.

A câmera está apontada para o rosto de Manny quando ela faz isso, e ele não gosta nem um pouco. Mas resiste ao impulso de se virar ou de pegar o celular dela, já que isso provavelmente estimularia mais grosseria da parte dela.

Ele dá um passo à frente.

— O que exatamente você pensa que...

Ela reage como se esse único passo fosse a investida furiosa de um touro, arfando e dando passos curtos para trás.

— Não encoste em mim! Não encoste em mim! Se encostar um dedo em mim, vou gritar e a polícia vai atirar em você! Seus drogados! Drogados pervertidos!

— Pervertido eu posso até aceitar, mas drogado? — Bel se vira e coloca uma mão no quadril com uma expressão ressabiada. — Sou *straight-edge*, para sua informação. Um abstinente. Tem certeza de que não está exagerando na oxicodona, meu bem? Você definitivamente está vendo coisas.

Ele balança uma mão em frente ao celular e ela puxa o aparelho e dá um pulinho para o lado.

E é aí que Manny começa a se perguntar se *ele* não está vendo coisas. Porque, quando a mulher lhe vira as costas, ele percebe que há algo saindo da altura de sua nuca, do meio de seu coque despenteado. É algo longo e fino, com uma espessura entre um fio

de cabelo e um lápis, e se movimenta ligeiramente sob seu olhar. A ponta se mexe como num espasmo, mesmo sem vento. Em direção a Manny, depois para o alto, no ar. Ele cerra os olhos e a coisa estremece, como se a força de seu olhar a tivesse incomodado. Se mexe de novo, na direção dele e depois para o outro lado.

Manny fica imóvel, aturdido por uma epifania de familiaridade. Seus pensamentos se perdem em uma salada de palavras: *fungo Cordyceps, cordas de um fantoche, canudo de plástico* e, as mais coerentes: *A coisa da FDR Drive!*

Ele transfere o olhar da coisa branca saindo da nuca da mulher para seu rosto.

— Essa não é você de verdade — diz ele. — Mostre quem você é.

Bel olha para ele de testa franzida.

A mulher se volta para Manny, respirando fundo e abrindo a boca para reclamar outra vez — e de repente ela fica imóvel. Imóvel como o frame de um vídeo travado no exato momento em que ela puxa o ar pela boca e um segundo antes que seu rosto tenha tempo de se acomodar em uma expressão de desdém ou ira, ficando no meio do caminho, interrompido. Ela não abaixou a câmera, mas seu dedo deve ter saído do botão; a luz de gravação se apaga.

— Mas que porra...? — diz Bel, agora olhando para ela.

Manny pisca — e no nanosegundo em que seus olhos estão fechados as roupas da mulher se tornam completamente brancas. O blazer, os sapatos, até mesmo a meia-calça. Seu cabelo também, o que subitamente a faz parecer um híbrido de beata de igreja com uma versão feminina do Coronel Sanders. Ela volta a se mover,

rindo do nítido assombro em que Manny e Bel se encontram e sacodindo a mão livre no ar em um gesto de *tchã-rammm*.

— Que alívio! — declara ela. Sua voz mudou. Está mais grave, mais para contralto do que para soprano. Por trás da voz ela tem um sorriso cheio de dentes, parecendo quase maníaco. — Já é difícil fingir ser um de vocês, mas fingir não te conhecer já estava ficando patético. Bom ver você de novo, São Paulo. Todo lugar parece ser o mesmo nesse universo, os caminhos se encontram e se desencontram feito buracos em um queijo, mas você não está no lugar errado? Me lembro do gosto do seu sangue um pouco mais pro sul.

Ela está olhando para Bel.

— Quê? — diz ele.

Bel olha para Manny, que balança a cabeça — em negação mais do que confusão. Ele entende o que está acontecendo, embora não queira. Aquela coisa branca saindo da cabeça dela. *Antena* é outra palavra que lhe veio à mente. A coisa branca é como um receptor, recebendo a voz e os pensamentos e a imagem de outra pessoa, de outro lugar.

(*Como eu sei disso?*, ele pensa em um quase-pânico momentâneo. *Eu sou Manhattan*, vem a resposta, que levanta suas próprias questões. Ele vai pensar nisso mais tarde.)

A mulher, enquanto isso, analisa Bel de olhos semicerrados, como se estivesse tendo dificuldade para vê-lo, embora ele esteja bem ali. Ela olha para a câmera como se para confirmar o que seus olhos estão vendo, em seguida a abaixa.

— Você... — diz, inclinando a cabeça. — Não é quem eu penso que é? Você é outra coisa embaixo desse disfarce?

Bel se enrijece perceptivelmente.

— Quem eu sou não é da porra da sua conta, senhora. Quer dar o fora daqui por conta própria ou precisa que eu te ajude?

— Ah! — A mulher ofega. — Você é só um humano. Desculpa, confundi você com umas quinze milhões de outras pessoas. Você, por outro lado...

Ela transfere o olhar para Manny, e ele percebe que seus olhos também mudaram de cor. Eram castanhos, mas algo os desbotou para um castanho tão pálido que eles beiram o amarelo. É difícil olhar para aqueles olhos e não pensar em predadores como lobos ou répteis, mas Manny se obriga a encarar, porque ele sabe que predadores atacam quando conseguem perceber fraqueza.

— Você definitivamente não é humano — acusa ela. Manny consegue não se sobressaltar, mas ela ri como se tivesse percebido o impulso nervoso reprimido. — Ora, eu sabia que você teria que se esconder em algum lugar depois da nossa batalha. Mas aqui? Numa floresta? Tentando arejar o fedor do lixo sob o qual você dorme?

— Quê?

Manny franze as sobrancelhas, confuso. A mulher hesita e então também franze as sobrancelhas, estreitando os olhos.

— Hum — murmura ela — Tinha certeza de que tinha machucado você. Quebrado uns ossos. Mas você parece intacto. Tão intacto quanto é possível, para sua espécie. E... — Ela inclina a cabeça subitamente, sua expressão passando de agressiva para confusa. — Você está mais limpo do que deveria. Até seu cheiro está...

Ela é louca. Mas Manny sabe, devido àquela terrível coisa brotando de sua nuca, que “louca” não é o termo apropriado, é uma palavra incompleta para o que ele está presenciando. É impossível

olhar aquela coisa e não compreender que, de alguma maneira, essa mulher tem algo a ver com a massa gigante de tentáculos da FDR Drive. Talvez tenha sido isso que aconteceu com as pessoas nos carros que passaram sobre as gavinhas: se os tentáculos tocam alguém, a pessoa fica *danificada* de alguma maneira fundamental, metafísica, infecciosa.

A coisa falando com Manny nesse momento, através dessa mulher, não está presente — mas isso significa que há algo em algum lugar transmitindo o Canal Monstro do Tentáculo, e essa mulher está diretamente conectada a ele.

— Então o que você é? — ele decide perguntar.

Ela solta um ronco sarcástico, embora continue olhando para ele. Sem piscar. É sinistro.

— Sem rodeios, direto ao assunto. Não é à toa que todo mundo acha que os nova-iorquinos são grosseiros. Mas nenhuma arrogância dessa vez? Onde foi parar toda a sua... — Ela desvia o olhar por um instante e seus olhos se movem como se estivessem escaneando um dicionário invisível, então ela volta o olhar para ele outra vez. — Toda a sua falação de merda. Isso. Para onde foi toda a sua falação de merda?

Manny tenta evitar xingar sempre que possível.

— Nós não nos conhecemos.

— Falso! Falso! — Ela ergue uma mão, apontando o dedo para ele, seus olhos arregalados.

Manny tem um flashback súbito de sua infância, das reprises de *Os invasores de corpos* na TV, com Donald Sutherland, e se torna muito fácil visualizar essa mulher com olhos alienígenas, vidrados, gritando com ele. Mas aí ela franze o cenho de novo.

— Mas você *não está* machucado. Você mudou de forma? Não achei que sua espécie pudesse fazer isso, exceto lentamente, envelhecendo, essas coisas.

— Manny, cara — murmura Bel, chegando perto dele enquanto a mulher tagarela. — Claramente falta um parafuso nessa mulher e eu tô meio assustado com esse banho de água oxigenada do nada...

— Manny? — A mulher interrompe antes que ele possa responder. Ela olha de Bel para ele e em seguida para Bel novamente. — O nome dele é Manny?

— Merda — diz Bel. — Desculpe, não devia ter usado seu nome...

— Não esquentar.

Manny não tira os olhos da mulher, por isso vê quando ela inala — e de repente seu rosto se deforma. Por um instante, ela parece muito não humana, seus olhos oscilando entre castanho-amarelado e branco-penetrante, as maçãs de seu rosto parecendo se mover e se multiplicar por baixo da pele. Então sua expressão se acomoda em um sorriso doentio e reluzente.

— *Manhattan* — murmura ela.

A intensidade faz com que ele tenha um calafrio. Há poder na maneira como ela pronuncia seu nome, poder que ela parece saber usar de maneiras que ele ainda não sabe, e isso o deixa apavorado. Assim como a maldade ávida, voraz, em seu olhar lunático.

— Você é *Manhattan*, lugar onde dinheiro vale mais do que qualquer outra coisa! Você nunca dorme, rapaz? Estou vendo que não está vestindo seda ou cetim.

Manny tenta não deixar a falta de lógica nas palavras dela confundi-lo. O que importa é que ele está diante de um adversário

que irradia perigo. Como alguém luta contra tentáculos marinhos espectrais em forma humana? Não há guarda-chuva algum com ele, nem tampouco táxis vintage. Ele não tem nada além da pedra Shorakkopoch, que ele não sabe como usar.

Seguiu os próprios instintos na FDR e eles o levaram à solução, no fim das contas. *Faça com que ela continue falando*, seus instintos dizem agora, então ele obedece novamente.

— Na FDR — diz ele, retribuindo o olhar brilhante da mulher. — Matei a sua criatura com um guarda-chuva. Ou... — Ele se interrompe e conserta o que estava dizendo, obedecendo à intuição que se agita em sua mente. — Não, não era sua criatura. Foi você?

— Apenas um pedaço de mim. Um dedo do pé, para me apoiar.

Ela ergue um dos pés cobertos por uma sapatilha de balé de couro branco e simples e mexe o dedão. Os tornozelos estão inchados; muito tempo sentada atrás de uma mesa, Manny imagina, e aparentemente ser possuída por monstros do além não faz muito bem para a circulação.

— Eu sabia que perderia aquele ponto de apoio — continua ela, com um longo e lamurioso suspiro.

Ela se vira e começa a andar de um lado para outro, apertando o telefone contra seu peito e emendando um suspiro melodramático.

— Normalmente perdemos quando vocês, entidades, se atualizam, ou amadurecem, ou sei lá do que chamam isso... e de fato perdemos, depois. Alguém apareceu e *deu uma topada* no nosso dedo, droga. Que coisinha cruel ele era. Com certeza um trombadinha. Mas, quando ele terminou o serviço e eu estava caída, sangrando e praguejando nas profundezas geladas, percebi que

meu dedo ainda estava lá. Apenas um pedaço. Apenas a pontinha do dedo ainda estava em um único lugar.

— Na FDR Drive — conclui Manny. Sua pele se eriça com um calafrio.

— Na FDR Drive. Até que você arrancou aquele apoio também. *Aquilo* foi você, não foi? Você e o seu bando são todos iguais para mim, mas eu consigo sentir o cheiro agora. É como o dele, mas também é diferente.

Ela inclina a cabeça de um lado para outro ao dizer isso, um gesto que parece ser contemplativo e desdenhoso ao mesmo tempo.

— Mas era tarde demais, claro. Antes mesmo de você chegar aqui eu já tinha infectado um bom número de carros. Agora temos centenas de dedos, por toda a área metropolitana.

Ela quica levemente sobre a ponta dos pés e sua expressão se fecha logo depois, como se estivesse irritada com sua escassez momentânea de dedos do pé.

Manny imagina fontes de tentáculos jorrando em rodovias e pontes em um raio de uns duzentos quilômetros. Ele se esforça para que ela não perceba como a ideia o aterroriza. O que isso significa? O que eles estão fazendo? O que eles farão uma vez que tenham contaminado carros e pessoas o suficiente...

— De que *porra* vocês tão falando? — interpela Bel.

Ela revira os olhos.

— Das normas da fracionalidade e do superposicionamento do espaço-tempo — devolve a mulher bruscamente, voltando a ignorar Bel e suspirando na direção de Manny.

Bel a encara, aturdido.

— Enfim. Você é obviamente *parte* daquele outro, o que significa que tem quatro outros corpos em algum lugar por aí. Mais quatro... como é? Do que vocês chamam mesmo? Órgãos?

Ela para subitamente, de sobrancelhas franzidas, então se volta para Bel e aponta na direção oeste.

— Você, humano! O que é aquilo?

Depois de lançar a Manny um olhar muito preocupado, Bel segue o gesto dela até o riacho Spuyten Duyvil. Ela está apontando para além do rio, na verdade, para um penhasco impressionante mais à frente, pontilhado de casas e prédios habitacionais.

— Hã... Westchester? — sugere Bel. — Ou talvez o Bronx. Não tenho certeza, estou aqui só tem duas semanas.

— *O Bronx*. — A mulher aperta os lábios. — Isso. Esse é um. Manhattan é outro. Aquele com quem lutei, *ele* é o coração, mas vocês outros são a cabeça e os membros e coisa e tal. Ele foi forte o suficiente para lutar conosco mesmo sem vocês, mas não forte o suficiente para se manter de pé, no fim das contas. Ou forte o suficiente para me expulsar agora. E assim um dedo do pé se torna um pé inteiro.

Apesar de tudo, Manny até começa a compreender.

— Distritos — ele sussurra, estarrecido. *Eu sou Manhattan*. — Você está falando de distritos da cidade. Está dizendo que eu realmente *sou* Manhattan. — Ele faz uma pausa para respirar. — E está dizendo que há outros.

A mulher para de andar de um lado para outro e se vira para ele, como se em câmera lenta, para observá-lo novamente.

— Você não sabia disso — diz ela, cerrando os olhos.

Manny fica imóvel. Sabe que cometeu um erro ao mostrar suas cartas, mas apenas o tempo dirá quão grave o erro foi.

— Cinco de vocês — diz a mulher de branco, em tom de satisfação.

(E assim uma chave gira no cérebro de Manny, ajustando a definição para um status em letra maiúscula. A Mulher de Branco.)

Ela sorri de um jeito frio.

— *Cinco* de vocês, e apenas o pobrezinho do São Paulo para cuidar de todos. Ele está com aquele com quem eu lutei. Você está sozinho. E não faz a mínima ideia do que está fazendo, não é?

O estômago de Manny vira um nó de medo. Ele percebe que ela está prestes a fazer alguma coisa, e ainda não tem ideia de como irá enfrentá-la.

— O que você quer? — pergunta ele, para atrasá-la. Para tentar ganhar tempo para pensar em alguma coisa.

Ela balança a cabeça e suspira.

— Provavelmente seria divertido te contar, mas não faço isso por diversão. É só um trabalho. Adeus, Manhattan.

E, de repente, ela desaparece. A Mulher de Branco. Em um piscar de olhos, o branco de suas roupas e cabelo retorna aos tons originais. Ela cambaleia ligeiramente, outra vez só uma mulher comum de olhos castanhos. No entanto, após um momento de confusão, os lábios dela se contraem e ela novamente ergue o celular. O flash da câmera se acende outra vez.

Mas há algo pior acontecendo. Quando os pelos da nuca de Manny se eriçam, ele se sobressalta e se vira, repentinamente convencido de que alguém está prestes a atacá-lo pelas costas. Ele

vê o casal no gramado, ainda fazendo um piquenique, mas, tirando isso, não há nada ali—

Espere. Não. Despontando de rachaduras na trilha de asfalto... pequenas protuberâncias fantasmagóricas.

Manny segura Bel e o puxa bruscamente no momento em que as coisas brancas começam a nascer da fenda na qual ele estava pisando. Mais delas se embrenham até mesmo pelas partes inteiras do asfalto. Ao perceber que as coisas brancas não brotam dentro do estreito círculo de solo batido que cerca a pedra do tulipeiro, e talvez por três ou quatro centímetros além dele, Manny puxa Bel para o círculo aparentemente protegido.

— O que são...?

Manny fica aliviado ao perceber que Bel claramente enxerga as coisas esbranquiçadas. Pelo menos não vai precisar explicar isso também. Bel recua contra a pedra, olhando em volta horrorizado enquanto as protuberâncias crescem e ficam parecidas com pequenas larvas.

— Nojento — diz a mulher.

Ela está em meio a um gramado de gavinhas, agora batendo em seu tornozelo, e o tentáculo que saía de sua nuca se dividiu em dois, ambos assustadoramente focados em Manny. Inacreditavelmente, em meio a isso tudo, ela continua a filmá-los. Ou — não só filmando? No instante seguinte, uma voz soa do alto-falante do celular. Manny não consegue entender o que ela diz, mas escuta a mulher dizer:

— Quero acionar a polícia. Há dois rapazes no Inwood Hill Park que, não sei, são ameaçadores. Acho que são traficantes de drogas, eles se recusam a ir embora. Além disso, eles estão transando.

— Olha, minha senhora, acho que você não *sabe* o que é transar — balbucia Bel.

Mais à frente, o casal ri entre si, embora Manny não ache que seja devido ao que Bel disse. Eles estão ocupados trocando carícias e não perceberam o que está acontecendo perto da pedra.

A mulher ignora Bel, atenta à conversa no telefone.

— Sim, eu vou. Estou filmando os dois. Sim. Aham. — Ela hesita, em seguida contorce o rosto e acrescenta: — *Afro-americano*. Talvez hispânico? Não sei dizer.

— Tá na cara que eu sou britânico-asiático, sua filha da puta imbecil! — Bel olha para ela, perplexo.

Enquanto isso, as gavinhas continuam a aumentar de tamanho e logo estarão grandes o suficiente para tocar Manny e Bel mesmo que os dois subam na pedra. O que provavelmente não seria de grande ajuda, visto que a pedra não é grande o suficiente para que duas pessoas possam subir.

Isso faz com que Manny se lembre de que a pedra *tem um significado*. Um objeto que contém poder — de alguma forma. Shorakkopoch, local da primeira transação imobiliária do que viria a ser Nova York. O que ele pode fazer com isso?

Ah. *Aaaah*.

Ele empurra Bel.

— Suba na pedra — ordena. — Preciso de espaço. E me dê tudo o que tiver na carteira.

Bel obedece, uma indicação do quão aterrorizado está, escalando a pedra e tateando o bolso traseiro.

— Pior assalto de todos, parceiro — brinca ele, com a voz trêmula.

Manny puxa a própria carteira do bolso. Ele percebe estar impressionantemente calmo enquanto a abre em busca de algo que sirva como a centelha de uma ideia em sua mente, e uma parte analítica e impessoal dele admira a ausência de medo. Ele *deveria* estar apavorado depois de ver o que as gavinhas fizeram com um ser humano. Como será ter seu corpo invadido e sua mente dominada por qualquer que seja a entidade à qual essas coisas obedecem?

Como morrer, ele conclui. E como uma parte dele já enfrentou a morte antes — ele fica subitamente ciente disso; por isso está tão calmo —, Manny decide que não é assim que ele vai morrer.

Não tem muita coisa em sua carteira. Alguns recibos, uma nota de cinco dólares, um cartão Amex, um cartão de débito, um preservativo que passou do prazo de validade. Não há fotos de pessoas queridas, o que ele vai estranhar apenas mais tarde. Uma identidade — mas ele imediatamente desvia o olhar do documento, renunciando à oportunidade de ver o nome que tinha antes da viagem de trem da manhã. Quem ele era antes não importa. Nesse momento, ele precisa ser Manhattan.

No instante em que seus dedos tocam um dos cartões de crédito, ele sente a vibração da estranha energia e do foco que o tomaram na FDR. Sim.

— Propriedades têm valor — ele sussurra para si mesmo, distraído do crescente e agitado gramado branco que o cerca. — Mesmo propriedade pública, como um parque. É apenas um conceito, posse de propriedade; não precisamos viver dessa maneira. Mas essa cidade, do jeito que é hoje, foi construída a partir desse conceito.

— *Por favor* me diga que você não está ficando maluco — exclama Bel, ajoelhado em cima da rocha. — Não acho que nós dois vamos conseguir lidar com um surto psicótico ao mesmo tempo. Acabamos de assinar um contrato.

Manny olha para ele — e atira a nota de cinco ao chão, pouco além do círculo da pedra. Ele sente mais do que escuta um repentino e fraco guincho vindo do lugar onde a nota pousou, e sabe o que aconteceu mesmo antes de olhar. No lugar onde a nota tocou o asfalto, os tentáculos ficaram *feridos*, e os que estavam próximos recuaram.

Bel lança um olhar para isso e desesperadamente tira várias notas amassadas de sua carteira. Algumas são de euro, algumas de libras esterlinas, dólares americanos e algumas são pesos; ele claramente viaja muito. Bel joga uma das libras. Ela cai perto da nota atirada por Manny, mas nada acontece.

— Eu disse pra me dar — diz Manny, arrancando o punhado de notas dos dedos trêmulos de Bel. Esse ato potencializa a sensação estranha; Manhattan foi construída não apenas por meio de valorização de propriedades, mas também por meio de roubo.

— Só estou tentando ajudar com essa *merda* — vocifera Bel. — Faça qualquer coisa absurda que tiver que fazer, eles estão chegando perto!

Manny começa a jogar as notas ao longo dos limites da massa branca, uma atrás da outra. Ele prontamente percebe que o dinheiro funciona, mas não muito. Uma nota de cinco libras neutraliza a área sob ela, mas nada além, e no momento seguinte ele já não consegue mais vê-la pois fica escondida atrás dos tentáculos que a cercam. Os euros e as libras funcionam, também, mas parece

depende de seu valor. Uma nota de cem dólares neutraliza não apenas sua própria área, mas também cerca de dois centímetros ao seu redor. Uma nota de cem euros neutraliza um pouco mais — mas o total é suficiente apenas para impedir que os tentáculos mais próximos toquem Manny. E se eles continuarem crescendo conseguirão alcançá-lo, não importa quantos centímetros adicionais de território tenha adquirido.

É isso. De repente, Manny compreende: ele está de fato *comprando* o território que cerca a pedra. Mas hoje em dia ele custa muito mais do que sessenta florins.

— Bel, você está familiarizado com os valores dos imóveis de Manhattan? Por metro quadrado?

— Você enlouqueceu.

Um dos tentáculos mais compridos avança em direção à coxa de Manny e ele o golpeia com uma nota de vinte dólares. A gavinha guincha e se retrai.

— Preciso muito saber. Por favor.

— Como é que eu vou saber, cacete? Eu moro de aluguel, não sou proprietário! Talvez dois mil dólares por metro? Quatro mil?

Então esse é o problema, percebe Manny, com um grunhido de pesar. Os imóveis em Manhattan são terrivelmente caros, e eles não têm dinheiro suficiente para comprar a própria vida.

Em um ato de desespero, ele atira seu cartão Amex, que tem o maior impacto até então, neutralizando um pedaço retangular de espaço do tamanho de um carro sedã. Aparentemente ele tinha um bom limite. Mas Bel não tem nenhum cartão, e há mais tentáculos para além do espaço que ele conseguiu liberar — e agora só resta a

Manny seu cartão de débito. Quanto ele tem em sua conta? Não consegue se lembrar.

— Está bem — diz a mulher, com satisfação.

Manny se espanta ao perceber que se esqueceu dela por um momento. Ela sorri na direção deles do meio do emaranhado mais denso de tentáculos que se agitam suavemente, sua cabeça e ombros agora ornamentados com pelo menos uma dúzia deles.

— A polícia está vindo. Gente como vocês podem já ter se dado bem usando drogas ou fazendo boquetes em plena luz do dia, mas não me mudei para cá para tolerar coisas assim. Vamos tirar vocês daqui, um por um.

A preocupação de Manny em relação aos preços do mercado imobiliário de Manhattan é ofuscada por um súbito medo que o faz engolir em seco. Se a polícia de fato vier — o que não é assim tão garantido; mesmo sendo novo na cidade, ele percebe que Inwood é uma região muito racializada para que se obtenha uma resposta rápida ou eficiente da polícia, especialmente em meio a uma emergência a nível municipal —, eles entrarão direto no campo de tentáculos, que cresce a toda a velocidade e agora cerca Manny e Bel. E se um dos tentáculos transformou uma mulher branca racista e intrometida em um canal para o mal existencial desencarnado, ele não quer pensar no que a polícia de Nova York se tornará se for contaminada.

Ele se prepara para jogar o cartão de débito, torcendo desesperadamente para que sua conta por acaso tenha alguns milhões de dólares... quando eles escutam outro celular.

New York, New York, big city of dreams...

À distância, é só uma confusão de sons distorcidos. Provavelmente um iPhone. Mas, em meio à confusão de sons, Manny consegue discernir palmas no ritmo de uma batida. Bateria eletrônica e... o ruído de vinil? Tipo em rap das antigas?

Too much... too many people, too much...

Manny se vira e se depara com uma mulher negra de pele clara vindo na direção deles por um dos caminhos que terminam na clareira da pedra Shorakkopoch. Ela é alta e robusta, tem uma postura ereta e coxas curvilíneas bem acentuadas pela saia lápis que lhe cai como uma luva. Parte do impacto que ela causa vem de todo esse estilo, completo com saltos e os volumosos cachos cor de mel, mas a maior parte vem apenas *dela*. Ela é uma presença impactante. Parece ser ou uma CEO a caminho de uma reunião extremante sofisticada ou uma rainha que por acaso está longe da corte.

Então Manny percebe que ela também está segurando um celular. No entanto, em vez de estar filmando, ela o usa para tocar música alta. A música não é da época de Manny, mas ele já a ouviu uma ou duas vezes, e... *ah*. Com cada mínima batida da bateria sintetizada, o gramado de gavinhas que tinha ocupado toda a clareira da pedra do tulipeiro começa a se retorcer em conjunto. Manny respira fundo, aliviado, enquanto a mulher pisa sobre as pedras fazendo com que os tentáculos se esquivem do enérgico clique de seus saltos. As gavinhas sobre as quais ela pisa *gritam* e guincham esganiçadamente enquanto se contorcem. E em seguida desaparecem. Quando ela aponta o celular para baixo, as que ainda não recuaram se retorcem como se cada batida fosse um golpe doloroso. Então elas se desintegram, sem deixar para trás

quaisquer resíduos ou sinais de que estiveram ali. As gavinhas *por todo lado* estão se desintegrando.

Too much... too many people, too much... Sim. A cidade pode acolher recém-chegados como Manny, mas entidades parasitas de outro mundo controladoras de mentes são o tipo mais grosseiro de turista.

— Somos cinco — murmura Manny.

Ele sabe quem, ou pelo menos o que, é essa mulher.

Bel o encara e balança a cabeça.

— Amigo, espero de coração que você beba. Vou precisar de alguma coisa bem forte e frutada depois disso aqui.

Manny ri, mais para liberar a adrenalina acumulada do que por qualquer outra coisa.

Quando o refrão termina uma última vez, todas as gavinhas sumiram, e a clareira se encontra exatamente como antes: árvores, grama, asfalto, um poste de luz, uma pedra, e Bel e Manny agachados para se defender contra (agora) nada. Até mesmo os tentáculos na nuca e nos ombros da mulher branca desapareceram — e ela olha estarecida para os três, especialmente para a mulher negra, com uma expressão cada vez mais alarmada. Só que. Ela ainda está filmando.

Manny e Bel se voltam para a mulher negra que finalmente para a música e guarda o celular em sua bolsa tote. (Uma Birkin, Manny percebe um tanto admirado. Aparentemente ele é o tipo de homem conhecedor de caríssimas bolsas Birkin.) Há algo familiar nela, mas Manny não consegue identificar o quê. Talvez seja só porque ela é como ele. Manny a observa, tomado por uma fome crescente.

— Então, tô imaginando que vocês ainda não descobriram como esse negócio funciona — diz ela aos dois. Ela escaneia Bel com o olhar, em seguida Manny, e se demora um pouco nele, cerrando um pouco os olhos. — Ah, tá. Só você, né?

Manny assente, engolindo em seco. Alguém como ele.

— Eu, hã, eu não sei nada. Você sabe? — Ele sabe que soa maluco, mas não consegue pensar em outra coisa para perguntar.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Bom, depende do que você está perguntando. Se está perguntando se eu comecei a ouvir do nada umas doideiras na minha cabeça e a ver essas coisas brancas tipo pena de pombo por todo o canto, então, sim. Se você quer saber por quê, eu não faço ideia. — Ela balança a cabeça. — Tive que matar três canteiros deles só para chegar à linha 3 do trem.

— Coisas tipo penas de pombo? — Mas Manny compreende que ela se refere aos tentáculos. Para ele, parecem criaturas do mar, mas vê a semelhança a raques de pena também.

— Gente do seu tipo são realmente os piores dos traficantes — acusa a mulher branca, balançando a cabeça. — Discutindo descaradamente suas drogas sintéticas.

Ao longe — Manny não consegue distinguir se estão se aproximando de fato ou apenas passando ao acaso —, eles conseguem ouvir sirenes de viaturas de polícia.

Já chega. Manny endireita a postura, cerrando o maxilar.

A mulher negra agora encara a mulher branca.

— Você realmente chamou a polícia por causa desses homens? Por quê, por andar em público sendo preto e asiático?

Ela solta um riso incrédulo. Enquanto o riso se dissipa, no entanto, Manny caminha até a mulher branca e arranca o celular de sua mão.

— Caramba — diz Bel, em tom mais de surpresa do que de censura.

Manny o ignora. A mulher deixa escapar um ganido e se prepara para gritar, mas, antes que consiga, Manny se aproxima e cobre a metade inferior de seu rosto com uma mão, tapando sua boca.

A mulher negra solta um palavrão, mas em seguida recua até um ponto em que ela tenha visão das duas trilhas vindas da floresta. A mulher branca agarra o braço de Manny, em vez de tentar se desvencilhar dele. É exatamente o que Manny esperava; ela claramente não está disposta a recuar diante de alguém que nem sequer acredita ter o direito de existir em público, menos ainda existir em seu espaço pessoal. Ela não está com medo, não de verdade. Ela deduziu que ele não ousaria agredi-la.

Está bem, então. Em questão de segundos, Manny solta o rosto da mulher e segura sua garganta. Ela arregala os olhos.

— Não grite — diz ele.

Ela respira. Em um movimento rápido, Manny aumenta a pressão do aperto e gira com a mulher em um tranco que a desequilibra, posicionando seu corpo de forma que fique entre ela e o casal na grama, impedindo que eles vejam o que está acontecendo. (Não que eles estejam prestando atenção. A julgar por suas posições e pela maneira como estão se mexendo, Manny suspeita que eles estejam, na verdade, filmando um vídeo transando em lugar público. Mas ainda assim não custa tomar cuidado.) Se por acaso eles chegarem a olhar para o grupo perto da pedra do tulipeiro, vai

parecer que Manny está apenas próximo da mulher tendo uma conversa particular.

A mulher congela, os tendões de sua garganta se tensionam pelo grito reprimido. Manny afrouxa o aperto assim que fica claro que ela entendeu o recado. Ele só quer mantê-la calada, não sufocá-la, e precisa ter cuidado com as mãos ou vai deixar marcas em seu pescoço. Sufocar alguém é uma arte.

(Como ele sabe disso, meu Deus?)

Quando ela se acalma, Manny pergunta, despretensiosamente:

— Traficantes não costumam dar fim em dedos-duros?

Ela respira cautelosamente, focando seus olhos nos dele. *Agora* ela está com medo. Manny sorri enquanto rola a tela do celular dela com a mão livre. Está tudo numa boa. Só uma intimidação amigável.

— Sempre ouvi dizer isso sobre traficantes — continua Manny, acessando os arquivos do celular dela. Pronto. Agora, aplicativos ativos. — Quer dizer, nós *não somos* traficantes. Mas, se fôssemos, não faz muito sentido você ter ficado aí parada filmando a gente, né? Não parece *seguro*, parece? Mas eu acho que você ficou filmando porque *não achou* que fôssemos traficantes. Porque nós éramos só pessoas normais cuidando da nossa própria vida, e nos ver confortáveis e tranquilos incomodou você. Então agora você se meteu em algo bastante perigoso. Não se mexa.

Ela fica paralisada com a autoridade nas três últimas palavras. Perto como está, ele consegue sentir a tensão em seu corpo. Foi fácil perceber que ela estava distribuindo seu peso, prestes a tentar se desvencilhar. Satisfeito, Manny continua a rolar a tela do telefone dela. Enfim.

— Vamos ver... Ah, você estava no Facebook. Transmitindo ao vivo? — Ele verifica as configurações. — Parece que não. E não está logada em nenhum app de backup...

Ele olha para o topo de seu perfil no Facebook e sorri prazerosamente.

— Martha! Martha Blemins. — A mulher emite um som angustiado sob sua mão. — É um nome muito bonito, Martha. E Blemins é um sobrenome muito diferente. Estou vendo que trabalha na Event Flight. Como analista de mercado? Parece muito importante.

Agora Martha Blemins está apavorada. Ela agarra o pulso de Manny com as duas mãos e ele consegue senti-la tremendo, as palmas levemente suadas. Lágrimas começam a cair de um de seus olhos. Ela está tão nitidamente prestes a entrar em pânico que Manny fica genuinamente surpreso quando ela encontra forças para falar.

— Você não pode me machucar — diz ela, sua voz tremendo. — É bom que não me machuque.

Manny sente uma intensa onda de tristeza tomando conta dele.

— Eu *posso* te machucar, Martha — confessa ele. — Sei como fazer isso e não seria a primeira vez que eu machucaria alguém. Eu acho... Acho que já fiz isso um monte de vezes.

De repente, ele percebe que é verdade. E odeia que seja *disso*, de toda a névoa cinzenta que é seu passado, que ele consegue se lembrar. A pulsação dela se acelera sob a palma da mão dele.

Isso vai traumatizá-la, ele está certo disso; é um assalto sem a parte do assalto. Ela nunca mais vai dormir tranquila em Nova York, nunca mais vai andar até o trabalho sem se preocupar. Ele entrou na mente dela e está acenando do topo da caixinha de suposições

que ela tem sobre Certos Tipos de Pessoa. O fato de que ela colocou essas suposições em prática sem motivo nenhum significa que ele não poderia ter feito nada para mudar o que ela pensa, mas ainda odeia o fato de que ele acaba de confirmar os estereótipos que ela acredita serem reais.

O som das sirenes se dissipa. Existe a possibilidade de que tenham apenas passado por lá a caminho de outro local, ou pode ser também que tenham estacionado a viatura e estejam se aproximando a pé. Hora de ir embora. Manny solta o pescoço de Martha, afasta-se e — depois de esfregá-lo cuidadosamente contra sua calça e segurando-o apenas pela ponta da capa — devolve o celular a ela. A mulher o pega e o encara, muda pelo choque.

— Tenha um ótimo dia, Martha — diz ele, sinceramente. Mas decide acrescentar mais uma coisa para que eles possam estar seguros do perigo que ela representa. Ele precisa soar mais ameaçador na mente dela. Então completa: — Espero que a gente nunca mais se encontre.

Então vai embora por um dos caminhos na direção contrária de onde vinham as sirenes. Bel fica um momento apenas olhando para ele, mas finalmente o segue. A mulher negra suspira, mas os acompanha, e Manny toma o caminho para subir a colina seguido pelos dois.

Martha fica onde Manny a deixou, sem emitir um som sequer e sem se virar para vê-los ir embora.

Eles estão quase na extremidade do parque — até agora nenhum policial — quando a mulher negra finalmente diz:

— Vou apostar que você seja Manhattan.

Ele desperta de sua melancolia e se vira para ela. A mulher está comendo o que parece ser uma barrinha de cereal que tirou da bolsa.

— É. Como adivinhou?

— Tá brincando? Caras como você... espertos, charmosos, bem-vestidos, frios o suficiente para estrangular alguém num beco, se houvesse becos? — Ela ri enquanto Manny tenta disfarçar quanto essa percepção o magoa. — Se você sacudir uma árvore na Wall Street e na prefeitura caem vários assim. Imaginei que você seria mais cruel, na verdade. O tipo de cara que não fica só nas ameaças.

Nem sempre fiquei, Manny pensa, desgostoso.

Bel faz um barulho com a boca que é alguma coisa entre engolir saliva e limpar a garganta.

— Então você se lembrou de quem é? — Quando Manny olha para ele franzindo o cenho, Bel sorri. O sorriso é triste e quase não alcança os olhos. — Digo, você voltou a ser o cara que eu conheci antes. O cara que tinha “alguma coisa” de estranho.

Manny considera várias respostas antes de decidir:

— Não.

— Você não parece muito certo disso, cara.

E ele não está, mas não quer falar a respeito. Para se distrair, ele pensa na mulher negra e tenta adivinhar.

— Queens? — Ela responde com um olhar tão indignado que ele rapidamente se corrige: — Brooklyn.

Isso parece apaziguá-la.

— Isso. Por acaso também é meu nome. Brooklyn Thomason. Sou advogada, embora não trabalhe mais na área. Migrei para a política.

O nome dela é Brooklyn mesmo. E ela *lembra* quem é. O que significa que qualquer coisa que tenha acontecido para transformá-los no que são agora não inclui perda de memória no pacote.

— Como você sabia? — pergunta ele, de repente. — Como me encontrar? Como sabia que tocar música ajudaria? Por que *eu* não sei nada disso?

Ela o encara de maneira inexpressiva, embora haja suor brotando em sua testa depois da subida acelerada. Eles estão dando a volta no parque, Manny percebe. Sua noção geográfica foi completamente afetada pelas árvores, mas ele suspeita que estejam indo na direção sul e que sairão do parque em algum lugar perto... da rua Dyckman? Ele se lembra de ter visto isso em um mapa em seu celular.

— Você não é daqui, não é? — pergunta ela.

— Não. — Ele a olha, curioso para saber como ela sabe disso também. O casal alugando bicicletas na estação Penn pareceu acreditar que ele era um local.

Ela percebe a confusão de Manny e suspira. Ele tem a leve impressão de que Brooklyn não gosta de falar com ele, embora não saiba dizer o porquê. Talvez seja pessoal, ou talvez ela não goste de homens que intimidam mulheres no geral.

— Não sei como eu soube. Eu apenas sinto as coisas. Até agora, passei o dia todo nisso. Fazendo e pensando coisas que não fazem sentido algum, só porque eu sinto que é o que tem que ser feito.

Manny respira fundo, soltando o ar lentamente para tentar se acalmar.

— É. Eu também.

— Fico feliz por não fazer a mínima ideia do que vocês estão falando. Soa... hum... preocupante. — Bel está mais calmo agora, e seu sotaque regional carregado já se suavizou e se transformou no sotaque britânico genérico.

Brooklyn solta uma risada sarcástica e em seguida volta a se focar em Manny.

— Eu ouço... coisas... desde criança — confessa ela. — Vozes indistintas, sentimentos, imagens. Já senti coisas também, leves tremores e suspiros e toques. Já faz tanto tempo que eu nem dou mais atenção. Houve uma época em que eu respondia. Nunca contei a ninguém que eram músicas me declarando para a cidade, mas nem todo mundo precisa saber de tudo.

Seu rosto está inexpressivo, e então ele compreende o que a desagrada. Não ele, mas o fato de ter que falar sobre coisas tão nitidamente particulares. Manny assente em resposta, tentando demonstrar que não usará aquilo contra ela, mas Brooklyn apenas balança a cabeça, irritada com a situação de qualquer forma. É nesse momento que alguma coisa em seu olhar aborrecido causa um estalo no cérebro de Manny. Ele para de andar repentinamente, como se tivesse se dado conta de algo. Ela para também depois de um ou dois passos e se vira na direção dele, visivelmente relutante. Dessa vez é possível ver pela expressão dela que está prendendo a respiração, como se estivesse se preparando para alguma coisa. Essa é a confirmação da qual ele precisava.

— Caramba. Você é a MC Free.

— Quêêêêêêêê? — Bel também para de andar, olhando para ela. — Caralho, é você mesmo.

— Não, meu nome é Brooklyn Thomason — responde ela, de maneira gentil, mas firme. — Mc Free era meu nome artístico trinta anos e treze quilos atrás. Hoje em dia trabalho na Câmara Municipal. Tenho um diploma de direito e uma filha de catorze anos e ainda faço uma grana por fora alugando imóveis. — Então ela suspira, relaxando. — Mas... sim. Eu já fui a Mc Free.

— Meu Deus — diz Bel, em um tom de clara admiração. — A maior das primeiras mcs mulheres. Você foi a maior *febre* em Lewisham naquela época. Eu cresci ouvindo suas músicas.

A expressão de Brooklyn se torna ligeiramente aborrecida.

— Toda vez que alguém me diz isso, aparece um novo cabelo branco. Percebeu que agora pinto o cabelo?

Bel se retrai e entende o recado para mudar de assunto.

— Ahhhhh, desculpa. Vou calar a boca.

Todos eles calam a boca por um momento porque a subida os deixou cansados. Num impulso, Manny ergue os olhos em direção às copas das árvores enquanto caminham. É mais fresco ali na sombra da floresta do que nas ruas asfaltadas e nas calçadas de cimento. É estranho pensar que provavelmente há animais selvagens nessa floresta, como guaxinins e talvez veados e coiotes; ele leu uma vez que eles estão reaparecendo em algumas áreas na cidade. Mas também há outros tipos de animais à solta. Quantas outras pessoas, além de Martha Blemings, terão sido atacadas ali? Quantas foram as agressões, os esfaqueamentos, os estupros? Vilarejos inteiros de tribos Lenape foram expulsos da cidade e de seus arredores pelos holandeses; quantos deles morreram nesse processo? Quão incrustada de sangue e medo está a fundação dessa cidade?

Eu sou Manhattan, pensa ele novamente, dessa vez com um lento e crescente desespero. *Cada assassino. Cada traficante de escravos. Cada senhorio ganancioso que desligou o aquecimento e deixou que crianças congelassem até a morte. Cada corretor de valores que enriqueceu às custas de guerra e sofrimento.*

É a pura verdade. Mas não quer dizer que ele precisa gostar dela.

Eles chegam à rua Dyckman depois de um tempo. O trânsito engarrafado significa que a hora do *rush* começou. As aulas já acabaram, e as escolas enviam montes de crianças da mesma idade para a rua para circular pelas calçadas. Ninguém está olhando para Manny e os outros quando eles saem do parque. Se a polícia realmente respondeu à ligação de Martha, não há sinal dela por perto. Mas, é claro, considerando o que aconteceu na Williamsburg, eles provavelmente nem se incomodaram em vir.

— E agora? — pergunta Manny.

Brooklyn suspira.

— Não faço ideia. Mas vou te dizer uma coisa: tenho certeza de que tem uma razão para tudo isso estar acontecendo do nada. — Ela olha para ele. — Você sabe que o negócio da ponte tem a ver com isso, não é?

Manny a encara. Bel olha de um para o outro, incrédulo.

— A Williamsburg? O quê? Ela caiu por causa... — Ele gesticula vagamente na direção da pedra do tulipeiro. — Por causa daquelas coisas molengas e daquela *outra* mulher?

Brooklyn faz uma expressão curiosa.

— Outra mulher?

— A mulher em que a senhora Xereta Parker se transformou, por um momento. Antes de você chegar. — Ele estremece. — Nunca vi

nada mais sinistro, exceto por aquelas coisinhas brancas horríveis.

Brooklyn balança a cabeça, confusa, e Manny explica o que aconteceu. Acaba sendo difícil encontrar as palavras certas para contar o que eles viram, embora depois de algumas tentativas consiga fazê-la entender que a mulher que viu era apenas uma hospedeira momentânea para outra pessoa ou outra coisa.

— Ela controla aquelas coisas — diz ele, gesticulando em direção à sua própria nuca enquanto Brooklyn absorve o que acabou de contar. — Tenho certeza disso. Os que estavam na FDR, também. Tudo que aqueles tentáculos tocam.

— Algo me disse para evitar a FDR hoje. Não que eu normalmente use o carro, de qualquer forma; peguei o metrô. — Brooklyn respira fundo. — Foi assim que eu, sei lá, senti você? Teve uma reunião de gestão de crise para líderes municipais lá em Washington Heights. Eu estava prestes a ir para casa, mas alguma coisa me disse que eu deveria, na verdade, pegar o metrô para o centro. E a, hum... a coisa, ficou mais forte à medida que eu chegava mais perto de você. E então você tava lá, metido numa enrascada.

— Há cinco de nós — diz Manny.

Ele observa a reação de surpresa de Brooklyn ao entender o que isso significa.

— Ah, merda. Você acha que os outros três estão em perigo também. — Ela balança a cabeça com a expressão fechada. — Olha, estou feliz por ter conseguido ajudar você, mas... Eu não estou procurando um emprego extra. Eu tenho uma filha, meu pai está doente. Se quiser tentar encontrar os outros, vá em frente. Preciso ir pra casa.

Manny faz menção de tentar persuadi-la, mas algo em sua visão periférica chama sua atenção. Ele se vira para procurar o que viu e então está olhando para o outro lado da rua, onde há uma pequena mercearia de esquina. Logo ao lado há uma lavanderia que fez a gentileza de disponibilizar um pequeno e frágil banco logo em frente. Um homem idoso está sentado nele, segurando a coleira de seu cachorro. Ele está distraído conversando em espanhol com outra mulher, em pé na porta da lavanderia; eles estão rindo de alguma coisa. Mas o cachorro observa Manny e os outros dois com um olhar fixo e resoluto que não se parece em nada com o olhar de um animal.

Então Manny olha com mais atenção. Entre os dedos de suas patas, como pedaços de grama espectral provenientes da última caminhada, estão meia dúzia de tentáculos brancos se mexendo suavemente.

Brooklyn também os vê.

— Essa porra só pode ser brincadeira.

Olhando para o cachorro enquanto sente comichões por toda a pele, Manny diz:

— Foi o que aconteceu na FDR. As gavinhas, tudo que chegou perto delas...

— Como uma maldita doença — completa Brooklyn, respirando fundo.

Bel está olhando para o cachorro também. Ele estreita os olhos como se estivesse com dificuldade para enxergar as gavinhas, mas logo em seguida faz uma careta e estremece visivelmente.

— Eu vi aquele senhor passeando com o cachorro mais cedo, quando estávamos caminhando. Se todo mundo que estava no

parque agora estiver, hum, infectado, então eu acho que em um ou dois dias vai ter tomado a cidade toda.

Os três ficam em silêncio por um momento, digerindo a informação.

— As coisas brancas sumiram daquela mulher quando eu me livrei dos outros — observa Brooklyn. Ela esconde bem, mas sua postura confiante se desfez ligeiramente ao ver o cachorro. O cachorro transforma a situação em algo traiçoeiro, sinistro. — Quando terminamos, ela estava marinando em sua própria maldade e só.

Manny pensa sobre a onda de força que propagou para além da FDR como resultado de sua pequena façanha com o táxi. Agora ele tem uma ideia do que é aquilo: a energia da cidade, dissipando-se ao redor em uma onda circular quando Manny já não precisava dela de maneira concentrada. Qual terá sido a extensão do alcance da onda de energia? Ele não consegue adivinhar, mas se lembra de ter visto morrer todas as gavinhas que ela tocou.

Uma arma poderosa — se Manny conseguir descobrir como usá-la adequadamente. Ele se vira para Brooklyn.

— Olha, não posso obrigar você a me ajudar, mas se eu for fazer isso sozinho preciso de um curso rápido sobre como ser nova-iorquino.

Ela pisca. Então há uma outra daquelas mudanças peculiares em que o mundo fica dobrado — e ali na outra Nova York, na Nova York estranha, a perspectiva dele está repentinamente mais ampla, maior do que o normal. Escala macro em vez de micro. Nessa outra realidade, ela se ergue acima dele, vasta, grandiosa, sólida e rica em diversidade. Não apenas mais velha, como também maior. Mais

forte de diversas maneiras; seus braços e seu tronco são densos com bairros musculosos, cada um com seus próprios ritmos e suas próprias reputações. Williamsburg, enclave do judaísmo chassídico e refúgio artístico transformado em um marco zero hipster. Bed Stuy (tudo ou nada). Crown Heights, onde hoje as únicas insurreições acontecem na disputa por lugares no brunch. A mandíbula dela está cerrada com a ferocidade teimosa dos velhos mafiosos de Brighton Beach e da resistência da classe trabalhadora do Rockaways contra a inevitabilidade brutal da subida do nível do mar. Mas também há flechas no coração de Brooklyn. Talvez não tão altas quanto as dele, e algumas delas talvez sejam apenas as torres alegres e extravagantes de Coney Island, mas todas são tão brilhantes e acentuadas quanto as dele.

Ela é Brooklyn, ela é poderosa, e nesse instante Manny não consegue evitar amá-la, sendo ela uma estranha ou não. Logo em seguida ela volta a ser uma mulher de meia-idade, exibindo um sorriso largo e brilhante.

— Acho que posso ajudar você nisso — ela consente. — Acho que *preciso*, se essa merda estiver mesmo se espalhando. Mas não tem um jeito único de fazer parte dessa cidade.

Ela liga e desliga o linguajar como se estivesse trocando de roupa, sem esforço algum e de maneira extremamente natural. Manny observa atentamente, tentando aprender o ritmo, tentando acompanhar.

— A maioria das pessoas leva pelo menos um ano para realmente sentir a vibe da cidade.

A *váibi* da cidade, ouve ele. Os lábios dela se mexem como se houvesse um *i* na palavra. O sotaque acrescenta letras extras às

palavras e significados extras aos pensamentos.

— Vou me esforçar para entrar na vibe — responde ele, deliberadamente adicionando um *i* à última palavra e experimentando a sensação.

Não soa muito bem. Brooklyn em vez de Manhattan. Mas já é melhor do que o sotaque do centro-oeste que atualmente infesta sua linguagem, e que ele então conscientemente decide abandonar. Não pertence a esse lugar.

— Deixa eu ligar pra minha família — avisa ela, finalmente, com um suspiro. — Vou dizer a eles que vou demorar pra chegar em casa. Depois vamos procurar um café ou...

Então os dois sentem a mesma coisa. No outro mundo, Brooklyn e Manhattan recuam — tanto quanto é possível para entidades com alicerces em vez de pés — para abrir espaço para a explosiva e radiante aparição de outro como eles no horizonte.

No mundo das pessoas, eles se entreolham e murmuram em uníssono, ambos adotando um sotaque inglês perfeito do sul da Índia:

— Ah, faça-me o favor. *O formato da terra* é não euclidiano. Tudo o que isso significa é que você usa uma matemática diferente! Não confunda as coisas.

Bel encara os dois.

— Essa é a coisa mais bizarra que eu vi hoje, depois do espaguete alienígena controlador de mentes.

— Certo — diz Brooklyn. — Vamos pegar o ônibus municipal, então. Tem um ponto a algumas quadras daqui.

Manny assente. Intuitivamente, ele sabe que precisam ir, embora ainda não conheça a cidade muito bem para compreender o que

está sentindo.

— Onde...?

— Queens — responde Brooklyn. — Merda. Aquilo foi o Queens.

É claro. Manny respira fundo e se volta para Bel.

— Acho melhor você voltar para casa. Desculpe, mas... As coisas vão ficar estranhas. Mais estranhas.

Bel se remexe e solta um assovio.

— Como as coisas já estão muito mais estranhas do que eu consigo lidar, eu concordo. Vá com Deus e pela sombra. — Ele dá um passo para trás e acena. — Mas tenta não ser comido pelas pessoas-espaguete, por favor. Mesmo com essa coisa toda, você não é o pior colega de casa que eu já tive.

Manny responde com um sorriso torto e acena em despedida, virando-se em seguida para seguir Brooklyn, que parte na direção do ponto de ônibus. Ele espera até que estejam a cerca de uma quadra de distância de Bel e muito longe do cachorro infestado de tentáculos antes de dizer:

— Tem algum motivo para não pegarmos um táxi?

— Não tenho certeza do que dizer ao taxista — explica Brooklyn.

— O Queens é enorme; não dá pra só “sentir a força” aleatoriamente lá. Vamos pegar o ônibus municipal até um lugar onde possamos pegar o ônibus 7. O transporte coletivo me trouxe até você, então acho que tenho a esperança de que isso vá acontecer outra vez lá. Já que entrei nessa agora, eu acho. Já era ir pra casa. — Ela suspira.

— Certo.

Tudo é frustrantemente nebuloso, mas Manny entende por que ela está caminhando rápido e por que eles não estão esperando até

que seus novos e peculiares instintos forneçam direções mais concretas e precisas. A crescente e nervosa sensação de urgência dentro dele é incontestável. Queens está em algum lugar, personificando-se, e essa pessoa está em perigo. Se eles querem ajudá-la de alguma maneira, precisam se apressar.

Embora. Bom. Manny tem quase certeza de que já é tarde demais.

NOSSA SENHORA DE (STATEN) AISLYN

Chegou a hora.

Aislyn Houlihan está no terminal St. George da balsa de Staten Island tremendo. Ela está ali há vinte minutos, tremendo. Há assentos vagos porque ainda é bem cedo, antes do horário de pico, quando a balsa não está nem perto de encher, mas ela preferiu ficar andando de um lado para outro em frente às janelas de vidro em vez de se sentar. É melhor tremer enquanto caminha.

O terminal não passa de um recinto grande e iluminado com capacidade para algumas centenas de pessoas. Não há nada ali que inspire medo. Suas paredes estão cobertas por propagandas de filmes a que Aislyn não planeja assistir e de maquiagens que ela provavelmente jamais vai usar. As pessoas sentadas ou em pé perto dela são *dela*, são suas pessoas; ela sente isso instintivamente, mesmo que sua mente tente resistir à ideia quando seu olhar passa por rostos asiáticos ou quando seus ouvidos captam fragmentos de conversas cujo idioma provavelmente não é espanhol, mas definitivamente não é inglês. (*Quechua*, suspiram seus novos e estranhos sentidos, mas ela não quer ouvi-los.) No entanto, eles não estão incomodando ela e há muitas pessoas normais ao redor, então não há uma boa razão para que ela esteja apavorada como está. Medo nem sempre existe por uma boa razão.

O sistema de som emite um anúncio distorcido e as enormes portas de um dos lados do recinto se abrem abruptamente. Do lado de fora há um píer externo onde a balsa das 14h30 se prepara para partir. As cerca de cem pessoas que se amontoavam pelo terminal começam a se encaminhar para ela, e após um momento Aislyn tenta segui-las.

Desde o primeiro passo está tudo errado. Tudo parece errado. Os habitantes de Staten Island normalmente pegam a balsa no sentido de *ida* pela manhã, deixando a ilha mais silenciosa e mais vazia. Mas agora já é de tarde. Em toda a cidade — Manhattan é sempre a *cidade* — milhares de moradores de SI começam a ficar ansiosos pelo fim do expediente de trabalho, inquietos em seus assentos modernos, pensando em um lugar onde ainda existem florestas e fazendas e praias quase que inteiramente preservadas, e onde a maior parte das famílias moram em casas discretas e têm um carro na garagem, como pessoas normais. O que Aislyn está fazendo é *saindo* da ilha em um horário em que a maioria das pessoas quer *retornar* para ela. Está nadando contra a correnteza, invertendo a polaridade. A sensação de que aquilo é errado faz pressão contra sua pele. A raiz de seus cabelos formiga. Ela tenta manter os pés em movimento mesmo assim, deixando-se levar pelo fluxo para enganar a sensação de que há algo errado. Passando pelas portas. Do lado de fora, já no píer, indo em direção ao barco. Ela está escolhendo sua própria direção na vida! A sensação de que há algo errado é só imaginação.

Ou... talvez alguma outra coisa esteja acontecendo. Talvez não sejam as fortes rajadas de vento que dificultam seus passos, talvez sejam seus próprios pés de chumbo e suas pernas de concreto.

Talvez o formigamento no couro cabeludo não seja o vento castigando seu cabelo. Talvez seja a ilha — *sua ilha* — puxando-a como um aviso, por medo, por amor.

Ou talvez seja o começo de um ataque de pânico.

Ela tenta resistir e se manter firme, e consegue chegar até a rampa que leva as pessoas a bordo da balsa. *John F. Kennedy* é o nome da embarcação, exibido numa placa na casa do leme; esse é o nome de sua angústia. Teria JFK pressentido algo antes de alguém — a máfia, segundo seu pai, e um maluco qualquer, segundo sua mãe — explodir seus miolos? Se ela entrar nesse barco, estará indo para uma cidade onde coisas assim acontecem com frequência. As pessoas matam umas às outras em SI também, acontece o tempo todo, mas é diferente na cidade. Tudo é diferente lá.

Se ela entrar nesse barco, vai voltar diferente.

Ela leva uma forte cotovelada.

— Ei, tá atrapalhando a passagem.

Se ela entrar nesse barco, voltará *errada*?

Alguém coloca a mão em seu braço. A rampa está tão abarrotada que a pessoa chega a trombar contra ela, resmungando um palavrão quando a multidão os empurra para a frente, e a mão comprime o seio direito de Aislyn. Não dói e é claramente um acidente, mas, quando ela olha em volta para ver quem a está tocando, seu olhar pousa sobre uma pele tão escura que é como olhar para uma bola mágica antes de o visor de plástico exibir os dizeres: ENTRE EM PÂNICO.

Seus pensamentos entram em ebulição — SAIA DE PERTO TIRE A MÃO DE MIM NÃO ENCOSTE EM MIM ME TIRE DAQUI — e seu corpo se tensiona mesmo sem nenhum estímulo consciente. Agora ela está

se movendo na direção contrária ao fluxo (mas enfim de acordo com os desejos da ilha), esquivando-se do horripilante toque de um estranho atrás do outro e se perguntando o tempo todo quem está gritando de maneira tão angustiante. Apenas mais tarde ela reconhece a própria voz. As pessoas ao seu redor ficam paralisadas ou se desvencilham da mulher maluca, mas continuam perto demais. Esmagando-a. Ela se contorce, desviando deles, já em direção às portas de vidro.

— Ei, ei, ei — diz alguém, soando como se fosse tentar pará-la.

Quem é? Ela não pode permitir que aquele cara negro a toque novamente.

É uma mão branca que segura seu pulso. Ela não vê a quem elas pertencem, mas crava suas unhas na carne antes de se desvencilhar com um puxão violento. Mais alguém grita e a multidão abre espaço e finalmente, finalmente ela está livre.

Aislyn passa correndo pelas portas de vidro, pelo terminal. Há um policial saindo do banheiro individual para famílias, ainda fechando o cinto e segurando uma cópia dobrada do *Post* debaixo do braço. Ele grita para ela, e Aislyn sabe que deveria parar. O pai disse a ela várias e várias vezes: *Só criminosos correm*. E ela arranhou alguém, isso não é agressão? Agora ela é uma criminosa. Vão levá-la para RIKERS ISLAND, que é uma ilha completamente diferente da dela, e muito pior. Vão obrigá-la a deixar SI, vão *forçá-la* a entrar em um barco policial, e jamais permitirão que ela retorne—

— Mas ninguém pode obrigar uma cidade a fazer algo que ela não quer fazer — diz alguém próximo, em um tom enigmático, e Aislyn olha para a esquerda e se depara com uma mulher correndo ao seu lado.

Ela fica tão surpresa que tropeça enquanto corre. A mulher rapidamente estica a mão para equilibrá-la e ambas diminuem até parar. Ela fica um pouco surpresa ao se encontrar já bastante longe do terminal, entre duas plataformas de ônibus. Os transeuntes olham para ela ao passarem e Aislyn se encolhe sob seus olhares, mas a brisa funcionou para tirá-la de seu estado de pânico. Ela engole devagar, começando a se acalmar.

— Calma, calma — diz a mulher, que agora segura seus ombros.

Ela sorri de maneira tranquilizadora, e tem uma imagem tranquilizadora também: cabelo loiro-platinado em um corte curtinho, emoldurando um rosto pálido e de olhos cinzentos. Ela usa sapatilhas planas que claramente não atrapalham sua habilidade de correr a toda a velocidade. A calça jeans branca que está usando provavelmente é de marca; sua blusa branca com certeza é. A mulher continua a falar enquanto Aislyn a observa, aturdida e sem fôlego.

— Está melhor? Não tem nada perigoso aqui. Nada de barco. Nada de água. Nada de imigrantes ilegais encostando em você. Ninguém a pressionando para atravessar o porto! Eu não a culpo nem um pouco, por sinal. Manhattan tem sua beleza, mas ele é todo nervosinho.

O teor absurdo desse monólogo dissipa os resquícios de pânico de Aislyn. Manhattan é uma coisa, não é? Não um “ele”. E... *nervosinho*? Ela não consegue conter um riso, apesar de tudo.

Mas, antes que possa processar melhor aquelas palavras, seu telefone começa a tocar. Ela pula de susto. A mulher, absurdamente, acaricia seu ombro — ela está acariciando Aislyn desde que se encontraram, como se estivesse determinada a

substituir por conta própria a memória de todos os toques estranhos pelo dela —, mas, de um jeito esquisito, isso faz com que Aislyn se sinta melhor. Ela pega o celular e lê na tela: MATTHEW HOULIHAN (PAPAI).

— Onde você está? — pergunta ele assim que ela atende.

— Resolvendo umas coisas — responde ela. Nunca foi boa em mentir, e seu pai é ótimo em descobrir quando ela está tentando, por isso ela sempre se certifica de acrescentar algum nível de verdade ao que diz a ele. Ela de fato fez uma parada no mercadinho a caminho da balsa, para comprar alho. — Comprei algumas coisas no mercado e agora estou olhando umas lojas. Tudo certo no trabalho?

É sempre melhor fazer com que ele se foque em si mesmo do que nela. Ele suspira e morde a isca.

— Estou ficando farto desses *imigrantes* — reclama o pai.

Ele sempre toma cuidado para usar palavras aceitáveis quando está trabalhando, em vez das palavras que usa em casa. É assim que policiais entram pelo cano, ele explicou. Não sabem como manter palavras de casa em casa, e palavras de trabalho no trabalho.

— Essa *gente*. Tive que prender um cara hoje de manhã... estava lá, sentado dentro do carro, sabe? Imaginei que estivesse traficando. Não encontrei nada, mas ele não tinha documento algum, sabe? Então verifiquei sua placa e disse que ia chamar o serviço de imigração. Só para dar um sacode nele, sabe como é. Ele estava se achando o tal. Disse que era porto-riquenho, que eles são *cidadãos*, me xingou de várias coisas, começou a falar sobre entrar naquele negócio de Twitter para reclamar de *profiling*. — Ela

quase consegue ouvir seu pai revirando os olhos. — Então é, eu realmente *perfilei* ele. Direto para a cela, por desacato.

Transformar os monólogos do pai em uma conversa era uma habilidade que Aislyn havia aperfeiçoado. Escolha algo em sua última frase, faça uma pergunta relacionada a isso, distraia-o novamente. Só assim ela conseguiu criar espaço para seus próprios pensamentos ao longo dos anos.

— Desacato, papai? Você está bem?

Ele parece surpreso em ouvir isso, e também satisfeito, o que é bom.

— Ah, não, Maçãzinha. Não se preocupe com seu velho. Se ele *tivesse* me agredido, teria levado um chute em sua cabeça achatada. Não, eu só precisava de um motivo para levá-lo.

Ela consegue ouvi-lo dando de ombros. Então ele ri.

— Ele disse que estava ouvindo música New Age no rádio para relaxar, dá pra acreditar? Essa gente.

Aislyn assente distraidamente enquanto ele fala sem parar, espiando em volta e tentando se lembrar de que ônibus deve pegar para o caminho de volta da balsa até sua casa. Enquanto faz isso, no entanto, seus olhos se voltam para a mulher misteriosa, que ainda está ali com uma mão em seu ombro. Aislyn mal sente a mão dela; os nervos de sua pele não parecem detectar o peso ou o calor da mão como seria o esperado. Por outro lado, seu outro braço — o que o homem negro segurou na rampa da balsa — ainda formiga. Teria ele feito algo com ela? Haveria drogas em suas mãos, e estariam elas sendo absorvidas por sua pele? Seu pai já a alertou sobre algumas drogas que funcionam assim.

Mas o que chama sua atenção é o que a mulher de roupa branca está fazendo, de vez em quando, parada ao lado de Aislyn. Com sua mão livre, ela toca outras pessoas enquanto elas passam pela calçada — não todas, apenas uma pessoa aqui e ali, e apenas um toque amigável no ombro. Eles não parecem notar. Mas, quando um homem para e se abaixa para amarrar os sapatos, Aislyn vê algo estranho. Onde a mulher o tocou, há uma fina e pálida protuberância saindo do tecido de sua camiseta. Enquanto Aislyn observa, ela aumenta de tamanho e espessura, crescendo até se agitar por cima do ombro do homem, com cerca de quinze centímetros, mexendo-se com a brisa. É branca e tem a espessura parecida com a de um fio de lã.

Certo, isso é superesquisito. Também é esquisito que a mulher do cabelo loiro-platinado decidiu ficar tão próximo de Aislyn quando ela claramente está no meio de uma ligação particular. Talvez ela só esteja tentando se certificar de que Aislyn está bem.

Seu pai está relaxando. Mas bem quando Aislyn pensa ter se safado, ele complementa:

— Enfim, eu acabei de ouvir um alerta na frequência e, bem, pensei em você.

Aislyn fica tensa. *A frequência* é como seu pai chama a rádio policial.

— Disseram que uma garota com a sua descrição causou um tumulto e agrediu alguém.

Isso também é um hábito: Aislyn ri para desanuviar. Ela sabe que parece nervosa. Ela sempre parece estar nervosa.

— Não tem muitas garotas brancas de cabelo castanho na casa dos trinta por aí?

Ele ri também, e ela relaxa.

— Sim. E eu não imagino você cortando alguém com uma faca.

— (*Uma faca?* Ela se surpreende. Bem, suas unhas são bem compridas.) — Ou pegando aquela balsa.

Aislyn retesa o corpo involuntariamente. A mulher de branco dá palmadinhas em seu ombro novamente, sussurrando algo tranquilizador, mas dessa vez não ajuda tanto assim.

— Eu poderia pegar a balsa — Aislyn deixa escapar. — Se eu quisesse.

Ele ri de um jeito que a irrita.

— Você? A cidade te devoraria, Maçãzinha. — Então, como se pudesse ouvir sua ofensa ou se importasse, sua voz se atenua e toma um tom mais suave. — Você é uma boa garota, Aislyn, e a cidade não é o lugar para pessoas boas. O que eu sempre te disse?

Ela suspira.

— Tudo o que acontece em outros lugares acontece aqui também, mas aqui as pessoas pelo menos *tentam* ser respeitáveis.

— Isso. E o que mais?

— Fique onde você é feliz.

— Isso. Se a cidade um dia se tornar o lugar que te faz feliz? Vá para lá. Mas enquanto for aqui? Fique em casa. Não há nada de errado em ficar em casa.

Sim. Ela repete isso a si mesma todos os dias de sua vida adulta, para se consolar pelo fato de que é uma mulher adulta que ainda mora com os pais. É uma mentira. Ela está solitária e envergonhada e ainda não perdeu a esperança de levar uma vida empolgante e sofisticada, em algum lugar, algum dia. Mas esse é o tipo de mentira

da qual ela precisa, especialmente diante de sua desastrosa tentativa de embarcar na balsa.

— Eu sei. Obrigada, papai.

Ela sabe que ele está sorrindo.

— Avise à sua mãe que chegarei mais tarde hoje. Prisão é sinônimo de papelada. A porra dessa gente. — Ele suspira como se o homem porto-riquenho andasse por aí ouvindo New Age e sendo não branco apenas para atrasá-lo para o jantar, e desliga.

Aislyn guarda o celular e finalmente ajeita a bolsa no ombro para se recompor — ou pelo menos tenta. A estranha mulher ainda segura seu ombro, embora esteja com uma expressão confusa, como se estivesse se perguntando como sua mão foi parar lá. Aislyn olha para a mão dela também.

— Hã, algum problema?

— O quê? Ah. — A mulher finalmente afasta a mão e sorri. O sorriso é levemente forçado. — Problema nenhum. Só vou ter que fazer isso da maneira mais difícil, pelo jeito. — Então seu sorriso aumenta, parecendo mais verdadeiro. — Mas sei que estou certa sobre você.

Pela primeira vez, Aislyn começa a se sentir apreensiva. A mulher não parece amedrontadora, mas há algo de estranho nela.

— Certa sobre o quê?

— Bom, para começar, eu não consegui te converter. — A mulher cruza os braços e se vira de costas para a estação da balsa, em direção ao aglomerado de prédios corporativos e residenciais que domina esse lado da ilha. — Você tem a inclinação certa, mas, embora a cidade tenha acabado de renascer, hoje mesmo de manhã, você já está ligada o suficiente com a essência desse lugar

para que eu não consiga atraí-la. Você até *cheira* como uma cidade agora, e não como um ser humano normal.

A mulher dá de ombros. Aislyn tenta decifrar o que acabou de ouvir, então discretamente inclina a cabeça para tentar sentir o cheiro de suas axilas.

A mulher começa a murmurar para si mesma enquanto olha fixamente para o ordinário horizonte urbano de St. George.

— Não tenho tanto problema desde Londres. Costuma ser mais fácil isolar os vetores. A morfologia urbana desafia a previsibilidade, é claro, mas há manifestações epigenéticas, fluxos metabólicos que precisam ocorrer de uma maneira perceptível. Mas é essa cidade, acho. — Ela balança a cabeça, com uma expressão de desprezo. — *Muitos* nova-iorquinos são Nova York. O quociente de aculturação é perigosamente alto.

Abruptamente, a mulher gira a cabeça para olhar para Aislyn. (É com isso mesmo que se parece, com um eixo giratório. Como se os músculos do pescoço fossem motores ou roldanas ou outra coisa mecânica.) Ela parece pensativa.

— Você sabe quem é?

— Hã, eu não, hã... — Aislyn olha em volta de novo. Qual é a plataforma do seu ônibus mesmo? Há muitas, e todas elas se parecem. Talvez ela devesse apenas escolher uma e andar até ela. Porque algo nessa mulher faz Aislyn sentir que precisa de uma estratégia de fuga. — Desculpe, mas não acho que...

Há um momento — mais tarde ela se lembrará dele com grande clareza — em que Aislyn sente uma mudança no foco da mulher. Até então, a mulher de branco estava... não muito presente. Por trás de seus sorrisos reconfortantes, havia uma distância e um...

interesse displicente, se é que isso existe. No entanto, subitamente, ela se torna *aqui*; ela se torna mais. Agora ela paira. Ela é só alguns centímetros mais alta do que Aislyn, mas dentro desses centímetros ela se eleva. Ela sorri, e, enterrada sob a sombra da mulher, Aislyn se sente pequena e esquecida e terrivelmente, irremediavelmente sozinha.

Mas quase ao mesmo tempo *aquele outro sentimento* cresce dentro dela. O sentimento que a atingiu em cheio pela manhã, bem enquanto ela lavava as louças do café da manhã pensando em *O segredo escocês*, o romance que ela estava lendo na noite anterior. Ela estava fantasiando um pouquinho, talvez, sobre ser uma orgulhosa e imponente aristocrata das terras altas escocesas que decide começar a dormir com o charmoso ajudante de estábulo estrangeiro, que não é negro, mas cujo pênis chega perto de ser, exceto pela glândula quando ele fica duro (essa parte é cor-de-rosa, e Aislyn não sabe dizer se isso é licença poética da parte da autora ou se é algo realmente possível).

Então, enquanto esfregava os ovos grudados na frigideira imaginando a cena de sexo do capítulo anterior, Aislyn começou a ouvir gritos em sua mente. Eram gritos brutos, vulgares, *coléricos* — gritos tão tomados por fúria que, se ela estivesse os ouvindo com os ouvidos, jamais teria conseguido compreender as palavras. Raiva cega. Em sua mente, no entanto, ela não havia apenas ouvido as palavras, como também as *reconhecido* e as *sentido*. Ela teve vontade de brigar, como o locutor daquelas palavras brigava em algum lugar. De alguma forma, ela entendeu isso. A agressão indireta a invadiu com uma fúria tão terrível, tão esmagadora, que ela precisou ir para o quarto e destruir um travesseiro. Ela não era

assim, nem um pouco. Ela jamais revidava. E, mesmo assim, nessa manhã ela rasgara o travesseiro até transformá-lo em trapos inúteis, depois se levantou de uma carnificina de espuma preenchida por um poderoso impulso de ir até a cidade. Ela havia se sentido tão poderosa em meio àquela fúria que, pela primeira vez em anos, realmente tentou.

Só para falhar. De novo.

Agora, no entanto, Aislyn sente aquela estranha força raivosa se revirando dentro dela de novo. Quem é aquela mulher para ficar em cima dela assim? Ela não pertence a esse lugar, Aislyn sabe. Aislyn pode ter medo da cidade, mas SI é a ilha *dela*, e ela não será *intimidada* em sua terra natal.

Mas antes que possa abrir a boca para gaguejar alguma variação devastadora de *saia daqui antes que eu chame a polícia*, a Mulher de Branco se inclina e sorri perto do rosto dela.

— Você é Staten Island — diz ela.

Aislyn se sobressalta. Não são as palavras que a surpreendem, mas o fato de serem ditas por outra pessoa. A mulher ri suavemente, os olhos examinando o rosto de Aislyn como se estivesse saboreando seu choque. Ela continua:

— A esquecida, a que só é lembrada para ser desprezada. O distrito que ninguém, incluindo seus residentes, consideram como Nova York “de verdade”. E, mesmo assim, aqui está você! De alguma maneira, apesar do desprezo e do desdém deles, você desenvolveu uma identidade cultural suficientemente singular para sobreviver ao renascimento. E hoje de manhã você ouviu o resto da cidade chamando por você. *Não ouviu?*

Aislyn recua um passo. Apenas por motivos de espaço pessoal.

— Não ouvi.

Mas ela ouviu. *Ela ouviu*. Ela ouviu o chamado bruto e provocador da cidade, e parte dela tentou respondê-lo. Foi assim que ela foi parar no terminal de balsa. Aislyn se distrai no meio da própria frase porque não precisa realmente dizer as palavras. A Mulher de Branco a conhece tão bem quanto Aislyn conhece sua ilha.

— Ah, pobrezinha — diz a Mulher de Branco, sua expressão ávida se tornando afetuosa tão rápido que a irritação de Aislyn se dissipa.

Tudo o que ela sente agora é um desconforto com a presença da mulher, que cresce a cada instante.

— Você não tem como evitar pressentir parte da verdade. Mas está sozinha em meio à vastidão disso tudo, não está? Apenas uma pequena alga flutuando em um mar esverdeado deles, convencida de sua falta de importância mesmo que represente uma ameaça para bilhões de realidades. Eu sentiria pena, se não fosse pela ameaça.

— Eu... — Aislyn a encara.

Alga? Meu Deus, teria a mulher acabado de chamá-la de *micróbio*?

— E agora você precisa viver essa verdade — continua a mulher.

Ela já não parece tão intimidadora, não como antes, pelo menos, mas o ar de preocupação condescendente que irradia não está menos intenso. Aislyn a observa, ainda tentando decidir se deveria se sentir ofendida. A mulher se inclina, chegando mais perto.

— Por isso você tem medo da balsa. Metade das pessoas nessa ilha detesta com todas as forças ter que cruzar aquelas águas todos os dias. Elas sabem que o que as espera do outro lado não é o

poder e o glamour que vemos daqui, e sim empregos ruins que pagam salários ainda piores, baristas arrogantes com coques samurais que empinam o nariz para fazer a droga de um café, vagabundas frescas de olhos puxados que mal falam inglês, mas faturam sete dígitos apostando com o *seu* plano de previdência, e feministas e judeus e travecos e prrrrrpessoas negras e *progressistas*, esquerdopatas por todos os cantos, transformando o mundo em um lugar mais seguro para toda sorte de pervertidos. E a outra metade da ilha são os baristas e as chinesinhas e as feministas, envergonhados por não terem dinheiro para se mudar para lá e abandonar Staten Island de uma vez. *Você é eles*, Aislyn! Carrega em você o medo e o rancor de meio milhão de pessoas, então, será que é de estranhar que parte de você queira fugir gritando?

A essa altura, a Mulher faz mais do que pairar sobre ela. Ela agita os braços, falando com sussurros tão altos quanto gritos, de narinas infladas e olhos arregalados. E Aislyn reage da forma como sempre faz quando alguém maior e mais alto começa a gritar; recua para dentro de si mesma, acuada, esquivando-se enquanto a Mulher se aproxima e segurando a alça de sua bolsa com as duas mãos como se ela fosse um escudo.

Ela consegue pensar em apenas uma coisa para dizer quando as palavras da Mulher se esgotam e ela fica em silêncio, com pequenas bolhas de saliva se formando no canto de sua boca.

— Eu... Eu não tenho um plano de previdência — balbucia Aislyn. A Mulher de Branco inclina a cabeça. Parece menos intimidadora.
— O quê?

— V-você disse... — Aislyn engole em seco. Ela não pode usar aquela palavra no terminal da balsa. É uma palavra para ser usada em casa. — Você disse, hum, que mulheres asiáticas estão gastando o meu plano de previdência. Mas eu, eu, eu não tenho um.

A Mulher de Branco olha para ela, estarrecida. Talvez seja a primeira vez que ouve algo tão insano quanto ela mesma. E, depois de um momento, ela explode em gargalhadas. É um riso horrendo. Prazeroso, mas horrendo. Agudo, ríspido demais, com um toque que a faz lembrar das meninas malvadas da época do colégio, ou talvez de um personagem de desenho animado com gargalhada de bruxa. Transeuntes na calçada recuam diante daquela risada, para em seguida encarar a mulher como se tivessem ouvido um aviso do além.

E mesmo assim, depois de um momento, Aislyn se pega sorrindo também. Levemente. Depois dando risinhos, conforme a tensão do momento se dissipa. A risada é mais do que contagiosa. Aislyn está infectada. Desenvolvendo uma conexão através da catarse. De repente, ela e a Mulher de Branco estão rindo juntas, tanto que os olhos de Aislyn ficam marejados pela força de sua própria gargalhada, e tão intensamente que, por um belo momento, todos os problemas parecem insignificantes. É como se elas fossem amigas há anos.

Quando o riso cessa, a Mulher de Branco esfrega um de seus olhos com um ar de arrependimento.

— Ai, ai. Essa foi boa. Preciso admitir que vou sentir falta desse universo quando tudo estiver terminado. É repugnante, mas tem suas pequenas alegrias.

Aislyn ainda ri, entorpecida por suas próprias endorfinas.

— Você às vezes diz alguma coisa, sei lá, normal?

— Não se eu puder evitar. — Com um leve suspiro, a mulher oferece sua mão para Aislyn. — Mas quero ajudar você. Diga que vai me deixar ajudá-la.

É um gesto automático aceitar uma mão solidária. Mas Aislyn franze a testa.

— Com o que, hã, eu preciso de ajuda?

— Com todo esse processo. Eu já assisti à sua espécie passando por ele centenas de vezes, e é sempre... turbulento. Eu *gosto* de você, Aislyn, pequena ilha, e é terrível o que vai acontecer caso o avatar primário finalmente acorde. Ele é um monstro. Quero salvá-la dele.

Graças ao duradouro e esclarecedor alívio proveniente do ataque de riso, fica óbvio para Aislyn que a mulher é desequilibrada. Ela sempre acreditou que pessoas desequilibradas ficassem principalmente na cidade — drogados sem-teto e estupradores com dreadlocks imundos que (ela supõe) são cheios de feridas causadas pelos piolhos e pelas DSTs. A mulher está limpa e bem-vestida, mas há um brilho alucinado e maníaco em seus olhos, e sua voz alegre e animada soa forçada. Ninguém é tão feliz assim. Ela claramente Não É Das Redondezas. Talvez seja imigrante também — legal, é claro. Talvez ela seja uma canadense que enlouqueceu por causa do frio e dos cuidados médicos gratuitos.

Ainda assim, ela é uma pessoa desequilibrada de quem Aislyn percebe gostar. E o mais importante é que ela diz querer ajudar — e de alguma forma ela parece saber das estranhas vozes na cabeça de Aislyn e de sua compulsão mais estranha ainda que a levou até o

terminal da balsa. Isso faz com que Aislyn se sinta mais receptiva do que normalmente seria.

Então ela estende a mão para que a mulher a aperte.

— Tudo bem, então. Meu nome é Ais...— Ela se perde no meio da frase ao se lembrar que a mulher já sabe seu nome. Como...?

— Staten Aislyn — completa a mulher, com uma risadinha, como se essa não fosse uma piada que milhares de pessoas fizeram ao longo de toda a vida de Aislyn.

Não pela última vez, ela se ressentiu do fato de seus pais terem optado por usar uma versão americanizada de *Aislyn* em vez da pronúncia irlandesa mais agradável. Então a mulher segura sua mão e a aperta com vigor exagerado.

— Sim. Prazer em conhecê-la parece apropriado, sim? Somos as duas entidades complexas para as quais os limites de espaço, tempo e carne significam alguma coisa! Vamos ser BFFs.

— Hã. O.k.

A mulher dá mais um apertão na mão de Aislyn e em seguida praticamente empurra sua mão para longe.

— Agora, já que você parece ter uma natureza receptiva, vamos começar a salvar esse nódulo local de sua realidade consensual de uma aniquilação existencial. Que tal?

— Na verdade, eu preciso mesmo ir para casa e... espere, o quê? Ela levou um segundo para processar a palavra *aniquilação*.

— Ficou sabendo do Incidente na Ponte?

Assim como *Mulher de Branco*, essas palavras também atingiram o status de letra maiúscula na mente de Aislyn.

— É claro, mas...

A mulher se vira na direção do horizonte de Manhattan, que forma um arco para além do telhado do terminal da balsa. A ponte em questão não é visível dali, mas os efeitos colaterais do incidente afetaram toda a região metropolitana durante todo o dia. Enquanto estão ali, um trio de aviões militares passa sobrevoando suas cabeças, fazendo uma curva para dar a volta no rio East. A mulher se balança de leve, equilibrando-se na ponta dos pés.

— Sabe o que fez a ponte cair? — pergunta ela a Aislyn. — Eu! Eu fiz. Foi um acidente, claro; eu estava mirando naquele merdinha, o primário. — O sorriso da mulher desaparece tão rápido quanto surgiu. — As cidades sempre lutam quando são atacadas, mas normalmente é uma luta justa. Força contra força, como deve ser. Mas ele atirou *conceitos* contra mim. Eu não fazia ideia de que a sua espécie tinha se desenvolvido a ponto de usar macroconstruções abstratas e energizadas em combate. Quem imaginaria que micróbios se tornariam seres nucleares? Foi aí que percebi que o momento para descrição já havia passado.

Aislyn encara a mulher, todo o seu desconforto esquecido em meio a choque e horror. *Terrorista!*, acusa sua mente... apenas para, em seguida, rejeitar essa ideia. Terroristas são homens árabes barbados que murmuram em idiomas guturais e querem estuprar moças virgens. Essa mulher é apenas louca. Então ela não pode realmente ser a pessoa que quebrou a ponte — mas possivelmente é louca o suficiente para ser perigosa. Aislyn decide entrar na dança até que possa chegar a um local seguro.

— Ah. Hum. Es-está bem.

A cabeça da Mulher de Branco gira em sua direção novamente.

— Eu estava dormindo — explica ela. — Ou pelo menos grande parte de mim estava. Nunca precisei de mais de uma fração de mim mesma para funcionar neste plano, até agora. Mas as condições estão favoráveis, e eu finalmente encontrei um ponto de estabilidade. — Ela passa o braço em volta dos ombros de Aislyn novamente, antes que ela possa encontrar uma maneira educada de se afastar. — Há cinco de vocês, entende, além do primário. Cinco aliados em potencial. Cinco fraquezas que eu posso explorar.

As coisas saindo da boca da Mulher de Branco *quase* fazem sentido. Aislyn *quase* entende... Mas ela finalmente balança a cabeça, frustrada.

— Que primário?

— O avatar primário. Me ajude a encontrá-lo e você estará livre.

— Livre? Mas eu estou...

A mulher começa a caminhar, puxando Aislyn. Surpreendentemente, elas estão indo na direção do ônibus de Aislyn, então ela ainda não consegue se soltar do braço da mulher.

— Livre? Não está. Nesse momento, você é parte dele. Minto; todos vocês são parte uns dos outros. Eu acho? É a melhor explicação que tenho. Essa colônia algácea, esse *tapete microbial*, tem nucl.... Hum, não, espere, *toda* a sua espécie tem alma; essa é uma analogia ruim. — Ela suspira impacientemente. — Bom, seis de vocês estão mais no comando do que o resto. E esses seis estão extremamente sintonizados entre si, naturalmente. O que significa que encontrar um de vocês me ajudará a encontrar os outros. — Ela exibe um sorriso largo. — *Aquele*, em especial.

Elas chegam ao ponto de ônibus e param diante das portas abertas do veículo. Ele não deve partir por mais uns três minutos, de

acordo com o relógio no celular de Aislyn. No entanto, ela passa a temer que a Mulher de Branco queira entrar com ela, ou acompanhá-la até em casa. Ela tenta pensar em desculpas que possa dar para que isso não aconteça.

— Agora vá para casa — diz a mulher, para grande alívio de Aislyn. — Tenho que cuidar de outras coisas. Mas, até nos vermos de novo, há uma coisa que você deve se perguntar. — A mulher se inclina para perto para sussurrar de forma conspiratória, Aislyn por pouco consegue não se retrair. — Por que os outros a deixaram desprotegida?

A pergunta parece uma bofetada. Como resultado, Aislyn se sente magoada e em seguida estarrecida.

— O-o quê?

— Bom, eu consegui localizar quase todos vocês até agora. — A mulher estica sua mão livre e examina as unhas, que são muito longas e curvadas. — O Bronx é um distrito de pessoas temperamentais e desconfiadas que dormem com um olho aberto; ela é perspicaz, e chegar perto dela requer planejamento. Manhattan apareceu no teto de um táxi e se apresentou para mim de maneira bastante atrevida; típico. Brooklyn, cheia de atitude e arrogância, foi ao resgate dele quando tentei me apresentar de volta. E o maldito São Paulo ainda está por aqui, em algum lugar, aquele cara grosseiro! Ele deve estar protegendo o primário de mim. — Enquanto Aislyn tenta processar essas informações (*há cinco de vocês*), a mulher torce a faca. — Mas ninguém veio resgatar ou salvar você. Manhattan e Brooklyn se tornaram aliados poderosos, trabalhando juntos para encontrar o Bronx e o Queens... mas não pensaram em você. Nem. Uma. Vez.

Aislyn retribui seu olhar, finalmente compreendendo. Cinco deles e mais um sexto que é o *primário*. Ela é Staten Island e eles são os outros distritos, além de Nova York em si. E são como ela esses outros estranhos? Eles sentem as necessidades de milhares, escutam as vozes de milhões em suas cabeças? Ela quer conhecê-los. Fazer perguntas a eles, como por exemplo *Como você faz seu distrito calar a boca?* e também *Ele é mesmo meu amigo ou eu só estou solitária?*.

Mas ela não os encontrou porque amarelou na hora de pegar a balsa. Mesmo que tivesse ido até Manhattan, como os encontraria? Se Manhattan e Brooklyn se encontraram, deve haver um jeito. Algum tipo de sonar urbano ou coisa parecida, que teria sido ativado se ela tivesse tentado ir até eles. No entanto, sem o esforço da parte dela, o sonar permaneceu inativo.

Bom, por que então eles não podem vir até ela?

É inconveniente, ela lembra a si mesma. *Vir para Staten Island é sempre uma inconveniência para as pessoas da cidade.*

Pode ser, mas isso é importante, não é? Eles sabem que a cidade tem cinco distritos, caramba. E se eles decidiram não procurar por ela...

Quem vai acreditar em você?, brada a voz de seu pai em uma lembrança. *Quem vai ajudar você? Estão pouco se fodendo. Você não significa porra nenhuma.*

Essas palavras jamais foram direcionadas a ela, mas Aislyn as absorveu mesmo assim, e agora elas estão entremeadas em seus ossos, uma contaminação tão profunda e tóxica quanto a causada por chumbo. Ela está tão imersa na convicção de que *ela não importa* quanto em seu medo da cidade.

— Não acho que eles tenham esquecido de você *de propósito* — diz a mulher. — Vão acabar lembrando mais cedo ou mais tarde, e então eles virão... mas eles odeiam pegar a balsa. É tão lenta e inconveniente. Tem a Verrazano, mas os pedágios são tão caros. Que tipo de distrito se faz tão inacessível? Aquele cara judeu, o que cantava jazz com todas aquelas pessoas negras, não chamou Nova York de “lugar para visitar”? Mas não esta parte de Nova York. De todos os lugares, ele mencionou o *Yonkers*, mas deixou este distrito inteiro de fora da música. Staten Island, sempre lembrada por último.

Aislyn permanece imóvel, ouvindo as palavras e as odiando e reconhecendo a verdade nelas. Ela não significa porra nenhuma. Sua ilha não significa porra nenhuma. Os outros a esqueceram quando ela *precisa* deles, pontes estão desmoronando e tudo está terrível, mas ela precisa encontrar sozinha um jeito de ficar segura.

— Ah, por que essa cara? — A Mulher de Branco se afasta e segura os ombros de Aislyn de maneira fraternal. — Por que a tristeza? Não se preocupe. Eles podem ter abandonado você, mas eu estou aqui! E veja só.

Ela gira Aislyn de novo, manobrando-a alegremente, e então aponta por cima de seu ombro para a porta do terminal da balsa pela qual Aislyn passou correndo em estado de pânico cerca de vinte minutos atrás.

— O que eu devia estar...

Então Aislyn vê. Na soleira de metal da porta, desenrolando-se de uma rachadura no antigo metal pintado, está a coisa mais peculiar. Se parece com uma folhagem de samambaia ou uma pétala muito

longa de uma flor exótica. É tão branca que parece translúcida, etérea em sua beleza. Aislyn fica admirada.

— O que é aquilo?

A Mulher de Branco ri.

— Pense naquilo como uma câmera — diz ela — Se quiser. Ou um microfone. Se precisar de mim e vir um daqueles por aí, apenas fale com ele. “Se vir algo suspeito, denuncie”, não é isso? Eu vou ouvir e vir correndo.

Mais maluquices. A mulher não poderia ver e ouvir por meio de uma flor. Aislyn precisa ir para casa ajudar a mãe com o jantar, então, muito delicadamente, ela tira as mãos da mulher de seus ombros.

— Tudo bem — responde.

Mas ela gosta da mulher. É legal ter uma nova amiga, mesmo que essa amiga seja louca, mas ela deveria ao menos saber o *nome* dessa amiga.

— Mas, antes que eu vá, como você se chama?

A mulher inclina a cabeça, fazendo uma careta.

— Você não vai gostar do meu nome — diz ela. — É estrangeiro. Muito difícil de pronunciar. Eu o contei para alguns de vocês e eles falaram tudo errado.

Definitivamente ela é do Canadá, Aislyn decide.

— Me deixe tentar mesmo assim.

— Tudo bem, então. Mas vou ter que sussurrar no seu ouvido. Vai chegar a hora em que poderei gritar meu nome para todo o firmamento e todos conhecerão o seu som, mas, por enquanto, sou apenas um sussurro nesse mundo. Está pronta?

O motorista do ônibus está andando na direção delas, bocejando e se coçando. Aislyn precisa acabar logo com isso.

— Claro, pode falar.

A mulher se aproxima e sussurra no ouvido de Aislyn uma palavra que ressoa dentro de seu crânio como o mais lúgubre dos grandes sinos, fazendo com que seus ossos estremeçam a ponto de ela cair de joelhos. O mundo fica embaçado. Sua pele formiga e coça e fica quente por todo o corpo, como se estivesse sendo queimada pelo vapor da passagem da palavra.

Então outra pessoa se abaixa na sua frente.

— Senhora?

É o motorista de ônibus. Confusa, Aislyn olha em volta. Ela está em frente ao ônibus que precisa pegar para ir para casa. Como chegou até ali? Havia outra pessoa com ela até agora...?

— Senhora, quer que eu ligue para o 911? — pergunta o motorista

— Não... — Aislyn balança a cabeça, tentando demonstrar que está bem.

Mas está mesmo? A tontura está passando, mas ela se sente errada, toda errada. Quando se recupera o suficiente para olhar para seus braços, que estão descobertos no vestido de verão leve que ela está usando, fica surpresa ao vê-los cobertos de vergões claros, mas crescentes. Urticária. Ela está tendo uma urticária.

O motorista as vê também. Ele faz uma expressão preocupada, afastando-se um pouco.

— Senhora, se estiver doente não deve utilizar o transporte público.

— Estou com a-alergia — murmura Aislyn, fitando seus braços. Ela é alérgica a pinhão e manjerição, mas não faz ideia de onde pode ter encontrado um pesto de surpresa. — São só alergias. Eu, hã, vou ficar bem.

O motorista parece desconfiado, mas a ajuda a se levantar e, quando fica claro que Aislyn consegue caminhar sozinha, ele dá de ombros e gesticula para que ela entre no ônibus.

Dez minutos de viagem se passaram. Aislyn observa os prédios e as pessoas que passam do lado de fora, sem pensar em nada além de se deveria carregar uma caneta de epinefrina, quando se lembra da Mulher de Branco. Com um sobressalto, ela olha em volta, mas há apenas os outros passageiros do ônibus, alguns deles olhando para ela com desinteresse. A mulher desapareceu da mesma forma que apareceu.

E ainda assim. O olhar de Aislyn pousa sobre a placa de PARADA SOLICITADA e se prende ali... porque pouco acima da cabeça do motorista, pendurada cerca de trinta centímetros abaixo da placa, está outra daquela adorável folhagem branca que a Mulher de Branco mostrou a ela no terminal.

Não se preocupe. Estou aqui.

Qual era o nome da mulher, mesmo? Algo começando com *R* é tudo de que Aislyn consegue se lembrar. O restante foi um emaranhado de sons estranhos e incompreensíveis.

Rosie, Aislyn decide. Vai chamar a mulher de Rosie. Até combina com ela; Aislyn sorri ao imaginar a mulher mostrando o bíceps em um pôster vintage com a legenda QUEREMOS VOCÊ. Não, espere; Aislyn está confundindo as ilustrações. Ela não consegue se lembrar do slogan de Rosie the Riveter.

Bem, não importa. Sentindo-se imensuravelmente melhor, Aislyn resiste ao impulso de coçar as urticárias e se acomoda para o resto do trajeto até sua casa.

INTERRUPÇÃO

Algo está muito errado no Inwood Hill Park.

É sempre difícil para Paulo saber aonde está indo quando está em outra cidade. Quando criança — quando era só ele mesmo, um rato de favela ágil e de dentes afiados, bem antes de se tornar mais de doze milhões de pessoas —, ele tinha um senso de direção excepcional, que lhe permitia dizer que direção era leste ou sul apenas dando uma olhada para o sol. Ele conseguia fazer isso mesmo em lugares desconhecidos, mas a habilidade desapareceu quando se tornou uma cidade. Agora ele é São Paulo, e seus pés são configurados para ruas diferentes. Sua pele anseia por diferentes brisas e diferentes ângulos de luz. Norte e sul são os mesmos em qualquer lugar, é claro, mas em sua terra, deve ser inverno — nunca está muito frio em São Paulo, mas certamente está mais fresco e mais seco do que o calor veranil úmido e escaldante dessa cidade ridícula. Cada dia que passa ali, ele se sente ao contrário, de ponta-cabeça. Um lar não é onde o coração está; é onde o vento é familiar.

Ah, ele não tem tempo para esse tipo de divagação.

O mapa de Manhattan e a agradável voz em português brasileiro do Google Maps compensam seu senso de direção perdido e ele logo chega até o lugar que ativa seus instintos, alertando-o para intrusão, interferência, hostilidade. Inimigo. Essa sensação se

intensificou nas horas seguintes ao nascimento de Nova York, em vez de ter se amenizado, como era de esperar, e está mudando, também, de uma forma que ele nunca tinha visto. Se amplificando em todo lugar, cutucando sua percepção como linhas magnéticas. Polos em desenvolvimento. Ele esperava o que aconteceu na FDR, dados os eventos que precederam o nascimento de Nova York, embora tenha a intenção de inspecionar aquele lugar em seguida, para caso haja mais pistas. Isso em Inwood é novidade.

Ele caminha pelo parque, aproveitando o ar fresco e o cheiro de natureza, embora permaneça alerta. Em um primeiro momento, não vê nada que explique a sensação que o acompanha, um sentimento incômodo de que algo está errado, uma sensação de iminência, mais intensa em um dos lados de seu corpo enquanto ele se orienta pelo parque. É um dia de semana e o parque está praticamente vazio. Os pássaros cantam harmoniosamente, por mais estrangeiros que soem aos seus ouvidos. Os mosquitos o incomodam; ele constantemente os espanta com as mãos. Isso, pelo menos, não é diferente de sua terra natal.

Ele então se dirige a um aglomerado de árvores particularmente denso e para.

No fim do caminho estreito há uma clareira, além da qual há um enorme prado com vista para o que, segundo seu mapa, é o riacho Spuyten Duyvil. No centro da clareira está o que ele esperava encontrar: um monumento simples no local em que os europeus fizeram uma barganha para tornar uma bela ilha florestada em um estacionamento fedorento e em um shopping superestimado. (Paulo está ciente de que sua opinião é injusta. Ele não está propenso a se corrigir enquanto estiver preso em Nova York.) É uma pedra com

uma placa. Ela também — adivinha ele, devido à história — representa um local de poder para qualquer um que ouça a voz da cidade.

A primeira coisa que compreende é que uma batalha aconteceu ali. O aroma que paira no ar já não é mais só o da vegetação, há agora um cheiro salgado, marítimo. Ele conhece esse cheiro. Há dinheiro por todo o chão — e, mais uma vez, por compreender algumas coisas sobre a natureza de Manhattan, Paulo rapidamente percebe que alguém usou o dinheiro como um constructo, para mais precisamente concentrar o poder da cidade, mirá-lo. Mirar no quê? No Inimigo. Ele não sabe a forma que o Inimigo tomou, mas é a única resposta possível. E quem quer que tenha lutado com o Inimigo ali o venceu, ou ao menos conseguiu se livrar sem derramar o próprio sangue.

No entanto — e essa é a segunda coisa que Paulo entende, embora tenha sido a primeira coisa que viu —, o Inimigo deixou sua marca também.

A clareira está cheia de pessoas. Pelo menos vinte perambulam por perto do monumento de pedra, conversando. Ele ouve fragmentos de conversas trazidos pelo vento (“não dá pra *acreditar* em como o aluguel é mais barato aqui, muito melhor do que no Brooklyn”, “comida dominicana *de verdade*”, “eu simplesmente não consigo entender por que eles têm que ouvir música *tão alto!*”). Algumas das pessoas na clareira carregam comidas ou bebidas: uma mulher segura um cone de waffle com pelo menos três bolas de sorvete que parece ter sido caro; outra pessoa tem uma garrafa de Soylent saindo do bolso traseiro; outra está bebendo vinho rosé em uma taça de plástico. A maioria é branca e está bem-vestida,

embora haja pessoas de pele mais escura ou aparência mais simplória.

Elas não conversam *umas com as outras*, Paulo nota. Em vez disso, simplesmente falam com o ar, ou com telefones de tela escura que seguram perto da boca em modo viva-voz — ou, no caso de um homem, com um pequeno cachorro que ele carrega nos braços e que lambe seu rosto, choramingando e se contorcendo. Nenhuma daquelas pessoas olha para outra. O sorvete na mão da mulher está quase todo derretido e três cores de meleca cremosa escorrem por seu braço e caem em suas roupas, aparentemente sem que ela perceba. Pombos começaram a se reunir nas poças de sorvete derretido aos pés dela.

E todas elas, Paulo notou, notou *antes de qualquer coisa*, estão usando branco.

Ele nunca viu nada assim, mas está convencido de que não está presenciando uma *White Party* surpresa no meio do parque. De cenho franzido, ele pega o celular e tira uma foto. A câmera do celular emite um leve som de obturador porque ele não se preocupou em desativá-lo nas configurações. Com o som, todas as pessoas por perto da pedra ficam em silêncio e se viram para encará-lo.

Paulo fica tenso. No entanto, tentando parecer o mais casual possível, ele guarda o celular no bolso da calça e puxa um cigarro do bolso de sua jaqueta. Ele dá duas pancadinhas com o dedo no cigarro antes de colocá-lo entre os lábios. Um velho hábito. Então, enquanto vinte pares de olhos o encaram sem piscar, Paulo usa seu isqueiro e dá uma forte e profunda tragada no cigarro. Ele cruza os braços casualmente, segurando o cigarro entre dois dedos. Solta a

fumaça lentamente pelas narinas. A fumaça sobe em nuvens em frente ao seu rosto.

Os olhos das pessoas perdem o foco. Algumas delas têm expressões confusas e olham em volta como se tivessem perdido algo, mas não conseguiram se lembrar do quê. Quando Paulo se afasta, tomando uma curva e saindo do campo de visão delas, elas não o seguem. Um momento mais tarde, ele pode ouvi-las retomando suas conversas automáticas e sem sentido.

Paulo vai embora depressa. O parque é grande e o percurso é longo, mas ele não diminui a velocidade até estar a pelo menos um quarteirão de distância dos limites do Inwood Hill. Então, e só então, ele verifica a foto que acabou de tirar.

É a mesma cena que ele viu, sinistra o suficiente por si só — mas o rosto de cada uma das pessoas está distorcido, como se a foto digital fosse, na verdade, uma foto Polaroid antiga deformada em alguns pontos por exposição ao calor. E, embora não seja evidente em alguns casos, Paulo percebe uma distorção adicional logo atrás da cabeça das pessoas, ou perto de seus ombros. São indistintas, só uma deformação no ar, mas consistentes; ele pode vê-la na maioria delas. Há algo ali que não consegue enxergar. Ainda.

Ele entra em um restaurante pequeno e mal iluminado cujos funcionários são claramente da mesma família. Lá, escolhe uma mesa e pede alguma coisa aleatória do cardápio. Não tem fome, mas há poder no que ele está fazendo, e sente que precisa fortalecer suas defesas. Essa não é sua cidade. Ele está mais vulnerável ali do que está acostumado.

Então, enquanto belisca um dos melhores pernis que já provou, ele manda a foto distorcida por mensagem para o número

internacional. E explica: *São distritos. Cinco. E vou precisar da sua ajuda.*

BOOGIE-DOWN BRONCA E A CABINE DE BANHEIRO DA DESTRUIÇÃO

Bronca abre a porta do banheiro com um empurrão.

— Ei, Becky.

A mulher alta passando maquiagem no olho na frente do espelho suspira sem se virar.

— Você sabe que eu odeio quando me chamam assim.

— Vou te chamar da porra que eu quiser nesse momento. — Bronca se aproxima e para ao lado dela no espelho, e não deixa de perceber a repentina tensão nos ombros da outra mulher. — Relaxa, eu não vim acabar com você *desse* jeito. Vamos fazer isso de maneira civilizada. Vou só dizer pra você ir se foder, e você vai arranjar um lugar pra ir se foder, pelo menos por uns dias. Não quero olhar pra sua cara idiota por um tempo.

A mulher se vira de cara feia.

— Se vamos ser civilizadas, você pode usar meu nome de verdade. *Yijing*.

— Não sei, achei que já estivéssemos superíntimas. Sabe, tipo como o meu nome é acompanhado por um “ph.D.”, mas você sempre esquece de me chamar de “doutora”.

Bronca se aproxima desafiadoramente da outra mulher e aponta um dedo em seu rosto.

— Você enviou a inscrição para o fundo de financiamento, inscrição essa que foi *escrita* em grande parte por mim, sem o meu nome. Como você ousa...

— Enviei — interrompe Yijing, ainda que elas tenham algumas regras sobre isso. Interromper uma mulher é uma babaquice sexista, mas Yijing é uma babaca, então Bronca não fica exatamente surpresa. Yijing cruza os braços. — Pensei muito sobre incluí-la ou não, Bronca, mas o fato é que você não está produzindo nada novo, e...

Incrédula, Bronca se vira e, com um movimento brusco, gesticula em direção à parede dos fundos do banheiro. Há uma abundância abstrata de cores e formas ali, como uma revolução artística na parede; fotorrealista em algumas partes e delicadamente aquarelesca em outras. A assinatura no canto inferior — *Da Bronca* —, em um traço muitíssimo estilizado, mistura grafite e arabescos.

Yijing faz uma careta.

— Eu quis dizer que você não está *expondo* em lugar nenhum, Bronca. As galerias...

— Eu tenho uma galeria, sua imbecil, fica a menos de três quilômetros daqui!

— Sim, e esse é o problema! — Exasperada, Yijing abre mão de sua tentativa de permanecer calma, erguendo a voz.

O que é bom. Bronca já viu Yijing discutindo com outras pessoas da equipe e, de vez em quando, com seus vários namorados; ela consegue falar mais alto do que Bronca, com o tipo de voz capaz de rachar vidro. Bronca respeita uma fúria honesta, por mais que a coisa possa ficar feia.

— Você é local demais — continua ela. — O comitê poderia nos dar um financiamento maior, mas, para conseguir isso, precisamos ter um alcance mais amplo. Uma galeria de *Manhattan*.

Bronca xinga, virando-se para andar de um lado para o outro.

— Galerias de Manhattan não procuram arte de verdade. Eles querem coisas inofensivas de moleques que estudaram na NYU e se formaram em arte para contrariar os pais. — Ao dizer isso, ela sorri ferozmente para Yijing.

— Você pode tentar virar isso pra mim, mas não muda a porra dos fatos, Bronca. — Yijing balança a cabeça com um lamento suficientemente genuíno para enfurecer Bronca. — Seu trabalho não é relevante o suficiente. Você não diz nada para pessoas que não são desse distrito. E, apesar de gostar de se gabar desse ph.D., você dá aulas em uma faculdade comunitária! Não tenho problema com isso, embora esse trabalho também não deixe tempo suficiente para a academia, mas você sabe que o comitê não pensa assim.

Bronca fica sem reação por um momento, aturdida demais para perceber quão magoada está se sentindo. *Ela não é relevante?* Mas revidar um ataque é um velho hábito.

— Você tá transando com o presidente do comitê de financiamento?

— Ah, *vai se foder*, Bronca...

Então Yijing começa a falar mandarim e sua voz sobe uma oitava e diversos decibéis para verdadeira e satisfatoriamente ofendê-la.

Beleza, então. Bronca se prepara. Ela não fala munsee bem o suficiente para discutir com Yijing no mesmo nível em um idioma diferente do inglês, mas aprendeu um pouco das palavras sórdidas ao longo dos anos.

— Matantoowiineeng uch kpaam! Kalumpiil! Chupa o meu “irrelevante” pau Lenape!

A porta do banheiro se abre com violência e Bronca e Yijing se sobressaltam. É Jess, a diretora do programa de teatro experimental, fuzilando as duas com o olhar.

— Sabem que dá pra ouvir vocês, né? Dá pra ouvir vocês *do outro quarto*.

Yijing balança a cabeça, lançando a Bronca um último olhar de acusação, e em seguida contorna Jess para sair. Bronca apoia o corpo em uma das pias, cruzando os braços e cerrando a mandíbula. Jess assiste enquanto Yijing vai embora, então balança a cabeça e levanta uma sobrancelha com uma expressão incrédula direcionada à postura de Bronca.

— Me diga que você não está fazendo pirraça. Você tem, tipo, sessenta anos.

— Fazer pirraça é uma manifestação de raiva petulante e sem sentido. Eu tenho razões para estar puta.

E ela na verdade tem quase setenta, mas ninguém precisa ser lembrado disso.

— Aham — Jess balança a cabeça. — Mas nunca pensei que você apelaria para o *slut-shaming*.

Bronca se retrai. Caralho, ela tinha mesmo feito isso, não tinha? Mas está com raiva — de maneira justa e petulante — e isso faz com que repita antigos hábitos. Como ficar na defensiva quando ela sabe que está errada.

— A vadia tem mau gosto. Eu entenderia se ela estivesse dando para homens que valessem alguma coisa.

Jess revira os olhos.

— Lá vem você com esse “vadia” também. Além disso, você acha que todo homem é um merda.

— Meu filho não é tão ruim.

Mas essa é uma piada interna entre elas, e Bronca se sente relaxando, o que provavelmente é o objetivo de Jess.

— É que eu... *Que merda*, Jess.

Jess balança a cabeça.

— Ninguém pode negar o que você já fez por esse lugar, Bronca. Nem mesmo Yijing. Mas baixa a porra da bola, tudo bem? E mais tarde vamos falar sobre o financiamento. Nesse momento, tem um problema rolando e eu preciso que você esteja preparada.

É exatamente o que Bronca precisa ouvir. Ela se sente recobrando o foco, como se seus pensamentos estivessem emergindo de uma espiral sombria (*Se sou irrelevante, é porque sou velha? É assim que minha carreira termina, com um suspiro em vez de um estrondo? Tudo o que eu sempre quis foi dar algum significado ao mundo*) enquanto ela se endireita e varre com as mãos um fio imaginário de sua jaqueta de brim para se recompor.

— Certo, tudo bem. O que está rolando?

— Um novo grupo de artistas quer fazer uma exibição. Eles estão conectados a um grande doador, então Raul está em cima disso igual mosca em merda. Mas a arte é... — Ela faz uma careta.

— O quê? Nós já exibimos arte ruim antes.

Todo espaço artístico de financiamento público precisa fazer isso às vezes.

— Essa é pior.

Há uma tensão nos ombros de Jess que finalmente tira a cabeça de Bronca de seu próprio umbigo. Ela nunca viu Jess realmente

irritada, mas está vendo agora, por baixo de sua postura profissional, além de ver afronta e indignação.

— Então coloca a cabeça no lugar e sai daí.

Ela fecha a porta do banheiro e vai embora.

Bronca suspira e olha para o espelho, mais por hábito do que por qualquer preocupação real em relação à sua aparência. Certo, ela parece estar calma. Jess vai querer que ela se entenda com Yijing depressa, o que é compreensível; a equipe do Centro é pequena e todo mundo precisa conseguir trabalhar junto. Ainda assim...

— “Rodando em giro cada vez mais largo” — recita uma voz suave de mulher.

Bronca enrijece, tardiamente se dando conta de que alguma pobrezinha ficou presa na cabine esse tempo todo por causa da discussão das duas. A voz ri. Um riso alegre, satisfeito, quase contagiante em sua graça. Por um momento, Bronca se pega sorrindo também, mas então ela se pergunta o que é tão engraçado e para.

Há uma fileira de seis cabines no banheiro feminino e as três últimas estão fechadas. Bronca não se abaixa para ver se há pés, especialmente porque não quer descobrir que há *três* pessoas que ficaram presas ali, ouvindo ela e Yijing.

— Desculpe pela gritaria — diz ela em direção às cabines do fundo. — Acabou saindo de controle.

— Acontece — responde a voz. Grave, rouca, apesar da risada estridente. Uma voz de Lauren Bacall. Bronca adora a voz de Lauren Bacall desde que era uma minissapatão. — Yijing é jovem. Não quer mostrar respeito como deveria aos mais velhos. É *preciso* respeitar os mais velhos.

— Bom, sim. — Subitamente Bronca percebe que não reconhece aquela voz. — Hã, desculpe, nós nos conhecemos?

— Muitas vezes, “o falcão *já não pode ouvir* o falcoeiro”.

Mais algumas risadinhas. Nenhuma resposta.

A expressão de Bronca se fecha. Deve ser outra das amiguinhas pretensiosas de Yijing, da NYU.

— É mesmo? Também sei citar Yeats. “Desagrega-se tudo;/ o centro não segura;/ Está solta no mundo a simples anarquia.”

— “Está solta a maré escura do sangue!” — A voz está nitidamente alegre agora. — “E em toda parte/ A cerimônia da inocência se afogou.” Esse é meu trecho favorito. Toca bem na ferida da superficialidade da performatividade de tantas coisas, você não acha? A inocência nada é além de uma cerimônia, no fim das contas. É tão estranho que seu povo venere isso dessa forma. Que outro mundo celebra *não saber nada* sobre como a vida realmente funciona? — Uma risada suave seguida de um suspiro. — Como sua espécie conseguiu chegar até aqui eu jamais saberei.

Bronca está... incomodada com essa conversa. Por um minuto, ela meio que pensou que a mulher desconhecida estivesse flertando com ela. Agora, no entanto, está bastante certa de que a mulher dentro da cabine está fazendo algo diferente de flertar. Algo mais parecido com ameaças veladas.

Não vá discutir com clientes, ela se lembra, mexendo no cabelo em frente ao espelho para afastar a ansiedade. O marido costumava brincar que ela era mais gostosa do que a Vasquez de *Aliens*, o que era hilário porque enquanto ela estava de olho em Vasquez, ele estava de olho em Hicks, e só cerca de um ano mais tarde confessaram um para o outro que—

Outra risadinha vinda da cabine fechada, e com um breve e repentino arrepio Bronca se dá conta de que quase esqueceu que a pessoa estava lá, apenas nos segundos em que a voz ficou em silêncio. Pelo espelho, ela observa atentamente as três últimas cabines. Daquele ângulo, não consegue ver pé algum no chão.

— Tanta inocência — diz a mulher, em tom reflexivo.

Certo, então.

— Beleza, foi legal recitar poesia uma pra outra — diz Bronca, abrindo a torneira e lavando suas mãos para que pareça que ela estava fazendo alguma coisa. — Espero que, hã, dê tudo certo aí dentro.

Já que a mulher estava no vaso fazia bons vinte minutos, pelo menos.

Uma das três cabines fechadas se abre de repente. O barulho assusta Bronca, que gira sobre os calcanhares com as mãos pingando água enquanto a porta lentamente se abre para fora. Não há ninguém lá dentro.

— As coisas estão dando muito certo — diz a Mulher da Cabine.
— Tenho um ponto de apoio, entende?

— Na privada?

Mesmo agora, Bronca não consegue segurar a piada. Um dia ela vai morrer sendo engraçadinha.

Risadinhas, risadinhas. Todo mundo tem doze anos nesse estabelecimento.

— Em várias coisas. Em Staten Island. Nesta cidade. Neste mundo tão inocente. Talvez até mesmo em você, docinho.

Bronca deliberadamente puxa uma toalha de papel para que a mulher saiba que ela não está parada ali, inquieta. Embora esteja.

— Estou prestes a virar avó, querida. Você curte coroas?

A porta da segunda cabine se abre repentinamente, com um lento e rangente *ch-clack*. Bronca não se sobressalta dessa vez, mas os pelos de sua pele se eriçam enquanto a porta se abre, porque ela o faz extremamente devagaaaaaaaar. Rangendo o tempo todo, como em um filme de terror. As mãos de Bronca se atrapalham com a toalha de papel. Ela está hiperalerta com tudo ao seu redor — o leve cheiro de mofo no ar, o fedor do que já foi a comida de alguém, a aspereza do papel marrom porcaria que ela tem que comprar porque é o que cabe no orçamento. O silêncio no banheiro, o mecanismo de ventilação dando pau de novo. A proximidade do ar fétido.

A última cabine, ainda fechada.

— Eu curto todo mundo — diz a Mulher da Cabine. Bronca praticamente consegue *ouvi-la* sorrindo lá dentro. — Uma cidade tão cheia de pessoas adoráveis que eu poderia devorá-las, e também as ruas e o esgoto e o metrô. A propósito, você não é velha! É pouco mais que uma recém-nascida. Mas velha o bastante de espírito para que seja difícil o charme funcionar em você. Essa é uma questão que jamais consegui compreender sobre sua espécie. Vocês são o mesmo tipo de nada, mas seus nadas não funcionam das mesmas maneiras. Preciso usar abordagens diferentes com cada um! É muito frustrante. — A Mulher da Cabine emite um suspiro baixo de exasperação. — Preciso tomar cuidado. Quando estou frustrada, falo mais verdades do que deveria.

Bronca se dá conta de que não consegue ver nenhum sinal da Mulher da Cabine pelos vãos da porta. A maioria das portas das cabines de banheiro não oferece privacidade de verdade, no fim das

contas, apenas uma divisória de cortesia. É fácil enxergar por elas. (Bronca tem quase certeza de que foram criadas por homens.) Na última cabine, não há nada a ser visto pelos vãos. Apenas um vazio branco. É como se alguém os tivesse coberto com papel sulfite — mas quem faria isso? Não há pés visíveis por baixo da porta também, ela percebe.

— A verdade não é algo ruim — diz Bronca. Hora de confrontar essa escrota, para que ela possa parar de sentir seus pelos arrepiados. — Sempre achei melhor parar de palhaçada e simplesmente dizer o que se quer dizer.

— Exatamente! — concorda a mulher, quase de maneira orgulhosa. — Isso não precisa ser difícil. Se eu pudesse alterar sua natureza, torná-la menos nociva, eu faria isso! Eu *gosto* da sua espécie. Mas vocês são todos tão inflexíveis e perigosos em sua inocência. E nenhum de vocês está propenso a se voluntariar para um genocídio, o que eu acho compreensível. Eu também não faria isso, se estivesse em seu lugar. — Ela pausa para um suspiro e Bronca pensa: *Espera, o que ela acabou de dizer?* — Mas você não gostaria de ainda estar viva quando o fim chegar? Você, seu querido filho e seu futuro neto. Posso até acrescentar os seus ex, os que estão vivos, digo. Você não gostaria que esse seu, hum, lugarzinho, ainda estivesse de pé quando tudo tiver sido esmagado e deixado de existir?

Bronca se enfurece em um misto de ultraje e confusão, mas a mulher dentro da cabine continua, sem perceber ou sem se importar:

— Eu posso fazer isso acontecer. Ajudar você, ajudar a mim.

Bronca nunca reagiu bem a ameaças. Nem mesmo quando tudo naquela situação, tudo naquela mulher invisível, a deixa tão nervosa que toda sua pele fica eriçada. Mas Bronca é velha de guerra. Ela sabe que não deve demonstrar fraqueza.

— O que eu acho é que gostaria que você viesse aqui fora dizer isso na minha cara — devolve.

Há uma pausa de surpresa. Então a mulher dentro da cabine ri. Não é uma risadinha dessa vez. É uma risada potente, de tremer a barriga, embora com um toque estridente que faz com que ela não soe nada agradável aos ouvidos. A risada é afrontosamente duradoura, e termina com:

— Ah, meu deus. Ah, querida. Não. Foi um longo dia e essa forma é um grande aborrecimento. Precisei me recolher aos meus aposentos, por assim dizer, para descansar. Então, pode acreditar... Você não quer que eu abra essa porta agora.

— Ah, eu quero pra caralho — diz Bronca, irritada. — Você vai ameaçar a mim e aos meus sentada em uma porra de uma privada?

É blefe. Ela está *tomada* pelo medo, embora medo normalmente a irrite, a deixe mais pronta para brigar. Agora, no entanto, todos seus instintos apitam como um aviso de que, por algum motivo, ela não está pronta para aquilo. Ela não pode deixar que aquela mulher a ameace e saia impune... mas também não quer ver o que há dentro daquela cabine.

— Não é uma ameaça — responde a Mulher da Cabine.

E, de repente, sua voz está diferente. Menos agradável. Menos rouca, mais... oca. Como se de alguma forma ela estivesse do lado de fora da cabine, falando de um lugar muito mais distante. Como se a cabine não fosse um pequeno cubículo e sim um vasto e

cavernoso ambiente; sua voz ecoa de superfícies que não deveriam estar lá dentro junto com o vaso sanitário e o porta-absorventes.

E ela já não está sorrindo, aquela mulher oculta dentro de uma cabine de banheiro no sul do Bronx; ah, não. Bronca praticamente consegue ouvir as palavras sendo ditas entre dentes cerrados.

— Considere como um conselho. Isso mesmo, *conselho*, um conselho útil para compensar sua inocência inútil. Você verrrrrá coisas nos próximos dias, entenda. — A voz soa quase eletrônica, com a palavra arrastada. Como o gaguejar de um arquivo de áudio corrompido ou incompatível com o sistema onde estava sendo executado. — Coisas novas, coiiiiisas *excepcionais*! Quando isso a-c-c-contecer, lembre-se dessa conversa, sim? Lembre-se de que eu te oferrrreci uma chance de continuar viva e você a desssssprezou. Eu estendi a minha mão e você a m-m-mordeu. E quando seu neto tiver sido rasgado da barriga de sua mãe, partido e largado no chão como lixo que caiu do caminhão...

Bronca serra os punhos.

— Você passou da porra do limite.

E, nesse momento, algo reverbera ao longo do cômodo.

Bronca se sobressalta, olhando em volta em uma distração momentânea da Mulher da Cabine. O tremor se pareceu com um terremoto, ou com um metrô funcionando mal, mas nada está chacoalhando e o metrô mais próximo fica a três quadras dali. Bronca não se moveu, mas ela sente como se tivesse. *Por dentro*.

A Mulher da Cabine continua seu monólogo, sua voz se tornando mais alta e ganhando velocidade a cada palavra. Mas, de alguma maneira, a Mulher da Cabine se torna desimportante. Há um afastamento... uma epifania, como peças de um quebra-cabeça se

encaixando. Uma *formação*. E, de repente, Bronca fica diferente. Maior do que ela mesma.

Do nada, Bronca se lembra de um episódio em sua infância. Ela havia roubado — pegado emprestado — os sapatos de construção com bico de ferro que pertenciam a seu pai, para que pudesse passar por uma olaria em seu caminho para cumprir algumas tarefas. A olaria estava cheia de entulhos de um prédio demolido havia tanto tempo que flores e trepadeiras cresceram neles, mas ela decidiu cortar caminho por ali para evitar alguns garotos da vizinhança, cujo assédio e tentativas de segui-la haviam se transformado de especulação em perseguição ativa. Havia um homem (todos eram homens-feitos, e ela estava no auge de seus onze anos; sua péssima impressão dos homens tinha muito fundamento) que fazia bico como vigia e que era especialmente persistente. Havia rumores de que ele havia sido destituído como policial por alguma razão; alguma coisa envolvendo comportamento inadequado com uma testemunha menor de idade. Havia também rumores de que ele gostava de garotas hispânicas, e ninguém no Bronx conseguia entender que Bronca era outra coisa.

Então quando ela viu aquele homem saindo pela entrada desgastada de um prédio abandonado, com um sorriso malicioso nos lábios e a mão proeminentemente pousada no cabo de sua arma, ela se sentiu como estava se sentindo agora, mais ou menos cinquenta anos mais tarde no banheiro de um centro de arte. Ela se sentiu *maior*. Além do medo ou da raiva. Ela foi até a entrada, claro. Então se apoiou nos batentes para se equilibrar e quebrou o joelho dele com um chute. Ele passou três meses imobilizado, alegando ter tropeçado em um tijolo, e nunca mais a incomodou. Seis anos mais

tarde, após comprar seu próprio par de sapatos com bico de ferro, Bronca fez a mesma coisa com um informante policial em Stonewall — outro momento em que fez parte de algo maior.

Maior. Tão grande quanto o bendito distrito inteiro.

A voz da Mulher da Cabine abruptamente cessa o falatório em meio a uma frase. Então ela fala, de maneira atropelada:

— Ah, você *também não*.

— Vai sentar em um canavial de pau — diz Bronca. Veneza lhe ensinou essa.

Então Bronca avança, resoluto, com seus punhos cerrados e um sorriso no rosto, porque, apesar de tudo, ela sempre amou uma boa pancadaria, embora seja o século XXI e ninguém mais use a palavra *pancadaria*. Embora ela tenha envelhecido e se tornado “respeitável”. Ela ainda é a Bronca da olaria, a Bronca vingadora de Stonewall, a Bronca que enfrentou policiais armados ao lado de seus irmãos e irmãs com o Movimento Indígena Americano. É como uma dança, sabe? Toda batalha é uma dança. Ela sempre foi uma boa dançarina nos festivais indígenas, e hoje em dia? Os sapatos de bico de ferro residem permanentemente em sua alma.

Enquanto ela avança em direção à cabine, suas fechaduras rangem e ela começa a se abrir sozinha. Há apenas a cor branca nos entornos — não luz, mas *a cor branca*, e no mais efêmero dos instantes Bronca consegue enxergar um recinto. Seu chão é branco e, à distância, há uma forma geométrica indistinta que parece... pulsar irregularmente? O que mais confunde Bronca, no entanto, é que a estranha forma está a pelo menos seis metros. Como se a cabine não fosse uma cabine, mas um túnel, cavado na tubulação e na parede e, de alguma maneira, acabando *em outro lugar*, porque

Bronca sabe que não há espaço parecido com aquele dentro ou fora do Centro de Artes do Bronx.

Mas, antes que a porta possa se abrir mais do que alguns centímetros e antes que Bronca possa enxergar mais do que um vislumbre de algo que sua mente a alerta para que ela nem sequer imagine, ela apoia a mão na parede de azulejos, levanta um pé e abre a porta com um chute.

Há um instante de resistência. Um som estranho, macio, como se ela tivesse chutado um travesseiro, seguido por um estrondo de raio iminente.

Então a porta da cabine se torna um borrão distante. Como se ela tivesse se desprendido de suas dobradiças e seguido por um túnel retangular do mesmo tamanho, ou como se a porta visse a si mesma no espelho de um espelho; agora há dezenas de portas, milhões, um número inconcebível se encaminhando para a eternidade. Há um grito de dor surpreso e furioso mais além — a Mulher da Cabine, sua voz ressoando em um guincho estridente tão ensurdecedor que os vidros das janelas se trincam e os suportes industriais de luz balançam e piscam até—

Tudo ficar em silêncio. A porta da cabine, agora normal e de volta às dobradiças, é arremessada para dentro com a força do chute de Bronca e bate no porta-absorvente antes de voltar. A cabine está vazia. Não há túnel algum, nenhum outro lugar, apenas uma parede normal logo atrás de um vaso sanitário muito normal. As luminárias param de balançar e a luz se estabiliza. Não resta no ar um eco sequer daquele guincho.

Então, nos momentos seguintes, Bronca permanece onde está, seu corpo oscilando levemente enquanto cerca de cem mil anos de

conhecimento se acomodam em sua mente.

É algo natural. Afinal, ela é a mais velha do grupo e a cidade decidiu que está mais bem preparada para sustentar o peso do conhecimento. Assim, quando a concessão termina, Bronca tropeça até a pia mais próxima, apoiando-se contra ela para recuperar o fôlego. Está tremendo um pouco, porque agora compreende que acabou de escapar por pouco.

E ainda assim. Embora saiba o que precisa ser feito — eles precisam encontrar e proteger uns aos outros e aprender a lutar juntos, é loucura, mas é verdade —, ela cerra a mandíbula. Não quer isso. Não *precisa* disso. Ela tem responsabilidades. Um neto para cuidar e mimar! Ela lutou a vida inteira, caramba. Tem que trabalhar mais seis anos só para poder conquistar algo que se assemelha a uma aposentadoria, e ela está *cansada*. Ela ainda tem energia para lutar em uma guerra interdimensional?

Não. Não tem.

— Os outros distritos terão que cuidar uns dos outros — resmunga Bronca, endireitando-se e se encaminhando para a porta do banheiro. O Bronx sempre esteve por conta própria; que os outros aprendessem como era.

Após a saída de Bronca, a cabine vazia do banheiro permanece imóvel e silenciosa.

Exceto por uma coisa logo atrás do vaso sanitário. Lá, embora seja pouco mais do que uma protuberância, seu comprimento tendo sido queimado pela retaliação furiosa e inesperada de Bronca... um curto, mas visível, nódulo branco se contrai em espasmos e então se aquieta para aguardar a hora certa.

BUSCA POR QUEENS

Eles estão esperando pelo ônibus municipal, e está demorando uma vida. Mas isso lhes deu tempo para pensar em um plano. Além de saberem quais distritos “acordaram” ou emitiram bat-sinais paranormais ou qualquer que seja o nome que dão para isso, Manny e Brooklyn não fazem ideia de como encontrar seus companheiros quando chegarem em seus respectivos distritos. Ou, melhor, Manny não faz ideia. Chegando ao ponto de ônibus, Brooklyn informa que precisa fazer uma “pesquisa”, que parece consistir apenas em uma breve e concisa ligação que Manny tenta não ouvir por educação. Depois disso ela explica:

— Se meu palpite estiver certo, vamos saber o que está rolando no Bronx em algumas horas.

— Mas é um palpite? — Manny olha para o fim da rua. Eles estão esperando há vinte minutos. Parece ser quarenta. A tarde foi ficando quente e abafada, o ar está se tornando mais denso com a umidade, e Manny tem três novas picadas de pernilongo. — Não é coincidência que você tenha conseguido... me *sentir* do jeito que sentiu. E nesse momento, com você, eu sinto...

Ele está superconsciente de sua presença. Algumas vezes, quando ela se move perto dele, os arredores parecem se mover um pouco, o centro de gravidade se ajustando de alguma maneira que ele não consegue ver ou sentir — mas consegue provar o *gosto* às

vezes, o que não faz sentido. A gravidade não tem gosto. Mas, se tivesse, Manny acredita que teria gosto de sal na língua, indo de levemente sem sabor e adocicado para amargo e metálico, fazendo com que os olhos ardessem e o nariz queimasse e as orelhas coçassem um pouco. No outro lugar, na Nova York Bizarra, ele pode vê-la se mexendo, um incompreensivelmente imenso firmamento de paisagem urbana igualada apenas pelos arranha-céus dele próprio, ambos se sobrepondo de maneira que não faria sentido no mundo real, mas que se encaixa em como estão um do lado do outro. Isso é o que está causando a instabilidade na gravidade, ele suspeita; muita massa e amplitude em um só lugar ao mesmo tempo. Talvez devido a essa contradição inerente com as leis da física da Nova York Normal, a visão não dure. Ela sempre volta a ser a Brooklyn mulher novamente.

E a Brooklyn humana aparenta um frescor de quem acabou de sair de um ambiente com ar-condicionado com potência industrial. Ela não está suando, não parece aborrecida pela demora do ônibus e os pernilongos até agora a ignoraram.

— Um palpite e uma conexão — responde ela, dando de ombros. — Quando eu saí do trem, não sabia nem o que estava buscando. Então, por acaso, passei em frente a uma loja vendendo TVs. Todas estavam transmitindo um comercial do noticiário local. Alguém filmou com o celular um idiota andando no teto de um táxi na FDR. Você vai virar notícia hoje à noite, novato.

— Que ótimo.

Ela ri da irritação dele e depois emudece. Ele vê uma quase imperceptível inclinação em suas sobrancelhas desenhadas que

indicam que ela está tão intrigada por todos os acontecimentos misteriosos quanto ele.

— Mas no momento em que vi você, soube quem, *o que*, você era. Foi como se... como se ver você, ter uma pessoa para conectar ao conceito de *Manhattan*, me ajudasse a focar. Logo depois eu soube *onde* você estava, em termos de direção. Eu pensei em tentarmos o transporte público de novo torcendo para ter outra intuição ao longo do caminho.

Então eles só precisam de uma ideia de quem é o Queens. Um nome, um rosto, uma foto ruim e quadriculada como as que supostamente eram tiradas do Pé Grande. Só uma ajudinha para encontrar uma pessoa entre um milhão e meio. Moleza.

Manny suspira, esfregando os olhos.

— Isso é maluquice. Tudo isso. Antes de você aparecer, estava pensando em ir ao hospital para verificar se não sofri algum tipo de traumatismo craniano. Mas não fui, porque ao mesmo tempo tudo isso parece...

— Natural — completa Brooklyn quando ele balança a cabeça em vez de usar palavras. — Normal. É, eu entendo. Eu estava nessa, também, prestes a ligar para meu terapeuta para uma sessão emergencial. Especialmente quando me passou pela cabeça que Grandmaster Flash pudesse me salvar dos monstros de penugem invisíveis. Nesse ponto já era algo esquisito demais para ter saído do meu subconsciente ou de ondas aéreas alienígenas ou sei lá. — Ela faz movimentos circulares com o dedo na direção da têmpora. — Mas ainda estou tentando entender como seu colega de quarto conseguiu ver eles. Mesmo no vídeo, eu vi contra o que você estava lutando na FDR, mas ninguém mais parecia enxergar. Seu colega de

quarto é a primeira pessoa que encontrei, além de você, que tem, hã, visão-de-cidade ou sei lá.

— Na verdade, isso aconteceu na FDR também — explica Manny. — A mulher que dirigiu o táxi para mim viu o... a imensa, hã... o monstro ondulante. Mas as outras pessoas pareciam sentir que ele estava lá, pelo menos até certo ponto. O suficiente para se desviarem, se dava tempo. Foi o que causou o engarrafamento.

— Mínimo de esquisitice necessária. Entendi. — Brooklyn ri ironicamente de sua própria piada.

Mas parece fazer sentido. Manny se lembra de como Bel estreitava os olhos para enxergar as coisas que os cercavam. Como se pudesse vê-las, mas ainda assim não tivesse certeza de que eram reais. Mesmo assim, Bel viu mais do que a maioria das pessoas na FDR. Madison também. Os dois precisavam ver as gavinhas, do contrário teriam sido feridos por elas...

Mas não. Manny franze o cenho quando esse raciocínio soa falso para seus instintos e principalmente para a parte calculista e brutalmente racional que parece restar de sua antiga personalidade. Essa parte dele oferece uma explicação alternativa. *Bel não teria sido de utilidade alguma para você se não pudesse ver as gavinhas*, diz ele. *Se ele tivesse sido possuído pela Mulher de Branco, você teria tido muito mais problemas. Como ele mesmo, ele ao menos foi... útil.*

Sim. O dinheiro de Bel deu a ele a ideia de usar o cartão de crédito (que, aliás, puts, ele precisa cancelar já que o deixou lá) e a preocupação com Bel manteve Manny concentrado. E Madison não teria concordado em dirigir para ele se não tivesse visto a fonte gigante de tentáculos em erupção na FDR Drive. Então era apenas o

essencial, como Brooklyn sugeriu... mas não tinha a ver com a necessidade de Bel ou Madison de saber. Era a necessidade de *Manny* de que os *outros* soubessem, para que pudesse usá-los como ferramentas.

A cidade fez isso com Bel e Madison da mesma maneira que privou Manny de sua identidade, sem deixar nada para trás além de um exterior agradável e a habilidade de aterrorizar friamente estranhos para que obedecessem a suas ordens. E se isso for verdade... Manny não está certo de que é seguro considerar a cidade como uma aliada. Nem se é seguro deduzir que ele é um dos caras do bem.

Os pensamentos de Brooklyn parecem estar alinhados com os dele.

— Ainda quer aquele intensivão sobre nova-iorquismos?

— Eu tenho escolha? — Ele consegue ouvir a amargura em sua própria voz.

— Claro que tem. — Quando ele olha para Brooklyn, surpreso, ela dá de ombros. — Todo mundo tem escolha. Qualquer parada bizarra que esteja acontecendo aqui tem a ver com a cidade, então a maneira mais fácil de acabar com tudo é ir embora.

Isso... não é bem o que Manny esperava ouvir dela. Mas ele sente a verdade, e franze as sobrancelhas para ela. Apenas ir embora. Voltar para... Ele não lembra onde, mas não importa, importa? Ir até a Penn, pegar o próximo trem para a Filadélfia ou para Boston ou para qualquer outro lugar, quebrar o contrato do aluguel e não aparecer para o programa da pós-graduação. Ele perderá muito de seu dinheiro e também de seu orgulho, mas talvez sua memória volte. E, mais importante, ele de alguma forma sabe

que alguém tomará seu lugar como Manhattan. Vai virar responsabilidade de outra pessoa lutar contra a criatura abissal invisível e as analistas de mercado possuídas. E agora ele sabe que haverá mais batalhas como aquelas. Foi o que a Mulher de Branco garantiu, afinal. Tudo isso apenas antecede algo muito maior.

A cidade vai entrar na guerra com o exército que tiver, quando a hora chegar. Manny quer mesmo fazer parte desse exército? Ele não tem tanta certeza.

O ônibus finalmente aparece, virando a esquina em lentidão absurda. Ele tem um cartão MTA de transporte; estava em sua carteira, foi comprado pelo homem que ele costumava ser. Ele espera que aquele homem não tenha sido sovina demais a ponto de não comprar um cartão ilimitado.

Eles entram no ônibus. (O cartão não é ilimitado, mas o Manny da vida passada colocou um crédito de cinquenta dólares nele. Mandou bem, Manny da vida passada.) Enquanto o ônibus dá seta e volta para o trânsito — lento como se funcionasse a manivela; é melhor que Queens e Bronx tenham alguma ajuda divina, porque até Manny e Brooklyn finalmente chegarem até eles, Nova York já será um monte de ruínas —, Manny decide focar no que está sob seu controle por ora.

— Me fala sobre Nova York, então — pede ele. — Fale como se eu jamais tivesse estado aqui, ou como se eu não me lembrasse de ter estado. Porque, hum, eu não lembro.

— Você não...?

Manny respira fundo.

— Eu... não me lembro de quem eu era.

— *Quê?*

É difícil explicar, descobre Manny, ao tentar fazer isso. Ele conta a ela sobre a Penn Station e sobre como ele consegue se lembrar das letras das músicas da mc Free, mas não do rosto de sua mãe. Quando ele fica em silêncio, Brooklyn o encara fixamente. Depois de algum tempo, Manny está convencido de que ela não vai fazer comentários sobre sua amnésia, mas então ela diz:

— Eu ouço música. — Ele franze o cenho diante do aparente *non sequitur*. Ela continua: — Ouço o tempo todo. Eu era uma daquelas crianças que estavam sempre fazendo *beatboxing*, sempre criando letras, falando sozinha nas estações de metrô, sabe? Mas agora são, tipo, umas porras de umas *sinfonias*. O clique do salto alto de uma mulher na calçada. A correia dentada com problema de um carro, garotinhas brincando de adoleta... Essas coisas disparam algo no meu cérebro. Tipo *tinnitus*, só que bonito. — Ela esfrega o rosto nas mãos. — Isso acordou uma parte de mim que eu achei que tinha se perdido. Mas eu abri mão dessa parte de mim mesma por uma razão, para que eu pudesse me concentrar no que importa.

— A música não importa?

— Não tanto quanto um plano de saúde para minha filhota. — Ela faz uma expressão de desagrado. — Eu já tava ficando de saco cheio do meio antes mesmo de sair, porque ele tentava me fazer ser alguém que eu não era: mais sexy, mais dura, sei lá. Quando tive minha filha, eu decidi que não conseguia mais viver aquela vida, e estou *feliz* agora. Mas essa nova música está meio que tentando me arrastar para quem eu era. E não é certo. Eu não sou mais mc.

Ele ouve “Eu não estou mais aqui” antes de entender o que ela realmente disse, e então compreende a razão pela qual Brooklyn contou isso a ele.

— Você acha que essa nossa transformação... em alguma coisa... está mudando quem somos — diz ele. — Nos refazendo, mas de maneiras diferentes.

— É. Eu acho que esse é, hum, o preço do que está acontecendo. Sua memória, minha paz de espírito, vai saber como é para os outros. Mas acho que faz sentido? Ser a cidade... — ela balança a cabeça — significa que não podemos mais ser pessoas comuns.

Você definitivamente não é humano, pensa Manny, se lembrando do que a Mulher de Branco disse a ele. Pareceu mentira, mas...

De repente, Brooklyn solta um grunhido em meio a um suspiro e esfrega os olhos.

— Foda-se. Vamos focar aqui. Certo. Nova York para iniciantes. — Ela pega o celular, procura algo entre os aplicativos e vira a tela para que ele possa ver. É o mapa de metrô da MTA com o qual ele já está familiarizado. — Manhattan — diz ela, apontando para a ilha estreita no meio.

Ele se segura para não se contorcer. Então Brooklyn começa no topo e desce em uma meia-lua no sentido horário em volta da ilha, usando uma pequena caneta touch para apontar cada distrito.

— Bronx, Queens, Brooklyn, Staten Island. Essa é a cidade *oficial*, embora Long Island, na verdade, seja a mesma ilha onde ficam o Brooklyn e o Queens. Os Yonkers conseguiram não ser contados como parte da cidade; Staten Island tentou fugir, mas não conseguiu. E também tem Jersey. — Ela revira os olhos.

— O que tem Jersey?

— Jersey é Jersey. Enfim, tá vendo esse mapa? É a mesma coisa que porcaria nenhuma.

Manny olha para ela, confuso.

— Mas você acabou...

— Sim. Por isso mostrei pra você. Essa é a primeira coisa que a maioria das pessoas vê quando visita a cidade. Até mesmo pessoas que estão aqui há anos pensam que *essa* é a cidade. — Ela balança o celular no ar para dar ênfase. — Eles pensam que Manhattan é o centro de tudo, quando a maioria da população está, na verdade, nos distritos. Eles pensam que Staten Island é uma coisinha de nada, secundária, porque a diminuíram para caber nesse mapa. Mas ela é maior do que o Bronx, ao menos geograficamente. Então, lição número um sobre Nova York: o que as pessoas *pensam* sobre nós não é o que somos de verdade.

Ele a encara, perguntando-se se foi uma dica intencional.

— Tipo como a vereadora, e advogada, Brooklyn Thomason é secretamente a MC Free?

— Não é lá um grande segredo, querido. Brooklyn é um livro aberto. — Ela aponta para o mapa de novo, em um lugar diferente. — O Queens é o que restou da antiga Nova York: aposentados, a classe trabalhadora, e um monte de imigrantes, todos ralando pra conseguir bancar uma casa com um quintalzinho. Os malas da tecnologia tentam dominá-lo e provavelmente vão conseguir um dia, mas por enquanto tudo o que eles têm é uma vizinhança poluída até o último fio de cabelo chamada Long Island City. Que fica *em* Long Island porque o Queens é em Long Island, mas não é *parte* de Long Island. Tá acompanhando?

— Não.

Ela ri e não se dá ao trabalho de explicar com mais detalhes. Ela vai para o Bronx.

— Essa parte da cidade sempre leva a pior em tudo. Gangues, golpes imobiliários, todas essas coisas. As pessoas lá se tornam duras, se conseguem superar tudo isso... então, de muitas maneiras, esse é o coração de Nova York. Essa é a parte da cidade que manteve toda a atitude e a criatividade e a tenacidade que todo mundo pensa ser a cidade inteira.

— Então no Queens estamos procurando por uma pessoa esforçada, mas que não trabalha com tecnologia, e alguém criativo, mas temperamental, no Bronx? Agora ficou fácil — suspira ele. — E a... — Ele toca em Staten Island no celular dela.

Brooklyn contrai levemente os lábios, mais em sinal de reprovação do que de reflexão, na impressão dele.

— Vai ser uma pessoa com mentalidade de cidade pequena, embora ela seja parte de uma das maiores cidades dos Estados Unidos. Lembre que as pessoas de lá não *querem* ser parte de Nova York. Eles não deixam a gente se esquecer disso. — Ela encolhe os ombros. — Vai ser um cuzão rancoroso, basicamente. E provavelmente republicano.

O ônibus finalmente chega à estação de metrô de que eles precisavam, onde fazem a baldeação para o trem N.

— A gente devia ter pedido uma limo — resmunga Brooklyn.

O horário de pico está a todo o vapor; o metrô está abarrotado. Eles ficam em pé e Manny tenta não acotovelar ninguém por acidente. É sua primeira vez andando de metrô, mas ele está distraído demais pela multidão para aproveitar. — Se bem que o trânsito nas ruas poderia estar tão ruim quanto.

— Uma limosine parece exagero — opina ele.

— “Limo” é só um carro, querido. Tudo que não é um táxi amarelo ou verde chamamos de limo por aqui, incluindo o tipo de limo chique na qual você está pensando. Só que também é chamado de “serviço de motorista” no Brooklyn. — Ela dá de ombros. — Estão todos sendo devorados pelo Uber e pelo Lyft de qualquer forma.

— Por que é diferente no Brooklyn?

Ela o olha de cara feia, o que ele acaba concluindo que merece. É diferente no Brooklyn porque o Brooklyn tem uma vibe própria. Ele está tentando aprender.

Os dois saem do N e vão para o 7 no Queensboro Plaza. Manny está ficando cansado de andar de pé quando sente a comichão da gravidade instável novamente, e dessa vez não está vindo de Brooklyn. Ele muda de posição para contrabalancear e percebe que Brooklyn faz o mesmo; seus olhares se cruzam e ambos assentem.

— Que bom — diz ela, satisfeita. — Estava começando a achar que teríamos que fazer todo o caminho até Flushing. Mas parece que nossa garota está em Jackson Heights.

Eles saem do trem e sobem para a rua. Quando estão parados em uma esquina, próximos a um pregador de rua charlatão, Manny tem a brilhante ideia de tentar uma variação do truque que Brooklyn usou para encontrá-lo. Ele testa alguns combos de palavras-chave em várias redes sociais locais. Na busca por “Queens” e “estranho” ele encontra várias reclamações sobre drag queens em outfits mal pensados. Além disso, no entanto, há vários tweets de pessoas de Jackson Heights mencionando gritos de criança e um “estrondo esquisito”. Então, enquanto eles estão passando a barra de rolagem nesse tópico, alguém posta “KKKK a piscina de uma velhinha tá tentando comer os filhos dela, qr fotos TMZ?”.

As fotos estão desfocadas. É uma piscina de fundo de quintal com um piso estranhamente escuro, duas crianças se debatendo e uma figura igualmente desfocada de cabelos pretos na beira da água. Mas é o suficiente. No mesmo instante Manny e Brooklyn sentem a atração da mulher de cabelos pretos.

Então o celular de Brooklyn emite um som de notificação e ela o puxa da bolsa para verificar a mensagem.

— Ora, ora, ora. Que surpresa. Parece que achamos Bronx também.

Ela vira o celular para que ele possa ver. Na pequena tela há a foto de um mural. De primeira, é difícil entender o que é. Há linhas em meio a jorros de tinta, mas elas se enrolam e se cruzam em uma profusão tonteante sobre o cimento cru no qual foram pintadas. Então uma chave se vira no cérebro de Manny, a outra parte dele respira fundo, e de repente compreende exatamente o que está vendo.

Esse é o outro lugar. O outro *e/le*. A cidade que ele se tornou. A cidade de Nova York, como seu inteiro e distinto eu, em vez da aglomeração de imagens e ideias que são suas camuflagens, nesta realidade. Ele compreende, então, por que viu o outro lugar vazio; não está. As pessoas estão lá, mas em espírito, da mesma maneira que a cidade de Nova York em si tem uma presença fantasma na vida de cada cidadão e visitante. Ali, naquele estranho mural abstrato, Manny vê a verdade que ele agora vive.

E ele também sabe: a pessoa que é o Bronx fez aquilo. Ele sabe porque, no instante em que entende a imagem, sente a estranha atração gravitacional novamente, vindo de algum lugar no norte

dessa vez. Não tão forte quanto a que está no Queens, mais perto, mas inconfundível.

— Você disse que seria alguém criativo e temperamental — murmura Brooklyn, examinando a imagem também. — Foi só um chute da sua parte, mas durante toda a minha vida foi assim que vi o Bronx. Foi de lá que veio o hip-hop, e os melhores grafittis, e danças e moda e... — Ela meneia a cabeça. — Eu pedi para a minha equipe ficar de olho em coisas exóticas, mas, quando você disse isso, pedi a eles que procurassem uma obra de arte específica. Não conseguia me lembrar de onde ou quando tinha visto ela, mas me lembrei de detalhes o suficiente para que eles a encontrassem. E é ela.

Brooklyn arrasta o dedo pela tela do celular. Além da foto há uma mensagem de Mark Vishnerio, assistente da vereadora Thomason, de cinco minutos atrás. *Atualmente em exibição numa galeria no Bronx. A etiqueta diz, “Da Bronca”, nome artístico de Bronca Siwanoy, ph.D., diretora do Centro de Artes do Bronx. Título da pintura: “Nova York, a Verdade Verdadeira”.*

Brooklyn olha para o sol.

— Já estamos na hora do rush, que é por volta das duas ou três da tarde aqui, falando nisso, quando os ônibus escolares começam a ferrar com o trânsito. A menos que Queens se junte a nós depressa ou que o Bronx faça hora extra, nós provavelmente vamos nos desencontrar se formos ao Certo de Artes do Bronx.

— Então podemos encontrar ela em casa — sugere Manny. — Ela pode não estar segura sozinha.

Brooklyn suspira, balançando a cabeça de novo.

— Não podemos estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Devíamos nos separar?

Seria a coisa lógica a fazer. Mas Manny faz uma careta.

— Pode ser que isso só nos torne um alvo mais fácil. Olha, Queens precisa de nós aqui e agora. Vamos lidar com um problema de cada vez.

— Mais distritos, mais problemas — resmunga Brooklyn, e então assente relutantemente.

Manny dá uma olhada nos aplicativos de carona de seu celular e escolhe um lugar no mapa que parece mais ou menos próximo ao local onde podem pressentir Queens. Então seguem caminho, antes tarde do que nunca.

DRA. ALVA, A CRÍTICA DE ARTE INTERDIMENSIONAL

As peças são ruins.

Bronca caminha ao longo da parede de exibição, lentamente como se para dar a si mesma tempo para pensar. Ela consegue ver Jess pelo canto do olho, na mesa de recepção. Perto do telefone. Perto dela, sentada à mesa, está a assistente do Centro, Veneza. O rosto de Jess está sério, mas Veneza tem olhos grandes e expressivos que vão de Bronca para Jess e então para Yijing — sim, Yijing. A situação exigia a tropa toda, uma frente unida, a despeito de qualquer coisa acontecendo entre elas — e depois para os visitantes.

Os convidados estão aglomerados no meio da sala, embora seu porta-voz, um jovem branco de cabelos loiro-avermelhados presos em um coque e barba de lenhador, tenha se posicionado diplomaticamente entre o grupo e Bronca. Ele informa ser o agente do grupo, que é algum tipo de coletivo de artistas. Os outros membros do grupo são homens e em sua maioria brancos também, embora haja um rapazinho entre eles que é branco-mas-com-uma-generosa-pitada-de-sangue-indígena-sul-americano. Ele usa uma versão desgrenhada da mesma barba idiota. Ansioso para se encaixar no grupo, ele não parece ter percebido que ela não fica bem em seu rosto. Ele seria lindo sem ela.

Tome cuidado com os baixinhos, Bronca se lembra de seu ex ter dito em algum momento. Naquela época eles ainda eram casados, mas já tinham trocado de time em definitivo; ele já estava sendo o *daddy* de metade de Chelsea e ela havia cautelosamente feito uma conta no Pink Crawfish, um serviço lésbico de relacionamentos para mulheres com mais de cinquenta. Ainda eram amigos, após todo o desgaste que sofreram juntos com os processos do Movimento Indígena Americano, protestos não violentos contra a aids e coparentalidade. Chris adorava compartilhar toda aquela sabedoria adquirida com seus amigos. *Caras baixinhos são como esses cachorros pequenos que todo mundo acha fofinhos. Mas eles nunca param de latir e são malucos pra caralho porque as bolas deles são maiores do que o cérebro.*

Um grande sábio e guerreiro, Chris Siwanoy. Ela sentia sua falta. Ele talvez tivesse alguma ideia do que fazer nessa *situação de merda*.

Ela se vira para o Coque Samurai Loiro, que a observa com um sorriso exageradamente educado de vai-se-foder. Ele sabe muito bem o que ela está pensando. Ele está esperando que ela diga em voz alta, que ela viole o tratado silencioso que protege pessoas brancas racistinhas disfarçadas. E, caramba, alguns deles adorariam poder parar de disfarçar.

— Tá o.k., então — diz ela, parcialmente em resposta a esse pensamento. — Vocês estão tirando uma com a nossa cara?

Yijing geme e cobre o rosto com as mãos. Jess, no entanto, cruza os braços, o que para ela equivale a tirar os brincos. Essa briga não vai chegar a isso — Bronca espera —, mas ela pode ver pelo olhar impassível no rosto de Jess que ela está pronta para qualquer coisa.

A tolerância de mulheres judias turronas para merdas desse tipo é quase tão curta quanto a de velhas lenapes igualmente turronas.

Coque Samurai Loiro parece teatralmente chocado. Ele é um péssimo ator, embora seu currículo diga que ele trabalha em algumas peças da Broadway como substituto do ator principal. Bronca acredita ser mentira. Esse tipo de pessoa sempre mente e ataca os outros para encobrir sua própria mediocridade.

E isso é o que é mais ofensivo naquele tipo de arte... É racista, misógina, antissemita, homofóbica, provavelmente alguma outra merda que ela não está pegando de primeira. Mas também é *horrível*. Não que ela acredite ser possível fazer arte de qualidade quando se odeia tanta gente — arte requer empatia —, mas o Centro tem uma boa reputação e Bronca está acostumada a ter sua equipe de profissionais respeitada. Normalmente, as pessoas não trazem essas merdas.

Porque é mesmo uma merda. Uma colagem de fotos de linchamentos com zoom em rostos negros mortos ou agonizantes, a coisa toda cercada por homenzinhos-palito desenhados apontando e sorrindo em tinta branca. Um tríptico com traço de carvão e pintura grosseira de aquarela: no primeiro, uma mulher de pele escura com lábios, mamilos e vulva comicamente exagerados está deitada e amarrada no estilo daquela arte japonesa de amarração com cordas cujo nome Bronca não consegue lembrar. Sua expressão está entre entediada e sem alma. No segundo, uma figura masculina é apresentada em cima dela, com a bunda nua desfocada sugerindo movimentos de investidas. Ele usa um shtreimel e seu cabelo tem cachos nas laterais; Bronca está surpresa por não terem tatuado a estrela de davi na bunda dele só para garantir que os observadores

entendam a mensagem. No terceiro, o homem agora é um amontoado de cabelos compridos estereotipando os Índios das Planícies, incluindo até mesmo a porra de um cocar de guerra. (Suas vestes mal reproduzidas estão na frente, por isso há uma tosca visão de raio-x através de seu corpo para mostrar a vulva de tamanho desproporcional da mulher completamente aberta. Isso foi para que o observador não presuma que eles estão apenas se roçando? Bronca imagina que sim, mas quem vai saber.) Uma fila de homens segurando seus paus — algumas vezes uma faca, sem critério específico — espera por sua vez ao lado dela. E em todas as três imagens, enquanto os homens se revezam, a mulher inexpressiva vomita citações de feministas racializadas renomadas.

Há mais peças, e a maioria é apenas entediante em vez de provocativa; arte de má qualidade cansa as pessoas. A pior de todas é uma escultura de um homem recurvado exibindo uma enorme abertura anal. Claramente foi pensada para caber um punho humano. Mas o tríptico parece ser o grande orgulho deles.

Bronca aponta para a escultura.

— Então, vocês copiaram isso do 4chan ou pensaram nela por conta própria?

Ela lança um olhar a Veneza, que responde com um breve sorriso nervoso. Veneza ensinou Bronca sobre a “cultura chan”, e Bronca está orgulhosa de si mesma por ter se lembrado do nome.

Uma das pessoas que acompanham o Coque Samurai Loiro é uma criaturazinha pálida de ombros curvados que aparenta ter tuberculose ou alguma outra doença com nome da era vitoriana. Ela decide chamá-lo de Doc Holliday.

— Não espero que entenda o que estou tentando dizer com essa peça — diz ele, rispidamente. — Se trata de *ironia*, caso não tenha sacado. O MoMA tem vinte e duas pinturas abstratas de clitóris, então...

Bronca percebe que está começando a ficar irritada. Nada bom. Ela precisa ficar fria.

— E você acha que um meme pervertido feito para chocar é a resposta lógica para um clitóris? Como estupro coletivo dialoga com a saúde reprodutiva feminina?

— É um tratado sobre a mutilação genital feminina — diz um garoto que aparenta ter quinze anos. Ele nem sequer consegue segurar o sorrisinho. Não consegue vender seu próprio peixe podre. — Está vendo? Ela é negra. Digo, afro-negra.

Bronca respira fundo, tentando se acalmar, e exibe seu mais fajuto sorriso.

— Certo. Agradeço por terem separado um tempo para a reunião de hoje, então vou mantê-la breve. O Centro Artístico do Bronx nasceu em 1973 e foi fundado pela cidade bem como por doadores particulares. Nosso propósito é simples: exibir a complexidade cultural desse magnífico distrito através da arte. Nós...

— Essa é a ladainha-padrão? — pergunta o Coque Samurai Loiro, soando indignado mesmo em meio a um riso. — Isso aqui é tipo, sei lá, uma rejeição comercial?

Bronca continua sua linha de raciocínio:

— ... buscamos abraçar e celebrar a diversidade do Bronx e de todas as suas raças, etnias, gêneros, habilidades, orientações sexuais, origens nacionais e religiões de minoria, bem como...

— Nós moramos no Bronx — diz o Quinze Anos, que foi das risadinhas para uma fúria de enrubescer a face numa velocidade que faz lembrar uma criança birrenta. — Eu cresci aqui. Eu tenho o direito de expor a minha arte aqui!

De Riverdale, deduz Bronca. Lugar de gramados amplos, propriedades em estilo Tudor e modo de vida tradicional e autocentrado.

— Não funciona assim — diz ela ao garoto. — Nós existimos para expandir o meio artístico de Nova York para além de Manhattan, mas ainda somos parte desse meio e precisamos exibir arte *de qualidade* para que tenhamos uma boa reputação. Há um milhão e meio de pessoas neste distrito e muitas delas são artistas. Podemos nos dar ao luxo de ser seletivos.

— E mesmo se não pudéssemos — acrescenta Jess, que obviamente pensa que Bronca está fugindo da questão. — *Não compactuamos com intolerância*. Nada de estereótipos. Nada de estupro como fetiche. Nada de pegadinhas de teor homofóbico... — Ela começa a ficar coberta de manchas vermelhas e então gesticula em direção a Bronca, esperando que ela retome o fio do pensamento.

— Vocês têm alguma dúvida? — pergunta Bronca, em um tom que deixa claro que ela não quer pergunta alguma.

— Nós ainda nem mostramos a vocês a nossa peça principal — diz Coque Samurai Loiro.

Quando Bronca olha para ele, ultrajada com sua ousadia, ele responde com um sorriso que dispara todos os seus sinais de alerta de uma vez. Seu olhar tem um ar vidrado e chapado (e é bem provável que ele de fato esteja chapado, há uma caneta de *vape*

saindo de seu bolso) que não esconde quão irritado o Sr. Coque Samurai está nesse momento. Ele está tramando alguma coisa.

— Se vir nosso melhor trabalho e mesmo assim disser não, vamos embora. Sem reclamação. Só dê uma olhada. É tudo o que pedimos. — Ele levanta as mãos, a imagem da inocência irritada.

— Por que eu ia querer ver mais disso? — Bronca gesticula em direção ao tríptico. É uma merda. Ela sente vontade de lavar os cones e bastonetes de sua retina.

— É uma peça mais abstrata — intervém Doc Holliday.

Ele se vira em direção a um dos barbados que Bronca ainda não se deu ao trabalho de nomear, que é quem vai até o corredor a passos rápidos. Bronca notou a peça coberta com uma lona de plástico quando eles entraram, mas se esqueceu dela durante o atentado aos seus sentidos que se seguiu. A nova peça é grande, talvez tenha três metros em um dos lados, e é em tela, a julgar por quão leve parece ser enquanto a carregam. O rapaz sem nome começa a retirar a fita adesiva da lona de plástico. Holliday se posiciona entre a operação de revelação e Bronca. Ela deduz que seja para que ela não tenha nenhum *spoiler* do que está sob a lona, em vez do efeito máximo, de uma só vez. Artistas de verdade não fazem isso. Apenas artistas fajutos fazem esse tipo de drama exacerbado. Ele também está muito sério.

— Só quero saber a sua opinião sobre ela, por favor. Recebi um bom feedback de uma galeria em Manhattan.

Yijing se agita. Ela tem um olhar fixo de asco em seu rosto, e pela primeira vez Bronca adora a maneira afetada como ela empina o queixo.

— Que galeria?

O rapaz menciona uma da qual Bronca já ouviu falar. Bronca troca olhares com Yijing para verificar se ela está impressionada com o nome. Yijing retorce os lábios.

— Entendo — diz ela.

Mas Bronca suspeita que Yijing irá em breve ligar para o negociante que é dono daquela galeria para descobrir que merda há de errado com ele.

O Coque Samurai Loiro olha para Doc Holliday e juntos eles posicionam a peça contra uma das paredes livres de exibição. No momento seguinte estão prontos.

— Chamo essa aqui de *Perigosas Máquinas Mentais* — diz Doc, e então eles removem a lona.

Definitivamente não é como as demais. Bronca percebe imediatamente. Aquelas eram caricaturas de arte — o tipo de coisa que pessoas que odeiam as belas-artes acreditam constituir o estado mais avançado de arte. Isso é arte de verdade. Na realidade, observando as cores se separando em padrões intrincados, ela começa a perceber o nível de habilidade envolvido na produção da peça. Há *técnica*. Uma forte presença do neoexpressionismo, mas com um pouco da graça do grafite. Muitos querem canalizar Basquiat, mas a maioria das pessoas não consegue o controle necessário. Basquiat mesmo não conseguia. Quem quer que tenha feito isso, no entanto — porque Bronca sabe muito bem que Doc e Quinze Anos não fizeram —, conseguiu.

Mas.

É uma cena de rua, ou a sugestão de uma. Cerca de doze figuras seguem desproporcionalmente, à distância, ao longo de uma rua cheia. Algo sobre o aglomerado de lojas e sua confusão de placas

parece familiar. Chinatown. É uma cena noturna, uma cena chuvosa; há um resplendor de cores representando o asfalto molhado. As figuras são meramente pinceladas espirais de tinta, sem rostos e indistintas, mas... Bronca franze o cenho. Há alguma coisa nelas. As figuras estão *sujas* — trajando vestimentas apagadas, com as mangas dobradas que deixam as mãos escurecidas à mostra e usando sapatos encardidos e aventais manchados com sangue e outros fluidos corporais menos fáceis de identificar. Elas são como vultos, essas criaturas turvas, para as quais a palavra *pessoas* é uma designação incorreta e risível. E uma bruma no ar sugere o cheiro de lixo molhado misturado com a névoa da tarde. Bronca quase consegue ouvir o burburinho...

(A galeria escurece e é tomada pelo silêncio. Coque Samurai Loiro parado no limite de sua visão periférica, como se sob um holofote, sorrindo para ela, observando seu rosto de maneira ávida. Mais ninguém se move.)

Mas o burburinho não é como o que ela já ouviu caminhando por Chinatown. Burburinho de rua de verdade, lá, são apenas conversas — uma cacofonia de aquecimento pré-espetáculo de línguas tonais, inglês e um vestígio de idiomas europeus dos turistas, entremeado com risadas de criança e gritos de motoristas irritados. O que Bronca ouve ali, diante da pintura, é algo de tom mais agudo. Uma algazarra de sons indistinguíveis.

(É fim de tarde. O que ela está ouvindo não é o que ela deveria estar ouvindo. O velho e barulhento sistema de ventilação deveria estar trepidando enquanto luta contra o calor do verão. O Centro fica em uma via muito movimentada, mas onde estão os sons do trânsito vindos lá de fora? Ela deveria estar ouvindo o zunido da serra de

mesa ao longo do dia enquanto a marcenaria trabalha nos pedidos dos artistas do Centro. Nunca é tão silencioso no Centro de Artes do Bronx, não nessa hora do dia. Bronca franze as sobrancelhas... antes de a pintura atraí-la de volta de sua distração.)

Uma algazarra incoerente de vozes. Os rostos se aproximam, parecendo mudar enquanto Bronca absorve a pintura.

(Espere. Tem alguma coisa. Ela consegue ouvir)

Um *chilrear*. Como um penetrante e inquietante som de insetos, sofrendo interferência de distância e movimento.

(A voz de Veneza interrompe: “B1. Ei, B1. Brrr-ooooo-nnnn-ca”. Bronca odeia quando Veneza diz seu nome dessa maneira, transformando todos os fonemas em sílabas. Faz com que pense que ela está tendo um derrame, e é por isso mesmo que Veneza faz.)

Agora um novo som. Algo pesado e molhado se chocando logo às suas costas contra o chão de concreto polido do Centro. Faz com que ela pense em uma corda de atracar sendo arrastada em um píer. Ela consegue até mesmo sentir levemente o cheiro de água do mar. Mas ela não se pergunta por que alguém desenrolou uma corda molhada ali, porque os rostos na pintura de repente parecem se aproximar ainda mais, molhados de tinta e sem expressão. *Vem deles* o chilrear, o tremular.

Os rostos se viram para segui-la.

Os rostos se viram e se aproximam e *eles a cercam por todos os lados*. Uma mão segura o ombro de Bronca e a puxa para trás com um solavanco.

O universo pausa por um instante, expandindo-se levemente. Bronca fica em suspensão, presa na flexibilidade do momento por

uma longa e contida pausa — então a realidade retorna como num estalo.

Ela parece confusa. Veneza está ao seu lado, parecendo preocupada. Sua mão ainda está no braço de Bronca; foi ela quem a puxou de volta. A pintura está na frente delas, apenas tinta em uma superfície. Bronca tem a súbita sensação de que jamais esteve diferente. O ambiente ao seu redor, no entanto...

Uma vez que Bronca foi designada como a guia, ela compreende perfeitamente o que acabou de acontecer — embora seja uma coisa complicada de se conceber, e ela está aliviada de provavelmente não ter que explicar a ninguém. Há muito a ser considerado: a teoria onda-partícula, desintegração de méson, colonialismo quântico, e mais. Mas, deixando todo o resto de lado, o que aconteceu ali foi um ataque. Um ataque que chegou perigosamente perto de não somente matá-la, mas *destruí-la*. E Nova York também.

— B1?

Veneza criou esse apelido engraçadinho para ela, que pegou entre os artistas mais jovens que frequentam o Centro. Veneza, cujo nome do meio é Brígida, é a B2.

— Está tudo bem? Você ficou meio aérea e... — Ela para no meio da frase, a boca aberta para a próxima palavra, apesar de hesitar, até que ela se decide e finalmente diz o que ia dizer. — Não sei. A parada ficou esquisita por um segundo.

Uma definição vaga para o espaço-tempo contínuo.

— Tô bem. — Ela dá uma palmadinha nas mãos de Veneza para tranquilizá-la, então se volta para os caras. Coque Samurai Loiro não está mais sorrindo, e Doc Holliday está claramente com uma cara azeda. — Pode cobrir essa merda — ordena Bronca,

bruscamente. — Levei um minuto, mas agora entendi. “Perigosas máquinas mentais.” Tá certo.

Ela olha em volta e vê os rostos confusos de Jess e Veneza. Exceto por Yijing. Yijing pode ser uma imbecil, mas ao menos compartilha do amor de Bronca por educação universitária em artes liberais custando o olho da cara. Ela está olhando para Doc Holliday com fúria renovada. Então Bronca continua:

— É, esse era o adorável termo que H.P. Lovecraft usava para se referir às pessoas em Chinatown. Desculpe, à “Escória Asiática”. Ele estava disposto a dar o braço a torcer e admitir que eles talvez fossem tão inteligentes quanto as pessoas brancas porque sabiam como ganhar dinheiro. Mas ele não acreditava que tinham almas.

— Ah, mas ele era preconceituoso com todos por igual — diz Yijing de maneira arrastada, cruzando os braços e fitando os homens com um olhar fixo. — Na mesma carta ele ofende praticamente todo mundo. Vamos ver, se bem me lembro, pessoas negras eram “infantiloides metade gorila”, os judeus eram uma maldição, os portugueses eram “símios”, e por aí vai. Nos divertimos muito desconstruindo isso no seminário da minha tese.

— Porra, até os portugueses? — Veneza parece impressionada.

Ela tem descendência negra e portuguesa, Bronca se lembra, e não se dá bem com seus familiares portugueses.

— É.

Bronca leva uma mão ao quadril. Eles ainda não cobriram a pintura — que não é uma pintura —, mas agora Bronca sabe que não deve olhar para ela por mais de um momento. Jess e as outras não correm perigo, porque esse ataque foi destinado apenas à cidade de Nova York, ou a uma parte significativa dela.

— Eu entenderia se vocês estivessem tentando expor Lovecraft. Demonstrar quão deturpadas eram suas fobias e aversões. Mas essa pintura as reforça. Essa pintura mostra Nova York como *e/le a via*, o filhinho da puta de uma figa, andando pelas ruas e imaginando que todos os outros seres humanos pelos quais passava *não eram* humanos. Então, senhores, mais uma vez, que parte de “não trabalhamos com intolerância” vocês não entenderam?

Doc parece aturdido por Bronca ainda estar falando. Coque Samurai Loiro parece estar contendo uma avalanche de ira, mas sorri e sinaliza com a cabeça para que um dos outros cubra a pintura.

— Beleza — diz ele. — Você tentou e mesmo assim não gostou. É justo. Vamos te deixar em paz.

Não vão. Caras como esse não estão interessados no que é justo. Mas Bronca dá passagem para que o grupo cubra e remova a peça, indo ficar ao lado de Yijing. Pelos dez minutos seguintes, aproximadamente, ela e Yijing assistem à operação de Coque Samurai, olhando torto para eles como se estivessem sendo pagas para isso.

Mas há alguma coisa esquisita naquele grupinho, cisma Bronca, enquanto eles trabalham. Bom, mais esquisita do que serem um bando de “artistas” riquinhos que acreditam que endossar estereótipos e pornografia fetichista é ser avant-garde. Primeiro, a pintura. Doc e os demais parecem imunes a ela também, o que significa que são pessoas normais, diferentemente de Bronca e dos outros cinco que estão nesse momento vagando pela cidade, provavelmente tentando descobrir o que devem fazer a seguir. Mas

uma pessoa normal não poderia ter pintado aquela coisa. Em segundo lugar, há o fato de que eles nem sequer investiram nessa tentativa. Por que perder tempo tentando exhibir a arte de merda deles no Centro? Por que não apenas usaram isso como um pretexto para a reunião, e mostraram a pintura monstruosa logo de cara para pegar Bronca com o elemento da surpresa? O que significa que há mais coisas envolvidas nisso. Bronca cerra os olhos e os observa em busca de qualquer ponta solta.

Ela não encontra nada — e rabugentemente admite que não saberia pelo que procurar. Ela não tem estado por dentro das tecnologias de monitoramento há mais ou menos vinte anos. Ganhou um smartphone do filho, e até gosta de assistir a filmes nele, mas parece que ainda ontem as pessoas usavam telefones de discagem giratória, discando combos de números e letras—

Há uma centelha. Bronca pisca, subitamente prestando atenção. Espere, aquilo é uma ponta solta, no fim das contas? Bem no calcanhar de Coque Samurai; ele carrega um dos lados da caixa com uma peça da escultura de bronze. Não. Bronca pode não saber nada sobre dispositivos ocultos de espionagem do XXI, mas tem certeza de que eles não se parecem com... um cadarço solto? Ele está usando sandálias de tira, então não pode ser isso. (Ela faz uma careta olhando para suas unhas nojentas dos pés.)

Mas ali, flutuando logo acima do osso em seu pé: algo se projeta de sua pele. É como um pelo especialmente longo e fino. Branco, não loiro como seu cabelo. Tem pelo menos cerca de quinze centímetros... embora, sob o olhar de Bronca, ele se estique para a frente, como se tentasse tocar a caixa que ele está carregando. Cerca de vinte centímetros. Trinta centímetros, quase encostando

na lateral da caixa de madeira... então ele para e se contrai. Não está comprido o bastante, aparentemente. Então retoma a posição inicial, apenas repousando aos pés do Coque Samurai, apenas um pelo tentando passar despercebido. Talvez ele tente de novo quando tiver crescido um pouco mais.

Bronca não sabe o que é exatamente. Aquilo não existe dentro do léxico de conhecimento absorvido por ela, e esse fato em si é profundamente preocupante. Mas ela sabe somar um mais um.

Então, quando o “coletivo de artistas” está pronto para sair, ela segue o Coque Samurai Loiro até a porta. Está perto do fim do dia. Ela vai fechar mais cedo, dar um descanso para a equipe depois disso tudo. Mas antes ela diz para o Coque Samurai, enquanto ele sai pela porta:

— Para quem você trabalha?

Ela espera que ele aja de forma dissimulada. Ele parece fazer o tipo. Em vez disso, o rapaz sorri de maneira maliciosa e responde:

— Não se preocupe, você vai conhecê-la em breve. Pessoalmente, ela disse. Sem uma porta de banheiro para protegê-la.

Bronca contrai os lábios. Então vai ser assim?

— Pergunte a ela como isso terminou da última vez — devolve ela, fechando a porta na cara dele.

É uma porta de vidro, o que diminui a intensidade do foda-se no gesto, já que ela não pode batê-la sem arriscar quebrar o vidro, mas ainda é bom ver o sorrisinho dele desaparecer.

Então eles vão embora.

Bronca tranca a porta e os observa até que tenham entrado em seus carros — um deles um Hummer enorme, o outro um Tesla,

ambos valendo mais do que ela recebe em um ano de trabalho — e desaparecido em meio ao trânsito. Então Bronca solta o ar e se vira para as outras. Elas parecem oscilar entre raiva e preocupação.

— Bom, então foi isso.

— Eu conheço uns caras — sugere Yijing imediatamente. — Devíamos fazer umas ligações. Dar um sacode naqueles moleques.

Bronca ergue as sobrancelhas.

— Você? Você conhece esse tipo de cara?

— Não, a menos que você esteja falando de um grupo de advogados. — Ela cruza os braços. — Aquilo foi assédio e intimidação. Não dá para dizer que não foi. Um bando de moleques fascistas ou qualquer coisa do tipo, entrando num lugar dirigido por mulheres de diferentes minorias, com *aquela* “arte”? — Ela faz o sinal de aspas no ar com os dedos. — Pau no cu desses filhos da puta.

Caramba. Não que Bronca discorde. Mas Jess está em silêncio, então Bronca chama sua atenção.

— Jess?

Jess franze o cenho.

— Acho que deveríamos falar para o pessoal usando as oficinas lá em cima que estamos fechando por hoje, mesmo para aqueles que ficam aqui. Precisamos garantir que o prédio vai estar vazio.

Bronca gira sobre os calcanhares, confusa, enquanto Veneza responde com “Como assim?” e Yijing imediatamente começa a reclamar, mas Jess sobe o tom de sua voz o suficiente para se fazer ouvir por todas.

— Só por precaução — fala ela, mas o tom é quase de um grito. — Por via das dúvidas. Não sei se vocês perceberam uma vibe

nazista naqueles caras como eu, mas tenho dois avós que me dariam um safanão se eu não dissesse isso. Os outros morreram nos campos de concentração. Sacaram?

Bronca saca, assentindo sombriamente com a cabeça. Porque, bem, ela cresceu sem alguns das gerações mais velhas também — e perdeu alguns da mesma geração. Não é paranoia quando há pessoas realmente causando incêndios e metralhando casas noturnas.

Mas.

— Mas deixa o pessoal que fica aqui — diz Bronca. — Vou alertar eles, mas alguns não têm pra onde ir.

Muitos dos artistas da casa do Centro são manifestações literais do termo — jovens expulsos de casa por suas famílias por serem *queer* ou neuroatípicos ou por dizerem não, artistas sem grana para ter um teto todo deles, até mesmo uma mulher da idade de Bronca que se separou recentemente do marido. Ela faz esculturas de vidro magníficas. Ele deu uma surra nela e destruiu uma de suas melhores obras antes de ela começar a dormir em um puff em sua oficina no Centro.

Os ambientes de trabalho não foram realmente planejados para serem habitados, então o Centro não desrespeita nenhum regulamento de moradia... tecnicamente. Bronca lida com isso os lembrando periodicamente de que o espaço deve ser usado apenas temporariamente. Ela diz isso para alguns deles há anos.

Veneza, com uma expressão séria, vai até a mesa e se senta em frente ao computador, fazendo algo que Bronca não consegue identificar. Jess suspira.

— Certo, tudo bem, esses podem ficar — diz ela. — Mas vamos dar um aviso, pelo menos. E... é melhor que você ligue para o conselho. Para deixá-los preparados.

Bronca inclina a cabeça, tentando seguir o raciocínio de Jess.

— Para quê? Um protesto ou algo assim?

—É — interrompe Veneza. — Como eu imaginei. Venham aqui, quero mostrar uma coisa pra vocês.

Todas elas se posicionam em frente ao monitor. Veneza abriu uma página do YouTube e fez uma busca que resultou em uma lista de vídeos com miniaturas lúgubres e rostos de olhares perversos. Bronca está prestes a perguntar o que elas estão vendo quando, de repente, reconhece um daqueles sorrisos maldosos.

— Ei! — Ela aponta para a tela. — É o Coque Samurai Loiro.

— Tá de brincadeira — murmura Jess antes de se virar com um grunhido. — Ah, mas *é claro*.

— O quê? — Bronca olha para ela confusa, depois para Veneza. — O que foi?

— Bom, busquei na internet a imagem do logo do e-mail deles.

Veneza aponta uma marca no canto do vídeo que Bronca então se lembra de ter visto em algum lugar. Em seus e-mails e em seus cartões. Era um sinal de quão terrível a arte deles seria: um A estilizado, com runas nórdicas abstratas e rabiscos esquisitos em volta. Completamente incompreensível e difícil de ser lembrado, o que basicamente anula o propósito de se ter um logo. É o logo do Alt Artistes. Esse é o canal deles.

Ela clica em um dos vídeos, expande-o e pula para um ponto aleatório no meio do vídeo. A tela é tomada pelo rosto do Coque Samurai Loiro, aparentemente dominado por um torpor de fúria e

com seu coque se desmanchando devido à intensidade de sua gesticulação.

—... o último prego do caixão, a última peça do quebra-cabeça! — diz ele. Ao fundo há o que parece um quarto de hotel. — É nisso que esses *revisionistas* insistem, no desrespeito por uma cultura superior que deu a eles Picasso, e Gauguin, e...

— Tire o som — diz Bronca, irritada com o som da voz dele.

Veneza tira, graças a Deus.

— Já entendemos. Então esses caras são... artistas performáticos? Eles fazem uma arte de merda, tentam levá-la para galerias, não conseguem porque é uma merda, então fazem vídeos dizendo a todos que é racismo reverso?

— Acho que sim? Não faz muito sentido. Eles dizem qualquer coisa que instigue as pessoas que os assistem o suficiente para que cliquem nos vídeos ou façam doações. Além disso, Picasso roubou de artistas africanos e Gauguin era um pedófilo que passou sífilis para várias meninas não brancas, mas que porra eu sei, né?

Então ela aponta para algo abaixo do vídeo e Bronca precisa forçar os olhos para identificar um número. Parece...

— Não me diga que esse “k” significa *mil* — diz ela, recuando em um espanto horrorizado quando percebe. — Não me diga que quarenta e duas mil pessoas assistiram essa merda!

— Pois é. — Veneza volta para os resultados da busca e aponta outros números também terrivelmente altos. — Aquele era um dos vídeos mais assistidos, mas ainda assim. E, tipo, há toda uma indústria de caras que fazem vídeos assim. Quanto mais provocador, mais pessoas assistem e mais dinheiro eles ganham.

— Uma indústria crescente de homens brancos choramingando — observa Jess de maneira amarga. Ela é loira e fofa e branca feito papel, então Bronca deduz que ela deve lidar com uma dose frequente de reclamação e chororô de caras brancos que não percebem que ela não está no mesmo time até começarem com as teorias globalistas de conspiração. — Eu ia dizer que deveríamos avisar o conselho sobre a possibilidade de haver violência, mas esqueci que tem isso também.

— É — diz Veneza. — Fãs de caras assim são como seguidores de uma porra de uma seita. Tudo o que ele disser, eles vão engolir. Eles colocam seu endereço na internet se conseguirem encontrar. Eles mandam ameaças de morte ao seu chefe, perseguem seus filhos, mandam um time da Swat pra sua casa, aparecem eles mesmos portando armas... coisas assim. Vocês precisam trancar tudo.

— Trancar tudo? — Bronca olha para ela. — Trancar o quê?

— Suas identidades. Informações pessoais. Posso ajudar vocês a começar, mas vamos ter que ficar aqui até mais tarde.

Elas entram na onda, pensando juntas em planos e estratégias de emergência, enquanto Veneza acessa infinitos sites de busca e tenta ensiná-las em poucas horas a esconder documentos e evidências de uma vida inteira. É uma coisa atordoante, apavorante — e se torna mais assustador ainda quando Bronca percebe de repente uma mudança fundamental desde seus verdadeiros dias de encrenca. Naquela época, ela tinha que se preocupar com o governo grampeando seu telefone. O governo provavelmente ainda faz isso, mas todas as outras coisas foram *terceirizadas*. Agora, em vez de se preocupar apenas com uma operação da

contrainteligência, ela tem que se preocupar com isso e *também* com um cara qualquer diretamente do porão da casa da mãe *stalkeando* seus familiares, e jovens bombardeando-a com ameaças de morte porque isso faz com que se sintam parte da gangue (de terroristas), e uma fábrica de *trolls* na Rússia usando o Centro como *cause célèbre* para incitar um bando de nazistas. Todas as pessoas que representam ameaças reais para o país; de alguma maneira, elas foram convencidas a fazer o trabalho sujo, mais ou menos de graça. Ela ficaria admirada se não fosse algo tão absurdamente terrível.

Quando elas chegam a um ponto em que já fizeram tudo o que podiam — porque Veneza só pode ajudá-las a diminuir a ameaça; não há uma forma de eliminá-la inteiramente —, já está tarde. Yijing e Jess vão para casa enquanto Bronca e Veneza ficam para trás para enviar um e-mail para a equipe das oficinas sobre segurança on-line.

Bronca sai para fechar as persianas. Quando está terminando, no entanto, Veneza sai do Centro pela porta da equipe parecendo abalada. Ela é uma menina forte de muitas maneiras e, na verdade, Bronca não deveria se referir a ela como uma menina. Veneza já se formou na faculdade, na Cooper Union, aliás, porque ela é muito inteligente. Mas, nesse momento, sua pele negra está pálida.

— O banheiro — murmura ela. — Não sei, B1. Lá dentro é sempre sinistro. Mas hoje aquela última cabine me deixou assustada pra caralho.

Bronca faz uma careta. Ela devia ter queimado um pouco de sálvia e tabaco, ou esfregado aquela cabine com amônia, ou os dois.

— Ééé... Vamos só partir da ideia de que aquela cabine é mal-assombrada.

— Mas não era ontem. Que merda mudou de ontem pra hoje? Parece igual, mas tudo ficou esquisito de uma hora pra outra.

Veneza se vira para olhar a rua. O Centro fica no alto de uma ladeira com vista para o rio Bronx e para a rampa que dá acesso à via expressa Cross Bronx, que finalmente deixou de ser um estacionamento agora que o horário de pico acabou. Mas para além disso, à distância, a vista noturna da cidade acompanha o horizonte. O norte de Manhattan não é tão impressionante quanto a parte da ilha da qual os turistas gostam. Mas Bronca prefere essa vista porque ela deixa claro que Nova York é uma cidade de pessoas, não só de empresas e locais de referência. Dali, quando o ar não está nebuloso, podem-se observar os infinitos quarteirões de apartamentos de Inwood e as escolas públicas gigantes no Spanish Harlem, e até mesmo as fileiras de casas altivas que ainda existem no Sugar Hill. Casas e escolas e igrejas e mercearias, com um ou outro condomínio alto de vidro e ferro para estragar a paisagem. Essa é uma vista da cidade que Bronca vê frequentemente — razão pela qual, em sua convicta opinião, as pessoas do Bronx não engolem sapo de manhattanianos arrogantes. No fim do dia, se as pessoas querem se estabelecer e viver em Nova York, todos precisam comer, educar os filhos, dormir e sobreviver de alguma forma. Não faz sentido algum ter o nariz empinado.

Mas Bronca também consegue enxergar o que Veneza está captando. A cidade *está* diferente, porque ontem era apenas uma cidade, e hoje ela está viva.

Há precedentes para isso. Há sempre pessoas mais conectadas à cidade do que outras — embora geralmente não funcione para pessoas de outros estados. Veneza é uma garota de Jersey City. Bronca sonda com cautela.

— Como assim tudo ficou esquisito?

— A cabine do banheiro! E outra coisa? A pintura daqueles caras. A última. — Ela tem um calafrio. — Você estava distraída, então talvez não tenha notado. Mas *tudo mudou*. Tipo, a galeria inteira. De repente Yijing e aqueles caras tinham desaparecido, e a sala estava vazia e tudo ficou muito silencioso. A luz estava estranha. E a pintura *não era* uma pintura—

Ela para abruptamente, parecendo apreensiva. E Bronca percebe de repente que está diante da escolha de como lidar com Veneza. Ela pode despistá-la. Dizer à garota que o que ela está sentindo é besteira. Devaneios ou flashbacks dos cogumelos que ela contou a Bronca que experimentou uma vez. Veneza tem muito em si do que Bronca poderia ter sido um dia, se viesse de um mundo melhor — e muito do que Bronca é agora, porque o mundo ainda é a porra de um show de horrores. Bronca sente um grande desejo de protegê-la.

E é o que, no fim das contas, a faz se decidir. Porque se Veneza está vendo essas coisas, ela precisa saber que não são alucinações. Ela precisa saber quando correr.

Então Bronca suspira.

— A pintura era um portal.

Veneza vira a cabeça tão rápido que seus afro-puffs balançam. Ela encara Bronca por um longo momento. Então engole em seco e diz lentamente:

— E nós não estávamos apenas olhando para uma pintura de pessoas abstratas em uma rua abstrata, não é? Estávamos *indo* para lá. Para um lugar que é realmente daquele jeito. — Ela respira fundo. — B1, queria muito que você me dissesse que foi outro flashback do cogumelo.

— Querer não é poder. E tecnicamente aquela era uma rua expressionista, mas essa sou apenas eu sendo pedante pra me sentir melhor. — Bronca sorri fraquinho. — Mas estou meio feliz por não ser a única a ter visitado a Porraloucalândia.

— Eu tô com você pra todas, B1, mas *porran...*

Porra mesmo. Bronca suspira, esfregando os olhos, amaldiçoando pela enésima vez o fato de toda essa confusão ter caído de bandeja em seu colo. Ela tem outras responsabilidades, caramba. Nesse momento deveria estar obcecada por comprar coisinhas bonitinhas e desnecessárias para seu futuro neto, neta ou criança dois-espíritos, mas ali está ela, atolada até o pescoço em ataques artísticos de outra dimensão.

— É, tá... tá bom, olha — diz ela. — Precisamos conversar. Porque você *não pode* estar comigo nessa, entende? Você não... você não é...

Existe uma palavra para o que ela e os outros cinco se tornaram? O conhecimento que foi depositado em sua mente é extenso em conceitos, mas escasso em termos de vocabulário.

— Você não está... usando o sapato certo.

Veneza baixa o olhar para as sandálias que está usando.

— Bom, hoje fez trinta e dois graus, então...

Bronca meneia a cabeça.

— Tá de carro?

— Não. A grana da gasolina tá apertada até o dia do pagamento.

— Então vamos. Já passou do horário em que o transporte público Bronx-New Jersey vira abóbora, então deixa que eu te levo pra casa. Tem, hum, uma coisa que eu preciso te mostrar, mesmo. No caminho.

— Uuuuuh, mistério. Estou toda me tremendo. — Veneza pega sua bolsa e as duas vão em direção ao velho Jeep de Bronca.

Bronca coloca todas as cartas na mesa no trajeto em direção a Jersey City. Soa mais verossímil ali, em uma das artérias mais grossas da cidade, assistindo a suas células vermelhas de habitantes e comércios indo e vindo. Acima delas, nuvens iluminadas pelo luar correm rumo aos Palisades, e à esquerda, sempre presente e sempre uma presença impactante, está a silhueta salpicada de pontos de luz da cidade. *Conte tudo a ela*, a cidade sussurra para Bronca toda vez que ela hesita diante de alguma informação particularmente esquisita ou assustadora. *O Inimigo está diferente agora, mais esperto, mais cruel. Ajude-a a sobreviver. Gostamos de aliados, não gostamos? Dos que são de verdade, pelo menos.*

É mesmo.

Então, enquanto Veneza processa silenciosamente o que acabou de ouvir, Bronca sai da via expressa pouco antes de elas cruzarem a ponte que vai para Washington Heights. Elas estão no limite do Bronx. O trânsito está tranquilo, as ruas estão relativamente desertas dada a hora da noite. Nada além de conjuntos habitacionais na área, e a cidade fez tudo e mais um pouco para isolar as pessoas que vivem neles — cercas, avenidas que atravessam o meio do bairro, um cinturão de quarteirões industriais

cercando a área residencial. Só há um mercadinho tristonho na região, mas elas passam por dez diferentes casas de empréstimo e crédito rápido e lojas de 1,99 enquanto dirigem, pontilhando as ruas como tumores que se proliferam rapidamente.

Quando Bronca entra no caminho de cascalho rumo a Bridge Park, é difícil não sentir certa apreensão. Ela se lembra dos dias em que o “parque” era apenas um terreno vazio de prédios deteriorados, e ninguém ia lá exceto andarilhos, viciados em crack e adolescentes entediados procurando alguém pra foder, do jeito bom ou do jeito errado — como uma garota indígena alta de pele escura com um corte de cabelo sapatão que só queria um lugar para pensar. Mas hoje em dia não é mais assim. O parque passou por uma revitalização e ganhou vastos gramados uniformes e bancos e árvores floridas que acompanham a antiga ciclovia. Hoje em dia há um tipo novo de perigo, porque Bronca já ouviu várias histórias de policiais expulsando o pessoal da vizinhança do parque para que os novos moradores brancos e ricos pudessem se sentir mais seguros. E ela ainda é uma garota indígena alta de pele escura com um corte de cabelo sapatão, visitando o lugar no meio da noite na companhia de uma jovem negra, sem motivo algum que um policial preconceituoso pudesse ou quisesse entender.

No entanto, ela não é exatamente a mesma mulher. Quando Bronca estaciona e sai do carro, ela chama pela cidade, que lhe responde com um demorado ronronar de satisfação. *Ninguém vai interferir*, ela promete sem usar palavras. *Esse é nosso lugar, não importa o que pessoas intrometidas pensam. Venha e deixe que ela te veja.*

Ela sente um leve calafrio. Ouvir vozes — ainda que não sejam exatamente vozes, e sim uma corrente de impressões e sentimentos — devia deixá-la totalmente assustada. Mas não deixa.

— Bom, eu tô um pouco assustada — diz Veneza. Quando Bronca se vira, a jovem está olhando para ela, desconfiada. — Tipo, se você fosse um homem, eu estaria pegando o spray de pimenta que você não sabe que eu tenho.

— Spray de pimenta é legal aqui na cidade. Eu sei que os idiotas de Jersey acham que aqui somos todos hippies paz e amor, mas é só ver na internet, caramba.

— Ah. Bom, foi só uma observação. Você está sendo estranha de um jeito *diferente* do normal.

Bronca ri.

— É, não vai melhorar muito. Mas tem algumas coisas que eu acho que não conseguiria explicar com palavras. Vamos.

O rio Harlem corre para além do caminho de pedra e das grades. Não há muito para ver nesse lugar a leste do horizonte poético de Washington Heights e a extremo sul dos verdadeiros subúrbios de Yonkers e Mount Vernon. Há um rio turvo e escuro correndo ao longo da Harlem River Drive, mas no Bronx não é nada além de uma margem, tortuosa com troncos de árvores caídos e pedras cobertas de musgo e antigos e enferrujados carrinhos de supermercado abandonados lá desde que Bronca se entende por gente. A água tem um leve cheiro sulfúrico, porque provavelmente há um vazamento de esgoto por perto. Essa parte do Bronx está em ascensão, mas foi pobre pra caralho por muito tempo, e essa é uma cidade cujos políticos não dão a mínima para infraestrutura mesmo nos bairros mais ricos.

Um tipo diferente de infraestrutura se faz presente, no entanto, às 11h54 da noite, horário de Nova York. Bronca caminha até a água a passos firmes e rápidos. Veneza a segue, muito mais cautelosamente. Quando Bronca para, Veneza quase escorrega em uma pedra molhada, embora consiga se reequilibrar.

— B1, se você decidiu dar uma de serial killer pra cima de mim, só me dá uma facada em terra firme, tá bom? Não quero morrer nesse negócio nojento, pegando uma porra de uma clamídia ou coisa assim.

Bronca ri e oferece seu braço para que Veneza se segure.

— Acho que você vai conseguir ver daqui. Beleza. — Ela aponta para o barranco. — Me fala o que você tá vendo.

Veneza olha. Bronca percebe que tudo o que ela está vendo são as sombras das raízes das árvores e canos antigos na água. Dinheiro de impostos desperdiçado.

— O que eu *deveria* estar vendo?

— Fique quieta por um segundo. Me deixe... — É difícil fazer duas coisas ao mesmo tempo, estar em dois lugares ao mesmo tempo, pensar com duas consciências ao mesmo tempo. Mas isso é importante. — Vou me alongar.

Se Veneza tem uma resposta espertinha para isso, Bronca não a escuta, porque ela se incorporou ao som da água e ao chiado dos insetos e ao ronco sem fim dos carros passando pelas vias expressas e pela GW à distância. Mas esse não é o único som que ela consegue ouvir, não é? Está mais abaixo, a estrutura que os sustenta, o metrônomo que dá ritmo e significado a essas coisas: respirando. *Ronronando*. Muita coisa é fodida e errada em Nova York, mas isso também não é parte da cidade? É normal. Então

embora não esteja completamente acordada, e seus avatares estejam separados e com medo, e suas ruas transbordem parasitas tentando cavar por baixo e matar o hospedeiro... ali, nesse lugar, o Bronx sonha em paz.

Ali, é possível que Bronca seja tudo o que verdadeiramente é.

Então ela ergue um de seus pés e o abaixa duas vezes. Ergue de novo, pisa duas vezes, se vira. O zunido da cidade cresce e se transforma em uma música. Seu coração bate — depressa, *pisa pisa pisa pisa pisa pisa*. Esses são seus ritmos. Ela rodopia com eles, dançando de pedra em pedra, sustentando o peso de seus movimentos com o centro de seu corpo para que seus passos sejam leves. Essa é a dança.

— Essa é a história — diz ela.

Seus olhos se fecharam. Ela não precisa ver as pedras ou ter cuidado com os lugares escorregadios; as pedras são antepassados que fazem convites aos seus pés, então ela vai aonde eles são chamados. A história está nela, fluindo, guiando seus passos. A dança é uma oração — e embora ela não dance assim há anos, não desde que parou de ir aos *pow-wows* e parou de se divertir nas boates lésbicas e parou de caminhar por olarias com seus passos pesados para absorver a força do solo aos seus pés, o hábito volta como se ela nunca tivesse se afastado. *Pisa pisa pisa pisa pisa pisa*.

Essa é a cidade.

Pisa pisa pisa pisa pisa pisa.

A cidade é ela.

Pisa pisa pisa pisa pisa pisa.

— Esse é meu dedo — diz Bronca em voz alta.

Ela ergue uma de suas mãos com a palma para baixo, os dedos relaxados. Então levanta o dedo indicador.

Numa distância curta, cerca de dez metros, uma das enormes tubulações curvadas que formam um arco dentro do rio... se move. Com um oco grunhido metálico, ela emerge da água. Se desenrola, ainda se erguendo, até que esteja se projetando para fora da água no mesmo ângulo em que está o dedo de Bronca. Bronca mantém o braço suspenso enquanto se vira e salta para outra rocha, para que Veneza possa ver.

Então ela abre os olhos e encara Veneza — que olha fixamente para o cano, boquiaberta. Bronca sorri e interrompe a dança fisicamente. Em sua mente, no entanto, ela ainda está dançando. Ela é a cidade e o solo abaixo dela, e por isso sempre vai dançar.

— Isso é o que eu estava tentando te dizer — explica Bronca, ainda segurando o braço erguido. Veneza agora está olhando para ela. — Essa é a mudança na cidade que você vem sentindo, e a verdade da qual você deve se lembrar. O que quer que você veja... antes de mais nada, é real. E, em segundo lugar, pode ser perigoso. Você entende?

Veneza meneia lentamente com a cabeça, mas Bronca desconfia que seja mais por espanto do que por negação.

— Você consegue fazer, sei lá, qualquer parte da cidade fazer qualquer coisa?

— Consigo. Algumas partes são mais fáceis do que outras. Mas isso não é nada.

Bronca entorta seu dedo de novo, e, rangendo, a tubulação retoma sua posição original. Então ela levanta seu outro braço, sorrindo enquanto observa Veneza, porque, embora *essa seja a*

dança e em sua mente ela saiba o que vai acontecer, ainda é uma coisa completamente diferente quando presenciada. E algumas coisas são melhores quando vistas sob o olhar dos jovens.

Então quando *o rio* se ergue no ar em toda sua extensão de cento e cinquenta metros de diâmetro e se contorce em um cotovelo, um punho, e longos e molhados dedos em uma reprodução imensa e espectral da Rosie the Riveter, o fascínio de Veneza tranquiliza o coração de Bronca. Bronca nunca pediu por isso. E, embora saiba o motivo pelo qual foi escolhida, quão importante é, ela não sabia o que *sentir* em relação a isso, além de resignação e frustração e temor. Agora, porém, ouvindo Veneza dizer “Caralho do céu”, ela se sente bem pela primeira vez.

Ela se permite um pouco de presunção.

— É irado *mesmo*, não é?

— Ninguém mais fala “irado”, B1. Meu Deus.

— Tá, mas deveriam. Sempre gostei dessa.

— Mas sabe... — Veneza franze levemente as sobrancelhas. — Isso é meio pequeno, se é... simbolicamente parte de você? Digo, se esse é seu braço, então o resto de você termina ali do outro lado do parque.

— Não é exatamente proporcional.

E não se pode prever de que maneira ou formato o distrito vai emular seu corpo. A margem desse rio tem milhares de dedos em potencial para os cinco que ela tem, por exemplo, e alguns deles têm garras. O coração do distrito é, na verdade, um outro rio — o rio Bronx, claro. Os dentes do distrito, apodrecidos mas ainda afiados, são os conjuntos habitacionais isolados; seus ouvidos são os milhares de estúdios de gravação, todos originados no boogie-down,

o berço do hip-hop na parte sul do distrito. E seus ossos são as rochas debaixo de tudo isso, tão antigas quanto os ancestrais.

Veneza não consegue desviar os olhos do braço aquático.

— Você consegue fazer ele me dar o dedo?

Bronca solta um riso nasal e gira a mão para levantar o dedo do meio. O rio imita, retorcendo-se, e uma coluna de água de quinze metros se ergue do meio de um aguaceiro em formato de punho, espirrando água no rosto das duas.

— Que *nojo* — grita Veneza, mas ri enquanto se enxuga.

Ela volta a olhar fixamente para a água, porque Bronca ergueu o rio de seu leito... e mesmo assim lá está ele, no mesmo lugar, fluindo silenciosamente como tem feito há milênios.

— Não é o mesmo tipo de realidade com a qual você está acostumada — explica Bronca gentilmente.

— Vai dizer que é uma alucinação? Essa água de rio poluída na minha cara...

— Não é uma alucinação. É apenas uma questão de que... a realidade não é binária. — Ela suspira e endireita o braço, relaxando seus dedos. O imenso braço de água retorna ao meio do rio e retoma sua posição original. — Há várias Nova Yorks — explica ela. — Em algumas, você vira à direita saindo do metrô de manhã. Em outras, você vira à esquerda. E você também pode ter ido trabalhar montada em um dinossauro, e em algum outro lugar você comeu um lanche esquisito de formiga no almoço, e em outro lugar você faz bico como cantora de ópera. Todas essas coisas são possíveis. Todas essas coisas *aconteceram*. Tá entendendo?

— Tipo ficção científica? — De olhos semicerrados, Veneza inclina a cabeça, processando a informação. — A interpretação de

muitos mundos? Física quântica? É disso que você tá falando?

— Sei lá, se não apareceu no *Star Trek* eu não conheço.

Mas Bronca tem uma vaga lembrança de um episódio bizarro sobre um universo paralelo em que todos eram maus, o que era de alguma forma indicado pelos homens usando cavanhaques? E neste universo eles prendiam o cabelo em coques samurai.

— Enfim. Vou te contar um Mito de Criação — diz Bronca. — Não é como os que o meu povo conta. Nem mesmo como os que o seu povo conta. O que vou te contar é... — Ela pondera, então ri quando pensa em um termo. — É como se fosse uma teoria do campo unificado da criação. Tenta acompanhar. Há muito tempo, quando a existência ainda era jovem, havia apenas um mundo que era repleto de vida. Não se sabe se era má ou boa. Era apenas vida. — Ela dá de ombros.

O rio próximo a elas corre por outros planos enquanto outras Broncas falam — milhares de outros narradores contando milhares de outras histórias sob dez mil outros céus. Bronca consegue vê-los quando se concentra, céus em que há um segundo sol ou cujo ar da noite é roxo e dourado e arde com o que, para ela, seria tóxico. Mas ela tenta não vê-los. Veneza merece sua completa atenção por ora... e é perigoso até mesmo assistir a certas coisas. A cidade a alertou em relação a isso.

— Esse primeiro mundo, essa primeira vida, era algo milagroso. Mas cada decisão tomada por aqueles seres vivos fissionava um novo mundo, um em que alguns deles viravam à esquerda, outro em que alguns viravam à direita. Cada um desses mundos, por sua vez, fissionava novos mundos também, e assim por diante. Como se supera um milagre? Não se supera; você apenas cria outro

universo, que começará a realizar seus próprios milagres. E assim a vida se multiplicou. Por milhões de universos, cada um mais estranho do que o outro.

Bronca posiciona suas mãos, ambas retas e esticadas no ar, uma sobre a outra. Em seguida, ela as movimenta sobrepondo uma à outra, transmitindo a ideia de várias camadas. Como um mil-folhas de mundos, ela tenta sugerir, um se construindo a partir do outro, formando colunas de coral que crescem e se dividem e se distanciam e se dividem de novo. Uma árvore germinada a partir de uma única sementinha, que cresce de maneira infundável com galhos tão violentamente diferentes que a vida em alguns seria irreconhecível para a vida em outros. Com uma importante exceção.

— As cidades atravessam as camadas. — Nesse mundo, Bronca aponta para o horizonte que se eleva acima das árvores do Bridge Park, na outra extremidade do rio. — As pessoas ainda contam histórias sobre como o Bronx é terrível. Ao mesmo tempo, em algum outro lugar, há um corretor listando as qualidades do bairro e falando sobre como ele é fantástico para que pessoas cheias de grana venham e comprem tudo. Ao mesmo tempo há pessoas para as quais a vida aqui não é terrível nem fantástica; apenas é. Todas essas alternativas são verdadeiras, e isso tudo está dentro dessa mesma realidade que vivemos. O que quero dizer é que não tem só a ver com *decisões*... Tem a ver... Todas as lendas sobre a cidade, toda mentira, também se torna um novo mundo. Todos eles são somados à massa que é Nova York, até que finalmente todas elas cedem sob seu próprio peso... e se tornam algo novo. Algo vivo.

Foda demais, diz a voz em sua cabeça.

Calada, meu bem, estou ocupada, responde ela.

Veneza olha em volta, observando as árvores e a água e as luzes da noite como se tudo fosse novo. E é. Por fim, ela diz, em tom reflexivo, quase em um sussurro:

— Sempre olho para a cidade do terraço lá em casa. Sempre me pareceu que ela estava respirando.

— E estava. Só um pouco, antes. — Os fetos respiram os próprios líquidos amnióticos, consumindo a si mesmos como se treinando para o dia em que metabolizarão algo inteiramente diferente. — Mas hoje tudo mudou. Depois de hoje, a cidade se tornará viva de uma maneira que não era antes.

— Por que hoje?

Bronca encolhe os ombros.

— As estrelas se alinharam? O Criador ficou entediado? Não faço ideia. O momento não importa; o evento, sim.

— É. Talvez eu não esteja me atentando às coisas certas. — A voz de Veneza fica séria. — A pintura, hoje. Me explica melhor.

É hora de Bronca parar de se exhibir. Ela suspira e se afasta das pedras, acenando para que Veneza a acompanhe de volta ao Jeep.

— Certo, a pintura. Basicamente, uma das realidades que existem não curte muito o fato de a nossa realidade também existir. Sobre isso eu não sei porra nenhuma... mas qualquer que seja a razão, algo naquela realidade tenta dizimar as cidades que se tornam vivas como aconteceu hoje com Nova York. Eles tentaram hoje de manhã e causaram certo dano, mas deu errado na hora H.

Veneza arregala os olhos.

— Caralho. A Williamsburg!

— A Williamsbug. — Bronca assente com pesar. — Poderia ter sido muito pior; a cidade inteira era o alvo, como eu disse. Mas algo

a protegeu. Alguém como eu, outra pessoa que agora é a cidade.

— Como assim? Tipo... — Veneza para no meio da frase, franzindo o cenho. — Tem mais gente que consegue mover o rio?

— Somos seis. Um para cada distrito, e outro que é a cidade inteira. Foi ele quem impediu o ataque hoje de manhã. Mas a entidade de outro universo... — *o Inimigo*, sua mente sussurra — ... ainda está aqui. E alguma coisa mudou na forma como ela se apresenta. *Deveria ser* uma coisa enorme e horrenda que ataca cidades no momento de seu nascimento. Foi assim que sempre aconteceu. Sempre, por milhares de anos. Mas agora as táticas mudaram.

E isso é motivo de extrema preocupação para Bronca. Não há nada no léxico sobre o Inimigo elegendo subordinados humanos para entregar pinturas monstruosas. Estarão os outros tendo o mesmo problema também? Talvez ela devesse—

Não. *Não*. Além de preparar Veneza o melhor que puder, ela vai ficar de fora dessa briga.

— A pintura. — Veneza, que claramente seguiu a mesma linha de raciocínio, estremece visivelmente. — As coisas nela estavam... se movendo. — Sua voz enfraquece, amedrontada.

— Lembra do que eu disse, sobre a vida nesses outros lugares nem sequer parecer algo vivo para nós?

— O quê? Existem mesmo pessoas que parecem borrões de tinta bidimensionais? — Veneza balança a cabeça. — Caraaaaaaaalho.

Era isso que tornava as pinturas tão bizarras, na verdade. Saber que as coisas que estava vendo não eram apenas monstros irracionais de rostos retorcidos, mas coisas com consciência e sentimentos. Mentres de natureza tão incompreensivelmente

diferentes quanto Lovecraft um dia imaginou para alguns seres humanos.

Elas entram no carro e Bronca retorna para a via expressa a caminho de New Jersey. Veneza segue em silêncio ao seu lado, digerindo o que ela contou. Mas há mais uma informação importante que Bronca precisa compartilhar.

— Então... — Ela desvia os olhos da estrada por tempo suficiente para fixá-los em Veneza. Essa parte é importante. — Se lembra do que eu fiz no rio? Eu fiz a mesma coisa no Centro hoje. Se eu for cuidadosa, se eu fizer as coisas do jeito certo, consigo expulsar essas pessoas, o Inimigo, de volta para o outro mundo, ou ao menos expulsar eles dos meus arredores. Mas você não consegue fazer isso. Então da próxima vez que vir algo estranho...

— Vou procurar você. Entendido.

— É, também. Isso também funciona. Mas se eu não estiver por perto, dê no pé. Corra *para longe*, não na direção da coisa, como você fez hoje. Tudo bem?

Veneza parece se aborrecer.

— Se eu não tivesse corrido na direção da coisa e puxado você de volta, quando eles começaram a se aproximar de você com aqueles... — Ela mexe os dedos das duas mãos e faz uma careta. Bronca fica surpresa ao ouvir isso. Aquelas coisas estavam tentando pegá-la? — Você teria virado, sei lá, almoço de criaturas de tinta.

Ela é muito teimosa.

— Bom, se eu não estiver em perigo iminente do qual você possa me salvar, dê o fora. Porque não quero pensar no que pode acontecer se aquelas coisas pegarem você. — Ao perceber que

Veneza cerra o maxilar, Bronca parte para a artilharia pesada. — Por favor. Faça isso por mim.

Veneza se retrai, mas deixa de lado um pouco da teimosia.

— Saco. Tá bom. Tudo bem, então. — Mas ela fecha a cara, confusa. — Mas por que eu podia ver e Yeej e Jess não? Elas nem se mexeram enquanto tava acontecendo. Como se estivessem em um frame congelado, com a luz meio apagada. Os caras que trouxeram a pintura também. Mas você parecia normal. E eu, eu também não fiquei congelada. Por quê?

— Sempre tem pessoas que são mais próximas da cidade do que outras. Com algumas delas acontece o que aconteceu comigo, e outras cuidam do que a cidade precisa, conforme o necessário.

Vanessa se sobressalta.

— Puta merda. Quer dizer que *eu* podia ter ficado como você?

— Talvez sim. Se você não fosse de Jersey.

— Cacete.

É uma prova de que Veneza não é uma criança, embora aja como tal às vezes, o fato de ela não parecer empolgada com a ideia de desenvolver superpoderes extradimensionais. Em vez disso, ela segura firme na maçaneta do Jeep, como se tentasse se sentir mais segura.

— Meu Deus, B1. Então, tipo, é foda que você, hum, seja uma cidade? Parabéns! Quero te apoiar nessa nova fase da sua identidade. Mas se tem gente aparecendo no trabalho para tentar devorar você com monstros de tinta, o que você vai fazer se suas informações vazarem? Aquelas coisas *na sua casa*.

Bronca estava tentando não pensar nisso.

— Não faço a menor ideia.

Veneza permanece em silêncio até o fim do trajeto para Jersey City, o que equivale a cerca de dez minutos apenas. Quando Bronca estaciona em frente ao prédio dela — um pequeno prédio comum de poucos andares —, ela não desce do carro.

— Quer ficar na minha casa? — pergunta ela a Bronca, em tom sério.

Bronca fica surpresa.

— Você mora em um estúdio.

— Isso. Sem colegas de quarto. Vida de luxo.

— Você nem tem *sofá*.

— Pra sua informação, eu tenho um belo tapete dois por seis bem limpinho. Ou, que se dane, podemos dividir a cama. Eu troquei os lençóis tem, tipo, cinco dias. Sete! Oito. Tá bom, eu vou trocar a roupa de cama.

Bronca balança a cabeça, divertida.

— Nada de viadagem. Pelo menos não com *você*.

— Prometo não te assediar enquanto você dorme, B. — Veneza a fuzila com o olhar, apesar da brincadeira. — Embora você tenha acabado de me contar que um universo inteiro de monstros comedores de cidade está por aí tentando te arrasar. Então que tal parar de proteger a sua honra por um minuto e, em vez disso, pensar em proteger a sua *vida*?

Ela realmente é um amorzinho. Bronca suspira, então estica o braço para bagunçar os puffs de seu cabelo. Veneza finge desviar, mas então deixa que ela o faça porque não se importa de verdade, e porque Bronca se certifica de não deixá-los bagunçados.

— Eu consigo manter aquelas coisas fora do meu prédio — diz Bronca. — Eu acho. Mas mesmo para isso eu preciso *estar em*

Nova York. A cidade da qual sou parte? Que não é a cidade onde estamos no momento?

— Ah. — Veneza suspira. — Beleza. Esqueci que essa situação toda tem *regras*.

Ela sai do carro, mas demora mais do que o necessário para pegar sua bolsa no banco de trás. Bronca sabe que ela ainda está tentando descobrir uma forma de ajudar.

— Ei. — Quando Veneza ergue os olhos, Bronca faz um gesto com a cabeça. — Eu vou ficar bem, eu estava em...

— "...em Stonewall, eu pisoteei um policial." *Eu sei*, B. Mas policiais não são monstros de tinta da porra dos primários.

Dos primórdios, Bronca pensa em dizer, mas já assustou Veneza o suficiente.

— De qualquer forma, tenho tudo sob controle. *Boa noite*.

Resmungando, Veneza fecha a porta.

Bronca espera até que ela entre e parte em direção à sua casa. E, quando a cidade a recebe de volta, ela reza para qualquer deus que estiver ouvindo, em qualquer dimensão, que sua amiga permaneça a salvo.

A COISA NA PISCINA DA SRA. YU

A Rainha está no Queens, contemplando o processo estocástico de um modelo de árvore trinomial, em um estranho dia quente, quando tudo muda. A Rainha — cujo nome verdadeiro é Padmini Prakash — não quer trabalhar em seu projeto de Análise Computacional, e é por isso que ela calha de estar divagando a respeito de alguma análise que leu no Tumblr sobre Lovecraft e olhando pela janela no momento do renascimento da cidade. A análise era mais engraçada que interessante, a panelinha científica do Tumblr discutindo com a panelinha de fantasia sobre a noção cômica de que geometria não euclidiana pode, de alguma maneira, ser sinistra, e concluindo que Lovecraft provavelmente tinha medo da matemática. A vista de sua janela também não é exatamente interessante. É apenas uma vista da direção oeste da miríade de vizinhanças e igrejas e *outdoors* do Queens, com as torres muito euclidianas de Manhattan se erguendo ao fundo. É um ensolarado dia de junho, ainda 11h53 da manhã, mas ela o está desperdiçando, como dizem os estadunidenses, então com um suspiro profundo Padmini dirige a atenção de volta a seu trabalho.

Ela detesta engenharia financeira, o que, é claro, é a razão pela qual ela está fazendo mestrado nessa área. Ela prefere matemática pura, na qual se pode elegantemente aplicar teorias com o objetivo mais simples (ou ao menos descontextualizado) de compreender

processos, ideias e o universo em si. Mas é muito mais difícil conseguir um emprego na área de matemática do que na área de finanças hoje em dia, especialmente com a loteria do H-1B, o visto de trabalho para estrangeiros especialistas, ficando cada vez mais acirrada, e com a gestapo do ICE, o departamento de imigração, pronta para atacar sob qualquer pretexto. Por isso, ali está ela.

Então alguma coisa — instinto, talvez — faz com que Padmini erga os olhos de novo. Consequentemente ela está olhando fixa e diretamente para o horizonte de Manhattan no exato momento em que um gigantesco tentáculo emerge do rio East e estraçalha a ponte Williamsburg.

Na verdade, naquele momento ela não tem ideia de que ponte é aquela. Ela não consegue distinguir uma da outra. Ainda assim, o tentáculo deve ser muito grande para que ela consiga discernir que é um tentáculo, para começo de conversa. *Não é real*, ela pensa, com o desdém instantâneo de qualquer nova-iorquino autêntico. Apenas dois dias antes, enormes trailers brancos de estúdios cinematográficos ocuparam o bloco inteiro. Isso acontece a porcaria do tempo todo hoje em dia, porque as pessoas do cinema invariavelmente parecem querer a classe trabalhadora multicultural de Nova York como pano de fundo para suas dramédias-só-com-gente-branca-classe-alta — o que significa o Queens, já que o East New York ainda é negro demais para os padrões deles e o Bronx tem “uma certa reputação”. Visto que o tentáculo é enorme, mas translúcido, erguendo-se acima dos condomínios com vista para o rio de Long Island City e piscando como um monitor mal conectado — ou efeitos especiais chinfrins —, Padmini naturalmente conclui que ele é algum tipo de truque: *2012 telefonou; eles querem o*

holograma do Tupac de volta. Então ela ri, exageradamente satisfeita com sua própria sacada. A Rainha da Matemática também é a rainha do stand-up.

Mas o tentáculo parece terrivelmente pesado ao golpear a ponte. Padmini precisa admitir que eles acertaram nesse aspecto dos efeitos especiais; massas pesadas deslocam mais ar do que coisas pequenas, e o *lag* causado por toda essa fricção resultaria em uma aceleração visivelmente lenta. Esse tentáculo está caindo meio rápido demais para estar em queda livre, mas Padmini deduz que eles podem ajustar isso na pós-produção. Ou talvez possam alegar que o tentáculo é apenas absurdamente forte? Isso não arruinaria a suspensão de descrença do público.

Quando o tentáculo golpeia a ponte, ela se retorce em um silêncio holográfico — mas um instante depois o vento muda de direção e traz consigo som de metal se rompendo e concreto rachando e buzinas ressoando. O prédio de Padmini estremece. E... agora há gritos, distorcidos pelo efeito Doppler, mas inconfundíveis. Até ali em Jackson Heights, a quilômetros de distância de Williamsburg mesmo em linha reta, Padmini consegue ouvir *gritos*.

Então, de alguma forma, no encaixe da onda sonora vem uma onda de... emoção? Expectativa? Apreensão e agitação. Algo está errado — mas também certo. Repentinamente, ela é envolvida por uma *intensa* sensação de certeza, agitando as árvores do quintal de seu prédio e tamborilando na antiga estrutura da fundação da casa. Nuvens de poeira se levantam das rachaduras nas paredes. Ela sente o leve cheiro de mofo e de excremento de rato, e é nojento, mas é *certo*.

Ela se levanta da mesa, inquieta. Nesse mesmo instante, não muito longe dali, o metrô passa por uma das pistas elevadas. Por um instante ela está correndo junto ao trem, ela é o trem: veloz, robusta, precisando de uma camada de pintura ao longo de sua esguia, porém sem graça, pele prateada — e então ela volta a ser apenas ela mesma. Apenas uma estudante de pós-graduação cansada, já além da flor da idade no alto de seus vinte e cinco anos, de acordo com as revistas de moda, inclinando-se para perto da janela em um quarto emprestado e tentando compreender como o mundo mudou de maneira tão inesperada.

De repente, sua boca fica seca com a percepção instintiva de que algo mais está errado, e dessa vez está muito mais perto do que o rio East.

Perto. Ali. Sua cabeça se vira bruscamente, como se por vontade própria, quase como se algo tivesse segurado seu rabo de cavalo e o puxado para direcionar a atenção dela para onde era necessária. *Ali*: o quintal. Não o de seu próprio prédio, que é pavimentado e tem só ervas daninhas e o barril enferrujado que um dia já foi a churrasqueira do vizinho de baixo. O quintal da propriedade ao lado. A sra. Yu vive naquele apartamento no térreo, e ela decidiu que um quintal precisava de uma piscina, provavelmente porque ela morava no Texas onde as pessoas têm esse costume. É uma piscina simples, de plástico, encardida e rachada depois de passar por apenas dois invernos em Nova York. Com pouco mais de dois metros de extensão, ela toma quase todo o quintal. Ainda assim, é um dia quente de junho, então dois dos netos da sra. Yu estão entretidos brincando na água, rindo e gritando alto o bastante para quase — quase — abafar os gritos vindos de Williamsburg.

Eles não percebem a maneira como a água repentinamente muda de cor, quando o azul-vibrante do fundo de plástico se transforma em outra coisa. Uma coisa branco-acinzentada. Uma coisa inteiramente diferente de plástico. Uma coisa... *que se move*, com uma sinuosidade lenta e orgânica que Padmini consegue enxergar mesmo através da água agitada.

Não. Eles não percebem porque estão inocentemente brincando de Marco Polo, gritando um para o outro em um mix de mandarim e inglês e espirrando água alegremente para escapar um do outro. Um deles está de olhos fechados, o outro está olhando fixamente para o primeiro, e nenhum deles está encostando o pé no fundo da piscina. São garotos pequenos, mas a piscina é pequena também. Eles acabarão tocando o fundo.

Padmini se ergue e corre pelo apartamento em direção à porta antes que possa raciocinar. Se tivesse raciocinado, teria concluído que está sendo idiota. Se estivesse pensando direito, diria a si mesma que ainda que sua súbita e intensa convicção sobre tocar o fundo cinzento da piscina seja baseada em algum tipo de verdade, ela não tem como chegar até o térreo e depois até a porta da sra. Yu a tempo de impedir que isso aconteça. Ela não tem como atravessar a casa da sra. Yu rápido o bastante, mesmo que a velhinha a deixe entrar antes de prendê-la para meia hora de conversa-fiada, já que a sra. Yu é solitária, e chegar ao quintal, antes que os garotos toquem o fundo da piscina. Se ela estivesse pensando, convenceria a si mesma de que sua súbita e intensa convicção é irracional. (*Sério mesmo?*, ela perguntaria a si mesma, com desdém. *O que mais? Sua mãe vai mesmo morrer se você não desvirar o chinelo?*)

Mas ela *sabe* que é real. A ela foi dada a compreensão do lado mecânico da coisa, portanto ela instintivamente sabe que a água é a aliada do Inimigo: não uma porta de entrada em si, mas uma espécie de lubrificante, facilitando uma travessia mais simples. A coisa na piscina fará pior do que matar os garotos; ela os *levará embora*. Para onde e para quê? Quem sabe. Mas não pode acontecer.

Em meio ao pânico, Padmini dispara pela porta do apartamento e até metade da escadaria do quarto andar sem parar nem mesmo para pegar suas chaves. (A porta bate escancarada atrás dela. Tia Aishwarya chama seu nome, alarmada; seu priminho começa a chorar. Padmini nem sequer a fecha.) Ela coloca a mão sobre o corrimão e pensa: *Agora, preciso chegar lá agora—*

E, por ser o que é, ela se visualiza *acelerando* para chegar lá, não magicamente, mas matematicamente, pelas paredes e cercas do quintal e pelo ar e pelo espaço. O trajeto do ponto A ao ponto B levaria

$$T = \pi \sqrt{\frac{a^2 - r_0^2}{ag}}$$

de tempo, em que

$$g = \frac{GM}{a^2} = \frac{4}{3}\pi\rho Ga$$

é a aceleração da gravidade da curva hipocicloide—

E no instante em que ela pensa isso uma voz em sua mente responde: *Ah, é isso que você quer fazer. Tá bom, sem problemas.*

Então as paredes de seu velho prédio curvam-se ao seu redor, entortando-se até que ela já não esteja correndo escadaria abaixo, e

sim *voando*, mais do que voando, cruzando um túnel como se fosse um projétil e o mundo inteiro tivesse se tornado o cano da arma—

E então ela está correndo pela grama, ela está no quintal da sra. Yu, ela está na beira da piscina puxando um garoto e o rebocando para fora da água pelos ombros. Ele grita, distribuindo pontapés, e a acerta no rosto com um soco, derrubando seus óculos na grama. Padmini está com o primeiro garoto na grama onde ele está seguro, a grama é um chão sólido e transmite a sensação *certa*, mas o garoto ainda está gritando e a atinge com um chute, puxa seu cabelo e se esforça ao máximo para impedi-la enquanto ela tenta se levantar para alcançar o outro. O primeiro deles pesa apenas por volta de vinte quilos, mas ele bate em seu joelho e depois a golpeia com um murro na barriga.

— Estou... — começa Padmini.

Mas, antes que ela consiga emitir a próxima palavra, ressoa um grito inteiramente diferente, que faz com que ambos congelem.

A sra. Yu aparece na varanda de trás, munida de uma peneira de bambu. Ela fica imóvel, olhando fixamente para a piscina. Todos eles olham, na verdade.

Na piscina, o outro garoto ficou em pé sobre o fundo branco-acinzentado — que, de perto, não é apenas branco-acinzentado, mas mosqueado, com escoriações em alguns pontos, porque é *pele* e não plástico ou terra.

E agora gavinhas da coisa cinzenta se ergueram do fundo da piscina para se enrolarem em volta das pernas dele.

Depois de um momento olhando horrorizado para suas pernas, o garoto começa a gritar novamente, desta vez se debatendo na água para escapar — mas ele não consegue usar as pernas. Enquanto

Padmini está olhando, as gavinhas escalam sobre a bermuda dele, sobre a cintura. Ele as golpeia furiosamente e elas se eriçam para rapidamente pegar um de seus braços, imobilizando-o. Então, de súbito, seus *pés* desaparecem. Eles são engolidos pela agora disforme substância cinzenta, que borbulha e aumenta de tamanho em volta dele, devorando-o dos calcanhares para cima e o puxando para baixo—

A sra. Yu grita e corre em direção à piscina. Tardiamente, Padmini vence o torpor do choque e corre até a piscina também. Unindo forças, as duas mulheres agarram a mão que o menino agita. A coisa cinza é espantosamente forte ao puxá-lo. Padmini puxa de volta com todas as suas forças, mas ela é só uma estudante de pós-graduação sobrecarregada e com sobrepeso, não o The Rock. O garoto está aterrorizado, seu rosto as encarando mesmo enquanto os dedos da coisa cinza começam a envolver sua face. Ela não consegue suportar essa visão. Não quer tocar a coisa, e de fato cada partícula de seu corpo protesta diante da possibilidade, porque aquilo é hostil a ela de alguma maneira — no entanto ela não pode deixar que essa criança seja levada sem que dê tudo de si para defendê-la.

Então, de repente, ela pensa em mecânica dos fluidos.

A mecânica dos fluidos é linda. As equações saltam e reverberam, expandem-se e encolhem. Não é esforço algum para Padmini calcular as equações dos fluidos em sua mente. Não é esforço alterar as variáveis para aumentar a velocidade, perto da pele do garoto. A água é um lubrificante, mas se ela pudesse imaginar algo que fosse um lubrificante melhor... *entre* a pele dele e

a substância cinza, mais rápida e mais fluida do que a água jamais seria—

A piscina forma uma correnteza revolta de água turbulenta. Padmini já não consegue enxergar os tentáculos em meio à espuma, mas está superconsciente deles enquanto puxa o garoto, a sra. Yu puxa também, e até o primeiro menino segura na cintura da sra. Yu e as ajuda a puxar.

— Não! — grita Padmini em resistência à coisa cinzenta em meio a arfadas em busca de fôlego, mas enquanto isso ela está pensando

$$\rho \left(\frac{\partial \mathbf{u}}{\partial t} + \mathbf{u} \cdot \nabla \mathbf{u} \right) = -\nabla p + \nabla \cdot \mathbf{T}_D + \mathbf{f}$$

em que f é igual a *infinito* se essa é a quantidade de força necessária para tirar essa coisa nojenta da criança—

Dá certo. Os tentáculos da coisa se soltam e o garoto sai da piscina feito um tiro, como se tivesse sido untado e disparado de um canhão disparador de crianças untadas. Padmini aguenta o tranco do impacto, o que é bom, visto que a sra. Yu tem osteoporose. O garoto derruba Padmini de costas e embora ela esteja deitada no chão com uma criança soluçando aninhada contra ela, se sente eufórica. Em êxtase! Quem pode dizer se a coisa na piscina estará sempre lá, ou se ela conseguirá salvar os demais se a coisa sair da água e tentar comê-los outra vez? Não importa. Pela primeira vez em anos, aparentemente, ela fez algo não somente porque era esperado que fizesse, mas porque ela *escolheu* fazer, e ainda o fez com mestria.

— E não volte aqui, sua merda escamosa bizarra do caralho — diz ela, ofegante e sorrindo, sem realmente se dar conta do que está dizendo.

É como se essas palavras disparassem uma bomba. Ela sente algo, uma onda de força expansiva, emanar com um formigamento de seus pés e do topo de sua cabeça e de sua bunda onde ela esmaga a grama ao se sentar. Ela pode até mesmo ver a onda enquanto a energia avança lentamente pela grama e sobre o prédio da sra. Yu — e sobre a velha piscina. Um silvo ressoa de algum lugar abaixo da piscina enquanto a força percorre sua extensão. A água na piscina se agita; o garoto em seus braços se encolhe e emite um gemido de medo. Mas Padmini sabe que aquilo é algo bom, essa mudança. Ela se põe de pé com dificuldade (o garoto é pesado), mas, no momento em que se endireita, já sabe o que vai ver. O fundo da piscina da sra. Yu voltou a ser de plástico, desbotado e azul. O portal para outro lugar, onde fundos de piscinas são feitos de peles famintas, não está mais lá.

Então Padmini envolve a criança que chora em seus braços, fecha os olhos e secretamente promete fazer uma oferenda imediata à sua pequena e negligenciada mesa puja. Bom, as frutas que ela comprou na semana passada já estão atraindo moscas e algumas devem estar mofadas. Tudo bem, em vez disso ela vai oferecer incensos. Incensos bons de verdade.

E um pouco depois de tudo isso dois estranhos muito esquisitos aparecem.

— Que bom que viemos para cá primeiro — diz Manny.

Ele está parado ao lado da piscina de plástico que quase engoliu Queens. É só uma piscina comum agora, mas no outro mundo em que Manny consegue ver todo o quintal, vazio e sob uma luz crepuscular (nunca está totalmente escuro na Nova York Bizarra, nem totalmente claro), está marcada com imensos e fulgurantes rastros paralelos feitos por *algo* que feriu esse lugar com as garras e por pouco não o dilacerou. As marcas acabaram de se curar. Manny consegue senti-las em carne viva. Pior ainda, o ar tem cheiro de aldeídos oceânicos desconhecidos, e em algum lugar — não na Nova York Bizarra, mas preocupantemente próximo a eles — ele consegue ouvir um débil e prolongado bramido de frustração de algo imenso e não humano que quase conseguiu abrir caminho.

De volta a este mundo, ele escuta a sra. Yu pela janela do apartamento, ainda dizendo coisas reconfortantes para seus netos enquanto os alimenta para acalmá-los. O garoto mais novo não ficou com ferimentos graves após o encontro com o monstro do fundo da piscina, embora Manny suspeite que ele jamais será persuadido a entrar em uma piscina outra vez, e até mesmo os banhos podem vir a ser um problema dali para a frente. Não que ele culpe o garoto. Manny está nervoso só de estar a um metro e meio de onde tudo aconteceu.

— O que tem de bom nisso? — pergunta Brooklyn. A propriedade da sra. Yu fica em uma pequena colina. Eles observam os quintais e casas infinitos, estendendo-se para além deles. — Chegamos tarde demais. Se aquela garota não tivesse descoberto como mandar a coisa de volta para o lugar de onde ela veio, teríamos chegado aqui e encontrado todas essas pessoas mortas. Ou... levadas.

Manny estremece com a ideia. Algumas coisas, ele compreende instintivamente, são piores do que a morte.

— Você tem razão. Ela teve sorte. Todos tivemos, até agora.

Ele não acrescenta *Mas basta um erro*. Brooklyn já sabe disso.

— Parece que a coisa que estava nessa piscina é uma versão mais, hã, violenta do emaranhado de gavinhas, ou penas, que vimos — aponta Manny. E então ele tem um pensamento horrendo. — Pode até ser a *mesma* coisa. Fico pensando em como, lá no parque, ela alternava entre “nós” e “eu”, como se os pronomes fossem intercambiáveis. Como se ela não conseguisse organizar as palavras e isso não importasse, no fim das contas.

— Talvez essa não seja sua língua nativa.

Isso é parte da coisa. Mas Manny suspeita que o problema seja menos linguístico do que contextual. Ela não entende inglês porque o inglês estabelece uma distinção entre o eu individual e o plural coletivo, e, de onde quer que ela venha, o que quer que ela seja, essa diferença não significa a mesma coisa. Se é que há uma diferença.

— Aquelas coisas no parque seguiram as ordens dela — lembra Brooklyn. — E já tá bem claro que ela é responsável pelo que aconteceu na ponte, de alguma maneira, e pela coisa na FDR Drive. E aqui. Você viu quanto tempo demorou para a gente ir de um ponto da cidade ao outro; ela não poderia estar realmente presente em todos esses lugares. Algumas dessas coisas aconteceram ao mesmo tempo, em lados opostos da cidade. Então talvez ela seja... não sei. Como um fungo. Por toda a parte, por toda a cidade, mas nós só vemos os pedaços que brotam aqui e ali.

— Eca — diz a mulher que eles foram encontrar, que pede licença e encerra a conversa que estava tendo com uma mulher mais velha.

Ela ainda está sentada nas escadas da sra. Yu. A mulher mais velha, em pé ao seu lado, se coloca em uma agressiva postura de defesa, com os braços cruzados e queixo empinado, mas não diz nada enquanto Padmini fala.

— Vocês tinham que falar de fungos?

A personificação do distrito do Queens é uma coisinha pequena, de seios grandes e pele marrom-escura e uma abundância de cabelos pretos e longos, ainda meio duros por terem secado com a água clorificada da piscina. Ela se apresentou a eles como Padmini (“Como a atriz, sabe?”) e aparentemente se conformou em ter um nome que eles não reconhecem. Manny tem que se esforçar muito para se lembrar de chamá-la de Padmini, já que, na sua cabeça, o nome dela é Queens. Mas esse é um nome que ela deve escolher. Ele não tem direito algum de forçá-la a isso.

Brooklyn exhibe um sorriso cansado para a garota.

— Eu chamo do que vejo. Mas você está certa, eu não queria acabar falando de fungo também. Falando de outras coisas que eu não quero ouvir, mas que precisam ser ditas... Essa coisa atacou a mim e a Manny diretamente, mas, no seu caso, atacou um vizinho. Alguma ideia do motivo?

— Como eu vou saber? — Padmini soa ofendida. Ela continua a torcer o cabelo. Já está seco, na verdade. O gesto parece ser um tique nervoso. — Umas três ou quatro horas atrás eu nem sabia de nada disso.

A essa altura eles já explicaram a ela tudo o que puderam. Foi mais fácil do que Manny esperava, talvez devido ao fato de Padmini

ter acabado de ver uma piscina tentar devorar duas crianças. No entanto, também foi complicado, porque a parente de Padmini — a mulher mais velha que ela apresentou como tia Aishwarya — desceu querendo saber por que Padmini aparentemente saiu correndo do apartamento a toda a velocidade e em seguida se teletransportou para o quintal da vizinha. A tia não falou muito, mas os ronda de uma maneira protetora que Manny admiraria, se tantos de seus olhares hostis não fossem destinados a ele e Brooklyn.

Mas ele sabe a resposta para as perguntas de Brooklyn, então decide intervir.

— Atacar pessoas próximas é uma boa estratégia — diz ele, suspirando enquanto coloca as mãos nos bolsos. — Familiares, vizinhos, colegas de trabalho... Qualquer um que não seja capaz de se defender. Provocar um grande caos envolvendo pessoas importantes para o alvo, fazer ela abandonar o lugar seguro onde estava, ficar distraída com preocupação ou tristeza. E então atacar quando ela estiver desprevenida.

Ele percebe de repente que Brooklyn o encara de olhos cerrados. Sabe o porquê. Não há nada que possa fazer sobre isso. Mas a voz dela está neutra quando ela fala.

— Como é que ela estava em um lugar seguro antes?

— É. Como? — A pergunta vem de tia Aishwarya, que parece uma versão mais alta e quarentona do avatar do Queens, e fica incrível vestindo um sári de algodão com uma estampa alaranjada do pôr do sol. — Supondo que vocês não sejam só malucos.

Padmini sinaliza para que ela pare de falar.

Manny se vira para apontar o prédio de Padmini. É uma propriedade como qualquer outra, de estrutura de madeira e com

quatro andares. Ela contou a eles que mora no último andar com Aishwarya, seu marido e o bebê dos dois.

— Aquele prédio — diz Manny. — Ele está brilhando, não está? Todo mundo está vendo isso?

Brooklyn se vira para olhar e Padmini ofega. Manny suspeita que *brilhando* não seja exatamente a palavra para o que estão vendo, mas serve. O sol está descendo, preparando-se para se pôr, e o prédio, iluminado contra a luz, constituiria uma cena lúgubre se ali fosse Amityville e não Jackson Heights. Mas isso não é o que Manny deseja que notem. O que ele espera que vejam, e todos além de Aishwarya claramente conseguem, é que o prédio de Padmini está diferente do prédio da sra. Yu e de todos os outros ao redor. Mais radiante, de alguma maneira. Mais definido? É como se o prédio tivesse sido tratado no Photoshop para obter mais nitidez enquanto o resto do quarteirão mantém um contraste menos preciso. De alguma forma, o prédio passa a sensação de algo que é *certo*, da mesma maneira que o táxi Checker, agora que Manny para pra pensar. E seu próprio prédio, quando ele saiu do elevador. Ele percebeu a mudança naquele momento, mas não havia compreendido.

— Não acho que o Inimigo conseguiria entrar no prédio — diz Manny. — Algo fez dele *mais* Queens, por assim dizer, do que o restante do Queens.

— Está querendo dizer que eu fiz isso? — Padmini balança a cabeça negativamente. — Eu não fiz nada. Antes de vocês dois chegarem eu não fazia ideia de por que isso tudo estava acontecendo. Como eu seria capaz de... — Ela gesticula em direção ao seu prédio, frustrada.

— Eu não sei. Mas queria que você pudesse nos contar como você fez isso. Essa coisa está vindo atrás de nós, um por um, e acho que não vai parar. Não parece ter nenhum manual de instruções nem um velho mentor sábio para nos ajudar a entender as regras, mas, se continuarmos brincando de pega-pega, a coisa vai vencer, no fim das contas.

Manny suspira e esfrega uma mão contra o rosto, de repente se sentindo muito cansado. Foi um longo dia. À frente deles há um pequeno prato de baozis preparados pela sra. Yu. Ele se abaixa para pegar um, faminto. Está delicioso. Ele pega outro.

Brooklyn também suspira.

— Olha, estou exausta e eu nem almocei antes de ir até Inwood salvar esse aqui do monstro de plumagem. — Ela aponta para Manny com o polegar. — Acho que precisamos repensar a questão de tentar fazer tudo de uma vez. Não vai ajudar em nada se a gente cair desmaiado.

— Não devíamos ir para o Bronx? — O rosto de Manny endurece. — Já que sabemos quem ela é. E, hã, qual é o quinto distrito, mesmo? Eu esqueci, desculpa.

— Staten Island — responde Brooklyn. — Mas não faço ideia de como encontrar ela.

— Ela? — pergunta Padmini.

Brooklyn parece surpresa.

— Que coisa. Não sei de onde veio isso. Mas parece certo, não parece? — Ela olha para cada um deles. Padmini assente, séria. Manny faz o mesmo. — Bom, tudo bem, então. — Brooklyn balança a cabeça, nitidamente inquieta com as estranhas informações aparecendo em sua cabeça. — Meu ponto é que, hã, aquela mulher

provavelmente já foi atrás do Bronx e de Staten Island, como fez com a gente. E como esses distritos ainda não explodiram ou coisa assim, significa que as pessoas que os representam sabiam o suficiente para sobreviver até agora. Elas provavelmente estão confusas pra cacete, mas talvez não precisem tanto da nossa ajuda, assim como ela não precisou. — Brooklyn faz um movimento de cabeça em direção a Padmini.

— *Eu* com certeza estou confusa — resmunga tia Aishwarya.

Padmini a puxa para se sentar no degrau a seu lado, e elas começam a ter uma conversa apressada e sussurrada em algum outro idioma. Em tâmil, Manny percebe. Ele sabe de muitas coisas que não deveria.

— Há mais um de nós — interrompe ele. Quando todos o encaram, Aishwarya de olhos semicerrados, ele continua: — Não cinco, mas seis. A Mulher de Branco falou várias vezes sobre outro. Alguém que enfrentou ela, que a derrotou, mas não completamente. Por isso ela ainda consegue nos atacar.

— Seis? — Brooklyn franze as sobrancelhas.

Ela estava encarando os baozis e agora finalmente cede à tentação e pega o último. Quase imediatamente a porta atrás deles se abre e a sra. Yu serve mais um prato com três. Manny agradece com um movimento de cabeça, mas ela não se dá ao trabalho de olhar para eles antes de fechar a porta de novo. Enquanto isso, Brooklyn continua:

— São só cinco distritos, Manny.

— Cinco partes que se encaixam e formam um todo — diz Padmini, dando de ombros.

Manny parece confuso, mas Brooklyn respira fundo.

— Você quer dizer *a cidade* como um todo — diz ela, arregalando os olhos. — Não um distrito, mas... Nova York? A cidade de Nova York, toda em uma só pessoa.

Ela assovia, balançando a cabeça, mas é nítido que acredita nisso. Manny também, agora que o conceito existe em sua mente.

— Ele deve ser maluco em outro nível.

— Mas forte — murmura Manny. Ele sente um arrepio; os pelos em sua nuca se eriçam. Por quê? Ele não sabe. Mas não quer questionar o que acabou de dizer ou a suposição de Brooklyn de que a personificação de Nova York é um homem. — Se ele enfrentou sozinho a coisa que derrubou a ponte, nós precisamos dele.

Padmini lentamente ergue uma das mãos.

— Hã, já que estamos votando, eu concordo com a srta. Brooklyn. Vocês dois parecem exaustos. *Eu* me sinto exausta. Vai escurecer em breve e eu quero muito um tempo para pensar sobre tudo isso. Talvez a gente pudesse, hum, adiar isso por enquanto e nos reunir de novo amanhã de manhã?

— Não sejam tolos — intervém tia Aishwarya. Todos a encaram e seu olhar zangado se intensifica. — Acabaram de dizer que tem uma coisa *caçando* vocês. Querem se separar agora, para que seja mais fácil serem pegos? Juntos podem ao menos cuidar uns dos outros.

— Acredita em nós, tia? — pergunta Padmini.

Seus olhos estão arregalados, esperançosos, e ela parece muito jovem. A tia dá de ombros.

— Não importa se acredito ou não. Há coisas absurdas acontecendo, então vamos descobrir uma maneira de acabar com

elas depressa para que você possa voltar para sua vida normal, sim?

Padmini deixa escapar um riso breve, mas Manny consegue ver a gratidão em seus olhos.

Brooklyn suspira.

— Preciso ir embora de qualquer forma — diz ela. — Disse à minha filha que chegaria tarde, mas não quero passar a noite inteirinha fora tentando encontrar pessoas-distrito. E pessoas-cidade. Ainda mais considerando que não temos ideia de onde começar em dois desses casos.

Manny concorda, mas em parte pela inquietude dissonante que sente desde que Padmini mencionou uma personificação geral da cidade. Eles precisam um dos outros, tem certeza disso, mas precisam especialmente do sexto. E ele sente especificamente e instintivamente que precisam se apressar nesse último detalhe.

— Isso deve estar acontecendo em outras cidades também — diz Padmini, interrompendo o devaneio de Manny. Ela tem uma expressão de desagrado, como se estivesse irritada porque o mundo hoje faz menos sentido do que ontem. — Não podemos ser os únicos esquisitos, né? Teve algum desastre como o da ponte em algum outro lugar hoje?

— Não — responde Aishwarya. Ela suspira. — As notícias ruins de sempre em todos os lugares, mas nada como o que aconteceu na ponte.

Então Manny lembra.

— A mulher disse algo sobre São Paulo estar aqui. Com a pessoa que é Nova York.

— A cidade de São Paulo? — pergunta Brooklyn. — Ela tem... uma pessoa? Essa pessoa não deveria estar *em* São Paulo?

— Não sei. Mas, se for verdade, o que está acontecendo com a gente já deve ter acontecido lá. E isso explica uma coisa que venho pensando, já que você mencionou. — Ele indica Brooklyn com a cabeça. — Quando você disse que podemos ir embora e a cidade vai escolher outra pessoa... Eu acho que você tem razão; parece certo, e estamos nos baseando só nisso, até agora. Mas também acho que... depois de um certo ponto, não teremos mais essa escolha. Provavelmente a cidade inteira deveria estar como o prédio de Padmini, segura da Mulher de Branco. Mas não está, não só porque não sabemos o que estamos fazendo, mas porque tem algo que está *errado*. Estamos incompletos. Sem uns aos outros e aquele que é Nova York, não podemos proteger a cidade inteira. Mas se em algum momento conseguirmos fazer isso...

Brooklyn resmunga.

— Saquei. Então *nós* seremos como São Paulo. Não importa onde a gente esteja, mesmo saindo de Nova York, nós seremos... Nova York.

— Como assim? Para sempre? Mas... não! — Todos olham para ela, surpresos. Até mesmo Aishwarya. Padmini faz uma careta. — É só que... Olha, é muita coisa para assimilar! É legal que vocês tenham vindo pra ajudar, mas... — Ela balança a cabeça, mais um assentir que um meneio, transmitindo sua dificuldade para articular o problema. — Não sei, eu só... Eu não posso me tornar o Queens. Eu nem mesmo sou uma cidadã dos Estados Unidos! E se a empresa onde faço estágio não me contratar e eu não conseguir

outro emprego que me conceda um visto? Vou ficar perambulando por Chennai sendo o Queens? Não faz sentido.

Eles se entreolham em um silêncio desconfortável.

A sra. Yu abre a porta novamente, apenas o suficiente para que eles consigam ver metade de seu rosto. Manny está se acostumando a ignorá-la; ela obviamente está ouvindo a conversa, mas isso também faz parte da vida em uma metrópole. No entanto, ela não traz outro prato dessa vez; apenas os espia pela fresta entre a porta e o batente. Seu olhar passa por todos eles, mas para em Manny.

— Você *hùnxuè'ér*? — pergunta ela. — Hapa? É como os jovens falam hoje em dia.

Manny se recompõe da surpresa e da tentativa de compreender por que ele entende taishanese.

— Hã, não. — Não que ele saiba.

— Ahn. — Ela examina um por um novamente, então contrai os lábios, aborrecida. — Na China, muitas cidades têm deuses das muralhas. A sorte caminha com eles. É normal. Não se preocupem.

— O.k., que porra é essa? — diz Brooklyn.

— Sim, exatamente — diz Aishwarya. Padmini olha para ela de cenho franzido. — Muitos em meu país acreditam nisso também. Há várias histórias. Vários deuses, vários avatares, provavelmente centenas. Alguns são patronos das cidades; você pode dizer que são deuses urbanos. É loucura pensar que você é um deles. — Ela olha para Padmini, cujo rosto assume uma expressão imóvel cheia de ressentimento. Um velho hábito de silêncio diplomático, Manny deduz. — Mas se você é, então você é.

— Sim. — A sra. Yu abre mais a porta. Atrás dela, em um dos sofás do apartamento, seu neto mais novo está dormindo. Seu irmão está sentado próximo a ele lendo um livro da escola como se eles não tivessem acabado de lutar por suas vidas naquela mesma tarde. — Deuses de verdade não são o que a maioria de vocês, cristãos, entende como deuses. Deuses são *pessoas*. Algumas vezes pessoas que já morreram, algumas vezes pessoas que estão vivas. Algumas vezes pessoas que jamais viveram. — Ela encolhe os ombros. — Eles têm funções, trazer prosperidade, cuidar das pessoas, garantir que o mundo funcione como deve. Eles se apaixonam. Têm filhos. Lutam. Morrem. — Ela dá de ombros novamente. — É um dever. É normal. Superem.

E não há muita coisa que possa ser dito como resposta a isso.

A expressão de Brooklyn se suaviza.

— Desculpe, senhora. Estamos aqui há um tempão. Devíamos deixar a senhora em paz, não é?

— Vocês salvaram a vida dos meus netos. Mas sim.

Então eles se levantam e vão embora, atravessando a casa da sra. Yu. Manny tem o cuidado de agradecê-la pelos dumplings.

Aishwarya para na calçada, olhando para eles como se tivessem pessoalmente conspirado para perturbá-la.

— Vocês dois vão ter que ficar com a gente — diz ela para Brooklyn e Manny. — Se nosso prédio é um lugar seguro e se ter vocês por perto faz com que Padmini esteja mais segura... Não tenho roupas que sirvam para vocês, e vão ter que dormir no chão...

— Meu prédio também pode servir — diz Manny. Então ele faz uma careta. — Hã, mas pode ser a gota d'água para o meu colega de apartamento.

Brooklyn, por sua vez, está balançando a cabeça.

— Na verdade, eu sei de um lugar melhor, se essa coisa toda funciona como eu acho que funciona. Tem espaço mais do que suficiente para todos nós. Espere aí.

E ela pega o celular de novo, dando as costas para eles para discar.

Manny se pergunta se ela está pedindo a seus assistentes que criem algum tipo de residência segura onde cidades semideificadas possam se esconder. Mas Padmini o encara de maneira estranha e ele ergue as sobrancelhas.

— O que foi?

— Eu pensei que você fosse meio Punjabi, talvez, até ouvir o que a sra. Yu disse. O que você é, então?

— Negro. — A resposta vem instintivamente, mas parece verdadeira.

— Você parece... meio branco?

— Não. Negro.

— Um latino negro ou talvez um judeu negro, ou o que... miscigenado?

— Apenas o bom e velho negro mesmo. — Parece uma conversa familiar. Ele *de fato* já ouviu muito isso ao longo de sua vida. — Quer dizer, provavelmente tem outras descendências além de negro em algum ponto da minha linhagem, mas acho que nunca descobri. Nem me importei. — Ele dá de ombros. — América.

Ela ri. Aishwarya observa Brooklyn; Padmini parece relaxar um pouco nesse intervalo na reprovação de sua tia.

— O Queens, digo, o distrito, também se parece com você. Muitos tons de marrom o-que-você-é. Mas... — Ela inspira, fazendo um

pequeno som de *ah*. — Tem o Harlem em Manhattan. E o Central Park costumava ser uma vizinhança de negros e irlandeses; eu li algo sobre isso em algum lugar na internet. Eles tomaram a terra das famílias para construir o parque. E tem aquele memorial no centro da cidade, na Wall Street, onde encontraram vários africanos enterrados em covas sem identificação. Escravizados. Acho que alguns eram livres? Mas tinha milhares deles, todos enterrados sob... — Ela faz uma careta. — Hã, o lugar onde eu trabalho. Então, Manhattan hoje é comandado por pessoas brancas, mas foi tudo literalmente construído às custas do povo negro. E nativos americanos e chineses e latinos e ondas de imigrantes europeus e... todo mundo. Deve ser por isso que você parece ser... um pouco de tudo.

— Certo. — Manny foca no que é mais interessante. — Você trabalha na Wall Street?

Ela parece murchar, descontente.

— Não é minha culpa. Não sou cidadã. Para conseguir um visto de trabalho depois de me formar, minha melhor chance é fazer estágio em uma empresa que consiga bancar as taxas, e nesse momento apenas a área de finanças e tec...

— Ei, calma, está tudo bem, me desculpe. — Manny ergue as mãos rapidamente. — Não estou julgando.

— Eu estou. — A expressão de Padmini se transforma em raiva. — Meu empregador faz coisas horríveis. Não gosto de pensar nisso, ou não consigo dormir à noite. — Ela suspira. — Eu odeio essa cidade. Essa é a ironia disso tudo. Eu, parte de Nova York? Nem fodendo. Nem fodendo mesmo. Mas já moro aqui há pelo menos um terço da minha vida, e todas as esperanças da minha família

dependem do meu sucesso aqui, então... não posso ir embora também.

E essa é a razão, Manny compreende, pela qual ela se tornou o Queens.

Brooklyn se volta para eles, guardando o celular na bolsa.

— Acabei de avisar meu pai que estamos a caminho. Está tudo certo. Estão prontos?

Aishwarya contrai os lábios, relutantemente impressionada com tanta eficiência. Ela olha para Padmini.

— Imagino que você tenha decidido ir com eles?

Padmini suspira.

— Sim, acho que vai ser melhor. E não vou me meter em orgias malucas nem nada assim, prometo.

Aishwarya bufa, achando graça.

— Só garanta que seus parceiros de orgia sejam cidadãos norte-americanos, que não tenham doenças e não sejam velhos demais ou feios. É melhor levar umas roupas, *kunju*.

— Ah, é mesmo.

Padmini sorri entusiasmada para Manny e Brooklyn, indo depressa em direção ao seu prédio. Mas ela para, confusa, quando Manny e Brooklyn começam a segui-la.

— Vou demorar só cinco minutinhos.

— A Mulher de Branco pode te matar em cinco minutinhos — responde Manny. — Ou matar a gente também.

Padmini mantém a expressão fechada, então provavelmente se lembra da piscina da sra. Yu.

— Tudo bem, então — diz ela, e eles a seguem para dentro da casa.

Leva mais do que cinco minutos. Isso porque, no momento em que ela abre o portão do quintal, a janela do apartamento do térreo se abre e uma mulher branca e franzina olha para eles com curiosidade.

— Paddy-me, foi você quem gritou? — pergunta ela a Padmini.

A garota vai até ela e se ajoelha ao lado da janela para explicar que sim, ela gritou, mas foi porque havia uma barata nojenta e enorme na piscina da sra. Yu, e calhou de ela estar lá fazendo uma visita, e ela odeia *muito* baratas. Isso parece tranquilizar a senhora, que menciona estar assando algumas tortas e diz que vai levar uma até o apartamento de Padmini quando terminar.

— Desculpe — diz Padmini de maneira reticente enquanto eles seguem em frente.

— A srta. Kennewick faz tortas excelentes — diz Aishwarya a Brooklyn e Manny, em um comentário à parte. — Meu marido as devora feito um porco.

Depois de subirem os degraus e entrarem no prédio, acontece outra vez. Os andares são divididos em dois pequenos apartamentos. O inquilino do 1A é um rapaz cujo cachorro eles podem ouvir latindo antes mesmo que ele abra a porta, sem soltar a corrente. Ele olha para Brooklyn e Manny por um momento, então pergunta em um voz baixa se Padmini está tendo algum “problema”. Padmini responde com um sorriso e garante que ela está bem e que as pessoas estranhas são amigos e que está tudo certo. Então o rapaz resmunga uma ordem e o cachorro — um enorme pit bull — fica em silêncio. No entanto, os dois continuam observando até que Manny e Brooklyn estejam fora de vista.

— Aquele era só o Tony — explica Padmini enquanto eles sobem as escadas. — Ele é muito bacana. Ele faz bolo caribenho para mim em dezembro, com rum, e eu sempre fico meio bêbada! Ele deve ser freelancer, porque fica o dia inteiro em casa, e por isso cozinha tão bem, eu acho. Não sei com o que ele trabalha.

— Eu sei — ri Brooklyn, olhando para Manny.

E é assim até eles chegarem ao último andar. Eles não conhecem os inquilinos do 1B ou do 2A que, segundo Padmini, estão trabalhando, mas no 2B mora um homem negro e mais velho que tem os ombros caídos e usa um kufi. Ele agradece a Padmini por ter cuidado de seu gato na semana anterior. Quando ela timidamente pede alguns incensos, ele sorri e pega alguns espetos para ela em uma prateleira perto da porta.

— Eu gosto desse aqui para as orações — diz ele, claramente aprovando sua recém-lembrada espiritualidade.

— Ela, orando? — resmunga Aishwarya, mas o homem de kufi não a escuta.

— Eu oro, sim. — Padmini se aborrece, mas seu rosto fica ligeiramente corado e ela acelera sua subida.

O terceiro andar é habitado por apenas uma família — parentes do dono, explica Padmini. A porta não se abre, mas Manny consegue ouvir crianças pequenas brincando lá dentro. Um deles chega perto da porta e grita:

— É a Padmini! Estou ouvindo ela! Quero dar oi para a Padmini!

Então alguém dentro da casa faz com que ele fique quieto e o tira de perto da porta.

Em algum ponto entre o terceiro e o quarto andar, que é onde fica a casa de Aishwarya, Manny compreende. Esse é apenas um prédio

entre os milhares em Jackson Heights — mas ali, nesse prédio de quatro andares sem elevador, existe um microcosmo do Queens. Pessoas, culturas, se mudando e criando comunidades e tocando a vida, infinitamente. Num lugar como esse, nutrido pela presença e pelo cuidado de seu avatar, o poder do distrito permeou cada tábuia e bloco de cimento no prédio, tornando-o mais forte e mais seguro mesmo enquanto a cidade vacila, enfraquecida diante da investida do Inimigo.

Isso faz com que Manny anseie, subitamente, por sentir a mesma completude em toda a cidade. Não deveriam todos ali ter algo assim? Ele está ali há apenas um dia e já conheceu pessoas tão vivamente interessantes, já encontrou tanta beleza incomum. Ele quer proteger uma cidade que fornece esse tipo de experiência. Ele quer ajudar essa cidade a se fortalecer. Ele quer ficar ao seu lado e ser leal.

Um certo zunido ressoa subitamente através de sua alma. Ele para no meio da subida, alarmado — e Brooklyn também se vira, prendendo a respiração. Padmini, de costas para eles já no patamar seguinte, para e fecha os olhos por um momento. Manny sente a reverberação entre eles, e isso o leva até o outro lugar — onde, pela primeira vez, ele percebe que nunca esteve *como um homem*. Ele é uma cidade. Quando olha para as estranhas ruas vazias, para o dano (em sua maioria remediado agora, já que eles estão se fortalecendo), para a bela luz oscilante, de repente se dá conta de que isso é o equivalente a olhar para seu próprio umbigo. E no instante em que ele faz essa conexão, sua percepção se agita e se afasta, erguendo-se até que ele consegue enxergar a si mesmo como um todo: ele é Manhattan. E logo ali, levemente ofuscada por

seus próprios arranha-céus — mais uma! Ela é Brooklyn. E ao lado dela, perto o suficiente para que suas mãos se toquem, estende-se uma nova maravilha. Padmini é *enorme*, infinitos quilômetros de prédios baixos se esparramando. Quando ela se vira, ele ouve a melodia de milhares de instrumentos diferentes, vê o brilho facetado dos vitrais e fibras de vidro industrial e partículas aleatórias de diamante, ele sente o gosto salgado e amargo e terroso e intenso e ardente de temperos que fazem seus olhos lacrimejarem. Bem ali! Seus outros eus. A cidade que eles precisam ser. Ele ergue suas mãos no outro mundo, o mundo das pequenas pessoas, e pelo latejar de sua própria pulsação percebe que elas estão fazendo o mesmo. Isso mesmo. Dessa maneira, *juntos*, eles podem ser tão fortes, só precisam—

Subitamente a percepção de Manny retorna para seu corpo de carne e osso. Ele tropeça nos degraus e cai, desajeitadamente o suficiente para estatelar-se de cara em um degrau; sua boca começa a sangrar. Leva uns bons dez segundos para Brooklyn e Padmini terem uma reação; Aishwarya chega antes delas, ofegando e descendo os degraus depressa para ajudá-lo a se sentar antes das duas. Leva todo esse tempo para que Manny entenda por que está deitado de cara no chão.

O que você esperava?, ri alguma coisa, não exatamente uma voz, em sua cabeça. É uma risada bondosa, não do tipo malicioso. Rindo com ele, e não dele. *Você não é Nova York, você é Manhattan. Boa tentativa, mas unir todo mundo é responsabilidade dele, não sua.*

Abruptamente, ele está em outro lugar.

Em algum lugar na Nova York Normal. No subsolo — em um lugar subterrâneo? Está escuro. Ele enxerga azulejo branco em um lugar

sombrio, com chão de concreto cinza. É uma estação de metrô. Ele sente cheiro de poeira e um vestígio de ozônio, estranhamente livre da atmosfera de urina velha da qual Manny se recorda de sua única experiência no metrô.

Em algum lugar ali perto, mas não tão perto assim, passa um trem, roncando; nas sombras projetadas por uma fresta de luz do sol vinda de algum lugar acima, pedestres passam apressados uns pelos outros. E na frente dele—

Na frente dele, em uma cama feita de jornais velhos, um garoto dorme em posição fetal.

Manny encara-o fixamente, atônito. O rapaz tem uma aparência frágil, dolorosamente magro, vestindo jeans sujos e tênis puídos, seus braços e pernas desengonçados repousando em posições desajeitadas. Manny não consegue enxergar seu rosto com clareza, embora ele esteja sob a luz mosqueada que vem de cima. Alguma coisa sobre as sombras, o ângulo... Ele quer se aproximar, de repente ansiando por ver mais, mas nada acontece. Não é o suficiente, esse breve vislumbre. Ele precisa... Ele precisa...

Eu pertenço a ele, pensa Manny subitamente, ansiosamente. *Eu quero ser... Deus, eu quero pertencer a ele. Eu vivo por ele e morreria por ele, se assim ele quisesse, e, sim, eu mataria por ele também, ele precisa disso, e por ele e apenas por ele eu serei novamente o monstro que sou—*

Ele pisca; a visão se foi. Manny está sentado nos degraus de novo, os outros em volta dele, sua boca ainda cheia de sangue, sua mente vazia. Padmini e Brooklyn também se sentaram, ambas confusas. Brooklyn olha para ele e sua expressão se endurece

cuidadosamente, de uma forma que Manny não consegue desvendar. O rosto inexpressivo de um político.

— Você viu ele — diz ela. Não é uma pergunta. — Então realmente tem um sexto. Nova York.

Sim. Manny engole a saliva e assente, passando a língua sobre o corte feito por seus dentes no lábio inferior. Seu nariz está sangrando também. Ele escuta o tremor na própria voz; combina perfeitamente com a forma como está se sentindo no geral.

— Então. Visões. Isso é novidade.

— Visões *em grupo*. Sim. — Brooklyn respira fundo devagar. Ela soa um pouco trêmula também. — Eu diria que são coisas da sua cabeça, mas parece que são coisas da minha também.

Manny assente, infeliz.

— E da minha — acrescenta Padmini.

Aishwarya está sentada perto dela agora, mas Padmini ainda parece cambaleante em seu degrau.

— Algum de vocês sabe onde era aquilo?

— Estou aqui só faz um dia — responde Manny.

Ele se empertiga um pouco mais e, fazendo uma pinça com o dedo indicador e o polegar, aperta seu nariz e inclina a cabeça para trás.

Brooklyn responde com um movimento de cabeça.

— Nem ideia. Mas aposto que não é no Brooklyn.

— Por q... — Porque a visão foi mais intensa para Manny. — Ah.

— Descreva o lugar — pede Aishwarya, olhando para ele com uma expressão séria.

Ele balança a cabeça, aturdido demais para pôr os pensamentos em ordem. Padmini fala por ele, e Manny fica impressionado com a

clareza com a qual ela leu sua mente.

— Estávamos em algum lugar no subsolo. Uma estação de metrô, mas uma estação estranha. Escura. Só que tinha luz do sol. E um garoto deitado sobre alguns jornais.

Ele era jovem, mas não era uma criança. Na casa dos vinte, menos de vinte e cinco, Manny diria. Negro, de pele retinta. Esguio. Provavelmente bem ágil.

— Jornais? — Aishwarya olha para Padmini e depois para os outros, de olhos arregalados. — Como um filhote de cachorro?

— Não. Como numa cama. — Brooklyn esfrega os olhos e se põe de pé. — Pilhas de jornais, algumas ainda amarradas. Ele estava deitado em uma cama de jornais, em algum lugar em uma parte não utilizada de alguma estação de metrô. O que serve para... Ah, pra nada, porque poderia ser uns vinte lugares diferentes. Cacete, de vez em quando encontramos túneis que *esquecemos* por anos, então ele pode estar em um desses. Eu nem sequer sei do que se trata. — Ela está olhando para Manny com atenção. — Mas aposto que você sabe.

— Você quer ir ao hospital? Posso chamar um carro. — Padmini encontrou um lenço de papel em algum lugar e tenta em vão usá-lo no nariz de Manny. Ele pega o lenço e tenta limpar o sangue em seu rosto.

— Não. Obrigado. Vai parar em um minuto.

— Você bateu forte no degrau. E se tiver quebrado?

— Não seria a primeira vez. — Manny transfere sua atenção para Brooklyn. — Eu não sei nada além do que você sabe. Eu acho que vi ele, *nós* vimos ele, porque tem três de nós aqui. Se quisermos ver mais, precisamos reunir os outros.

Bronx, ou Staten Island. Ou talvez todos eles precisem estar juntos para que a informação do paradeiro do sexto, a verdadeira Nova York, apareça em suas mentes como um letreiro brilhante escrito AQUI HÁ DRAGÕES.

Por um momento, Brooklyn não diz nada. Então ela fala em voz baixa para Padmini:

— Vá pegar suas coisas, querida. Vamos chamar um Lyft ou coisa assim, mas mesmo assim é melhor levar pouca coisa.

— Ah. Tudo bem.

Padmini se põe de pé com a ajuda de Aishwarya e elas sobem depressa. Quando a porta do apartamento delas se fecha, Brooklyn se vira para sentar no degrau acima de Manny.

— Você se lembrou de mais alguma coisa sobre quem era antes disso tudo? — pergunta ela. Casualmente.

Ele examina seu nariz. Parece não estar quebrado. O sangramento também já diminuiu.

— De algumas coisas. — Casualmente.

Ela comprime os lábios.

— Eu, hum, vi outras coisas além do garoto, na visão. De Nova York, digo. Eu acho que vi algumas coisas sobre você.

Sim, ele suspeitou que ela tivesse visto. Padmini não parece ter visto, mas talvez ela já esteja lidando com tanta coisa bizarra que essa é só mais do mesmo. Ele espera até que Brooklyn pergunte diretamente.

— Quando começou a lembrar?

— Não comecei. Não de verdade.

No entanto, isso é, em parte, porque ele *não quer* lembrar. Seu nome verdadeiro está em seus documentos, por exemplo, mas ele

evitou conferir. Há contatos na agenda de seu celular para os quais ele não tem interesse em ligar, mensagens a que ele não tem a intenção de responder. Essas são escolhas, ele sabe, tão importantes quanto a de permanecer na cidade em vez de fugir para Deus-sabe-onde no próximo trem. Ele pode ser quem costumava ser, se quiser, mas só até certo ponto. Alguma coisa em seu antigo eu é incompatível com a nova identidade que a cidade quer que ele tenha. Então optou por ser Manhattan, qualquer que seja o custo dessa decisão.

— Hummm — responde Brooklyn, evasiva. Respeitando seu espaço.

Manny está cansado. Foi um longo dia.

— Eu costumava machucar pessoas — diz ele, apoiando as costas na parede das escadas e fixando o olhar em um espaço vazio entre eles. — É o que você queria saber, não é? Eu não me lembro de tudo. Eu não me lembro por quê, mas eu me lembro disso. Algumas vezes fisicamente. Mas, mais frequentemente, eu só assustava elas para que fizessem o que eu queria. Mas para que uma ameaça tenha credibilidade, algumas vezes... eu ia até o fim. Eu era bom nisso. *Eficiente*. — Então ele suspira, fechando os olhos por um momento. — Mas eu tinha decidido não ser mais essa pessoa. Eu me lembro muito bem disso. É por isso que muita gente deixa a vida antiga para trás e se muda para a cidade grande, não é? Um novo começo. Um novo eu. Só parece estar sendo um pouco mais literal para mim do que para a maioria das pessoas.

— Hum. — Ela respira fundo. — Serial killer?

— Não. — Ele não se lembra de sentir prazer nas coisas que fazia. Mas se lembra de que causar dor e provocar medo era tão

fácil para ele quanto foi aterrorizar Martha Blemins no parque. Trivial. Ele não sabe dizer se isso é melhor do que ser um serial killer. — Era... meu trabalho, eu acho. Eu fazia isso por influência, e talvez por dinheiro.

Mas em algum ponto do caminho ele decidiu parar. Ele se agarra a essa prova de sua humanidade como se fosse a única coisa que importa. Porque é.

— Bom, parece muito apropriado para Manhattan. — Ele consegue sentir a pressão do olhar dela. — Você tem uns sentimentos estranhos por aquele rapaz.

Manny deixa escapar um suspiro. Estava torcendo para que ela não tivesse percebido isso também. Algumas coisas deveriam ser particulares, pelo amor de Deus.

— Desculpe. Eu não estava exatamente esperando ser empurrada para, não sei, uma fusão vulcânica de mentes ou sei lá, então eu nem pensei em não, hum, não olhar. Espero que você não tenha visto nada sobre mim.

— Acho que não vi.

— Que bom. — Ela cruza os braços e se apoia nos joelhos. Suas pernas estão asseadamente alinhadas, sua saia não está nem um pouco amarrotada; ela é a própria imagem da elegância nessa velha e malcuidada escada de painéis de madeira. Mas há preocupação em seu rosto elegante. — Aqui entre nós, estou com uma sensação ruim sobre o que vai acontecer quando e se nós seis finalmente nos encontrarmos. Se essa foi uma amostra... Eu não sei se quero cinco pessoas dentro da minha cabeça.

Manny dá de ombros. Ele também não quer, mas a cada segundo que passa fica mais claro que eles precisam encontrar uns aos

outros ou morrerão.

— Talvez não vá ser tão ruim quando encontrarmos o... o Nova York. Talvez ele... regule isso. Ou algo assim.

— Você é muito otimista para um possível serial killer. Gosto disso em você.

Isso o faz rir, coisa da qual ele aparentemente precisava, porque depois se sente muito melhor.

— Como você está lidando com tudo isso, além do pavor existencial?

É ela quem dá de ombros agora, mas ele é muito bom em ler as pessoas. Deve ter sido uma habilidade profissional em algum momento. Ela está morrendo de medo à sua própria maneira reservada e elegante.

— Eu pensaria em ir embora. Não que eu queira, é claro. Nova York é meu lar. Lutei por esta cidade a minha vida toda. Mas só pra manter meu pai e minha filha fora da linha de fogo, sabe? Estou aqui por enquanto porque ir até o fim oferece as duas possibilidades: ajudar minha cidade e manter minha família em segurança. Mas se as coisas ficarem muito difíceis... — Ela encolhe os ombros de um jeito eloquente. — Não sei se amo Nova York o suficiente para morrer por ela. Com certeza não amo o suficiente para sacrificar minha família por ela.

— Você disse que sua filha tinha catorze anos.

— É. Ela não ouve nada nem ninguém. — Brooklyn relaxa visivelmente com a mudança de assunto, e sorri com ternura exasperada. — Meu pai diz que é castigo porque eu era muito insolente na idade dela. Mas ela é muito esperta, também. Como a mãe.

Manny ri. Ele não consegue lembrar se era desaforado quando criança, mas é agradável imaginar que talvez tenha sido.

— Qualquer coisa que eu puder fazer para ajudar você e sua família, eu vou fazer.

A expressão no rosto dela se suaviza. Talvez ela goste dele um pouquinho mais.

— Espero que você consiga se tornar a pessoa que realmente *quer* ser — diz ela, deixando-o confuso. — Essa cidade vai te comer vivo, sabe. Se você deixar. Não deixe.

Então ela se levanta, porque Padmini está saindo do apartamento, ainda tentando enfiar coisas em uma mochila enquanto Aishwarya entrega a ela itens que esqueceu e pacotes de comida. Brooklyn vai até as duas para ajudar. Enquanto as mulheres conversam baixo entre si e se ajudam na tarefa de fechar o zíper da mochila, Manny processa as palavras de Brooklyn. Elas soam como um aviso sobre muitas coisas.

Então as mulheres descem e ele se levanta para ajudar com a bagagem, que não é muita, embora Aishwarya prontamente coloque duas sacolas reutilizáveis cheias em seus braços e uma pilha de marmitas tiffin em suas mãos.

— Tudo pronto — diz Padmini, olhando para eles ansiosamente. — E, ah, eu tenho comida para jantarmos, se quiserem. Também liguei para o meu supervisor para avisar que não vou pro estágio nos próximos dias. Peguei uma gripe. — Ela tosse um pouco, de maneira experimental. — As pessoas ficam com tosse quando estão gripadas, não ficam?

— Algumas vezes — responde Manny, contendo um sorriso.

— Ah. Bom, eu mencionei uma febre de 43 graus e também disse que estava menstruada. Ele vai pensar que estou delirando por uma das duas coisas.

— Desejo melhoras — diz Brooklyn, ironicamente. — Então vamos.

Eles pegam um Lyft que os leva pela via expressa Brooklyn-Queens. A vista noturna de Manhattan está perfeitamente posicionada para que Manny a observe por boa parte do trajeto, e ele o faz avidamente, fascinado, apesar da noção de que ele está olhando para si mesmo. Fica meio arrebatado com tudo aquilo: a ordem impressionante e cheia de luzes da rodovia, ainda que metade dos motoristas pareça determinada a disputar seus próprios rachas particulares. Prédios altos que se elevam acima da avenida, e breves vislumbres da vida alheia: um casal discutindo em frente a uma feia pintura de barcos; um cômodo cheio de pessoas no que deve ser um jantar em grupo; um senhor gritando enquanto segura o controle remoto com as duas mãos e o aponta para a TV. Em dado momento, a rodovia em que estão atravessa duas outras rodovias, por baixo de uma terceira e paralela a uma rua ainda maior. É uma loucura. É incrível.

Não é nada além do que qualquer cidade grande tem... e ao mesmo tempo é. Manny sente o latejar de vida nela. Quando ele abaixa o vidro da janela, coloca o rosto para fora o máximo que consegue sem tirar o cinto de segurança, e respira fundo, inalando o vento. (O motorista o observa de maneira desconfiada, mas acaba dando de ombros e não dizendo nada.) Ele solta o ar e o vento forma uma rajada forte o suficiente para sacudir ligeiramente o carro, fazendo com que o motorista xingue e Brooklyn proteja o

cabelo com a mão para que não fique muito bagunçado por causa da janela aberta. Ela lança a Manny um olhar de advertência, sabendo muito bem o que ele está fazendo, e ele sorri de volta em tom de desculpas.

Mas não consegue evitar. Ele está se apaixonando por uma cidade, e homens apaixonados nem sempre são ponderados ou sensatos.

Eles chegam ao endereço que Brooklyn deu ao motorista, no coração de um bairro que o mapa chama de Bedford Stuyvesant. Eles saem do carro diante de um par de prédios estilo *brownstone*, altivos e estreitos, que parecem ter sido reformados e decorados de maneira semelhante. Um deles ainda mantém o estilo tradicional, com um portão de ferro que dá para os degraus; há até mesmo uma placa de monumento histórico ao lado da porta do primeiro andar. O outro, no entanto, foi modificado: não há degraus ou portão, e a porta do apartamento térreo se abre diretamente para um pátio revestido de tijolos e cheio de plantas. A porta dupla em arco da entrada é muito maior do que a da outra propriedade, e mais moderna. Manny vê um botão de abertura automática de um dos lados.

Padmini assovia.

— Uou. Que riqueza — diz ela, admirando o prédio. Então diz para Brooklyn: — *Você é muito rica.*

Brooklyn ri soltando ar pelo nariz, mas também para na calçada para deixar que continuem a admirar as propriedades, claramente satisfeita com isso. E, Manny percebe, ela não nega que é rica.

— Vamos ficar aqui — diz ela, apontando o prédio tradicional com a cabeça. — A menos que algum de vocês tenha problemas com

degraus. Minha família mora no prédio acessível; meu pai usa cadeira de rodas. Vocês vão ter que lidar com o temperamento de uma garota de catorze anos, mas, se não se importarem, podemos todos ficar lá também.

— Eu adoraria conhecer sua família, mas não tem problema nenhum com os degraus — diz Padmini, então Brooklyn os guia pelos degraus do primeiro prédio.

Lá dentro, o *muito rica* de Padmini é complementado com e *estilosa*. Alguém reformou o interior; detalhes originais como uma lareira (com uma cornija de mármore!) e uma escadaria atapetada com balaústres e corrimãos de mogno contrastam com um lustre modernista que faz lembrar uma explosão congelada e móveis modernos que são impressionantes demais visualmente para serem inteiramente confortáveis. Manny gosta deles mesmo assim.

E o melhor de tudo: no instante em que entram no prédio, Manny sente novamente a sensação arrepiante que sentiu ao entrar no prédio de Padmini e em seu próprio prédio. As linhas da arquitetura parecem mais nítidas, as texturas das paredes, mais requintadas. A luz se torna um pouquinho mais brilhante; o cômodo parece ficar mais fresco.

— É, bem que eu imaginei — diz Brooklyn, abrindo um sorriso. — Não tem nada que seja mais Brooklyn do que um *brownstone*, meu bem.

— Você é do mercado imobiliário? — pergunta Padmini, de olhos ainda levemente arregalados.

— Não. Só tenho esses dois prédios. Eu cresci aqui, sabe. — Brooklyn suspira ao tirar os sapatos. Manny e Padmini rapidamente a imitam. — Meu pai comprou os dois prédios nos anos 1970.

Pagou só sessenta mil por esse prédio inteiro. A cidade estava numa fase ruim naquela época. A galera branca se mandou para os subúrbios porque não queriam seus filhos frequentando a mesma escola que o pequeno José e a pequena Jaquita, então a crise econômica que prejudicou todos os outros lugares bateu mais forte aqui. Mas meu pai manteve os prédios, mesmo quando os impostos prediais quase nos comeram vivos. Quando eu tinha catorze anos, já estava desentupindo vasos sanitários e transportando móveis. Jojo não sabe como é privilegiada.

— Sua filha? — pergunta Padmini.

— Isso. Apelido para Josephine. Em homenagem a Josephine Baker. — Brooklyn sorri, balançando a cabeça. — Enfim, agora os dois prédios valem milhões. — Ela faz um gesto para que eles a acompanhem em um tour pelo lugar. — Consegui terminar as reformas de acessibilidade no outro prédio pouco antes do quarteirão inteiro ser tombado como patrimônio histórico, graças a Deus, ou ainda estaria travando uma guerra de papelada com a prefeitura. E tive que prometer nunca modificar este aqui para acalmar todos os corações.

— Não queriam deixar você reformar o prédio para que fosse acessível para uma pessoa que usa cadeira de rodas?

— Bem-vindo a Nova York — diz ela, bufando. Então gesticula em direção à cozinha decorada com cornijas modeladas. — Nós alugamos esse aqui para turistas para tirar uma grana extra. — Ela anuncia em tom divertido: — “Casa urbana histórica! Vista para a cidade! Sotaques vintage!”. Cinco mil por mês por unidade, toma essa, e mais ainda durante eventos especiais ou temporada de

festas. Meu pai chama de “Fundo da pensão reserva”, já que a prefeitura vive tentando tomar eles.

Brooklyn leva cada um para um quarto de hóspedes muito limpo e pede comida chinesa para o jantar. Queens tem a refeição que Aishwarya preparou para ela, mas come um pouquinho do arroz frito e divide o curry de cordeiro e os bolinhos de arroz de sua tiffin. Eles compartilham uma refeição simples e silenciosa sentados em volta da ilha na cozinha, mas Manny se sente grato; é um alívio muito grande poder relaxar um pouco.

Mas ele não deixa de se sentir culpado, visto que, em algum lugar da cidade, os avatares do Bronx e de Staten Island estão sozinhos, possivelmente com medo e definitivamente em perigo. E em algum lugar abaixo de todos eles — no metrô, no escuro — o avatar de Nova York repousa sozinho em uma cama de lixo, sem ninguém que possa aquecê-lo. Ninguém para protegê-lo.

Não por muito tempo, Manny promete secretamente. Vou encontrar você logo.

E então... bom. Manny veio para Nova York porque não queria mais ser quem era. A cidade levou seu nome e seu passado, mas apenas porque ele estava disposto a abrir mão dessas coisas, para começo de conversa. Talvez não devesse se envergonhar do fato de a cidade ter reivindicado o resto também, inclusive as partes que ele acreditava serem indesejáveis ou repugnantes. É claro que elas seriam úteis para Nova York. Nenhuma cidade pode existir sem alguém como ele — essa cidade em particular não pode — e talvez seja hora de aceitar isso.

E seria tão terrível ser uma pessoa horrível se ele usasse todas as coisas ruins de si mesmo a favor da cidade?

Essa possibilidade é inesperadamente reconfortante. Quando se acomoda para descansar, ele cai no sono quase que imediatamente e sonha oito milhões de sonhos belamente cruéis.

INTERRUPÇÃO

No instante em que Paulo desce do carro, ele sabe o que está vendo. O prédio residencial é discreto em quase todos os sentidos, exceto por ser *mais Queens* do que qualquer outra parte do distrito que Paulo já viu. Ele se tornou o *locus* do poder do avatar de uma cidade.

Ele também consegue sentir por perto a comichão proveniente de uma obra do inimigo — mas de alguma forma, diferentemente de Inwood, essa brecha causou menos danos. Depois que o táxi vai embora (com uma conta significativa, já que Paulo pediu ao motorista para andar em voltas para que ele pudesse localizar com precisão o ponto do distúrbio de integridade dimensional), ele se esgueira pela passagem estreita entre as casas e pula por cima da cerca para que possa inspecionar melhor o lugar. Lá há uma antiga piscina elevada de plástico. Ela tem o mesmo cheiro débil e acre da coisa que infectou a rocha-monumento em Inwood. Mais poder foi empregado aqui, de maneira decisiva e precisa, removendo a infecção com uma eficiência cirúrgica que Paulo não consegue não admirar, ainda que relutantemente. Entre isso e a proximidade ao prédio *locus*, e possivelmente outros fatores que Paulo não consegue perceber, parece pouco provável que esse lugar vá atrair... parasitas.

Ele ouve alguém chamando outra pessoa em chinês dentro da casa e rapidamente deixa o quintal. No prédio, ele toca a campainha do apartamento do último andar, com a intenção de começar de cima para baixo. Quando uma mulher atende o interfone com a voz distorcida pela interferência, ele diz:

— Estou procurando por alguém que saiba o que aconteceu na piscina do quintal ao lado.

Há uma pausa. Então a voz diz, mais uma vez de maneira indistinta:

— [Alguma coisa, alguma coisa] do ICE? Moramos aqui legalmente, e o [alguma coisa] que nos denunciou pode ir à merda!

— Eu juro que não sou do ICE, da polícia, ou de qualquer outra organização sobre a qual você já tenha ouvido falar.

Paulo dá alguns passos para trás até a passarela do prédio para que qualquer um olhando pela janela possa dar uma boa olhada nele sob a luz do sol. Ele nota alguém na janela, mas a pessoa desaparece rápido demais para que ele possa ver claramente. De volta ao interfone, ele pondera entre tocar naquele apartamento novamente ou seguir para o andar de baixo. Então há outro murmúrio indecifrável pelo alto-falante e a porta do prédio se abre com um barulho, deixando-o entrar.

No quarto andar, uma mulher rechonchuda de quarenta e tantos anos usando um sári abre a porta para espiá-lo, sem abrir a corrente. Paulo consegue ver um homem de meia-idade em pé ao fundo, com uma expressão zangada e hostil, segurando uma mamadeira de bebê em uma das mãos. A mulher está na defensiva também, mas Paulo entende. Todo mundo fica cabreiro com estranhos na cidade.

A mulher o investiga com o olhar quando ele chega ao último degrau.

— Não pode entrar — diz ela, sem hesitar.

— Só quero conversar — responde ele. — Posso fazer isso daqui. Isso a faz relaxar um pouco.

— O que foi agora? — pergunta ela, em um inglês irritado e com sotaque. — Você é repórter? Fiquei sabendo que alguém falou disso no Twitter, mas é difícil acreditar que você veio até aqui por causa de uma piscina. Já é tarde da noite.

— Meu nome é São Paulo — diz ele, imaginando que não significaria nada para ela. A maioria dos estadunidenses que conhece nunca ouviu falar dele. Ou pensa que ele faz parte da Califórnia. — Estou procurando...

A reação dela o pega de surpresa.

— Eles *disseram*... nossa. Você é real?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Sim, sou bastante real. — Há apenas uma razão pela qual ela faria uma pergunta como essa. — Tem visto coisas que não são reais ultimamente?

Ela dá de ombros.

— Coisas absurdas. Por todos os cantos da cidade. Mas, mais recentemente, na casa vizinha, ontem. Outras pessoas vieram, elas falaram sobre esses absurdos. Elas eram... como você. — Então ela cerra os olhos para Paulo, como se tentando elaborar algo que não consegue articular. — Não sei.

— Outras pessoas?

— Uma delas era, hummm, Manny? Acho que esse era o nome. A outra era Brooklyn Thomason, uma dessas pessoas da Câmara dos

Vereadores. Os dois eram altos e negros, ele tinha pele mais clara e ela pele mais escura. Disseram que nossa Padmini era o Queens.

Eles começaram a encontrar uns aos outros mesmo sem sua ajuda. Paulo não consegue conter um sorriso.

— E eles foram embora? Pode me dizer para onde...?

Ela inclina a cabeça, pensativa, e seu olhar de repente se torna incisivo. O homem ao fundo se aproximou e agora está logo atrás dela, e a postura de ambos é semelhante: sutilmente protetora. O homem deixa que a mulher fale.

— Pra que você quer saber? Eles disseram que tinha uma coisa atrás deles. *Alguém*. Uma mulher.

Paulo se arrepia, como na pedra em Inwood, como quando estava próximo à piscina suspeita. Será que o Inimigo já reatualizou seus arautos? É como se a batalha do nascimento não tivesse tido efeito algum.

— Não devia ser assim — diz ele, lenta e cuidadosamente. — Mas... atrás deles. É. Acredito que seja verdade.

Novas cidades geralmente têm instintos de sobrevivência muito saudáveis, porque precisam ter. Se os avatares de Nova York acreditam que uma presença estranha e hostil os está perseguindo, provavelmente estão certos.

— Você mencionou uma mulher?

Ela entorta a boca para o lado.

— Acho que você não é uma mulher. Mas ainda assim, por que eu te diria qualquer coisa?

— Porque posso ajudar eles.

— Não ajudou muito até agora.

Paulo meneia a cabeça em resposta. Não é um pedido de desculpas.

— Na verdade, não tem muito que eu possa fazer — diz ele. — Minha responsabilidade é aconselhar. No fim das contas, a batalha deve ser travada por eles, e vencida por eles. Mas não posso nem mesmo aconselhar, se não puder encontrá-los, e qualquer tipo de conhecimento, a essa altura do campeonato, vai ser útil. Eles precisam de toda ajuda que puderem encontrar.

A mulher considera o que ele disse. Paulo imagina que sua honestidade pode ter ajudado; ela não tem uma ótima impressão dele, mas ao menos é minimamente positiva. Seu marido sussurra em seu ouvido em alguma outra língua, e, mesmo sem traduzir as palavras, Paulo consegue compreender um *Não diga nada a ele, não sabemos quem é esse homem.*

A mulher assente levemente, mas há um olhar triste em seu rosto quando ela encara Paulo novamente.

— Também não posso ajudar ela — diz a mulher, finalmente. — Ela é filha da minha prima. Uma garota esperta, boa, bonita quando se dá ao trabalho de tentar, mas eles mandaram ela para cá sozinha, acredita? Foi o que eles conseguiram bancar. E só tem a gente para tomar conta dela.

— Ela tem mais pessoas para ajudar agora — diz Paulo, o mais gentilmente que consegue.

A preocupação dela é genuína. No entanto, ele não pode tranquilizá-la. Se a prima dessa mulher é de fato o avatar do Queens, ela corre grande perigo e pode não sobreviver. Mas Paulo pode dizer a verdade até certo ponto.

— Uma cidade nunca está realmente sozinha, não por completo. E essa cidade parece menos solitária do que as outras. É como uma família: várias partes, muita confusão... mas, no fim, diante dos inimigos, eles se unem e protegem uns aos outros. Eles *precisam* fazer isso, ou morrem. — A mulher o observa agora, a mágoa em seu rosto dando lugar a deslumbramento. — Tem cinco outras pessoas que vão fazer isso por ela. Seis, se me deixar ajudar.

Depois de um longo momento, ela suspira.

— Eles estavam cansados. Estavam com fome. Foram para o Brooklyn, com Brooklyn, para passar a noite e descansar.

Eles não deveriam estar cansados ou com fome. Nada no nascimento dessa cidade está correndo como deveria. Paulo contém um suspiro.

— Isso pode ser bom. Se eles sabem como criar locais protegidos...

Ele olha a sua volta para as paredes do corredor do prédio, enxergando além dos feios painéis de madeira. Em um lugar protegido dessa maneira, eles estariam à prova de ataques. Mais seguros, juntos, do que jamais poderiam estar com Paulo. Ele assente para si mesmo.

— Então os três conseguem cuidar uns dos outros por enquanto. Mas isso significa que dois deles estão sozinhos.

Bronx. Staten Island.

— Eles disseram que iam para o Bronx de manhã. Pareciam ter uma ideia de onde procurar.

Isso deixa o avatar do Bronx por conta própria até lá, mas se os demais têm uma pista de sua localização, então estão indo melhor em rastrear uns aos outros do que Paulo.

— E Staten Island?

— O que tem? — A mulher parece desconfiada agora. — Eles disseram que não sabiam como encontrar esse.

Staten Island é o menor dos distritos, segundo a Wikipedia. Geograficamente amplo, mas apenas algumas centenas de pessoas em termos de população. Talvez Paulo encontre o avatar apenas indo até lá e dirigindo pelas ruas, caso alugue um carro. As cidades — mesmo as pequenas — exercem um peso sobre o mundo. Com proximidade suficiente, é possível sentir a atração que elas emanam.

— Então vou começar por lá — diz Paulo.

Ele leva a mão até o bolso da lapela, ignora o maço de cigarros pela metade e puxa um cartão de visita. Paulistanos são infames por serem workaholics; os outros brasileiros fazem piadas com a obsessão deles por reuniões e políticas corporativas e toda a pompa organizacional. Há um vestígio de poder no cartão quando ele o entrega para ela, mas Paulo não tenta usá-lo. Ela não é um dos dele, no fim das contas, e Queens provavelmente não levaria numa boa se Paulo fosse impositivo com seus familiares. Ele só diz:

— Por favor, dê esse número à sua prima quando falar com ela de novo. O DDI do país, imaginando que ela tenha um celular americano, é 55.

Ela aceita e observa o cartão, intrigada. Não há nada nele além de elegantes letras maiúsculas formando as palavras SR. SÃO PAULO. Entre o nome e o número há um subtítulo menor: *Representante de Cidade*.

— Por que ela tem que fazer uma ligação internacional cara para você? Arranje um número americano.

— Fazer com que as pessoas reconheçam meu lugar de origem propicia um efeito de reforço latente.

Ela dá um pequeno passo para trás, absolutamente confusa. Paulo acena com a cabeça em direção a ela e seu marido, então se vira para ir embora.

— Só isso, então? É só ligar para você?

— Sim. — Então Paulo se detém no último degrau. — Na verdade, não. Diga a ela para me mandar por mensagem a localização do Bronx e eu encontro com eles lá depois de achar Staten Island.

— Eles disseram que não sabiam exatamente onde o Bronx...

— Eles vão saber.

O fato de terem conseguido encontrar uns aos outros até agora é prova de que a cidade os está ajudando, mesmo que fracamente — atijando as intuições deles, chamando sua atenção para detalhes ou fatos aparentemente inocentes, guardando seus locais de descanso. Isso não será suficiente para mantê-los em segurança por muito tempo, mas ajuda. Eles precisam de toda a ajuda que conseguirem.

A mulher balança a cabeça, suspirando.

— Ela estuda. Ela tem um emprego, uma vida. Quando tudo isso vai *acabar*?

— Quando eles encontrarem o avatar primário — responde Paulo. Mas parece mentira.

Algo estranho está acontecendo nesta cidade. Algo que ele nunca viu antes, e que os outros nunca mencionaram. Não há como ter certeza de que vá acabar uma vez que a cidade estiver inteira,

porque nada ali aconteceu da forma como deveria. Então ele completa:

— Pelo menos eu espero.

E em seguida parte em busca do menor dos distritos.

NINGUÉM DORME NO (OU PERTO DO) BROOKLYN

Brooklyn diz a si mesma que só vai ficar na casa de hóspedes por educação. Padmini está estressada, pobrezinha, considerando o fato de que só ficou sabendo de todas essas coisas da cidade há algumas horas. E Manhattan — embora seja um filho da puta assustador por trás da carinha bonita — ainda é um garoto novo na cidade grande. Brooklyn diz a si mesma que vai ficar por ali apenas para o caso de eles precisarem de alguma coisa.

Mas isso é mentira. A cama onde ela está deitada é nova, com um sofisticado colchão de design europeu e lençóis de mil fios, mas ainda é seu antigo quarto. E enquanto se acomoda para descansar após abrir a janela para conseguir ouvir os sons noturnos da cidade — grilos, carros passando e o som de risos e música vindo de uma festa em alguma casa no outro quarteirão —, ela percebe que também precisa de conforto, e o encontra na familiaridade das antigas paredes, no antigo teto, no antigo cheiro que ainda permanece, mesmo que quase imperceptivelmente, debaixo da nova camada de tinta e do chão de madeira. Antigamente, seu quarto era sufocante; eles não tinham dinheiro para aparelhos de ar-condicionado ou para a conta de eletricidade que vinha como consequência, apenas para ventiladores. E Brooklyn estaria olhando para o céu noturno através de grades de proteção, que todo mundo

precisou instalar no pico da epidemia de crack. Ainda assim. Ela havia sido uma adolescente cheia de sonhos, cujas únicas reais preocupações eram passar na Regents e não ficar grávida do namorado na época. (Qual era o nome dele? Jermaine? Jerman? Algo com *J*. Meu Deus, ela nem sequer consegue lembrar.) Ela ainda não havia se tornado MC Free, vanguarda de um movimento; ela era só uma garota experimentando freestyle de letras no escuro, esquecendo das melhores porque pegava no sono no meio da composição.

E naquela época ela com certeza não esperava se transformar em uma maldita personificação dessa cidade frenética, incrível e estúpida pra caralho.

Mas há certa beleza poética na situação que Brooklyn aceita — porque essa cidade frenética, incrível e estúpida pra caralho já lhe deu muita coisa. Por isso ela se candidatou à Câmara, no fim das contas: porque acredita que só as pessoas que realmente amam Nova York, em vez daqueles que meramente a habitam e exploram, deveriam ditar o que ela é e o que ela se torna. Se tornar um distrito é apenas a literalização de algo que ela sempre fez, então está bem com tudo isso. Mais do que esperava.

Ela sabe quem está ligando assim que o telefone toca.

— Você vem pra casa? — pergunta Jojo, em um tom cuidadosamente entediado, como se tentasse mostrar para Brooklyn que não se importa de verdade. Não tem problema. Ela tem catorze anos, o que significa que é quase uma adulta, então ela com certeza não sente falta da mamãe.

— Estou aqui do lado.

— Por isso perguntei se você estava vindo *para casa*.

Brooklyn suspira, embora com ternura.

— Eu te disse. Essa casa ainda parece meu lar, filha. Me deixe aproveitar isso só um pouquinho, tá bom?

Jojo suspira quase como ela, mas Brooklyn consegue ouvir o divertimento em sua voz.

— Você é tão esquisita, mãe.

Então, ao fundo da chamada, Brooklyn a escuta se levantando e fazendo algo que envolve um grunhido e um arrastar de madeiras — ah. Ela está abrindo as próprias janelas também.

— Então você ficava olhando pra essa vista e bolando letras?

— Na maior parte do tempo eu só olhava para o céu. Você terminou seu trabalho de inglês?

— Terminei, mãe. Cinco parágrafos, do jeito que os exames admissionais gostam. — Um tom entediado. — Sinto falta da srta. Fountain, que nos deixava escrever sobre coisas *interessantes*.

Brooklyn concorda. Jojo entrou em uma das cobiçadas escolas especializadas de ensino médio, Brooklyn Latin. É uma escola mais tradicional do que Brooklyn gostaria — há realmente aulas de latim, uniformes e outras coisas que a teriam feito vomitar naquela idade, mas Jojo escolheu a escola e, no geral, está se saindo muito bem lá. A querida srta. Fountain, como muitas das professoras na cidade que não querem se apertar em apartamentos para o resto de sua vida, decidiu aceitar um salário triplo em uma escola particular aristocrática em Westchester — e Brooklyn não pode culpá-la nem um pouco por isso. Mas fica triste por Jojo e pelas outras crianças de escolas públicas que perderam algo bom.

— Bom, foi por isso que propus aquele programa que te falei — diz ela para Jojo. — Para auxiliar professores do ensino público a

terem acesso à moradia a um preço viável.

— Uhum.

Não é exatamente desinteresse. Jojo geralmente é mais interessada na atual vida política de Brooklyn do que em sua vida passada como rapper, o que deixa Brooklyn muito feliz. Mas agora a garota está distraída. Do outro lado da linha, há outro som: o celular esbarrando na tela da janela.

— Não consigo ver nada.

— Você tem que abrir a tela, querida.

— Credo, mãe, vai entrar pernilongo. Vou pegar malária.

— Então é melhor matar eles. O céu da cidade é muito iluminado, meu bem. Dá para ver algumas estrelas, mas precisa se esforçar. — Brooklyn sorri. — Não pode deixar nada ficar entre você e o que você quer.

— Outro sermão sobre objetivos? Você disse que ia parar com os sermões sobre objetivos.

— É um sermão sobre as estrelas. — E também sobre objetivos.

Há um momento de pausa enquanto ela escuta Jojo mexendo na tela e finalmente a retirando.

— Aaah. Estou vendo... três estrelas enfileiradas. São as Três Marias, não é?

— Provavelmente.

Agora é a vez de Brooklyn de lutar com a janela de seu quarto. Felizmente ela substituiu as velhas janelas baratas de vidro único com tinta encrustada durante uma reforma alguns anos atrás; as novas janelas de vidro duplo são muito mais fáceis de abrir. Depois de tirar a tela e esticar a cabeça para fora, ela olha para cima.

— Ah, é. Com certeza são as Três Marias.

Então ela olha para o outro lado. Os fundos dos dois prédios dão de frente um para o outro. No escuro, a silhueta de sua filha acena para ela e ela acena de volta.

Então Brooklyn para ao notar outra coisa no escuro, lá embaixo, no quintal pavimentado onde o pai faz churrasco para a família de vez em quando. Durante o resto do tempo, ele geralmente é ocupado por uma velha mesa de ferro e algumas cadeiras desconfortáveis, e muitas plantas mortas em vasos. (Seu pai puxa sua orelha por causa delas, mas Brooklyn está sempre ocupada. Jardinagem toma um tempo que ela não tem.) Ela sempre pensa em procurar uma empresa de paisagismo, contratá-los para fazer alguma coisa legal no espaço.

Nesse momento, no entanto, há uma coisa estranha e brilhante se esticando em um dos cantos do quintal.

Ela estica o corpo um pouco mais janela afora, franzindo o cenho enquanto tenta entender o que é aquilo. Teria alguém amarrado ali uma fita de neon? Isso sequer existe? Mas essa coisa não tem o brilho levemente amarelado de coisas feitas com tintas luminescentes. É algo inteiramente branco, espectral, e parece bruxulear levemente enquanto ela o observa, como se não estivesse totalmente ali.

Então a coisa se move.

Brooklyn tem um solavanco violento, e há um instante aterrorizante em que ela tomba ligeiramente, meio pendurada no parapeito inferior da janela para conseguir ver lá fora. Ela cairia apenas de um andar, mas muita gente já morreu por menos. Ela se endireita, felizmente, e segura firme no batente da janela, embora sua mão tenha ficado suada e dormente com um arrepio.

Porque, agora que ela conseguiu dar uma boa olhada na coisa, há algo parecido com uma aranha de quase um metro de largura se movendo pelo quintal acima do qual está sua filha. Tem apenas quatro pernas — se é que aquelas coisas podem ser chamadas de pernas. Elas não se afunilam. Elas não se curvam quando saem do pequeno corpo central; toda a criatura deve estar apenas deitada no chão, esparramada pelas lajotas de concreto em uma cruz achatada. É só isso. Mas, quando ela se move, lembra vagamente uma aranha, contraindo-se em uma única linha plana e então fazendo movimentos de tesoura e se abrindo em quatro linhas novamente, todas se encontrando em um pequeno centro arredondado. Uma aranha pernuda patrocinada pela letra X.

Então outra engatinha pela cerca de metal, entre as gavinhas das videiras desregradadas dos vizinhos. A criatura para um momento, com uma das pernas esticada para o alto, como se para testar o ar.

Brooklin ainda segura o telefone. Com a boca seca, ela o aproxima do rosto novamente.

— Jojo, entra.

— Quê? — Ela consegue ver a filha, que ainda olhava para cima, ficar levemente alarmada.

— Opa!

Por um instante, ela perde o equilíbrio também, e Brooklyn experimenta um segundo de terror absoluto temendo assistir a sua única filha despencar no quintal com aquelas coisas. Mas Jojo se equilibra, como sua mãe fez, e olha em volta.

— Está vendo alguma coisa, mãe?

— Sim. Vai pra dentro! Feche a janela e fique longe dela. Melhor ainda, vai pro quarto do seu avô. Acorde ele e coloque ele na

cadeira.

— Caralho — diz Jojo, e imediatamente desaparece quarto adentro.

Ela é uma criança esperta quando não está sendo sabichona, e também é uma verdadeira filha de Nova York, então sabe que Brooklyn não a alertaria sobre perigo sem uma razão boa o suficiente. Diante das circunstâncias, Brooklyn vai fazer vista grossa para o palavrão.

No momento em que Jojo fecha a janela — com um baque surdo —, as aranhas em X no quintal reagem, estremecendo e dando alguns passos adiante. Agora há três delas, Brooklyn percebe; outra acabou de envolver as duas pernas dianteiras sobre a beirada de um canteiro de madeira, atrás do qual parecia estar se escondendo. Mas agora ela já descobriu o que elas são. Têm uma forma diferente da coisa que a ameaçou na estação de trem 2 e que cercou Manhattan no Inwood Hill Park, mas emanam a mesma sensação de comichão, a mesma *antítese de presença* dissonante que todas as outras coisas associadas ao Inimigo. Como se apagassem uma pequena parte de Nova York com cada milímetro de espaço que ocupam.

E agora há seis delas no quintal de sua família.

Brooklyn corre para a porta do quarto e depois até o fim do corredor. Ela escuta um ofegar assustado vindo de um dos quartos de hóspedes enquanto seus pés tamborilam pelo corredor; Manhattan, acordando. Ela não pode esperar pela ajuda dele, qualquer que seja. Ela está usando apenas pijama de cetim, sem sapatos e sem arma alguma, não que possuísse uma, considerando o grande número de amigos que perdeu para elas. Tudo o que ela

tem é um cassete dobrável considerado ilegal em Nova York — que ela pega no porta-guarda-chuva quando passa correndo por ele — e preocupação com a filha e o pai, que a enche de adrenalina até ela sentir que poderia destruir dez homens com as próprias mãos. Mas o que está ameaçando sua garotinha não são homens.

Ah, meu bem. Mas você sabe como dar conta desse tipo de coisa também, ri a cidade dentro de sua cabeça enquanto ela escancara a porta do apartamento com violência, depois a porta do prédio, e desce correndo os degraus de arenito vermelho. Seus pés descalços fazem barulho na calçada enquanto ela pula sobre o portão — velha demais para fazer coisas do tipo sem sofrer no dia seguinte, mas ela consegue saltar de maneira satisfatória graças ao seu personal trainer —, e então para. Está ofegando, tremendo, e completamente horrorizada ao se virar para olhar os dois prédios e finalmente compreender a profundidade de seu erro.

Porque quando Brooklyn voltou para casa, para esse quarteirão que é dela e para esses prédios que são dela, nesse distrito que é tão dela que, no fundo, teria ficado surpresa se outra pessoa tivesse sido incumbida de se tornar a personificação dele, *ela não entrou* no prédio de arenito onde sua filha e seu pai estão, junto com alguns outros inquilinos nos andares mais altos. Ela não precisou, porque sempre manteve algumas mudas de roupa e itens de higiene pessoal na casa para aluguel. Então, quando o poder peculiar da cidade tomou o prédio *brownstone* no qual ela de fato entrou, cobrindo-o com energia do Brooklyn e tornando-o impenetrável contra as investidas do Inimigo, ela simplesmente presumiu que o poder englobaria ambos os prédios. Mas o poder não reconhece direitos de propriedade — e, pior ainda, o prédio modificado foi

desligado do degrau que um dia o conectou ao bairro. Essa amputação é uma ferida ainda aberta que torna o prédio ainda mais suscetível a ataques por organismos estranhos. Ela devia ter tido mais cuidado ao protegê-lo.

E por causa do erro de Brooklyn agora *dezenas* de aranhas em forma de X rastejam em espasmos sobre toda a fachada do prédio. Enquanto ela observa, uma delas cai no caminho de tijolos e então se arrasta em x por baixo da porta da frente, passando pela fenda debaixo da porta tão facilmente quanto uma folha de papel.

Brooklyn sabe como não entrar em pânico. É assim que as pessoas morrem quando as balas começam a voar — e essa é uma armadilha, ela sabe, assim como foi a piscina da sra. Yu para Padmini. Essa é a maneira como o Inimigo a atraiu para fora de um prédio seguro. Em vez de ceder ao impulso de hiperventilar ou gritar ou correr cegamente de encontro ao perigo, ela fecha os olhos. Tenta pensar em outra coisa além de *Meu Deus do céu, uma daquelas coisas está lá dentro com o meu bebê*. Ela presta atenção em sua própria respiração ofegante, que algumas vezes falha porque não está tão em forma assim, e ela reza para que a cidade a ajude de alguma maneira porque Deus ainda não se manifestou. E é assim que ela finalmente percebe—

arqueja (ofega) arqueja (ofega)

Uma batida perfeita de b-girl, uma batida de *breakdancer*, que parte de sua mente capta mesmo em meio ao horror.

É tudo o que ela precisa. Porque ela foi treinada para o uso *dessa* arma. Ela é uma veterana nesse tipo de batalha. E se ela precisa encontrar uma maneira de transformar suas antigas armas em uma nova forma? Então está feito.

Antes de mais nada, vem a marra. Ela se endireita, empertiga os ombros, apoia o peso do corpo sobre as pontas dos pés. Beleza. Aqui vai.

— Batalha contra Brooklyn? Beleza, vamos nessa. — Ela sussurra, para focar sua mente.

São as letras que a deixaram famosa. Mas ela já está criando novos versos, remixando o que precisa do éter e da memória de um catálogo inteiro de história musical. Mesmo enquanto pensa nas próximas palavras, sente a influência do poder, moldado por sua mente mais do que qualquer outra coisa. As palavras são apenas o canal — um constructo, para o qual ela já deu forma. Um mito. Uma lenda. O poder heroico de destruir dez homens, ou cinquenta aranhas-monstros extradimensionais desgraçadas, causando bastante dano.

Acha que eu deveria subir? Nah! Eu vou descer.

Ela corre em direção ao prédio. Golpeia a porta com o ombro na altura da fechadura para que ela se abra. (Não deveria funcionar. A porta é de madeira pesada e tem estrutura de ferro. Mas a cidade entrou em seus ossos e fortaleceu seus músculos; ela *não será* rejeitada). Logo do outro lado da porta, a aranha-x invasora já teceu suas teias: repulsivos fios brancos se cruzam e se emaranham do chão até o teto, formando uma rede destinada a capturá-la por fazer exatamente o que está fazendo. Mais de perto, Brooklyn percebe que as linhas não são apenas luz. Elas também são coisas vivas, cordões que sussurram e tiritam, cobertos por pequenos buracos como os espinhos de uma rosa virados para dentro — mas ela é *Brooklyn*, caramba, e quando usa sua mão em formato de garra para cortar os cordões de aranha como um gato, um revestimento

de poder a envolve e protege seus dedos enquanto as teias se partem e queimam até virarem cinza. Ela escuta a aranha — porque teia e criatura são a mesma coisa — soltar um guincho, e então ficar em silêncio.

Eu sou o coração dessa cidade, ou você vive ou vira adubo.

Já são seus melhores versos? Cuidado. Minhas rimas vêm com tudo.

Há outro guincho vindo do interior do apartamento. Jojo. No quarto de seu pai.

Não tem jeito, nem na manha, de me mandar pro buraco.

Eu mando nessa porra, rainha sem ponto fraco./ Sou tipo Super-Homem mas nem vem com criptonita. Sou demais pra você, vem cá, seu filho da puta.

Brooklyn entra e vê que Jojo e seu pai estão bem — mas não por muito tempo, visto que uma grande aranha em X está deslizando para dentro do quarto pelas frestas da janela. As malditas coisas são infinitamente bidimensionais quando querem. Mas quando duas de suas pernas terminam de deslizar pelas frestas e se espalham para se apoiar contra a parede, seu corpo infla e as pernas se tornam mais grossas, novamente cilíndricas. E agora Brooklyn percebe que os pequenos buracos nas pernas estão se *movendo*. São pequenas bocas cobertas de dentes, abrindo e fechando—

... *Faça a lição de casa*, Brooklyn pensa, selvagememente, antes de avançar e estapear com a palma da mão o corpo rechonchudo no centro da coisa. Sua aparência é translúcida, visualmente não substancial, como as coisas que pareciam penas — mas, por um instante, há algo sólido sob sua mão revestida de poder, gelado, vibrante, trêmulo, uma coisa que parece tão viva quanto um saco de

Legos minúsculos sendo destruídos e tentando se reconstruir sob sua mão. Em volta de sua mão. *Incorporando* sua mão.

O que Brooklyn é, no entanto, resiste às tentativas da coisa. Ela é uma única mulher — mas, nesse instante, ela é *também* dois milhões e meio de pessoas, cinquenta trilhões de partes em movimento, o distrito maior e mais foda da maior cidade do mundo. E a coisa que a une — o propósito e a lealdade e a força coletiva que grita *nós somos o Brooklyn* — é muito, muito mais poderosa do que a força que sustenta a aranha-x.

Então quando sua mão esmaga a aranha, ela é consumida por uma breve chama azul-esbranquiçada que Brooklyn mal sente. Um instante depois, ela seca como a teia secou. Está mais do que morta. Brooklyn a aniquilou.

Então, com um grito, Brooklyn se abaixa e golpeia o chão com uma palmada, usando as duas mãos. Esse é o chão *dela*. A casa dela, a família dela, a cidade dela, e como *ousam* essas coisinhas desgraçadas as invadirem

Vá até o fim e comece do início outra vez. E sempre que eu te esbarrar, te meto a porrada outra vez. Mando você pra casa correndo, rabo entre as pernas, mais uma ferida pra lamber.

e a onda de energia da cidade que reverbera de suas mãos e toma todo o prédio é tão intensa, tão pura, que Nova York como um todo estremece e é invadida por um zumbido mudo. Por um instante, ela se sente tentada a se mesclar à harmonia, a reivindicar a cidade inteira, como Manhattan havia tentado e falhado... mas não. Ela está satisfeita em ser apenas Brooklyn. Sempre foi o suficiente para que pudesse tomar conta do que é dela.

Então ela *sente* as aranhas-x rastejando por todo o prédio, e sente também quando param e guincham ao serem destruídas por ondulações de energia do Brooklyn tomando o prédio em um efeito cascata. E o quarteirão. E o bairro. Bed Stuy, *tudo ou nada*. Crown Heights, se levante. Flatbush, representa. Ela reivindica todos eles, de Greenpoint até Coney Island, Brooklyn Heights até East New York. Ela deseja que a contaminação que se espalhou por tanta parte de sua cidade morra. Não precisa desaparecer, mas *precisa* dar a porra do fora do Brooklyn.

Funciona — mas é tudo o que ela consegue fazer. Quando a onda de energia alcança o limite do distrito, Brooklyn não consegue forçá-la para além. Mesmo esse feito — sozinha, sem a ajuda dos outros — a esgota completamente. Ela desaba no chão, exausta, quase sem conseguir notar as mãos de Jojo quando a garota corre até ela, ouvindo seu pai chamá-la, mas sem forças para responder.

Mas ela sorri para si mesma, mesmo enquanto sua visão escurece e ela escuta os passos pesados de Manhattan invadindo o quarto.

— Ainda dou conta — sussurra ela.

Jojo está em pânico.

— Dá conta do quê? Mãe? Vô, não consigo segurar ela sentada...

— Deixa ela descansar — diz Manhattan.

Brooklyn sente a mão dele a tocando, e algo flui de Manny para ela. Ela se contrai levemente, reagindo ao toque, porque há muito nele que a incomoda em um nível essencial — mas há gentileza em sua voz, e é bom saber que não está lutando sozinha. A infusão de força é suficiente para tirá-la da beira de algo parecido com um coma para um mero sono de exaustão. Ela então compreende com

a clareza de uma epifania que isso é o que terão que fazer pelo garoto que é a personificação da cidade inteira de Nova York, quando conseguirem encontrá-lo. O toque deles dará forças a ele da mesma maneira, e, em troca, ele fortalecerá a todos. Então poderão proteger toda a cidade. Em breve. Isso é bom.

E ao pegar no sono ela sorri enquanto termina sua rima vitoriosa.

... *Então pensa direito antes de mexer com o Brooklyn.*

Já é o fim da tarde do dia seguinte quando Brooklyn finalmente consegue sair da cama. Grande plano, o de acordar cedo para encontrar o Bronx.

Mas então ela entra na cozinha e encontra Jojo, seu pai, Padmini, Manhattan, e até mesmo o gato da família, Suéter, sentados em volta da mesa na sala, em silêncio. Estão olhando para algum tipo de carta comercial, aberta sobre a mesa de centro; seu pai deve tê-la recebido na correspondência do dia.

— O que tá rolando? — pergunta Brooklyn, arrastando os pés até eles.

Ela está se mexendo, mas ainda está cansada, e metade dos músculos em seu corpo dói devido ao excesso de esforço. Velha demais para travar batalhas transdimensionais de rap no meio da noite. Mas ela fica alerta no momento seguinte quando sua mente processa o que está vendo. O cartão-postal de Correspondência Oficial no verso do envelope rasgado. O olhar furioso no rosto de seu pai.

— Pai? O que...

— Isso é um aviso oficial de despejo — responde Clyde Thomason.

— Despejo? Que merda é essa, pai? Nós não somos locatários. Esses prédios foram quitados há anos.

Jojo parece tão abalada que Brooklyn vai até ela e coloca uma mão sobre seu ombro. A garota diz:

— É, mas algum órgão da cidade diz que nós não pagamos impostos que estavam pendentes ou alguma coisa assim.

Brooklyn não consegue conter uma risada. Sua família sempre zombou de sua exagerada e controladora avidez em pagar todas as contas o mais cedo possível. Ela não gosta do peso de dívidas pairando sobre sua cabeça.

— Isso é uma piada. Alguém está tirando onda com a porra da nossa cara, pai. Olha o documento, como o nome está escrito, é provavelmente um erro.

— Eu liguei para a prefeitura. — Ele pega a carta e a balança. — Demorou uma hora, mas falei com uma pessoa de verdade. *Eles estão de posse da escritura*. Esse prédio e o outro, os dois foram *vendidos*, bem debaixo do nosso nariz. Alguma transferência de título terceirizada, coisa assim.

A voz dele falha. Ele está segurando a onda, mas Brooklyn conhece seu pai; ele está por um fio.

— Temos até a semana que vem para nos mudar, ou eles vão vir com oficiais para nos *expulsar*.

Aturdida demais para formular uma resposta, Brooklyn pega a carta para ler. É verdade, ela percebe enquanto lê. Sua casa não é sua. Ela foi roubada, os bens foram vendidos antes que as vítimas do crime nem sequer percebessem o roubo.

E a parte mais absurda nisso tudo? O nome do ladrão estava bem ali na carta, tão claro como a luz do dia: a Fundação Nova York

Melhor.

UMA NOVA YORK MELHOR NO HORIZONTE

Ninguém incendeia o Centro durante a noite e os residentes não relatam nenhum tipo de atividade suspeita ou hostil quando Bronca chega um pouco atrasada naquela manhã. Ela ainda está sonolenta depois de uma noite agitada e apreensiva; não houve ataque algum, mas ela ficou preocupada e agora está cheia de olheiras. Em seu escritório, há uma mensagem no correio de voz do diretor de desenvolvimento do conselho, Raul:

— Bronca, respeito sua opinião sobre o coletivo Alt Artistes. Não podemos fomentar intolerância de nenhum tipo. Mas, como eu disse à Jess, o coletivo tem relação com um doador em potencial, que...

— Blá-blá-blá — zomba Bronca, desligando antes do fim da mensagem.

Raul é puro blá-blá-blá. Bronca ainda está chocada por Yijing ter transado com ele. A verdade é que Bronca não liga muito para caras, na melhor das hipóteses, mas nem mesmo o mais pica das galáxias dos homens vale todo esse aborrecimento.

Há duas outras mensagens no correio de voz, mas Bronca decide ouvir depois de ter tido um tempo para se acalmar e acordar por completo. Ela pega um café da máquina na sala de descanso e então começa sua rotineira inspeção pós-abertura do Centro.

Quando se é administradora de uma organização sem fins lucrativos, é fácil perder seu propósito de vista. A vida pode acabar

se resumindo a solicitações de doações e problemas com a folha de pagamento, pedidos de material e conversa-fiada de arrecadação de recursos, se não se toma cuidado. Bronca é uma artista, então ela se empenha para que a arte venha antes de tudo em sua rotina, se não em sua mente, todos os dias.

Hoje ela se dirige para a mais recente e mais interessante exposição do Centro. Essa é uma espécie de conjuração, ela sempre achou — e antes do meio-dia do dia anterior ela não sabia exatamente o *que* estava tentando conjurar. A sala contém fotografias de grafites encontrados pelas ruas do distrito — grafites feitos por um artista muito detalhista cujo trabalho é inconfundível e, ao mesmo tempo, curiosamente eclético em sua composição. Bronca conseguiu distinguir tinta em spray e tinta de parede entre seus materiais, além de piche e porções aleatórias de pigmento natural (ela não percebeu que tinha anileiras crescendo no Bronx, mas a análise da universidade que ela encomendou provavelmente estava correta). Ou seja, qualquer coisa que o artista pudesse encontrar, ou comprar ou roubar ou fazer com um orçamento escasso. Seus temas eram estranhos: uma gigantesca boca uivante com apenas dois dentes. Um enorme olho castanho, lançando um furtivo olhar de reprovação para o condomínio de paredes de vidro sendo construído logo ao lado. Um mural estranhamente comum de um prado no pôr do sol pintado nas paredes laterais de uma antiga fábrica abandonada de doze andares; fábrica essa que precisa ser urgentemente demolida antes que comece a despencar sobre a cabeça das pessoas. Há uma seta pintada bem no centro do cenário bucólico daquele prado, ampla e de um vermelho vibrante, apontando para uma espécie de parapeito embaixo do prado. Isso

deixou Bronca confusa, até que ela finalmente teve uma epifania. O prado é a pista falsa, o elemento que desvia as atenções; o que importa é que o parapeito é um *apoio*. Um suporte conveniente para que algo enorme segure e se equilibre. O quê? Quem sabe? Mas se encaixa no padrão.

O mesmo artista, Bronca desconfiava no dia anterior — e agora tem certeza. O mesmo ouvido oculto que ouve a canção da cidade com tanta precisão. Sim. Esse é o trabalho de outro dos seus. O trabalho de outro *dela mesma*, parte de Nova York. Ela reuniu essas obras porque o trabalho é impressionante, e porque reuni-las no mesmo lugar é uma forma de estabelecer uma conexão com ele. (De alguma maneira, ela sabe que ele é um ele.) Fotografias do trabalho, em tamanho real, quando o fotógrafo conseguiu o ângulo perfeito, e em tamanho de pôster nas demais situações, agora dominam o Salão Murrow, que é o maior e o melhor espaço de exibição do Centro. O título da exibição é ANÔNIMO DO BRONX, e pende do teto em uma tabuleta pendurada por fios de pesca, e está quase tudo pronto. Talvez, depois da cobertura da imprensa na inauguração, em julho, dali a algumas semanas, o artista venha ao encontro dela e assim se torne um pouco menos anônimo. Já que ela mesma não planeja tentar encontrá-lo.

No entanto, Bronca para abruptamente ao notar que há alguém no Salão Murrow. Ela acabou de abrir as portas do Centro, mas já há uma mulher em um terninho executivo branco e salto alto de CEO examinando uma das fotografias. É perfeitamente possível que alguém tenha entrado no Centro enquanto Bronca pegava café, mas normalmente ela consegue escutar quando alguém entra. O Centro é antigo, o piso de madeira range. A mulher segura uma prancheta

e está de costas para a entrada do salão. Seria ela algum tipo de inspetora?

— São intensas, não são? — pergunta a mulher enquanto Bronca a observa, imóvel.

Ela observa a peça favorita de Bronca, embora também seja a que representa uma visão levemente diferente. Na imagem vista de cima, um corpo encolhido dorme sobre o que parece ser uma cama feita de jornais velhos — não apenas jornais *Village Voice* ou *Daily News*, mas jornais realmente antigos, de quando Bronca era criança, e dos quais ela mal se recorda, como o *New York Herald Tribune*, e coisas obscuras como o *Staten Island Register*. Os jornais estão em pilhas ainda amarradas com barbantes ou plástico. A figura sobre eles está centralizada de maneira quase fotorrealista, sob um feixe de luz: deitado de lado está um jovem negro de corpo esguio e pele retinta, usando uma calça jeans puída e uma camiseta imunda. Seus tênis são genéricos, de lona, sujos, e em um deles há um buraco. Ele não pode ter muito mais do que vinte anos, embora seja difícil dizer com precisão, já que seu rosto está virado para os jornais, inteiramente oculto, a não ser por suas bochechas, exibindo uma suave pele de bebê. Ele tem um pouquinho de carne — um bíceps ilusório parcialmente exposto sob a manga da camiseta, um músculo deltoide sob o tecido —, mas, no geral, está pele e osso, a ponto de despertar o adormecido instinto materno de Bronca e fazer com que ela sinta vontade de alimentar o pobre garoto até que ele esteja de barriga cheia.

O enquadramento da pintura é a parte mais interessante — e Bronca tentou capturá-la garantindo que o corte da fotografia fosse circular. Tudo é circular, posicionado sobre o sujeito da pintura,

como se o pintor estivesse olhando para ele do topo de um poço aberto. Bronca acredita que há certa adoração nesse enquadramento; lembra o olhar de uma pessoa apaixonada observando de cima o parceiro adormecido — ou um pai ou uma mãe vigiando uma criança pequena. Ela já observou a mesma ternura de posicionamento, a mesma iluminação, em representações clássicas da Madona. Mas ela sabe por que essa arte é diferente. É um autorretrato, mas não foi o garoto quem o pintou.

— Especialmente esta — diz a mulher do terninho branco.

Movida por um impulso, Bronca entra no Salão Murrow e se posiciona ao lado dela, observando com mais atenção a mulher do que a fotografia. Ela é quase tão branca quanto sua roupa, Bronca nota, embora isso em certo nível fique mais evidente devido a seu cabelo cor de areia muito claro, se aproximando do branco. Ela não olha para Bronca, mantendo seu olhar ávido na imagem do garoto.

— Sinto que está tentando transmitir uma mensagem.

De fato está, só que não para uma estranha qualquer. Mas Bronca cruza os braços e decide entrar na onda.

— Gostamos muito do Anônimo do Bronx por aqui — diz ela. — Que tipo de mensagem você acha que ele está tentando transmitir?

— Acho que está dizendo “Venha” — diz a mulher. — “Me encontre.”

Bronca se enrijece e se vira em direção à mulher, que sorri. De lado, isso faz com que Bronca note seus caninos antes de qualquer outra coisa. São desproporcionais, desalinhados com o resto da arcada dentária superior e ligeiramente grandes demais. O terno

branco parece caro. Qualquer um ganhando esse nível de dinheiro deveria poder bancar um ortodontista.

E isso não tem nenhuma importância, Bronca percebe, quando uma comichão de inquietude eriça os pelos de sua pele. De inquietude e... familiaridade? Se é que algo tão primitivo pode ser chamado assim. Um rato, mesmo sem nunca antes ter visto um gato, quando avista um sabe que deve correr por puro instinto. Algo em seu âmago reconhece seu inimigo.

Não que ela seja um rato, é claro, então Bronca só fita a mulher de cabelos brancos calmamente e diz:

— Pode até ser. Mas consigo sentir uma vibe de aviso, também.

A mulher franze o cenho de leve.

— Como assim?

— Bom, é sutil. E tudo isso é uma suposição, já que não sabemos nada sobre o artista, mas acho que o Anônimo está em situação de rua, ou em situações tão precárias que dá no mesmo. — Ignorando a mulher por um momento, Bronca se aproxima e aponta para a calça jeans fora de moda e rasgada, para a sujeira em sua camiseta branca e para os sapatos genéricos gastos. — Esse é o tipo de roupa que se pesca em uma pilha qualquer no bazar de caridade da igreja, quando mal se tem um puto no bolso. E ele não está vestindo nada que chame a atenção das pessoas. Nada de capuz. Nenhuma cor ou acessórios. Gente branca bota a polícia atrás de garotos negros por vestirem qualquer coisa, mas ele está usando o mínimo que pode sem ficar completamente pelado.

— Ah, melhor passar despercebido. Acha que ele está se escondendo de alguma coisa?

Bronca franze o cenho diante da fotografia, surpresa em perceber que é uma boa pergunta. Mas ele deveria estar bem a essa altura do campeonato, não deveria? A cidade está viva. No entanto, segundo essa linha de raciocínio, Bronca deveria estar bem também, e ela viu sinais demais no dia anterior de que há algo muito errado com a cidade.

Pela terceira vez naquela manhã, ela se pergunta se não deveria tentar encontrar os outros...

Não.

— Sim — ela responde à pergunta da mulher. — Acho que está se escondendo mesmo, agora que você falou. Interessante.

— Do que poderia ser? — A mulher faz essa pergunta com inocência tão exagerada que o tom por si só parece uma mentira. — O que assusta um jovem tão vivaz, tão vibrante, a ponto de fazer ele se esconder?

— Também não sei.

Então Bronca se lembra de que está tentando completar um argumento. Ela toca a mão do garoto, que foi reproduzida em impressionante detalhe. São as mãos de um artista ou de um jogador de basquete ou de ambos: de ossos e dedos compridos e palma larga. Nos nós dos dedos há queloides sobre cicatrizes antigas e esmorecidas.

— Mas ele é bom de briga. Esse é o aviso. Ele se esconde, ele corre quando precisa, mas, se for encurralado, teu rabo está na reta.

— Hum — responde a mulher. Seu tom de voz permanece o mesmo, mas Bronca consegue ouvir o desdém. — Sim, isso explica muita coisa. Não consideraria ele perigoso só de olhar. Uma coisinha tão mirradinha. Pouco mais velho do que uma criança.

Sim. O jovem avatar de uma cidade muito jovem — falando relativa e globalmente —, que parece um cão que ladra, mas não morde. Só que qualquer um que pense dessa maneira nunca notou os caninos afiados no sorriso charmoso de Nova York.

— O lance que muita gente não entende sobre uma batalha é que a gente não precisa se preocupar com os grandões.

Bronca se vira, o que a coloca entre a mulher e a pintura. Ela não bloqueia a linha de visão da mulher, mas se posiciona ao lado do retrato. Esse é um centro de arte, e gestos simbólicos são importantes.

— Claro que alguns dos grandões têm experiência, mas, na maioria das vezes, não precisam lutar muito *justamente* por serem grandes e intimidadores. Os que vão rasgar você ao meio são garotos como esse: os magricelas com um rosto bonitinho, pobres e negros e usando roupas baratas. Garotos assim têm que lutar o tempo todo. Algumas vezes a violência acaba com eles, mas algumas vezes, *muitas vezes*, torna eles perigosos. Experientes o suficiente para saber quantas pancadas aguentam levar, e inescrupulosos o suficiente para usar de estratégias de terra arrasada.

— Huuum. — A mulher soa irritada. Ela também cruzou os braços de um jeito que parece rabugento. — Alguns podem argumentar que isso também transforma eles em monstros.

Bronca ergue uma sobrancelha.

— *Alguns*, sim. Provavelmente. Mas sempre acho que essas são as pessoas que iniciam todo o conflito. — Bronca dá de ombros. — Os agressores sabem que são garotos como esse que por vezes crescem para consertar as fraturas do mundo, isso quando não são

mortos por eles antes. Se tivéssemos *mais* garotos como esse, seria o fim para os agressores.

— *Essa* é uma grande baboseira — diz a mulher. Bronca fica intrigada com a estranha colocação. — A crueldade faz parte da natureza humana.

Bronca contém o impulso de rir. Ela nunca gostou dessa pérola de “sabedoria” de araque.

— Bobagem. Nada que os seres humanos fazem é escrito em pedra e, de qualquer forma, até pedras... água mole em pedra dura. Além disso, podemos mudar qualquer coisa em nós mesmos. Só precisamos querer. — Ela encolhe os ombros. — Quem diz que mudanças são impossíveis geralmente está muito satisfeito com as coisas como estão.

Foi uma alfinetada para a mulher, com suas roupas caras e corte de cabelo profissional e toda sua estética mais-ariana-que-você na qual parece investir. Por toda a vida, Bronca precisou ter cuidado com mulheres como essa — “feministas” que desatam a chorar quando seu racismo é apontado, filantropas que não pagam impostos, mas querem fazer estudos com crianças de escolas públicas precarizadas, médicas que tentam “ajudar” esterilizando mulheres em reservas indígenas. As verdadeiras Beckies. Por isso Bronca não vai mais chamar Yijing disso. O nome deve ser reservado para aquelas que o merecem.

A mulher começa a abrir a boca para responder, mas percebe a insinuação de Bronca. No entanto, em vez de ignorá-la ou de retrucar, ela sorri. Um sorriso enorme, mostrando quase todos os seus dentes. Como sua boca se abriu tanto? Jesus.

— Sou Alva — diz ela, estendendo a mão para Bronca. Bronca fica confusa por um momento, até que a mulher completa: — Da fundação NYM? *Doutora* Alva, na verdade.

Bronca aperta a mão dela.

— *Doutora* Siwanoy — diz, com a mesma ênfase seguida de um sorriso. Ela também passa a usar a sua voz de gente branca, já que parece ser esse tipo de interação. — Mas sinta-se à vontade para me chamar de Bronca.

— Diretora Bronca. — A mulher ainda exhibe o sorriso cheio de dentes. Parece doloroso. — Acredito que tenha conversado com alguns amigos meus ontem. Um adorável grupo de jovens artistas.

Mas que merda. Bronca só consegue manter o sorriso com esforço.

— O “Alt Artistes”, sim — diz ela, deliberadamente usando o nome que o grupo omitiu. — Infelizmente o trabalho deles violava políticas internas de longa data contra a promoção de intolerância.

— Mas intolerância é uma ideia tão volátil quando se trata de arte. — A mulher torce o nariz sutilmente, ainda sorrindo. — É paródia ou é sério? Talvez a intenção deles seja *combater* a intolerância.

— Pode ser. — Assim como ela, Bronca ainda sorri. Sorriso versus sorriso-reativo, na arena profissional do vai-se-foder. — Mas nossa política não é baseada em *intenções*, e sim em resultados e efeitos. — Bronca dá de ombros. — Há maneiras de subverter estereótipos sem os reforçar ao mesmo tempo. Boa arte precisa ter mais camadas do que apenas regurgitações descuidadas do *status quo*.

— Camadas — repete dra. Alva, seu sorriso finalmente desaparecendo. Por um momento, ela parece cansada. — Sim. São

tantas as camadas da existência. É difícil estar a par de todas elas. Então vamos simplificar as coisas.

Ela vira a prancheta para que Bronca possa ver o cheque anexado a ela. Estreitando os olhos, Bronca se aproxima para enxergar melhor — e congela ao ver a quantia.

— Vinte e três milhões de dólares — diz Alva. — Entendo que esse valor cobriria uma parcela significativa de seus orçamentos de operação e de capital pelos próximos anos? No entanto, há um porém. Naturalmente.

Bronca olha para o cheque, incrédula. Ela nunca tinha visto antes tantos zeros escritos à mão. E Alva desenhava carinhas em alguns deles — olhinhos nos zeros, para que se pareçam com rostos, e pequenos pares de sobrancelhas. Mas ela perdeu a mão com os zeros dos centavos; cada um deles tem múltiplos olhos desenhados desordenadamente. Isso faz com que Bronca a encare, zangada.

— Isso é uma pegadinha?

— Não. Prefere uma transferência? — Alva inclina a cabeça. — Você deve ter recebido uma ligação dos membros da diretoria sobre mim, atestando minha identidade e também que os fundos sendo oferecidos pela minha instituição definitivamente existem.

Merda. Bronca se lembra de ter desligado o telefone antes de terminar de ouvir a mensagem de Raul. Ainda assim. Isso é palhaçada. Tem que ser. Algumas vezes as pessoas fazem isso com organizações sem fins lucrativos — agitam um maço de dinheiro e esperam que contratem familiares incompetentes, nomeiem prédios em homenagem a pedófilos falecidos e outras coisas do gênero. E de fato existe certa flexibilidade para isso. É o custo de se estar em

uma área que depende de doações para existir. Mas a flexibilidade não é tanta quanto as pessoas parecem acreditar.

— Deixa eu ver se entendi — diz Bronca. Ela ainda sorri, embora agora seja de maneira afetada. — Você quer fazer uma doação para o Centro de Arte do Bronx? De vinte milhões de dólares? Ficamos muito alegres, é claro, mas... você mencionou um porém.

— Aham. — O sorriso de Alva retorna, embora mais contido, parecendo dissimulado e presunçoso. — Só queremos que encontre um lugar em sua galeria para exibir algumas das obras do Alt Artistes. Não aquelas que você rejeitou! — Ela ergue uma mão assim que Bronca abre a boca. — Já explicou a política de vocês e estou completamente de acordo. Mas eles têm muitas obras além das que mostraram a você ontem. Tenho certeza de que eles têm *alguma coisa* que seja quase não intolerante. Vamos supor que vocês exibam três obras deles. Apenas três.

Parece fácil. Ir ladeira abaixo sempre parece. Bronca estreita os olhos.

— Já vi os vídeos deles. O lance deles é tentar provar que estão sofrendo discriminação por serem um bando de moleques branquelos ricos e...

— Então exiba a arte deles para provar que estão errados. — Dra. Alva olha para Bronca como se essa fosse a solução óbvia.

— Dra. Alva, sinto informar que o trabalho de seus amigos não é muito bom. *Por isso* eu os rejeitei.

E não é muito bom porque são um bando de moleques branquelos ricos criando arte como se fosse um trote. E pelo jeito esperando que um benfeitor cheio da grana abra portas para eles.

Alva suspira e abaixa a prancheta.

— Olha, nós duas sabemos que algumas vezes é preciso fazer concessões. Esta aqui é uma muito simples: exibir três dos trabalhos deles, receber vinte e três milhões. Fundos sem restrições.

Sem restrições? Nisso Bronca não consegue mesmo acreditar. Filantropos não acreditam que organizações sem fins lucrativos sabem como lidar com dinheiro — ou que elas não vão simplesmente desviar tudo. Ela desconfia que seja porque isso é o que eles fariam, se tivessem a oportunidade, e assim acham que todos têm a mesma moral duvidosa. Hora de encerrar o teatrinho.

— O que você ganha com isso? — exige Bronca. Ela soa hostil. Seu sorriso também se foi, porque não gosta que ferrem com ela. — Esses garotos são da sua família? Você é, sei lá, de algum grupo religioso ou coisa assim?

O sorriso da dra. Alva se torna compassivo.

— Não, não, nada assim. Apenas acredito em... equilíbrio.

— Como é que...

Tudo bem, isso não vai levar a lugar algum. Tentar argumentar com intolerantes é desperdiçar saliva. E Bronca já sabe que haverá uma explosão estratosférica por parte da diretoria se ela recusar a doação. Com um suspiro frustrado, ela esfrega os olhos. É *mesmo* uma pequena concessão a se fazer, não é? Algumas pinturas horrendas na parede por algumas semanas e em troca dinheiro suficiente para manter o Centro funcionando a todo o vapor por anos, mesmo que a cidade diminua a verba. Com todo esse dinheiro, Bronca pode fazer uma diferença real na vida dos residentes. Ela pode contratar mais funcionários, finalmente efetivar Veneza, oferecer mais programas. Ela pode—

— Além disso — diz Alva, interrompendo o silêncio como se pudesse sentir o cheiro da capitulação iminente de Bronca —, tem só mais uma coisa. Quero que tire isso daqui.

E ela gesticula com a cabeça em direção às fotografias dos grafites do Anônimo.

Bronca reage em choque antes que possa pensar em se controlar.

— Como assim? Por quê?

— Não gosto delas. Só isso. — Alva dá de ombros e estende a mão para Bronca novamente. — Essas são minhas condições. Por gentileza, comunique a diretoria sobre sua decisão até o fim do dia. Eles cuidarão de tudo, caso decida aceitar.

Bronca continua olhando fixamente para ela, mas aperta sua mão. Força do hábito. Ao fazer isso, há uma breve e pungente sensação em vários pontos de sua palma, como se sua pele estivesse sendo perfurada. Surpresa, Bronca recua com um solavanco, olhando pra sua mão.

— Caralho!

Alva suspira, nitidamente irritada.

— Algum problema? — pergunta ela.

— Eu não... Eu senti que alguma coisa... Não sei. — Alergias? Eczema? Talvez seja cobreiro. Ela ouviu dizer que dói. — Desculpe.

Alva sorri de novo. Dessa vez parece fingido.

— Bom, você tem muito a considerar. Vou te deixar em paz, por enquanto.

Outra colocação confusa. Bronca observa enquanto Alva se vira e caminha em direção à porta do Centro. Em seus pensamentos, ela se admira com os movimentos silenciosos de Alva. Ela está de

salto, mas o chão range muito sutilmente sob seus pés. Seus passos são leves como os de uma bailarina.

E então, quando a porta de vidro se fecha atrás de dra. Alva, Bronca nota mais uma coisa estranha. Alva para na soleira da porta por um momento como se para deixar que seus olhos se ajustem à luz do sol lá fora. Então sua imagem parece... *oscilar*, de alguma maneira. Por um segundo, ela parece uma miragem no deserto, um efeito de transição. O momento passa antes que Bronca consiga processar o que viu, e então Alva suspira e começa a caminhar até sair do campo de visão — mas algumas observações alarmantes tomam a mente de Bronca. Primeiro, que Alva sacode o corpo ligeiramente quando suspira, o que é um movimento estranho para se fazer. É como se quisesse sacudir de si os efeitos desagradáveis da presença de Bronca ou algo do tipo. E, além disso, o cabelo de Alva não era branco ou loiro-platinado um momento atrás? Agora está loiro-caramelo. E seus sapatos não são brancos, mas um bonito amarelo veranil.

E, por último, naquele meio segundo, Bronca percebe a sombra de Alva. Se mexendo antes que ela começasse a se mover. Se contraindo por um breve momento — como se ela fosse muito, muito maior um momento atrás.

E aí Alva some de vista.

Bronca examina sua mão, após a estranha sensação de perfuração. Está tudo bem. Não doeu tanto assim, na verdade. Mas há pequenos sulcos por toda sua palma, como se ela tivesse pressionado sua mão sobre as cerdas de plástico de uma escova de cabelo.

Bronca analisa seu léxico de conhecimento, mas não consegue encontrar nada que possa explicar o encontro. O Inimigo foi, por milhares de anos, uma criatura imensa de selvageria animalística. Mas nunca foi uma mulher franzina branca e rica passivo-agressiva. O que significa que Bronca está apenas enxergando perigo debaixo de todo cheque com quantias exacerbadas de dinheiro.

Mas mesmo assim.

Yijing aparece digitando alguma coisa em seu celular com uma mão e acenando distraidamente para Bronca com a outra, ignorando ou realmente não percebendo sua tensão. Bronca vai até a mesa da recepção. Veneza trabalha só meio período e não chega até um pouco mais tarde, então Bronca é a linha de frente até lá. Ela se senta ali por um minuto, tentando processar aquela interação — e chega rapidamente à conclusão cada vez mais sólida de que, no léxico ou não, havia algo muito, muito errado com a dra. Alva.

Então o telefone toca. É Raul.

— Eu sei o que você está pensando. — É como ele começa a conversa.

Bronca está pensando em fechar a porta de seu escritório e tirar um cochilo assim que Veneza chegar.

— Bom, oi pra você também, sr. Diretor de Desenvolvimento. É um “eu sei o que você está pensando” oficial ou extraoficial?

— É um aviso — diz Raul, o que leva Bronca de volta ao modo profissional de uma vez. — Os membros da diretoria discutiram a doação de Alva a noite toda, por telefone, e-mail e até mensagem de texto. Quando há dinheiro envolvido, esses caras não dormem.

Sim, isso está em total concordância com as observações de Bronca sobre os membros da diretoria do Centro. Alguns são

artistas notórios, mas não são esses que importam. Os que realmente controlam tudo são os CEOs, rebentos provenientes de tradicionais famílias ricas, consultores de *think tanks* e versões aposentadas de Bronca que claramente eram melhores na função do que ela é hoje, já que conseguiram ficar milionários administrando uma organização sem fins lucrativos.

— Certo, e a decisão em unanimidade foi... espera, deixa eu adivinhar. Aceitar o dinheiro.

— Verba sem restrição, Bronca.

— Sem restrição, nada. Ela quer *nossos princípios* em troca!

Ele solta um suspiro lento e cauteloso. Bronca respeita Raul, apesar de sua conduta questionável quando se trata do cuidado com dinâmicas de poder em relacionamentos sexuais no ambiente de trabalho. Ele é um dos artistas na diretoria e tem talentos igualmente louváveis para esculturas e para enrolar tipinhos corporativos de pavio curto que não fazem ideia do que é arte. Mas ele falha em enrolar tipinhos artísticos de pavio curto como Bronca.

— Isso é muito melodramático — diz ele. — E nem um pouco verdadeiro. A Fundação Uma Nova York Melhor...

— Jesus, *é sério?*

— Sim. Muitíssimos recursos, muito privada e muito dedicada a elevar Nova York de sua imagem deturpada às alturas da prosperidade e do progresso.

Bronca realmente tira o telefone da orelha e encara o objeto por um momento.

— Que asneira colossal. Isso... — Ela balança a cabeça. — Essa é uma lógica de gentrificação. Uma lógica de *colonização*. Eles

querem a cidade livre das pessoas “deturpadas” que a fizeram o que ela é hoje! Raul, o que ela quer...

— Não é muito a se pedir. Foi o que a diretoria decidiu.

Há um tom em sua voz que encerra a questão. O coração de Bronca se aperta quando ela entende isso. Tudo está indo rápido demais.

— Está dizendo que é pegar ou largar, então? Aceitar o dinheiro, ou...?

— O que *acha*, Bronca?

Seu primeiro impulso é começar a gritar. Ela sabe que é a resposta errada, a resposta que não vai ajudar em nada, mas é o que ela quer fazer mesmo assim. Seu avô sempre se queixou do fato de ela ser propensa demais a explosões e agressividade. Seu povo sobreviveu se camuflando por várias gerações, passando como negros ou hispânicos ou qualquer coisa que colasse, mas todo esse tempo fingindo deixou consequências. Ela tenta se lembrar sempre de que o lema dos lenapes é a cooperação, mas às vezes é difícil.

— Escuta o que estou dizendo. Se removermos os trabalhos do Anônimo e os substituímos por essas coisas de, de... *de um bando de neonazistas aproveitadores*, acha mesmo que as pessoas não vão notar? Pense no tipo de mensagem que...

— Você já viu o último vídeo dos neonazistas aproveitadores? Você abriu a porra do seu e-mail, Bronca? — Quando Bronca recua e fica em silêncio, Raul preenche a lacuna com um suspiro. — Dê uma olhada. E considere o fato de que a diretoria começou a receber e-mails como esse ao longo da noite também. Depois me ligue para dizer o que decidiu.

Ela se atrapalha para falar.

— “Aceite ou está demitida” não é bem uma decisão, Raul.

— É, sim. Pode recusar o dinheiro, ser demitida e condenar a equipe e os artistas do Centro a anos de incerteza financeira e a só Deus sabe que porra de liderança será contratada depois de você. A pessoa que virá depois provavelmente será mais propensa a obedecer à diretoria, o que significa que não chegará nem perto de ser pelo seu povo a ativista que você é. Isso é o que importa, Bronca. Você não pode fazer nada por eles se estiver...

— Você também está fazendo uma escolha! Entre picaretas racistinhas e alguém que passou a vida inteira lutando contra essa merda! Você está escolhendo eles!

Bem, ela tentou não gritar.

— A diretoria não vê isso assim. E, é claro, eu sei que é assim que é. — Ele ignora a tentativa de réplica dela. — Pelo amor de Deus, Bronca, acha que eu não entendo? Eu sou um chicano, porra. Meus pais vieram do México ilegalmente. Eu *entendo*. Mas essas pessoas sempre vão se dizer que um pouquinho de fascismo não faz mal contanto que elas ainda possam frequentar *brunches* com bebida liberada!

Bronca fica em silêncio, embora esteja tremendo. Ela não tem mais argumentos. De canto de olho, consegue enxergar Yijing, que está por perto claramente tentando ouvir a conversa; Jess também aparece na porta de seu escritório depois do grito de Bronca. Veneza está entrando pela porta do Centro, já que está quase na hora do início de seu turno. Sem pensar direito, Bronca move a mão e aperta o botão de viva-voz do telefone. Dessa vez, o longo suspiro de Raul tem audiência.

— Olhe — diz ele. — A decisão não foi minha. Sabe que tentei evitar isso, mas... Pense a respeito, Bronca. Conheço você, sei que está certa, mas não quero te perder. E se cuide. As coisas ficaram feias muito depressa. — Ele desliga.

Bronca desliga também e levanta o olhar. Jess está cobrindo a boca com a mão, horrorizada. Yijing suspira e vira seu celular para mostrar alguma coisa em alguma rede social. Bronca não consegue enxergar as letras pequenas.

— O vídeo do Alt Artistes foi publicado — diz Yijing. — Não pararam de me marcar em posts como “se mata” e coisas assim a manhã toda, e no começo não entendi por quê. Vinham de contas diferentes, mas todas eram variações da mesma coisa: por que o @ArtesBronx odeia homens brancos? Por que dizemos ser contra discriminação quando claramente discriminamos? Não é ação afirmativa se só exibimos artistas que não são brancos, blá-blá-blá. Com vários “vagabunda xing ling” e ameaças de estupro de brinde.

— Que merda é essa? — pergunta Bronca, atordoada.

— Comigo também — diz Jess. Ela já parece cansada. — Eles ligaram para *o telefone da minha casa* ontem à noite. Cinco vezes... até que meu marido tirou o telefone da tomada, mas aposto que o correio de voz está cheio de gentilezas e ternura. Devem ter encontrado meu nome no site do Centro e conseguido minhas informações de contato a partir disso, como Veneza tentou nos avisar. — Ela suspira, esfregando os olhos. — Estou com medo de abrir meu e-mail, pra ser sincera.

— Melhor não abrir — diz Veneza, entrando na sala. Ela segura a bolsa do notebook e seus olhos estão exaustos. — Um ex me mandou uma mensagem ontem. O vídeo do Artistes é doentio em

outro nível. Ele estava tentando me convencer a sair do meu apartamento, mas *meu* nome não está listado no site. — Ela revira os olhos. — É a primeira vez que estou feliz por vocês serem mão de vaca demais pra pagar meus benefícios.

Jess fica imóvel.

— Acha que vamos ser vítimas de *doxing*?

— Parece que já foram.

Bronca estremece; Veneza suspira e abre o notebook, clicando em alguma coisa. Então ela vira o computador para mostrar às outras. É uma página em algum tipo de fórum. No topo, há o título: OPERAÇÃO FODER ESSAS VADIAS SAPATONAS COM UM DILDO MONSTRÃO. Há dezenas de posts. Bronca tenta ler, mas não consegue; o texto é muito pequeno e tem muita gente “falando”. Ela tentou ficar por dentro da internet, tentou de verdade, mas em momentos como esse ela se sente a porra de uma ludista.

— O lance é que tem toda uma campanha por trás disso — traduz Veneza.

Yijing, claramente mais experiente em ler essas coisas, estreita os olhos em frente à tela e depois xinga.

— Olha a porra das *datas*. Meu Deus. Eles planejaram isso com antecedência.

— Basicamente — confirma Veneza, seu rosto angustiado. — Todas aquelas coisas que eu disse pra vocês ontem, sobre esconder informações on-line? Já era tarde demais. Me desculpa.

Ela toca na tela, apontando para um dos comentários no fórum, e Bronca rapidamente reconhece as palavras ali. Seu endereço e telefone. Logo abaixo, alguém postou “achei ela uhuuuul” sem pontuação.

— Esses filhos da puta — rosna Bronca.

Mas, por dentro, ela está tremendo. O que vai acontecer se uma dessas pessoas aparecer para atear fogo na casa dela no meio da noite? Ou se invadirem a casa enquanto ela estiver dormindo? Ela tem uma arma — ilegal, já que não pode obter uma licença por ter sido presa nos protestos do AIM e por “vandalismo”, que é como eles chamam murais pintados por artistas nas paredes de prédios caindo aos pedaços. Mas teriam as coisas chegado a esse ponto?

Jess geme, aflita. Yijing balança a cabeça, seus olhos se movendo rapidamente de um lado para outro enquanto ela lê as informações na tela.

— Eles estão tentando até descobrir seus documentos e suas informações bancárias, mas ainda não chegaram lá. Você precisa entrar em contato com seu banco, com a polícia, com todos que puder.

Bronca cobre o rosto com a mão por um momento. Ela não consegue pensar. E o que poderia fazer? O poder da cidade não pode ajudá-la com isso.

Então ela recebe um cutucão de Veneza. Quando Bronca abaixa a mão, Veneza a está observando com um olhar sério de compaixão.

— Ei — diz ela. — Não esquece. *Tapete bem limpinho*. Tô com você.

É tão ridículo. E Bronca a ama tanto.

Então ela respira fundo e tenta se recompor.

— Beleza. Certo. Ligar para o banco.

— Precisamos reagir na internet — diz Yijing, com uma expressão irritada. — Fazer uma contracampanha. Cuide das suas coisas,

Bronca, mas enquanto faz isso precisamos começar a revidar.

Tudo vira uma bola de neve, Bronca percebe, ao longo do dia interminável que se segue. Ela ainda está atordoada com a ameaça de demissão pairando sobre sua cabeça, mas essa é só uma bala da porra de uma dúzia de canhões. O vídeo dos *Artistes* — que Bronca assiste, apesar dos alertas de Veneza de que isso só deixaria “sua cabeça fervendo” — é quase uma obra de arte das insinuações. Em nenhum momento dizem com todas as letras que Bronca os rejeitou por serem homens brancos; isso não pode ser provado e é contestável. Mas eles dizem todo o resto. Que Bronca é lésbica assumida e uma ativista pelos direitos indígenas com um doutorado da Ivy League (“Pois eu achava que índios eram pobres”, debocha Quinze Anos, que aparece no vídeo como convidado expert em alguma coisa). Que as obras de Yijing já foram expostas na galeria (“Eles só divulgam os próprios trabalhos ou o dos amiguinhos!”, comenta alguém). Que Jess é judia, o que por si só parece horrível para todos (“E agora nós sabemos quem está *realmente* por trás disso”, diz o Coque Samurai, inclinando-se para olhar para a câmera de perto).

A mensagem está lá, cuidadosamente desvinculada de conclusões ou diretrizes. E, a julgar pelos comentários, o público deles engole cada migalha. O coletivo *Artistes* é claramente vítima de uma conspiração por mulheres “de cor” esnobes e sexualidade questionável que só se preocupam em divulgar suas próprias artes indiscutivelmente inferiores, em vez do trabalho de artistas versados e dignos que calharam de ser homens brancos cishet. Resumidamente, os *Artistes* instruem seus seguidores a “mostrar para o Centro de Artes do Bronx o que eles acham disso”, expondo

em seguida os nomes dos coordenadores no cabeçalho da newsletter do próprio Centro.

Eles sabiam exatamente em quem mirar, e o que planejavam foi exatamente o que aconteceu: o emprego de Bronca está em perigo.

Yijing e as demais já estão com a mão na massa. Jess liga e manda mensagens para vários artistas do Centro, enquanto Bronca telefona para o banco. Fica intrigada com o critério de escolha de Jess sobre para quem ligar, e ela explica: não são os maiores nomes, mas aqueles com maior alcance nas redes sociais. Ela pede para que eles postem sobre a situação, enquanto Veneza já obrigou muitos de seus colegas artistas a promover discussões on-line. O propósito, explica Jess, é criar algo que se pareça com uma demonstração de apoio espontânea por parte do público.

E *há mesmo* uma demonstração espontânea acontecendo, como Veneza mostra a elas. Só está dispersa. Há vários posts aqui e ali perguntando por que as pessoas parecem descontentes com o Centro, que já contribuiu tanto para a comunidade, e tentando compreender como uma posição antirracista está sendo apontada como racista. Mas dentro de uma hora Yijing está em uma chamada com três repórteres de arte e cultura e um editor de reportagem, explicando que foi solicitado à diretora do Centro que removesse o trabalho de um artista talentoso para dar lugar à “arte de ódio”. O BuzzFeed posta sobre a situação e o Drudge também, mas as coisas já estavam distorcidas do outro lado do campo de qualquer maneira. Veneza começa o que chama de uma contra-hashtag — #BronxSemIntolerancia, embora em certo ponto ela fique irritada porque algum espertalhão começou a usar #AltNaoEhArte.

— Isso enfraquece nossa mensagem! — protesta ela.

Mas Bronca acha que ambas as mensagens funcionam. Quando Yijing explica a ela como decifrar toda aquela chatice de redes sociais, há *milhares* de pessoas apoiando o Centro em tweets e posts de blog. É a coisa mais maravilhosa que ela já viu.

E então, perto do entardecer — uma ou duas horas depois do horário de fechamento do Centro, mas é claro que ninguém foi embora —, o ramal de Bronca toca. O identificador de chamadas exibe o número de Raul.

Bronca atende a ligação em seu escritório. É breve. Quando ela retorna e vê todas as outras olhando fixamente para ela, não consegue conter uma risada. É um exausto, mas desesperadamente necessário alívio catártico depois de um dia ridículo.

— Pois então... a diretoria reavaliou a situação e expressou publicamente total apoio à liberdade de expressão, como todo defensor das artes... blá-blá-blá. — Bronca dá de ombros. — Traduzindo: eles recusaram a doação da Nova York Melhor. E não vão me demitir.

Veneza pula da cadeira com um grito de triunfo. Jess parece estar prestes a desmaiar. Yijing está furiosa.

— Traduzindo: a internet inteira caiu matando em cima deles e eles não quiseram sujar a própria imagem. Mas eles vão se desculpar? Por terem sequer considerado a oferta da dra. Alva?

— É a diretoria. Você sabe que eles não têm isso no vocabulário. — Yijing abre a boca, mas Bronca ergue uma mão. — Olha, isso tudo foi uma filhadaputagem, mas nós sobrevivemos. Vão para casa. Jantem antes das nove, para variar um pouco. Deem um

tempo desse lugar. E... obrigada, a todas vocês, por salvarem meu emprego.

Isso faz com que todas fiquem em silêncio por um momento. Yijing olha para Veneza; Veneza olha para Yijing com uma expressão específica, tentando comunicar algo que Bronca não consegue entender. Finalmente Yijing, embora pareça exasperada, vira-se para Bronca, endireitando a coluna.

— Tenho um quarto livre — informa ela.

Seu tom é duro, mas, ainda assim, levando em conta quanto se detestam, o gesto faz com que Bronca se arrependa de metade das coisas que disse sobre Yijing ao longo dos anos. (A outra metade ela defenderá até a morte.)

— A gente se mataria antes da meia-noite — responde ela, mas sua voz é gentil e ela sorri. — Mas obrigada.

Yijing faz um gesto de indiferença, relaxando os ombros.

— Aguentar você parece um preço pequeno a se pagar se vamos dar uma lição nesses desgraçados. Mas então o que vai fazer? Provavelmente não é seguro você ir para casa pelos próximos dias.

Bronca esfrega os olhos. Um hotel está fora de cogitação no momento. O banco lidou com a questão de possível falsidade ideológica cancelando seus cartões de débito e crédito — o que significa que ela não tem nada além de algumas notas na carteira até que possa ir à agência bancária e substituir os cartões. Ela já ligou para os vizinhos para avisá-los. Ela mora em um conjugado em Hunts Point. A vizinhança pode parecer meio pesada para quem vê de fora, e foi por isso que ela conseguiu comprar uma casa lá — e, na verdade, o tipo de pessoa que talvez a perseguisse provavelmente ficaria assustado demais em passar muito tempo lá.

Mesmo assim, Bronca sabe que deve agir em prol de sua segurança.

— Vou ficar aqui — diz ela, finalmente. — Não consigo bancar um hotel e não estou a fim de ficar na paranoia tentando ver se alguém está me seguindo no caminho para casa. E aqui tem os residentes, que podem ficar de olho em mim. Vou dormir lá em cima com eles.

Ela já fez isso antes, e guarda em seu escritório um colchão inflável junto de uma muda de roupas e uma bolsa com itens de emergência desde o blecaute de 2003.

— Hã. Não demos ontem mesmo um alerta de violência aos residentes? — pergunta Jess.

— Demos, mas se tiver mesmo violência estou mais segura com meia dúzia de pessoas do que sozinha. — Bronca dá de ombros. — Vai acontecer o que tiver que acontecer. Vão para *casa*, mulherada. Estou bem, sério.

Elas começam a guardar suas coisas. Bronca senta-se em seu escritório por alguns momentos, tentando recuperar as energias. Veneza aparece e a observa da porta por um instante. Quando se aproxima para abraçá-la, Bronca percebe que precisa do abraço mais do que o normal.

— Vou ficar aqui com você hoje à noite — declara Veneza. — Podemos nos reunir em volta da fonalha da fábrica de soprar vidro e cantar musiquinhas de acampamento. Acho que guardei uns marshmallows numa gaveta na recepção.

— A fonalha da fábrica de soprar vidro transformaria os marshmallows em pó em cerca de meio segundo. Posso perguntar por que você guarda marshmallows na gaveta de arquivos?

— Pro meu chocolate quente. — Veneza faz uma careta, como quem responde a uma pergunta óbvia. — É do tipo superfaturado e tudo. Quadrinhos, com baunilha de Madagascar. Ou da Indonésia. Não lembro, mas é *fair trade*.

Bronca ri outra vez, balançando a cabeça. E, por um segundo, mesmo em meio a tudo isso, parece que vai ficar tudo bem.

Bronca está dormindo, sonhando que é outras pessoas em outros lugares, quando, de repente, sua cidade a cutuca. *Ei. Problemas.*

Ela acorda com um grunhido e se senta, com esforço. Sua nádega esquerda está dormente porque ela é gorda demais para dormir em um colchão inflável sem que seu quadril acabe tocando no chão de concreto industrial. Seu corpo está travado também, e isso é só porque ela está velha. Mesmo assim ela se desvencilha do estranho cobertor de emergência térmico — surpreendentemente quente — que estava em sua bolsa e se põe de pé com dificuldade. Porque sim. Problemas.

Eles estão no terceiro andar do Centro, onde ficam as oficinas. O acesso a esse andar é trancado à noite, mas os residentes podem entrar usando o elevador de carga, que não está funcionando no momento. Em volta de Bronca há vultos adormecidos de seis pessoas — vários dos residentes, largados em pufes ou apertados em sofás. Uma mulher dorme na palma de sua própria escultura, uma mão gigante de mármore entalhado. Veneza está encolhida em uma poltrona de veludo verde-claro, resmungando em seu sono.

Movendo-se lentamente para não acordá-los, Bronca inspeciona o andar desviando de construções *ready-made* ainda não finalizadas

e prateleiras de cerâmicas que ainda não foram ao forno. Nada ali em cima. *Lá embaixo?*, pergunta ela à cidade.

A cidade lhe responde com sons, ecoando levemente em seus ouvidos como se estivessem muito distantes: o arrastar lento e furtivo de algo sólido sobre concreto. Uma risada masculina abafada seguida de um *shhhhh* de uma outra voz. Um som de líquido sendo derramado em superfície sólida. E um som que qualquer pintor reconheceria: o de tela contra madeira.

Sem parar pra pensar, Bronca corre em direção às escadas. As paredes voltadas para os degraus são coloridas e alegres, decoradas pelos murais pintados diretamente nas paredes nas aulas para crianças e adolescentes: trens dançantes, placas de trânsito apostando corrida, entregadores de pizza divertidos oferecendo uma fatia de pizza e refrigerante, moças sorridentes lavando roupa. Bronca imediatamente percebe que há algo errado porque os murais estão *depredados*; de alguma maneira, alguém chegou até as escadas e arruinou parcialmente o trabalho artístico com largas pinceladas. É como se tivessem usado uma borracha para apagar os espirais e os redemoinhos. *Tinta* apagada, deixando por baixo blocos cinza de concreto. Como...?

Parada ali, de punhos cerrados, ela de repente percebe um novo som. Soluços. Balbucios. Vindos lá de baixo? Ela inclina a cabeça, mas não consegue discernir. Ela consegue apenas entender algumas palavras.

— Estou *tentando* — balbucia o autor dos soluços. — Você não acha que eu... Isso? Sim. Sim, eu *sei* disso. — A voz de uma mulher; é familiar, embora Bronca não consiga identificá-la com precisão. É apenas um lado de uma conversa, bizarramente

distorcida, primeiro audível e depois diminuindo até sumir. Alguém no telefone? Mas a voz ecoa como se estivessem gritando. — Pare com isso! Eu já não... — A voz diminui. A voz aumenta novamente. — ...tudo o que você me pediu? Aah!

Um grito de dor. Bronca continua a descer os degraus, compelida por aquela voz. Não está vindo lá de baixo. Está ao redor dela, e ao mesmo tempo... não está. Está distante de uma maneira que soa como se não estivesse no prédio. Em nenhum lugar por perto.

— Eu sei disso eu sei disso eu sei... me fez para isso, mas não sou uma boa criação? — A voz arfa. Soluça. Agora a voz se engasga. — Eu... Eu sei. Eu percebo que eu s-s-sou repugnante. Mas não é minha culpa. As partículas desse universo são perversas. — Há uma longa pausa dessa vez. Bronca está quase no último degrau quando a voz fala, embargada e carregada de amargor: — Eu sou como você me fez.

Então tudo fica em silêncio. Bronca fica imóvel por um momento, com a mão no trinco do andar térreo, ouvindo com atenção, mas não há nenhum som. Ela cerra a mandíbula e abre o trinco.

Na escuridão do térreo, que está iluminado apenas pelas luzes de emergência, ela pode ouvi-los com clareza: várias pessoas indo de um lado para outro lá dentro. Como entraram? Não importa. O que importa, ela percebe ao passar pelo Salão Murrow, é que eles tiraram todas as fotografias do Anônimo das paredes. As molduras foram desordenadamente empilhadas no meio do salão — e alguém derramou um *líquido inflamável* sobre elas, Bronca se dá conta ao chegar mais perto. Ela torce o nariz, incomodada com o cheiro e furiosa com a situação. Ela segura sua foto favorita pela beirada, que está virada para baixo no topo da pilha, e a desvira...

descobrimo que alguém riscou todo o rosto do jovem que dorme com o que parece ser marcador permanente.

— Ah, seus filhos da puta — rosna ela.

— Surpreendentemente, isso acontece com menos frequência do que eu esperava — observa alguém.

Bronca enrijece ao reconhecer a voz. A Mulher da Cabine. Era ela na escada, também, embora sua voz estivesse menos nítida.

— Eu esperava me deparar com muito mais filhos da puta quando cheguei nesta cidade — continua a Mulher da Cabine. Ela já não parece abalada; agora soa desinteressada, até mesmo entediada. — Considerando a frequência com que nova-iorquinos se chamam disso, honestamente imaginei encontrar putas parindo em cada esquina. Uma verdadeira infestação de putas tendo filhos nas ruas, a menos que, é claro, putas gostem de ter filhos, e imagino que gostem. Então acho que posso chamar de uma agradável abundância de filhos da puta. Mas na verdade não tem tanto assim. Muito estranho.

Bronca ergue os olhos. O Salão Murrow tem um teto de nove metros de altura, por isso as instalações mais altas ficam lá. Nesse momento, no entanto, Bronca vê algo se movendo no canto da sala. De alguma forma, a coisa se move sob a tinta branca, como se ela ainda estivesse fresca; ela ofega ao perceber. A forma sob a tinta lembra uma aranha, embora seja plana contra a parede e tenha várias pernas faltando. Não é muito grande, talvez seja do tamanho da palma de uma mão? O que quer que seja, dobra de circunferência sob o olhar de Bronca, uma vez e depois outra. Subitamente há um som de algo se partindo, e a rachadura — que é o que a coisa é — de repente se abre ao meio. As extremidades da

abertura começam a descamar, não como algo orgânico, mas como algo *computadorizado*. Pixels sobrepondo pixels, empilhando-se e em seguida se espalhando para revelar um espaço além.

O que deveria ficar à vista é o teto da galeria logo acima, ou talvez algum tipo de material isolante ou a rede de condutos. Mas o que Bronca vê, na verdade, é um teto de cor branca que está muito mais distante do que deveria estar — mais distante do que é possível, dada as dimensões do Centro. O segundo andar, talvez? O senso de perspectiva de Bronca está confuso. Mas a cor do teto que ela vê é diferente da tinta branca acolhedora usada em todo o Centro. Esta tem tons acinzentados, frios. A textura é estranha também: granular, mais grosseira do que gesso, salpicada com pequenos cristais aqui e ali. É bonito. Mas ao mesmo tempo há algo de distorcido nas proporções, de uma maneira atordoante que não faz sentido aos olhos.

A questão é: certamente não é nenhum espaço nas dependências do Centro que Bronca já tenha visto. E ela é tomada pela repentina sensação de que, mais uma vez, está vislumbrando o que estava acontecendo de verdade na cabine da Mulher da Cabine naquele dia.

Ela não devia olhar. O léxico é bem claro quanto a isso... mas não consegue tirar os olhos daquele pequeno, achatado e indistinto ponto do desconhecido.

Sob o olhar fixo de Bronca, algo pequeno atravessa a abertura. Acontece em um piscar de olhos — tão rápido que ela não consegue acompanhar. Em um instante está no chão, em frente a Bronca, e já cresceu em tamanho, ficando enorme. Há outra oscilação e, no instante seguinte, Bronca deixa escapar um grito de

espanto quando de repente há uma *parede* de branquidão áspera e granulada em sua frente, imensa... que então assume o tamanho de um ser humano. Apenas um bloco de areia branca se retorcendo e tomando forma. *Uma pessoa*, endireitando a postura e se virando para Bronca — que tem um sobressalto e recua ao perceber que a pessoa *não tem rosto*.

Há outra oscilação pixelada e a pessoa se revolve e cria formas e traços, tornando-se uma mulher sorridente de branco.

Não é a mesma mulher que Bronca conheceu naquela manhã. Bronca pesquisou os patrocinadores da Fundação Nova York Melhor e reconheceu a “dra. Alva” em uma foto; seu sobrenome é na verdade Akhelios, não Alva, e vem de um extenso e rico clã grego de exportação conhecido por suas contribuições políticas de direita. Essa não é a dra. Akhelios, que na foto era só uma mulher comum de cabelos castanhos. A pessoa que se materializou diante de Bronca definitivamente não é comum. Ela é alta e endireita o corpo, posicionando-se de maneira exageradamente elegante: algo parecido com a terceira posição no balé, com as mãos em frente ao corpo, de palmas voltadas para cima, coluna ereta graciosa e artificialmente. Seu cabelo tem o mesmo tom de areia esbranquiçada do cabelo da mulher que Bronca conheceu anteriormente, mas as semelhanças acabam aí. A Mulher de Branco tem o tipo de rosto angular e ossudo que Bronca só viu antes em modelos e outras mulheres consideradas bonitas por suas habilidades de agir como manequins vivos. Mas esta tem traços ainda mais modelísticos — que excedem o conceito de beleza e atingem um território inquietante. As maçãs de seu rosto são um pouco definidas demais, o arco do cupido de seus lábios é

excessivamente perfeito, seus olhos ligeiramente afastados demais. O sorriso que ela exhibe parece estático, postiço... mas isso, ao menos, é familiar. De alguma forma, embora essa seja uma mulher completamente diferente, Bronca sabe que finalmente conheceu a *verdadeira* dra. Alva.

Algo se movimenta na entrada do Salão Murrow e, quando Bronca se vira, vê que seus velhos amigos do Alt Artistas se agruparam ali, bloqueando sua saída. Nem todos estão lá — apenas Coque Samurai, Holliday e Quinze Anos, este último usando uma roupa ninja ridícula que parece mais um pijama de cetim grande demais para ele —, mas, ainda assim, a presença deles excede o número de pessoas contra as quais Bronca teria uma chance caso a situação acabe em confronto. Eles sorriem na luz noturna; ela consegue enxergar seus dentes. Eles acham que ela está encrencada.

O fato de estarem certos faz com que ela seja mais hostil do que deveria ao se voltar para Alva.

— Problemas com o chefe? — pergunta ela, referindo-se ao tom ressentido e humilhado que ouviu das escadas.

Alva faz um gesto parecido com um erguer de ombros. É um movimento sinuoso demais para ser considerado assim — muita cabeça, poucos ombros.

— Todos prestamos contas para uma diretoria, por assim dizer.

Bronca deixa escapar um riso breve, surpresa com um sentimento de solidariedade.

— Acho que prefiro a minha diretoria. Você sequer tem doutorado? No quê, em doideira aplicada?

Alva ri. Sua boca se abre em um largo sorriso, mostrando quase todos os dentes.

— De acordo com os padrões do meu povo, eu sou pouco mais do que uma criança, irremediavelmente desobediente. De acordo com os seus padrões, sou venerável e incomensurável. Possuo conhecimento sobre mistérios que vocês nem sequer começaram a sondar. Mas é interessante conhecê-la pessoalmente. O Bronx.

— *Bronca.*

Ela sabe por que Alva se refere a ela daquela maneira, mas, pelo amor de Deus, seu nome é seu nome.

Alva considera o que ela diz por um instante e em seguida dá de ombros de novo.

— Coisinhas insignificantes, os nomes. Vocês se agarram e eles nesse mundo em que tudo é caos e separação e diferenciação, e *eu compreendo*. — Suas mãos se movem e se estendem, como em um ato de súplica; sua expressão se torna trágica. — Eu vivi nesse mundo por incontáveis vidas humanas! Já vi como seu tipo, especialmente *seu tipo* do seu tipo, precisa lutar só para serem vistos como semelhantes e para não serem consumidos pela massa. E por essa razão eu lamento mais do que nunca o que precisa ser feito.

Enquanto Bronca tenta decifrar o que ela disse, Alva estica os dedos de suas mãos erguidas. De repente, as paredes brancas do Salão Murrow, desprovidas dos trabalhos vibrantes do Anônimo e patéticas em sua pobreza, florescem com cores e traços de tinta. Novos murais subitamente projetam-se pelas paredes, como se pintados por um gigantesco rolo de pintura, embora a mão do pintor permaneça oculta. Mas Bronca sente que levou um soco no

estômago ao reconhecer o estilo do trabalho — e ao ver as figuras sem rosto surgindo no crescente redemoinho de cores. Elas se erguem nas paredes ao redor, uma multidão vigilante, alguns sentados ou ajoelhados enquanto outros escalam, cotovelos e joelhos protuberantes, parede acima. Um destes últimos, uma criatura de feições radiais e assimétricas com cinco membros parecidos com pernas, inclina a cabeça acentuadamente na direção dela—

Bronca desvia o olhar rapidamente, mas o mural está em todas as paredes e se estende pelo teto em sua visão periférica. Seu coração dispara. O mural a assusta de uma maneira que Coque Samurai e seus amiguinhos jamais conseguiriam.

— Não estou entendendo — diz a Mulher de Branco. Ela inclina cabeça repentina e bruscamente, em um fingimento cômico de confusão. Já não há gentileza em sua voz. — Não foi você quem tentou invadir minha cabine? Você não queria entrar e me ver? E eu deixei a porta aberta para você. Sim, eu deixei. Mas então você *me chutou*, e a porta se fechou. Que *grosseria*. — O sorriso dela desaparece de repente, dando lugar a uma expressão irritada. Ela suspira. — Mas eu não desisti de você, Bronx. Minha oferta... aquela do banheiro? Ainda está de pé. Se colaborar comigo, ajudarei você. Não há razão para que você e seus indivíduos favoritos morram na conflagração que está por vir, pelo menos não por um período de tempo reconhecível para você. Posso providenciar que você, o Bronx, seja o último a ser pego. Só preciso que encontre ele para mim.

Ela gesticula em direção à pilha de fotos da arte do Anônimo. A favorita de Bronca está no topo, ainda muito bonita, apesar da

violação.

Olhar para a pintura, para suas linhas nítidas ainda visíveis, apesar da caneta e do distanciamento do original, por ser uma fotografia, estabiliza Bronca em meio ao medo. Ela se lembra do dia em que encontrou a imagem real. Era um mural pintado por alguém no muro de um prédio baixo caindo aos pedaços no sul do Bronx, perto de uma das estações do trem 4. Outra olaria. Parece que Bronca não consegue ficar longe delas. Então, em meio à deterioração e ao desalento, ela viu aquilo. O autorretrato de um jovem, desenhado sem mãos, sem tinta, a quilômetros de distância. *A cidade pintou por ele*; por isso o estilo daquela pintura parece diferente. E agora o avatar de Nova York está em algum lugar subterrâneo na cidade, ela instintivamente sabe disso; em algum lugar nos túneis dos metrô. Ele dorme na imagem, e Bronca finalmente entende o que isso significa. Algo *já deu* errado. O sono do avatar não é natural, é um sono enfeitiçado, uma última tentativa desesperada para economizar forças enquanto a cidade trabalha em uma crise inesperada. A razão pela qual a cidade está tão perigosa, tão infestada com a Mulher de Branco e sua laia, é que todos os seus mecanismos de defesa estão em nível mínimo, e enfraquecendo.

Por quê? Por que o avatar da cidade está dormindo?

Ela passa a compreender com uma velocidade quase dolorosa, como se a cidade estivesse apenas esperando que ela fizesse essa pergunta. Porque Nova York é demais para ser encarnada por uma única pessoa. Porque o avatar tentou mesmo assim, quando a cidade precisou dele — e ele lutou e venceu, do contrário a cidade já não estaria mais ali —, mas fazer isso, usar todo o poder, chegou

perto de destruí-lo. Agora ele espera por Bronca e pelos outros, os que foram designados para ajudá-lo. Eles precisam curá-lo. Ele não consegue acordar sem a ajuda dos demais.

Bronca poderia dizer isso à Mulher de Branco. Ela não sabe qual é a estação de metrô retratada na pintura, mas poderia compartilhar o que de fato sabe. Nesse momento, as paredes do Salão Murrow são um portal aberto para outro universo — um universo fundamentalmente hostil a tudo que Bronca é (humana, mulher, indivíduo, carne, matéria, tridimensional, viva). Um passo em qualquer direção pode levá-la para lá. Um empurrão. Um puxão — e um momento sequer nesse universo, colidindo com seus átomos desconhecidos e respirando seu ar hostil, irá despedaçá-la até que não reste mais nada. (Ao menos *há* ar ali? Seria essa uma coisa que existe em um lugar como aquele?) Ela tem tanta certeza disso quanto tem de seus próprios nomes, sua família e sua pele. O Inimigo não somente bate à porta, mas também aperta seu pescoço, e se ela quiser sobreviver não há outra escolha senão se render.

Mas há outra coisa da qual ela está tão convicta quanto está de sua própria pele: de que ela é uma guerreira.

Talvez não de nascença. Chris uma vez disse a Bronca que ela tinha uma alma gentil envolta em arame laminado, mas as lâminas afiadas não eram sua culpa. O mundo a treinou para violência, para ferocidade, por odiar tanto o que ela é em essência. Essa não é a primeira vez que Bronca se encontra cercada de todos os lados por aqueles que a violariam, restringiriam suas fronteiras, infectariam sua mais pura essência deixando para trás apenas escombros esterilizados e amortecidos. Nem sequer é a primeira vez que ela tem força suficiente para reagir.

É apenas a primeira vez que isso acontece desde que ela se tornou a porra do Bronx.

— Não — diz Bronca à Mulher de Branco. — Nem fodendo.

A mulher suspira.

— Sinto muito, então.

Ela faz um rápido movimento com a mão. Algo às costas de Bronca emite um som. Não é algo que ela possa descrever com facilidade. *Tum-tump*: uma reverberação dupla que soa quase musical, que é grave, que devora. Mas esse é um som orgânico, ela sabe. É o grito predatório de um monstro sem voz, um organismo que desconhece as leis da física sob as quais ela opera — e ele se aproxima. Os Artistas, sicofantas como são, abafam risos ou escarnecem. Ela supõe que eles consigam ver o que está prestes a atacá-la — embora Quinze Anos empalideça subitamente ao olhar para a coisa com atenção. Ele recua depressa, abalado, e desvia o olhar. Pelo ângulo de seu olhar instantes antes de recuar, Bronca sabe que a coisa está logo atrás dela.

E Bronca... ri.

Não consegue evitar. Em parte por estar nervosa, mas principalmente por estar furiosa. Essa *gente*. Eles invadiram o território dela, o distrito dela, e despedaçaram arte de qualidade. Tentaram *forçá-la* a aceitar no lugar a merda medíocre e repugnante produzida por eles. E diante dela está uma mulher branca, que nem de longe é uma mulher branca de verdade, mas que tentou manipular mecanismos de poder contra Bronca como o pior tipo de mulher branca, exigindo que ela se rendesse. *Porra nenhuma*.

A Mulher de Branco parece confusa diante da risada de Bronca.

— Não sei quem você pensa que é — diz Bronca, abrindo os braços. — E não sei *o que* você é. Mas você não sabe quem eu sou se está vindo pra cima de mim com esse joguinho de merda.

Os olhos da mulher se estreitam.

— Você é o Bronx.

— Exato — confirma Bronca. — Também sou a pessoa que recebeu todas as informações sobre como isso aqui funciona. — Ela firma os pés. — Os outros provavelmente ainda não sabem como fazer isso, mas eu sei.

Um vento começa a soprar pelo salão, revirando os papéis pendurados nos corredores do Centro. Bronca não percebe. O mundo se dividiu em dois: o Salão Murrow, onde a Mulher de Branco pragueja enquanto figuras agitadas no mural da parede recuam em um movimento que Bronca acredita ser temor; e a outra Nova York. Há um Salão Murrow na outra Nova York também, mas o que mudou foi sua perspectiva e seu foco. Agora Bronca se ergue, expansiva, montanhosa. Suas pernas estão fixadas a milhões de alicerces, seus braços têm milhões de juntas de vergalhões de ferro. A carne que a preenche é o solo em que milhares de gerações das mães de Bronca cresceram e prosperaram, o solo que foi invadido e envenenado e reconstruído de novo e de novo — ainda sobrevive. Sobrevive e é *forte*.

E, diante dela, pequena e insignificante, agita-se uma coisa parecida com um vazio branco. Ela é perigosa; disso ela sabe. Pode feri-la gravemente — as duas dela. Tudo dela. Pode arrastar sua verdadeira essência para um lugar onde a totalidade de sua existência talvez seja aniquilada para sempre, sem chance de

recuperação ou renascimento. Isso destruirá o Bronx. Sem o Bronx, Nova York inteira morrerá.

Então Bronca toca o chão com um dedo do pé protegido por uma camada de aço, com a leveza de uma bailarina. O impacto tem a força arrasadora de dez mil festas de rua, carros de som e rodas de tambor — e lança adiante uma onda de energia que destrói tudo em seu caminho. Isto é, tudo o que não é Nova York.

Ao redor de Bronca e da Mulher de Branco, as pessoas do mural desaparecem e ele se torna subitamente vazio. Os Alt Artistes desabaram no chão, inconscientes ou gemendo, porque a manifestação de Bronca destruiu todos os tentáculos de Alva no Centro. Estavam neles. Estavam no banheiro, Bronca percebe com um desgosto tardio, infestando a terceira cabine; que merda, ela devia ter verificado uma segunda vez. Proliferaram dentro do sistema elétrico e avançaram pelas paredes das escadas, danificando os murais das crianças pelo caminho — mas agora a contaminação se foi.

Agora são só as duas, a cidade viva e a abominação sobrenatural, frente a frente e preparadas para o confronto que está por vir. Hoje? Talvez. Bronca espera para ver.

Depois de um longo e reprimido momento, a Mulher de Branco solta o ar. Ela saiu ilesa do ataque de Bronca, o que é peculiar.

— Eu tinha esperanças de trazê-la para minha causa — diz ela.

Sua voz é suave. Humildade, talvez — mas Bronca já aprendeu que não deve tentar interpretar nada que ela faz de acordo com os padrões normais dos humanos.

— Temos tanta coisa em comum, você e eu. Nós duas queremos sobreviver! Nós duas tivemos que enfrentar as coisas sozinhas, sem

aliados e subestimadas, perdidas na sombra daqueles que supostamente eram superiores a nós. Nós duas escolhemos fazer o que é certo, independentemente do que vai nos custar, no fim das contas.

Bronca balança a cabeça, não mais propensa a sentir qualquer empatia por ela.

— Não sou uma colonizadora da merda de outra dimensão.

— Não, você apenas ameaça a existência de uma *infinidade* de dimensões, de mais vidas do que sua espécie poderia contar. — Alva se exalta. O rosto de Bronca se endurece, mas a mulher suspira. — No entanto, acho que não posso culpá-la. Todos nós fazemos o que devemos fazer. Muito bem; não posso destruí-la. Ainda. Nos encontraremos de novo, provavelmente, quando as circunstâncias forem diferentes.

Ao dizer isso, a Mulher de Branco faz um movimento abrupto com a cabeça. Os murais sobre as paredes — agora redemoinhos indistintos de cores desbotadas — desaparecem, enrolando-se no vazio tão depressa quanto apareceram. Há um último *tum-dum* atrás de Bronca antes que o som também diminua até desaparecer. Ela gostaria de relaxar e engolir a saliva para aliviar sua garganta seca, mas é importante não mostrar fraqueza agora. Ela é o Bronx. O Bronx não recua.

A Mulher de Branco inclina a cabeça. Há respeito no gesto.

— Meus subordinados não vão mais incomodá-la — informa ela. — Até o dia em que todas as máscaras deixarão de existir, é claro.

— É claro — responde Bronca, sarcástica.

Subordinados. É quase cômico. Bronca comprime os lábios e gesticula em direção aos Artistas, sem se dar ao trabalho de olhar

para eles.

— E eles?

A mulher olha para eles. Bronca tem a impressão de que ela ficou genuinamente confusa com a pergunta.

— Não tenho mais uso para essas peças. Extermine elas ou reutilize como desejar. São bastante maleáveis.

Sem mais uma palavra, ela se vira e dá um passo à frente. É como se pisasse em um buraco no ar que os olhos de branca não conseguem enxergar. Primeiro, metade de seu corpo desaparece, então o resto segue e a outra metade desaparece também.

Bronca vai até o local cautelosamente. Mas, quando ela avança e agita a mão no ar, sua mão atravessa ar vazio. Qualquer abertura que ali esteve já se fechou. Liberando o ar de seus pulmões, Bronca endireita o corpo e se volta para os Artistas — e ali ela vê Veneza, logo atrás da pilha de homens, encarando-a em choque, de olhos arregalados.

Bronca coloca a mão nos quadris, observando sua pupila.

— Você tá bem? — pergunta ela.

A expressão no rosto de Veneza demonstra que ela presenciou pelo menos partes de todo o confronto. Ela deve ter perguntas.

— Bom, quer dizer, não vai ser a visão de algo horrível e além da minha compreensão que vai me fazer sair correndo e espumando pela boca — responde Veneza. Seu tom de voz é impassível, mas há um leve tremor. — Eu sou de Jersey.

Bronca força um riso.

— Eu não disse pra você correr caso visse alguma merda esquisita?

— O que eu vi foram esses imbecis.

Veneza torce a boca em direção aos Alt Artistes; um trejeito lenape que aprendeu com Bronca. Um deles está esparramado de barriga para baixo, e Bronca, que não consegue enxergar se ele está respirando, torce para que ele não esteja morto. Os outros dois estão quase de conchinha; Quinze Anos, que ainda está consciente (mas em posição fetal, gemendo com as mãos pressionadas contra o rosto), é a conchinha da frente. Seria bonitinho, se eles não fossem pedaços de bosta racistas, sexistas e homofóbicos.

— Vim ver se você estava bem. E então vi... — Ela hesita por um instante. Seu olhar pousa na parede atrás de Bronca. Onde o *tum-dum* se espreitou.

— Pois é, então, era nessa hora que era pra você dar no pé.

— Não consegui raciocinar. — Veneza pressiona a base das palmas sobre seus olhos por um momento. Bronca fica tensa, mas Veneza não parece prestes a arrancar os próprios olhos. O léxico alerta para essa possibilidade. — Caralho, eu vou ficar dias tendo pesadelo. Então é isso que tá atrás de você? Na moral, sério? Por trás daqueles resíduos de pele? Aquela vadia branquela?

Bronca tenta, tenta de verdade, servir de exemplo algumas vezes. De vez em quando. Tudo bem, raramente.

— Não devemos usar a palavra “vadia” em tom pejorativo para nos referir a uma mulher...

— Tô usando para me referir a uma não mulher não humana. Então esse esquema todo é o quê? Uma reestruturação extradimensional ou alguma merda assim? É isso o que estou vendo? — A voz de Veneza está mais do que trêmula, parece estar sofrendo um abalo sísmico. Seu corpo também treme, e agora suas mãos esfregam as lágrimas que brotam de seus olhos fechados.

Bronca vai até ela, suspirando. — É o monstro dos tentáculos mandando os *fuckboys* racistinhas assediarem você na internet? Tipo, é assim que terror lovecraftiano *funciona* agora? Porque... eu não consigo...

Bronca apenas a abraça. É do que as duas precisam naquele momento.

Então elas escutam passos descendo as escadas e um dos residentes abre a porta. É Yelimma, a escultora de vidro com o ex-marido abusivo. Ela segura um taco de baseball de alumínio nas mãos. Dois outros residentes, ambos jovens na casa dos vinte anos que não têm onde morar, se acotovelam atrás dela, espiando Bronca. Yelimma olha dos Alt Artistes espalhados pelo chão para a nítida angústia de Veneza. Suas narinas se inflam. Bronca depressa gesticula negativamente com a cabeça, embora não tenha certeza de quais são as intenções de Yelimma, ou do que ela está dizendo para que Yelimma não faça. Ela espera que seja Não Use O Taco, ou pelo menos Não Ainda.

— Ligue para a polícia — ela diz a Yelimma. — Vou puxar a filmagem das câmeras de segurança para eles.

— Faça uma *cópia* — diz Veneza, exasperada. Ela está melhor, embora seus olhos estejam vermelhos e ela ainda esteja nervosa. — Tá doida? Faça uma cópia e uma cópia de backup e uma cópia de backup oculta. Se a polícia levar as originais, você nunca mais vai ver as filmagens.

— Não tenho tempo pra tudo isso — começa Bronca, e é claro que, assim que ela diz isso, Veneza emite um som indignado e sai em direção à mesa de recepção.

— Ligue você para a polícia, então — diz ela a Bronca. — *Eu* vou garantir que eles não vão zoar a evidência em vídeo. Yelimma, dê uma surra nos Artistes se eles falarem alguma gracinha. — Então ela se vai.

Yelimma se aproxima com uma expressão amarga.

— Você está bem?

Bronca, que fechou os olhos por um instante para se desvincular do espírito marcial de seu distrito que estava pronto e à espera, respira fundo lentamente e em seguida assente.

— Estou. — Surpreendentemente, apesar dos pesares. Mas ela está bem.

A polícia demora a porra de uma hora para chegar. Ainda é o sul do Bronx, afinal. A essa altura, um dos Artistes — Doc — volta a si, embora pareça confuso e chapado mais do que qualquer outra coisa. Ele se senta apoiado na parede, estremecendo, enquanto Yelimma o supervisiona com uma atenção impassível adquirida ao longo da vida. Ele diz que está com frio repetidamente, e pergunta como chegou até ali. Bronca suspeita que qualquer coisa que a Mulher de Branco tenha feito com ele pode ter afetado sua memória, mas ela ao mesmo tempo sabe que a Mulher de Branco não poderia ter usado Doc e companhia a menos que houvesse algo de simpatizante, algo sincrônico, entre eles. Então, embora o Coque Samurai possa na verdade estar em estado de coma ou em estado catatônico, em vez de apenas inconsciente, Bronca não consegue sentir muita compaixão por ele. Ela só espera que ele não morra em sua galeria.

Quando os policiais finalmente chegam, tentam convencer Bronca a não dar queixa. Os Artistes são garotos brancos bonzinhos de

famílias com boas conexões, aparentemente, pegos invadindo um lugar por um monte de mulheres racializadas; é óbvio que os policiais querem evitar dor de cabeça com os advogados daquelas famílias ou com a imprensa. Veneza entrega a eles um pen drive com a filmagem que mostra os três rapazes abrindo a porta corrediça do Centro com um pé de cabra — a única porta que estava fora do sistema de alarme, porque um sensor deu defeito, o que de alguma forma eles sabiam. A filmagem mostra os rapazes entrando de fininho, um deles visivelmente carregando uma lata de líquido inflamável. Veneza também colocou no pen drive fotos datadas que ela tirou do Salão Murrow, bem como das pinturas empilhadas e vandalizadas com caneta. Bronca se certifica de que os policiais sintam o cheiro do líquido inflamável, ainda muito perceptível no papel absorvente das fotos. Um dos policiais resmunga alguma coisa sobre como Bronca iria interferir nas investigações se compartilhasse essas filmagens em algum lugar — tipo na internet ou com a imprensa. Bronca sorri

— Se vocês e os promotores cuidarem do assunto como devem, não precisaremos fazer isso.

Eles finalmente levam os Artistes em algemas de plástico, ou, no caso de Coque Samurai, em uma maca de ambulância.

A essa altura, já está amanhecendo. Os residentes já acordaram e cada um faz o que pode para ajudar a recuperar o Centro. A pedido de Bronca, eles penduram o autorretrato do Anônimo novamente, apesar dos danos. É preciso mais do que um marcador permanente pra destruir algo tão estupendo. Veneza vai buscar donuts e café, e quando a notícia da invasão começa a se espalhar pelas redes sociais, outros artistas e benfeitores do distrito

começam a aparecer, trazendo consigo vassouras e ferramentas. Um rapaz aparece com o caminhão da oficina do tio, que é metalúrgico, trazendo vários portões de ferro trabalhado. Ele tira medidas e resmunga, mas eventualmente consegue encaixar um para substituir a porta que foi arrombada. Vai ficar melhor do que qualquer coisa que o Centro poderia bancar. Ele faz a instalação de graça.

Quando Bronca finalmente fecha a porta e tira um momento para se sentar em seu escritório bagunçado, ela cobre o rosto com as mãos e chora baixinho.

Então alguém bate na porta, e ela sabe que só pode ser uma emergência ou um dos estranhos que estão no Centro nesse momento, porque a equipe sabe que não deve incomodar Bronca quando a porta está fechada. Esfregando os olhos com o punho, ela pega um lenço de papel para assoar o nariz e grita, abafadamente:

— Que foi?

A porta se abre e três pessoas estão ali paradas. Mesmo se Bronca não estivesse em carne viva por dentro, ela os reconheceria pelo repentino e quase doloroso ressoar de familiaridade que percorre sua alma. Eles são os seus, são companheiros de batalha, são os fragmentos que faltavam de sua essência. São Manhattan, Brooklyn e Queens, e eles sorriem, ostensivamente eufóricos por terem encontrado Bronca.

— Que porra vocês querem? — demanda Bronca.

TORNE STATEN ISLAND GRANDE NOVAMENTE (MAIOR QUE SÃO PAULO)

Aislyn está de volta ao terraço, contemplando a cidade distante na noite, quando sua mãe quase a mata de susto tocando em suas costas. Ela grita alto o suficiente para que sua voz ecoe pelas casas ao redor e se vira, fuzilando a mãe com o olhar.

— Mãe! Quer me matar do coração?

— Desculpe, desculpe — responde a mãe. — Mas tem certeza de que deveria estar aqui em cima? A crise alérgica que você teve...

Aislyn passou as últimas 24 horas tomando Difenidrin para tentar amenizar a urticária que pegou no terminal da balsa. Já praticamente sumiu e quase não coça mais, mas o antialérgico a deixou com a cabeça enevoada e lenta. Sentar-se no terraço sempre foi um de seus passatempos favoritos, mas com o remédio e a suave e constante melodia da cidade, a experiência se tornou sublime.

— Estou bem, mãe. Está gostoso aqui. O vento está fresquinho, e dá pra sentir o cheiro do porto daqui... — A sensação é tão boa que, em um impulso, ela convida: — Senta aqui. Vem olhar a cidade comigo.

O terraço da residência Houlihan não tem mais do que uma porta de acesso e algumas antenas de satélite, embora seu pai brinque dizendo que é a “cobertura” deles. Aislyn colocou duas cadeiras

dobráveis lá, e sabe que seu pai frequentemente faz uso delas, porque ela tem que recolher as garrafas de cerveja e guardar os binóculos dele sempre que sobe. Mas essa é a primeira vez que sua mãe vai até lá, então ela observa com certo interesse enquanto Kendra (é assim que ela se refere a sua mãe desde a adolescência, porque é como seu pai a chama) se acomoda cautelosamente em uma das cadeiras. A cadeira range e deita um pouquinho com seu peso, o que faz com que ela dê um gritinho e então comece a rir nervosamente.

— Desculpe — diz Kendra outra vez. — Não gosto de altura.

Mas então ela fica em silêncio, contemplando a paisagem urbana. Aislyn fica satisfeita em ver o rosto de sua mãe relaxando, cada vez mais contemplativo. Manhattan é assustador de perto — e, aparentemente, todo nervosinho —, mas, dessa distância, é como contemplar uma pedra preciosa.

Elas ficam sentadas ali em um silêncio confortável, até que a mãe pergunta:

— E então, você foi até a cidade ontem?

Aislyn se sobressalta e seu coração fica apertado, embora ela não saiba o porquê.

Não consegue entender sua mãe. Kendra é basicamente uma versão mais velha dela mesma, de cabelos pretos, esbelta, tão pálida que algumas vezes sua pele exibe um tom esverdeado. Com frequência Aislyn se pega desejando ser tão bonita quanto sua mãe quando crescer, já que Kendra tem imperceptíveis fios brancos e pouquíssimas e delicadas rugas, mesmo estando na casa dos cinquenta. Irlandeses de cabelos e olhos escuros envelhecem bem. No entanto, Aislyn não quer ter os olhos da mãe. Toda a idade de

Kendra vive neles, não em rugas, mas em constantes e súbitas piscadas e um arrastado e abatido cansaço. Antigamente, quando era adolescente, Aislyn achava sua mãe tapada. Mas com o tempo compreendeu que as mulheres algumas vezes precisam fingir ser tapadas para que os homens ao seu redor possam se sentir mais espertos. A Aislyn adulta precisou fazer a mesma coisa com cada vez mais frequência conforme foi ficando mais velha. Então ela e sua mãe estão finalmente começando a se tornar amigas... mas é algo frágil, como qualquer amizade que nasce em meio ao estresse. E sua mãe nunca havia invadido um território considerado por Aislyn tão inviolavelmente seu.

Ela se remexe, tentando disfarçar seu desconforto, mas a velha cadeira de praia a entrega, rangendo alto.

— Como você sabe?

Kendra dá de ombros sutilmente.

— Você normalmente vai fazer compras de carro. O ônibus é muito lento. Mas a polícia de Nova York fotografa placas de carro no terminal da balsa.

E seu pai quase descobriu mesmo assim, por causa de seu ataque de pânico. Aislyn suspira em frustração cautelosa.

— É que...

E então ela não consegue pensar em mais nada para dizer. Sua mãe também viveu por quase toda sua vida em Staten Island. Como Aislyn poderia dizer a ela *eu só queria deixar você, meu pai e tudo o que eu conheço para ir até a cidade com a qual vocês me disseram por anos e anos para tomar cuidado?* E para quê? *Para conhecer completos estranhos que são parte de mim, parte de Nova York, e*

eu sou parte de Nova York, não acho que eu queira ser, mas eu sou

—

Então Kendra faz com que a imagem que Aislyn tinha dela, e sua percepção de si mesma, desmorone com uma só frase.

— Estava torcendo para que tivesse conseguido ir — diz ela em voz baixa.

Aislyn se sobressalta, perplexa, e faz um movimento brusco que inclina a cadeira para trás. Ela olha para a mãe. Kendra exhibe mais um de seus sorrisos cansados, embora não olhe para Aislyn. Ela mantém o olhar na cidade.

— Queria ser pianista quando eu era jovem — conta ela, deixando Aislyn ainda mais atônita. — Eu tinha muito talento. Ganhei uma bolsa para a Juilliard e tudo. Não teria que pagar por absolutamente nada além do transporte para ir e voltar. — Ela suspira suavemente. — Quero dizer... Eu tinha *muito* talento mesmo. Eu era incrível pra caralho.

Aislyn consegue contar nos dedos de uma mão as vezes em que sua mãe disse um palavrão em toda sua vida. Mas esse não foi o detalhe que mais a chocou.

— Hum... Eu nunca vi você encostar em um piano. Você nem sequer ouve música no rádio. Só quando o papai ouve.

Kendra sorri. É um sorriso contido, apenas com um dos cantos da boca, enquanto o resto de seu rosto permanece com suas feições fúnebres e inertes de sempre. Ela não responde.

Aislyn não consegue acreditar.

— Porque... seus pais te proibiram?

Seus avós maternos já faleceram, infarto para o vovô, câncer de fígado não diagnosticado para a vovó, mas Aislyn se lembra de que

eram muito conservadores. Católicos fervorosos que não comiam carne às sextas-feiras. A memória mais vívida que Aislyn tem deles é de uma conversa com a avó, em que ela disse como Aislyn deveria se vestir e se portar se quisesse encontrar um bom marido. Aislyn tinha sete anos quando ela morreu.

— Eu estava grávida, filha. Me casei com seu pai menos de um mês depois de saber que tinha sido aceita.

Aislyn conhece essa história: Conall, o irmão que ela deveria ter tido, mas não teve devido a um aborto espontâneo. É claro que ninguém realmente sabe se Conall seria mesmo um garoto. Ele não passava de uma bolinha com nadadeiras quando foi pela sombra. Mas, quando seu pai bebe, ele fala sobre o que poderia ter tido: um companheiro de guerra que ajudaria a família a enfrentar esse mundo terrível, em vez de uma filha que é apenas outra coisinha inútil que precisa ser protegida.

Aislyn sabe que a ideia de uma mãe que trabalha é um anátema para seus pais. Mas já que Conall... não chegou a existir, e sua mãe portanto só teria sido uma esposa que trabalha, Aislyn não compreende.

— Mas você ainda podia ter ido. Não podia? Já que...

Quando o assunto é Conall, ela pisou em ovos por anos. Ainda é um motivo de sofrimento para seu pai. Sua mãe guarda seus sentimentos sobre o assunto para si porque, como ela sempre disse a Aislyn, é o que as mulheres precisam fazer algumas vezes.

— Eu tinha a intenção de ir. Seu pai não ajudava muito em, bom, em nada, mas eu estava decidida a encontrar uma forma de fazer funcionar. — A mãe sorri de novo. O sorriso de um lado só, menos

de um terço de seu rosto. Seu olhar está distante, em algum lugar muito além da cidade. — Por isso fiz o aborto.

Aislyn fica boquiaberta.

— Mas ele ficou tão inconsolável depois daquilo que eu... — Kendra suspira e seu sorriso esmorece. — Eu decidi que seria justo que eu abrisse mão de alguma coisa também.

Meu Deus. Aislyn engole em seco tentando encontrar algo para dizer.

— Nunca contou para o papai?

— Por que eu contaria?

Muitas respostas estão resumidas nessa simples frase. Por que ela contaria para um homem conservador tão desesperado por um primogênito que ela abortou seu filho? Por que dizer ao marido que tinha sido culpa dele, por forçá-la a escolher entre um sonho e outro? E também há a questão de como ele teria reagido.

Aislyn se remexe na cadeira novamente se dando conta de que se afastou ligeiramente de sua mãe. Não foi intencional. É só que... muita informação.

Mas sua mãe ainda não terminou.

— Então estava torcendo pra que você conseguisse sair. Pensei que ao menos uma de nós deveria, não sei, conhecer o mundo? Ter novas experiências. Por isso pedi aqueles guias de faculdades na cidade.

Há uma sombra de angústia em seu rosto. Aislyn olha fixamente para a mãe outra vez, em choque. Os guias causaram muita dor de cabeça a Aislyn. Seu pai deduziu que ela os havia solicitado, e passou a noite inteira falando sem parar sobre como a cidade era horrível, sobre tudo o que ele havia sacrificado para mantê-la em

segurança, e sobre como isso era uma escolha dela, é claro, mas ele esperava que ela tomasse decisões sensatas. Uma semana mais tarde, ela se matriculou na Faculdade de Staten Island.

— Meu Jesus — murmura Aislyn, e então se retrai, percebendo que disse algo inapropriado. Sua mãe sempre repreende seu pai por blasfemar quando ele diz a mesma coisa.

— Pois é. Foi uma ideia de merda, não foi? — diz a mãe. Certo, Aislyn vai ter um derrame a qualquer momento. — Me desculpe.

Sua mãe finalmente se levanta, virando-se para Aislyn. Subitamente Aislyn começa a imaginar uma versão diferente de sua mãe: ainda a mesma mulher, ainda delineada pelas luzes distantes da cidade — mas usando um elegante vestido preto, seu cabelo com um penteado charmoso em vez de preso em um coque bagunçado na nuca. Ela a imagina vestida como as pianistas clássicas que já viu na TV. Seu rosto teria menos linhas de expressão, decide Aislyn, observando a estranha que havia sido sua mãe por trinta anos. Ela teria olheiras menos escuras, se é que as teria. E seus olhos seriam apenas bonitos, em vez de bonitos e exaustos e tristes.

Então o momento se vai e Kendra é apenas Kendra outra vez.

— Não fique aqui — diz ela a Aislyn. — Não fique... se a cidade te chama, Lyn, ouça. E vá.

Então, após uma palmadinha carinhosa no ombro de Aislyn, ela se encaminha para a porta do terraço. Aislyn continua sentada por mais uma longa hora, encarando não a cidade, mas a porta pela qual sua mãe saiu.

Ao descer, Aislyn percebe que há outra pessoa na sala de jantar com seu pai. O que, por si só, é muito estranho; o pai de Aislyn não gosta de intrusos em seu território. Mas quando ela olha pela porta para ver quem é, fica surpresa em ver seu pai sentado à mesa com um homem provavelmente da faixa etária dela, cuja aparência grita antifa. Ou comunista, ou maconheiro, ou qualquer outro nome que Matthew Houlihan já tenha dado a jovens que se vestem daquela maneira. O rapaz usa óculos retangulares de armações pretas e tem um extravagante bigode vintage, torcido e encerado nas pontas. Seus braços — aparecendo por baixo de uma camisa de botão de mangas curtas sobreposta por suspensórios, o tipo de roupa que seu pai chamaria de “gay” em outros homens — exibem bíceps modestos e tantas tatuagens que Aislyn não consegue definir muito bem nenhuma delas. Ele está sentado próximo a seu pai, mostrando algo a ele na tela de um tablet; o que quer que estejam vendo faz com que ambos deem risadinhas abafadas como dois garotos no encontro dominical de catecismo. Seu pai, um homem grande dos pés ao cocuruto que já dá indícios de calvície, tem literalmente o dobro do tamanho do rapaz. É como ver um bulldog rindo das piadas de um dachshund.

Então os dois erguem os olhos e percebem que estão sendo observados por Aislyn. Seu pai imediatamente abre um largo sorriso e gesticula para que Aislyn entre no cômodo.

— Ei, Maçãzinha, venha aqui. Quero que conheça um amigo meu.

Aislyn entra, tentando não franzir as sobrancelhas para ser educada, mas... seu pai não tem amigos. Ele tem “uns caras do trabalho” que também são policiais — e a maioria deles, a julgar pelos comentários do pai, são, antes de mais nada, vistos como

rivais para o cargo de investigador de polícia ao qual ele almeja desde que Aislyn consegue se lembrar. Mas eles saem para beber e de vez em quando vão a jogos juntos, o que parece preencher satisfatoriamente a lacuna das amizades para seu pai a ponto de ele nunca ter buscado nada diferente. E agora ali está ele.

— Esse é Conall McGuinness — diz ele, sorrindo. Aislyn não consegue controlar sua surpresa ao ouvir o nome e seu pai ri ao vê-la arregalar os olhos. — É um bom nome irlandês, não? Sempre gostei desse nome.

Conall também ri.

— Coisa do meu pai. — Matthew dá risada, dando tapinhas nas costas do rapaz, enquanto ele se volta para Aislyn. — Muito prazer em conhecê-la, Aislyn. Ouvi muito sobre você.

— Hum, espero que bem — Aislyn brinca mecanicamente, tentando não deixar transparecer seu nervosismo.

Ela ficou melhor nisso desde criança, quando simplesmente ficava paralisada diante de estranhos, sem conseguir falar nada — mas ela ainda não é *boa* nisso. Seu pai sabe, e geralmente a avisa com bastante antecedência antes de trazer alguém estranho para casa.

— Prazeremconhecêrvocê também, obrigada. — E porque ela está morrendo de curiosidade, ela pergunta ao pai: — Ele, hum, trabalha com você?

— Trabalho? Ah, não.

Seu pai ainda sorri, mas no mesmo instante Aislyn sabe que ele está mentindo. Mas qual é a mentira? Conall não parece um policial. Ele não passa a *sensação* de ser um policial, embora o escopo do radar de policiais de Aislyn seja compreensivelmente limitado. Mas talvez Conall seja amigo de policiais em geral.

— Estamos trabalhando num negócio juntos, querida.

— Um hobby — explica Conall, então ele e o pai de Aislyn começam de novo com as risadinhas juvenis. Aislyn não faz ideia do que é tão engraçado.

Quando voltam a ficar sérios, Conall é a personificação da gentileza.

— Maçã. Que bonitinho. Imaginei que você teria um apelido que tivesse a ver com Aislyn. Sonho, sonhadora, algo assim, sabe?

Esse é o significado do nome de Aislyn em gaélico, ela descobriu em um livro quando era criança.

— Você é mesmo um verdadeiro filho da Irlanda, hein. — Conall exibe um sorriso. O pai de Aislyn concorda com um movimento de cabeça, e completa: — Maçã porque ela é minha maçãzinha aqui na Big Apple. Comecei a chamá-la assim quando ela era pequena e ela adorou.

Aislyn sempre detestou o apelido.

— Você quer, hum, comer ou beber alguma coisa, Conall? Pai?

— Estamos tranquilos, meu bem. Mas, ah, Conall, Aislyn é uma cozinheira de mão-cheia. Ela cozinha melhor do que a mãe. Kendra! — O grito inesperado faz com que Aislyn dê um salto de surpresa, mas, dessa vez, seu pai não está zangado. Kendra aparece imediatamente, e Matthew gesticula distraidamente em direção aos fundos da casa. — Ajeite o quarto de hóspedes, amor, Conall vai ficar conosco por uns dias.

Kendra assente e acena com a cabeça para Conall em vez de cumprimentá-lo. Então ela hesita.

— Mas Lyn e eu já comemos.

E as sobras já foram guardadas, caso Conall esteja com fome. Também é um comentário ao fato de que Matthew chegou mais tarde do que o normal hoje.

O sorriso de Matthew desaparece quase que instantaneamente e o estômago de Aislyn se contrai na mesma velocidade.

— Por acaso perguntei quando você comeu?

Ela é tomada por alívio quando Conall endireita a postura, chamando a atenção de seus pais para si.

— Obrigado pela hospitalidade — diz ele a Kendra com um sorriso charmoso. — Uau, o Matt não exagerou, sra. Houlihan, você é mesmo muito bonita.

Kendra fica surpresa. E o pai de Aislyn — que normalmente *odeia* ser chamado de Matt — ri e mais uma vez dá palmadas amistosas em Conall.

— Tentando bajular minha esposa, hein? Espertinho. — E, fácil assim, tudo voltou a ter graça.

Aislyn olha para Kendra sem ter exatamente a intenção de fazer isso. Ela aprendeu ao longo dos anos que não pode *parecer* que sua mãe e ela estão do mesmo lado, mesmo que estejam. Mas Kendra parece tão confusa quanto ela. Ela vai preparar o quarto de hóspedes e Aislyn decide bater em retirada também.

No entanto, ao se virar para sair do cômodo, um rastro de movimento chama sua atenção. Em um sobressalto, ela olha para trás com um brusco movimento de cabeça, franzindo a sobrancelha. Conall e seu pai estão novamente prestando atenção em qualquer coisa no tablet, e baixaram as vozes para continuar a conversa. Como melhores amigos. Tudo anormalmente normal. Mas que movimento foi aquele?

Ali. Bem na nuca de Conall. Há uma coisa longa e fina e branca em algum ponto entre a sexta ou sétima vértebra de sua cervical, logo acima da gola engomada de sua camisa. Uma das estranhas gavinhas que a Mulher de Branco estava colocando nas pessoas e nas coisas.

Conall olha para cima novamente e ergue as sobrancelhas ao ver Aislyn olhando para ele.

— Alguma coisa errada?

— Não, nada — responde Aislyn, automaticamente. Então ela faz um gesto que lembra um até logo antes de ir depressa para seu quarto no andar de cima

Às três da manhã fica claro para Aislyn que ela não vai pregar o olho. Como nas crises de insônia anteriores, ela se levanta e se dirige até o quintal. Não há nada lá além da piscina, instalada por seu pai há dez anos e utilizada por Aislyn duas vezes, talvez. (Não que ela não goste de nadar. Ela apenas não suporta a ideia de que alguém possa lançar olhares impróprios ao seu corpo no maiô — mesmo que haja uma cerca de madeira de três metros cercando todo o quintal. Não é racional, assim como seu medo da balsa de Staten Island também não é.)

Mas, embora a piscina seja inútil para nado, quebra o galho para meditação — se é que ficar triste ao lado da piscina de pijamas e pantufas de pelúcia de golfinhos conte como meditação. Dessa vez, no entanto, ela está lá há cerca de cinco minutos, pesarosamente contemplando o chamado da cidade, distante e cada vez mais desesperado, quando algo se mexe ao seu lado. Ela dá um pulo e

se vira, encontrando Conall, o convidado do pai, sentado em uma espreguiçadeira de piscina a menos de dois metros de distância.

Ele esteve lá esse tempo todo, percebe Aislyn, um pouco constrangida; ela estava tão absorta nos próprios pensamentos que não percebeu. Seu rosto está cansado. Ele boceja e olha para ela. Uma de suas bochechas ficou marcada pelo material da espreguiçadeira; ele deve ter dormido. Há saliva seca em um dos cantos de sua boca.

Aislyn não consegue achar isso engraçado porque está ligeiramente estarrecida diante do fato de Conall estar vestindo apenas a calça de um pijama velho de seu pai. Ele tentou dobrar a calça, mas continua enorme para ele. Por estar sem camisa, Aislyn vê seus braços bronzeados em contraste com o peito pálido, que, assim como sua barriga, está coberto por tatuagens muito menos ambíguas que as de seus braços. Uma delas é mais antiga: um nó celta muito bem-feito, sobre o qual os números 14 e 88 foram gravados em traços irregulares e mais amadores. Ela se lembra de já ter lido algo sobre esses números, e, embora não consiga se lembrar do que significam exatamente, acredita não ser nada de bom. Algumas das tatuagens são silhuetas semicompreensíveis do que parecem deuses escandinavos? Eles são muito musculosos. Parte de Aislyn está levemente ofendida pela mistura de coisas nórdicas e celtas, já que os Vikings foram invasores — mas é a tatuagem em seu peitoral esquerdo que a deixa tensa. Ali, bem sobre o coração, há uma suástica traçada em linhas grossas. Então talvez esse não seja um bom momento para discutir coisas desimportantes como metáforas mitológicas.

Conall ri.

— Bom, você não saiu correndo e gritando. Seu pai disse mesmo que você era uma verdadeira filha da ilha.

— O que a Irlanda tem a ver com... — Aislyn gesticula em direção à suástica.

— Tem a ver que não há muitas garotas como você por aí, fazendo as escolhas certas.

Ele se abaixa e só então Aislyn vê as garrafas ao lado da espreguiçadeira. A marca de cerveja favorita de seu pai. Além delas, há um cantil de metal cercado por garrafinhas em miniatura contendo destilados mais fortes. Todos parecem estar vazios. Aislyn não consegue ver a gavinha branca daquele ângulo. Poderia a Mulher de Branco observá-la através dela? Seria ela parte dele, de alguma forma? Aislyn está tentando encontrar uma forma de perguntar *ela contou o nome dela pra você também?* quando Conall coloca a garrafa no chão e pergunta do nada:

— Já deu pra um cara preto?

— O qu... — Sua mente congela. Isso não faz sentido em nível algum, que ele pergunte tal coisa a uma estranha, que pergunte isso *a ela*, entre todas as pessoas, que pergunte isso à filha de um suposto amigo, que ele use esse conjunto de palavras naquela ordem. — *O quê?*

— Ah, você sabe. Já brincou no trepa-trepa? Já afogou o ganso?

Ele ri da reação dela. Como se fosse a coisa mais engraçada do universo.

— Só quero dizer — continua ele — que se seu pai está tão empenhado em arranjar você pra mim, e ele está, que eu deveria pelo menos saber que tipo de mercadoria estou levando pra casa, não deveria? Digo, você é uma garota bonita, mas é de Staten

Island. — Ele sorri de modo malicioso, como se isso significasse alguma coisa específica. — Só estou perguntando quem, hum, alargou você. Quem arrombou você.

Os olhos de Conall se movem pelo corpo de Aislyn enquanto ele fala. Ela de repente sente que sua camiseta grande e velha e a calça gasta de pijama de golfinho são o ápice da indecência. Ela deveria ter vestido um roupão. Por isso ele está falando com ela dessa forma, porque ela está vestida feito uma puta. Ela deveria ter —

Ele ri outra vez, agora de maneira descontraída e amigável.

— Calminha, calminha. Tô tirando onda com você. Tentei dizer ao seu pai que você não é bem meu tipo, maaaaaaas... — Ele pega o cantil, que está aberto, e toma um gole, fazendo uma careta como se o líquido tivesse queimado sua garganta ao engolir.

Ela precisa sair dali. Ele é nojento e está bêbado. Mas as palavras estão, na verdade, começando a deixá-la furiosa, agora que o choque passou e ela enxerga melhor a situação. Ela está em sua própria casa, ele é uma visita, e fala com ela dessa maneira?

— Eu definitivamente não sou seu tipo — diz ela.

Então dá as costas para ele — mas não vai embora, porque se recusa a causar a impressão de que está fugindo dele, mesmo que queira fazer isso.

Ele ri debochadamente. É enfurecedor.

— Ahhhh, ei, ei, Ais. Desculpe. Amigos, beleza? Vamos ser amigos. Ei, quero te mostrar uma coisa.

Quando ela se recusa a se virar, ele se mexe, fazendo com que a espreguiçadeira se arraste no concreto. Isso faz com que Aislyn se vire num salto, porque parte dela de repente está com medo de que

ele vá se levantar e... O quê? Agora ela está sendo irracional. Seu pai é policial e está a um grito de distância; Conall não se atreveria. Mas Conall ainda está na espreguiçadeira. Está mais esparramado sobre ela, na verdade, afastando as pernas e plantando o pé no deck da piscina, e... e aquilo não é uma garrafa fazendo volume em sua calça. Aislyn recua e começa a ir embora, enojada e com o rosto queimando.

Conall segura sua mão quando Aislyn passa por ele, para surpresa dela.

— Quer mesmo ir?

— Me larga — ordena ela, rispidamente.

— Olha só, Ais — diz ele. Ele abaixa o tom de sua voz, que agora soa grave e persuasiva. — Nós dois sabemos que você vai morrer nessa casa a não ser que algum cara case com você e te tire daqui.

Aquilo. Aislyn congela. Aquilo é.

Ele identifica a confirmação aterrorizada da realidade em seu rosto e sorri.

— E nós dois sabemos que você nunca fez *nada* com cara *nenhum*, muito menos com um cara pauzudo de verdade. Eu conheço seu tipo. Garotas católicas boazinhas, medrosas demais pra fazer qualquer merda. Posso te contar um segredo? Ninguém gosta de virgens, Ais. Não faz de você pura ou especial, só uma foda meia-boca quando alguém finalmente consegue. — A mão dele, apertando a dela o suficiente para que Aislyn vá ter que se esforçar para se desvencilhar, a puxa um pouco mais para baixo. — Menininha do papai, morando com os pais. Nunca teve um namorado. Mas você *quer* ir embora, não quer? Você sonha em ter

uma vida de verdade. Quer sair dessa bosta de ilha. Ser alguém. Não é?

— Me solta — repete Aislyn, mas dessa vez é um pedido sem força porque o que ele disse tocou em um ponto sensível.

Além disso, ela está tremendo, e odeia isso porque ele pode sentir. Mas ela fica surpresa quando percebe, em uma súbita epifania, não estar tremendo de medo. Ele disse muitas coisas verdadeiras, mas

essa bosta de ilha?

A mão dela tem um espasmo sob a dele, e Conall reforça o aperto como resposta. Ele acha que ela está tentando escapar. Ela não está.

Bosta?

— Essa aqui é sua passagem — ele diz, investindo o quadril para que sua ereção salte de maneira sugestiva. — Seu pai me aaaaama. Mas você não quer mais ser dele, não é? Seja uma mulher independente; chupa meu pau. Ou podemos até começar a providenciar uns netos pra ele, se quiser. Tem leite quentinho pra você. — Ele sorri e leva a mão até o cordão da calça, tentando puxá-la para baixo. — Mas se estiver muito decidida com o lance da virgindade, anal também serve. Não dói nadinha. — Ele ri.

Ele é repulsivo. Aislyn não consegue entender por que seu pai fez amizade com um ser assim, por que o trouxe para casa, por que o colocou debaixo de seu teto. Ou talvez parte dela esteja especialmente abalada porque consegue, sim, compreender a razão: porque, em algum nível, seu pai é esse cara. Ela não consegue imaginar Matthew Houlihan sendo grosseiro dessa forma com sua mãe, do contrário seus avós maternos jamais teriam

permitido que Kendra se casasse com ele — mas debaixo da aparência de respeitabilidade tradicional de seu pai ele também é um beerrão bruto e controlador. É claro que Aislyn ama o pai, mas Conall está certo em uma coisa: durante toda sua vida, Aislyn precisou lutar e se desdobrar para manter firme sua propriedade emocional. Se ela não for embora dessa casa logo, seu pai tomará posse de tudo e dobrará o valor do aluguel para qualquer coisa que ele não queira que ela sinta.

No entanto, Conall está muitíssimo errado sobre uma coisa importante. Ele pensa que a garota dócil e tímida que seu pai descreveu e a quem ele agora aterroriza é o único lado de Aislyn. Mas não é.

O resto dela? O resto dela é tão grande quanto uma cidade.

— Eu *te disse* — diz ela a Conall, finalmente libertando sua mão com um puxão — para *soltar*.

Quando ela diz a última palavra, uma esfera de força pura toma forma, como uma bolha surgindo da pele de Aislyn. A esfera pressiona Conall contra a espreguiçadeira e — enquanto ele ofega, em choque — o ergue junto com o assento e os arremessa do outro lado do deck da piscina. O homem e o móvel se chocam contra a cerca em meio a um estrépito de estilhaço, estalo de madeira se quebrando e um sufocado e atrasado “Que *porra* é essaaaa?”.

Aislyn endireita a postura, seus olhos viajam até as câmeras nos cantos da área da piscina.

— “Tudo o que acontece em outros lugares acontece aqui também” — murmura ela, depressa. É o lema favorito de seu pai. — “Mas aqui as pessoas ao menos tentam ser decentes. *Tentam ser decentes.*”

Algo reverbera em seu entorno. Uma mudança de percepção. A luz de gravação das câmeras pisca debilmente. Conall se esforça para ficar de pé, coberto de folhas do evônimo dos vizinhos e pedaços de madeira partida da cerca. Ele encara Aislyn com uma expressão que parece ser de terror e ela o olha de volta, ferozmente.

— Eu não estive aqui — fala ela, bruscamente. Então passa por cima da bagunça que ele deixou e sai do quintal.

Ela não sabe para onde está indo. Não importa para onde está indo. Ela está sem dinheiro e sem documentos e não poderia ir muito longe de qualquer forma, já que está usando pantufas de pelúcia em formato de golfinhos. Mas enquanto caminha, seus membros se movendo com eficiência precisa e enérgica e sua mandíbula cerrada de tensão, ela sente a ilha, sua ilha, modificando a percepção ao seu redor. Ninguém nota ou presta atenção em uma mulher sozinha caminhando no meio da rua (sua rua não tem calçadas). Não é que não a vejam, os motoristas dos carros que por ali passam ou os vizinhos que por acaso olham pela janela após ouvir um barulho vindo da casa dos Houlihan. Mas, quando eles a notam, outras coisas atraem a atenção deles. Um movimento nas árvores, um carro que passa com o som no volume máximo, um ônibus à distância freando com um ruído estridente. A porta da frente da casa se abrindo e Matthew Houlihan saindo com uma espingarda de cano serrado em uma das mãos e se dirigindo para o local do quintal onde a cerca foi destruída. Ele também não vê Aislyn, embora ela esteja a apenas cerca de seis metros de distância naquele momento. Ele vê o que ela quer que ele veja. Tudo o que acontece nos outros lugares acontece em Staten Island

também, mas ali as pessoas tentam não enxergar as indecências, a violência doméstica, o uso de drogas. E então, após negar o que está acontecendo bem debaixo do nariz, as pessoas dizem a si mesmas que ao menos estão vivendo em um bom lugar com boas pessoas. Pelo menos não é a cidade.

E pelo menos Aislyn não está, nesse exato momento, sendo estuprada por um homem em quem seu pai enxerga a si mesmo. Isso, e também o fato de já ter ouvido seu pai zombando de vítimas de estupro, são as razões pelas quais ela não se dá ao trabalho de contar a ele o que Conall fez. Por isso, se seu pai checar a gravação de vídeo das câmeras, verá uma figura indistinta — não Aislyn — perto da piscina iniciar um confronto físico com Conall e então fugir depois de tê-lo arremessado com violência através da cerca. Matthew Houlihan acredita que a maldade vem de outros lugares. A maldade são outras pessoas. Ela vai permitir que ele mantenha essa ilusão, principalmente porque inveja a capacidade dele de encontrar conforto em perspectivas de mundo simples, em preto e branco. A capacidade de Aislyn de fazer o mesmo está rapidamente erodindo.

Por isso ela para na esquina de ombros tensos, cabeça baixa e punhos cerrados. Ela respira fundo e preenche os pulmões com ar, tentando se controlar, tentando não chorar. É tarde o bastante para que as ruas da vizinhança estejam silenciosas. Um carro passou há pouco e tem outro vindo, mas está a quase dois quilômetros de distância. Ali nesse silêncio liminar, Aislyn pode sentir medo e raiva e ódio de todas as forças que conspiraram para torná-la o que ela é. Ela pode desejar algo melhor. Ela pode até—

O segundo carro que vinha pela rua a alcança. Ele vem devagar e, ao se aproximar, desacelera ainda mais. O carro finalmente para bem ao seu lado e o motorista se estica para descer o vidro do passageiro. Aislyn enrijece, preparando-se para o assédio ou para a importunação.

O homem dentro do carro é violentamente magro, de cabelos pretos, e alguma coisa diferente de caucasiano. Ele prende com firmeza um cigarro aceso entre os lábios e a encara por um momento. Então pergunta:

— Staten Island?

Ela endireita o corpo com um sobressalto — e por um instante o mundo fica diferente. Prédios de vários andares correm em sua frente, há um ônibus guinchando entre eles, docas e píeres se eriçando em uma configuração defensiva. Diante dela ergue-se uma silhueta de edifícios brilhantes como neon tão imensa e tão tomada por prédios que projeta sobre ela uma sombra. E no momento seguinte é apenas o homem magro de pele marrom outra vez, olhando para ela de olhos cerrados com um olhar cínico e astuto.

— Entre — diz o homem que ela nunca viu na vida. Aislyn começa a andar em direção ao carro sem pensar duas vezes.

No entanto, antes que possa esticar a mão até a maçaneta da porta, há um estremecer sob seus pés e uma transição de realidades ao seu redor — e, de repente, ramos brancos brotam do chão entre ela e o carro, contorcendo-se e chicoteando.

Aislyn para de olhos arregalados e o motorista xinga, dando ré no carro e tentando recuar para longe delas. Crescendo, as gavinhas rapidamente se tornam maiores do que a própria Aislyn. Então elas desviam de Aislyn... e investem em direção ao carro, rapidamente

crescendo em altura para cercá-lo e engoli-lo. Aislyn consegue ouvi-las se debatendo e chiando ao serem chamuscadas quando tocam os chassis do carro.

E quando Aislyn se afasta tropegamente da massa compacta de ramos, a Mulher de Branco a segura por trás, apertando seus ombros e se aproximando para olhar seu rosto.

— Ufa! Ele quase pegou você. Você está bem?

— O quê? Não! Me solta! — Aislyn se desvencilha dela num reflexo. De onde foi que ela saiu?

No mesmo instante, no interior do emaranhado chicoteante de ramos brancos, há um estranho não som — uma vibração, mas com um tom que seus ouvidos não conseguem detectar. Ele consome parte da mata de gavinhas, dissolvendo-as, e então o carro avança com uma guinada e um cantar de pneus. Descontrolado, derrapa e invade o declive coberto de grama da rua principal e finalmente para, com as luzes de freio acesas.

Aislyn mal nota, ocupada tropeçando em suas pantufas de pelúcia na urgência de se afastar da Mulher de Branco. A mulher tem uma aparência completamente diferente da que ela tinha na última vez em que Aislyn a viu, há dois dias, no terminal da balsa. Dessa vez ela usa um conjunto de ginástica, o que mostra que é muito mais rechonchuda e também mais baixa, e seu cabelo — com luzes aqui e ali de castanho-avermelhado desbotado — agora está na altura do ombro em um corte de mãe em tempo integral classe média. Seu rosto... *não é da mesma mulher*, Aislyn percebe com um arrepio de choque. Essa é uma pessoa completamente diferente. E ainda assim... ela também é a Mulher de Branco. Todos os instintos no corpo de Aislyn a identificam como a mesma mulher de antes.

Mesma energia maníaca. Mesmos olhos brilhantes efusivos demais, enquanto ela mantém as mãos erguidas como se estivesse tentando apaziguar uma criatura arisca.

(A mente de Aislyn pensa em um nome, mas se esquivava antes que consiga lembrar as três sílabas. Ou eram duas? Três sílabas arrastadas, talvez. Começa com R. Rosie. Ela vai ficar com Rosie.)

Não importa.

— Fique longe de mim — vocifera Aislyn.

Ela treme. Em sua mente, ainda vê a delicada gavinha branca na nuca de Conall. Antes ela as achou bonitas, mas a mulher tinha dito que podia ver o que acontecia através delas. Isso significa que ela viu — e não buscou impedir — o que Conall tentou fazer. Aislyn está enfurecida.

— Pensei que fosse minha amiga! Você disse que me ajudaria!

A expressão da mulher se torna genuinamente magoada e confusa.

— É o que estou tentando fazer! Aquele rapaz, ele é outra cidade e eu o odeio, ele machucou vo...

— O *seu* rapaz! — Aislyn se sente idiota. Estaria a mulher assistindo quando Conall a segurou e a convidou para chupar seu pau nazista? Teria ela ficado de braços cruzados porque a situação não envolvia cidades ou distritos ou qualquer outra das coisas bizarras que haviam tomado conta da vida de Aislyn? — Na minha casa! Na minha própria casa! — Por alguma razão, esse é um insulto extra.

Nesse meio-tempo, o homem de pele escura saiu do carro e caminha em direção a elas. Ele é mais alto do que Aislyn havia se dado conta e usa um terno escuro aberto sem gravata. O cigarro

aceso é como um alerta vermelho em sua boca, e, entre os dedos, ele segura um cartão de visita como uma navalha. Ele irradia uma ameaça elegante, e... com um forte calafrio, Aislyn percebe que ele não é ela. Ele não é parte de Nova York. Qualquer que tenha sido o encanto emanado por ele há pouco, o que fez com que ela quase o acompanhasse, já não existe mais. Agora ela só consegue pensar que ele é grande e forte e homem e *estrangeiro*.

Aislyn se afasta dele também. O homem chega ao asfalto e para, do outro lado do tufo de ramos que se agitam de um lado para outro. As gavinhas se crispam na direção dele; o homem inala a fumaça do cigarro e assopra sobre elas sem nem mesmo olhar. Até onde Aislyn pode ver, é só fumaça de cigarro — mas os ramos brancos reagem como se tivessem sido atacados com armas químicas. Elas se esquivam e se afastam dele, guinchando e murchando, e dentro de segundos as remanescentes estão achatadas, mortas e desvanecem rapidamente até desaparecer.

Em meio ao silêncio recém-instalado, os três se entreolham em um triângulo de tensão.

A mulher observa o homem escuro com olhos grandes e furiosos. Sua cabeça está inclinada de lado e Aislyn se espanta ao perceber que a postura dela é defensiva, quase amedrontada.

— Estou ficando de saco cheio de você, São Paulo.

— Chegamos a um entendimento por milhares de anos — diz o homem, que não é um homem. Ela nunca ouviu falar de uma cidade chamada São Paulo. Talvez seja uma cidade africana, ou na Índia? O nome soa exótico o bastante. A pronúncia de *São* usada pela mulher é esquisita também. Soa parecido com “song” arredondada e tocando o fundo da garganta. A mesma musicalidade nasal está

presente no sotaque do homem. — Uma vez que uma cidade nasce, seus ataques *cessam*. Sempre foi assim antes. Sempre foi assim.

A mulher solta um riso curto.

— Ah, por favor. Nunca houve entendimento nenhum. Não é possível que haja entendimento porque sua espécie *não entende nada*.

A expressão de São Paulo é confusa. Ele inclina o pescoço.

— Tente me explicar — sugere ele. — Você nunca tentou; você só tentou nos matar. É claro que íamos revidar! Mas se pode falar, e se você é uma... uma pessoa, então pode explicar o que quer. Talvez a gente não precise se atacar.

A incredulidade estampa o rosto da Mulher de Branco.

— O que eu *quero*? — Seus olhos se apertam e ela ri. — Ah, de vez em quando eu odeio vocês. Individualmente, vocês são agradáveis. Mais do que agradáveis... alguns de vocês são um verdadeiro deleite; tão engraçados e peculiares. Mas há uma coisa que vocês sempre fazem que eu detesto. Você realmente precisava me ouvir falar para saber que sou uma pessoa, São Paulo? As pessoas precisam *protestar* contra as agressões que estão sofrendo pra que você pare?

O homem se enrijece; Aislyn também, ao ouvir a palavra *agressões*. Mas, inegavelmente, lá está, exibida em seu rosto em meio à confusão e à raiva: culpa. Ele fez algo, esse homem escuro e estrangeiro. Algo que achou que tinha o direito de fazer — talvez para aquela mulher, talvez para alguma outra mulher. E, de repente, quer a Mulher de Branco tenha sido cúmplice ou não no que Conall fez, Aislyn percebe que odeia esse São Paulo. Não é pessoal.

Nesse momento, Aislyn apenas odeia todos os homens que se sentem no direito de usufruir de coisas que não deveriam.

Com um olhar furioso, ela se dirige a ele:

— O que você quer?

São Paulo desvia o olhar da Mulher de Branco para focar em Aislyn, nitidamente surpreso com seu tom. Ou talvez ele não esperasse que alguém como ela tivesse voz o suficiente para falar. Talvez ele seja muçulmano ou outro tipo de bárbaro que odeia mulheres.

— Eu vim procurar por você — responde ele. Seu tom se mantém neutro, mas ela percebe que ele está confuso com a pergunta. — Você e os outros. Nova York precisa de sua ajuda para concluir seu amadurecimento.

— Bom, eu não preciso de nenhuma ajuda vinda de você — vocifera Aislyn. — Então pode ir embora.

Ele a encara — e então olha para a Mulher de Branco, seus olhos se estreitando, desconfiados. Como se estivesse tentando descobrir se a mulher de alguma maneira *fez* com que Aislyn dissesse o que acabou de dizer. Como se ele não conseguisse acreditar que Aislyn fosse capaz de falar por si mesma.

E nesse momento a paciência de Aislyn. Se. *Esgota*.

— Seu lugar não é aqui — acusa ela, rangendo os dentes. Seus punhos estão cerrados. — Nem nessa cidade, nem na minha ilha. Não preciso de você. Não quero você aqui!

E por ainda estar em profunda união com seu distrito, após arremessar Conall através da cerca, ainda pulsando com energia e raiva e trinta anos de fúria suprimida que finalmente encontra uma

vazão, Aislyn rejeita São Paulo tão ferozmente quanto rejeitou Conall.

Não deveria funcionar. Ela já viu o outro eu do homem, que é absolutamente grandioso — maior do que Nova York inteira. E, mais importante, ele é completo e poderoso de uma maneira que Nova York não é. E ainda assim. Ela é Staten Island. Ela está em seu solo nativo, onde ele é um intruso, e ele está longe das torres cobertas por um véu de poluição de sua cidade natal. Então a onda de força que Aislyn usou em Conall reverbera adiante mais uma vez. Ela atinge a Mulher de Branco, que grita, jogando os braços para cima, e desaparece repentinamente, tão depressa quanto apareceu. O que fica para trás depois que ela desaparece é uma mulher de meia-idade, atarracada, com um bronzado artificial e cabelo ruivo-avermelhado de farmácia. Ela parece atordoada por um instante, mas em seguida dá as costas para eles e começa a caminhar na direção oposta, ignorando a cena absurda.

Mas isso foi apenas dano colateral, porque a Mulher de Branco não era o alvo de Aislyn. A onda de *seu lugar não é aqui* atinge São Paulo em cheio, e o impacto é muito pior do que o que atingiu Conall — porque Conall era, no fim das contas, apenas um homem. São Paulo voa pelos ares ao ser atingido, como se o poder de Aislyn fosse um lança-chamas invisível, e ela o vê receber o golpe de duas formas ao mesmo tempo. Em um dos planos, ele levanta os braços como se para repelir a fúria de Aislyn, e ela consegue ver os ossos dos seus antebraços se quebrarem pouco antes de ele ser erguido no ar e arremessado na escuridão para além de seu carro estacionado.

Na outra realidade, ela observa de cima quando um terremoto faz estremecer toda a região metropolitana de São Paulo. Prédios antigos desabam, especialmente os construídos em algumas favelas da cidade. Uma avenida de quatro faixas que se estende pelas laterais da cidade se estilhaça como um osso — embora, felizmente, ela não se parta ao meio completamente, o que despejaria centenas de veículo no rio próximo, como em um eco do desastre da Williamsburg. Apesar disso, é bem ruim. Os canais condutores que possibilitam a locomoção diária das pessoas são a força vital de uma cidade. Por dias, doze milhões de cidadãos em São Paulo terão dificuldades para trabalhar, para chegar ao hospital, para se conectarem em toda a miríade de formas que uma cidade precisa para ter saúde e vida.

No outro lugar, ela percebe vigas se tornando borrões e se dá conta de que algo está vindo em sua direção — embora ela tenha a impressão de que, mais do que intenção de machucá-la, este é um reflexo da parte de São Paulo. Pessoas que crescem em meio ao confronto aprendem a revidar mesmo quando estão no chão. Sendo um reflexo ou não, ela recebe o golpe, e no outro lugar Aislyn sente o rasgar das ferrovias urbanas em seu âmago, que a cortam como garras. *Dói*, queima como se algo dela estivesse sendo dilacerado — não órgãos ou tendões exatamente, mas algo tão vital quanto, embora mais existencial. Sua alma, talvez. Ela ofega e dobra o corpo, segurando sua barriga e piscando para afastar lágrimas de dor. Instintivamente, sabe que Staten Island sofreu danos em algum lugar. Sua ilha sente sua dor.

Mas Aislyn ainda está de pé. São Paulo, não.

Aislyn subsistiu por tanto tempo apenas a nível de sobrevivência que as endorfinas e o júbilo da vitória, o sentimento de força mesmo que por um minuto, sobem direto à sua cabeça. Ela começa a rir, apesar da dor em sua barriga, e por um vertiginoso momento não consegue parar. Mas então, lentamente, ela respira fundo uma vez, depois outra, e força a si mesma a se acalmar. Ela soa tão insana quanto a Mulher de Branco. Ela se sente insana. Mas também consegue sentir São Paulo em algum lugar, ferido na escuridão. Com esforço, ela endireita sua postura, respirando por dentes cerrados para suportar a dor, e fala com ele.

— Fica longe de mim. Ou... você vai ver.

Não é a ameaça mais aterrorizante de todas, mas ele não responde. Talvez esteja inconsciente ou aborrecido. Não importa. Ela venceu.

Então Aislyn volta cambaleando para casa, com suas costelas doloridas e sua pele corada e seus pensamentos saltando de um lado para outro como o Patolino em um surto de u-hus. As luzes da casa estão acesas quando ela se aproxima, mas seu pai está no quintal tomando o depoimento de Conall. Mais dois carros de polícia estacionam em sua casa assim que Aislyn cruza o caminho da entrada, mas os homens dentro deles não parecem vê-la enquanto atravessa o quintal. Dentro da casa, a mãe de Aislyn está na porta dos fundos, assistindo a eles. Ninguém pensou em verificar Aislyn, que supostamente está no andar de cima, dormindo em segurança — então ela simplesmente sobe a escada discretamente e vai para seu quarto.

Com uma fresta da janela aberta para que o ar circule, ela consegue ouvir à distância seu pai conversando em voz alta com

Conall. Ele parece pensar que Conall estava bebendo e atirou a espreguiçadeira contra a cerca sozinho. Conall protesta em voz igualmente alta. (*Tô te falando, me atacaram! Era um cara preto e enorme!*) Aislyn está um pouco curiosa para saber como a discussão vai se resolver, embora ela saiba que seu pai em breve vai checar os vídeos da câmera de segurança e verá que o “cara preto e enorme” de Conall na verdade é uma mulher branca de cinquenta e quatro quilos sobregravada pelas ilusões com as quais ela abasteceu a câmera. Parte dela ainda espera que a justiça prevaleça e que seu pai perceba o monstro que Conall realmente é... mas o resto dela sabe como as coisas são de verdade. Seu pai esteve certo esse tempo todo: a única justiça verdadeira é ter força para proteger a si mesmo contra invasões ou sujeição.

— Se a cidade te chamar, ouça — murmura ela para si mesma; são as palavras de sua mãe.

E São Paulo reforçou essa ideia, dizendo que a cidade precisa dela. Mas Aislyn decide nesse momento que vai ignorar o chamado. Seu distrito foi o que a protegeu — não Manhattan ou Queens ou Brooklyn ou Bronx. Staten Island. Tudo de que ela precisa na vida está bem ali. A cidade que se vire.

Com isso em mente, ela cai na cama e em um sono exausto.

A alguns quilômetros dali, em um pátio ferroviário cheio de entulhos, engenheiros da MTA e policiais se reúnem, discutindo em voz baixa, impressionados por uma série de quatro valas paralelas gigantescas que surgiram, rasgando os trilhos da única solitária linha de metrô sem nome de Staten Island. As valas estavam em brasa e fumegantes quando foram encontradas por um condutor sonolento finalizando o turno — como se não tivessem sido

cavadas, mas rasgadas no solo de pedregulho com uma gigante faca incandescente, ou talvez um laser de potência industrial. Desde então, elas se resfriaram o suficiente para que investigadores pudessem descer até a base com escadas para tentar descobrir que tipo de dispositivo incendiário poderia ter causado tanto dano. Os pontos mais fundos de cada vala têm cerca de quatro a cinco metros de profundidade, cortando solo, metal, concreto, leito de rocha e até mesmo o terceiro trilho eletrificado. Como se alguém tivesse aberto uma fenda dilacerante na terra com garras enormes do tamanho de vigas.

Os reparos não serão complicados — eles preencherão os buracos com vergalhões e cimento, substituirão os trilhos quebrados —, mas levarão vários dias. Durante esse período, muitas das pessoas mais humildes da ilha enfrentarão dificuldades para ir e voltar do trabalho, ou para visitar familiares enfermos, ou para buscar os filhos na escola. Os canais condutores que possibilitam a locomoção diária das pessoas são a circulação sanguínea vital de uma cidade.

E, algumas vezes, até mesmo ferimentos superficiais podem infeccionar.

Aislyn dorme.

BOM, ENTÃO, SABE AQUELE LANCE DE TRABALHO EM EQUIPE?

Bronca os odeia logo de cara, os avatares dos outros distritos que agora estão sentados ou em pé em seu escritório. Brooklyn é a que mais a irrita. Ela a reconhece logo de cara — MC Free, uma das primeiras MCs mulheres dos verões passados, que se sentia muito à vontade para criar picuinha com todas as outras mulheres da área e falar as mesmas merdas homofóbicas que todos os homens falavam tendo a cara de pau de se chamar de feminista. Faz sentido que ela tenha entrado para a política. Faz sentido também que seja ela a pessoa que torce o nariz diante da bagunça do escritório de Bronca, recusando-se a se sentar na cadeira disponível porque tem tinta a óleo seca no assento.

Mas Manhattan também não é muito melhor, com seu sorriso amigável mostrando dentes demais. No começo, ela acha que ele possa ter as mesmas origens que ela; algo em seus traços é familiar, embora ele seja nitidamente tão multirracial que poderia ser qualquer coisa. Então ela se vê chegando mais perto, prestando mais atenção nele do que nos outros quando ele fala, e finalmente entende. Talvez os holandeses tenham sorrido dessa forma quando ofereceram quinquilharias para o povo canarsee — uma nação lenape — e reivindicaram exclusivamente para si o que os demais haviam dividido por milênios. É provável que todo grupo étnico que

ele encontre acredite que ele é um dos seus, ao menos em parte. É uma mágica sutil e manipulativa, e Bronca se enfurece assim que se dá conta.

Queens é a única que Bronca provavelmente não deveria detestar, já que ela é apenas uma garota confusa demais com toda a situação para ser uma das cabeças nisso, mas Bronca se vê desconfiando da aparência inocente dela mesmo assim. Ela é o *Queens*. Não é possível que o Queens seja tão idiota. Mas, é claro, Bronca é o Bronx, e o Bronx não confia em ninguém exceto no Bronx, então talvez sua relutância em relação aos outros seja tão inexorável quanto o charme de Manhattan. Seja como for, ela não faz esforço algum para mudar isso; os últimos dias foram difíceis e ela não está disposta a tentar ser melhor no momento.

— Não preciso de vocês — diz Bronca. Ela diz isso pela terceira vez e eles não a ouvem. Ela está prestes a expulsá-los. — Tirei aquela escrota de branco daqui depois que ela atacou o meu território. Fiz isso *sozinha*. Precisei de vocês naquele momento e ninguém estava aqui, então resolvi o problema e não preciso de vocês agora.

Os três se entreolham. Brooklyn suspira e se vira de costas, desistindo ou simplesmente não se importando, então Manhattan é quem tenta novamente. Ele tem lábia, isso Bronca tem que admitir. Dá de dez a zero em Raul. Yijing provavelmente vai jogar a calcinha nele assim que ele sair do escritório de Bronca.

— Acho que não compreendo sua objeção — diz ele. “Manny”, é como ele diz se chamar. Que palhaçada. Ele é pura palhaçada. Essa é a objeção dela. Mas ele tem a cara de pau de parecer ofendido. — Nós sabemos o que somos. Sei que você sente isso

também. Por que escolher proteger apenas um distrito quando pode proteger a cidade inteira trabalhando conosco?

— Porque eu lido com as minhas tretas sozinha — vocifera ela. — Sempre foi assim. E porque quando *decido* “trabalhar” com outras pessoas, prefiro fazer isso ao lado de pessoas que estarão comigo aconteça o que acontecer. Você estaria?

É claro que ele franze as sobrancelhas.

— Talvez. Preciso te conhecer primeiro.

Pelo menos ele é sincero.

— Certo. Eu não quero conhecer você, então é isso.

— Nossa prova de fogo é *aqui e agora*, mana — diz Brooklyn. Mas ela diz isso de costas para Bronca, olhando para o salão de exposições através da janela interna do escritório. É desrespeitoso pra caralho, e Bronca desconfia que Brooklyn nem sequer está tentando ser desrespeitosa. Ela só é naturalmente babaca. — A porta tá quente, o alarme disparou, é hora de se jogar no chão e rastejar.

— Não sou sua mana. E não aja como se fosse sequer cuspir pra ajudar se eu estivesse pegando fogo.

A pobrezinha do Queens — ela disse ter outro nome, mas Bronca não lembra, e, de qualquer forma, ela é o Queens — parece completamente perdida.

— Vocês todos se conhecem? — pergunta ela aos três. — Parece estar rolando um clima hostil aqui.

— Sempre rola hostilidade entre o Bronx e o resto da cidade — responde Brooklyn.

A antipatia de Bronca finalmente a despertou de sua apatia; ela se volta para Bronca, de braços cruzados e com uma expressão que

diz *então vai ser assim?*. Hora de tirar os brincos. Bronca se prepara.

— Tem muita coisa boa aqui nesse distrito. Muita gente boa também. Mas elas nunca conseguem se organizar o bastante para usufruir de tudo como deveriam. Então quando todo mundo faz isso, o Bronx faz pirracinha e diz que é desrespeito. Mas não é nem isso, sabe, *irmã*? — Brooklyn exhibe um sorriso tenso. — Desrespeito significaria que nos importamos.

Bronca apoia as duas mãos abertas sobre a mesa e se levanta.

— Deem o fora da porra do meu escritório.

Brooklyn bufa em escárnio e já está perto da porta antes que Bronca tenha tempo de piscar. Manny olha de Brooklyn para Bronca e tenta argumentar, abrindo as mãos.

— Nenhum de nós vai sobreviver a isso sozinho e...

— Suma. *Daqui!* — grita ela.

Eles vão embora. Olham para Bronca como se ela fosse maluca enquanto saem, mas vão embora.

Quando fica sozinha, Bronca volta a se sentar. Ela está tremendo. Não sabe dizer o que está sentindo. Comeu metade de um donut. Ela está funcionando à base de duas horas de sono em meio aos três piores dias de sua vida, e enfrentou a morte pelo menos duas vezes nesse intervalo. (Talvez três. Ela tem a suspeita de que se tivesse tido um pouco menos de força no momento em que chutou a porta da cabine do banheiro... bom. Pelo menos duas.) Talvez esteja sendo irracional. Na verdade, ela tem quase certeza de que está sendo irracional. Mas, pelo amor de Deus, eles estavam dando nos nervos.

Ela está sentada ali, agitada e encarando a metade que sobrou do donut, quando a porta se abre. Ela enche os pulmões de ar, pronta para começar a gritar outra vez — mas é Veneza. Veneza nunca incomoda. Então Bronca se acalma e silencia sua exasperação enquanto Veneza entra e senta na cadeira onde Manhattan, ou seja lá qual for o nome dele, se sentou antes. Ela apenas olha para Bronca com uma expressão vazia.

E isso basta. Bronca desaba diante dessa gentil e silenciosa repreensão, deitando o rosto sobre a mesa com a testa apoiada nas mãos.

— Não consigo fazer isso — diz ela. É mais um soluço do que uma frase propriamente dita. — Tô velha demais pra isso, porra. Estou com medo e não posso ir pra casa e nem sequer *sou eu mesma*. Não consigo. Não dá.

Veneza respira fundo e solta o ar por uma fresta de lábios comprimidos.

— Poooois é, deduzi que eles tivessem despejado muita coisa em você de uma vez só. — Ela fica em silêncio por um momento. Veneza sempre soube identificar os momentos em que Bronca precisa de silêncio. — Quer que eu diga para eles voltarem mais tarde?

— Diga para não voltarem nunca mais. — Mas ela sabe que essa não vai colar, então respira fundo para mostrar a Veneza que não está completamente maluca. — Diga para que voltem daqui uma hora.

— Demorou. — Mas Veneza tem mais alguma coisa para dizer, Bronca tem certeza, já que ela não se mexe. Depois de um longo momento em que Bronca finalmente começa a se acalmar, Veneza

diz: — Sabe de uma coisa? Eu odiava Nova York antes de conhecer você. Foi você quem me ensinou a amar ela.

— Ah, vai à merda — diz Bronca contra a mesa. Está emburrada e sabe disso, mas não tem a intenção de largar o osso. — Odeio essa cidade.

Veneza ri.

— É, tá bom. Vocês, nova-iorquinos, todos vocês, com exceção dos recém-chegados, sempre dizem isso. A cidade é suja e tem carros demais e nada recebe a manutenção que deveria e é quente demais no verão e fria demais no inverno e fede a bunda suja na maior parte do tempo. Mas já percebeu que vocês nunca *vão embora*? Beleza, de vez em quando a mãe idosa de alguém fica doente lá no Novo México ou sei lá e aí vocês vão morar com ela, ou vocês têm filhos e querem que eles tenham um quintal de verdade, então se mandam para Buffalo. Mas a maioria de vocês continua aqui, odiando a cidade, odiando tudo, e descontando isso em todo mundo.

— Você tem um jeito péssimo de animar as pessoas.

Veneza acha graça e continua:

— Mas então vocês conhecem alguém bacana numa festa de rua, ou saem pra comer pierogis vietnamitas ou alguma outra merda bizarra que só se encontra nessa cidade absurda, ou vocês vão assistir a uma peça off-off-off-Broadway que ninguém mais conhece em um festival de artes, ou conversam por acaso com alguém no metrô que acaba sendo tão especial que vocês vão contar para os netos um dia. E então vocês se apaixonam pela cidade outra vez. E vocês *irradiam* isso, como se fosse uma porra de aura. — Ela meneia a cabeça com um sorriso pensativo. — Todos os dias pego

o trem para ir embora, e algumas vezes olho ao redor e vejo todas essas pessoas *brilhando*. Preenchidas pela beleza dessa cidade.

De cara amarrada, Bronca levanta o rosto para olhar Veneza. Veneza observa o lado de fora através do bloco de vidro que toma um dos lados do escritório de Bronca. Não dá para ver nada através dele — só silhuetas desfocadas de pessoas que passam pela calçada, além de um ônibus ou outro. Mas ainda assim. É um pedaço da cidade, em movimento, intensa e cheia de vida. As cores e as luzes que passam pelo vidro são refletidas no rosto de Veneza de forma que ela parece etérea por um momento. Não pela primeira vez, Bronca pensa que gostaria de ter tido uma filha. Veneza é incrível, tudo o que ela poderia ter desejado em uma filha. Mas Bronca está satisfeita em tê-la como uma amiga fantástica também.

Com um sorriso relutante e cansado, ela suspira.

— É. Tá certo. Uma hora. *Ininterrupta*.

Bronca então se desculpará com as outras partes dela mesma, engolirá uma boa porção de orgulho, e conversará com eles como sabe que deve. Ela ainda não consegue engolir nenhum deles e talvez nunca consiga. Só que. Precisa deles para salvar a cidade que Veneza ama. Essa é uma razão mais do que boa pra aguentar toda essa merda.

Veneza abre um sorriso largo, como se tivesse ouvido esse pensamento, e sai pela porta para avisar os outros.

Bronca fica surpresa ao perceber quão pouco os outros sabem. Ela ficou responsável por conhecer a história da coisa toda, mas imaginou que eles saberiam pelo menos *alguma coisa*. Isso aplaca sua raiva um pouco; se eles tiveram que descobrir tudo literalmente

do zero sozinhos, inclusive como encontrar uns aos outros, então talvez ela possa dar a eles uma colher de chá. Além disso, eles tinham a intenção de procurar por ela no dia anterior, mas então houve o imprevisto de Brooklyn quase ter morrido de exaustão ao tentar lacrar seu distrito inteiro. Bronca contém o ímpeto de gritar com eles por isso, porque eles *não podem* fazer algo assim. Precisam uns dos outros, precisam trabalhar juntos para ampliar o poder e diminuir a resistência e fazer outras coisas para as quais não existe vocabulário suficiente. Precisam do avatar primário para concentrar tudo isso. Mas ela não pode gritar com eles, nem mesmo com Brooklyn, porque eles *não sabiam*. E, na verdade, isso é culpa dela.

Então essa é a hora de explicar algumas coisas.

Enquanto Yijing e Jess cuidam dos assuntos do Centro, Bronca se reúne com os colegas distritos na sala de descanso dos funcionários. Veneza também está lá — sobretudo para segurar a onda de Bronca, brinca ela, mas a brincadeira tem um fundo de verdade e Bronca sente-se grata pela presença dela. (No começo, os outros olham Veneza desconfiados e confusos, então ela começa a oferecer o saco de pipoca de micro-ondas que trouxe. Queens diz “Uhhh, pipoca doce”, e isso basta. Veneza está dentro.) Na verdade, várias horas se passaram, em vez de apenas uma, porque Bronca teve que separar algum tempo para ser entrevistada por dois repórteres que apareceram sem aviso prévio com a intenção de cobrir o vandalismo e as prisões que aconteceram no Centro. Naturalmente, avistando uma vereadora por ali, acabaram persuadindo Brooklyn Thomason a comentar também. Brooklyn deu um excelente discurso improvisado, respondendo, quando lhe

perguntaram o que uma vereadora de outro distrito fazia ajudando uma instituição do Bronx, que “um ataque ao Bronx é um ataque a Nova York”, o que ainda tem a vantagem de ser verdade.

Agora eles estão sentados juntos, comendo pho, que pediram por delivery. Com comida de verdade no estômago, Bronca tende a ser um pouco menos babaca, então agora estão todos se dando bem. Brooklyn até se desculpou por ter sido babaca em resposta, e aparentemente eles tentaram ligar para ela quando ficou claro que não conseguiriam chegar ao Centro antes dessa manhã. (Inutilmente. A caixa postal está cheia de mensagens de ódio que ninguém ouviu.) Todos são bons amigos agora. O que é bom, porque Bronca tem algumas coisas para contar a eles.

— Bom — começa ela —, precisamos encontrar Staten Island. Com nós quatro juntos, deve ser bem fácil; já estamos chamando por ela, mas juntos podemos delimitar com mais precisão o lugar onde ela está e ir até lá... se ela não nos encontrar antes. Mas a coisa em que mais precisamos focar, mesmo enquanto procuramos por Staten Island, é encontrar o avatar primário.

Eles a encaram como se ela estivesse falando em munsee. (Ela olha para Veneza para verificar, porque algumas vezes, quando está cansada, ela faz isso sem querer; passou alguns anos tentando aprender a língua, quando era mais jovem, e hoje ela acaba vindo à tona em momentos aleatórios. Veneza responde com um movimento de cabeça. Não, foi só inglês incompreensível, então.)

— Então *realmente* tem uma sexta pessoa — diz Brooklyn, finalmente. Ela troca um olhar com Manhattan que Bronca não consegue decifrar.

Deus do céu.

— Hum, é claro que tem uma sexta pessoa. Vocês não sabiam disso?

Agora Queens e Brooklyn estão olhando para Manhattan. Ele faz uma careta e respira fundo.

— Nós... desconfiávamos. Mas nossa fonte de informações era aquela mulher. — Ele não precisa descrevê-la; Bronca assente. Todos eles sabem quem a mulher é. — E, hum, uma visão.

Certo, isso Bronca não esperava ouvir. Ela ergue as sobrancelhas.

— Uma visão.

A pele de Manny é clara o suficiente para que ele ruborize visivelmente, o que é quase bonitinho. Então Queens pigarreja.

— Eu também vi — acrescenta ela. — Nós três vimos. Por isso soubemos que não era só, ah, uma alucinação causada por fumaça de escapamento.

— Mas não sabíamos o que pensar — continua Manhattan. Ele ainda está claramente constrangido. Bronca começa a se perguntar o que exatamente aconteceu na visão dele. — Nenhum de nós entende como isso funciona, ou por que aconteceu com a gente, então naturalmente nós, hum, tivemos que lidar com bastante negação no começo.

— Por que será, né? — Veneza murmura baixinho, embora mais do que alto o suficiente para todos ouvirem. — Com coisinhas serpenteantes saindo da porra das paredes...

Manhattan balança a cabeça e se foca em Bronca.

— Você parece entender isso tudo melhor do que nós. Por quê?

Por um breve momento, Bronca fica tentada a inventar uma história sobre a coisa toda ser uma lenda lenape. Ela não faz isso porque está cansada demais para abobrinhas.

— Todas as cidades sabem dessas coisas — diz, em vez disso. — É como se fosse... Não sei. Uma memória ancestral ou algo do tipo. Vem das outras cidades que chegaram tão longe. Quando nos tornamos avatares, o conhecimento aparece na nossa cabeça. Ou, em nosso caso, como somos em seis, e geralmente é uma pessoa só para cada cidade, o conhecimento apareceu *na minha* cabeça. Mas preciso admitir que imaginei que vocês receberiam pelo menos alguma coisa.

— Tem muita coisa na minha cabeça — diz Manhattan, sem ironia aparente. — Mas nada sobre cidades se tornando, hum... se tornando nós. — Ele gesticula em direção aos outros.

— É, pois é — concorda Bronca. — Algumas coisas todos nós podemos fazer, mas cada um de nós recebeu diferentes técnicas também, porque cada distrito contribui com diferentes pontos fortes para o que faz de Nova York o que ela é. O Bronx é o que mais tem história.

Incontáveis gerações lenapes com anos e anos de bagagem modificada, mas não destruída, pelo colonialismo. Os sobreviventes se mudaram para o sul de Jersey e prosperaram, mas o Bronx é sua terra ancestral.

— Então eu fiquei com as lembranças do que veio antes.

— Acho que eu não tenho nenhuma habilidade estranha — diz Queens. Isso parece a deixar triste.

Brooklyn pondera. Ela parece exausta, Bronca finalmente nota — e quando se lembra do motivo pelo qual Brooklyn está tão cansada,

sua percepção sobre ela muda, mesmo que pouco. Proteger seu distrito a apagou por um dia inteiro, e ela teve sorte de não ter sido mais tempo. Talvez sua postura não seja tanto de indiferença e arrogância, e sim de distração e certa fúria fervendo em fogo brando — esta última não direcionada a Bronca, embora Bronca já tenha percebido que Brooklyn está mais do que disposta a estourar com quem quer que se aproxime. Mas há algo mais acontecendo com ela, algo além de se tornar uma cidade viva. Bronca resolve deixar para mais tarde.

— Não sei dizer se tenho alguma habilidade extraordinária também — diz Brooklyn. — Eu ouço a música da cidade, mas talvez isso seja apenas porque, vocês sabem, já trabalhei com música.

Manhattan tem um olhar distante novamente. Bronca o cutuca deliberadamente.

— E então?

Ele respira fundo.

— Aquela pintura lá embaixo. A pintura que os vândalos desfiguraram, que você chama do autorretrato do Anônimo. Eu, bom... aquela foi a visão que eu tive. Aquela *exata* cena. O mesmo ângulo, a mesma luz. Eu também não conseguia ver o rosto dele.

Interessante.

— Então sabe onde ele está? — pergunta Bronca.

— Não. Se eu soubesse, estaria lá. — Manhattan se remexe na cadeira, uma irritação momentânea passando por sua expressão antes que ele possa controlá-la. — Ele está sozinho, e aquela mulher está procurando por ele. Alguém precisa protegê-lo. *Eu* devo protegê-lo. — Ele pausa, aturdido, e há algo em sua postura que indica uma repentina surpresa. — Eu *devo* protegê-lo.

— Parece que você encontrou seu lance, então — diz Brooklyn, em tom arrastado.

Queens, em um gesto gentil, se inclina para perto dele e pousa uma mão em seu ombro.

— Vamos encontrar ele.

— Vamos. — Então o olhar de Manhattan dá uma guinada, sol para lua, acolhedor para indecifrável. A velocidade da mudança é de tirar o fôlego, e Bronca não se impressiona com facilidade. Ele nem sequer está olhando para ela, e sim para o chão, expressando seu desejo em voz alta, tornando-o real. — Nós vamos.

E Deus tenha piedade daquele que entrar em seu caminho. Mas Bronca balança a cabeça, apenas para alertá-lo de que ela não tem nada a oferecer a respeito disso.

— Eu também não sei onde o primário está. E talvez a gente não consiga encontrar ele sem Staten Island. Mas para chegar até ele precisamos, hum, nos tornar o que somos no outro lugar? Só que aqui?

De repente, é difícil de explicar. Não pelo idioma, mas porque as palavras não são suficientes. No entanto, eles assentem como se compreendessem; certo, tudo bem até agora. Preparando o terreno para o assunto, Bronca se inclina para mais perto.

— Quando fizermos isso, vamos ficar diante da complexidade total da nossa existência. Vai ter um ponto profundo nos atraindo; e esse ponto será ele. Então voltamos para esse mundo, e... *voilà*. Estaremos com ele nesse mundo também. Se funcionar.

Queens olha em volta para os demais.

— Espera. Então todas essas... bom, essas visões que tenho com frequência, de nós como pessoas e como cidades imensas,

são visões de um *lugar* real? Pensei que a coisa toda era só... — Ela faz uma careta. — Não sei como dizer. Representações desse mundo? Tipo uma mandala.

— Não sei nada sobre mandalas — diz Bronca. — De fato é uma representação desse mundo, se é o que você quer dizer. Mas também é um mundo em si mesmo, um mundo de verdade, onde coisas como posições e distância e tamanho não significam as mesmas coisas que significam aqui. Parece com várias coisas que fui lendo ao longo da vida. O tempo do sonho australiano. O inconsciente coletivo junguiano. Busca da Visão e tendas de suor, como alguns do meu povo fazem.

Queens ofega.

— Ah, eu achei que você fosse latina. Você é da *outra* “Índia” — diz ela, divertida.

— Sabor original, meu bem — diz Veneza, inspecionando o saco de pipocas atrás de alguma que possa ter sobrado. — Bom, deste lado do planeta, pelo menos.

Bronca corre a mão pelo cabelo curto. Ela precisa muito dormir. E é estranho estar contando essa história agora, durante o verão. Histórias devem ser contadas no inverno, enquanto os animais hibernam; era o que sua mãe sempre dizia. Mas talvez esta não conte como uma história, e sim como uma lição.

— Então, ouçam — diz ela. — *Todas* essas coisas são reais. Todos os outros mundos em que os humanos acreditam, seja por mitos de um povo ou visitas espirituais ou até mesmo imaginação, se ela for fértil o suficiente. Eles existem. Imaginar um mundo *torna ele real*, caso ele já não exista. Esse é o grande segredo da existência: ela é supersensível ao pensamento. Decisões, desejos,

mentiras, é tudo o que você precisa para criar um universo. Todos os seres humanos neste planeta criam milhares de universos desde o nascimento até a morte, embora algo na forma como nossa mente funciona nos impeça de perceber que isso acontece. A todo momento, estamos constantemente nos movendo em múltiplas dimensões. Achamos que estamos parados, mas estamos na verdade caindo de um universo para outro e para outro, tão rápido que todas as coisas se misturam, como... como uma animação. Só que tem muito mais do que apenas imagens correndo.

Ela fica em silêncio para ter certeza de que estão acompanhando. Estão mais do que isso; todos olham fixamente para ela, completamente absortos. É um pouco desconcertante, mas Bronca sabe a razão: em algum nível, eles conseguem perceber o que acontece. Devido ao que se tornaram, a mente deles funciona de maneira diferente agora. É muito mais fácil explicar algo que as pessoas inatamente compreendem.

Então ela se aprofunda, e imita o gesto que usou com Veneza: as duas mãos abertas, uma sobre a outra, as palmas viradas para baixo. Então ela as movimenta sobrepondo uma à outra. Camada sobre camada sobre camada.

— O que nós somos transcende as camadas entre os mundos. Na verdade, quando uma cidade nasce, quando *nós* renascemos como cidades, o trabalho de parto meio que arrasa com todas elas. — Ela mantém uma mão reta, insere a outra mão abaixo da primeira, então contrai e fecha a mão que estava reta. — O que nós somos, a nossa essência, são muitos mundos se unindo. Realidade e lendas. Esse mundo onde somos apenas pessoas, e aquele mundo, onde somos cidades de quilômetros de extensão que por

acaso se encontram a metros de distância porque as leis do espaço, a física, não funcionam da mesma maneira.

Manhattan tem um clique, se dando conta de algo.

— Quando cheguei, aconteceu o maior estrago lá. Luzes estouradas, rachaduras no chão. Como um lugar atingido por um terremoto. E, assim que me tornei parte da cidade, esqueci o meu nome.

— Você esqueceu... — Certo, talvez Bronca tenha que dar a eles *muitas* colheres de chá. — Como assim? Tipo amnésia?

Ele assente, de mandíbula e sobrancelhas cerradas, então olha para os outros.

— Todos nós temos histórias parecidas. Em algum ponto da manhã de anteontem, todos tivemos um... momento. Foi quando a cidade mudou. Eu acho que cheguei pouco depois disso. Algo *aconteceu* nesse momento; algum tipo de batalha. Essa foi a destruição que eu vi, e acho que a perda de memória foi como isso me afetou neste mundo. Então, pouco depois, aquela coisa na FDR Drive... — Ele pressiona uma das mãos na lateral do corpo e seu rosto se retorce como se suas costelas doessem. Mas é só uma memória, e ele tira a mão depois de um instante. — Se eu não tivesse parado aquela coisa, ela teria me matado. Então é isso. Se algo fere a cidade, fere a nós também. Se algo *nos mata*... o que acontece? A cidade morre?

— Está mais para uma explosão — responde Bronca.

Silêncio. Todos olham fixamente para ela. É, ela meio que imaginou que isso prenderia a atenção deles.

— Entãao — diz ela, endireitando-se na cadeira. — Esse processo? Ele acontece o tempo todo. Em todo o mundo, onde quer

que haja uma cidade. Se um certo número de seres humanos ocupa um espaço, conta histórias sobre ele, desenvolve uma cultura característica, todas aquelas camadas de realidade começam a se compactar e a sofrer metamorfose. Mais cedo ou mais tarde, quando esse, hum, *momento* — ela gesticula com a cabeça em direção a Manhattan ao falar a palavra — está próximo, a cidade escolhe uma pessoa para ser a... parteira. A defensora. Uma pessoa que representa a cidade e a protege, como nós fazemos, mas essa responsabilidade é dada à pessoa antes mesmo que a cidade se torne algo novo. Essa pessoa *ajuda* isso a acontecer.

— Coitada, hein — resmunga Veneza. Manhattan franze o cenho para ela.

— Se tudo dá certo — continua Bronca —, a cidade se torna inteira. O Inimigo não consegue tocar uma cidade inteira, não diretamente, ou pelo menos não sem muito esforço. Mas o processo do nascimento pode dar errado. Se o Inimigo pega o avatar primário, por exemplo, e o destrói até virar migalha antes que a cidade possa completar seu processo, a cidade não nasce; ela morre. Ela morre *pra valer*. Não sabemos os nomes de várias das cidades que morreram assim, mas os nomes que conhecemos dão uma ideia do que estamos enfrentando: Pompeia. Tenochtitlán. Atlântida.

— Atlântida não existe de verdade — interfere Brooklyn. Mas, antes que Bronca possa dizer qualquer coisa, ela completa: — Ou... Não existe de verdade *hoje em dia*. O que você está dizendo é que ela *existiu* de verdade um dia, mas seu avatar falhou.

Bronca assente.

— Nas histórias de Platão, Atlântida foi engolida por terremotos e dilúvios. Mas o verdadeiro desastre é que Atlântida *se tornou apenas uma história*. Ela falhou tão catastroficamente que a raça humana inteira criou uma ramificação de realidades em que Atlântida nunca veio a existir.

Eles a encaram, então se entreolham.

— Caralho — sussurra Veneza, o que parece descrever a expressão no rosto de todos ali. — Meu Deus, B1.

Bronca solta o ar de seus pulmões lenta e cautelosamente.

— Sim. Mas estamos garantidos nesse sentido; nosso avatar primário teve sucesso. Nova York obviamente sobreviveu.

Então todos começam a falar ao mesmo tempo.

— Então por que ele está dormindo? — pergunta Manhattan, exasperado.

— Bom, *alguma coisa* parece ter dado errado — diz Brooklyn.

E Queens balança a cabeça, dizendo em um tom irritado:

— Então por que ele precisa de nós?

E por fim Veneza, fitando Bronca com um olhar cético, pergunta:

— Hã, tem certeza disso? Tem o detalhe das coisinhas serpenteantes.

Tão barulhentos e rudes quanto crianças.

— Ele sobreviveu. — Bronca fala alto para se sobrepor a eles e então pausa até que todos calem a boca, o que ao menos não demora. — Mas a batalha foi difícil. E o primário, que não entendeu que precisava de nós, lutou sozinho. — Um jovem corajoso e forte, o Anônimo. — Ele venceu, mas teve que usar toda sua força. Ele acabou... bom, acho que podemos chamar de coma. Ele não consegue acordar, não consegue fortalecer a cidade como deveria,

até o encontrarmos. E *precisamos* encontrar ele. Não devemos fazer isso sozinhos.

Com ênfase proposital na última frase, ela olha para Brooklyn, que ainda irradia exaustão visível mesmo depois de um dia inteiro para se recuperar. Brooklyn, que já estava de cara amarrada, percebe o olhar e entende instantaneamente, inspirando devagar. Mas então, surpreendentemente, ela se volta para Manhattan.

— Acho que te devo mais do que pensei. Péssimo momento para um coma.

Manhattan assente, parecendo satisfeito.

— Se eu tivesse percebido mais cedo o que estava acontecendo, teria ajudado mais. Da próxima vez, vê se não sai correndo sozinha de pijama.

Enquanto isso, Queens já superou sua irritação; agora ela parece empolgada.

— As equações sempre sugerem eventos simultâneos, não puramente condicionais. O gato está vivo e morto dentro da caixa! Um universo para cada desfecho, e provavelmente um universo em que os dois são verdade! — Ela sorri em direção aos outros, claramente esperando que compartilhem da euforia.

— Hum, isso aí — diz Manhattan.

Queens suspira e fica em silêncio com um ar de quem está mais do que acostumada a não ser entendida. Ela pega o celular e começa a digitar uma mensagem para alguém, seu lábio inferior levemente projetado.

O rosto de Brooklyn adquire uma expressão sombria.

— Você disse que a transformação de uma cidade perfura outros universos — diz ela a Bronca.

Então ela não é burra, no fim das contas. Bronca inclina a cabeça para a mulher, em sinal de respeito, se não de aprovação.

— Sim.

— Certo. Então. — Brooklyn nitidamente se prepara para o que está prestes a dizer. — Então o que acontece com os universos que nossa cidade *perfurou*?

Manhattan tem uma expressão terrível em seu rosto. Queens embarca em uma jornada facial completa — choque seguido de ponderação seguido do horror da compreensão e terminando em angústia. Ela cobre a boca com as duas mãos.

— Eles morrem — explica Bronca. Decidiu ser compassiva, porém firme. Nenhum deles pode se permitir ser sentimental. — A perfuração? Ela é uma ferida mortal, e o universo atingido por ela deixa de existir. Toda vez que uma cidade nasce, não, na verdade antes disso... O processo da nossa criação, o que nos torna vivos, é a morte de centenas ou milhares de outros universos próximos, e todas as coisas vivas neles.

Brooklyn fecha os olhos por um momento.

— Meu Deus — fala Queens, sem fôlego. — Meu Deus. Somos genocidas.

— Mas já está feito — diz Manhattan. Seu tom é brando, seu olhar distante e indecifrável. — Desde o momento em que passamos a existir.

Queens recua e o encara, boquiaberta.

— Como você pode dizer isso? Qual o seu problema? Isso é... o quê, trilhões de pessoas? Nem consigo começar a calcular! Todas mortas? E nós as matamos? — Ela parece estar à beira de lágrimas. Suas mãos começaram a tremer. — Pelo amor de Deus!

Bronca espera que Manhattan se torne uma pedra de gelo outra vez. Ela percebeu que ele faz isso com muita facilidade, mesmo nas poucas horas desde que se conheceram. Em vez disso, no entanto, ele desvia o olhar por um momento, então respira fundo e se levanta, para em seguida se ajoelhar em frente ao Queens. Ele envolve as mãos dela com as dele e olha no fundo dos olhos da garota.

— Você preferiria oferecer toda sua família e seus amigos para morrer no lugar deles? Talvez haja uma forma de fazermos isso.

Todos ficam imóveis. Soa como uma ameaça, embora seja apenas uma sugestão. Bronca não consegue entender como Manhattan faz uma afirmação calma soar tão terrível — mas talvez seja o fato de que, em vez de frieza, há compaixão em seus olhos quando ele diz isso. Frieza poderia ser repreensível, horripilante. Compaixão é pior, porque não pode ser vista como cruel.

E Queens olha para ele por um longo e reprimido momento. Então, lentamente, ela para de tremer. Fecha os olhos e respira fundo. Manhattan não se mexe, não a pressiona. Não é a abordagem que Bronca teria seguido... mas, por outro lado, a abordagem de Bronca provavelmente teria sido incorreta. Algo em Queens faz com que Bronca a veja como vê Veneza — como se Queens fosse mais nova do que é realmente, como se ela ocupasse o lugar de uma filha emprestada que deve ser protegida. Mas ela não é. Essa garota é o Queens, terra de refugiados que escaparam de coisas horríveis, operários que se matam de trabalhar, e filhas hipotecadas em prol do futuro de uma família inteira. Ela sabe perfeitamente bem o que são decisões brutais e sacrifícios

inevitáveis — e a pergunta de Manhattan, por mais cruel que pareça, respeita esse conhecimento.

Finalmente, como um céu percorrendo a tarde até o anoitecer, Bronca consegue ver a mudança em Queens quando ela aceita o inevitável. Ela não se deixa abater, mas há mesmo assim um ar de pesar nela enquanto comprime os lábios.

— É claro que não — diz ela a Manhattan. — Mas me deixa puta. Só isso. — Ela afasta as mãos das mãos dele... mas então faz um gesto com a cabeça em direção a Manny, em reconhecimento educado. — O mundo pode ser horrível, mas não precisamos *gostar* disso.

Manhattan, para a surpresa de Bronca, sorri ao ouvir isso, também adquirindo um ar de pesar.

— Exatamente — concorda ele. Então se levanta e vai até a janela que dá para a galeria principal, de costas para eles.

Bronca solta um suspiro longo e apreensivo. Também foi difícil para ela assimilar esse tipo de conhecimento quando ele lhe foi dado. E ainda assim.

— Isso também faz parte da natureza — diz ela. — Muitas coisas morrem para que outras coisas possam ter vida. Já que nós somos aqueles aos quais a vida foi concedida, deveríamos oferecer nossa gratidão a esses outros mundos por terem contribuído para que sobrevivêssemos. E devemos a eles, assim como ao nosso próprio povo, que lutemos o máximo que conseguirmos.

Queens e Veneza olham para ela. Esse é um problema comum entre pessoas da cidade, Bronca sabe — porque ela também nasceu e cresceu em uma cidade, e precisou aprender a lição tarde na vida. Chris a levou para caçar uma vez, apesar de fortes

objeções da parte dela. E, embora Bronca não tenha disparado a arma que derrubou o veado, Chris e a outra mulher indígena com quem eles caçavam fizeram Bronca ajudar com o abate. Era importante, eles disseram a ela, compreender de onde vem sua comida, e compreender que não só uma, mas *várias* mortes tornaram possível sua sobrevivência. Por isso era crucial que ela usasse cada parte do animal, o máximo que pudesse, e que não levasse mais do que precisava. Matar sob essas circunstâncias, ou para sobreviver, era algo respeitoso. Matar por qualquer outra razão era monstruoso.

Bronca percebe que Manhattan entende isso. Assim como Brooklyn, que deve ter passado por várias coisas em sua época. O avatar de Nova York também, suspeita Bronca, em seu tranquilo sono enfeitiçado. Parece o tipo de coisa que Nova York entenderia.

Um momento depois, Manhattan respira fundo e se volta para eles.

— Então qual é nosso próximo passo? — pergunta ele. — Já que você parece entender melhor como isso funciona.

— Agora, encontramos Staten Island.

— Só tem um problema — aponta Brooklyn. Ela levanta seu celular por algum motivo. — Pedi para o meu pessoal cuidar disso... a parte do pessoal que não está tentando descobrir quem roubou a porcaria da minha casa... e não apareceu nada de esquisito nas redes sociais em que a gente possa focar.

Agora é a vez de Bronca ficar confusa.

— Coisas esquisitas em que focar...?

Eles explicam o processo a ela, e Bronca finalmente desencana de ficar furiosa de eles não a terem procurado até então. Tudo é

muito sem pé nem cabeça para o seu gosto. Mas a questão é que o método deles não vai funcionar no que diz respeito a Staten Island — que é mais ou menos o que Bronca já previa. Staten Island é sempre Staten Island.

Eles dão algumas voltas no assunto até que Brooklyn solta um suspiro e esfrega os olhos.

— Olha só, estamos em número suficiente para simplesmente ir até lá, alugar uns carros e dirigir pelas ruas até que nosso radar de cidade, ou sei lá, apite. É a única coisa em que consigo pensar e...

— Não sei dirigir — interrompe Queens. — Desculpa.

Veneza se aproxima.

— Eu não sabia dirigir até ano passado. Sei como é, amiga.

— Eeeee talvez devêssemos nos concentrar em tentar encontrar o avatar primário, de qualquer forma — conclui Brooklyn. — Ele parece ser o alvo mais importante mesmo. Pelo menos estamos todos, hum, acordados, e conseguimos nos defender se aquelas coisas brancas, ou a Mulher de Branco, nos encontrar. Staten Island deve conseguir fazer isso também, já que a ilha não virou uma cratera até agora.

— É mais difícil lutar sozinho — diz Queens, parecendo consternada. — E mais assustador, porque você não sabe o que tá acontecendo.

— Vamos encontrar ela o mais rápido possível — diz Manhattan. — Mas se tiver uma forma de encontrar o primário... — Ele olha para Bronca, deixando a frase incompleta adquirir um tom de pergunta.

— Talvez tenha — diz Bronca. — Como eu disse, pode não funcionar se não estivermos os cinco juntos. Mas podemos tentar

agora, se vocês quiserem.

— Eu quero — responde Manhattan. As outras duas não parecem tão certas, mas ao menos parecem interessadas.

— Hum, devo sair? — pergunta Veneza, olhando para Bronca de sobrelance franzida. — A coisa fica bem bizarra quando vocês estão fazendo, hum, bizarrices.

— Acho que é seguro, mas você decide — responde Bronca. Aos demais, ela acrescenta: — Agora, façam o que vocês geralmente fazem para ir para o outro lugar. Meditem, rezem, cantem, qualquer coisa.

— Matemática — diz Queens. Ela parece encabulada. — Eu, hum, nunca tirei menos que a nota máxima em matemática no ensino médio. O pessoal tapado ria de mim por causa disso. Me chamavam de “Rainha da Matemática”, como se eu fosse considerar um insulto. Eu, na real, sou a porra de uma *deusa* da matemática. — Ela ruboriza, aparentemente percebendo ter fugido do assunto. — De qualquer forma, quando eu, hum, entro em contato com essa outra parte de mim, eu faço cálculos na minha cabeça.

— Qualquer que seja seu lance, garota — diz Bronca.

Brooklyn assente, pensativa, e em seguida fica em silêncio. Um momento depois, ela começa a falar baixo, sozinha, ou talvez subvocalizar, e a balançar a cabeça em um ritmo interno enquanto se concentra.

Só Manhattan parece confuso.

— Nunca controlei isso — diz ele. — Apenas acontece, em momentos em que eu, hum, estou me sentindo nova-iorquino.

— E quando você pensa *nele* — interfere Brooklyn, interrompendo seu *freestyle* ou qualquer coisa que está fazendo.

Ele pisca, desconcertado por um segundo, então se recompõe.

— Hum. É.

Bronca meneia a cabeça lentamente.

— Bom, você mesmo disse ser, não sei, o guarda-costas dele. Se *ele* for o seu lance, então é isso que você tem que fazer.

— Certo. Beleza. — Ele suspira e coça a nuca. Então diz, baixinho: — Não sei o que isso significa.

Bronca encolhe os ombros, então oferece sua solução-padrão para interações interpessoais desconfortáveis.

— Significa que você pode chamar ele para um café quando ele estiver acordado. E aí você torce pra dar certo, como as pessoas comuns fazem.

Ele fica sem reação, mas então ri, relaxando, como se o fato de Bronca ter dado nome aos bois finalmente tivesse feito com que se sentisse melhor sobre a coisa toda. Manny deve se dar bem com frequência, com esse rosto, mas não faz ideia de como ter um relacionamento de verdade. Também faz sentido que a personificação de Manhattan seja um dois-espíritos. Ela acha a ideia engraçada. Talvez Stonewall tenha valido a pena, no fim das contas. Enfim.

— Vamos nessa — ela diz.

Emocionalmente falando, ela não está no melhor dos momentos para uma jornada espiritual, especialmente nesse lugar gelado, claro demais sob lâmpadas fluorescentes e com cheiro fortíssimo de produtos químicos e solventes de limpeza. Ainda assim, eles estão no Bronx agora, onde as canções de seu povo ainda reverberam

pelo solo. Não há necessidade de uma jornada, na verdade. A cidade dela está bem ali.

Bronca sente a mudança antes de abrir os olhos, porque de repente se tornou vasta. Ela se estica para cima, porque seus movimentos estão restringidos por todos os lados, e para baixo, dentro dos túneis e cavernas que são suas raízes. Ao abrir os olhos, o mundo está estranho e o céu está crepuscular, e ela vê a si mesma: brilhante e sombria, uma forma espiritual de contornos borrados, concreto colorido e antigas olarias. Ela é o Bronx.

Ao seu redor, de repente, unidas e se sobrepondo de uma maneira que não resulta em paradoxo e não causa dor, está sua família. O esplendoroso Manhattan, alto e cheio de luzes, mas com as sombras mais profundas entre seus arranha-céus que lembram punhais. A trêmula e irregular Queens, pan-afetiva ao acolher a todos, um gênio em sua energia criativa e em sua determinação de criar raízes. Brooklyn é antiga, sólida como uma base familiar, uma estrutura de raízes firmes feita de arenito vermelho, saguões de mármore e cortiços decadentes, última parada dos verdadeiros nova-iorquinos antes de serem forçados a ir para a selva, o horror dos horrores: Long Island.

E, juntos, eles se viram e finalmente contemplam sua irmã perdida: Staten Island. Ela é opaca perto de suas luzes, suburbana onde eles são densos, esparsamente populada em comparação aos seus abarrotados milhões. Há até mesmo *fazendas* em seu meio. E ainda assim. Ela se eriça com pequenas adagas projetadas em formato de balsas, e fortificações defensivas construídas em quarteirões de casas conjugadas. Eles conseguem sentir a força e o ar desafiador que emanam dela, mais reluzentes do que qualquer

lâmpada de sódio. Ela é tão diferente, tão relutante... mas quer ela queira ou não, quer o resto deles admita ou não, ela é nitidamente, verdadeiramente, Nova York.

Mas há algo estranho. Embora Staten Island esteja bem ali — e não há espaço nesse lugar —, ela, de alguma forma, está distante deles. E mais escura do que deveria estar, seus prédios apagados e suas ruas curiosamente nebulosas, como se uma neblina tivesse sido aplicada em linhas densas e obscuras. Bronca tenta, mas não consegue tocá-la. Manhattan tenta também, e é quem chega mais perto, com seu comércio frenético quase tocando o eixo de pessoas que se locomovem de um lugar a outro... mas, no último instante, ela se esquia. *Muito* estranho.

Mas ela não é a única que eles foram procurar. Os outros se agitam, inquietos, então Bronca segura o volante e muda a direção. Ela é a guia. E para que consigam enxergar onde a singularidade de Nova York se encontra, ela precisa recuar no outro mundo. Ela precisa alterar sua percepção para um nível acima, e depois mais um, até que se torne possível enxergar todo o universo. (Ela consegue sentir a admiração de Queens, porque apenas ela compreende a escala do que estão vendo, mas Bronca se esquia do ávido domínio que a garota tem dos números. Eles são imensos. Eles contêm multidões. Isso basta para Bronca.) E então eles se erguem novamente.

Diante deles flutua a imensidão de espaço e de tempo como Bronca os compreende agora: não só ali, mas em todo lugar; não um único universo, mas uma infinidade deles. É uma massa emaranhada, como a copa de uma árvore em expansão contínua, ali no não-lugar da percepção. Cada ramificação consiste em

milhares de universos empilhados como folhas de mica, formando colunas que serpenteiam e se dividem em diferentes direções, como sequências de dominós armadas sem uma ordem específica. *Há* uma ordem naquilo (e ela ouve outra parte dela, Queens, pensar alto: *Uma árvore fractal!*), mas em sua imensidão e dinamismo, no tumulto violentamente dinâmico da criação, é uma coisa quase grande demais para se processar. Não é infinito, como Bronca inicialmente acreditava, mas é vasto além do que ela consegue facilmente imaginar. Mil ramificações (que Bronca consegue enxergar) crescem e então produzem dois mil filhos que então geram quatro mil netos, e...

Mas abruptamente há um *tum* oco seguido de um reverberar, e um dos maiores emaranhados de ramificações desaba diante deles. Acontece muito rápido. Há um brilho avermelhado repentino, e então todo aquele agrupamento contorcido é consumido por chamas, até a base do caule onde se originou. Bronca sente o calafrio de angústia dos outros e compartilha do sentimento. Por mais bonita que seja a cadeia em chamas — como os mais magníficos fogos de artifício que já existiram —, todos eles sabem o que significa. Inúmeros universos acabam de morrer ou se tornar algo que jamais existiu, como as ramificações que devem um dia ter gerado Atlântida.

Mas Bronca chama a atenção dos outros para o que flutua no lugar dessa ramificação. Pequeno, mas brilhante, desconectado dos demais universos, mas resplandecente e estável por conta própria. Um ponto de luz singular.

Bronca faz com que girem e mais uma vez eles contemplam a si mesmos: eles são *pura luz*. Testemunharam o nascimento de outra

cidade como eles em algum lugar do multiverso. Muitas luzes como essa salpicam a árvore, entremeadas entre suas dobras e fendas — milhares de cidades, brilhando como joias em contraste com a escuridão amorfa. Há lugares à distância nos quais essas luzes parecem estar ausentes; o tronco da árvore, talvez. Mas entre a copa próxima? Cidades. Por todos os lados.

Agora Bronca usa a força dos outros quatro para direcioná-los para trás e *para baixo* e *para dentro*, para o núcleo de todos eles—

Diante deles, em um feixe de luz mosqueada, está o avatar primário de Nova York. Ele está aninhado sobre uma cama de jornais velhos, dormindo. Há uma fina camada de pó sobre sua pele negra; ele está ali há dias. Parece tão solitário, fechado em si mesmo, mas desprotegido, tão jovem, tão frágil. O pensamento dispara: *Eu vou fazer qualquer coisa por ele*. Ele não vem de Bronca — Manhattan, cuja convicção é parte cavaleiro andante descobrindo a aventura à qual deve dedicar sua existência, parte luxúria pura. Ainda assim, Bronca é tomada pelo sentimento com toda a convicção de seu coração. *Nosso*, é o que ela pensa, e isso a surpreende porque ela nunca foi do tipo possessivo. Mais alguém no grupo reage a isso, mas há prazer na reação. *Sim*, flui o pensamento, dessa vez ecoado por todos eles. Não importa realmente de quem está vindo. *Nosso. Ele é—*

nosso, e nós somos dele, é claro, mas—

espera aí, tem algo de errado, como é que você está na minha cabeça—

Foco, Bronca fala mais alto do que a ansiedade crescente do grupo. Muitos egos fortes entrelaçados. Não vai durar muito. *Onde?*

O foco de luz muda de posição e, pela primeira vez, eles têm uma boa visão das paredes onde o primário se encontra, ainda que brevemente. Há ladrilhos brancos seguindo um padrão, arcos decorados com um mosaico de tijolos coloridos—

(Bronca se sobressalta de repente. Ela conhece esses tijolos.)

Não há um sentido real de localização ou direção. Bronca tenta interromper a rotação, esticando-se — para baixo — em direção ao primário de novo, mas não consegue controlar—

Lá embaixo, muito abaixo deles, enquanto se afastam, o único olho visível do avatar primário subitamente se abre.

Estão esquentando, diz ele, sem palavras.

Então ele abre a boca e eles giram e caem outra vez, dentro da escuridão bocejante entre seus dentes e aí—

Alguém sacode Bronca com violência. Ela sente um profundo rancor da pessoa que fez isso.

— Me deixa em paz — vocifera, mal-humorada. — Eu tô velha. Preciso descansar.

— B1, se você não levantar agora, vou jogar café gelado em você, e se isso não te matar com um infarto, você vai morrer de tanto me xingar. *Levanta*.

Então Bronca se obriga a despertar. Ela está deitada no mais surrado dos dois sofás da sala de reunião dos funcionários, o que significa que vai estar cheia de dores no corpo quando conseguir se sentar direito. Alguns dos residentes estão trabalhando no andar de cima; ela consegue ouvir um deles à distância, fazendo algo com a serra circular, e o fato de ela ter dormido com aquela barulheira é prova do quão cansada está. Ainda há luz do sol entrando pelo vidro

do salão de exposições, então ela não pode ter dormido tanto. Talvez seja oito da noite? Em junho, o sol não se põe até por volta das nove.

Os outros ainda estão lá, jogados em cadeiras ou sofás. Veneza é a única de pé. Manhattan está, na verdade, sentado no chão ao lado de um sofá, o que faz com que Bronca pense em aconselhá-lo a se levantar; ele não vai conseguir sentir a própria bunda se passar tempo demais sentado em chão de concreto industrial. Mas já é tarde, porque ele pisca de maneira exausta, como se também tivesse acabado de acordar. Brooklyn está acordada, ou quase. Queens esfrega o rosto, então começa a revirar sua mochila e tira dela um pacote de grãos de café cobertos de chocolate, colocando um punhado na boca. Ela oferece um pouco a Brooklyn e a Manhattan.

Então outra pessoa se junta ao grupo: um homem asiático vestindo terno e gravata, alto, talvez na casa dos cinquenta anos, com um rosto que parece esculpido em mármore e uma boca curvada para baixo. Mas ele não é a maior preocupação de Bronca. O homem carrega uma pessoa sobre o ombro. Um corpo flácido em um terno de caimento mais moderno, embora sujo e coberto de manchas de grama.

— Meu Deus — exclama Brooklyn, pegando o celular e imediatamente tocando o botão de ligação de emergência.

Manhattan se põe de pé, trôpego, balançando a cabeça como se para desanuviá-la.

— Largue isso — diz rispidamente o estranho para Brooklyn. Ele tem um sotaque, mas é incomum. Inglês britânico de variante

chinesa, Bronca acha. — Ele é uma cidade. Os paramédicos não conseguem consertar isso.

Todos o encaram, imóveis, mas Brooklyn guarda o celular. O homem asiático gesticula rudemente em direção a Queens até que ela saia do sofá, onde ele deita o corpo do homem inconsciente. Esse homem é mais jovem, mais delgado, de pele escura e aparentemente latino, embora de uma maneira mais ambígua do que o normal. Ele fede a fumaça de cigarro. Bronca não vê sangue algum, mas ele está *cinza* de uma maneira que não tem nada a ver com cor de pele. É algo estranho de se ver — como se o mundo inteiro estivesse em cores em HD, e esse homem tivesse, de alguma maneira, voltado aos dias em que as televisões tinham apenas três canais e imagem granular branca e preta. E há algo... em volta dele? Bronca estreita os olhos, tentando enxergar — e então, quando ela altera sua percepção parcialmente para o plano das cidades, compreende. Há uma espécie de invólucro translúcido ao redor do homem inconsciente, cobrindo sua pele. Há um cordão anexo, como o umbilical, que está ligado a algum lugar na... América do Sul. No Brasil, ela deduz, embora esteja apenas 50% certa de que conseguiria apontar esse país em um mapa, e ela não consegue se lembrar do nome de nenhuma cidade lá, exceto do Rio.

Ela pisca, voltando à sala, e encontra o homem mais velho a analisando.

— Então você não é inútil — diz ele, o que faz com que Bronca se enrijeça em fúria. Então ele olha em volta para todos, analisando-os da mesma maneira, parecendo pouco impressionado. — Mas

nenhum de vocês notou o ferimento dele, embora ele estivesse dentro das suas fronteiras.

— Ele é uma cidade? O que aconteceu com ele? — Queens estica o braço e cautelosamente toca o homem inconsciente, embora afaste a mão depressa quando o invólucro em volta dele forma uma cavidade, recuando ao seu toque.

— E quem é você? — pergunta Brooklyn, ainda sentada, mas inclinada para a frente, assumindo uma postura agressiva.

Manhattan está atrás dela, imóvel. Fica evidente que ambos estão preparados para algum tipo de ataque. Mas Bronca balança a cabeça, ficando em pé para que possa tranquilizá-los. Ela consegue ver esse estranho no outro lugar, também, e ele definitivamente não é outra variação da Mulher de Branco.

— Podem me chamar de Hong — diz ele, seus olhos no homem inconsciente.

Com um suspiro, ele se inclina e revira a jaqueta do homem (o invólucro não resiste a ele, por alguma razão), puxando um maço de cigarros e um isqueiro.

— Ele disse que a situação aqui estava caótica, mas ele tende a ser dramático. Não pensei que pudesse ser tão ruim. Mas aqui estamos.

Manhattan olha para os outros e pergunta, movendo a boca sem emitir som: *Hong... Kong?* Bronca assente. Ela nunca esteve na cidade, mas já viu a vista de seus edifícios em fotografias, e aquela torre em formato fálico é inconfundível — em sua memória e no outro mundo, onde consegue vê-lo por inteiro. A cidade de Hong Kong está em pé diante dela, acendendo um cigarro com uma expressão de mau humor.

— Ei — alerta Bronca. Quando ele a encara, ela aponta para o aviso em uma parede próxima: PROIBIDO FUMAR.

— Vai se foder — diz ele.

As palavras são ditas com tão pouco vigor, nem mesmo com a dose de emoção que alguém usaria para dizer *não*, que Bronca fica boquiaberta. Ela não está realmente ofendida, apenas surpresa. Contudo, um instante mais tarde, Hong Kong tosse e olha irritado para o cigarro.

— Odeio fumar.

— Então por que caralhos... — começa Veneza. Antes que possa terminar, no entanto, Hong Kong dá uma tragada profunda no cigarro, então se abaixa e sopra a fumaça em um longo jato sobre o homem inconsciente.

É como se seu corpo inteiro absorvesse a fumaça. Ele estremece, e um pouco do tom cinza e da falta de nitidez desaparece. Agora ele adquire um tom sépia, quase tão limpo quanto o dos monitores dos computadores dos anos 1990. Bronca arqueja involuntariamente. Manhattan se aproxima deles depressa.

— Talvez devesse fazer isso de novo — diz ele a Hong.

— Não — responde Hong, apagando o cigarro. — Só posso fazer uma vez, e mesmo isso mal funciona porque sou eu fazendo, não ele. O que ele realmente precisa é do ar poluído de sua própria cidade, mas não é seguro viajar pelo macroespaço agora. E a menos que um de vocês esteja disposto a pegar um voo de dez horas para levá-lo até lá, já que eu acabei de sair de um de quinze horas e não pretendo entrar em um avião de novo por pelo menos uma semana, não sei o que fazer para acelerar a recuperação dele.

Ele se deixa cair em uma cadeira próxima, esfregando o rosto com as mãos.

— Espere — diz Veneza. — Você é Hong Kong? Quem é ele? — Ela aponta para o homem inconsciente.

Hong levanta o rosto tempo suficiente para fitá-la com um olhar de poucos amigos.

— São Paulo, é claro. Quem mais seria?

— O Rio? Alguma outra cidade? — Queens o encara. — Como é que vamos saber?

— O Rio ainda nem nasceu — responde Hong em um tom ácido. — Só duas cidades deste hemisfério estão vivas: a dele e a sua. Por isso ele está aqui. Por ser a última cidade a ter nascido, ele é responsável por ajudar vocês em seu processo. Agora você entende? Ficou claro?

Queens olha fixamente para ele por um instante, atordoada com a sua grosseria.

— Não precisa ser um cuzão do caralho! — dispara ela.

— Não preciso mesmo? — Hong cutuca São Paulo. — Estou vendo ele aqui, quase incapaz de se manifestar nesse mundo, semimorto, mas nenhum de vocês parece minimamente preocupado. E nenhum de vocês perguntou as coisas óbvias que um suposto aliado perguntaria: quem fez isso com ele? E como vingá-lo?

— São Paulo, São Paulo... — Veneza, resmungando para si mesma, se levanta da cadeira e vai até a geladeira da sala, revirando o congelador. Os outros olham para ela, mas Bronca, já acostumada com as peculiaridades da garota, a ignora.

Manhattan se posiciona ao lado de Hong e do homem inconsciente; Bronca se pergunta se ele se posicionou entre os estranhos e seus colegas distritos intencionalmente. Queens inclina o corpo para poder vê-los.

— Não conhecemos esse cara — diz ela a Hong. — Você parece esperar que sim, mas se ele deveria nos ajudar, não ajudou. Ele vai morrer?

— São Paulo ainda está de pé, não está? — Depois do comentário enigmático, Hong se reclina na cadeira e encara todos com um olhar duro e impassível.

— Olha, a gente nunca viu esse cara na vida — diz Brooklyn, com uma paciência forçada. — Sinto muito por seu amigo estar machucado, mas tem basicamente uma pessoa que pode ser responsável por fazer isso com ele, se estou entendendo tudo isso. Temos chamado ela de Mulher de Branco, mas...

Hong está sorrindo. É um sorriso muito mais enervante do que o de Manhattan, porque é obviamente falso. Bronca nunca viu ódio genuíno nos olhos de Manhattan, e definitivamente há um vislumbre disso ali.

— *Ela* não fez isso — diz Hong.

Brooklyn fica tão desconcertada que chega a trocar olhares com Bronca, que balança a cabeça, porque também não entende o que Hong está dizendo.

— E como você sabe disso? — pergunta ela.

— Esse tipo de ferimento acontece apenas quando invadimos os limites de outra cidade e essa cidade faz objeção à nossa presença. — O olhar de Hong fuzila cada um deles. — Neste lugar, neste

momento, apenas Nova York poderia ter machucado São Paulo tão gravemente.

— Ei, ei, nem fodendo — contesta Manhattan, com um olhar de raiva. Bronca se dá conta de que nunca tinha ouvido Manhattan falando um palavrão. Que atributo estranho para a ilha do Vai Se Foder. — *Nenhum de nós* fez isso. Estamos todos aqui, de qualquer forma, exceto por...

Silêncio. Lenta e inexoravelmente, a ficha cai. Brooklyn geme baixinho. Queens balança a cabeça, incrédula. A expressão de Manhattan fica ainda mais séria. Bronca também não quer acreditar... mas a conclusão é incontestável.

Hong observa todos eles — analisando-os, percebe Bronca. Verificando se algum está fingindo surpresa ou pesar.

— Bom — conclui ele, finalmente, seu tom de voz se tornando ligeiramente mais brando —, soube que Nova York tem cinco distritos, e estou vendo apenas quatro de vocês. E aquele. — Ele gesticula com a cabeça em direção a Veneza, que, a essa altura, está quase com o corpo inteiro dentro do congelador. Ela parece estar tentando alcançar algo atrás do pote de sorvete napolitano que sobrou da festa de aniversário de Jess, séculos atrás.

Staten Island. Atacou São Paulo. E porque isso aconteceu em Nova York, onde São Paulo não tem sua própria cidade para protegê-lo, o ataque o deixou gravemente ferido.

— Não. — Manhattan se levanta e começa a andar de um lado para outro. — Tem que ter sido algum tipo de mal-entendido. Ela é *parte* de nós.

— Talvez... — Bronca corre uma mão por seus cabelos. Está cansada. Não dormir direito e vagar pelo multiverso deixa as

peessoas exaustas. — Talvez Staten Island tenha pensado que ele era a Mulher de Branco. Talvez tenha sido um acidente.

— Ou talvez — sugere Brooklyn, que se levantou e agora apoia as costas na parede, de braços cruzados — seja só o que Staten Island sempre faz. Deveríamos ter esperado algo assim.

— *O quê?* — Manhattan se dirige a ela em um tom agressivo.

Ela ri ironicamente.

— Ah, é, você não está por dentro, novato. Staten Island é a do contra dessa cidade. O resto de Nova York vota azul, a ilha vota vermelho. O resto de nós quer metrô melhores; a ilha quer mais carros. Sabe por que o pedágio da ponte Verrazano é tão caro? *Eles* quiseram. Pra manter longe a “ralé” do Brooklyn! — Ela emite um som indignado. — Então se alguém vai apunhalar um aliado pelas costas, vai ser esse distrito.

— Não vamos conseguir acordar o primário se não estivermos todos juntos. — Manhattan ainda não subiu seu tom de voz, mas suas palavras se tornaram ríspidas e seu tom se tornou ameaçador. — Nós *precisamos* dela.

— Então um de nós vai ter que ir falar com ela — diz Bronca. — Convencer ela a ficar do nosso lado.

Silêncio.

Hong suspira e tira um lenço de seda do bolso, secando seu rosto e pescoço sem necessidade.

— Ele estava certo; isso está *mesmo* pior do que Londres. Mas deve ter sido por isso que “Staten Island” se voltou contra vocês, se ela percebeu a dimensão do perigo.

— Que perigo? — Bronca tem uma expressão confusa. — O que Londres tem a ver com...

Então Veneza dá um grito alegre e abafado e emerge do congelador. Ela tem uma sacola plástica em uma das mãos, que foi parcialmente enrolada em algum tipo de recipiente quadrado. Ela se agacha e rasga a sacola.

— Estão congelados, mas dá pra chupar ou coisa assim — murmura ela. — Estava com medo de que o mala do meu meio-irmão comesse tudo quando foi me visitar, porque ele comeria mesmo, então guardei aqui no trabalho e esqueci... A-há!

Triunfante, ela pega do recipiente de plástico uma pequena bolinha que parece ser de chocolate.

— Que porra é essa? — pergunta Brooklyn.

Veneza revira os olhos.

— É brigadeiro. Um tipo de doce brasileiro, tipo, ah, tipo trufas. Meu pai é português, não brasileiro, mas comemos isso também; uhuhuuu, colonialismo. E não é algo específico de São Paulo, mas... — Correndo até o sofá, Veneza se ajoelha e aproxima um brigadeiro dos lábios do homem.

Se Bronca já não estivesse assistindo com atenção, ela talvez não acreditasse no que acontece a seguir: o corpo todo de São Paulo estremece e sua imagem se torna mais vibrante, apenas com o toque do doce. Ele é tomado por cor, ainda que um pouco carente de saturação. Veneza sussurra algo em português, encorajando-o, o que por si só parece ajudar; ele estremece e suas cores se tornam mais brilhantes, mais próximas às cores humanas. São Paulo abre a boca. Ela coloca o docinho entre seus lábios e, para o alívio de todos, ele começa a mastigar depois de um momento.

— Ah, beleza. Que maravilha. Mas eu estava forçando o sotaque de São Paulo. Espero que ele não pense que eu estava tirando

sarro...

São Paulo abre os olhos.

— Valeu — responde ele, sentando.

Queens bate palmas, alegre. Então ela desliza até Veneza e se agacha ao seu lado, perguntando em um sussurro se pode comer um dos brigadeiros.

Hong se dirige a São Paulo em tom de reprovação.

— Ótimo, você não está morto.

São Paulo olha para ele, exausto.

— Você demorou três dias para chegar aqui?

— Tive que tomar um avião. Aviões demoram.

— Ainda assim, não deveria ter demorado... — Então São Paulo estreita os olhos. — A Cúpula. Você notificou e eles ficaram relutantes. *Por isso* você demorou um dia a mais.

Hong ri, soltando ar pelo nariz, se divertindo. Então pega seu celular e começa a rolar a tela.

— Já disse que não é nada pessoal, Paulo. Os mais velhos detestam as cidades mais novas por uma questão de princípios. E talvez achem você arrogante.

— É claro que sou arrogante, eu sou São Paulo. E *tenho razão*, e eles não querem admitir. — Paulo estica seus braços, por algum motivo, examinando-os como se esperasse ver algo além de seus próprios membros. Ele flexiona as mãos e o que quer que esteja sentindo parece ser o que ele esperava, então relaxa. — Então eles vão negar os fatos óbvios e transformar isso em incompetência da minha parte. Você vive me perguntando por que detesto eles? Então, é *por isso*.

— Cuidei dos seus ossos quando encontrei você. Curei eles com o Café do Ponto que tinha no carro. Agradeça aos cafés sofisticados dos aeroportos de Nova York, e também a mim, por ter sido precavido. Cigarros brasileiros são ruins pra cacete, por sinal. — Então Hong encontra o que estava procurando em seu celular. — Eis uma coisa que é motivo de preocupação para todos nós. — Ele vira o celular na direção dos outros.

Bronca se aproxima para ver a tela, assim como os outros. Paulo inspeciona a imagem de onde está e suspira. Os outros arquejam, mas tudo o que Bronca consegue enxergar é um borrão. Suspirando, irritada, ela abre caminho e tira o celular da mão de Hong, trazendo-o para perto para conseguir enxergar.

É uma fotografia aérea da cidade de Nova York, tirada no pôr do sol. Ela já viu fotografias como essa, fotos artísticas tiradas com drones ou helicópteros e usando equipamento especializado. Essa é a foto típica, focando em Manhattan — mas é diferente da maioria por não excluir os outros distritos. O helicóptero parece ter sobrevoado algum lugar perto do ponto central da ilha, talvez o Central Park, apontando para o sul. Em primeiro plano está a parte sul de Manhattan, com seu aglomerado de arranha-céus se amontoando desconfortavelmente no entorno do aterro sanitário que constitui a língua da ilha. À esquerda — a imagem é levemente curvada, uma distorção proposital provavelmente com a intenção de sugerir que Nova York abrange grande parte da Terra — provavelmente é Long Island City, Queens e quem sabe Bay Ridge no Brooklyn, fazendo a curva em direção à ponte Verrazano. Na extrema direita está Jersey City, ou quem sabe Hoboken; Bronca não sabe dizer. Por toda a região cintilam quadrados de LED de

energia eficiente. O fotógrafo usou um filtro levemente alaranjado para adicionar calor às luzes frias e trazer mais vida à imagem como um todo. É Nova York em seu auge de brilho e beleza.

Exceto pelo ponto mais distante na imagem, do outro lado de uma extensão de água escura na extremidade mais baixa de Manhattan. Staten Island.

As luzes ali estão muito mais apagadas — tão fracas, na verdade, que Bronca se pergunta por que não ouviu falar de problemas no fornecimento de energia naquela região. Mas, ao se esforçar para enxergar melhor a imagem, ela percebe que o problema não é escuridão. É que Staten Island parece muito mais distante do que deveria estar. Confusa, ela balança a cabeça. Não. O distrito está onde deveria, mas a perspectiva está errada. Uma ilusão de óptica, talvez, causada pela distorção da fotografia? O que quer que seja, parece que Staten Island está mais distante de Manhattan do que realmente é.

Ela toca em um botão no celular de Hong, sem querer passando para a imagem seguinte, e assim vê que aquela foto é parte de algum tipo de post em um fórum nas redes sociais. Grande parte dele está em chinês, mas há alguns posts em inglês. “MAIS TERRISMO?!”, grita um alarmista com dificuldades ortográficas.

Hong pega seu celular de volta.

— Isso nunca aconteceu antes — diz ele. É dirigido a Paulo, embora olhe para todos os outros. Sua mandíbula está cerrada. — O mundo das cidades é o mundo das cidades. O mundo das pessoas é o mundo das pessoas. São universos diferentes, normalmente atravessados apenas por nós. Mesmo assim, essa foto reflete o fato de que um distrito desta cidade, *no mundo das*

ciudades, está ativamente tentando se distanciar dos outros. E os habitantes do mundo das pessoas *perceberam*.

Paulo se levanta, embora precise da ajuda de Veneza para ficar completamente de pé. (Bronca nota que ela ruboriza quando ele faz um gesto de aprovação com a cabeça e sussurra em português algo que provavelmente significa *mandou bem com o brigadeiro*, e que ela claramente interpreta como *vamos fugir juntos para a casbá*.)

— É o que tenho tentado dizer a todos vocês, seus velhos babacas — diz Paulo com rispidez, seu sotaque arrastando a última palavra, embora, na maior parte do tempo, seu sotaque mal apareça. — Algo aqui está impedindo o processo natural de pós-parto... algo maior do que apenas o fato de que essa cidade não concluiu seu amadurecimento. A sobreposição dimensional está instável. O Inimigo está ativo *demais*, ativo de maneiras que nunca esteve...

— Sim, sim. — Hong não dá importância para ele e volta seu foco a Manhattan, que ele parece ter arbitrariamente decidido ser o líder do grupo, provavelmente por ser o único homem entre eles. — Vi você e seu coorte tentando se sincronizar com seu primário. Vocês o encontraram?

Manhattan balança a cabeça em um gesto negativo.

— Não. Nós o vimos, mas...

Nesse momento Bronca se sobressalta, recordando o que subitamente percebeu durante o sei-lá-o-que-foi-aquilo.

— Aquele padrão de tijolos — ela diz. — Eu *conheço* aquela porra de padrão de tijolos.

Então ela vira as costas e vai em direção à porta da sala. Atrás dela, os outros ficam imóveis por um momento, então ela os ouve se

agitando e tropeçando para segui-la.

Do lado de fora da sala de reunião, o Centro já está fechado. Yijing deixou um bilhete colado no monitor do escritório de Bronca, mesmo sabendo que Bronca só liga aquela coisa quando estritamente necessário: “600 mil em novas doações!!”. Bronca encara o papel por um momento, incapaz de processar aquele número, então coloca a nota de lado para focar em algo que faça sentido naquele momento. Como, por exemplo, em encontrar a personificação de Nova York a partir de pistas que ela descobriu em um sonho.

Enquanto a máquina conclui seu infinito processo de inicialização, ela vai até uma de suas estantes e tira da prateleira um enorme livro de fotografias chamado *Século Beaux-Arts*. E quando os outros terminam de se amontoar em seu escritório, tentando descobrir o que ela deduziu, Bronca já encontrou o que procurava.

— Isso aqui. Isso aqui! — Ela mostra uma das fotos no livro batendo sobre a página com a mão aberta, então o vira para que os outros vejam também. É uma foto colorida e de alta qualidade de um ambiente com bonito teto abobadado, coberto com o que parecem ser tijolos de ouro decorativos.

Manhattan se aproxima para examinar a foto e o músculo de sua mandíbula relaxa.

— É só o mesmo estilo. Não é esse o lugar.

— É, não acho que o primário esteja dormindo no Oyster Bar na Grand Central — diz Brooklyn, arrastadamente. Mas ela tem as sobrancelhas franzidas. — Mas eu acho que já vi tijolinhos assim em outros lugares.

— E viu mesmo — interrompe Bronca com um sorriso largo. — Porque antes de as pessoas com gostos questionáveis começarem a substituir todas as coisas bonitas nessa cidade com porcarias de baixa qualidade, esse era um dos estilos arquitetônicos mais característicos no mundo. Um movimento artístico concentrado em Nova York. Eles são chamados de tijolos Guastavinos. Hoje em dia são obsoletos, mas antigamente eles eram criados para ser à prova de fogo e autoestabilizantes. Perfeitos para uma cidade que está metade submersa e cheia de lixo inflamável. — Ela toca o teto da foto. — Há poucos exemplos restantes nessa cidade. Então...

— Ahhhhhhhh, pode crer, entendi — diz Veneza, sentando-se na cadeira do computador e puxando o teclado para mais perto. Bronca a vê digitando “tijolos Guastavinos” e “Manhattan”.

Manhattan, nesse meio-tempo, folheia o livro.

— Aqui diz que muitas das abóbodas Guastavinas estão em habitações coletivas — diz ele, parecendo confuso. — Prédios que estão abandonados...

Ele se interrompe. Bronca vê seus olhos se arregalando. Então ele vira o livro tão depressa que o movimento derruba da mesa uma xícara que Bronca usava como porta-canetas.

— Aqui — diz Manny, sua voz firme enquanto ele aponta. — *Aqui*. Brooklyn olha para o que ele aponta e ri.

— Meu Deus. Mas *é claro*.

Veneza também olha, sorrindo, e gira o monitor para que eles possam ver a página aberta no navegador. ESTAÇÃO DE METRÔ DESATIVADA É UMA JOIA ARQUITETÔNICA NA COROA DA CIDADE, diz o título. É o mesmo lugar que Manhattan encontrou no livro de Bronca — a antiga estação City Hall.

— Então é lá que ele está — sussurra Manhattan. Ele se apoia na mesa, suspirando, aliviado. — Podemos finalmente ir até ele.

— Não é fácil ir até lá — alerta Brooklyn. — Essa estação foi extinta, está fechada para o público na maior parte do tempo. A única forma de entrar, isto é, se você não quiser invadir os trilhos e arriscar ser eletrocutado, atropelado por um trem ou preso, é pelo Museu do Trânsito, mas eles oferecem tours de vez em nunca. Mas acho que posso cobrar um favor.

Ela pega o celular.

— Não dá para ir até lá com o trem 6, quando ele muda de sentido? — pergunta Veneza a Brooklyn. — Os turistas fazem isso o tempo todo. Eu fiz isso uma vez.

— É, mas eles não deixam você *sair* do trem. Ele nem mesmo para.

Hong se aproximou para ver o livro enquanto eles conversam. Então ele balança a cabeça impacientemente e encara os outros com um olhar irritado.

— Está bem. Vocês precisam ir até lá quanto antes. Temos que torcer para que a força adquirida pelo primário após consumir vocês quatro finalmente permita que ele acorde e proteja a cidade como deve, mesmo sem o quinto distrito.

O cômodo fica em silêncio por um momento.

Então Brooklyn interrompe:

— *Peraí, o quê?*

LÁ NÃO HÁ CIDADES

De manhã, depois de preparar o café e comê-lo com os pais — e Conall, que não olhou para ela em nenhum momento —, Aislyn vai trabalhar. No entanto, ela se detém repentinamente na soleira da porta, surpresa ao se deparar com um enorme pilar branco de seis metros de largura ocupando a maior parte do quintal da frente.

Não é nada identificável. É só uma coisa imensa e cilíndrica, branca, uniforme e indefinida, projetando-se do chão em direção ao céu até onde a vista alcança. Aislyn olha para ela, tentando compreender como alguém conseguiu construir algo tão grande no quintal sem que ela percebesse e sem que as pessoas de sua casa fizessem comentários a respeito. E tão depressa, também, considerando o fato de que a coisa não estava ali na noite anterior! Então ela percebe que consegue ver um bando de gansos-do-canadá através de sua translucidez... e entende. Mais ou menos.

O pilar é como as gavinhas e como a mulher que está sempre de branco; nada disso é Dali de Perto. E, assim como acontece com os ramos, ninguém além de Aislyn consegue ver o pilar — razão pela qual seu pai, ao passar por ali em direção ao carro, acena para ela sem fazer nenhuma menção à gigantesca torre que se ergue mais alta do que a casa. Aislyn tem quase certeza de que sua mãe também não consegue vê-la. Apenas ela sabe que está ali.

Ao chegar ao acesso à garagem e analisar o horizonte — a casa deles fica em uma pequena colina —, ela avista um pilar semelhante à distância. Em algum lugar nas redondezas do Freshkills Park, calcula.

Aislyn tem um carro — um Ford híbrido usado que ela comprou alguns anos atrás. Seu pai odeia o carro por acreditar que só liberais se importam com o meio ambiente, mas tolerou a escolha e até mesmo ajudou com metade do valor para que ela não precisasse financiá-lo, porque pelo menos é feito na América. Ela paga pelo combustível e pelo seguro com o dinheiro que recebe por trabalhar na biblioteca local, onde ela tem um emprego extraoficial. (Não é nada ilícito, mas precisa ser extraoficial porque ela não tem nada além de um diploma de tecnóloga e um cargo público exige um bacharelado. O pai concordou em “perder” algumas multas pendentes para o bibliotecário-chefe.) Mas ela não pode dirigir para muito longe porque seu pai monitora a quilometragem, e, além disso, ela desconfia que ele tenha instalado um GPS em algum lugar do veículo. Coisas assim são do feitio dele. Quando Aislyn quer ter privacidade, ela vai de ônibus.

No entanto, nesse momento, fitando a torre em seu quintal e pensando naquele homem estranho — a cidade de São Paulo, aparentemente — que a abordou, pensando em Conall e em seu medo de deixar a ilha e... pensando em tudo, Aislyn abruptamente sente que não vai conseguir aguentar por muito mais tempo.

Então ela olha para o espelho retrovisor, onde uma gavinha quase invisível flutua.

— Ei — diz ela. — Pode vir até aqui? Preciso conversar.

Por um momento, nada acontece. Então, de repente, o espelho retrovisor fica diferente. Em um segundo ele reflete a bonita vista que se tem da garagem dos Houlihan. No seguinte, a imagem se abre em um espaço vasto. Ela não consegue ver muito bem — é apenas um chão liso cinza-esbranquiçado com sombras tão contrastantes que parece haver um holofote por perto, fora de seu campo de visão. Ela não consegue enxergar o que está projetando aquelas sombras, mas uma delas se movimenta e, no momento seguinte, a Mulher de Branco surge no retrovisor. Aislyn percebe que ela está diferente outra vez. Ela ainda é branca, mas dessa vez há um leve indício de dobra epicântica em seus olhos e as maçãs de seu rosto e a ponte do nariz têm ângulos exóticos. Russa, talvez? Suas sobrancelhas são brancas. Seu cabelo... Aislyn fica confusa por um instante.

— Lyn, minha amiga em formato de pessoa! Entendi por que você estava brava comigo ontem à noite. Que péssimo garoto aquele lacaio foi. E quão tolo, de mão boba pra cima de uma cidade! Você poderia ter transformado ele em purê.

Aislyn assente, distraída.

— Você está careca?

— Se eu estou... — A mulher pausa. De repente, viçosos cabelos branco-amarelados surgem, emoldurando seu rosto e quase ocupando todo o espaço no retrovisor. Uma mecha de cabelo cai teatralmente sobre um de seus olhos. — Não, não estou careca.

— Ooooo.k.

Então Aislyn franze as sobrancelhas, lembrando-se de que *deveria mesmo* estar brava com a mulher. Apesar da postura calada de Conall, seu pai havia estado muito amigável com ele de manhã,

dando tapinhas em suas costas e o chamando de “filho”. Aparentemente a história aceita foi a de que alguém invadiu o quintal e Conall se defendeu, apesar de ter bebido demais para se lembrar do rosto do invasor. Um verdadeiro herói aos olhos de Matthew Houlihan.

— Então você sabe o que Conall fez.

— Sim, esse aí. — A mulher sorri, radiante. — Saiba que as guias... as coisas que você insiste em chamar de ramos?... não *controlam* as pessoas, não exatamente. Elas apenas... guiam. Encorajam tendências já existentes e concentram suas energias em ondas mais compatíveis.

O que Aislyn consegue processar de toda aquela salada de palavras é que Conall teve mãos bobas porque Conall é o tipo de cara que tem mãos bobas, para começo de conversa, o tipo de cara que teria atacado Aislyn quer tivesse um ramo brotando de seu pescoço ou não. Mas isso, e a explicação, não a consola.

— Por que, aliás, você está colocando coisas nas pessoas? — pergunta ela. — Não prestei muita atenção no terminal da balsa. Mas agora...

É indiscutível que os ramos de flores, as guias ou qualquer coisa, têm um propósito. O fato de esse propósito ser qualquer outro que não obter controle sobre as pessoas não torna a situação menos preocupante. O que de fato acontece, então, quando as guias entram em uma pessoa? Aislyn de repente se recorda de, em um dia ocioso, ter assistido a um programa sobre a natureza que falava de parasitas. Um dos episódios tinha sido sobre um fungo que cresce dentro de formigas, como uma espécie de teia em seus corpos, devorando-as conforme aumenta de tamanho e controlando

seu comportamento. Então, quando já não restam partes comestíveis nas formigas, o fungo irrompe pela cabeça delas para liberar seus esporos.

O fungo saía pela parte traseira da cabeça, Aislyn lembra por acaso. Que seria o equivalente à nuca de uma pessoa.

No espelho, a Mulher de Branco chega mais perto, estreitando os olhos.

— Hum, você está entendendo tudo errado, estou percebendo — diz ela. — Não é... bem, qualquer coisa que você esteja pensando. Deixa eu explicar. Mas assim é estranho. Espere um segundo, vou até você.

Algo dispara do retrovisor, passando pelo rosto de Aislyn e indo parar no banco traseiro. Aislyn ofega e desvia por puro reflexo, mas não tem tempo de processar o que está vendo como algo assustador. Até onde ela consegue compreender, é apenas um longo e espesso rastro de substância branca e indistinta, que se projeta da estrutura do retrovisor como se o espelho não fosse feito de vidro, mas fosse na verdade a entrada de algum tipo de tubo ou conduto. O que ela vê quando se vira não é uma poça de gosma, como esperava, e sim pés. Botas brancas e amorfas ligadas a coisa nenhuma, embora suas bases estejam começando a desenvolver textura e cor. Então, a partir da bota, algo toma forma, pixel por pixel, revelando um par de pernas, comportadamente cruzadas na altura do tornozelo. Em seguida surgem os quadris, uma cintura, tudo isso adquirindo uma definição realística com um pouco de atraso — e finalmente a Mulher de Branco aparece, sentada ali com um sorriso enorme no rosto e uma pequena bolsa de mão em seu colo.

Por um instante, a mente de Aislyn tenta sinalizar um alarme de catástrofe, morte, ameaça à própria existência, todos os sinais comuns de reação de luta ou fuga que são responsabilidade do cérebro reptiliano. E se o jato de substância tivesse sido diferente, de alguma forma — algo horrendo, talvez —, ela teria começado a gritar.

Três coisas a impedem. A primeira e a mais atávica é que tudo em sua vida a programou para associar a maldade com coisas específicas e fáceis de definir. Pele escura. Pessoas repulsivas com cicatrizes ou tapa-olhos ou cadeiras de rodas. Homens. A Mulher de Branco é o oposto visual de tudo o que Aislyn foi ensinada a temer, por isso... mesmo que intelectualmente Aislyn agora tenha a prova de que a imagem dela é apenas um disfarce, e o verdadeiro aspecto da Mulher de Branco possa ser o de qualquer um ou o de qualquer coisa...

... Aislyn também pensa *bom, ela parece o.k.*

A segunda coisa que a impede é a percepção latente e não exatamente reconhecida de que a mulher é perigosa. O que vai acontecer se ela gritar? Seu pai virá correndo defender o que é dele, e Aislyn tem quase certeza de que a mulher não pode ser ferida por um ser humano comum. E então a mulher colocaria uma das gavinhas-parasitas nele? Ele já é um homem com tendências violentas e controladoras. Vai ficar pior? Ela faria quase qualquer coisa para evitar essa possibilidade.

A primeira e possivelmente a mais importante das coisas a impedi-la é que ela se sente dolorosamente solitária, e a mulher começou a parecer muito com uma amiga.

Enfim, Aislyn não grita.

— Apenas vá para o trabalho — diz a Mulher de Branco, inclinando-se para a frente para afagar o ombro de Aislyn.

Novamente, há uma fugaz sensação fantasma, como uma ferroada que sofre um curto-circuito em seu trajeto antes de causar qualquer dor. Dessa vez Aislyn recua, compreendendo o que a ferroada significa, mas não há uma gavinha branca em seu ombro quando a mulher retira a mão. A mulher dá um leve suspiro. Aislyn solta o ar de seus pulmões, trêmula.

(Ela não vê o suspiro da mulher como sinal de decepção. Não entende seu próprio suspiro como alívio. A alternativa é desafiar sua própria percepção de que a Mulher de Branco não é tão ruim assim. Isso a forçaria a questionar seu próprio discernimento e seus próprios preconceitos e percebê-los deficientes. E dado quanto ela tem se esforçado ultimamente para ter pelo menos *um pouco* de confiança em si mesma, não está pronta para duvidar novamente. Então está tudo bem. Tudo está indo bem.)

Mantendo o foco no que importa, Aislyn aponta o dedo para a coisa que se ergue como uma torre em seu quintal.

— O que é aquilo?

— Hummmm, é tipo um cabo adaptador — diz a Mulher de Branco. — Sabe o que é isso, não sabe?

— Sei. Mas isso não é um cabo.

— Claro que é. Só é um cabo adaptador *muito grande*.

Aislyn balança a cabeça. Ela vai perder a paciência em um minuto.

— O.k. Tá bom. O que ele está adaptando, então?

— Boooooooooom, um adaptador normalmente conecta uma maneira de fazer uma coisa a uma maneira diferente de fazer a mesma

coisa, certo? — A mulher encolhe os ombros. — Você quer ouvir música. Imagine que você tem caixas de som que foram feitas para serem usadas com um reproduutor de música, mas todas as suas músicas estão em um tipo diferente de reproduutor de música. Compreende? Frustrante e ineficiente. Mas há uma solução simples para o problema. — Ela gesticula em direção à torre branca.

Não deveria fazer sentido, mas faz. Aislyn balança a cabeça lentamente.

— Mas qual, não sei, *jeito de fazer uma coisa*, você está adaptando com *aquilo*?

— Meu universo ao seu.

— Eu... — Aislyn olha fixamente para ela. Então sua boca se fecha. Não consegue pensar em uma resposta para isso.

A mulher suspira impacientemente e então gesticula em direção ao volante.

— Vamos, vamos! Não quero que você chame mais atenção ainda fugindo de sua rotina normal. Não posso ficar de olho em você o tempo todo. Por isso o insuportavelzinho do São Paulo quase pegou você ontem à noite. — Então ela sorri, satisfeita, batendo palminhas alegremente de maneira levemente exagerada. Mas sua alegria eufórica é contagiante. — Mas você deu uma lição nele, não deu?

De fato, foi uma boa sensação a de dar um safanão naquele homem horrível. Assim como foi com Conall. O carro de São Paulo não está mais ali hoje, ela percebe, e não houve sinal de polícia ou veículos de emergência naquela manhã, então ela deduz que ele se recuperou e foi embora com o carro por conta própria. Com os dois

braços quebrados? Tanto faz. Aislyn sorri para si mesma, voltando-se para o volante e ligando o carro.

— Certo. Tudo bem. Mas se você vai comigo até o trabalho, precisa me dizer o que está acontecendo.

— Esse é o plano, meu anjo.

Aislyn conduz o carro em direção à rua enquanto ouve a mulher se acomodando no banco traseiro. Há um momento estranho em que o carro esbarra na sarjeta antes de chegar no asfalto. O veículo parece descer mais do que o normal. Os amortecedores rangem, o chassi arranha o asfalto ruidosamente. A Mulher de Branco resmunga algo como “Merda de *gravidade*, nunca me lembro do índice exato”, e então o carro retoma a altura normal e continua em frente sem outros problemas.

— Os adaptadores significam *possibilidade* — diz a mulher enquanto Aislyn dirige. Aislyn tenta olhar para ela pelo retrovisor, porque é uma questão de educação olhar alguém nos olhos durante uma conversa, mas a mulher não está sentada na parte visível do banco traseiro. — É um só-por-via-das-dúvidas. E não tenho escolha a não ser colocar eles nos raros lugares em que os múons desse universo se tornaram mais amigáveis, de certa forma. O que infelizmente significa o quintal da sua casa. E também o terminal da balsa, aquele parque que era um aterro sanitário e a faculdade que você frequentou. Onde você trabalha?

— Na biblioteca pública, na... — Então Aislyn compreende. Uma vez ela foi ao parque após o trabalho e, durante todo o tempo em que esteve lá, recebeu olhares de cobiça de um funcionário do parque que estava coletando o lixo. Isso acontecera há cerca de um

mês. — Você está colocando essas coisas em todos os lugares aonde eu vou?

— Não em todos os lugares aonde você vai. Apenas em lugares onde você rejeitou esta realidade em algum nível. Mesmo antes de você ser uma cidade, atitudes assim tinham poder. No final das contas, objetos sobrepostos mudam de estado dependendo da observação.

— Certo.

Ela não gosta disso. Nem sequer compreende. Mas não pode ser uma grande questão, porque a Mulher de Branco é uma mulher gentil de boa aparência, então Aislyn não tem um motivo real para sentir medo ou para se sentir usada. E, de qualquer forma, ela está contando isso a Aislyn, então não é melhor do que mentir?

— Ah... hum... tudo bem, então.

— Por isso gosto de você, Lyn. — É o apelido que sua mãe usa. Seu pai nunca a chamou de Lyn. Ela também nunca permitiu que outra pessoa chamasse. — Você é muito complacente. Quem poderia imaginar que *esta* cidade, de todas, teria um componente tão complacente? Uma coisa em formato de garota tão tolerante.

Sim. Aislyn sempre tentou ser tolerante. Ela respira fundo.

— E os... adaptadores?

— Ah, sim. Bom, se eu conseguir instalar mais alguns como o que está no seu quintal, conseguirei alinhar o... hmmm. Mfffff. — Aislyn ouve a Mulher de Branco se mexendo, parecendo irritada, talvez impaciente. — Esse lugar é tão primitivo. Não sei se consigo pensar em analogias suficientes para explicar, já que você mal entende como esse universo funciona, quanto mais outros.

— Ah, nossa, eu não sabia que tinha mais de um.

— Está vendo? Como você pode não saber algo tão básico? Mas, ora, há x-tendendo-ao-infinito-lhões. *Hakretimazilhões*. Mais a cada minuto! — Mas, pela primeira vez, a Mulher de Branco não parece contente com isso. — Esse é o problema, é claro. Antes havia apenas um universo. Um mundo onde a possibilidade se tornava probabilidade, e assim surgia vida. Vida em abundância! Em quase todo plano e superfície, flutuando em cada camada de ar, preenchendo cada fenda. Diferente deste universo mesquinho, onde a vida se amontoa em pouquíssimas bolas molhadas cercando um punhado de bolas gasosas. Ah, Lyn, se você pudesse ver quanto é bonito.

E, no retrovisor, algo sofre uma mudança, como se reagindo à melancolia da mulher. Por estar dirigindo, Aislyn tenta não olhar fixamente, e embora seja uma pista dupla em uma área onde há campos abertos e divisórias de madeira entre as vizinhanças, ela não está interessada em descobrir como é colidir de frente com outro carro. E ainda assim... Em breves olhares de relance no retrovisor, ela já não vê o carro que vem colado em sua traseira ou a rua depois dele, nem o ônibus escolar que deve estar virando aquela rua saindo do cruzamento pelo qual ela acabou de passar. Em vez disso, ela vê a sala vazia e cheia de sombras novamente, o lugar de onde a mulher falou com ela. No momento seguinte, nota um rodopio de vapor no ar... ou seria líquido? Ou seria, de maneira mais simples, apenas cor? Apenas uma faixa sinuosa de cor que corre e flutua no espelho como se fosse algo líquido, mas também algo vivo e de um cor-de-rosa pálido em contraste com as sombras que estão ao fundo. Algo se move paralelamente — e nesse momento Aislyn se sente levemente alarmada, porque é algo preto,

e coisas pretas geralmente são ruins. Mas não passa de um leve sobressalto, porque logo em seguida ela vê que a coisa preta é uma escuridão arredondada e cilíndrica, e coisas ruins nunca têm esse formato. Essa coisa a lembra de um disco de hockey. Ela gosta de hockey, ainda que os Rangers não sejam muito bons. (Ela prefere os Islanders, embora eles não sejam de sua terra natal.) Ou talvez a coisa se pareça com os bolos de chocolate embrulhados em papel-alumínio que ela gostava quando criança, que não come desde os treze anos já que seu pai disse uma vez que ela estava engordando demais. Qual era o nome? Ring Dongs? Ding Hos? De qualquer forma, antigamente ela os adorava. Então, ao ver a coisa atravessar o fluxo nebuloso cor-de-rosa, de certa forma apagando-o, ela apenas pensa *que coisa esquisita, mas é meio bonitinho*, e continua dirigindo.

(Mas a coisa *realmente* apenas atravessou? A névoa cor-de-rosa se esquivou. Ela ouve um débil e agudo gaguejar que a faz pensar em súplica, dor, combate e, por fim, em desespero e desamparo — no momento seguinte o espelho fica vazio novamente, e ela precisa prestar atenção na rua.)

— Não há cidades nesse primeiro universo — continua a mulher enquanto passam por bosques e galerias comerciais. — Há maravilhas que você nem sequer pode imaginar. Convoluções de fisicalidade e intelecto além de qualquer coisa que este mundo poderia um dia alcançar, mas nada tão monstruoso quanto cidades. Parece estranho para você, eu sei, imaginar algo tão essencial à sua existência como algo monstruoso. Você é uma, afinal! Mas para as pessoas daquele mundo, não há nada mais assustador ou terrível... — ela dá uma leve risada triste — ...do que cidades.

Aislyn contempla essa ideia e conclui que não é algo nem um pouco difícil de compreender. Ela esteve nas docas da balsa observando, do outro lado da água, a distante e ameaçadora Manhattan, e estremeceu sob sua sombra.

— Cidades são monstruosas — diz ela. — Imundas. Gente demais, carros demais. Criminosos e pervertidos por todos os lados. E elas fazem mal para o meio ambiente também.

— Isso, isso.

A mulher agita uma das mãos; Aislyn vê extremidades de dedos no espelho, momentaneamente obstruindo o lugar repleto de sombras. Quando os dedos da mulher desaparecem, Aislyn vê que a coisa preta e cilíndrica voltou, ficando agora no canto do espelho. Não está parada; está quicando para cima e para baixo, em um ritmo descompassado. Esquisita, mas bonitinha.

— Tudo isso é verdade — continua a mulher —, mas não é o que verdadeiramente torna cidades tão terríveis. Você precisa compreender um pouco disso agora, tudo bem? Você viu além deste mundo, até o limite de outras realidades. É a natureza de todas as entidades pensantes conhecer a si mesmas, pelo menos em algum nível.

— Eu... — Aislyn se prepara para protestar. Ela não gosta de ouvir que é essa coisa que ela detesta. Ela também não compreende o que a mulher está tentando dizer. — O.k.?

— Sim. Certo.

Outro agito de mãos. O negocinho de hockey (Aislyn ri; soa ligeiramente vulgar, melhor se referir a ele como bolinho de chocolate) abruptamente para de quicar ou de pulsar ou de fazer o que quer que esteja fazendo, como se tivesse percebido o

movimento da mulher. Como se as duas imagens tivessem alguma relação. Mas o lugar cheio de sombras não é real, é? Parece estar muito distante, em algum lugar muito além do espelho retrovisor do carro. Ela teve certeza, até aquele momento, de que era uma ilusão de óptica, um reflexo de uma das janelas traseiras, somada a feixes passageiros de luz do sol. Ou um estranho devaneio. Ela realmente comeu um ensopadinho de carne moída enlatada e batatas no café da manhã, talvez as coisas no espelho sejam carne indigesta e batata malcozida.

(Muito, muito, muito mais tarde, quando a situação toda está perto do fim, ela vai se recordar desse incidente e pensar *viés de confirmação é uma merda*.)

— O problema — a mulher continua, agora prestes a disparar em um monólogo passional, se é que Aislyn está interpretando sua voz corretamente — é que cidades são predatórias. Há espaço infinito na existência para todos os universos que brotam a partir da vida... mesmo universos bizarros como este! Tem lugar pra todo mundo. Mas algumas formas de vida não se dão por satisfeitas com apenas seu nicho ecológico; elas nascem invasivas. Elas *perfuram*. E, quando fazem isso, transformam dez milhões de realidades em nada em um piscar de olhos. — Ela estala os dedos. — E podem fazer coisas muito, muito piores, se estiverem empenhadas. Ou mesmo se não estiverem.

Algo estranho está acontecendo no mundo das sombras. O bolinho de chocolate... ele ficou maior? Não, só está mais perto do espelho, embora a perspectiva pareça distorcida. De repente, há um sopro de ar gelado na nuca de Aislyn, o que causa uma sensação agradável. É o mês de junho e o ar-condicionado não está

funcionando muito bem; apenas esporadicamente ele de fato libera uma rajada de ar verdadeiramente gelado. O fluido refrigerante provavelmente precisa ser verificado. Talvez a Mulher de Branco tenha aberto uma das saídas de ar do banco traseiro.

— Caramba, parece, hum, muito ruim — diz Aislyn, tentando tomar cuidado com a velocidade. Ela vai ter que aguentar um sermão infinito de seu pai se tomar uma multa.

— É uma catástrofe que torna o fim de sua espécie inteira uma mera trivialidade. — Aislyn consegue ouvi-la dando de ombros. — O que é mais uma extinção, no fim das contas, quando inúmeras espécies inteligentes estão sendo exterminadas todos os dias pelo horror que são as *idades*?

Aislyn não consegue acompanhar o raciocínio da mulher.

— Espera, como assim?

— Você trabalha em uma biblioteca. Já leu Lovecraft?

Aislyn massageia a nuca. O frio está começando a deixá-la com espasmos musculares ou algo assim. Ela sente vontade de dizer à Mulher de Branco para fechar a saída de ar do banco traseiro, mas ao redor delas os bosques deram lugar a oficinas, postos de gasolina e outdoors divulgando shoppings em New Jersey. Isso significa que estão quase chegando à biblioteca onde Aislyn trabalha. Ela tem relaxantes musculares na bolsa, caso fique muito ruim.

— Já li algumas coisas — responde ela.

Ficção científica e fantasia nunca foram seus gêneros favoritos, exceto quando há romance; ela gosta de dar risadinhas lendo histórias sobre homens alienígenas de pênis grandes e azuis. Mas

um dos bibliotecários veteranos é muito fã de Lovecraft e insistiu e insistiu para que ela o lesse, até que ela cedeu.

— Achei *A Sombra de Innsmouth* super sem noção e prolixo, mas entendo porque todo mundo continua fazendo filmes sobre os monstros. Eu li alguns dos contos dele também.

Os contos foram mais incoerentes ainda. Ainda assim, o que ela leu sobre Nova York (ambientado no Red Hook, onde fica a Ikea) soou bastante acurado com a descrição que seu pai fazia do Brooklyn: cheio de criminosos e estrangeiros ameaçadores, e gangues de estrangeiros cometendo crimes. Ela gostou desse, ao menos, porque o protagonista era irlandês e tinha medo de prédios altos.

A voz da mulher se torna sombria.

— Lovecraft estava certo, Aislyn. Há algo *diferente* nas cidades, e nas pessoas que vivem nas cidades. Individualmente, sua espécie não é nada. Micróbios. Algas. Mas nunca se esqueça de que algas exterminaram quase toda a vida neste planeta.

— Espera, o quê? — Isso não parece fazer sentido. Algas? — Sério?

— Sério. Cidades são um problema endêmico de vida entre essas ramificações de existência: coloque certo número de seres humanos em um lugar, varie as cepas o suficiente, faça com que o meio de crescimento seja forte o suficiente, e sua espécie desenvolve... vigor híbrido. — Aislyn consegue ouvir a Mulher de Branco estremecendo teatralmente, o tecido de suas roupas se mexendo. — Vocês consomem a culinária uns dos outros e aprendem novas técnicas, novas combinações de temperos, trocam ingredientes; vocês ficam mais fortes. Vocês aderem aos estilos de moda uns dos

outros e descubrem novos padrões para aplicar na própria vida, e por isso vocês *ficam mais fortes*. Basta um novo idioma para infectá-los com um modo de pensar radicalmente diferente! Ora, em apenas poucos milhares de anos vocês foram da inabilidade para contar até a compreensão do universo quântico! E teriam chegado lá mais rápido se não destruíssem as culturas uns dos outros e por isso tivessem que começar do zero. É demais.

Aislyn franze as sobrancelhas.

— Qual o problema em aprender um novo idioma?

Ela aprendeu o básico de gaélico sozinha quando era criança. É difícil de pronunciar e, por não ter por perto outros falantes de gaélico com quem praticar, ela esqueceu a maior parte, exceto por frases prontas e algumas músicas. Mas não consegue entender como aprender um idioma pode ter sido algo ruim.

— Nenhum. Só estou descrevendo sua natureza. Eu não julgo. Mas é um problema porque, conforme *vocês* crescem, *suas cidades* crescem. Um altera o outro, cidade e pessoas, pessoas e cidade. Então suas cidades começam concatenar múltiplos universos e, uma vez que brechas como essas ocorrem, ora, a estrutura da existência como um todo se enfraquece.

Agora a Mulher de Branco se inclina para a frente. Aislyn consegue ver a mão dela no apoio para cabeça do banco do passageiro.

— Incontáveis povos morrendo em incontáveis mundos e vocês nem sequer notam. Galáxias sendo esmagadas sob as pavorosas e geladas fundações de sua realidade. Algumas de suas vítimas são conscientes o suficiente para tentar clamar a vocês, sabe, mas vocês não escutam. Alguns tentam lutar contra vocês, fugir para

mundos próximos buscando refúgio, até mesmo adorá-los na esperança de receber misericórdia, mas nenhuma dessas pobres almas tem chance. Isso soa justo para você, Aislyn? Você compreende por que preciso impedi-los?

De uma maneira terrível, Aislyn compreende. E se for verdade... Meu Deus, é horrível. Mas... ela franze o cenho e sente um pouco de culpa por pensar assim, mas... Isso é *maldade*? Em certo nível, o que a mulher está dizendo soa como algo que a srta. Pappalardo, uma das bibliotecárias que é vegana, sempre diz a Aislyn: *inúmeros seres vivos foram escravizados para que você pudesse colocar mel no seu chá*. Aislyn leu que isso não faz sentido; as abelhas fazem mais mel do que conseguem usar, e o relacionamento entre abelhas e seres humanos é mais simbiótico do que escravidão. Mas a verdadeira razão pela qual Aislyn não deixa de usar mel para adoçar seu chá é que... pelo amor de Deus, é apenas mel.

— Talvez haja outra forma — Aislyn se pega dizendo. Ela se lembra de um adesivo no carro da srta. Pappalardo. — Para que todos nós possamos... coexistir?

— Não. Houve tentativas. — Então a mulher suspira, soando um pouco melancólica. — A questão é que eu sei que vocês não são maus. Afinal de contas, fui criada para ajudar as pessoas de onde venho a entender vocês... e eu entendo, mais do que eles jamais poderiam! Mas entender nem sempre ajuda.

Tu-dum.

Aislyn, fazendo uma curva, gira o volante um pouco tarde demais, distraída pela conversa e pelo som esquisito atrás dela. O raio de curva do carro não está certo; ela bate no meio-fio e xinga alto, girando o volante depressa para corrigir a direção. Ela gira demais e

precisa jogar o volante para a direção oposta a fim de evitar uma colisão com um carro que estava vindo. O carro inteiro sacode de um lado para o outro, e mais uma vez parece estar estranhamente lento e pesado enquanto ela faz isso—

— O quê? Mas que droga, eu *te disse* pra ficar na área de testes — diz a mulher, exasperada, enquanto Aislyn recupera o controle do carro. — Olhe só o que você fez.

— Desculpe! — balbucia Aislyn, magoada. — É que eu... Ouvi um som esquisito e...

— Não quis dizer você, Lyn, querida. Desculpe.

Abruptamente há o som de uma porta sendo firmemente fechada e a rajada de vento gelado para. O carro se ergue imediatamente, os amortecedores rangendo no que Aislyn deduz ser alívio. Ela vai precisar revisá-los.

Entrando no estacionamento da biblioteca, Aislyn escolhe uma vaga, desliga o carro e respira fundo, aliviada por ter escapado de um acidente. Ela também vai precisar se certificar de que as calotas dianteiras não estão amassadas, e seu pai vai matá-la se ela tiver danificado o carro o suficiente para que precise de consertos maiores, mas ela está aliviada por não ter sido pior.

Quando ela olha para o espelho retrovisor, está normal novamente: o estacionamento, a rua depois dele com carros em movimento, um rapaz andando e cutucando o nariz. Ela se vira e vê que a Mulher de Branco também se virou, olhando pela janela traseira como se estivesse pessoal e profundamente ofendida por alguém cutucando o nariz na sua frente. É estranho, mas não mais estranho do que o normal.

— Bom, precisa que eu chame um Lyft pra você ou algo assim?
— pergunta Aislyn. Ela com certeza não quer nadinha que a Mulher de Branco a siga até o trabalho.

— O quê? Ah. Não, querida. — A mulher sorri ao se voltar para ela. É um sorriso gentil e afetuoso. — Sempre tão atenciosa. Vou sentir sua falta.

— Está indo para algum lugar?

— Não. Ouça. — Ela se aproxima e toca a mão de Aislyn que está apoiada no banco do passageiro. — Você entende que não odeio você, não é? Crença é algo que importa no multiverso, e sou parecida o suficiente com você para desejar confiança e conexão e todas essas coisas sem sentido. Então... Você acredita em mim? Quando digo que me importo com você e que gostaria que as circunstâncias fossem diferentes?

— Claro que sim!

Nunca foi do feitio de Aislyn culpar as pessoas por suas boas intenções. E a Mulher de Branco parece muito sincera em seu arrependimento; Aislyn se compadece dela. Não consegue imaginar um mundo em que pessoas que têm boas intenções possam causar danos reais. Ela não consegue conciliar todos esses temas grandiosos e elaborados — multiversos e colapso inevitável e a vida como uma cidade viva — com a realidade simples da mulher, que é genuinamente uma pessoa agradável. O mundo precisa de mais pessoas agradáveis.

Então ela dá palmadinhas amigáveis na mão da mulher, desajeitada devido a sua posição.

— Vai ficar tudo bem. Você vai ver.

A mulher sorri.

— Você é uma boa abominação esmagadora de realidades — diz ela. — Vou fazer tudo o que puder para cuidar de você, pelo máximo de tempo possível.

E então — se Aislyn não estivesse olhando diretamente para ela, não acreditaria — a Mulher de Branco desaparece. Não há nuvem de fumaça ou efeitos sonoros ou portas mágicas se abrindo e se fechando. Ela apenas some.

Aislyn permanece em silêncio por um momento, aturdida e confusa e se perguntando por que sente um leve resquício de maresia no ar. Mas ela está quase atrasada para o trabalho, então, depois de um segundo, ela só balança a cabeça, aceita as coisas que não consegue compreender e entra na biblioteca.

BEAUX-ARTS, OTÁRIOS

— Foi o que aconteceu em Londres — explica a personificação de Hong Kong, mal se dando ao trabalho de esconder sua falta de paciência. — Naquele caso havia mais que uma dúzia de avatares. Então algo aconteceu e restou apenas um. Mas a cidade ficou em segurança dali em diante.

O silêncio cai sobre a sala. Depois de um momento, durante o qual Manny e os outros encaram Hong, atônitos, ele parece ficar ainda mais irritado. Ele olha para Paulo.

— Não contou a eles?

Paulo, ainda apoiado em Veneza, solta um sonoro suspiro.

— Eu não tinha sequer *encontrado eles* até agora. E eu teria explicado quando eles estivessem prontos, de uma maneira que pudessem compreender, porque não sou um cuzão insensível e precipitado.

— Nos consumir — diz Manny, falando devagar para se certificar de que está entendendo. — No sentido de “comer”...

— No sentido de “canibalismo” — balbucia Queens, seus olhos arregalados. — No sentido de “morte”!

— No sentido de Sodoma e Gomorra — diz Hong, colocando as mãos na cintura. — Embora eu tenha ouvido que o Inimigo matou Sodoma antes de a fusão ser concluída, enquanto estavam em um estado de transição parecido com o que vocês estão agora. “Fogo e

enxofre” os consumiram, diz a lenda; foi uma erupção vulcânica. O acontecimento destruiu *quatro* cidades na região, inclusive duas que ainda nem estavam vivas.

Manny fica chocado ao perceber que Sodoma e Gomorra foram lugares reais. *Ao menos aqui não há vulcões*, ele pensa, em uma espécie de negação engraçadinha e assustadora. Nova York nada mais é do que ilhas no oceano e, considerando que há uma ameaça de mudança climática, uma inundação é mais provável.

— Poderia acontecer algo do tipo aqui — continua Hong, como se tivesse ouvido as especulações de Manny. Ele é implacável. — Se Nova York não se apressar e comer todos vocês, *vai* acontecer. Só que, levando em conta a interconexão dessa região metropolitana, acreditamos que o cataclismo levará partes de New Jersey, de Long Island, da Pensilvânia e de Connecticut no processo. Possivelmente da região oeste de Massachusetts também. Há uma falha geológica considerável nessa região.

Beleza. Talvez não seja uma inundação. Ou talvez seja um terremoto seguido de inundação, seguido de porções da Costa Leste caindo no mar. Há várias opções, na verdade.

Todos parecem atordoados. Manny se sente da mesma maneira, mas talvez a pessoa que foi antes tenha tido prática em reagir rapidamente a notícias chocantes e horrendas.

— Você está mentindo — acusa ele, de repente. Hong tensiona a mandíbula, embora pareça mais enojado do que zangado. — Está tentando nos manipular. Nos amedrontar, para que a gente faça...

Para que façam o que a cidade demanda. Para que se sacrifiquem, se for o necessário para impedir a Mulher de Branco de transformar a região metropolitana em uma cratera.

— Estou dizendo a vocês o que precisa ser feito — responde Hong. Ele fala lentamente, de maneira firme e direta, como se todos eles fossem estudantes medíocres para os quais foi obrigado a dar aula. — Estou dizendo o que *aconteceu* em todos os outros casos em que uma cidade composta, uma cidade feita de cidades, como a de vocês, nasceu. Há um avatar primário e um ou mais subavatars dos distritos ou dos exúrbios ou das periferias, ou qualquer que seja o nome. O nascimento permanece incompleto e a cidade não está segura até que o avatar primário devore os outros.

— Se essa é uma história que você ouviu, “devorar” não precisa ser literal — diz Bronca. Ela fala lentamente também, embora Manny suspeite que, no caso dela, seja por ainda estar processando as informações. Testando a ideia em voz alta. — Pode ser... Não sei. Espiritual. Sexual, vai saber.

— Se for sexual não é muito melhor! — diz Padmini. Ela soa horrorizada, olhando em volta.

— Não sei como a parte de “devorar” funciona — admite Hong. — Mas já disse a vocês: no caso de Londres havia muitos, e depois havia apenas um. Ela ficou traumatizada. Por muitos anos, nem sequer falou. Agora ela está... diferente, mesmo pra um de nós. Quando ela fala sobre a questão, alega não se lembrar do que aconteceu. — Ele cruza os braços com um suspiro. — Claramente não é algo *bom*.

Manny sente vontade de atacar alguém. Qualquer um. O ímpeto de ser violento corre sob sua pele como uma corrente elétrica — mas violento contra quem? Ele não vai machucar o avatar primário. Atacar qualquer outra pessoa não faria sentido, porque todos naquele cômodo são mensageiros ou são outros passageiros nesse

barco rumo à surrealidade. Quando ele respira fundo para tentar se acalmar, acaba funcionando, e ele tem a sensação de esse ser um velho hábito. Sim. Ele não é um monstro, perdendo a cabeça desenfreadamente. A violência é uma ferramenta a ser controlada e direcionada, e usada apenas para propósitos em que ela é necessária.

Ele volta sua atenção para Paulo, não em modo de ataque, mas sim para tentar entender.

— Não tinha nenhum jeito de você amenizar isso para nós — diz ele.

Paulo ainda não parece bem, Manny pensa, analisando-o clinicamente. Ali no escritório de Bronca ele está de pé sozinho perto da geladeira, mas sua postura definitivamente não chega a ser vertical. Há círculos escuros sob seus olhos. Ainda assim, ele se endireita com dignidade cautelosa.

— Eu teria começado explicando os riscos. Vocês todos são egoístas, qualquer um seria, mas *não se pode ser*, sendo o que somos. Milhares ou milhões de vidas dependem do avatar de uma cidade. O Inimigo já passou pela porta; vocês não têm mais tempo. Se localizaram o avatar primário, precisam ir até ele. — Ele respira fundo. — E fazer qualquer coisa necessária.

É Padmini quem explode. Manny não espera isso. Ela parece uma garota legal. Mas ela se afasta da parede e avança sobre Paulo, empurrando-o contra a geladeira.

— Você quer deixar aquela... coisa... nos matar? Nos *comer*? Você nem estava aqui quando precisamos, e agora você aparece e nos diz pra morrer? Como tem coragem? Como tem *coragem*?

Manny reage sem pensar, segurando-a pelos ombros antes que ela possa fazer qualquer outra coisa. Faz isso por duas razões: primeiro porque o rosto de Paulo se contorceu quando ela o empurrou, como se ele tivesse ferimentos maiores do que eles podem perceber — ou como se o empurrão tivesse doído muito mais do que deveria. *Só Nova York pode machucar São Paulo tão gravemente aqui na cidade.* Aliado confiável ou não, Manny desconfia que ainda precisam de Paulo.

A outra razão pela qual Manny reage é mais visceral. É porque Padmini chamou o primário de *aquela coisa*.

— Para com isso — ordena ele, ríspido.

Sabe que não deveria. Ela tem motivos para estar chateada. Mas ele não consegue suportar que ela rejeite o primário — que ela rejeite Nova York. Todos eles são Nova York. Ele também consegue sentir isso, nas partes dele que não existiam há três dias: a mesma coisa que qualquer um deles pode fazer com uma cidade estrangeira, podem fazer uns com os outros. Mas Nova York não pode travar uma batalha consigo mesma sem terríveis consequências, da mesma forma que um homem não pode esfaquear a si mesmo na barriga e sair ileso.

Padmini se desvencilha dele com um puxão, suas mãos imediatamente se fechando em punhos. Manny se prepara para uma briga como homem e como ilha de frágeis arranha-céus-construídos-na-melhor-oferta. Felizmente, ela apenas grita.

— Quietos! Não quero ouvir nem mais um pio de você! Você está maluco. Você provavelmente *quer* ser comido por ele. Por que eu ia querer ser parte de você? Argh. — E ela se vira com as mãos erguidas, fazendo um som parecido com um rosnado.

— Eu também não quero morrer — responde ele, e continua depressa antes que tenha tempo para pensar sobre a acusação de Padmini de que ele quer ser devorado. — E não sabemos se vamos! Paulo mesmo disse: *algo diferente* está acontecendo aqui, além do processo normal. — Ele ergue o olhar para as cidades estrangeiras. Paulo tenta não chamar muita atenção ao se apoiar na geladeira para não cair. Hong simplesmente olha para Manny impassivelmente. — Eu consigo identificar enrolação de longe. Tudo, desde a maneira como despertamos até como o Inimigo vem agindo, tudo o que aconteceu nessa cidade pegou vocês dois de *surpresa*. Vocês estão tão no escuro quanto nós!

— Talvez — concorda Hong, prontamente. Ele parece entediado. Não é de estranhar que Paulo o odeie. — É verdade que o nascimento de cada cidade é diferente. Você preferia que não tivéssemos mencionado que em todos os precedentes que conhecemos os subavatares desapareceram?

— Não. Precisávamos saber disso — diz Brooklyn.

Ela é a única de todos eles que não se levantou. Ela ainda está sentada na maior das poltronas desconstruídas de Bronca, suas pernas comportadamente cruzadas e suas mãos pousadas no colo. Talvez só Manny esteja vendo quão pálidos os nós de seus dedos estão.

Hong olha para ela com atenção por um momento, então inclina a cabeça e assente, como se dissesse “então pronto”.

Padmini se afasta, começando a andar de um lado para outro naquele canto do escritório de Bronca, resmungando para si mesma. Ela alterna entre tâmil e algumas imprecações em inglês. Manny tenta ignorá-la para que ela tenha um pouco de privacidade,

mas então ela diz “Kan ketta piragu surya namashkaaram”, o que pode ser traduzido em algo parecido com “*Pra que implorar ao sol depois de já ter ficado cego?*” ou “*Por que se dar ao trabalho de fazer ioga matinal se você acordou tarde?*”, e ele não consegue conter o impulso de reagir.

— Não somos inimigos — diz Manny. Padmini se interrompe e o encara. — Só temos um inimigo: aquele que já atacou cada um de nós, alguns mais de uma vez. O avatar primário não fez nada para nos prejudicar. Ele está do nosso lado. Ele não tem razão para querer nos matar...

— Você não sabe — diz Bronca com um suspiro.

— Não importa se ele *quer* nos matar ou não, novato — diz Brooklyn.

Sua voz se tornou mais ríspida. Ela entrelaça os dedos, olhando para Manny sobre eles. Ainda deixa transparecer o impacto tanto de sua batalha contra as criaturas que atacaram sua família quanto do choque ao descobrir ter perdido sua casa.

— Muitas coisas ruins que acontecem não é nada pessoal. O primário pode amar a todos nós como irmãos e irmãs, mas no fim das contas ele não pode escapar do que precisa fazer. Nós também não poderíamos, se estivéssemos no lugar dele. Milhões de vidas em troca de quatro? — Ela dá de ombros. Parece indiferente, mas não é. — Não é nem mesmo uma questão em discussão.

Manny assente para ela, grato pelo apoio. Brooklyn o encara de volta, seu olhar franco e frio. E isso o faz perceber que ela não falou nada daquilo por ele.

Então Hong também assente.

— Certo. Agora vocês já sabem. Então vamos.

Todos se voltam para ele. Até Manny balança a cabeça em genuína incredulidade diante da completa falta de tato do homem.

— Muito cedo, cara — diz Veneza. Só Deus sabe o que ela pensa de tudo isso, mas fica claro que compreende a dinâmica. — Cedo pra caralho.

— Não me importo se foi cedo demais ou não — diz Hong, calculadamente. — Todos vocês merecem saber o que vai acontecer, mas Paulo está certo ao dizer que não há mais tempo para sentimentalismo ou individualismo ou covardia. Só no caminho do aeroporto JFK para cá, vi jardins de tentáculos brancos cobrindo quarteirões inteiros. Eles estão formando *estruturas*, vocês perceberam isso?

— Estruturas? — pergunta Bronca. — Tipo o quê?

— Tipo algo que nunca vi antes. Em Staten Island, eu vi... — Pela primeira vez ele hesita e parece desconcertado. Então balança a cabeça, e já passou. — Uma torre, por assim dizer. Não faço ideia de para que serve. Mas se nosso inimigo a construiu, o motivo não pode ser bom.

Veneza repentinamente se levanta e sai do escritório de Bronca, deixando a porta aberta. Está ficando tarde, embora a luz alaranjada do pôr do sol ainda entre pela janela da galeria principal, já que não baixaram as persianas. Todos observam quando ela para em frente à enorme janela, banhada pelos raios avermelhados, e se inclina para a frente, tentando enxergar algo à distância. Então ela aponta pela janela e se vira para chamá-los.

— Uma torre, é? Tipo aquela ali?

Todos correm para a galeria principal e se aglomeram na janela ao lado dela.

É difícil ver dali. Pequena à distância, embora se curve sobre as árvores e os prédios e os carros em movimento em alguma rodovia. Manny tem que estreitar os olhos para ver — mas parece uma mistura de cogumelo com o Gateway Arch em Saint Louis: um arco irregular, disforme em suas curvas e contornos e achatado no topo. Há fitas que se movimentam lentamente, ondulando-se, brotando das laterais do topo plano, afinando de um jeito que torna difícil de enxergar dessa distância e ângulo. É fácil adivinhar para onde a maioria dessas gavinhas cambaleantes, sinuosas, está indo. Para baixo. Se afunilando, se transformando em filamentos e se espalhando pelas ruas abaixo.

— Eu vi aquilo quando saí para o almoço hoje — diz Veneza suavemente, enquanto eles observam. — Eu pensei que fosse, sabe, uma instalação de arte de guerrilha, uma peça ruim de propaganda, sei lá. Eu ia conferir de perto quando fosse embora. Mas, quando mandei uma mensagem pra uma amiga falando sobre a coisa... ela mora ali, em Hunts Point..., ela disse que não tinha visto nada.

Bronca exprime um grunhido baixo.

— Eu moro em Hunts Point. Porra, essa coisa provavelmente está bem em cima da minha casa.

Hong fita Veneza por um momento.

— Não é uma boa ideia chegar perto daquilo.

— Ah, você jura?

— O que é? — pergunta Paulo.

— Não faço ideia — responde Hong com um suspiro. — Acho que você estava certo sobre essa cidade ser um caso fora do comum.

— Eu estava. — Paulo olha para ele. — MUITÍSSIMO obrigado por me jogar aos leões, aliás.

— De nada — responde Hong, impassível.

— Olha só — diz Bronca, em um tom horrorizado, mas baixo.

Ela aponta para a rua logo em frente ao Centro. Em uma calçada do outro lado da rua há um grupo de adolescentes latinos, talvez indo para casa depois de alguma atividade extra na escola. Estão rindo e brincando, distribuindo socos como é de costume entre garotos, fazendo uma barulheira como normalmente fazem os jovens se divertindo.

Há seis deles. Três têm gavinhas se retorcendo em suas nuças ou seus ombros. Um dos que estão infectados tem mais delas pelos braços também, e uma pequena brotando em seu rosto, logo abaixo de um dos olhos.

Todos eles ficam mudos por um tempo.

Bronca quebra o silêncio respirando fundo ruidosamente.

— Preciso... Que merda. Vamos dar uma volta. — Quando os olhos se voltam para ela, ela tensiona a mandíbula — Só pelo quarteirão. Estou aqui dentro sem um intervalo há quase quarenta e oito horas. Para entender o que está rolando lá fora, preciso de um pouco mais do que ficar aqui falando com vocês.

Eles se entreolham. Hong se prepara para falar, mas Paulo dá uma cotovelada nele. Bronca emite um som de irritação e então dá as costas para ir sozinha.

Manny imediatamente se mexe para segui-la, embora ela pare no meio do caminho, encarando-o.

— Você não pode ir sozinha — diz ele. Bronca estreita os olhos no que definitivamente é um olhar intimidador, embora ela seja mais

baixa do que ele. Ele não se importa. (Já enfrentou coisa pior, ele sabe, embora não consiga se lembrar do quê.) — Nenhum de nós pode ficar sozinho até que isso acabe.

— Isso é idiotice — resmunga Padmini. Veneza dá uma palmadinha desajeitada em seu ombro, então se junta a Bronca e Manny.

— Vocês têm um constructo pronto caso o Inimigo os ataque? — pergunta Hong.

Bronca responde torcendo a boca; não é um sorriso.

— Sempre tenho as minhas botas.

Ela não está usando botas no momento, percebe Manny, mas Hong parece satisfeito com a resposta. Hong olha para Manny, que faz uma careta ao perceber que ele não tem. Não é difícil adivinhar o que Hong quer dizer — mas qual manhattanismo quintessencial ele poderia considerar para ser usado como arma em uma crise? Ele está ali há três dias e passou menos de um em seu próprio distrito.

Bom. Ele tateia o bolso traseiro e encontra sua carteira. Há o cartão de débito. Contanto que ele não esteja falido.

Hong olha para ele desconfiado e em seguida faz um sinal com a cabeça em direção a Bronca.

— Bom, o distrito é dela, de qualquer forma. Tente não atrapalhar.

Manny se retrai, mas segue Bronca e Veneza para fora.

No entanto, no instante em que saem, Bronca para, franzindo o cenho. Manny percebe ela estremecendo e colocando a mão sobre o quadril, como se estivesse sentindo dor.

— Que merda, eu devia ter saído antes. *Tudo* parece errado.

— É, mas pode ser o calor e a baixa umidade — diz Veneza.

Bronca apenas balança a cabeça e começa a andar visivelmente mancando.

O Centro fica no declive gradual de uma colina, então eles começam a subir em direção a uma avenida menor que Manny consegue ver logo acima. Para ele, tudo parece bem, apesar das pessoas ou carros com gavinhas que vez ou outra passam por eles. Não há enormes plumas de gavinhas, como na FDR, até onde Manny consegue ver, mas se tantos moradores do distrito estão sendo infectados deve haver algo em algum lugar. Aquelas estruturas, talvez. Talvez a coisa na FDR Drive estivesse se desenvolvendo para se tornar algo como elas — uma torre — quando ele a destruiu.

Bronca anda a passos largos e enérgicos, apesar da idade, olhando para cada exemplar de pessoas infectadas e murmurando algo em um idioma que, pela primeira vez, Manny não consegue desvendar. Algo que aparentemente não é muito falado em Manhattan. Ela massageia a lateral de seu corpo também, além dos quadris. Ambos os gestos são familiares. Quando ela faz isso de novo, fazendo uma careta como se estivesse com azia, Manny diz:

— Quando eu lutei com a coisa na FDR, senti que ela estava rasgando *a mim*, não apenas ao asfalto.

Bronca suspira.

— Ah, que bom. Fiquei preocupada de ser reumatismo.

No entanto, ao chegar à esquina, Bronca para repentinamente na frente dos dois, seu rosto congelado em choque. Manny fica tenso, escorregando a mão para dentro de seu bolso em busca do cartão de débito, mas o que ela encara é simplesmente um terreno de cascalho na esquina do outro lado. Parece que o prédio que havia

ali recentemente foi demolido. Não há nada além de tijolos caídos e uma cerca de madeira compensada recém-pintada anunciando o que quer que vá substituí-lo. Ele não consegue ver nada que justifique o aborrecimento, mas Veneza também ofega ao ver a cena.

— Ah nããããão — diz ela. — Meu Deus. Murdaburga.

— O quê? — pergunta Manny.

— O Murdaburga sumiu! — Sua postura irradia tragédia. — Eles eram os hambúrgueres mais gordurosos e suculentos da vida. E o lugar existia há mais tempo do que eu. Era uma *instituição* do Bronx. Quando foi que eles demoliram? E por quê? Sempre tinha pessoas lá comprando hambúrguer! Eu achei que eles estavam indo bem.

Bronca retorce a boca de maneira sombria e atravessa a rua pisando duro, de ombros retesados. Manny se apressa para acompanhá-la. Quando ele para novamente, percebe que ela está olhando para o pôster que foi colocado na cerca. No topo lê-se RESIDENCIAL DE LUXO, logo acima de um adorável desenho arquitetônico de um prédio modernista de altura média em processo de construção.

— Condomínios — ela rosna, no mesmo tom que outras pessoas diriam *cobras*. — O Murdaburga era o restaurante térreo de um prédio onde moraram dúzias de famílias durante anos. Eu ouvi dizer que eles estavam com dificuldades, há alguns meses, algo sobre aumento no aluguel, mas meu Deus. Eles só expulsaram toda aquela gente. Para colocar *condomínios* superfaturados e cafonas no lugar.

— Ô B1 — diz Veneza com repentina urgência.

Ela estava espiando por uma das janelas de plástico turvo instaladas na cerca de madeira compensada; agora ela recua e aponta para a janela, emudecida e de olhos arregalados. Quando Manny e Bronca vão até a janela, têm dificuldade para enxergar no início — mas no momento seguinte Manny ofega.

Por todo o terreno, como mudas que acabaram de brotar, curtas gavinhas brancas serpenteiam entre os tijolos ou saindo deles. É um campo inteiro delas. Enquanto observam, uma senhora passa pela outra extremidade do terreno, puxando um carrinho de feira cheio de roupas e compras de supermercado. Ela cambaleia de repente, franzindo a testa enquanto se equilibra no carrinho e se abaixando por um momento para massagear o tornozelo. Quando ela se endireita e continua a caminhar, há uma gavinha branca brotando das costas de sua mão. Provavelmente há uma no tornozelo também, embora Manny não consiga ver dali.

A respiração de Bronca se acelera. Ela chega perto do pôster e cerra os olhos.

— Isso não começou quando a cidade ganhou vida — ela vocifera, lendo rapidamente o texto em um rápido bater de olhos. — Não me interessa quantas pessoas eles estão subornando ou quantas mentes estão manipulando, mesmo abominações sobrenaturais não conseguem uma autorização de construção de um dia pro outro *nesta* cidade. O que significa que a *Dra. Alva* planejou essa estratégia há muito mais tempo do que dois ou três dias.

— Mas como isso é possível? — Manny ainda está espiando através das janelas, embora esteja mantendo os pés afastados da

base da cerca, agora que sabe que as gavinhas brancas estão do outro lado. — Ela sabia que a cidade estava prestes a nascer?

— Não faço ideia. Estive tão envolvida nas merdas políticas do Raul... — Bronca está absorta nas letrinhas pequenas, murmurando para si enquanto as lê. — Não percebi o que devia ter percebido. O território aqui não é saudável há centenas de anos, mas essa é uma nova doença, e eu *devia ter percebido*. Eles estão destruindo tudo que faz Nova York ser o que é e colocando essas *merdas* genéricas no lugar. — Ela estapeia o pôster e então fica imóvel por um instante, surpresa, e recua ligeiramente. — Fundação Nova York Melhor?

O nome soa familiar. Manny se aproxima para ver. Sim; espremido no canto do texto do cartaz há um pequeno logo. É uma letra B estilizada e a miniatura da silhueta de Nova York — bom, de Manhattan.

Então seus pelos se eriçam ao perceber tardiamente que *aquela não é a silhueta de Manhattan*. Quanto mais ele observa, mais anomalias encontra. Há uma estrutura característica no meio da imagem que, num primeiro momento, ele imagina ser o Seattle's Space Needle: uma longa coluna afunilada com um topo plano e largo. Então ele nota os estranhos caroços posicionados irregularmente ao longo da coluna. Além disso, a estrutura no topo não parece ser um restaurante ou um observatório. É mais orgânico. Como um pólipó, como um organismo da zona abissal do oceano.

— Nova York Melhor é a fundação que nos ofereceu a porra da doação da qual te falei — diz Bronca. Agora sua raiva parece ter se esvaído e sido substituída por confusão e uma inquietação nada moderada. — A fundação para a qual a “dra. Alva” disse trabalhar.

A ficha finalmente cai.

— Também é a mesma fundação que reivindicou a posse da propriedade da Brooklyn — diz Manny.

— O quê?

— Brooklyn recebeu uma nota de despejo dos dois prédios que são da família dela há anos — explica Manny. — O advogado dela diz que há um tipo de programa público criado para resgatar prédios danificados ou abandonados. Eles os doam para organizações sem fins lucrativos que os reabilitam e os vendem. Mas o programa deu errado. Eles estão desapropriando prédios que não estão danificados, em alguns casos por meio de erros burocráticos ou cobranças de impostos que não estão atrasados. Ou com base em absolutamente nada, como no caso de Brooklyn.

Bronca levanta as sobrancelhas e solta um assovio.

— Ah, então é *isso* que tá rolando com ela. Além de ser o Brooklyn.

Manny assente. Brooklyn tem mais conexões do que a maioria das pessoas, e ela já solicitou um tipo de liminar contra a nota de despejo, pausando todo o processo até que uma investigação seja feita. Mas a situação ainda a deixa nervosa, compreensivelmente.

E—

— A organização sem fins lucrativos a quem foi dada a posse dos prédios dela é essa tal de Nova York Melhor.

Bronca se vira para ele; ela parece tão chocada quanto furiosa e seus olhos estão arregalados.

— Meu Deus. Ela estava *esperando* por isso.

Veneza se afasta da parte da cerca por onde estava espiando.

— O quê?

— Isso é uma armadilha. Alva preparou armadilhas como essa por todos os cantos da cidade. Era inevitável que a cidade ganhasse vida uma hora ou outra, e ela deixou tudo isso preparado aqui, só *por via das dúvidas*.

— Talvez ela tenha preparado armadilhas por todos os cantos do mundo — observa Veneza sombriamente. Quando eles se voltam para ela, ela suspira. — A filha da puta espertinha gosta de fazer planos, não gosta? Então... por que ela faria isso só aqui? Se a maioria das cidades ganha vida mais cedo ou mais tarde, então ela provavelmente está em todo lugar, não? Talvez todos esses tentáculos do Planeta X estejam movimentando o setor imobiliário.

Bronca e Manny se entreolham.

Manny pega seu celular e rapidamente digita o site da Fundação Nova York Melhor informado no pôster. No entanto, antes que ele possa clicar em “ir”, Veneza segura sua mão.

— Meu Deus, qual o seu problema? Não entra no site deles! E se você pegar *tentáculos no telefone* em vez de malware? Olha, veja se tem alguma notícia ou coisa assim.

Então Manny faz isso.

— O Wikipedia diz que a fundação existe desde 1990 — diz ele. — Há sedes em Nova York, Chicago, Miami, Havana, Rio de Janeiro, Sydney, Nairobi, Pequim, Istambul...

— Eles estão *mesmo* em todo lugar — diz Veneza, nitidamente aterrorizada ao descobrir que sua teoria estava correta.

Manny fecha a página da Wikipedia e passa os olhos por outras notícias por um momento.

— Parece que eles não faziam boa parte dessas coisas, as aquisições de propriedade e propostas de medidas, até

recentemente. Tipo, os últimos cinco anos ou coisa assim. A fundação já existia antes disso, mas estava praticamente inativa.

— Bom, algo ativou essa merda. — Veneza chega mais perto para ver o celular dele. De repente ela ofega e aponta um dedo para algo que Manny estava prestes a deixar passar. É o link de um site de notícias corporativas com o título EMPRESA CONTROLADORA DA NY MELHOR, GMT É HOMENAGEADA NA GALA VC. — Empresa controladora GMT?

— Acho que faz sentido que haja uma corporação dominante controlando as coisas, se eles estão tão difundidos — diz Manny, clicando no link. — Não dá pra chegar em Boston com o nome Nova York Melhor.

Bronca finalmente se aproxima também, embora deixe escapar um grunhido ao apertar os olhos para ler o texto no celular. Manny, tentando ser solícito, aumenta o tamanho da fonte para ela. Ela o encara, embora tenha nitidamente ficado mais fácil de ler.

— Acho que eles realmente tinham milhões de dólares então. Provavelmente era troco de pinga, levando tudo isso em consi...

Ela para. Manny se encolhe. Veneza fica boquiaberta. Eles viram ao mesmo tempo. O nome da empresa controladora.

GUERRA MULTIVERSAL TOTAL, LTDA.

Não há mais necessidade de continuar o passeio no quarteirão. Eles descobriram o que verdadeiramente há de errado.

Anoiteceu. Protegidos pelas cortinas do Centro, eles se agruparam no Salão Murrow sob o autorretrato do primário. Estar ali faz com que Manny se sinta melhor, apesar da ameaça implícita da imagem do primário. Ele tem quase certeza de que não é reconfortante para

nenhum dos outros, mas não se importa com o que eles pensam contanto que guardem para si.

Mas ninguém parece propenso a falar mais sobre o primário. Depois que eles explicaram tudo sobre a Fundação Nova York Melhor para Hong, Paulo, Padmini e Brooklyn, Hong pareceu assustado pela primeira vez desde que Manny o conheceu. Já Brooklyn está em brasa.

— Eles roubaram *minha propriedade* — vocifera ela, levantando-se e começando a andar de um lado para outro; sua voz política se foi completamente, e mais uma vez Manny ouve a MC Free em sua fúria. — Meu pai se *virou do avesso* por aqueles prédios, e esses filhos da puta da Multiversal roubaram a porcaria da minha *casa*. O que você sabe sobre isso? — Ela parte para cima de Hong.

— As outras cidades e eu não notamos nada disso em outros lugares — responde ele, lentamente.

Padmini o encara, incrédula.

— Você nem *procuraram*?

Paulo suspira pesadamente. Há um vestígio de *eu avisei* em sua atitude, mas menos do que provavelmente deveria; Paulo está nitidamente exausto demais para expressar *schadenfreude* apropriadamente. Hong olha para ele de cara feia, em seguida balança a cabeça e diz, dirigindo-se a todos:

— Antes de uma cidade nascer, ela não é nada. Apenas prédios, pessoas e possibilidades. Nós nos focamos no que é realidade.

— Então enquanto vocês e as outras cidades estão seguindo a programação normal, *reagindo*, essa coisa tem planejado ataques preventivos em todo lugar — diz Bronca.

Ela anda de um lado para outro da galeria principal. Do outro lado, Brooklyn é praticamente um espelho de sua imagem, andando de um lado para outro também, embora mais rápido e de braços cruzados. Bronca aponta para pontos em um mapa imaginário.

— Pequenas armadilhas corporativas em todas as cidades, para o caso de ela ganhar vida. Infusões de dinheiro aqui e ali para enfraquecer as cidades antes de elas nascerem. Talvez impedindo elas de nascer?

Ela balança a cabeça enquanto Hong e Paulo se tensionam. Claramente essa possibilidade não havia passado pela cabeça deles.

— De qualquer forma, assim que uma cidade *de fato* nasce, o Inimigo já tem uma base de operações.

Manny está encostado na parede ao lado do retrato do primário. Veneza e Padmini se espremeram em um dos bancos compridos e usam o notebook de Padmini para descobrir mais sobre a estrutura corporativa do Inimigo. É extensa e cheia de filiais — quase de maneira tentacular —, mas elas a estão rastreando. Todos deixaram que Paulo ficasse com a única cadeira, trazida da recepção, porque ele aparenta estar apenas ligeiramente melhor, embora tenha tomado posse do resto do brigadeiro de Veneza e os esteja o mastigando de tempos em tempos, meditativamente, enquanto escuta. (Veneza suspira, resignada ao sacrifício.)

— E o Inimigo provavelmente estava de olho especialmente em algo como *esta* cidade — diz Brooklyn. Ela ainda encara Hong, furiosa, mas sua raiva se amenizou levemente e a voz política está de volta. Manny desconfia que ela seja o terror das reuniões na Câmara. — Você disse que a maioria das cidades são nada,

completamente vulneráveis, mas sem valor, ou então estão vivas e o Inimigo as quer, mas elas são difíceis demais de conquistar. Estamos presos em um meio-termo. O alvo perfeito, valioso e vulnerável.

Paulo assente lentamente.

— Eu disse à Cúpula que o comportamento do Inimigo mudou. Não fazia ideia de que ele tinha assumido uma forma humana, ou de que pudesse *falar*; isso é novidade. Mas mesmo sem isso ele tem sido mais esperto, mais sutil, mais malévolo. As duas cidades que acordaram antes de vocês, Nova Orleans e Porto Príncipe, foram natimortas, e isso não devia ter acontecido em nenhum dos dois casos. Mas as cidades mais velhas, e um número considerável das jovens, não acreditaram em mim. Elas insinuaram que nós, as cidades jovens das Américas, só estivéssemos acordando antes do tempo, sem força suficiente para sobreviver ao processo. — Ele aperta os lábios ao dizer isso.

Hong balança a cabeça, inquieta e furiosamente. A interação dá a Manny a impressão de ser uma discussão antiga.

— O processo não mudou por séculos. Milênios. Por mais tempo do que se tem registro da história humana! Por que mudaria *agora*?

— Não sei. Talvez algo que não sabemos esteja acontecendo. Algo além desse mundo, algum processo catalisador que fez com que o Inimigo evoluísse. Mas *deveríamos* ter começado a investigar antes. — Paulo fecha a mão em um punho sobre seu joelho; sua mandíbula está cerrada. — Eu devia ter feito isso por conta própria, já que vocês se recusaram. Mas deixei que me convencessem a me juntar à sua complacência.

Hong o encara por um momento, um músculo saltando em sua mandíbula.

— Só queria que ficasse em segurança — diz ele, finalmente. Suavemente.

Manny fica imóvel, surpreso com a mudança em seu tom. Por um momento, Hong soou quase humano. Mas seria isso...?

Paulo sorri amargamente e abre os braços. Sua intenção é clara, embora seus braços tenham se curado e ele aparente estar muito melhor do que quando o viram pela primeira vez. Ele não vai sair de Nova York ileso.

— O que nós somos não é seguro — diz ele a Hong, com o mesmo tom brando. — Nenhuma cidade é, mesmo as que estão inteiras. Podemos ser saqueadas e incendiadas, afogadas quando uma nova barragem é construída, bombardeadas até nos tornamos crateras. Vivemos enquanto nossas cidades vivem, e temos um grande poder... mas foi você quem me disse para estudar história. E eu estudei. E vi que pouquíssimas cidades morreram *pacificamente*. — Hong faz uma careta. Paulo continua, implacável: — E, não sei vocês, mas eu não vou viver dormindo de olhos abertos, sendo controlado pelo medo da morte. *Ou* daquela criatura.

Hong apenas o encara, mas. Há algo nas entrelinhas. Manny e Bronca se entreolham de esguelha. *Isso é o que eu acho que é?* Bronca levanta a sobrancelha e aperta os lábios. *Com certeza está longe pra caralho de ser o que imaginamos ser.*

Quando Hong não responde, Paulo solta um suspiro longo e resolutivo. Então ele se levanta. Parece mais forte, mas ainda leva uma mão às costelas — onde Padmini o empurrou, mais cedo. Ela

percebe isso, Manny pode ver, mas cerra a mandíbula e levanta o queixo; sem arrependimentos.

— Podem culpar a mim e a Hong por seus infortúnios — diz Paulo, se dirigindo a todos eles. — Podem culpar as outras cidades também, se servir de consolo. Mas, diferente de todos vocês, já presenciei uma cidade viva morrendo. Não quero presenciar de novo.

— Nova Orleans? — adivinha Manny. Ele está curioso em relação ao Furacão Katrina.

Hong é quem meneia a cabeça.

— Eu dei um jeito nessa. Frequentemente há complicações com cidades menores, então a Cúpula estava *preocupada* o suficiente para enviar alguém mais experiente nesse caso. — Ele olha incisivamente para Paulo. Então fica sério. — Mas muita coisa deu errado lá. O avatar foi baleado em uma tentativa de assalto. *Antes* do nascimento; aliás, antes mesmo de eu chegar lá. Puro azar, eu pensei... mas então o hospital negligenciou o quadro dela e quase a matou durante a cirurgia, e depois a liberaram antes que ela estivesse completamente recuperada, porque ela era indigente... — Ele balança a cabeça, resmungando em cantonês sobre quão bárbaro é o sistema de saúde americano, antes de voltar a falar em inglês. — Arranjei um lugar para ela ficar, mas ela estava sem forças quando a cidade tentou ascender e o Inimigo veio. As barragens se romperam depois de ela morrer, e, em vez de ajudar, a mídia e o governo incompetente de vocês agravaram a catástrofe em cada oportunidade. — O rosto dele se torna ainda mais sério. — Mas se o Inimigo já estava ativo aqui, de alguma forma interferindo antes

mesmo de a cidade selecionar um defensor... — Sua voz diminui até sumir, e ele está visivelmente preocupado.

Paulo tem uma expressão triste.

— Eu fui responsável por supervisionar Porto Príncipe.

Manny estremece sem conseguir se conter.

— O terremoto. — O que matou duzentos e cinquenta mil habitantes e depois outros milhares devido à cólera, má gestão e interferência estrangeira.

Paulo assente, mas não dá mais detalhes. Então levanta o queixo.

— Nova York é muito maior do que Porto Príncipe. É cercada de quase todos os lados por cidades-satélite e exúrbios gigantescos. Essa mulher está *procurando* por ele, o primário, e como já infestou tantos cidadãos com sua própria essência, para que ajam como seus olhos e ouvidos, ela mais cedo ou mais tarde vai encontrar ele. Se vocês não tiverem acordado ele até lá...

Paulo balança a cabeça e ninguém diz nada por um momento. É difícil discutir com a tragédia estampada em seu rosto e sua mandíbula cerrada.

— Olha — diz Brooklyn. Ela suspira e encosta na parede. — Sem Staten Island... Você não pode pedir pra gente se sacrificar quando nem sabemos se isso vai funcionar mesmo. Se for necessário morrer para manter minha filha em segurança, eu posso pagar esse preço. Mas não vou deixar ela sem mãe por *nada*.

— E se vocês procurarem Staten Island? — A voz de Veneza soa hesitante; quando eles se viram para ouvi-la, encontram-na sentada do outro lado da sala, apoiando as costas na parede e abraçando os próprios joelhos contra o peito.

Ela parece triste e cansada. Manny consegue adivinhar a razão. Ele ainda não decifrou ao certo o relacionamento entre Bronca e Veneza — mãe e filha de consideração, fiéis escudeiras ou talvez um estranho par de melhores amigas. Mas amor é amor, e provavelmente é preocupante para Veneza saber que perderá Bronca se eles levarem a situação a cabo.

— E se todos vocês forem falar com ela e convencer a ajudar? É a única coisa que ainda não tentaram, mas parece ser... Não sei. O próximo passo óbvio.

É verdade. Mas ainda assim Manny não gosta da ideia, e por um momento fica confuso com a razão. Ele nunca esteve em Staten Island. Por que está tão relutante em ir até lá? Estaria com medo de um avatar que claramente é violento e pode ser maluco? Quase todos eles podem ser descritos assim — ele ainda mais do que os outros. Ou será que está sendo afetado pela aversão coletiva dos moradores de Manhattan pelo menor e mais preterido dos distritos?

— Vale a tentativa — diz Brooklyn, finalmente.

Ela também soa relutante. Todos eles aparentam estar relutantes, o que confirma a teoria de Manny. Mas ninguém se opõe.

Hong esfrega os olhos.

— Nenhum de vocês parece se dar conta da urgência dessa questão. Enquanto perdemos tempo nessa conversa sem fim, o que está acontecendo na cidade se *agrava* rapidamente. Cada pessoa infectada vai infectar outras. Cada nova estrutura que cresce sem supervisão infecta *várias* pessoas. É nítido que o Inimigo tem um objetivo, e eu não sei qual é, mas vocês precisam impedi-lo. Agora, antes que fique pior.

— Nós *estamos* tratando isso com urgência — diz Padmini, irritada. — Ontem eu estava fazendo trabalhos do meu curso, hoje estou aqui sem poder ir embora enquanto estranhos tentam me convencer a me matar. Não consigo ir mais rápido do que isso.

— Se formos até a City Hall... — começa Manny. Padmini deixa escapar um grunhido e ele a encara, irritado. — Se formos agora e não conseguirmos acordar o primário, vamos desperdiçar muito tempo. Acho que devíamos nos dividir. Alguns de nós vão buscar Staten Island. O resto tenta fazer alguma coisa na City Hall... ou apenas manter o avatar primário em segurança, se tudo der errado.

Padmini fica em silêncio. Bronca parece verdadeiramente impressionada.

— Concordo. Surpresa por ouvir isso vindo de você, mas concordo.

Manny respira fundo, tentando ser paciente.

— Eu quero que o primário permaneça vivo. Não estou escondendo isso, mas não consigo imaginar uma razão para vocês não quererem o mesmo, levando em conta o que está em jogo.

Bronca ri, debochada.

— Você é quem está apaixonado por ele, *Mannahatta*.

— Não de forma *suicida* — responde Manny, exasperado, embora tenha enrubescido. — De que me adiantaria salvar a vida do avatar primário e em seguida morrer aos pés dele? Eu quero... mais do que isso. — Meu Deus. Ela vai estourar alguns vasos sanguíneos. Mas é a verdade. — Vou lutar para ter mais do que isso.

— Isso é quase fofo — diz Brooklyn. Ela está sorrindo, embora com um vestígio de tristeza. — Espero que consiga o que deseja. Espero que todos nós consigamos.

Bronca deixa escapar um contido e cansado suspiro e balança a cabeça. Se dirigindo a Manny, ela diz:

— Suponho que você seja do time City Hall?

— É claro.

Ela olha para Padmini.

— E você?

— Eu não quero nem chegar perto da City Hall — declara a garota.

— Time Staten Island, então — diz Hong, lentamente. — Já que São Paulo não deve retornar para aquele distrito, ele obviamente terá que...

Ele se enrijece em meio à frase. Paulo também franze o cenho e se vira, seus olhos perdendo o foco. Manny tenta descobrir qual é o problema — então todos são atingidos pela mesma sensação. A sensação de que estão afundando. Um estranho mergulho gravitacional que é ainda mais estranho por não existir no mundo real, onde há luz e tempo e espaço e onde todos estão de pé sobre o chão. Alguma coisa no outro lugar. Perto, onde quer que esteja.

— O que é...? — Padmini hesita.

Paulo balança a cabeça de sobrelanceiras franzidas.

— Nunca senti isso antes — responde Hong

Com um grunhido, Bronca curva o corpo para a frente com a mão fechada em punho sobre a barriga, como se estivesse com azia.

— Argh. Estou com vontade de vomitar.

Manny não está passando mal, mas definitivamente sente alguma coisa. A sensação de que algo está fora de lugar, de que há algo de errado. Uma... iminência. Ele olha para baixo, sua percepção

oscilando no mundo real, e franze as sobrancelhas ao ouvir sussurros e murmúrios nos limites de sua audição.

— Por que parece que tem algo se movendo abaixo de nós?

E por que há algo familiar no som?

Bronca olha para o chão também — e arregala os olhos de repente.

— Porque tem. *Subindo em nossa direção.* — Ela puxa Veneza para ficar de pé. — Todos para fora! Agora!

— O quê? Por quê? — pergunta Brooklyn. Mas ela está em movimento.

Então todos conseguem sentir. Algo cresce debaixo do Centro — uma camada de maldade entre eles e a base rochosa da cidade, interferindo com a conexão que deveriam sentir simplesmente ao pisar no solo de seus lares.

Manny xinga e puxa Paulo, que está mais próximo. Paulo não protesta, embora esteja um pouco trôpego e cambaleante ao andar. Mas Veneza se aproxima de Paulo pelo outro lado e, juntos, eles conseguem acompanhar a velocidade dos demais, que correm porta afora. Bronca faz um leve desvio para a direita enquanto eles avançam por um corredor, para puxar o alarme de incêndio. Um alarme tradicional dispara. Manny se lembra de ela ter dito que há artistas que de vez em quando passam a noite no Centro, no andar de cima. Mas, mesmo enquanto o alarme dispara, as luzes do prédio piscam.

Eles começam a ouvir um som. Sussurros. Um serpentear de muitas camadas, crescendo e se transformando em um rosnado abaixo deles. E não estão nem perto de correr rápido o suficiente.

Manny tenta pensar, tenta não sentir medo — então, por alguma razão, se pega pensando em sua única experiência no metrô. A velocidade entre as estações, movendo-se velozmente pelo escuro na barriga de uma reluzente carcaça de metal. O sentimento de velocidade caótica, interminável e arriscada—

Não é muito. Ele não está em seu distrito. Ainda assim, abruptamente a energia da cidade estremece e a forma fantasmagórica de um vagão de metrô tremula ao redor deles enquanto correm. Os pés de Manny parecem se erguer do chão e ele dispara à frente, acelerando tão rápido quanto um trem; Padmini deixa escapar um gritinho e Bronca xinga enquanto são arrastadas. Então o mundo passa por eles em alta velocidade, com certo cheiro de excremento de rato e o soar de uma buzina industrial, e de repente eles dispararam *através* da janela frontal do Centro e de suas cortinas também, seus corpos brevemente intangíveis como o trem-fantasma—

Então eles estão na calçada do outro lado da rua, em frente ao Centro, trôpegos e gritando enquanto o trem freia com um som estridente até parar completamente.

— Caralho — balbucia Veneza. — Isso foi mais emocionante do que a tal da Cyclone em Coney Island!

Mas, quando o trem-fantasma desaparece e eles se viram em direção ao Centro de Artes do Bronx, uma coluna branca brota do chão em volta do prédio, arremessando-se em direção ao céu. Não está completamente ali, não está exatamente nesse mundo; por um momento eles ainda conseguem ver o Centro dentro da massa crescente, e o prédio em si parece intocado. Mas a coluna cresce para rapidamente se tornar *milhares* de gavinhas brancas, cada

uma maior do que a explosão que Manny enfrentou na pista rápida da FDR. Elas se entrelaçam enquanto crescem, envolvendo o quarteirão inteiro em questão de segundos. Manny consegue apenas assistir, reverberando com o mesmo horror paralisado que os demais, enquanto a parede branca emaranhada cresce diante deles. Quinze metros de altura. Vinte, e as gavinhas começam a estreitar a costura e a se solidificar, formando uma única massa. Vinte e cinco metros de altura.

Uma torre.

— Não, não, não. — Bronca ofega enquanto eles inclinam os pescoços, assistindo à coisa tomar forma. Será mais alta ou tão alta quanto o estranho arco em Hunts Point, isso já está claro. — Os residentes. Acho que nenhum deles conseguiu... Preciso tirar eles de lá! — E ela faz menção de cruzar a rua, antes que Veneza e Brooklyn a puxem de volta.

— Não vai conseguir — diz Hong. Soa mais suave do que a forma como Hong geralmente fala, mas nem por isso é menos brutalmente verdadeiro. O corpo inteiro de Bronca estremece e ela geme, aflita.

— Precisamos ir. — Padmini treme nitidamente, seus olhos arregalados e atormentados. — Não devíamos estar tão perto.

Manny concorda fortemente. O trânsito na rua em frente ao Centro está péssimo — carros desviando e parando no meio da rua, outros acelerando e dando o fora da confusão. Nenhum dos motoristas enxerga a torre, mas, apesar disso, todos reagem a ela, sentindo a presença de um intruso.

No entanto, no meio de todo o caos, uma forma amarela familiar repentinamente faz o retorno e corre pela rua em alta velocidade antes de frear estridentemente em frente a eles. É um táxi Checker.

Alguém colocou uma placa na janela do passageiro com palavras chamativas escritas à mão: TÁXI DE MENTIRA. FAVOR NÃO CHAMAR. Mas a placa cai dentro do carro quando a motorista se estica sobre o banco do passageiro para abaixar o vidro da janela. Ela encara Manny e Manny a encara de volta.

— Ah, mas eu *sabia!* — diz Madison.

É inacreditável. Bom, não, não é. É a cidade. Apesar de tudo, Manny não consegue conter um sorriso, embora suspeite parecer levemente histérico.

— Mundo pequeno?

— Será que é? — Ela torce o nariz. Madison está usando uma camiseta onde está escrito NÃO SOU PERFEITA, MAS SOU DE NOVA YORK O QUE É MAIS OU MENOS A MESMA COISA. — Você vai dar uma de cowboy de novo? Porque acho que deveria. — Ela aponta para o Centro com o polegar.

— Não. — Há apenas uma razão para que a cidade tenha enviado uma carona para ele. — Pode nos levar para a City Hall Station?

Madison revira os olhos.

— Não vou nem perguntar como você sabia que é para lá que estou indo. Entra aí, caramba.

— Beleza, só um minuto. — Manny se ergue. — Temos outro carro para o grupo de Staten Island?

Bronca seca as lágrimas que brotaram em seus olhos diante da coisa horrível que envolveu seu Centro e começa a revirar seus bolsos. Seus movimentos são trêmulos, sua expressão é de choque, e Manny não pode culpá-la. Mas ela suspira aliviada e puxa um molho de chaves de um dos bolsos. Há uma chave eletrônica nele.

— Sim, tem o meu.

— Então vou com você para Staten Island — diz Brooklyn a ela. Ela olha com estranhamento para o Checker. — Então vocês têm uma carona?

— Temos — responde Manny.

Virou uma necessidade agora, a atração em seu peito em relação à City Hall. Todas as partes dele que compreendem estratégia, violência, hostilidade estão certas de que essa torre, esse ataque explícito, é um sinal. A Mulher de Branco deixou de lado o fingimento; ela está avançando com sua jogada, e eles não estão prontos. Manny vai para a City Hall mesmo que nenhum dos outros queira ir com ele.

— Vou com você — diz Paulo, como se pudesse ouvir seus pensamentos.

Ele ainda não parece ótimo, mas se move em velocidade considerável para entrar no táxi pela porta traseira do passageiro, acenando educadamente com a cabeça para Madison ao se acomodar lá dentro.

Com um sobressalto repentino que pega a todos de surpresa, Veneza tateia os bolsos e então geme, aliviada, ao encontrar as chaves de seu carro também.

— Meu Deus, pensei que ia embora a pé hoje. Também posso levar...

Bronca emite um som parecido com um rosnado.

— O único lugar para onde você vai é para casa!

Todos têm um sobressalto novamente, exceto por Brooklyn. Foi uma voz de mãe, ríspida e incontestável. Brooklyn só acena sombriamente com a cabeça e pega seu celular.

Veneza olha para Bronca como se ela fosse maluca.

— B1, corta essa, você vai precisar de toda a...

— Cala a porra da boca!

Bronca então gesticula para o que antes era o Centro de Artes do Bronx. A torre continua a crescer, embora não tão rápido quanto antes. Ela será mais alta do que qualquer outra coisa no Bronx, até onde Manny sabe. E ela *respira*, ele percebe, oscilando espasmódica e irregularmente; ou pulsando, ou talvez seja apenas sua superfície maleável e coberta de gavinhas se contraindo aleatoriamente. O som que ela emite é o de unhas desleixadas contra um quadro rachado; ele percebe estar emitindo um zunido de boca fechada em uma tentativa inútil de abafar o som. Não consegue olhar para ela por muito tempo também, o que torna as palavras seguintes de Bronca dolorosamente irônicas.

— Olha pra essa merda! Sabe como eu ficaria se *você* estivesse lá dentro?

Imóvel e assustada, Veneza encara Bronca por um momento, então murcha ligeiramente.

— Sim. Sim, tudo bem. Eu só... — Ela suspira. — Queria ajudar.

Bronca solta o ar de seus pulmões tremulamente e vai até ela, segurando a garota pelos ombros.

— *Você não tem como nos ajudar.* E, nesse momento, é só mais um motivo de preocupação para mim.

Ela acha que eles vão falhar, percebe Manny. Bronca acredita que eles serão mortos pelo Inimigo, e que a cidade vai então ser atingida por alguma catástrofe. Ela está mandando Veneza embora para que a garota sobreviva ao que vai acontecer.

Veneza parece magoada pelas palavras de Bronca por um momento. Então ela amarra a cara.

— Ah, não, você não acabou de tentar mandar o lance de psicologia reversa pra cima de mim. Tenho cara de otária? Se quer tanto que eu vá embora, apenas diga, sem cerimônias, não finja que não me quer por perto...

— Quero que você vá embora — diz Bronca. Sua voz está impassível.

Veneza hesita e fica em silêncio, então faz uma careta.

— Caramba. Porra. Tá bom. — No momento seguinte ela começa a caminhar em direção ao seu carro, embora não pareça nada feliz com isso. — B1, se você morrer ou for devorada ou... serpenteada, ou sei lá, qualquer porra assim, eu vou matar você — diz ela. — Vou atrás de você naquele paraíso de campos de caça indígenas e te descer o cacete.

Mas ela então se vira e corre em direção ao seu carro, que parece estar bem longe.

Bronca parece dividida entre tristeza pela partida de Veneza e alívio por saber que a garota não a vê com maus olhos diante da tentativa de ser hostil.

— Falamos sobre esses estereótipos, não falamos? — grita Bronca para ela. — Não falamos?

Veneza mostra o dedo do meio em despedida.

Bronca olha para ela por um momento com um sorriso sutil, embora seus lábios estejam comprimidos. Então respira fundo e acena para Brooklyn e os demais.

— Vai rolar um aperto no meu carro — diz ela. — E alguém vai ter que pagar o pedágio na Verrazano, eu não tenho dinheiro comigo...

— Agora é tudo eletrônico — diz Brooklyn, embora esteja distraída. Manny consegue ver que ela está ligando para alguém. — Eles tiram uma foto da sua habilitação com as câmeras e te mandam uma fatura depois.

— Bom, uma salva de palmas para o estado da fiscalização. Meu carro tá aqui. — Ela usa a chave eletrônica para destrancar um Jeep alguns carros à frente.

Os outros a seguem. Padmini estava trocando mensagens avidamente com alguém; no momento seguinte o telefone toca e todos escutam a voz de Aishwarya gritando em tâmil acelerado enquanto Padmini faz uma careta e tenta explicar que a família precisa sair da cidade.

— Sim, pai — diz Brooklyn. — É aquilo que conversamos. Meu assistente vai buscar vocês em trinta minutos. Diga a ele para dirigir como se houvesse um alerta de terremoto. — Ela pausa. — Também amo você.

Ela desliga e é a única a olhar de volta para Manny. Há tanto medo reprimido em sua expressão que o deixa angustiado. Ela não está com medo por nenhum deles, é claro; eles não significam nada uns para os outros, amigos íntimos de menos de três dias. Ainda assim, o destino de sua família agora depende do sucesso ou do fracasso coletivo deles. Palavras como *adeus* e *boa sorte* soariam fatalistas demais.

Então, depois de um momento, Brooklyn só se vira e se apressa para alcançar as outras a caminho do carro de Bronca.

Manny olha fixamente para ela por mais um momento, processando tardiamente o fato de que ele é o único entre todos

que não tem família ou pessoas queridas com quem se preocupar. Exceto a própria Nova York. Exceto ele mesmo.

Ele entra no táxi com Paulo, e Madison sai depressa com o carro, tão ansiosa para se afastar da torre quanto todos eles. Agora Manny pode se concentrar, finalmente.

— Estou indo — ele murmura baixo para o vento. Paulo o encara, mas não diz nada. Ele sabe exatamente com quem Manny está falando. — Logo eu chego aí.

E enquanto Veneza dirige nervosamente para longe dos demais, tentando se convencer de que fazer uma visita-surpresa a seu pai imprestável na Filadélfia realmente é uma escolha melhor do que ficar e encarar um apocalipse interdimensional,

algo no banco traseiro de seu carro engole em seco, suavemente,
Tu-dum.

O CORREDOR POLONÊS DA SECOND AVENUE

Começa assim que elas entram no carro. Bronca pega o celular para usar o GPS. Ela estreita os olhos, como sempre, penosamente tocando em letras e números com apenas um dedo até que Queens interrompe.

— Deixa que eu faço — diz ela, esticando o braço do banco traseiro e pegando o celular da mão dela. — Vai dirigindo em direção a Staten Island.

Nada muito pior do que ela tem que aguentar quando está com Veneza, mas Queens não é Veneza.

— Vê se pede antes de pegar as coisas das mãos das pessoas, sua selvagem.

— Só estou tentando ser eficiente! Preciso de um endereço de destino.

Os dedos dela voam pelo teclado com aquela misteriosa destreza de alguém com menos de trinta anos. Bronca começa a dirigir. Já que Brooklyn está no telefone no banco da frente, Queens se volta para Hong.

— Eu sou Hong Kong — diz ele, ríspido.

— Ah, é. Acho que você não ia saber mesmo. — Queens abre o mapa enquanto Bronca dirige. — Mas pode pelo menos apontar o lugar onde encontrou Paulo? Ela provavelmente está ali por perto.

Enquanto ela e Hong discutem sobre o último paradeiro aproximado do avatar de Staten Island, Brooklyn desliga o telefone novamente. Ela estava falando mais suavemente dessa vez, e Bronca não a incomodou porque reconheceu aquele tom e o ritmo de sua voz. É a voz que pais e mães usam quando estão tentando se despedir de seus filhos, possivelmente pela última vez. Provavelmente é o que ela deveria estar dizendo para seu próprio filho... mas Mettshish está na casa dos trinta e mora na Califórnia, e, na verdade, teria grandes chances de tudo virar uma bela discussão e ela não tem forças para isso agora. E deixar um homem-feito órfão é uma coisa inteiramente diferente de deixar uma garota de catorze anos. O que Bronca gostaria mesmo de fazer é se despedir de seu neto, que só vai nascer dali a uns três meses... mas talvez seja melhor que ela seja apenas um mistério para a criança, e não uma tragédia, quando contarem histórias dela para ele.

Depois do telefonema, Brooklyn olha pela janela por um tempo, taciturna, e Bronca não a interrompe. Não há muito a ser dito em um momento assim. Mas, por fim, ela tenta.

— Vai mandar ela pra ficar com o pai?

Brooklyn bufa, rindo, e o faz com tanta amargura que Bronca imediatamente percebe que foi a coisa errada a se perguntar.

— O pai dela morreu, então espero que não.

Caramba.

— Drogas?

Brooklyn se vira para encará-la.

— *Câncer.*

Ah, porra. Bronca suspira.

— Olhe, eu não quis dizer... é que eu ouvia suas músicas de vez em quando, e você sempre falava sobre se envolver com caras que eram traficantes ou viciados ou... você sabe.

— É. Vários caras estão só fazendo o que precisam fazer pra cuidar de quem eles amam, o que torna eles mais decentes do que os predadores gentis e honestos, ou sei lá. Mas não importa, as coisas que eu falava nas músicas nem sempre condiziam com o que eu estava fazendo na vida real. Caralho, achei que só gente branca acreditava que tudo o que escutam em letras de rap é real.

Ela balança a cabeça e volta a olhar a rua pela janela.

Bronca consegue sentir sua raiva crescendo. É o lugar errado e o momento errado e o alvo errado, e ela já está velha o suficiente para saber que está mirando em Brooklyn apenas porque é algo que consegue controlar, ao contrário do restante de toda essa terrível situação. Mas mesmo sabendo de tudo isso... bom, Bronca jamais será uma anciã sábia, se é que ela vai chegar a esse estágio da vida.

— É? Não são reais? — Ela mantém o olhar na rua, mas suas mãos apertam o volante. — Eu me lembro de algumas de suas letras que eram reais pra caralho. “E se uma vagabunda me der ideia, acabo com a cara dela”, lembra dessa?

Brooklyn solta uma risada raivosa e um grunhido ao mesmo tempo.

— Começou. Eu *me desculpei* por essas letras há anos, publicamente. E eu doei milhares de dólares para o abrigo Ali Forney...

— Acha que isso conserta as coisas? Tem ideia de quantos jovens queer morrem esfaqueados ou baleados?

Ela vira em uma esquina para se dirigir à via expressa Bruckner e o carro derrapa ligeiramente, obrigando-a a forçar o volante na direção contrária mais do que o normal para endireitar o percurso.

— Por favor, por favor, se meta em um acidente catastrófico — suspira Hong do banco traseiro. — Destrua metade da cidade em uma única colisão, faça o trabalho do Inimigo por ela. Aí poderei ir para casa.

Bronca tensiona a mandíbula, furiosa. Mas, em silêncio, Brooklyn respira fundo longa e demoradamente.

— Eu sei que um pedido de desculpas não conserta nada — diz ela.

Ela retoma seu sotaque da antiga Brooklyn, deixando de lado a voz de política, e, por alguma razão, isso ameniza o mau humor de Bronca. Nenhuma das Brooklyns é falsa, mas essa parece um pouco mais verdadeira em relação à MC Free, e essa é a parte dela de que Bronca desgosta. — Eu sei que não, o.k.? Eu mesma fui chamada de sapatão várias vezes só por entrar em um ringue que os rappers achavam que era deles por direito. Filhos da puta tentaram me estuprar só porque eu não me encaixava no que eles pensavam que uma mulher deveria ser, e eu disseminar isso. Eu sei que sim. Mas eu *aprendi*. Alguns amigos me disseram umas verdades e eu escutei. E percebi que os caras tinham a cabeça fodida, então talvez não fosse a melhor das ideias imitar eles. Porra, naquela época a maioria de nós estava só... — Ela gesticula em sinal de frustração, então suspira pesadamente. — Fazendo merda, sabe? Seduzidos pelo hype. Virando o estereótipo de entretenimento pra descolar contratos em gravadoras e dinheiro de gente branca. Eu só... — Ela suspira de novo. — Porra. Já foi.

Bronca olha para ela, percebendo seu cansaço profundo e sua tristeza. E sua sinceridade. Então ela dirige em silêncio por um tempo, permitindo que a poeira baixe, antes de finalmente dizer:

— Desculpe pelas “drogas”. Aquilo foi, hum, racista. Tecnicamente, *preconceituoso*, porque as dinâmicas de poder estão no mesmo nível, mas... — Ela abre um sorriso em uma tentativa de aliviar o desconforto. — Eu tenho amigos negros? E também tias e avós.

Ela quase consegue ouvir Brooklyn revirando os olhos. Ainda assim, depois de um momento, ela fala em voz baixa:

— Mas eu perdi muitos amigos para as drogas, então sou um pouco...

Sensível. Sim.

— Eu também. — Bronca bufa. — Eu *sou* o Bronx.

Brooklyn também bufa em resposta, respondendo em seguida com um cansado e seco:

— E eu sou o Brooklyn.

— Vocês combatem o crime! — diz Queens, sorrindo.

Brooklyn se vira para olhar para ela até que ela volte a se recostar e cale a boca.

Estão tomando uma rota mais rápida, ainda que signifique pagar o valor de um resgate em pedágios. Mas, pouco antes de onde eles sairiam da Bruckner para a FDR, o celular de Bronca recebe uma notificação.

— Hum, tem um acidente ou algo assim na FDR — diz Queens, franzindo as sobrancelhas ao se inclinar para ver. Ela se estica e toca em algo na tela. — Tem uma rota alternativa cortando a cidade que parece estar livre.

— Certo — diz Bronca, e segue as instruções fornecidas pela voz computadorizada e genérica do aplicativo de navegação.

— Cortar a cidade é realmente mais rápido do que ir pela FDR? — pergunta Brooklyn. — Que coisa, deve ser um acidente e tanto.

— Não acho que... — Bronca estava ouvindo o rádio sem prestar atenção; estava ligado apenas pelo barulho. Mas o apresentador menciona a FDR, então ela aumenta o volume.

— ... acabaram fechando a FDR — diz o rapaz, soando incrédulo. — A polícia está descrevendo como uma demonstração espontânea, porque aparentemente não foram emitidas autorizações, mas os canais de notícias receberam declarações do grupo várias horas antes do início do protesto. Eles se chamam de Homens Orgulhosos de Nova York. Não há relação com o Orgulho de Nova York. Esse grupo é de direita, já envolvido em incidentes violentos, como...

O repórter fala por algum tempo, então há um breve trecho de áudio. Bronca escuta muitas vozes — todas elas masculinas, até onde consegue perceber — entoando algo indistinto, com sirenes de polícia ao fundo.

— Estamos aqui para mostrar para Nova York! — diz uma das vozes masculinas, trêmula devido ao movimento e à adrenalina. — Dominamos Greenpoint e a Williamsburg e agora é hora de Manhattan enxergar que os homens... — Alguém esbarra nele. — Cara, presta atenção, esses sapatos são novos. Os homens de Nova York não vão tolerar... — Há um emaranhado de palavras que Bronca não compreende. Algo sobre ser substituído. — ... e essa baboseira feminista liberal! Não tem problema em ser um homem

branco! Não vamos nos sentir culpados pelos nossos paus brancos, e vocês vão descobrir como é se f...

O áudio é interrompido repentinamente e a transmissão volta para o apresentador, que agora ri com incômodo palpável.

— Maaaaravilha, espero que a gente não tenha levado uma advertência da Secretaria de Comunicação. Enfim, pessoal, não passem pela FDR por enquanto, a menos que queiram parar o carro e admirar a paisagem.

A música da rádio continua.

Brooklyn encara o rádio.

— Tá de brincadeira? Isso é o quê, uma manifestação de homens brancos e racistas? Em Nova York? Quase à *meia-noite*? O que eles estão tentando fazer? Não vão nem atrapalhar muito o trânsito da cidade.

— Bom, eles estão *nos* atrapalhando pra caralho — resmunga Bronca, entrando na Second Avenue. — Aposto que a polícia nem vai impedir eles. Ou vão prender pessoas contra o protesto, ou pessoas que esses caras arrancarem do carro para dar uma surra.

— Mas uma manifestação de homens brancos furiosos... — diz Queens, soando apreensiva. — Isso nunca é bom.

Definitivamente nunca é. Bronca reflete sobre como isso é estranho demais para Nova York — que tem sua parcela de racistas, Deus sabe; a cidade é especial de muitas formas, mas não dessa. Geralmente, no entanto, os que residem na cidade estão satisfeitos em cuidar da própria vida e deixar que as outras pessoas façam o mesmo, como é preciso fazer quando não se quer tomar um cacete no metrô.

— Como em New Orleans — murmura Hong, em um tom de voz tão baixo que Bronca quase não o escuta.

— O quê?

Pelo retrovisor, seu rosto duro se tornou ainda mais impassível.

— O que matou New Orleans foi a má sorte — diz ele. — Uma série de coincidências terríveis: instituições ruindo, antigos ódios tomando novas formas, subculturas escolhendo o momento errado para promover mudanças drásticas. Foi o que pensei na época.

Então Bronca entende.

— Você acha que essa manifestação é o quê? Financiada pela Nova York Melhor? Para nos obrigar a tomar uma rota diferente?

— Não faço ideia. Mas avatares de cidades são geralmente bastante sortudos. Coincidências proveitosas caem em nosso colo com enorme frequência. Faz parte de quem somos, de como nossas cidades nos ajudam. Sua cidade está fraca. — Bronca pode vê-lo balançando a cabeça pelo retrovisor. — Ou talvez algo esteja trabalhando com mais afinco ainda contra os esforços dela.

Não há nada que eles possam dizer em relação a isso. O medo funciona melhor em silêncio absoluto.

Eles entram na Second Avenue no Spanish Harlem. Uma vizinhança da classe trabalhadora, tarde da noite em um dia de semana; Bronca não se surpreende ao encontrar as ruas praticamente vazias. Apenas as mercearias estão abertas, sentinelas da Cidade Que Nunca Dorme e De Vez Em Quando Precisa de Leite às Duas da Manhã. A gentrificação ali é representada por infinitos cafés. Por alguns quarteirões veem-se estabelecimentos indie, orgulhosamente divulgando café coado de grãos torrados localmente, todos com decorações distintas e placas

com fontes diferentes. Então vem a prova de que a essência original da vizinhança está condenada: eles passam por uma Starbucks de esquina. Bronca imagina que seja. Ela não consegue ter certeza. Porque está tão coberta por gavinhas brancas e protuberâncias viscosas que ela mal consegue enxergar o logo ou a fachada.

Parece algum tipo de animal. As camadas sobrepostas de gavinhas ondulantes deram ao lugar uma aparência que lembra um pelo malhado, tornando indistinto o formato de caixa do estabelecimento. É um típico prédio multiúso de Nova York: comércio no térreo, apartamentos nos andares de cima. A parte dos apartamentos tem algumas gavinhas em cada andar, mas nada como o monstro do térreo.

E quando esse monstro repentinamente ondula na superfície, como se fosse água, e *forma um rosto imenso, não humano e de boca larga*—

Bronca desvia com o carro. É um reflexo. Não há muitos outros veículos na rua, mas dois táxis e um Uber imediatamente buzina, porque desvios repentinos não caem bem no padrão de velocidade do trânsito de Manhattan. Depois de deixarem a Starbucks para trás, Bronca olha pelo espelho retrovisor enquanto Brooklyn se contorce em seu banco para olhar também. Queens faz o mesmo.

— Caralho — diz Queens. Está hiperventilando ligeiramente. Então seu celular toca; ela atende. Todos ouvem Aishwarya novamente, mais calma do que antes, mas ainda parecendo tensa ao perguntar alguma coisa.

— Não posso conversar agora, me desculpe — murmura Queens antes de desligar.

Hong resmunga alguma coisa em chinês.

— Vocês precisam pensar em um constructo — diz ele em seguida. — Se tiverem que lutar...

— Mas que porra! — grita Bronca.

E dessa vez ela não tem apenas que desviar, mas jogar o carro na ciclovia — porque, do lado direito da rua, outra Starbucks coberta por uma penugem brilhante salta levemente para o meio da Second Avenue. Em direção a eles. O prédio anexado a ela balança um pouco, mas Bronca consegue ver que está acontecendo e não acontecendo ao mesmo tempo: parte do prédio, sua solidez, ainda está lá, mesmo enquanto no outro mundo ele se transforma em um monstro para atacá-los. Bronca enxerga formas humanas através da pele da criatura, pessoas de olhos inexpressivos tomando suas bebidas no bar contra a janela, tranquilas em meio ao ataque súbito.

E dois quarteirões à frente Bronca vê outro prédio, este coberto por colossais espinhos pontiagudos, como de um porco-espinho se preparando para dar o bote.

A buzina do carro que Bronca acabou de cortar para escapar da Starbucks-pássaro dispara ininterruptamente e seu motorista está furioso. Bronca não o culpa. Ela acelera até o quarteirão seguinte e para o carro, tremendo e segurando o volante, para recuperar o fôlego. (Continua de olho na Starbucks-pássaro pelo retrovisor, mas a coisa não parece conseguir se afastar mais que alguns metros de distância de seus alicerces. Depois de encarar Bronca através do espelho e abocanhar o ar com seu bico feito de porta de vidro uma ou duas vezes, ela deixa escorrer da boca uma lama de café de aparência repugnante antes de voltar aborrecida para sua posição original.) O motorista furioso para ao lado do carro, gesticulando

pela na janela e gritando algo na linguagem universal Vai Se Foder Aprenda a Dirigir antes de ir embora.

— São todas as Starbucks — diz Brooklyn, semicerrando os olhos para enxergar ao longo da rua.

— Não só elas. Olha. — Queens aponta para um Dunkin' Donuts que está completamente coberto por coisas parecidas com arames retorcidos em espirais, como um saca-rolhas; à distância, parece um volumoso cabelo afro de fios brancos. Do outro lado da rua, há algum tipo de café que desenvolveu uma sedosa barbicha branca que se espalha desordenadamente pela calçada. — Aquele Au Bon Pain logo ali parece estar prestes a subir num palco para fazer um espetáculo de stand-up.

— Mas eles não estão *partindo pra cima e nos perseguindo pela rua* como a porcaria da Starbucks. — Bronca balança a cabeça, tentando enxergar à frente na Second Avenue. — Posso tentar a Lex ou a Park, mas o problema é que tem uma dessas coisas em cada esquina... ainda mais perto da Grand Central e dos outros locais turísticos.

Momentaneamente, ela se pega desejando que tivessem trazido Manhattan. Talvez ele pudesse, de alguma forma, garantir a segurança da rota contra aquelas coisas.

— Não faz sentido! — Queens estica o pescoço para ver a coisa em formato de porco-espinho no quarteirão seguinte. Está muito imóvel, mas Bronca não confia. Também é um dos prédios mais novos do quarteirão e pode ser que seja mais flexível do que a antiga Starbucks-pássaro que não vê uma reforma há muito tempo. — A Starbucks está na cidade há anos! Ela já devia ser parte de Nova York a essa altura do campeonato.

— A Starbucks está em todos os lugares — diz Hong com uma voz grave. — Está por todos os lados na minha cidade também. Grandes franquias tornam uma cidade menos única, mais parecida com qualquer outro lugar. Nós não temos *tempo* para o seu colapso nervoso, Bronx.

Bronca fica imóvel e em seguida vira o corpo em direção ao banco traseiro.

— Experimente faltar ao respeito comigo mais uma vez — diz ela, ríspida. — Vai voltar andando daquela esquina até o JFK. Espero que nada devore você no meio do caminho.

Deve haver fúria suficiente na voz dela; ele desvia o olhar e respira fundo.

— Peço desculpas — diz ele com uma educação irritadiça e exagerada. — Você tem algum plano B?

Isso não a apazigua, mas eles têm outros problemas. Respondendo à pergunta, ela tensiona a mandíbula e dá partida no carro, seguindo caminho.

— O que você vai... — Queens tenta perguntar.

— Vou dirigir como a porra de uma nova-iorquina, é isso que vou fazer — responde Bronca em tom áspero. Então ela corta a frente de um caminhão e acelera, chegando aos oitenta quilômetros.

Queens emite um som agudo e Bronca consegue ouvi-la procurando pelo cinto de segurança que já deveria estar usando. O caminhão buzina para Bronca.

— Buzinar é ilegal! Vai levar uma multa! — grita ela, sem conseguir conter um largo sorriso.

Os últimos dias foram uma merda. Então, em velocidade máxima, ela avança como um foguete pela Second Avenue, dirigindo em

zigue-zague pelo trânsito, costurando entre dois Land Rovers, passando por um cruzamento em disparada assim que o semáforo fica vermelho. Hong xinga em cantonês atrás dela. Uma ultrapassagem pela pista da direita. Um desvio impaciente de um pedestre andando devagar. Há um radar policial em um dos lados da rua, perto da Twenty-Third, lembrando os motoristas de que o limite de velocidade dentro da cidade é de cinquenta e cinco quilômetros por hora, e seu visor pisca informando um malicioso cento e dez em vermelho quando ela passa voando por ele.

Mas os monstros Starbucks não conseguem tocá-los. Depois de dez quarteirões, luzes prateadas e cintilantes começaram a aparecer em torno do Jeep de Bronca, cintilando nas laterais de sua visão. Depois de quinze quarteirões, não é mais algo apenas periférico; um invólucro de luz branca os envolve. Uma Starbucks em forma de cobra dá o bote, saindo de dentro do lobby de uma rede de hotéis com sua boca enorme e fantasmagórica escancarada. Logo dentro de sua garganta branca e translúcida está uma barista ajoelhada no chão, com aparência cansada, limpando algum tipo de bebida com gelo que alguém derramou. Mas os dentes espectrais da cobra ricocheteiam ao entrar em contato com o carro de Bronca, como se tivesse tentado abocanhar uma pedra. E Bronca segue em frente, com o pé no acelerador.

Ela não é parada por policiais, que parecem nem mesmo vê-la. Hong e Queens se ajeitaram no banco, agarrando os apoios de braço e garantindo que seus cintos de segurança estão bem seguros. Brooklyn, muito solícita, auxilia gritando pela janela com cada carro que parece estar prestes a atrapalhar a rota deles.

— Tá cego, filho da puta? — E assim por diante.

Complementando a estratégia, percebe Bronca, em uma combinação do poder dos dois distritos em uma onda grandiosa e preemptiva de Sai Da Porra Do Caminho. Agora o invólucro de energia toma a forma de um projétil, comprido o suficiente para fisicamente tirar do caminho carros que estão indo muito devagar ou que estão prestes a cortá-los. Bronca sorri como uma maníaca. Brooklyn ri também, divertindo-se com a situação. É lindo.

A Second Avenue termina na Houston, assim o GPS começa a direcioná-las para uma rota mais ziguezagueante ainda em direção ao Brooklyn. Agora eles estão no Lower East Side. A única Starbucks na região é uma loja antiga e desgastada na Delancey que toma a forma de um peixe e mal consegue passar do meio-fio ao tentar se debater na direção deles. Bronca passa por essa dentro do limite de velocidade, apenas como um “vá se foder” extra e implícito.

A ponte Williamsburg não existe mais, que descanse em paz. Há algo na água depois das placas de aviso e das barreiras e das paredes memoriais cobertas de fotos, algo branco e arfante e orgânico que parece preencher inteiramente o rio East, grande o suficiente para se erguer acima do solitário mastro de suporte que permanece de pé onde antes jazia a ponte. Quando deixam a rua Delancey para trás, a coisa branca lentamente se mexe sob o olhar de todos eles. Ela irradia uma doentia luz esverdeada que machuca os olhos de Bronca, e ela faz a curva para sair da rua mais cedo do que deveria por causa disso.

— Ah, não — murmura Queens, com a voz mansa e amedrontada. — Essa é a coisa que quebrou a ponte. É real, mas não imaginei que *ainda fosse estar lá*.

Ninguém lhe responde, principalmente porque não há nada a ser dito.

Em vez disso, Brooklyn pega o celular de Bronca.

— Estou ajustando a rota para nos direcionar para a ponte do Brooklyn. Não tem grandes franquias na via expressa do Brooklyn para o Queens.

— Tudo bem, beleza — diz Bronca. Então ela estaciona o carro no meio-fio mais uma vez, enquanto eles estão em uma das ruas menores onde isso ainda é possível.

— O que você...

— Odeio dirigir no Brooklyn — diz ela, tirando o cinto de segurança. — Cuida que o distrito é seu.

Brooklyn não consegue conter uma risada e sai do carro para trocar de lugar com ela.

— Quer dirigir quando chegarmos em Staten Island? — pergunta ela a Queens enquanto recolocam o cinto de segurança.

— Eu não sei dirigir, lembra? — Queens parece encabulada.

— Ah, é mesmo. Esqueci.

— Como você pode não saber dirigir? — pergunta Hong com desdém.

— Porque *geralmente* nova-iorquinos não precisam saber — responde Bronca, rude. Não que ela seja muito fã de Queens, mas é um hábito defender outras mulheres quando homens zombam delas, e o fato de Queens ser Nova York e Hong Kong ser um forasteiro é um incentivo extra. — Agora volte a calar a boca. Eu estava começando a não te odiar.

O resto do percurso até a ilha acontece sem grandes emoções. Ainda assim, todos conseguem vê-las ao chegar à Verrazano: mais

torres. Duas delas, ao menos, embora haja uma coisa curvada coberta por nódulos à distância, que é ou um estádio muito feio ou outra estrutura estranha.

Brooklyn desacelera em Staten Island — não só porque as ruas são mais estreitas e cheias de policiais por todos os lados, mas também porque eles conseguem *sentir* o avatar de Staten Island agora que estão em seu território. É uma sensação estranha, mas não inteiramente diferente da recente e profunda sensibilidade que todos adquiriram à existência do avatar primário, depois da experiência de visão em grupo que tiveram. É como se ele fosse uma espécie de pedra magnética em suas mentes, com uma das extremidades apontando para a prefeitura em vez de apontar para o norte. A outra extremidade aponta para algum lugar no meio de Staten Island — a área que Hong indicou no Google Maps chamada Heartland Village.

Para chegar até lá, eles precisam passar por um vasto bosque montanhoso que, durante a noite, está repleto de sombras sinistras. Todos ficam tensos durante o caminho, atentos aos espaços entre as árvores e preparados para qualquer coisa. Nada acontece, mas a inquietação permanece — e fica pior, Bronca percebe, conforme avançam no território da ilha. Pouco depois, eles entram em uma asseada ruazinha onde todas as casas são adoráveis sobrados intercalados com dúplex para duas famílias. As casas são assustadoramente similares em estrutura, embora sejam pintadas de maneiras diferentes e tenham diferentes quintais e sebes. Esse é um bairro fora da cidade, onde a conformidade fala mais alto do que o bem-estar. Bronca nunca morou em um lugar assim.

Mas eles param ali. Porque, crescendo do gramado da casa que provavelmente pertence ao seu alvo, há outra torre branca. Esse por si só é um mau sinal, pensa Bronca — mas, conforme se aproximam da casa, coisas brancas e sinuosas parecidas com finos cipós surgem do nada, brotando do solo e penduradas da torre próxima. Elas aumentam em espessura e se aproximam umas das outras, solidificando-se, formando um emaranhado de tamanho humano... até que a Mulher de Branco se encontra diante deles, de braços cruzados, pernas separadas e pés plantados firmemente no gramado.

Dessa vez ela tem uma vasta cabeleira branca, comprida e desordenadamente lisa. Lembra muito o glamour dos anos 1970, o que combina com o rosto estreito de olhos amendoados que ela está usando. Contraditoriamente, ela veste shorts de ginástica e uma regata larga. Parece uma versão maligna de Joni Mitchell em meio de carreira.

E, dessa vez, ela não está sozinha. Esgueirando-se das sebes atrás dela e dos gramados vizinhos, Bronca enxerga grandes sombras emaciadas e delgadas — que inicialmente pareciam sombras comuns projetadas pelos postes. Rapidamente fica claro que elas são algo mais, quando começam a se agitar e a avançar. Esses movimentos vêm acompanhados de sons: uma série ritmada de pios, um estalar surdo como o partir de galhos e uma vibração tênue enquanto algo pesado, mas praticamente invisível, se move penosamente pelo gramado. Nada de adoráveis pessoas de tinta ali. Bronca quase sente saudade delas depois de uma olhada em algumas das sombras.

— Não consigo ver nada direito — diz Queens em tom de urgência. — Por que não consigo ver? Preciso olhar de lado. Quando olho para eles diretamente...

— É — responde Bronca. — Estou com a impressão de que ela arranja novos truques toda vez que parece.

Algo à sua esquerda está oscilando de um lado para outro, embora ocasionalmente a coisa pare e faça um movimento brusco e desajeitado para cima, lembrando vagamente um anfíbio. Não está próximo e se esconde entre as sebes de uma das casas vizinhas, mas, por alguma razão, ela não gosta nada daquele movimento. Tem a sensação de que a coisa está se preparando para um salto.

— *Nada* disso é como deveria ser — diz Hong. Uma de suas mãos está escondida dentro do paletó, segurando algo que permanece escondido. — Ela sempre foi enorme, monstruosa, ao atacar quando uma cidade está recém-nascida e fraca. Nunca em forma humana. Nunca *falando*. Nunca assim.

— Quando você fala assim — diz a Mulher de Branco — faz com que nós dois pareçamos idiotas.

E, de repente, os quatro são transportados, como se em um puxão, para o outro lugar, onde tempo e espaço não significam coisa alguma, e suas peles e corpos são feitos de vigas enferrujadas e vidros opacos de arquitetura Beaux-Arts. A enorme Hong Kong paira atrás deles, mas essa não é sua cidade; Bronca consegue ver os arranha-céus de Manhattan com mais precisão, embora ele esteja um pouco distante também. Staten Island está ali, de alguma forma separada deles e mais branda em tamanho e brilho, embora estejam em seu território.

Mas entre ela e o resto deles há algo mais. *Outra* cidade, posicionada como se para proteger Staten Island.

Não é nenhuma das partes de Nova York. É enorme, maior do que todos eles juntos, e tudo em relação a ela tem uma atmosfera tão maligna que apenas sua proximidade faz com que Bronca recue, empilhando andaimes de construção em um ato automático de defesa. A nova cidade é precisamente circular na área em que ocupa. Suas torres cintilam, seus bairros se expandem, seus parques proliferam com animais e árvores, mas tudo ali parece errado. *Aquilo não são torres*, pensa Bronca com um terror crescente. *Estão respirando. Aquilo não são prédios. Não sei que porra...* Ela não consegue pensar. Está perto demais. Só olhar para aquilo dói.

Cada prédio de ângulo assimétrico, cada rua sinalizada com exatidão e cada organismo supurante dessa cidade cintila em um branco brilhante, perfeito, artificialmente radiante.

Eles voltam para o lugar onde são pessoas, são *atirados* de volta, e lá cada um deles está imóvel, atordoado pela terrível e nauseante notícia de que a Mulher de Branco *é uma cidade, outra cidade, uma cidade monstruosa que não vem desse universo ou sequer de um lugar próximo, cujas próprias ruas são hostis a todo seu universo.*

— Bem-vindos, avatares de Nova York — diz a Mulher de Branco, enquanto eles permanecem congelados na sombra noturna de sua torre. Seus olhos, de um amarelo-radioativo dessa vez, nem mesmo se dando ao trabalho de imitar uma cor humana, pousam em Hong e se desviam desdenhosamente. — E Hong Kong. É hora do confronto final, então? Devo colocar uma trilha sonora empolgante para tocar? Ou quem sabe um monólogo vilanesco? — Ela ri

subitamente. É uma risada de completo deleite que causa calafrios em Bronca, como se ágeis dedos gelados corressem por suas costas. A risada de alguém que está muito certa de que já venceu.

Bronca percebe que Hong está ofegante e, quando ele fala, sua voz é de um tom profundamente abalado. Ele é uma cidade de tradição e história profundas, debaixo de seus ornamentos brilhantes e reputação sórdida. É nítido que ele não lida bem com coisas que desafiam sua compreensão do mundo.

— Não pode ser — murmura ele. — Lutamos contra você desde o início. Como você pode estar... Eu não compreendo.

— Obviamente. — A Mulher de Branco revira os olhos e se remexe, colocando a mão no quadril e apoiando o peso de seu corpo na perna do mesmo lado. — Amebas espertas ainda são apenas amebas, não são?

Bronca ainda tenta conciliar essa Daisy Duke doida de pedra com a empertigada e sofisticada dra. Alva — ainda que todos os seus recém-adquiridos instintos digam que *elas são a mesma pessoa*. Pessoa essa que não é uma pessoa de jeito nenhum.

— Que porra você é, então? — demanda ela, torcendo para que sua voz não falhe. — De verdade.

— De verdade? — A Mulher de Branco abre um sorriso, satisfeita como se tivesse esperado eras inteiras do mundo para que fizessem essa pergunta. — De verdade *de verdade*. Ah, sim, não há mais a necessidade de sussurrar agora que os alicerces estão conectados e meus transplantes já se escolheram. Obrigada por perguntar, fragmento de Lenapehoking, ou avatar do Bronx, ou qualquer que seja seu nome de preferência. Meu nome é *R'lyeh*. Consegue pronunciar?

É um nome que soa como um calafrio — um nome que faz com que os ouvidos internos de Bronca se contorçam e que cada um dos pelos de seu corpo se erice. Mas, embora o nome seja indiferente para Bronca nos demais aspectos, ela vê com a visão periférica quando Queens arregala os olhos e balbucia “*caralho*”.

Então a Mulher de Branco ri de repente e, fazendo mímica, finge estar segurando algo como uma vassoura em sua frente. Com uma voz artificialmente áspera, ela diz:

— Você não passará. Sempre quis dizer isso! E não vão mesmo, criaturas repugnantes, pedaços dessa cidade monstruosa e assassina, montes de merda. Staten Island escolheu fazer o que é certo e eu não vou permitir que interfiram com a decisão dela. Então vamos à porradaria, distritos de Nova York, alma de Hong Kong! Não é assim que se diz? Porradaria?

Em algum lugar abaixo deles há um som grave e reverberante, retumbando como um trovão muito abaixo do chão. Bronca recupera o fôlego, pensando no Centro de Artes do Bronx e na torre que o consumiu, mas nada se ergue entre eles. É só um som de impacto, por enquanto. Só uma porrada.

E, diante deles, com um sorriso tão largo que quase conseguem enxergar todos os seus dentes, a personificação da cidade de R’lyeh estende suas mãos brancas de dedos e unhas longos como em um convite.

— Pois venha, Cidade Que Nunca Dorme. Deixe-me mostrar a vocês o que espreita nos espaços vazios onde pesadelos não ousam pisar.

“E A FERA OLHOU A FACE DA BELA”

A corrida de táxi foi tranquila e sem grandes emoções do começo ao fim. Até mesmo Madison fez um comentário sobre isso:

— Que coisa, tinha ouvido dizer que tinha algum protesto na FDR. É sempre na FDR, né? Obrigando as pessoas a fazer uns desvios malucos. Mas não vi nenhuma placa de “rota alternativa”. Parece até que o trânsito está saindo do nosso caminho.

Manny, que percebeu a tênue aura delineando as janelas e o exterior visível do táxi, lança um olhar rápido para Paulo, que assente.

— Bom, você mesma disse que seu táxi gosta de mim — diz Manny. — Obrigado por nos dar uma carona, aliás.

— Tá, tá — responde Madison. Ela parece estar se divertindo, em vez de estar irritada. — Eu só estou pegando esse caminho porque o prefeito quer fazer um tipo de ensaio fotográfico amanhã no estilo Nova York de ontem/Nova York de hoje. Você tem uma sorte absurda, cara.

Paulo assente novamente. As cidades criam sua própria sorte, aparentemente.

Chegar à antiga estação City Hall é quase fácil demais depois que Madison os deixa na entrada colunata e abobadada da estação do metrô Ponte do Brooklyn/Prefeitura. Há policiais aglomerados por todos os cantos e Manny cerra a mandíbula, preparado para

aborrecimentos enquanto ele e Paulo se aproximam; três dos policiais têm gavinhas brancas visíveis brotando do pescoço ou dos ombros.

No entanto, dois dos que não têm interferem para impedir os policiais infectados quando eles emitem grunhidos sobre não deixar ninguém entrar na estação devido a uma aparente ameaça de bomba.

— Deixe que entrem — diz uma mulher que parece ser de patente superior aos demais. Ela veste roupas civis e mal parece prestar atenção nas coisas ao redor, folheando uma pilha de papéis presos em uma prancheta. — Eles vieram consertar as coisas.

— Hã, esses caras não parecem ser engenheiros da companhia de energia elétrica — diz um dos policiais interceptadores. A gavinha em sua maçã do rosto esquerda é espessa como um cabo elétrico.

A mulher de roupas civis o encara com um olhar irritado.

— Existe alguma razão pra que eu tenha que te dizer as coisas duas vezes, Martenberg?

— Não, é que...

— Eu pedi sua opinião, Martenberg?

Ele protesta novamente e ela o repreende mais uma vez, por fim abaixando a prancheta e se posicionando de forma a estabelecer sua dominância. Enquanto os parceiros dos dois policiais assistem ao conflito, Manny e Paulo entram na estação sem problemas.

— Quer me explicar o que aconteceu ali? — pergunta Manny enquanto os dois caminham. — Porque nós realmente não temos nada a ver com a companhia elétrica.

— As pessoas dispostas a proteger a cidade enxergam o que precisam enxergar.

Bom, então tá.

Os trens da plataforma 6 não estão funcionando, desativados devido a uma investigação policial. Eles passam por mais alguns policiais, engenheiros da MTA, algumas pessoas de uniforme que devem ser do Departamento de Segurança Nacional e alguns engenheiros da companhia de energia elétrica de verdade, mas ninguém os impede ou sequer parece vê-los. As pessoas diminuem em número enquanto Manny e Paulo descem até a plataforma de trem, mas os túneis amplificam o som de suas risadas e brincadeiras. Fica claro que ninguém está preocupado com bomba alguma. Manny não vê sinais de obras. Alguma autoridade simplesmente fechou a estação sem razão específica.

Na plataforma, há um trem vazio de portas abertas e sem condutor.

— A gente espera? — pergunta Manny, entrando no vagão da frente.

Paulo se senta perto da cabine do condutor, mas Manny consegue ouvir que não há ninguém lá dentro. Ele se posiciona em frente à janela dianteira do trem, espiando o escuro que espreita adiante em um túnel curvado que segue para baixo.

— Se ficar esperando, o trem vai seguir caminho? — pergunta Paulo. Soa sincero e não como uma pergunta irônica, então ele não se ofende. Na verdade, ocorre a Manny um momento mais tarde que Paulo está tentando lhe ensinar alguma coisa. E, no momento seguinte, quando ele sente a intensa atração que o avatar primário emana, ele entende.

Então respira fundo e posiciona suas mãos sobre o metal liso em volta da janela. Ele andou de metrô apenas uma vez, mas se faz lembrar da sensação agora, como fez no Centro de Artes do Bronx. O poder do invisível, motores implacáveis movidos por um misterioso e mortal terceiro trilho. A velocidade intensa e caótica. As necessidades motrizes de centenas de pessoas que usam o metrô — para chegar a lugares importantes por razões importantes, para dormir em uma cama quente, para mantê-las em segurança ao longo do caminho.

Em segurança, mentaliza ele, pensando no primário e no trem que os cerca. *Sim. Estou chegando para mantê-lo em segurança. Agora.*

— Atenção, portas fechando — sussurra ele. Pelo reflexo do vidro, Manny enxerga Paulo sorrindo atrás dele.

O sistema de alto-falantes faz soar um débil “ding-dong” e as portas do trem se fecham. Há um leve zunido vindo da subestrutura enquanto o trem começa a funcionar e os motores começam a se aquecer. No túnel adiante, um sinal muda de vermelho para verde. Então, lentamente, o trem sacode e entra em movimento.

Parte de Manny espera que alguém venha correndo até a plataforma para tentar impedi-los, mas eles estão em Nova York; se qualquer funcionário da estação ouvir o trem se movendo, não dará importância, julgando ser apenas barulho de fundo, mais familiar do que o silêncio incomum que pairava há pouco. Então o trem da linha 6 desliza sem interferências túnel adiante — e, surpreendentemente depressa, eles chegam à antiga plataforma da estação City Hall. Manny se vira em direção à porta conforme o trem desacelera até

parar por vontade própria. O trem sabe para onde ir melhor do que Manny.

Quando as portas se abrem, a plataforma está escura como breu; a estação extinta está sem energia elétrica. Manny consegue enxergar claraboias de vidro no teto aqui e ali — o mesmo padrão do trabalho em metal de estilo Beaux-Arts que ele viu no livro de Bronca — e um fraco luar entrando por elas. A luz do trem ajuda, mas até ela desaparece conforme eles se afastam dos vagões e adentram as entranhas da estação. Manny tateia os bolsos à procura de seu celular e acende a lanterna. Mal dá para iluminar um raio de trinta centímetros no chão de pedra à frente deles e ele não carrega o celular desde que esteve em Inwood. A bateria está acabando. Melhor que nada.

Quando eles estão alguns metros além dos círculos de iluminação do trem do metrô, as luzes do carro se apagam repentinamente com um alto estalo elétrico. Involuntariamente, Manny dá um salto. Mas ele não precisa de seus olhos para saber em que direção ir. Não mais. Consegue sentir.

— Por aqui — diz ele.

Sente Paulo segurar as costas de seu blazer, deixando que Manny o conduza.

— Precisamos ter cuidado — alerta Paulo. — Tínhamos que vir aqui, mas o Inimigo nos viu. — Manny faz uma careta, lembrando-se dos policiais infectados. — Ele vai saber que o alvo está aqui.

Manny cerra a mandíbula.

— Entendido.

Há um conjunto de degraus a cerca de vinte passos. Iluminando os arredores com a lanterna, Manny descobre que eles levam a uma

escadaria arqueada. Uma placa no arco, impressa em um azulejo verde, informa que eles estão na estação CITY HALL. O teto do arco está coberto por elegantes tijolinhos Guastavinos dispostos de maneira padronizada.

Manny sobe a escada e mal nota quando Paulo topa com um dos degraus e resmunga um palavrão em português. O som de seus passos e respirações ecoa em um farfalhar ao ricochetear nos arcos do teto. Em sua mente, os sussurros formam palavras: *finalmente finalmente aqui aqui*. Então ele faz uma curva.

É ao mesmo tempo igual e diferente de sua visão. Lá está a cama feita de jornais velhos amontoados. Seu ocupante está deitado sobre ela, debaixo de um feixe de luar, ainda em posição fetal, sua respiração tão lenta que é quase imperceptível. Ele é apenas um jovem negro muito magro vestindo roupas baratas e puídas, dormindo sobre o lixo como uma pessoa em situação de rua. E ainda assim... ele irradia poder. Manny tem um arrepio quando ondas desse poder atingem sua pele, alimentando algo dentro dele que havia começado a morrer de fome. Finalmente ali: a pessoa mais especial da cidade inteira.

Sem pensar, Manny se aproxima e estica uma mão para balançá-lo e acordá-lo. Precisa tocá-lo. Mas a centímetros de distância do ombro do avatar, a mão de Manny trava no ar. Algo resiste ao gesto, como se sua mão estivesse empurrando uma esponja que ele não consegue ver ou sentir. Tenta novamente, com mais força, e emite um grunhido de frustração quando, após ceder minimamente, a resistência invisível se torna sólida como concreto. Ele não consegue tocar o primário.

— Que pressa para ser devorado. — A voz branda de Paulo faz com que Manny tenha um sobressalto e se vire bruscamente. Por um momento ele se esquecera de que Paulo estava lá. Então estremece com o lembrete.

— Eu... não estava pensando sobre o lance de ser devorado — admite ele. Isso faz com que queira um pouco menos tocar o principal, mas só um pouquinho.

Paulo não é mais do que um vulto no escuro, mais iluminado pelo reflexo do luar do que pelo celular de Manny. Mas ele olha para Manny e sua tristeza é visível.

— Eu sou dele — diz Manny, impulsivamente. Está na defensiva, mas está se sentindo em carne viva no momento. — Ele é meu.

Paulo assente.

— Admito que estou com um pouco de inveja — diz ele, gentilmente. — Fazer parte de *um grupo* passando por isso junto é espantoso para mim, e maravilhoso de diversas formas. Eu passei pelo meu próprio nascimento sozinho, como a maioria das cidades.

É uma mudança de perspectiva que Manny não esperava.

— Então você conheceu ele? Antes... — Ele gesticula em direção à cama de jornais.

— É claro. Geralmente funciona assim. A cidade mais nova cuida da próxima. — No escuro, Paulo suspira levemente. — Deveria ter sido Porto Príncipe. Mas eu fiquei feliz em acompanhar essa... até que ele caiu em meus braços e depois desapareceu.

Olhando fixamente para a figura adormecida, Manny pensa sobre isso. Ele tenta imaginar o avatar primário acordado, vibrante, sendo capaz de rir e dançar e correr, e é fácil. Ele está tão vibrante agora, mesmo adormecido. Mas então Manny imagina a vibração dele

emudecida, sua voz carregada da mesma solidão que todos eles notaram em São Paulo, e o pensamento o machuca. Embora isso implique na morte de Manny, ele não consegue deixar de pensar: *Me desculpe por termos que deixar você tão sozinho.*

— Como ele é? — Manny percebe estar sussurrando. No enclausurado e silencioso confinamento da alcova, mesmo os sussurros ecoam.

Ele consegue ouvir que Paulo está sorrindo.

— Arrogante. Furioso. Apavorado, mas teimoso o suficiente para não permitir que seu medo o limite. — Depois de um momento, Paulo dá a volta na cama de jornais e fica do outro lado do primário. Ele sorri olhando para o garoto, com afeto inconfundível. — Ele finge ser menos especial do que é, porque o mundo o puniu por amar a si mesmo. E mesmo assim ele se ama. Ele sabe que é mais do que as superficialidades que os estranhos veem e desprezam.

Essa é a cidade de Nova York? Manny está ali há três dias, mas parece fazer sentido até agora. Ele suspira. É uma pena. Ele realmente queria construir uma vida ali.

Ele olha para Paulo.

— Preciso dos outros para tocar nele.

— Sim, estou vendo. Precisamos contar com suas companheiras e com Hong, então.

Manny aperta os lábios.

— Vou contar com minhas companheiras. Hong pode ir para o inferno.

Paulo ri, achando graça.

— Não seja tão duro com ele — diz Paulo, para a surpresa de Manny. — Antes de ser uma cidade, ele viveu as Guerras do Ópio.

Ele viu tanta gente morrer, tanto pessoas comuns quanto cidades, que suas atitudes são compreensíveis. Ainda que irritantes.

Manny franze as sobrancelhas, tentando se lembrar do que sabe sobre história chinesa.

— Meu Deus, mas isso é... Hong tem quase duzentos anos? O quê, nós somos imortais?

A menos que sejamos devorados.

— Não. Mas nós vivemos enquanto nossas cidades viverem, desde que a gente não se meta em brigas com nossas colegas entidades. — Ele faz uma careta, levando uma mão à altura da costela, embora a abaixe depressa. — Finalmente curado. Se eu estivesse em casa, os ossos teriam se emendado em questão de minutos.

— Apenas outras cidades? O Inimigo não pode mais te ferir?

— Ah, eu imagino que sim, agora que ele tomou uma forma mais virulenta e *obstinada*. — Paulo balança a cabeça. — O processo está errado pelo menos desde New Orleans. Talvez antes. Talvez agora os outros finalmente ouçam, e façam alguma coisa. E estou rezando para que não seja tarde demais.

Algo dito por Paulo deixa Manny confuso.

— Muitas cidades foram mortas no processo de nascimento?

— Inúmeras ao longo do milênio. E mais delas recentemente. — Quando Manny estreita os olhos, Paulo responde com um sorriso de lado e começa a revirar os bolsos em busca de um cigarro. — Sim, é exatamente o que está pensando: as mortes estão acelerando. Acho que faz sentido, se o Inimigo está enfraquecendo novas cidades antes mesmo de elas ganharem vida. Que desfecho horrível.

— Não foi assim com você?

Paulo encontra o cigarro e o acende, olhando para Manny através da leve luz alaranjada antes de soprar a fumaça.

— Não. Teve turbulência na minha cidade, com certeza. A ditadura militar que dominava o país, provavelmente financiada pelo seu país, obrigado por isso, decidiu exterminar as favelas destruindo-as, tendo elas sido evacuadas ou não. Como eu era de uma dessas favelas, me opus. Assim como São Paulo, que me escolheu como sua voz e campeão.

Manny percebe em seus olhos a nostalgia da lembrança. Então se lembra de que o golpe militar ao qual Paulo se refere foi por volta de 1960. Paulo está enxuto para um homem de setenta ou oitenta anos.

— Quando o Inimigo veio — continua Paulo, depois de uma longa e aparentemente prazerosa tragada em seu cigarro —, testou minha determinação da maneira tradicional. Eu e minha cidade o encontramos nos escombros de um mercado destruído, onde eu estourei os miolos dos arautos dele com um lançador de foguetes que roubei dos militares.

Manny ri, surpreso. Paulo costuma ter um ar tão polido, mas lá, debaixo da fachada profissional e elegante, ele consegue ver uma brutalidade crua parecida com a sua. Ele tem fortes suspeitas de que Paulo também já machucou certo número de pessoas na época em que ainda não era uma entidade multidimensional.

Você escolheu ser diferente? Manny sente vontade de perguntar. *Por isso a cidade reivindicou você?*

Mas, assim que ele abre a boca, um sonoro *clack* ecoa pela velha estação vazia. É um clack familiar, percebe Manny; o mesmo que

ouviram quando as luzes do trem do metrô se apagaram. É seguido de mais clacks, débeis rangidos metálicos, estalidos como de rebites sendo removidos. Ele não presta muita atenção no som — até perceber que está ficando mais alto. Mais rápido, em vez de ficar mais devagar: clack *clack clack* CLACK **clack criiidum**.

Um momento de silêncio. Então Manny escuta algo inédito: um grave, esmagadoramente lento, guinchar de metal gasto. Há um tilintar de vidro quebrado se chocando contra o chão. Ele tenta pensar de onde mais aquele som pode estar vindo, mas apenas uma conclusão parece possível: O trem está se movendo. Sem ninguém a bordo e mesmo estando desligado. O trem está se movendo de uma maneira que nenhum trem deveria se mover.

Atrás deles. Na plataforma da qual acabaram de sair.

Paulo olha para ele, alarmado. Manny sabe. Ele precisa preparar um constructo para direcionar o poder da cidade. Pensar em alguma coisa quintessencialmente nova-iorquina, um hábito ou um gesto ou um símbolo, e usá-la como arma. Eles estão em Manhattan, sobre o concreto e sob a terra de seu próprio distrito. Manny é supostamente praticamente invencível ali.

Mas enquanto o claudicar e o ranger metálico se tornam ensurdecedores e a coisa que foi atrás do primário rasteja degraus acima, esmagadora e voraz, Manny descobre que em meio a seu puro e absoluto terror sua mente está completamente vazia.

Aislyn acorda em um sobressalto com o som de gritos do lado de fora de casa. Então a casa inteira estremece, como em um terremoto.

Assustada, ela procura desajeitadamente pela faca debaixo de seu travesseiro — embora saiba que Conall não está em casa. Ele e seu pai passarão a noite fora; seu pai trabalhando, e Conall fazendo só Deus sabe (ou se importa) o quê. Apenas sua mãe está em casa e Aislyn sabe, com base em experiências anteriores, que quando é deixada sozinha, Kendra Houlihan costuma secar uma garrafa de gim. Aislyn não sabe dizer se conta como alcoolismo beber até entrar em um estado letárgico uma vez por semana, mas... de qualquer forma, para todos os efeitos, Aislyn está sozinha em casa.

Então ela se levanta. Está de pijama novamente, mas dessa vez ela faz questão de colocar um pesado roupão felpudo, embora esteja calor. Enquanto faz isso, luzes piscam do lado de fora, ofuscantes mesmo através das cortinas. Alguém — uma garota, pelo barulho — grita em uma voz aguda e revoltada e mais do que um pouco histérica. Outra pessoa com uma voz mais grave vocifera — ritmadamente, embora ofegante, como se estivesse recitando poesia enquanto corre — “Mas quando chegamos no pedaço, é sério/ Todo e qualquer rei vai parar no necrotério!”. Há outro baque de tremer as estruturas da casa quando Aislyn finalmente sai correndo de seu quarto, e a luz brilhante do outro lado das cortinas esmorece. Algo — alguma coisa grande e não humana, com uma voz parecida com uma buzina de ônibus estridente — guincha, e esse som é suficiente para fazer com que Aislyn grite e cubra os ouvidos enquanto esbarra contra a parede com violência o suficiente para derrubar um antigo retrato de família. (Ela, sua mãe e seu pai e um ursinho de pelúcia representando Conall.)

De repente, silêncio. Lá fora tudo está quieto. Sentindo a boca seca de medo, Aislyn corre até a porta da frente e a abre

lentamente.

No quintal há quatro mulheres e um homem mais velho. O homem, que parece japonês, está se levantando do chão. Em uma de suas mãos há um estranho envelope vermelho-vivo coberto de sinais estrangeiros em dourado, que ele segura como uma lâmina Shuriken de um dos animes que Aislyn costumava assistir. Uma das lentes de seus óculos está rachada. Entre as mulheres, a atarracada de cabelo curtinho que parece mexicana se posiciona com os pés plantados no chão, agachada como se estivesse prestes a aplicar um golpe de luta livre, embora ela tenha idade suficiente para ser avó de Aislyn. Ela também usa as maiores e mais horrendas botas velhas que Aislyn já viu. A alta e pomposa mulher negra é vagamente familiar, embora Aislyn não consiga se lembrar de onde conhece seu rosto. Ela usa um *tailleur*, a lateral da saia coberta de terra, e está descalça. No meio-fio, cuidadosamente posicionado ao lado de seus saltos moderados há um par de brincos, pequenas argolas douradas. A terceira mulher, tremendo no chão, é indiana e gorducha e jovem o suficiente para ter a mesma idade de Aislyn. Ela parece estar bem, apesar da tremedeira, mas esfrega o braço como se tentasse freneticamente limpar alguma coisa.

E, acima de todos eles, a Mulher de Branco *flutua*, resplandecendo como se um sol branco brilhasse através de sua pele. Há outras coisas no quintal também, movendo-se nas laterais do campo de visão de Aislyn, outras coisas que... ela estremece e não olha para elas de novo.

A mulher sorri por cima do ombro quando Aislyn sai da casa.

— Lyn, querida! Desculpe por ter acordado você. Dormiu bem?

— O que é que está acontecendo?

Aislyn encara os estranhos na frente da sua casa. Eles estão mais na entrada para a garagem e no gramado, embora mantendo uma boa distância da enorme torre branca. Mas, de repente, Aislyn os *reconhece* — embora esteja certa de que nunca viu nenhum deles antes. Ela os conhece sem ter visto e sem saber seus nomes tão bem quanto conhece a si mesma. A mulher negra alta? Não pode ser ninguém além de *Brooklyn*. A senhora com cara de malvada, o *Bronx*. A garota indiana de aparência aflita. *Queens*. Elas são Aislyn assim como Aislyn é elas.

— Nós somos Nova York — murmura ela, e então vacila. Não.

Falta um, porque o japonês velho definitivamente não é Manhattan, embora Aislyn tenha a impressão de que ele também é uma cidade. Outro substituto. Que está de pé, ou tentando ficar de pé, no canteiro de flores. No canteiro de flores de *Aislyn*, onde ela cultiva ervas medicinais e camomila para fazer chá. Ela consegue ver seu pé imundo e estrangeiro plantado bem em cima do endro.

A fúria vem mais depressa do que jamais aconteceu com Aislyn durante toda sua vida. É como se Conall tivesse rompido uma barragem dentro dela, e agora cada milímetro de raiva reprimido durante trinta anos necessita apenas do menor dos gatilhos para explodir. Ela sai da casa e vai para o caminho de pedra, cercada de uma luz trêmula e terrível enquanto evoca cada gota de pertencimento que a ilha pode oferecer, que é coisa pra caramba. O estrangeiro e as outras partes dela se viram para encará-la, de olhos arregalados com a manifestação de seu poder. Ela os *assombra* e a sensação é deliciosa. Aislyn mostra os dentes.

— Fora do meu gramado — diz ela.

O que se dá em seguida acontece em questão de instantes. Em um momento, eles estão pisoteando as plantas de Aislyn e a grama que seu pai cultivava com tanto esmero. No momento seguinte, todos os quatro foram erguidos e arremessados para longe do acesso à garagem e da grama, em direção à rua. A Mulher de Branco, que tecnicamente não está pisando no gramado de Aislyn, permanece onde está; o resto deles aterrissa no asfalto da rua gritando, gemendo ou xingando. A Mulher de Branco aplaude alegremente quando vê o que Aislyn fez.

Os outros avatares parecem chocados, exceto pelo homem japonês que tem uma expressão impassível ao se levantar. Queens, fazendo uma careta e cambaleando levemente, ajuda a mulher que é o Bronx a se levantar. O Bronx massageia o quadril e ergue seus pés protegidos pela bota um de cada vez, abaixando-os em seguida cautelosamente, como se não pudesse acreditar que eles se moveram contra sua vontade.

— Foi isso que você fez com Paulo — diz a garota que é o Queens, soando espantada e horrorizada ao mesmo tempo. — Meu Deus, por que você está *nos* atacando?

— Porque não conheço vocês — responde Aislyn, rudemente. — E vocês estavam pisando no meu gramado.

— Você sabe quem nós somos — diz Brooklyn. De sobrancelhas franzidas, ela cuida de seu pulso direito. — Tem que saber, a essa altura do campeonato. E você sabe o que é *aquilo*. — Ela acena com a cabeça em direção à Mulher de Branco.

— Sim — responde Aislyn, agora soando ofendida. — Aquilo é *minha amiga*.

— Você é maluca. — A garota Queens balança a cabeça, incrédula. — Meu Deus, você realmente é doida de pedra. Sabe o que ela vai fazer com você? Com a cidade inteira, se conseguir?

Aislyn odeia ser chamada de maluca. Seu pai diz isso o tempo todo; todas as mulheres são malucas para ele. Ela o ama, então não protesta quando ele fala, mas eles são estranhos, por isso, nesse caso, ela tem liberdade para sentir ódio.

— Ela não quer fazer nada — diz Aislyn, friamente. — Ela precisa fazer. Algumas vezes as pessoas... — O pai de Aislyn. Sua mãe. *Ela mesma*. Ela se encolhe com o pensamento, então cerra a mandíbula. — Algumas vezes as pessoas fazem coisas ruins porque precisam fazer. A vida é assim. — Aislyn cruza os braços. — E não deve ter nada lá, no mundo dela, que não existe aqui. A questão é que lá as pessoas *tentam* ser decentes. Então talvez...

Ela hesita com os olhares deles. Estão apenas encarando-a como se não estivessem entendendo. Como se ela estivesse *errada*. Mas quem são eles para julgar? Sim, talvez eles sejam o destino pelo qual ela passou a vida toda ansiando, mas o destino apareceu em seu gramado e pisoteou suas plantas e a golpeou no rosto com insultos e desrespeito, e agora que está ali ela está convencida de que não *quer* esse destino. O destino é rude e feio, e talvez—

— Talvez eu não queira que o resto da cidade fique bem — vocifera Aislyn. — Talvez a cidade *deva mesmo* ir para o inferno.

Olhos arregalados; sobressaltos. A boca do homem japonês forma uma linha dura e resignada. Então o rosto da mulher negra se contorce em fúria, e ela avança.

— Bom, mas olha só, se tem uma coisa que você não vai fazer é deixar minha filha morrer por ser uma escrota egoísta e xenofóbica.

Vem aqui, porra.

O Bronx, obviamente chegando à mesma conclusão, também marcha em direção a Aislyn. As duas claramente movidas pela intenção de forçá-la a acompanhá-los.

Aislyn recua, cambaleante.

— Vocês não podem... Vão me *sequestrar*? Meu pai é policial, eu vou...

— Nãnaninanão — diz a Mulher de Branco.

As duas mulheres mais velhas param quando a Mulher de Branco se posiciona entre elas e Aislyn, enquanto Aislyn se encolhe contra a porta de sua casa, arquejando levemente diante de uma iminente crise de pânico. Mas a Mulher de Branco sorri, e então se vira e abre uma porta no ar.

Além de uma entrada arqueada, há uma pequena caverna rodeada por paredes pretas e reluzentes. No chão dessa caverna, Aislyn consegue ver outra jovem, rechonchuda e de pele escura de cabelo cacheado. Ela está deitada no chão desse lugar, e parece inconsciente. Está coberta por algo grudento e molhado de aparência repugnante.

— Não — geme a mulher que é o Bronx, ficando imóvel com o choque. — Veneza?

— Sempre verifique o banco de trás — diz a Mulher de Branco com um sorriso largo. — Antes eu pensava que isso fosse um eufemismo pra ver se estava tudo certo com a sua bunda! Mas não, literalmente quer dizer verificar o banco de trás do carro; vocês nunca estão brincando quando eu acho que estão. — Ela fica séria. — Se quiserem ela de volta inteira e sã, vão embora. E me deixem aqui com *minha amiga*. — Ela exhibe um sorriso vitorioso para Aislyn.

— E então você destruirá a cidade — diz o homem japonês.

— Naturalmente. Mas ao menos vou garantir que seja rápido e indolor, tudo bem? Nunca quisemos causar sofrimento. Quem faz isso são vocês. — Ela ergue o queixo ligeiramente. — Podemos ser civilizados. Vocês abaixam a cabeça. Eu trago minha cidade para esse mundo e a utilizo para começar a apagar este universo e todos os seus antecedentes e desdobramentos. Se quiserem, posso criar um universo temporário em miniatura onde alguns membros de sua espécie poderão sobreviver ao colapso. Embora, é claro, sem o apoio das ramificações universais vizinhas ou do poder de uma cidade, ele provavelmente acabará sucumbindo à entropia. Mas deve durar tempo suficiente para que suas vidas breves e unidirecionais cheguem a um fim natural. Pacífico. Todo mundo sai ganhando. — Ela sorri.

O homem japonês balança a cabeça em confusão e negação crescente.

— *O quê?*

Mas a mulher mais velha, o Bronx, gesticula negativamente com a cabeça. Sua boca está contraída.

— Não é assim que essa porra funciona — diz ela. — Você não pode fazer isso. Não pode aparecer aqui e ameaçar aniquilar tudo o que amamos e depois alegar ser *civilizada* enquanto faz isso.

— Meu Deus — diz Queens.

Ela olha fixamente para a garota na caverna, seu rosto retorcido em aversão. Quando Aislyn olha para dentro da caverna, tentando entender o que deixa Queens tão horrorizada, percebe tardiamente que as paredes da caverna começaram a se contrair de uma maneira bizarra e irregular. Quando uma das paredes se mexe de

maneira estranha, Aislyn enxerga algo sólido e parecido com um espinho deslizando para fora, atrás dela. *Um pente?*, ela se pergunta. Ela acredita ser um pente. É preto, como um pente feito para homens ou pessoas negras. Os dentes do pente são irregulares, de pontas afiadas como agulhas, e levemente curvados. Curvados para dentro, em direção à jovem, muito parecidos com

dentes aquilo são dentes não é um pente dentes dentes dentes

E o lugar onde a garota está não é uma caverna.

Uma dobra brilhante (é um brilho molhado, Aislyn percebe de estômago revirado; um brilho molhado de *saliva*) da parede da caverna se mexe para o lado e revela uma garganta estreita e vertical que vibra por um instante. O som que emerge não é uma voz, mas um tom pulsante, morto e apático. *Ump*. Ela se flexiona novamente. *Tu. Dump*.

É o bolo de chocolate. O bolo de chocolate aprisionou a pobre garota em sua boca escancarada, ameaçando engoli-la viva.

— Você é a coisa mais horrível do mundo — diz Queens. Ela está chorando, mas seus punhos estão cerrados. — Veneza nem é uma de nós! Ela é comum! Por que machucar ela?

Queens ergue os punhos gorduchos, pronta para um combate. Todas as outras três partes de Nova York estão se enrijecendo, se curvando, se preparando para lutar contra a Mulher de Branco. Para lutar contra a única amiga de Aislyn.

Aislyn balança a cabeça, cobrindo os ouvidos com as mãos. Isso tudo é coisa demais. Ela só quer que tudo acabe logo. Então fecha os olhos e cerra os punhos, desejando com todas as suas forças que cada um daqueles estranhos perigosos apenas *vá embora*.

Então tudo acontece muito depressa.

A coisa emerge da escadaria lentamente, parecendo mais *inchar adiante* do que se mover ativamente. É uma velocidade glacial. Fantasmagórica em sua trêmula e inconstante informidade branca. É fácil enxergar os ossos do trem de metrô que ela costumava ser sob o que ela é agora: uma coisa parecida com uma cobra, viva, flexível, coberta em uma proliferação de gavinhas brancas tão densa que faz lembrar uma pelagem. Essa pelagem reverbera em ondas, pressionando-se contra a parede de pedra e facilitando a passagem do trem pela estreita boca arcada da mesma maneira que as vilosidades intestinais transportam as coisas pelo intestino delgado. Sob os olhares de Manny e Paulo, o nariz alongado do trem desliza vagarosamente para o lado, virando-se, procurando algo a sua volta como uma coisa viva caçando, se reformando a cada momento... e finalmente focando em Manny, Paulo e no avatar primário adormecido.

Paulo segura seu cigarro da mesma forma como Manny se lembra de segurar uma faca. Ele sopra uma densa nuvem de fumaça no trem-monstro, e, apesar da distância entre eles, a coisa se encolhe, sua luz sobrenatural oscilando momentaneamente enquanto as gavinhas cobrindo seu nariz padecem. Debaixo delas há o metal e a fiação do antigo vagão dianteiro do trem, agora terrivelmente distorcido em forma de projétil — mas, no momento seguinte, as gavinhas dos pontos do vagão que não foram atingidos crescem e avançam rapidamente. Novas gavinhas nascem no nariz desnudo e, dentro de segundos, todo ele volta a ser como antes.

Então um fio parece percorrer o comprimento da coisa, e ela se divide desde a ponta. Duas metades de um inteiro. Uma *boca*. E,

em seu núcleo, uma garganta escura ladeada por assentos de metrô tortos e quebrados.

Paulo xinga baixinho, recuando. Há medo em seu rosto. Manny flexiona os pulsos, dando um passo à frente quando o medo pelo avatar primário ofusca o medo que sente por ele mesmo. Ainda não pensou em um constructo, mas há um rugido em seu peito; tudo se transformou em torpor de instinto cego.

— Ele é meu — vocifera Manny. Sua voz, mais grave, reverbera; Paulo olha para ele, surpreso. — Meu! Você não vai levar ele.

O trem-monstro silva como portas de correr, e se divide ainda mais. Agora a boca tem quatro partes, vermiforme e maligna. A boca inferior termina em molares formados pelas rodas de metal do trem, agora afiadas como lâminas e girando em velocidade maníaca e destruidora. Há até uma pequena úvula ao fundo, pairando sobre as rodas: uma maçaneta vermelha pendurada em uma corrente. Atrás dela, uma placa que diz FREIO DE EMERGÊNCIA. E, o horror dos horrores, a coisa *fala*.

— Ma-aaaaaaantenha... di-di-distância — resfolega ela, em uma voz eletrônica e distorcida de ritmo monótono. — Portasssssssssss... se fe-fe-fe-fechaaaaaaando...

Mas Manny não mantém distância. Ele se posiciona para lutar. E ele está mudando também. De repente, fica maior, mais alto; sente os botões de sua camisa saltarem e sua calça jeans se rasgar enquanto, repentinamente, sua cabeça e seus ombros roçam o teto. Ele cerra os punhos e mostra os dentes e já não se importa mais em parecer a criatura apresentável e amigável que os outros veem. A única coisa que importa é o avatar primário. Tudo o que Manny quer é protegê-lo, essa é a razão pela qual foi criado.

E quando pelos negros e o poder cintilante da cidade revestem os membros de Manny, quando seus ombros se tornam mais largos e pesados com músculos de força sobre-humana, um último pensamento passa por sua cabeça antes que ele complete a transição para a fera que sempre foi por dentro:

Preciso urgentemente começar a assistir a uns filmes melhores sobre Nova York.

Então o King Kong esmurra o chão e avança para o ataque, seus punhos erguidos, pronto para a batalha.

O mundo reverbera ao redor da casa de Aislyn.

— Vão embora! — grita ela. — Me deixem em paz! *Vocês não pertencem a esse lugar!*

Porque *pertencimento* é quintessencial à Staten Island, da mesma maneira que *resiliência* é ao Bronx, *recomeço* ao Queens e *adaptação* ao Brooklyn, e como eles estão no território de Aislyn, onde *ela é Staten Island* e sua vontade se torna lei sobrenatural—

A voz dela ecoa e a onda de energia urbana que reverbera pela grama e pelas folhas e pelo ar e pelo asfalto é como a rajada de um furacão em máxima potência—

Então eles desaparecem. O carro deles desaparece. Todas as criaturas esguias que se aproximavam de Aislyn, com seus movimentos ilógicos e trêmulos além da compreensão e suas vozes aumentando e diminuindo de volume em balbucios não humanos, também desaparecem — até mesmo a coisa que aprisionava a garota inconsciente em sua boca. Quando eles desaparecem, há um débil e surpreso *ump?*, e então o quintal de Aislyn está finalmente quieto e vazio.

Só a mulher ainda flutua por perto, porque Aislyn não se referia a ela.

Aislyn começa a tremer depois de tudo isso, suas mãos caídas, sua cabeça confusa. Ela está cansada. Exausta, de repente. Afastar tantas partes dela mesma a consumiu demais, ela percebe. Mas às vezes é preciso fazer isso para sobreviver.

Ela se agacha, encolhendo-se, e cobre a cabeça com as mãos, sentando-se na soleira da porta de sua casa. Ela treme e balança o corpo para a frente e para trás. Um momento depois, a mulher aterrissa suavemente ao seu lado sobre o concreto. Então uma mão toca o ombro de Aislyn, gentil e acolhedoramente.

— Amigas — diz a mulher. — Certo? Encarando juntas o multiverso enorme e assustador.

É surpreendentemente reconfortante.

— Sim — responde Aislyn em tom brando, sem levantar a cabeça, embora esteja tremendo menos. — Amigas.

Ela sente novamente uma ferroadada repentina, na base de seu ombro, perto de sua nuca. Mas a dor da ferroadada desaparece depressa e em seguida a Mulher de Branco levanta a mão e suspira, finalmente satisfeita. Aislyn se sente mais confortável. Mais segura. Agora, nem um pouco confusa.

Ela levanta a cabeça e sorri para a Mulher de Branco, que responde com um sorriso de afeto e amparo. E, talvez pela primeira vez em toda sua vida, Aislyn já não se sente sozinha. Uma cidade inteira se importa com ela! E daí que essa cidade não é Nova York?

Silenciosamente, por toda Staten Island, mais torres e estranhezas crescem. É a infraestrutura de uma cidade diferente,

estabelecendo os alicerces de um mundo diferente. E agora apenas uma coisa pode impedi-la.

NOVA YORK É QUEM?

Elas reaparecem em frente ao Touro de Wall Street, desabando um em cima do outro debaixo do nariz de bronze do animal. Turistas fazem isso o tempo todo para tirar selfies, então nem as pessoas que madrugam para fazer jogging — está quase amanhecendo — nem o grupo de freiras a caminho das orações matinais prestam muita atenção neles. Ali estão os despercebidos avatares de Nova York, ao menos três dos cinco, arquejantes e atordoados, tentando se orientar depois de sofrer uma derrota colossal.

Bronca ainda não está completamente consciente ao lutar para se levantar o bastante para ver como está Veneza, que apareceu junto deles. B2 já viu dias melhores. Sua pele escura está mais pálida do que deveria, e seu cabelo está escorrido e ainda molhado com... alguma coisa... que fede. É um cheiro completamente exótico. Uma secreção resultado de processos metabólicos incompreensíveis de uma cadeia evolutiva completamente diferente, um bafo do além. Mas enquanto Bronca ignora o fedor e se certifica de que Veneza ainda está respirando, o rosto da garota se retorce e seus olhos se abrem. Mesmo assim Bronca continua preocupada. Não vê nenhuma daquelas coisas brancas crescendo no corpo de Veneza, mas a pobrezinha esteve nas mãos daquela escrota bizarra... em sua boca... por um tempo.

Mas, assim que vê Bronca, Veneza deixa escapar um grunhido.

— Eu estava saindo da cidade. *Eu estava*, eu juro. Não comece.

A reclamação alivia boa parte das preocupações de Bronca, e ela deixa escapar uma risada fraca.

— Eu não ia dizer nada. Só estou feliz por você estar viva.

— É. Eu também. — Veneza se senta e esfrega os olhos. — Meu Deus, *caralho*, eu pensei que ia morrer. Apenas *olhar* para aquelas coisas... Senti que tudo em mim estava pronto para desligar. Elas não deveriam existir. Aquele lugar não deveria existir.

— O quê?

Quem pergunta é Brooklyn, colocando-se de pé e tentando inutilmente disfarçar o rasgo enorme em sua saia. Não é nada indecente, mas ela é dessas.

— Belas pernas — diz Bronca, para tirar onda com ela. Brooklyn responde com uma careta.

— Aquele lugar. O lugar de onde a Escrota Bizarra veio. — Veneza exhibe uma expressão assombrada ao baixar a mão, e nesse momento Bronca percebe seu esforço. Ela disfarça bem, mas há um medo atávico e profundo em seu rosto. — Não era realmente o lugar de onde ela veio. Ela não me levou *para lá*, graças a Deus, porque não acho que... Era mais como um ponto no meio do caminho, onde coisas dos dois lugares podiam existir. É o lugar onde ela fica quando não está aqui. Mas é todo errado, sabe? Nada devia funcionar daquele jeito. Não consigo entender como prédios podem ser *construídos* daquele jeito.

— Como? — pergunta Queens antes que Bronca possa calá-la com um olhar de mãe.

Bronca se inclina para verificar a testa de Veneza e pressiona as costas de sua mão contra as bochechas dela. Veneza está gelada

em vez de quente, e treme por mais que frio. Sua voz se torna mais aguda e mais alta quando ela responde.

— Como coisas que não deveriam *existir*, caramba! Tudo esquisito e... — Ela fecha os olhos com força e treme tão intensamente que sua voz também fica abalada. — *Os ângulos eram todos fodidos, B1. Eram todos errados.*

Ainda que ela tivesse proferido essas palavras em seu tom sarcástico de costume, Bronca teria ficado nervosa. O fato de Veneza tê-las dito em um sussurro agudo deixa todos os pelos de seu corpo em pé.

— Tudo bem, chega — diz ela, segurando os ombros de Veneza e balançando-a gentilmente até que a garota abaixe as mãos e olhe para ela. — Pare de pensar nessas merdas todas. Alguns pensamentos são como veneno. Pode pensar neles, mas apenas quando tiver forças, ou quando estiver na terapia, ou qualquer coisa que funcione pra você. Até lá? Nesse momento? Afaste eles. Foque no aqui e agora.

— Eu, eu não... — Mas Veneza engole a saliva e respira fundo. — Tudo bem. Vou tentar. — De repente ela faz uma careta e olha em volta. — Por que eu tô sentada no chão? Que nojento. E... — Ela cheira a si mesma e então faz uma cara horrorizada.

— É, você tá podre — diz Queens, embora exiba um largo sorriso, aliviada em ver que Veneza está bem. — Quando tudo isso acabar, vou para casa buscar um incenso dos bons pra você. E minha tia provavelmente vai mandar milhões de idlis pra você quando eu contar que você comeu todos os meus.

Veneza ri e Bronca se sente relaxar.

Então é a vez de Queens exibir um olhar assombrado. Ela fica séria.

— Mas *acabou*. Não acabou? Sem Staten Island...

— Não consigo acreditar que ela fez aquilo. — Brooklyn tem uma expressão sombria ao estender a mão para ajudar cada um deles a levantar.

Constrangida, Bronca percebe que realmente precisa de ajuda. Está exausta, seu quadril dói e ela sente pontadas horríveis nas costas.

— Eu nem sei o que ela fez. Sei lá, aquilo foi um negócio saído de *Star Trek*. Não voamos rápido daquele jeito nem quando Manny nos carregou para fora do Centro. Nós só *fomos*. Ela nem sequer nos botou na balsa. Teletransporte direto.

Bronca massageia a lombar.

— Bom, agora sabemos qual é o superpoder dela, aparentemente: xenofobia mágica. — Ela olha em volta uma vez e depois outra. Seu estômago se contrai. — Hong.

Os outros olham também. Hong não está em lugar nenhum.

— Talvez ele tenha voltado para a cidade dele? — pergunta Queens com uma expressão fechada. — Ele repetiu várias vezes que queria voltar. Talvez ele tenha se recuperado primeiro e...

— Vou torcer para que seja isso — diz Brooklyn em tom austero. — Vou mesmo torcer para que ele seja cretino nesse nível, a ponto de nos abandonar quando estávamos inconscientes.

Porque a alternativa é que o trajeto estranho, impossível e instantâneo saindo de Staten Island de alguma maneira deixou Hong... em outro lugar. No limbo, talvez. Ou em lugar nenhum.

Isso é demais para Bronca assimilar, então ela nem tenta. Em vez disso, ela se concentra em questões práticas.

— E cadê a porra do meu... ah. — Seu velho Jeep, sem nenhum arranhão mesmo depois de ter sido teletransportado para o outro lado do porto de Nova York, está parado ao lado do touro. Já há uma multa de trânsito acomodada debaixo de um dos limpadores de para-brisa. Bom, pelo menos não foi guinchado. Ela suspira. — Vamos, então. Vou levar a gente até a City Hall.

Ela começa a andar, mas Queens a interrompe, segurando seu braço.

— Você não está me ouvindo — diz ela, exasperada. — Não faz *sentido*. Não vamos conseguir acordar o primário, não sem o quinto distrito. O que vamos fazer, ir até lá e deixar que ele nos devore para nada?

— *Sim* — diz Brooklyn, olhando para ela furiosamente enquanto desvia das duas indo em direção ao carro. — Ou isso, ou voltamos para Staten Island para dar uma pancada na cabeça daquela imbecil e trazer ela conosco. Mas isso provavelmente levaria mais uma hora, e, por alguma razão, acho que não temos todo esse tempo. Ir atrás do primário é a segunda melhor opção. — Ela tateia suas roupas violentamente e encontra o celular no bolso traseiro da saia. Com uma careta, ela diz: — Não tenho o número de Manhattan. Por que não trocamos números, merda?

— Ele está no subsolo de qualquer forma, não deve ter sinal — responde Bronca. Ela encontra sua chave e destranca as portas.

— Vocês querem apenas morrer, então? — Queens, sem acompanhá-las, olha de uma para outra, incrédula. — Vocês *todas* estão malucas?

— Sim, estamos — responde Bronca, com uma única risada solitária. — Somos Nova York, lembra? Somos todas fodidas da cabeça. Não dá pra falar muito de Manhattan, na real.

— Não estou desistindo — diz Brooklyn a Queens. Ela leva uma mão ao quadril; sua expressão é implacável. — Nem tente fazer parecer que é isso, mocinha. Desistir é o que você está fazendo. Então vá em frente, volte para Jackson Heights e se esconda, torcendo para que aquela mulher e o monstro dela não peguem você. Ou saia da cidade e todos vamos rezar para que o próximo Queens se manifeste e tente salvar as pessoas...

Ao ouvir isso, Queens se retrai de leve.

— Eu quero salvar as pessoas! Acha que não? Mas nem sabemos se isso vai funcionar... — Então ela perde a linha de raciocínio, fazendo uma expressão de desagrado; seus ombros caem. Ela foi vencida. — Mas... ah, merda.

Bronca conseguiu fazer com que seu quadril parasse de doer, o que é uma vitória.

— Que foi?

Veneza tirou o suéter fino que estava usando — ontem à noite, séculos atrás, ela tinha reclamado que o ar-condicionado do Centro estava muito forte. Agora o suéter está sujo com Deus sabe o quê, então ela o deixa no chão debaixo do nariz do touro.

— Cheira isso, capitalismo. — Então ela também vai até o carro de Bronca.

— Só estava pensando que vocês fizeram as contas. — Queens olha para elas tristemente, sorrindo. — Acho que eu devia ter feito isso também, mas tudo isso foi... coisa demais. Mas tudo está nas probabilidades, não é? Fugir significa que temos zero chance de

salvar a cidade. Tentar fazer com que Staten Island caia na real, alguma chance, mas tão pequena que é quase insignificante. Tentar acordar o primário, mesmo só com nós quatro... é nossa melhor chance. — Ela balança a cabeça e finalmente se dirige até o carro de Bronca. — Mas odeio que não haja uma alternativa com 99% de chance.

— É uma merda, não é? — Bronca dá um tapinha nos ombros de Queens e todas entram no carro.

O celular de Brooklyn tem pouquíssima bateria, mas ela recebe uma notificação de que houve algum tipo de incidente na estação Ponte do Brooklyn/Prefeitura. Ela liga para um de seus assistentes mágicos e organiza alguns esquemas.

— Alguém do Museu do Trânsito vai nos encontrar lá — informa ela ao desligar, jogando o celular no assoalho do carro em seguida. — Vão nos deixar entrar na antiga estação.

— Tenho um carregador de celular aqui no carro — diz Bronca, entortando a boca na direção do celular quase sem bateria.

— Melhor assim — diz Brooklyn, virando-se para olhar pela janela. — Eu acabaria ligando pra minha filha outra vez.

Bronca suspira e pensa *espero de coração que não botem um nome cafona no meu neto*.

É um pesadelo estacionar na área da City Hall. Elas levam meia hora para chegar até lá, embora não seja muito longe; talvez tivessem chegado mais rápido andando, mesmo se tivessem parado em cada esquina para ver o nascer do sol. A lentidão no trânsito provavelmente foi causada pelas bizarras estruturas brancas que se proliferam por todos os lados da cidade cada vez mais depressa. Elas passam por um pequeno parque entre duas sedes corporativas

de serviços financeiros onde há uma coisa retorcida lembrando uma árvore com rostos bocejantes desfigurados no lugar de troncos. Há uma coisa pequena no gramado sul do parque da prefeitura, como um sapo branco corcunda sem pernas ou olhos. Apenas uma boca e verrugas, enraizado no chão e estremecendo como se estivesse frio.

Pior do que as estruturas são as pessoas. Mais e mais dos guerreiros financeiros e políticos que Bronca vê têm gavinhas brotando de algum lugar de seus corpos. Alguns têm apenas uma ou duas enquanto outros estão cobertos por elas, como Pé-Grandes albinos passeando em sapatos chiques Manolo Blahniks.

— Tá piorando — diz Veneza, desnecessariamente.

— Pois é, percebi — responde Bronca.

Ela sente que Veneza se vira para olhá-la.

— Sabe que ela é como você, né? Uma cidade. Só que não desse mundo.

Bronca suspira, buscando brevemente por uma vaga de estacionamento antes de finalmente entrar em um espaço estreito que provavelmente vai fazer com que seu carro seja guinchado. Foda-se.

— Sim. Percebi isso também.

— E você sabe que ela quer *vir* pra cá? É isso que essas coisas brancas por todo canto da cidade são. Ela chamou de “torres de conexão”. — Veneza sorri de maneira sombria. — Ela está tentando *se conectar* a nós. Trazer a cidade dela pra cá. Bem em cima de Nova York.

— O quê? Como? — pergunta Brooklyn.

Bronca desliga o carro, tão distraída que se esquece de colocá-lo em ponto morto; o carro dá um tranco para a frente com um rangido de protesto.

— Não sei. Mas vocês notaram a sombra?

Bronca olha para ela. Brooklyn franze o cenho — então sai do carro de repente, olhando para o céu. Bronca a imita, com Queens em seu encalço.

Não há nada a ser visto, pensa ela inicialmente, além de um azul limpo; é uma típica manhã de junho, com o sol prestes a rasgar o horizonte agora que já amanheceu. Mas... Bronca franze o cenho e, olhando em volta, finalmente percebe que o chão está cheio de sombras. As árvores e as pessoas projetam sombras, mas essas são ralas e quase se misturam à penumbra normal. É uma manhã ensolarada, ou deveria ser. Não há uma nuvem sequer no céu. A luz do sol deveria estar saturando essa área, aumentando o contraste de todas as sombras. Mas isso não está acontecendo.

E Bronca de repente desconfia que, se pudesse subir em um lugar muito alto, veria a cidade inteira sob sombras. Como se houvesse algo flutuando sobre ela — algo vasto e terrível, mas até agora visível apenas através de seus impactos no mundo. Mas em breve...

Veneza saiu do carro. Ela faz questão de não olhar para cima, percebe Bronca. Com medo de ver mais alguma coisa que não deveria.

— É, pois é — diz ela, a voz apreensiva. — Vocês precisam fazer tudo o que puderem. Hum, rápido.

Sim. Bronca está começando a ter essa impressão.

Elas encontram a entrada para a antiga estação, discreta e pintada de verde, contraditoriamente sinalizada como METRÔ DA RUA BROADWAY, APENAS SAÍDA, e trancada por uma porta de aço. Há um jovem aparentemente estressado esperando por elas ali. Aos olhos de Bronca ele mal entrou na puberdade, o que faz com que deduza que é um estagiário.

— Ah, vereadora Thomason — diz ele quando elas se aproximam, sorrindo e dando um passo à frente para cumprimentá-la com um aperto de mão. — Obrigado, recebemos sua mensagem. Vai precisar de um guia para o tour? Sinto dizer que nenhum de nossos guias de costume está disponível, mas posso...

— Não é necessário, diretor — responde Brooklyn tranquilamente. — Obrigada. Já estive no tour antes, tenho tudo sob controle. Mas não trouxemos uma lanterna.

— Ah, leve a minha.

Ele — o diretor, para espanto de Bronca; tem crianças por todos os cantos hoje em dia — entrega uma lanterna para Brooklyn. É uma daquelas que precisam ser manualmente carregadas em vez de precisarem de pilhas, mas está com a bateria cheia.

— Quanto tempo vão levar? — pergunta ele.

— Não muito. Vou me certificar de devolver as chaves até amanhã de manhã. — Brooklyn estende a mão.

O diretor fica sem reação.

— Você... eu não imaginei... — Agora ele olha para as demais. Perguntando-se, Bronca deduz, por que uma vereadora apareceria com várias pessoas maltrapilhas, sujas e cansadas a fim de explorar uma estação desativada. — Hum.

— Vou garantir que meu amigo no conselho do Museu do Brooklyn saiba quanto você é prestativo e profissional — diz Brooklyn, com um sorriso perfeitamente cara de pau.

Bronca quase a admira por isso. E o diretor, que aparentemente quer um emprego melhor, fica desarmado diante disso. Ele suspira e entrega as chaves. Eles passam alguns minutos em uma conversa trivial, algo exasperante de se presenciar enquanto a cidade fica gradualmente mais escura. Bronca já não consegue distinguir suas sombras da penumbra geral. Mas, finalmente, o burocrata júnior vai embora e Brooklyn começa a travar uma batalha com a fechadura. Elas conseguem entrar depois de um momento. Descem alguns degraus e viram em uma curva — e então todas param, em choque.

Espalhado pela plataforma curvada, sob um arco revestido por maravilhosos tijolos Guastavinos, jaz o corpo destroçado e retorcido de um monstro biomecânico. Grande parte dele está pendurada na plataforma do metrô — e, encarando a coisa, Bronca percebe tardiamente que a parte de trás é um trem de metrô inalterado cujo último vagão ainda se encontra nos trilhos. Todos os vagões adiante, no entanto, saíram dos trilhos. Os primeiros vagões até mesmo subiram na plataforma e se transformaram em algo mais parecido com anelídeos do que com um veículo inanimado. A coisa tem perninhas atarracadas feitas de peças de motor retorcidas. Também está coberta de fios brancos e luminosos que cresceram de maneira espessa a ponto de parecer uma densa pelagem... mas todos os fios estão mortos, percebe Bronca com certo alívio, se desintegrando diante de seus olhos. Mesmo assim, ela mantém uma boa distância deles enquanto seguem caminho contornando o que resta do trem.

Na verdade, Bronca nota que a coisa não apenas morreu, mas *foi morta*. Melhor ainda, despedaçada. Parte do primeiro vagão está jogada e amassada do outro lado da plataforma, arremessada contra a parede por alguma força incompreensivelmente poderosa. O resto está entalado até a metade em um túnel lateral da estação. Mas, logo depois da parte emperrada, Bronca ouve alguém ofegando.

— Olá? — ela chama.

Alguém xinga em português e, subitamente, Paulo aparece pela estreita abertura do carro de condutor despedaçado.

— Graças a Deus — diz ele, seus olhos arregalados em uma expressão de alívio. — Staten Island está com vocês?

Elas começam a escalar os entulhos. Bronca fica constrangida em precisar de uma mão de Queens, mas acaba conseguindo.

— Não — responde Brooklyn. — Ela não gostou muito mais da gente do que gostou de você. A Mulher de Branco já tinha...

Ela perde a linha de raciocínio. Bronca passa pelo pedaço destroçado do monstro do metrô e segue o olhar dela, encontrando Manny curvado contra a parede. É ele quem está ofegando, além de estar visivelmente exausto e ensanguentado. Também está completamente nu, embora a jaqueta de Paulo esteja cobrindo a área de seus quadris.

— Quê!? — diz Bronca, aturdida.

— Monstro do trem — responde Manny.

— Hum, tá, o que eu quero dizer é...

— *Staten Island* — interrompe Paulo, exasperado. Ele balança a cabeça parecendo incrédulo. — Está me dizendo que ela está do lado do Inimigo? Completamente? Ela compreende que...

— Ela compreende. — Queens foi até Manny para ajudá-lo a se levantar.

De pé, ele aparenta estar como Bronca se sente, curvado para a frente, se mexendo cautelosamente a fim de evitar a dor de qualquer possível movimento. Manny pressiona a jaqueta contra suas partes íntimas, então Bronca deduz que Paulo não vai querê-la de volta.

— E depois ela nos expulsou da ilha. Nós, hã... Nós não sabemos onde Hong está, aliás.

Paulo encara todas elas, emudecido de espanto. Manny suspira, então se vira e caminha tropegamente em direção a algo em uma alcova adiante.

— Temos que fazer o que dá pra ser feito, então.

— E se não for o suficiente? — A pergunta vem de Brooklyn.

— Vai ter que ser suficiente.

Manny está tão nitidamente dolorido que Bronca vai até ele para tentar ajudar. No entanto, suas costas gritam no instante em que se abaixa e ela precisa abandonar a tarefa. Veneza balança a cabeça e corre até os dois, fazendo cara feia para Bronca até que ela se afaste. A garota desliza um ombro sob o braço de Manny.

— Ao menos vamos conseguir proteger nossos distritos? — Brooklyn sorri de uma maneira dolorosa que deixa claro que ela sabe quão cruel é essa pergunta. Mas Bronca não pode culpá-la.

— Como vou saber? — Mas em seguida, para não soar completamente insensível, ela completa, soando mais gentil: — Eles deram no pé? Seu pai e sua filha?

— Espero que sim.

Então Brooklyn dá as costas a ela para seguir em direção à alcova, movendo-se mais energicamente do que o necessário.

Bronca vai mancando até a alcova também e encontra o primário exatamente como o retrato o reproduziu: magro demais, jovem demais e vulnerável demais ali, sob as luzes da cidade que escurecem gradualmente.

— Não parece ter tamanho suficiente pra comer mais do que alguns bocados de cada um de nós — brinca Bronca. Mas ninguém ri.

Paulo se aproxima e segura o braço de Veneza, puxando-a consigo para uma certa distância, para o alívio de Bronca.

Então são só eles e o primário. Quatro estrelas de cinco; bom, mas não excelente. Bronca respira fundo, esperando, tentando não sentir medo. Mas ela se pega observando Manny, que parece compreender essa parte melhor do que os outros.

Manny, no entanto, parece só confuso enquanto olha para o primário.

— Nada mudou — diz ele, esticando a mão em direção ao lado raspado da cabeça do primário, mas parando a poucos centímetros de distância, como se estivesse com medo de concluir o gesto. A frustração em seu rosto cresce, e assim Bronca passa a enxergar a cena de uma maneira diferente. A mão dele *foi impedida*. Por algo que ela não consegue ver.

— O que... — Há apenas uma forma de saber. Bronca se prepara. *Permita que eu morra como Tundeewi Loosoxkweew*, pensa ela. *Como a Mulher do Fogo que Queima, como o Clã Tartaruga. Como a guerreira que Chris sempre viu em mim*. Então ela também estica a mão para tocar a cabeça do garoto.

Algo para sua mão. Não parece ser nada, a princípio, apenas uma lentidão progressiva, até que sua mão fica imóvel e não consegue avançar. Queens tenta, esticando uma mão trêmula. A dela também para. Eles todos olham para Brooklyn, que tem uma expressão desolada. Ela sabe que não faz sentido. Mas, porque os outros precisam que ela faça isso, ela estica a mão. Sua mão para na mesma barreira invisível.

Acima deles, pela claraboia, a luz do dia escurece um pouco mais. É como um eclipse, Bronca se recorda, pensando no macabro crepúsculo que viu algumas vezes na vida. *R'lyeh se aproxima*, pensa ela, recuando diante do vergão doloroso em seus pensamentos.

— Está vindo — informa Paulo, sem necessidade. Ele olha para cima. Todos eles olham para cima. Ele tem uma expressão de pesar.

— Então ela vai mesmo fazer isso — diz Queens, sua voz agora carregada de desespero. — Ela vai colocar uma cidade *daquele lugar* aqui. Em cima desta. O que isso sequer significa?

— Que muita gente vai morrer — diz Brooklyn. — Você ouviu ela. Trazer aquela cidade para cá vai de alguma maneira fazer com que esse *universo inteiro* colapse.

— Como isso pode ser possível? Não consigo entender nada — choraminga Queens, passando uma mão pelo cabelo.

— Você devia ter ido também — diz Bronca a Paulo. Não adianta nada, mas ela nunca conseguiu se segurar quando se trata de dizer *eu avisei*. Essa provavelmente é a maior razão pela qual ela está solteira.

Paulo respira fundo.

— Há uma chance não insubstancial de que qualquer coisa que aconteça aqui apenas me mande de volta para minha cidade. Até que o universo acabe, de qualquer forma.

— Acha então que Hong...?

— Hum. B1?

Todos eles se viram, assustados. Veneza soa atordoada. Quando ela ergue os olhos, está ofegante e seu rosto está coberto de suor. Mas ela não parece doente ou fraca, o que Bronca fica aliviada em constatar. Ela não quer pensar no que significaria se aquela criatura horrível tivesse picado ou mordido ou envenenado Veneza de alguma forma sobrenatural. Talvez seja tolice se preocupar com a vida de uma pessoa quando a cidade inteira está prestes a ser cosmicamente esfregada no asfalto, mas é assim que o coração humano funciona.

Então ela vai até Veneza.

— Sim, querida. O que...

Então ela para. Veneza subitamente recua um passo. Bronca também. Elas olham fixamente uma para a outra de olhos arregalados.

Ela é uma coisinha suja e cansada — pensando nas sombras da grandeza, mas muito orgulhosa do que tem. E o que ela tem é potencial, potencial aos montes, e ela estira pequenos píeres, ela estufa um peito magro de indústrias há muito desaparecidas e agita sua coroa de arranha-céus novinhos e espalhafatosos como quem diz Cai pra dentro, não tô nem aí pra quão grande você é, eu sou tão foda quanto você—

— Não pode ser — diz Bronca, espantada.

— Hum — diz Veneza. Ela estremece levemente, mas também sorri. — Cara, que porra é essa?

— O quê? — Manny olha de Veneza para os outros e depois para Veneza novamente. Queens está nitidamente tão confusa quanto ele.

— Não importa — murmura Brooklyn. Sua cabeça está inclinada; ela já está de luto por sua família.

Paulo, no entanto, encara Veneza, seus olhos arregalados em um processo de compreensão. Uma expressão estranha toma conta de seu rosto. Ele contorna depressa a pilha de jornais e puxa Veneza pelo braço com tanta força que ela grita. Bronca reage imediatamente, segurando-o pelo braço também.

— Ei, que porra você tá...

— Cidades vivas não são definidas por questões políticas — diz ele quase em um grito, tamanha a urgência em sua voz. — Não são definidas por fronteiras urbanas ou limites de município. *Elas são feitas das crenças das pessoas que vivem nela e ao redor.* E só tem um motivo pra ela ter sido instanciada aqui, agora... — Ele desiste de usar palavras e puxa Veneza novamente em direção à pilha de jornais. Bronca entende dessa vez. Sua mão ficou dormente. Ela solta Paulo e então se apressa para acompanhá-lo.

O pequeno salão começa a escurecer. Em parte porque a lanterna do diretor do museu está começando a ficar sem bateria, mas também pelo fato de que a luz do sol desapareceu completamente. Quando Bronca olha para cima, consegue ver o céu azul, mas é um azul-escuro, como se as estrelas estivessem prestes a aparecer. E quando ela cerra os olhos vê que algo está se

solidificando, uma base sobrenatural se formando no ar bem acima de Nova York—

Veneza resiste a Paulo, olhando assustada para Bronca.

— B1! B1, eu tô ficando assustada, o que...

Bronca bate em Paulo até que ele a solte, então puxa Veneza para o círculo em volta do avatar primário.

— Todo mundo que já conheci de Jersey City diz ser de Nova York — diz ela, falando com uma urgência comedida. — Não para nova-iorquinos, porque nós somos uns babacas com isso, mas para as outras pessoas. E o mundo inteiro *aceita* isso. Certo? Porque, para a maioria das pessoas sensatas, uma cidade que está à distância de um cuspe de Manhattan, mais perto até do que Staten Island, *só pode ser Nova York*. Certo?

Há um som crescendo ao redor deles, acima deles, por toda a cidade. Um estrondo viria da terra; essa é uma sirene grave e uivante, como um coro de dez mil pessoas gritando ao mesmo tempo. Ou... não. Como o vento uivando ao ser deslocado tão rápido que o ar fica quente. Bronca não ouve nada parecido desde as rajadas de destruição do Furacão Sandy, e isso é muito pior. R'lyeh está vindo.

Mas agora os outros entendem. Incluindo Veneza, que encara todos eles. Seus olhos estão marejados. Ela sorri, exultante — porque, Bronca só então percebe, isso é o que ela desejava. Ela esteve com eles desde o começo, afinal de contas, observando-os e tentando ajudar. Compreendendo o suficiente para invejá-los, talvez. E a cidade de Nova York, que engole todos os novatos que são tolos o suficiente para quererem ficar, reagiu de acordo.

É impossível não sorrir também, mesmo ali no fim do mundo. Alegria é alegria. Bronca segura uma das mãos dela, demonstrando seu amor; elas são uma família agora. Manny segura sua outra mão com uma expressão determinada.

— O que você é, B2? — pergunta Bronca a Veneza, sorrindo.

Veneza gargalha, inclinando a cabeça para trás como se estivesse bêbada.

— Eu sou *Jersey City*, porra!

A expressão de Manny finalmente se atenua. Ele respira fundo, aliviado, enquanto mecanismos peculiares de sua psique se movimentam e colocam em foco o caminho a ser seguido. Todos eles conseguem sentir.

— E quem *nós* somos? — pergunta ele aos outros, assim que a pequena câmara cai na escuridão.

Isto é, toda a câmara exceto pela luz que cerca o avatar primário em sua cama de tabloides e manchetes soterradas. Ele está *brilhando*, eles finalmente percebem. A luz não vinha de lugar nenhum.

E, sob os olhares de todos, ele respira fundo, se espreguiça e, virando-se de barriga para cima, abre os olhos.

— Nós somos Nova York — diz ele. E sorri. — Pode crer.

Eles são Nova York.

Eles são o estrondo gigantesco de som de cada subwoofer e cada roda de tambor de aço que um dia incomodou vizinhos idosos e acordou bebês enquanto, secretamente, servia de desculpa para que todas as outras pessoas sorrissem e dançassem. Esse é o som, a onda violenta de pura força de percussão fluindo porta afora de

milhares de casas noturnas e poços de orquestra, que explode de baixo para cima e de dentro para fora na cidade. Se isso estivesse acontecendo no mundo das pessoas, deixaria um rastro de tímpanos estourados para trás. Mas acontece no mundo onde as cidades habitam — e onde a rude R'lyeh teve a ousadia de tentar usurpar o lugar de Nova York. *Ah, mas nem fodendo*, eles rosnam ao expulsar o intruso.

Eles são o fogo esverdeado de metano nos esgotos, correndo pelas ruas, irreal e ainda assim extradimensionalmente quente, correndo através das esquinas e dos meios-fios — e cauterizando cada átomo de universo alienígena que se instalou de maneira não autorizada no asfalto da cidade. Cada torre e estrutura branca congela e então se desintegra. Funcionários administrativos que passaram a manhã cobertos de tentáculos param repentinamente, confusos ao serem subitamente desinfetados. Não dói. No pior dos casos, eles sentem um formigamento na pele. Alguns usarão uma pomada para eczema e seguirão em frente com seus respectivos dias.

Mas *eles* se tornaram alcateias de corretores de valores cheios de membros e sem rosto que escalam pelas paredes das cidades e saltam por seus terraços, sorrindo com dentes selvagens, farejando com a voracidade que farejam informações privilegiadas. *Eles* são trombadinhas, homenzinhos-palito, espantalhos vestidos com falsificações de Burberry, espreitando nas sombras para emboscar sua presa. *Eles* avançam como pais histéricos e superprotetores da Associação de Pais e Mestres, brandindo testes padronizados em uma mão e garras afiadas na outra.

A Mulher de Branco é a presa, correndo pela cidade. Há dúzias dela, eles finalmente percebem; muitos corpos, infinitas formas, uma entidade, todas trabalhando em equipe, inteiramente dedicadas à guerra que ela foi criada para travar. Mas ela é uma cidade, no fim das contas — a alva R'lyeh, onde as ruas são sempre retas e todos os prédios se curvam, edificadas a partir da escuridão salgada e profunda entre os universos. E nenhuma cidade pode permanecer dentro dos limites de outra se não for bem-vinda.

Quando cada iteração da Mulher de Branco é capturada e dilacerada até se tornar a matéria primitiva indistinta e indistinguível da qual ela é feita, R'lyeh recua, amedrontada. Ela foi capturada agora, indefesa entre mundos, empenhada demais na invasão para voltar para a dimensão intermediária. As torres eram ao mesmo tempo adaptadores e trilhos para as partes de suas substâncias que já foram transferidas, e conforme a onda purificadora de energia nova-iorquina se espalha a partir de Manhattan em direção a Westchester e Coney Island e Long Island, nenhuma torre se mantém de pé. Sem ancoragem, R'lyeh se perderá no éter amorfo fora da existência, se não encontrar e reivindicar algum tipo de lugar onde possa se fixar. Qualquer coisa serve. Ela se debate, desesperada para sobreviver. Qualquer chance—

Pronto.

Mas é tão pequena. Não chega nem perto de ser suficiente para acomodar a totalidade de uma grande cidade... Mas talvez o distrito inteiro possa servir como um tipo singular de âncora por si só. R'lyeh não pode *vir*, mas com a ajuda de Staten Island ela consegue *se segurar*. Consegue se ancorar substancialmente nesse novo exúrbio dela mesma e estabelecer uma relação entre cidadãos e

recursos que a manterão viva, ao menos por ora. E, no processo, essa pequena e raivosa parte de Nova York que por tanto tempo protestou para se ver livre tem agora seu desejo concedido.

Mas e *eles*? As outras encarnações de Nova York, além do agora distrito honorário Jersey City? *Eles* estão muito bem.

Estamos todos muito bem, obrigado por perguntar. Somos Nova York. Bem-vindo à festa.

CODA

Eu vivo a cidade. A porra dessa cidade.

Nunca gostei de Coney Island. Tem gente demais no verão. Fria demais no resto do ano. Não tem nada pra fazer quando não se tem grana e não se sabe nadar. Ainda assim. Estou encostado na grade, sentindo a madeira vibrar sob meus pés com a energia cinética de milhares de adultos caminhando e crianças correndo e cachorros saltitando, e sinto algo intrínseco ao meu eu reverberando em harmonia com mais cinco almas. Minha alma está lá no meio, também. Agora somos um, uma aberração espiritual mais do que apropriada para Coney Island; era isso que todo aquele lance de “devorar” significava, sabe. Se não pode comê-los, junte-se a eles.

Estou me divertindo, apesar de tudo. Hoje é dia 9 de julho. Não dia 4 de julho. Este é um dia que tem significado para *nós*, já que Nova York declarou sua independência da Inglaterra no nono dia do mês de julho de 1776. Fazendo questão de chegar atrasados, como sempre. Decidimos que essa data marca quase três semanas desde que nos tornamos cidades, então é hora de comemorar. Ainda estamos vivos, uhuhuuuu, passa aí o baseado.

Paulo desliga o celular e caminha até perto da grade onde estou e nós dois ficamos um pouco ali, relaxando. Em nossa direção, lá embaixo na praia, a filha de Brooklyn, Jojo, joga Marco Polo na água com Queens e Jersey. Ela tá dando uma surra nelas porque é

rápida e esperta como a mãe. Queens está se divertindo muito se deixando ser pega e Jersey tem medo demais da água — não sabe nadar, acha que toda correnteza morna é o mijo de alguém e que todo emaranhado de algas é uma água-viva — para fazer muita coisa. Mais adiante, no aglomerado de cangas sobre a areia, a tia de Queens balbucia afetosamente para seu bebê enquanto o marido, um homem pequeno de bigode enorme, está agachado ao lado de um hibachi portátil fazendo algo que tem um cheiro incrível. Bronca está meio acordada, meio adormecida debaixo do sol, uma silhueta bronzeada estendida na canga. Ela está usando um biquíni. Sei lá onde a coroa achou um biquíni tão grande, mas está com o modo Pouco Me Fodendo ligado no máximo e eu tô curtindo a vibe dela. (Não faço ideia do porquê tanto de mim é aparentemente feminino, mas eu gosto. É muito eu. E eu sou elas.)

Manhattan está sentado nas cangas também. Ele estava nadando, mas já está quase seco, só observando os outros, divertindo-se indiretamente. Em parte ele continua sendo um grande novato, maravilhado em descobrir este lugar de areia e sol enfiado na ponta da melhor cidade do mundo, mas o resto dele já relaxou e aceitou. Ele é zen assim mesmo.

Vejo os músculos em suas costas se tensionando ligeiramente quando ele percebe meu olhar. A maioria das pessoas ignoraria, mas não esse cara. Ele se vira para me encarar e sou eu quem desvio o olhar, incapaz de sustentar a intensidade de seus olhos. Eu nunca pedi por um cavaleiro? Um capanga? Seja lá o que ele for. Mas de todos eles, sei que Manhattan é o que foi feito para... me servir. O que soa BDSM demais pro meu gosto. E não sei o que pensar sobre isso. Ele mataria por mim. Ele me amaria também, se

eu deixasse. Ainda não bati o martelo quanto a isso porque nunca quis um namorado da Ivy League de pele clara doido do caralho. Tipo, ele é agradável aos olhos? Mas quanto ao resto... Tenho motivos para não me meter com o resto há um tempo, a não ser fingindo.

Ele baixa um pouquinho o olhar. Todos eles me conhecem, nós conhecemos uns aos outros, mas ele é o mais sensível ao meu estado de espírito. Entende que me deixa nervoso. (Ele também entende que eu não gosto de admitir que fico nervoso.) Então está mantendo certa distância por ora. Ele vai esperar até que eu esteja mais confortável com o lance todo. Então, de alguma forma, a gente vai se entender.

Eu suspiro e esfrego meus olhos. Paulo respira fundo, parecendo se divertir.

— Podia ser pior.

Sim, podíamos todos estar sendo despedaçados por bolinhos de chocolates não euclidianos, pode crer. Ainda assim.

— Isso é uma maluquice do caralho, cara.

— É você. Gostando disso ou não. — Ele suspira, observando os outros, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. Está melhor agora que eliminei a parte de mim que não o queria; isso significa que ele não é mais indesejado em Nova York. Mas Paulo quer falar sobre coisas sérias. — As outras cidades da Cúpula estão muito surpresas. Todos acharam que ia ser como a tragédia de Londres, mas talvez tenha sido uma idiotice. Não consigo pensar em duas cidades mais diferentes.

— Pode crer, faz sentido. — Ele ainda fala muito. Eu me endireito e me espreguiço. (Manny olha de novo, um olhar faminto, antes de

voltar a se virar. Que cavalheiro.) — Seu boy chinês está bem?

— Ele não é meu boy. Mas sim. Quando ele se recuperou de ter ido parar subitamente na própria cidade, ele ligou para os outros e convocou uma reunião em Paris. Isso inclui Nova York, agora que você se tornou uma cidade completa. A Cúpula vai precisar falar com vocês para discutir... — Ele suspira e gesticula em direção à praia, ao céu, aos prédios atrás de nós. E então olha para além da água.

Essa não é a parte turística de Coney Island, então, embora seja um lindo dia de verão, não tem muita gente. Tecnicamente, estamos em Brighton Beach, só que a parte da praia ainda é chamada de Coney Island, o que faz tanto sentido quanto manter esse nome quando Coney não é uma ilha de verdade há centenas de anos. Enfim. Estamos nessa ponta de Coney Island por uma razão, sabe? Daqui, pode-se ver um bom pedaço de Staten Island. Não dá pra ver muito — é bem plana, olhando desse lado, com árvores e casas elevadas, com um guindaste industrial aqui e ali ou uma torre de celular interrompendo o padrão de altura da ilha. Tediosa. Pra cacete.

Toda ela, no entanto, está em um profundo poço de escuridão. Não há nuvens. Não há satélites, não há eclipses. Ninguém falou sobre isso nos noticiários, embora tenhamos visto algumas pessoas comentando a respeito nas redes sociais, mais como curiosidade do que qualquer outra coisa. Só nós podemos ver com clareza, nós e aqueles outros na cidade a quem foi dada a bênção/maldição dessa visão. Nada demais. Apenas uma gigantesca e perfeitamente circular — Brooklyn sobrevoou o porto de helicóptero e nos contou essa parte — sombra sobre Staten Island.

Sim. É assim mesmo. Ela nos traiu mais do que jamais imaginamos que pudesse.

Paulo se endireita, afastando-se da grade.

— Meu voo parte daqui a algumas horas. É melhor eu ir para o aeroporto.

Do nada. Eu sabia que aconteceria, é claro; ele veio aqui só para me ajudar no processo de mudança, a segunda mais jovem das cidades dando uma mão para o novato, e agora seu trabalho está feito. Mas mesmo assim. Eu mordo a parte da bochecha e tento não deixar transparecer quão magoado estou.

— Meu aluguel está pago até o fim do mês — ele continua. — Caso queira continuar lá. Só deixe as chaves e feche a porta quando for embora. Tente não fazer bagunça.

Eu suspiro.

— E depois disso. — De volta pra rua. Pelo menos estamos no verão.

— Depois disso — diz ele, olhando expressivamente para os outros que estão sentados na praia bem na nossa frente —, você terá cinco outros eus para cuidar de você em meu lugar.

É gentil. Já tive términos piores. Isso provavelmente nem deve contar como um término. Mesmo assim. Cruzo os braços sobre a grade e apoio meu queixo neles, tentando não ficar ressentido com meus outros eus. Eles cuidarão de mim, disse Paulo.

— Eles precisam de você — diz Paulo. Isso também soa gentil.

— Para viver.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Para serem extraordinários. Vejo você em Paris.

Então ele puxa um cigarro, acende e vai embora. Simples assim.

Eu olho para ele e *não* sinto saudades, depois olho para os outros e *não* quero estar com eles. Mas todos nós somos Nova York. Nova York é muito fodida às vezes, e ninguém sabe disso melhor do que Nova York.

Queens vem até mim primeiro, rindo e encharcada de água do mar, e me pega pelo braço, reclamando que eu devo ser *cool* demais para pisar na areia como todo mundo, até que eu finalmente cedo e deixo que ela me tire da calçada de madeira. Então Jersey City — ela prefere Veneza, então usamos esse nome, mas ela também é Jersey City — corre até nós e me entrega um sanduíche embrulhado em papel-alumínio.

— Estou cansada de ficar sentindo você faminto o tempo todo. Você precisa comer mais — diz ela enquanto me arrasta pela areia até as cangas.

(O sanduíche está gostoso. Kebab de frango. Segundo Paulo, eu não deveria mais sentir fome, mas Nova York está sempre com fome.)

Quando Jojo se joga no chão, espirrando água em todo mundo, Brooklyn me passa uma toalha de papel para que eu seque meu rosto, com um sorriso irônico. Então Bronca me diz pra sair da porra da frente porque estou tapando o sol e ela está tentando absorver luz e calor suficiente para aguentar o próximo inverno, ainda que ele seja daqui a, tipo, seis meses. Quando me sento, Manny chega para o lado para liberar espaço para mim — mas fica perto como um guarda-costas. Também ao alcance do toque, se eu quiser. Quando eu estiver pronto.

— Bem-vindo de volta — diz ele, tirando um Snapple do cooler e entregando para mim. Pink lemonade. Provavelmente é só uma

coincidência que esse seja meu sabor favorito.

— Não há no mundo lugar como esse — digo, e todos nós sorrimos com a magia dessa verdade.

AGRADECIMENTOS

Eu fiquei surpresa — talvez não devesse ter ficado — em ver que escrever uma história que se passa em um lugar real, mesmo sendo um lugar que eu conheço, exigiu mais pesquisa do que todos os livros de fantasia que já escrevi juntos. Principalmente porque mundos reais têm pessoas reais, então é importante não descrevê-las de modo desrespeitoso ou ofensivo. Mas, além disso, eu conheço bem essas pessoas, e elas me infernizariam se eu escrevesse, por exemplo, Shorakkopoch errado. Me deixem em paz, gente. Nova York é gigante pra cacete. Eu fiz o melhor que pude.

Infelizmente, por vários motivos, incluindo eventos reais, não pude visitar Hong Kong ou São Paulo durante a escrita deste livro. Baseei a personalidade dos dois homens, e suas habilidades, nas poucas informações que consegui em livros e artigos e com amigos que visitaram as cidades. Mas, no fim das contas, tomei bastante licença criativa com os dois. Espero “me encontrar” com as duas cidades (e seus cidadãos!) um dia, mas não sei se vai acontecer antes de eu terminar esta trilogia. Dito isso, espero que os moradores das duas cidades perdoem minha admiração à distância em vez de uma visita, por enquanto.

Agora, aos créditos, que são muitos. Além da assistência habitual fornecida pela minha editora e agente (obrigada!), eu precisei de um pequeno exército de conselheiros e inspirações para este livro.

Primeiro, mas não principalmente, quero agradecer ao meu colega escritor John Scalzi pela frase “pedaços de bosta racistas, sexistas e homofóbicos”. Essa foi muito útil. Agradeço à gênio criativa Jean Grae pelas letras que Brooklyn canta durante suas literais batalhas de rap; eu as escrevi, ela as corrigiu. Um agradecimento especial ao meu leitor sensível para as características culturais e a linguagem lenapes (e pelo nome lenape da Bronca!), que prefere não ser nomeado aqui, e à nação tribal Nanticoke Lenni-Lenape, pelas excelentes indicações de websites (mas me perdoem por ter perdido a reunião). Agradeço a outro consultor indígena pelos conselhos e instruções gerais, que também prefere não ser nomeado, e que me ajudou a encontrar minha consultora lenapes. Muito obrigada a minhas colegas escritoras Mary Anne Mohanraj, pela leitura sensível da descendência tâmil de Padmini, e Mimi Mondal, pela leitura sensível sobre as características e nuances da casta dalit de Padmini, além da ex-estagiária da editora Orbit, Stuti Telidevera, pelas revisões e pelos conselhos gerais. Agradecimentos contínuos a Danielle Friedman, pelo contexto dos sobreviventes do Holocausto. Obrigada ao Crash Override Network, pelas dicas de como maximizar a segurança on-line, ainda mais em situações em que é necessário um lockdown; infelizmente tenho tido que usar essas técnicas para proteger minha própria vida há anos. Obrigada também aos leitores técnicos Kevin Whyte, por conferir minha matemática, e Ananda Ferrari Ossanai, pelas dicas sobre o Brasil e, meu Deus, pelo maravilhoso brigadeiro. Obrigada à minha editora na Orbit, Jenni Hill, pela ajuda com os trejeitos britânicos de Bel e por ajudar a deixar esta história mais compreensível para pessoas de fora de Nova York. Agradecimentos imensos à minha colega

escritora Genevieve Valentine, pelas edições, instruções e conselhos, e por dar uma conferida nos nova-iorquismos mais exagerados. Agradecimentos antigos à minha companheira de grupo de escrita K. Tempest Bradford, por me apresentar ao Inwood Hill Park e a Inwood como um todo. Agradecimentos mais recentes à diretora de arte da Orbit, Lauren Panepinto, por contestar algumas das minhas suposições e explicar os muitos mitos sobre Staten Island. Agradecimentos da vida inteira ao meu pai, Noah Jemisin, por me mostrar o mundo das artes de Nova York, e suas muitas políticas e maravilhas.

Um agradecimento pessoal também à própria Nova York. Eu me considero 50% nova-iorquina. Passei a maior parte da minha juventude no Alabama, mas todas as férias e feriados no Brooklyn, e claro que agora moro na cidade em tempo integral desde 2007. Muito da minha personalidade veio desses intervalos fragmentados passados em Nova York. Já caminhei sobre cacos de frascos de crack, participei de campeonatos de pular corda (e levei uma corda na cara em 75% das vezes, mas nos 25% de sucesso eu me senti uma deusa), andei na montanha-russa Cyclone até me expulsarem, tomei banho no jorro de um hidrante quebrado, suei durante as ondas de calor sem ar-condicionado, adotei um gato de rua, chutei um rato de rua que me atacou. Eu amo hip-hop e tenho medo de policiais por causa de Nova York. Aprendi a ser corajosa e aventureira com Nova York. Sou incrivelmente safa por causa de Nova York.

Já odiei esta cidade. Já amei esta cidade. Vou lutar por esta cidade até não fazer mais parte dela. Esta é minha homenagem à cidade. Espero ter acertado.



LAURA URAHANIFIN

N. K. JEMISIN é a primeira escritora a vencer o prêmio Hugo de Melhor Romance por três anos consecutivos. Sua obra também ganhou os prêmios Nebula, Locus e Goodreads. Ela escreve para o *New York Times Book Review* e já deu aulas no workshop de escrita da Clarion West. Em seu tempo livre, gosta de jogar video games e cuidar do jardim.

Copyright © 2020 by N. K. Jemisin

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The City We Became

Capa e mapa

Lauren Panepinto

Foto de capa

David Paire/ Arcangel

Preparação

Manu Veloso

Revisão

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-258-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/editorasuma



A guerra dos tronos

Martin, George R. R.

9788554513566

600 páginas

[Compre agora e leia](#)

***A guerra dos tronos* é o primeiro livro da série best-seller internacional *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que deu origem à adaptação de sucesso da HBO, *Game of Thrones*.**

O verão pode durar décadas. O inverno, toda uma vida. E a guerra dos tronos começou.

Como Guardiã do Norte, lorde Eddard Stark não fica feliz quando o rei Robert o proclama a nova Mão do Rei. Sua honra o obriga a aceitar o cargo e deixar seu posto em Winterfell para rumar para a corte, onde os homens fazem o que lhes convém, não o que devem... e onde um inimigo morto é algo a ser admirado.

Longe de casa e com a família dividida, Eddard se vê cada vez mais enredado nas intrigas mortais de Porto Real, sem saber que perigos ainda maiores espreitam a distância.

Nas florestas ao norte de Winterfell, forças sobrenaturais se espalham por trás da Muralha que protege a região. E, nas Cidades Livres, o jovem Rei Dragão exilado na Rebelião de Robert planeja sua vingança e deseja recuperar sua herança de família: o Trono de Ferro de Westeros.

"*A guerra dos tronos* é a maior obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel." — *SF Reviews*

[Compre agora e leia](#)

QUE COMECE O FIM DO MUNDO

O DOMÍNIO DAS SOMBRAS



KATY ROSE POOL

O domínio das sombras

Pool, Katy Rose

9786557823194

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Que comece o fim do mundo.

A trilogia que se iniciou com *A Era da Escuridão* toma um rumo ainda mais sombrio. Enquanto cinco jovens lutam para adiar o fim do mundo, forças poderosas se unem para derrubá-los.

Ephyra passou grande parte da vida com um único objetivo: manter sua irmã, Beru, a salvo. Para isso, ela enganou, roubou e matou, e no fim Beru partiu, preferindo a morte a uma vida amaldiçoada. Jude dedicou anos a encontrar o Último Profeta, sacrificando os desejos de seu coração em nome da honra e de seus juramentos à Ordem da Última Luz. Agora o Profeta foi encontrado... mas Anton é diferente de tudo que ele imaginou, uma luz e uma tentação. Hector perdeu tudo: sua família, seu reino, seu exército. Mas ainda não perdeu as esperanças. Enquanto Nazirah é arrasada por um grupo extremista que persegue Agraciados, ele se vê fazendo pactos cada vez mais sombrios na esperança de recuperar o trono. Forças obscuras surgem, um grande poder sagrado está prestes a se libertar, a Era da Escuridão espreita... e, quando a luz e a escuridão se chocam, tem início o fim do mundo.

"O domínio das sombras solidifica o status de Katy Rose Pool como uma das melhores escritoras de fantasia do século XXI." — Popsugar

"Um misto de aventuras, reviravoltas, amores e traições que se transforma em um estudo sobre o poder, a atuação e a identidade dos personagens." — *Kirkus Reviews*

[Compre agora e leia](#)

Carlos Ruiz Zafón

A SOMBRA DO VENTO

A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO

"Quem gosta de romances emocionantes, trágicos e surprecedentes deveria correr à livraria mais próxima e pegar *A sombra do vento*." *The Washington Post*

SUMA

A sombra do vento

Zafón, Carlos Ruiz

9788543809526

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

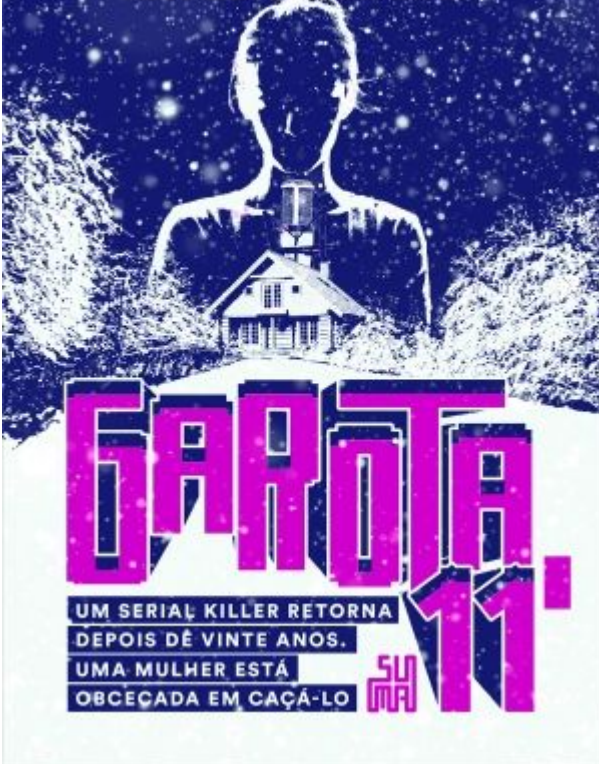
O primeiro livro da série O Cemitério dos Livros Esquecidos.

Barcelona, 1945. Daniel Sempere acorda na noite de seu aniversário de onze anos e percebe que já não se lembra do rosto da falecida mãe. Para consolá-lo, o pai leva o menino pela primeira vez ao Cemitério dos Livros Esquecidos.

É lá que Daniel descobre *A sombra do vento*, romance escrito por Julián Carax, que logo se torna seu autor favorito, sua obsessão. No entanto, quando começa a buscar outras obras do escritor, Daniel descobre que alguém anda destruindo sistematicamente todos os exemplares de todos os livros que Carax já publicou, e que o que tem nas mãos pode muito bem ser o último volume sobrevivente. Junto com seu amigo Fermín, Daniel percorre a cidade, adentrando as ruelas e os segredos mais obscuros de Barcelona. Anos se passam e sua investigação inocente se transforma em uma trama de mistério, magia, loucura e assassinato. E o destino de seu autor favorito de repente parece intimamente conectado ao dele.

[Compre agora e leia](#)

AMY SUITER CLARKE



UM SERIAL KILLER RETORNA
DEPOIS DE VINTE ANOS.
UMA MULHER ESTÁ
OBCECADA EM CAÇÁ-LO

SUA
MIA

Garota, 11

Clarke, Amy Suiter

9786557823200

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma apresentadora de podcast obcecada por um crime não resolvido. Um serial-killer que volta a matar garotas, vinte anos depois de ter desaparecido. A caçada começa agora.

Elle Castillo é a apresentadora de um podcast popular sobre crimes reais. Depois de quatro temporadas de sucesso, ela decide encarar um caso pelo qual sempre foi obcecada — o do Assassino da Contagem Regressiva, um serial-killer que aterrorizou a comunidade vinte anos atrás. Suas vítimas eram sempre meninas, cada qual um ano mais jovem que a anterior. Depois que ele levou sua última vítima, os assassinatos pararam abruptamente. Ninguém nunca soube o motivo.

Enquanto a mídia e a polícia concluíram há muito tempo que o assassino havia se suicidado, Elle nunca acreditou que ele estava morto. Ao seguir uma pista inesperada, no entanto, novas vítimas começam a aparecer. Agora, tudo indica que ele está de volta, e Elle está decidida a parar sua contagem regressiva.

"Além de impossível de largar, *Garota, 11* é uma análise inteligente dos dilemas éticos envolvidos na narração de histórias de crimes reais, especialmente em podcasts." — *The New York Times*

"A narrativa cheia de nuances de Clarke é viciante." — *Publishers Weekly*

[Compre agora e leia](#)

"Raphael Montes
cria uma seleção de histórias
macabras digna dos melhores
contos dos irmãos Grimm,
sem deixar nada a dever a
Stephen King."

FERNANDA TORRES

O VILAREJO

por RAPHAEL MONTES

SUMA
de livros

O Vilarejo

Montes, Raphael

9788581053059

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ilustrações coloridas dão vida a romance com elementos de horror gótico e suspense.

Do criador da série original Netflix "Bom dia, Verônica".

Em 1589, o padre e demonologista Peter Binsfeld fez a ligação de cada um dos pecados capitais a um demônio, supostamente responsável por invocar o mal nas pessoas. É a partir daí que Raphael Montes cria sete histórias situadas em um vilarejo isolado, apresentando a lenta degradação dos moradores do lugar, e pouco a pouco o próprio vilarejo vai sendo dizimado, maculado pela neve e pela fome.

As histórias podem ser lidas em qualquer ordem, sem prejuízo de sua compreensão, mas se relacionam de maneira complexa, de modo que ao término da leitura as narrativas convergem para uma única e surpreendente conclusão.

[Compre agora e leia](#)